

MARIA DE FÁTIMA ROXO LEITE DE SOUSA DE NORONHA

**DINAMISMO TERMINOLÓGICO E MEDIAÇÃO:
UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA**



2024

MARIA DE FÁTIMA ROXO LEITE DE SOUSA DE NORONHA

**DINAMISMO TERMINOLÓGICO E MEDIAÇÃO:
UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA**

Doutoramento em Ciências da Linguagem

**Trabalho efetuado sob a orientação de:
Prof. Dr. Manuel Célio Conceição**



2024

Dinamismo terminológico e mediação: uma abordagem ecolinguística

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

©2024, Maria de Fátima Roxo Leite de Sousa de Noronha/Universidade do Algarve

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade como disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Manuel Célio Conceição que, de forma incondicional, me deu todo o incentivo, apoio e confiança, além de todas as minuciosas revisões feitas no decorrer deste percurso. Foi essencial a motivação que me transmitiu para seguir em frente.

Quero agradecer aos meus pais, mesmo já não estando entre nós, e a toda a minha família, amigos, colegas e professores. Eles fazem parte do meu ecossistema e do meu percurso de vida e sem eles nada seria possível. Não posso deixar de referir a minha querida amiga Marta Guerreiro, que me proporcionou, nos momentos passados em Salir, muita da inspiração para este trabalho. Um agradecimento também à minha amiga e colega, a Mestre Sílvia Machinho, pelo trabalho que iniciou e que deu o mote de partida.

E, sem a mínima hesitação, o maior agradecimento vai para a pessoa mais importante da minha vida, o meu marido, companheiro, amigo e alma gémea, José Fernando Vieira, de quem recebi todo o apoio incondicional e insistência para não desistir e concluir esta prova de fogo. Sem ele, e sem os sacrifícios que fez, nada seria possível.

Por último, quero dedicar esta tese ao nosso futuro comum: aos meus cinco maravilhosos sobrinhos, Cláudia, Diogo, Mariana, Afonso e Henrique, bem como aos dois sobrinhos adotivos, a Sara e o Vasco. Possam todos continuar a viver num dia inteiro e limpo.

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Resumo

Esta tese insere-se no âmbito das ciências da linguagem e da terminologia, entendida como atividade de mediação comunicativa, dando ênfase à análise linguística dos termos, na perspectiva da variação terminológica. Procura-se demonstrar que a variação terminológica existente entre diferentes comunidades discursivas afeta de diferentes formas a terminologia e o dinamismo terminológico de um dado domínio, com implicações na mediação comunicativa.

Recorrendo aos domínios da Dieta Mediterrânica e da Aquacultura, apresenta-se uma perspectiva sobre o discurso especializado e sobre o conceito de especialista baseado no referencial teórico da ecolinguística, na tentativa de abranger domínios onde as comunidades tradicionais desempenham, potencialmente, o papel de especialistas. A abordagem ecolinguística é aplicada principalmente na identificação das comunidades discursivas relevantes no domínio e nas suas relações discursivas. Em termos de metodologia de análise, recorre-se aos princípios da terminologia textual. Dá-se destaque à organização dos corpora especializados tendo em vista uma melhor compreensão das origens da variação terminológica, em particular, diastrática e diacrónica.

A análise de dados terminológica, efetuada sob dois corpora organizados com base nos contextos comunicativos identificados, mostra que os dois domínios estudados apresentam características distintas em relação aos fenómenos de dinamismo e variação terminológica. A análise da variação diacrónica mostra que as causas podem radicar em fatores de ordem diastrática. A influência dos fatores de ordem diastrática na terminologia do domínio pode manifestar-se sob a forma de variação denominativa, mas apresentar outras formas de expressão que devem ser estudadas e aprofundadas.

Conclui-se que o estudo da variação em terminologia deverá ter em consideração estes aspetos, principalmente fixação de terminologias geradas fora das esferas científicas e técnicas. Neste enquadramento, propõe-se assim um novo conceito de especialista. Espera-se, com este trabalho, contribuir para uma abordagem ecolinguística à terminologia e ao estudo da variação terminológica, assumindo uma intenção de preservação e salvaguarda do património cultural e linguístico, bem como de planeamento de políticas de língua mais justas e sustentáveis.

Palavras-chave: terminologia, variação terminológica, dinamismo, mediação comunicativa, ecolinguística, Dieta Mediterrânica, Aquacultura

Abstract

This thesis falls within the scope of sciences of language and terminology, understood as a communicative mediation activity, emphasizing the linguistic analysis of terms concerning terminological variation. It seeks to analyse how terminological variation between different discursive communities affects the terminology of a domain and its dynamics, with implications in communicative mediation activities.

Working with the domains of Mediterranean Diet and Aquaculture, it presents a perspective on specialized discourse and on the concept of specialist, based on the theoretical framework of ecolinguistics. This aims to encompass domains where traditional communities play the role of specialists as well. The ecolinguistic approach is primarily applied in identifying discursive communities within the domain, and their discursive relationships. In terms of methodology of analysis, the principles of textual terminology are applied. Emphasis is placed on the organization of specialized corpora aimed to a better understanding of the origins of terminological variation, particularly, diastatic and diachronic variation.

The terminological data analysis from two corpora, organized according to identified communicative contexts, shows that the two studied domains exhibit distinct characteristics in relation to the phenomena of dynamism and terminological variation. Diachronic variation analysis suggests that its causes may be rooted in diastatic factors. The influence of diastatic factors on the terminology of the domain is not only present as denominative variation, but they affect the terminology of the domains in other ways that should be further studied.

The thesis concludes that the study of terminological variation should consider these factors, especially on the fixation of terminologies generated outside the scientific and technical spheres. In this context, a definition for a new concept of specialist is proposed. Therefore, this thesis aims to contribute to an ecolinguistic approach to terminology and the study of terminological variation, assuming an intention of preserving and safeguarding cultural and linguistic heritage, as well as planning fairer and more sustainable language policies.

Keywords: terminology, terminological variation, terminology dynamics, communicative mediation, ecolinguistics, Mediterranean Diet, Aquaculture

Índice

Índice	i
Índice de figuras	v
Índice de tabelas	vii
Lista de abreviaturas e siglas de descrição linguística.....	xi
Anotações utilizadas no texto	xi
Lista de acrónimos e siglas institucionais	xi
1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	7
2.1. Língua, terminologia e mediação.....	7
2.1.1. Linguagem, línguas e comunicação.....	7
2.1.2. Mediação linguística e terminologia	14
2.2. Terminologia, dinamismo e variação	17
2.2.1. Dinamismo e terminologia	17
2.2.2. Variação terminológica.....	23
2.4.2.1. Variação diacrónica.....	30
2.4.2.2. Variação diastrática	34
2.3. Abordagens teóricas e metodológicas da variação	37
2.3.1. A Teoria Geral da Terminologia.....	39
2.3.2. Socioterminologia e terminologia cultural	41
2.3.3. Abordagens cognitivas e comunicativas	44
2.4. Discurso especializado e contextos comunicativos.....	51
2.4.1. Caracterização do discurso especializado	51
2.4.2. Tipologias do discurso especializado	57
2.4.3. Contextos comunicativos	70
2.4.4. Os intervenientes do discurso especializado	81
2.4.5. O conceito de <i>especialista</i> no quadro da terminologia	87
2.4.6. Redefinir o <i>especialista</i>	92
2.5. A abordagem ecolinguística	99
2.5.1. Princípios da ecolinguística	99
2.5.2. Abordagem ecolinguística da terminologia	104
2.5.3. Proposta metodológica ecolinguística	109
2.6. Síntese.....	114
3. Caracterização dos domínios	117
3.1. Fase de pré-terminografia e abordagem ecolinguística.....	117
3.2. Caracterização do domínio Dieta Mediterrânica.....	120
3.2.1. Definição e fundamentação histórica	120
3.2.2. Ambiente e sociedade	126
3.2.3. Representação da Dieta Mediterrânica em terminologia	130

3.3.	Caracterização do domínio Aquacultura	134
3.3.1.	Definição e fundamentação histórica	134
3.3.2.	Ambiente e sociedade	137
3.3.3.	Representação da Aquacultura em Terminologia.....	141
3.4.	Síntese.....	146
4.	Metodologia, análise de dados e resultados	149
4.1.	Recolha e processamento de dados.....	149
4.1.1.	Identificação dos contextos comunicativos	150
4.1.2.	Constituição e processamento dos <i>corpora</i>	153
4.1.3.	Análise dos dados	157
4.2.	Dados gerais dos <i>corpora</i>	159
4.2.1.	Critério diacrónico	159
4.2.2.	Critério diastrático	161
4.3.	Extração e seleção de candidatos a termo	162
4.3.1.	Extração automática e pré-seleção	162
4.3.2.	Primeira triagem – filtragem e seleção de formas.....	167
4.3.3.	Segunda triagem - pesquisa semiautomática	174
4.3.3.1.	Concordâncias e CQL.....	177
4.3.3.2.	Coocorrências.....	178
4.4.	Seleção final de candidatos e de variantes.....	183
4.4.1.	Análise linguística	183
4.4.2.	Análise léxico-semântica	187
4.5.	Resultados totais para os domínios	194
4.6.	Resultados da análise diacrónica	201
4.6.1.	Dieta Mediterrânica	202
4.6.2.	Aquacultura	210
4.7.	Resultados da análise diastrática.....	215
4.7.1.	Dieta Mediterrânica.....	215
4.7.2.	Aquacultura	221
4.8.	Variação denominativa – Análise diacrónica	226
4.8.1.	Dieta Mediterrânica.....	227
4.8.2.	Aquacultura	233
4.9.	Variação denominativa – Análise diastrática	237
4.9.1.	Dieta Mediterrânica.....	238
4.9.2.	Aquacultura	243
4.10.	Síntese	248
5.	Discussão de resultados.....	251
5.1.	Terminologia dos domínios estudados.....	252
5.2.	Variação diacrónica	255
5.2.1.	Variação diacrónica e dinamismo dos domínios	256
5.2.2.	Articulação da diacronia com a análise diastrática	262

5.3.	Variação diastrática	266
5.3.1.	Variação diastrática denominativa	267
5.3.2.	Ativação diastrática de traços conceptuais	272
5.3.3.	Variação diastrática de contexto	276
5.3.4.	Transferência de termos entre contextos comunicativos.....	279
5.4.	A abordagem ecolinguística à terminologia.....	281
5.5.	Redefinir o conceito de especialista.....	286
5.6.	Síntese.....	288
6.	Conclusão	291
7.	Referências bibliográficas citadas.....	301
8.	Referências bibliográficas dos <i>corpora</i>	313
8.1.	Corpus DM-2023-PT	313
8.2.	Corpus Aqua-2023-PT	318
9.	Anexos	321
9.1.	Anexo 1 – Tabelas de Dados: Formas Denominativas Seleccionadas ..	321
9.2.	Anexo 2 – Tabelas de variantes denominativas	366

Índice de figuras

Figura 1 - Caracterização vertical dos textos especializados segundo Hoffman (Cabré, 2002:13).....	58
Figura 2 - Tipologia para o texto especializado de Rodríguez-Tapiá (2016) - estrutura textual	65
Figura 3 - Tipologia para o texto especializado de Rodríguez-Tapiá (2016) - condições discursivas.....	66
Figura 4 - Processo terminográfico (Remígio Oliveira, 2010:111)	73
Figura 5 - Contextos comunicativos identificados na subárea dos alimentos funcionais; setas vermelhas - representam contextos em que a comunicação é feita entre dois produtores textuais, ou seja, é bidirecional. (Remígio Oliveira, 2010:237).....	74
Figura 6 -- Identificação de contextos comunicativos - tipologias - Produtores textuais (elipses, linha cheia, multiniveladas); mediadores (caixas quadradas, linhas tracejadas); utilizadores/consumidores passivos (caixas quadradas, linha cheia).....	78
Figura 7 - Modelo geral de identificação dos produtores textuais e contextos comunicativos - especialistas formais e não formais; domínio não especificado.....	80
Figura 8 - Pirâmide da Dieta Mediterrânica. Fundación Dieta Mediterránea..	123
Figura 9 - Mapeamento do conceito de Dieta Mediterrânica, com base na literatura e perceções de especialistas do Algarve/Portugal em Dieta Mediterrânica (Real & Graça, 2020:6).....	125
Figura 10- Paisagem cultural da Dieta Mediterrânica (Delgado et al., 2022:17)	128
Figura 11 - Valor das capturas a nível mundial das pescas e aquacultura (referência: FAO, 2022)	136
Figura 12 -Potenciais impactos da aquacultura no ambiente - (Ottinger et al, 2016).....	139
Figura 13 - - Desenvolvimento e implementação de projetos de aquacultura comunitária (Rocha e Dinis, 2019).....	140
Figura 14 - Janela da ferramenta manual de anotação de estruturas do Sketch Engine.....	156
Figura 15 - Fluxo de extração e seleção de formas candidatas a termo	165
Figura 16 - Expansão lexical do adjetivo <i>aquícola</i> e exemplo de concordância obtida	174
Figura 17 - Sketch Engine - <i>Dashboard</i> do <i>corpus</i> DM-2023-PT mostrando as principais funções e os <i>corpora</i> utilizados (corpora de trabalho e referência).....	176
Figura 18 - Sketch Engine - concordância para <i>molusco bivalve</i> (Corpus Aqua_2023_PT)	177
Figura 19 -Sketch Engine - Distribuição das frequências de <i>molusco bivalve</i> por contextos comunicativos e períodos (<i>Corpus</i> Aqua_2023_PT).....	178
Figura 20 - Sketch Engine - Extração de formas derivadas a partir do adjetivo <i>multitrófico</i> (<i>corpus</i> Aqua-2023-PT).....	180

Figura 21 - Sketch Engine - Coocorrência de convivialidade com sintagmas preposicionais (corpus DM-2023-PT)	185
Figura 22 - Corpus DM-2023-PT - Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência <i>azeite</i> +verbo no contexto comunicativo ACAD.....	189
Figura 23 - Corpus DM_2023_PT - Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência <i>azeite</i> +verbo no contexto comunicativo TRAD	190
Figura 24 - Excerto das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT <i>azeite</i> no contexto comunicativo ACAD	191
Figura 25 - Excerto das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT <i>azeite</i> no contexto comunicativo TRAD	192
Figura 26 - Aqua-2023-PT - Excerto comparativo das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT <i>água</i> nos contextos comunicativos LEG (esquerda) e PRO (direita).....	193
Figura 27 - Corpus Aqua-2023-PT - Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência <i>água</i> +verbo no contexto comunicativo LEG	193
Figura 28 - Corpus Aqua-2023-PT - Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência <i>água</i> +verbo no contexto comunicativo PRO.....	194
Figura 29 - Formas denominativas selecionadas para o <i>corpus</i> DM-2023-PT	195
Figura 30 - Formas denominativas selecionadas para o <i>corpus</i> Aqua-2023-PT	195
Figura 31- <i>Corpus</i> DM-2023-PT: critério diacrónico - conjunto terminológico das formas mais frequentes nos quatro <i>subcorpora</i>	206
Figura 32 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (<i>azeite</i>) distribuídos pelos contextos comunicativos..	209
Figura 33 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (<i>pão</i>) distribuídos pelos contextos comunicativos	209
Figura 34 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (<i>vinho</i>) distribuídos pelos contextos comunicativos...	210
Figura 35 - Aqua-2023-PT: critério diacrónico - conjunto terminológico das formas mais frequentes nos três <i>subcorpora</i>	213
Figura 36 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: distribuição das formas denominativas mais frequentes nos três contextos comunicativos	218
Figura 37 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: distribuição das formas denominativas mais frequentes nos três contextos comunicativos.....	224
Figura 38 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: análise diacrónica de variantes para <i>DIETA MEDITERRÂNICA</i>	228
Figura 39 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: análise diacrónica das variantes para <i>PADRÃO ALIMENTAR</i>	230
Figura 40 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: análise diacrónica das variantes para <i>PATRIMÓNIO CULTURAL</i>	231
Figura 41 - Ocorrências das formas compostas mais frequentes no subcorpus LEG, em relação aos dois subcorpora ACAD e PRO	278
Figura 42 - Contextos comunicativos da Dieta Mediterrânica: especialistas/produtores textuais.....	284
Figura 43 - Contextos comunicativos da aquacultura: especialistas/produtores textuais.....	285

Índice de tabelas

Tabela 1 - Causas da variação terminológica (Freixa, 2013)	27
Tabela 2 - Contextos comunicativos e produtores textuais e identificados por Remígio de Oliveira (2010:253)	74
Tabela 3 - Definições de <i>especialista</i> e <i>perito</i> nos dicionários de língua portuguesa Infopédia e Priberam.....	82
Tabela 4 - Definições de <i>specialist</i> e <i>expert</i> em dicionários de língua geral de língua inglesa	82
Tabela 5 - Pesquisa de equivalentes entre português e inglês para <i>especialista</i> e <i>perito</i> (Sketch Engine; corpus paralelo OpenSubtitles 2018 – Portuguese); Freq. =frequência absoluta.....	84
Tabela 6 - Pesquisa de equivalentes entre português e inglês para <i>especialista</i> e <i>perito</i> (Sketch Engine; corpus paralelo EUR-Lex Judgments Portuguese 12/2016); Freq. =frequência absoluta.....	84
Tabela 7 - O processo terminográfico - Fase de pré-terminografia (Remígio Oliveira, 2010:111)	118
Tabela 8 - Variantes denominativas na base de dados IATE (ID do termo: 1129093): diferentes formas de nominativas para o mesmo conceito.	144
Tabela 9 - Comunidades discursivas identificadas a nível de produtores textuais	151
Tabela 10 - Ligações para os <i>corpora</i> DM-2023-PT e Aqua-2023-PT no Sktech Engine.....	155
Tabela 11 - Dados gerais dos <i>corpora</i> da Dieta Mediterrânica (DM-2023-PT) e Aquacultura (Aqua-2023-PT).....	156
Tabela 12 - Metadados dos <i>corpora</i> DM-2023-PT e Aqua-2023-PT	157
Tabela 13 - Dados gerais dos <i>corpora</i> DM e Aqua - critério diacrónico.....	160
Tabela 14 - Dados gerais dos <i>corpora</i> DM_2023_PT e Aqua_2023_PT: critério diastrático.....	161
Tabela 15 - Dieta Mediterrânica: dados totais do <i>corpus</i> DM-2023-PT após a extração automática com Keywords (Sketch Engine)	163
Tabela 16 - Aquacultura : dados totais do <i>corpus</i> Aqua-2023-PT após a extração automática com Keywords (Sketch Engine)	164
Tabela 17 - Dieta Mediterrânica: dados totais do <i>corpus</i> DM-2023-PT após a primeira triagem (frequência, score e critérios aplicados).....	170
Tabela 18 - Aquacultura: dados totais do <i>corpus</i> Aqua-2023-PT após a primeira triagem (frequência, score e critérios aplicados).....	170
Tabela 19 - Dieta Mediterrânica: excerto de resultados para a combinatória Período= 2015-09 e Contexto comunicativo= Acad; organização pela medida score	171
Tabela 20 - Dieta Mediterrânica: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Pro; ordenação pela medida <i>Score</i>	171
Tabela 21- Dieta Mediterrânica: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Trad; ordenação pela medida <i>Score</i>	172

Tabela 22 -Aquacultura: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Acad; ordenação pela medida <i>Score</i>	172
Tabela 23 - Aquacultura: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Pro; ordenação pela medida <i>Score</i>	172
Tabela 24 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (ACAD) e ordenados pela medida <i>Score</i>	181
Tabela 25 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (PRO) e ordenados pela medida <i>Score</i>	181
Tabela 26 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (TRAD) e ordenados pela medida <i>Score</i>	182
Tabela 27 - Recuperação das variantes de <i>dieta mediterrânica</i> através de CQL [lemma=""*.ieta""] [lemma=""*.editerrân.*""] para o <i>corpus</i> DM_2023_PT	182
Tabela 28 - Variantes para sistema de recirculação (<i>corpus</i> Aqua-2023-PT)..	186
Tabela 29 - DM-2023-PT - ocorrências de <i>azeite</i> nos três contextos comunicativos	188
Tabela 30 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Colocações obtidas pela medida LogDice (score), para as combinatórias <i>azeite+verbo</i> e <i>verbo+azeite</i> para os três contextos comunicativos	188
Tabela 31 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação por frequência.....	196
Tabela 32 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação por frequência.....	197
Tabela 33- <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela medida <i>Score</i>	198
Tabela 34 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela medida <i>Score</i>	198
Tabela 35 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela frequência relativa	199
Tabela 36 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela frequência relativa	200
Tabela 37 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2005-09.....	203
Tabela 38 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2010-14.....	203
Tabela 39 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2015-19.....	204
Tabela 40 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2020-23.....	204
Tabela 41 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para os quatro períodos	205

Tabela 42 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2010-14.....	211
Tabela 43 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2015-19.....	211
Tabela 44 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2020-23.....	212
Tabela 45 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para os três períodos.....	212
Tabela 46 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo ACAD.....	216
Tabela 47 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo PRO.....	216
Tabela 48 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo TRAD.....	217
Tabela 49 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para três contextos comunicativos.....	217
Tabela 50 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo ACAD.....	222
Tabela 51 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo LEG.....	222
Tabela 52 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo PRO.....	223
Tabela 53 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: formas mais frequentes para os três contextos comunicativos.....	223
Tabela 54 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: variantes denominativas de <i>PADRÃO ALIMENTAR</i> - análise diacrónica.....	229
Tabela 55 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT: variantes denominativas de <i>PATRIMÓNIO CULTURAL</i> - análise diacrónica.....	231
Tabela 56 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Análise diacrónica das variantes denominativas.....	232
Tabela 57 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Análise diacrónica de variantes denominativas (1).....	235
Tabela 58 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Análise diacrónica de variantes denominativas (2).....	236
Tabela 59 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (ii).....	239
Tabela 60 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (iv).....	241
Tabela 61 - <i>Corpus</i> Aqua-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (i).....	244
Tabela 62 - <i>Corpus</i> AQUA-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (iv).....	247
Tabela 63 - <i>Corpus</i> DM-2023-PT - Formas denominativas mais frequentes; variantes representadas para <i>dieta mediterrânica*</i> e <i>padrão alimentar*</i>	259

Lista de abreviaturas e siglas de descrição linguística

Tabelas e Gráficos:

DOCF – Frequência em número de documentos
F=... - Número de ocorrências no *corpus* em frequência absoluta
Freq. – Frequência
Freq.Abs. – Frequência Absoluta
Freq.Rel. – Frequência relativa (por milhão)
CC – Contexto comunicativo
(= ...) – Variante
Acrónimo-EN – Acrónimo em língua inglesa
Sigla-EN – Sigla em língua inglesa
Ap – Adjetivo participial
DM – Dieta Mediterrânica

Anotações utilizadas pelo Sketch Engine:

N – Nome
V – Verbo
SP – Preposição
SP+* - Contração Preposição + Determinante
C – Conjunção
D – Determinante
A – Adjetivo
Z – Numeral

Anotações utilizadas no texto

CONCEITO - conceito
forma denominativa - forma denominativa/candidato a termo
Aquacultura – Domínio
var. – variante/forma denominativa variante

Lista de acrónimos e siglas institucionais

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera
DGRM – Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos
EPPO – Estação Piloto de Piscicultura de Olhão
EEMT – Estação Experimental de Moluscicultura de Tavira
FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
RDM – Rota da Dieta Mediterrânica
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

1. Introdução

A terminologia tem como objetivo a análise de conceitos e a sua verbalização em discurso, através de termos, unidades terminológicas poliédricas dada a sua natureza cognitiva, linguística e comunicativa. O ato discursivo, como expressão terminológica, linguística e comunicativa do conhecimento, é expressão e partilha dos saberes e da sua evolução, sendo, porém, contextualmente condicionado, por fatores de origens diversas, como por exemplo, fatores sociais e culturais. Estes contextos comunicativos são suscetíveis de induzir alterações nos termos, ou seja, variação terminológica, na sua forma linguística, no seu uso em discurso, no modo e no meio como são partilhados e comunicados. São, por isso, processos dinâmicos que requerem que a terminologia se assuma como uma atividade de mediação comunicativa, gerindo a informação de especialidade, disponibilizando-a e contribuindo de forma essencial para uma comunicação eficaz.

Esta tese insere-se no âmbito da Terminologia, entendida precisamente como uma atividade de mediação comunicativa, e tem como objeto principal o estudo do dinamismo e da variação terminológica, surgindo na sequência da dissertação de Mestrado, (Noronha, 2018). Nessa dissertação, foi demonstrado que os recursos terminológicos existentes apresentavam limitações a nível da língua de trabalho estudada, o português europeu, o que reduz não apenas os recursos de trabalho existentes, como também as opções dos tradutores na pesquisa de equivalentes na língua de chegada. Com base neste estudo, foi proposta uma abordagem metodológica para a criação de um recurso terminológico, dotado de um conjunto de características que permitissem aproximar o discurso dos especialistas do domínio ao trabalho aos profissionais das atividades de mediação linguística. Algumas das características desse recurso passam pela arquitetura dos *corpora* de extração de terminologia, multilingues e, eventualmente,

comparáveis, baseados em documentos técnicos e científicos (provenientes diretamente de atividades de investigação) e privilegiando domínios de investigação desenvolvidos na Universidade do Algarve (como instituição-berço do recurso), tendo o português europeu como língua de partida e pelo destaque dado à validação dos candidatos a termos por parte dos especialistas.

Nesse trabalho, constatámos que os recursos terminológicos utilizados em atividades de mediação comunicativa (tradutores, revisores e intérpretes) em diversas áreas não foram construídos de forma a abranger outros contextos discursivos além daqueles baseados em esferas de atividade científicas e técnicas, não estando a lidar de forma eficaz com a diversidade terminológica e a variação associada. Como resultado, os mediadores comunicativos (especialmente tradutores e intérpretes), os principais utilizadores destes recursos, não obtêm, muitas vezes, informação completa sobre os contextos de utilização de uma determinada variante denominativa, ou, por questões de excessiva harmonização, ou de normalização, nem sequer têm acesso às variantes.

Se há domínios que podem assim estar fortemente vinculados a atividades do foro técnico e científico, outros integram em si uma grande diversidade de intervenientes localizados em diferentes contextos profissionais, culturais e sociais. A hipotética existência de especialistas fora do âmbito técnico e académico e a diversidade dos discursos produzidos para lá destas esferas socioprofissionais levantaram-nos questões, não só sobre a adequação dos recursos terminológicos em si, ou sobre os métodos de análise terminológica na abordagem ao domínio, mas também sobre o perfil do especialista. Um dos nossos questionamentos tem a ver com a forma como se selecionam os discursos que são representativos da terminologia de um domínio. Estamos a olhar para todos os grupos sociais, culturais, profissionais que podem ter um papel no conhecimento e na terminologia do domínio, ou estamos apenas a olhar para um grupo profissional em particular? Como podemos garantir que a terminologia do domínio foi corretamente registada e analisada?

Questionámos assim se não seria relevante olhar de uma outra perspetiva para a forma como lidamos com a variação, com o dinamismo terminológico e com o próprio conceito de discurso especializado.

Consideramos, pois, ser necessário conhecer como a terminologia de um dado domínio é influenciada por diferentes fatores quer internos quer externos: cronológicos, geográficos, socioculturais, naturais, ou resultantes do contacto entre línguas e saber quem são aqueles que dentro de um domínio verbalizam e comunicam o conhecimento do domínio. Ou seja, importa conhecer quem são os especialistas do domínio, mesmo aqueles que estão fora da esfera académica ou técnica. Para quem e com base em que tipologia discursiva se constrói, por exemplo, uma base de dados terminológica ou um glossário? Dever-se-á centralizar toda a atenção numa única tipologia discursiva assumindo, por várias razões (sociais, culturais), que o conhecimento expresso por essa terminologia é o que merece ser representado, transmitido e disseminado, ou deveremos alargar a nossa perspetiva, de forma abranger outros intervenientes, alterando o próprio conceito que temos do especialista e do discurso especializado em terminologia?

Estas questões que iremos desenvolver não são, pois, apenas sobre a adequação de recursos terminológicos, mas principalmente sobre a forma como se lida com a variação e com o dinamismo resultante da existência num mesmo domínio de contextos comunicativos distintos. São também formuladas com a intenção de saber se as diferentes tipologias discursivas, que surgem devido a diferentes contextos culturais e sociais, contribuem de forma relevante para a terminologia de um domínio. E são ainda relativas à necessidade de um novo quadro teórico em terminologia que permita englobar estas novas relações discursivas.

Considerando que o estudo da variação pela terminologia pode não abranger todas as comunidades discursivas relevantes e que as atividades de mediação comunicativa podem não dispor de informação completa em relação à variação terminológica, considerando que a integração destes

hipotéticos especialistas não académicos e respetivos contextos comunicativos na análise terminológica pode carecer de uma nova perspetiva teórica, formulámos as perguntas de investigação a que iremos procurar responder ao longo desta tese:

- 1) De que forma as diferentes comunidades discursivas e a suas características socioculturais influenciam a terminologia, o dinamismo terminológico e a variação de um domínio, principalmente quando possuem características contextuais e tipologias discursivas não normalmente abrangidas pela investigação em terminologia?
- 2) Como pode o estudo da variação terminológica ser integrado pela terminologia de forma a contribuir, não só para uma maior fiabilidade dos dados terminológicos, mas também para fornecer às atividades de mediação comunicativa uma opção informada sobre os usos dessas variantes?
- 3) Como adaptar as abordagens metodológicas de modo a conseguir obter recursos terminológicos que enquadrem as diferentes tipologias discursivas dos especialistas e intervenientes e as diversas formas de variação terminológica, respeitando os usos nos respetivos contextos discursivos?
- 4) Que outra abordagem teórica da linguística à terminologia pode contribuir para enquadrar estas questões e para uma visão da variação terminológica, dos especialistas (como produtores discursivos) e dos respetivos discursos que os permita considerar como parte de um todo interligado e interrelacionado?

Na procura de respostas a estas questões, procuraremos assim cumprir três objetivos:

- a) contribuir para o estudo dos fenómenos de dinamismo terminológico nos discursos de especialidade em dois domínios (Aquacultura e Dieta Mediterrânica), considerando diferentes tipologias de especialistas, de modo a poder avaliar as implicações

- da variação na comunicação dos saberes e nas atividades de mediação comunicativa;
- b) estabelecer uma metodologia de análise de dados terminológicos que permita uma futura utilização dos mesmos num recurso de apoio a atividades de mediação comunicativa, que enquadre as formas de variação encontradas e que contribua para a preservação do património linguístico e para a elaboração de políticas de língua justas e sustentáveis;
 - c) propor um novo enquadramento teórico da terminologia e do dinamismo terminológico pela ecolinguística, ao relacionar a evolução do conhecimento e dos saberes (cognição), a variação terminológica (linguagem) e os diferentes contextos discursivos (comunicação).

Para responder às perguntas de investigação, esta tese será organizada da forma como a seguir passaremos a explicar.

No Capítulo 2 será feito o enquadramento teórico que servirá de suporte à tese, nomeadamente a relação entre língua, terminologia e mediação linguística, assim como a relação entre dinamismo terminológico e variação. Faremos referência às principais abordagens teóricas desenvolvidos no âmbito da variação terminológica, com destaque para a variação diastrática e diacrónica. Ainda neste capítulo, debateremos o conceito de discurso especializado e de especialista em terminologia. Por último, analisaremos possibilidade de abordar a variação terminológica pela perspetiva da ecolinguística.

No Capítulo 3, apresentaremos uma panorâmica sobre os domínios propostos (Dieta Mediterrânica e Aquacultura), procurando identificar e caracterizar as principais comunidades discursivas que serão objeto do nosso estudo, bem como os trabalhos que têm sido realizados em Terminologia. Visaremos demonstrar que as características fundamentais de um domínio são fatores ecológicos que devem ser estudados no seu

todo, pelas relações que geram entre si e pela forma como podem contribuir para o dinamismo terminológico.

No Capítulo 4, apresentaremos a metodologia de recolha de dados, com a identificação dos contextos comunicativos e constituição dos *corpora* de trabalho, bem como a metodologia de análise dos *corpora*. Este capítulo será também dedicado à apresentação e representação de resultados das análises sobre a terminologia dos domínios, a variação diacrónica e diastrática dos domínios escolhidos para esta tese: Dieta Mediterrânica e Aquacultura.

No Capítulo 5, discutiremos os resultados obtidos, em particular os que concernem à variação diacrónica e às diferentes formas como os fatores de ordem diastrática afetam a terminologia dos domínios. Finalmente, o Capítulo 6, será reservado para as conclusões, análise das limitações e perspetivas futuras.

Procuraremos assim demonstrar que as diferentes comunidades de especialistas e as relações discursivas que estabelecem entre si não podem ser encaradas de forma isolada, mas sim integrada. Esta nova perspetiva ecolinguística, que iremos desenvolver, mais do que cercar a variação, irá procurar integrá-la na terminologia do domínio a partir dos contextos comunicativos em que é gerada, redefinindo o discurso especializado e o conceito de especialista.

2. Enquadramento teórico

2.1. Língua, terminologia e mediação

2.1.1. Linguagem, línguas e comunicação

A nossa sociedade é caracterizada pela evolução tecnológica que, ao disponibilizar grandes quantidades de informação, molda não apenas a realidade como também a nossa perceção sobre a mesma. À medida que novas e antigas áreas de saber se desenvolvem, surge a necessidade de conhecer e compreender melhor todos os aspetos da experiência humana e também de organizar essa informação, estruturá-la e comunicá-la. A partilha de informação e as interações que as comunidades humanas estabelecem têm sido fundamentais para a aquisição e evolução do conhecimento ao longo do tempo. A linguagem humana e as inúmeras línguas em que nos manifestamos são indissociáveis deste propósito, surgindo algumas vezes como um fator impulsionador das mudanças verificadas a nível social, cultural, técnico e científico, outras vezes como um dos aspetos da vida humana mais influenciados por fatores extralinguísticos. A interligação entre língua, cognição, cultura e sociedade refletem-se nas palavras de Eduard Sapir (1929):

It is quite an illusion to imagine that one adjusts to reality essentially without the use of language and that language is merely an incidental means of solving specific problems of communication or reflection. (pág.208)

Já para António Damásio (1994), a forma como apreendemos o mundo faz-se, em grande parte, através de imagens:

(...) as imagens são provavelmente o principal conteúdo dos nossos pensamentos, independente da modalidade sensorial em que são geradas e de serem sobre uma coisa ou sobre um processo que envolve coisas; ou sobre palavras ou outros símbolos, numa dada linguagem, que correspondem a uma coisa ou a um processo. (pág.126)

Damásio deixa, no entanto, implícito que a linguagem faz também parte dos nossos processos cognitivos e dos nossos pensamentos, ou

seja, também da forma como apreendemos o mundo e construímos a nossa identidade. Segundo o mesmo autor, a linguagem confere aos seres humanos a capacidade de verbalizar a forma como apreendemos o mundo:

Os seres humanos dispõem de capacidades narrativas de segunda ordem, proporcionadas pela linguagem, que podem produzir relatos verbais a partir dos não verbais. A forma apurada da subjetividade humana resultaria desse último processo. A linguagem pode não estar na origem do eu, mas está sem dúvida na origem do eu enquanto sujeito verbal. (pág.251)

Esta relação entre o pensamento e a palavra já fora abordada muito anteriormente a Damásio por (Vygotsky, 1986)¹ que afirmara que:

Thought not is merely expressed in words; it comes into existence through them. Every thought tends to connect to something with something else, to establish a relation between things. Every thought moves, grows, and develops, fulfills a function, solves a problem. (pág.218)

Estas citações ilustram a relação intrínseca entre pensamento, linguagem. A linguagem verbal, as línguas humanas, verbalizam tais processos cognitivos, e são não apenas uma manifestação do pensamento como uma forma de o inserir na realidade existencial humana. Pela língua e pela comunicação verbal exprimimos pensamentos, transmitimos ideias, construímos, partilhamos conhecimento e saberes e, de forma quase impercetível, consolidamos as nossas relações sociais.

Não obstante as outras funções reconhecidamente associadas à linguagem, a verbalização tem, em grande medida, propósitos comunicativos. A teoria sobre as funções da linguagem desenvolvida por Jakobson (2007)² refere que um ato comunicativo se caracteriza pela presença de determinados elementos e que cada um deles representa, segundo o autor, diversas funções da linguagem. Um ato de comunicação, para ser eficaz, dependeria assim de um emissor que envia

¹ Primeira edição russa: 1934; primeira tradução e publicação em língua inglesa: 1962.

² A referência utilizada está incluída na coletânea *Linguística e Comunicação*, publicada pela Editora Cultrix, São Paulo, em 2007, e que reúne vários textos da obra de Jakobson.

uma mensagem a um recetor. A mensagem, por sua vez, depende de um determinado contexto (ou referente) que seja compreendido pelo destinatário, e que seja verbalizado ou suscetível de verbalização. Finalmente, é necessário um código partilhado e também conhecido (total ou parcialmente) pelo remetente e pelo destinatário. A estes elementos, Jakobson acrescenta um contacto, ou seja, *um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação* (Jakobson, 2007:122).

Dadas as relações que se estabelecem entre o remetente e o destinatário, Jakobson confere um papel central aos fatores sociais da linguagem e às suas funções comunicativas, em particular quando a língua é utilizada, defendendo que a linguagem tem mais do que uma única função, a qual depende dos elementos predominantes no ato de verbalizar:

Cada um desses seis fatores determina uma diferente função da linguagem. Embora distingamos seis aspetos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função.
(pág.123)

Os processos de verbalização, que se realizam no plano da língua e do discurso, ganham especial relevância ao partirmos do princípio que ao comunicar transmitimos algo mais do que simples informação. No entanto, o *código* partilhado entre o recetor e o emissor que Jakobson menciona, mantém a noção de que as línguas podem ser definidas como um código facilitador da comunicação. A redução da língua a um código, autónomo e separado dos restantes processos cognitivos, e mesmo biológicos, foi questionado e contestado por autores como Harris e Love (Love, 2004, 2007). Love (2004:536) discute especificamente as abordagens positivistas do século XX, como o estruturalismo e o generativismo, em que as conceções sobre a língua se baseiam no dualismo cartesiano que olha para a mente e para o corpo como duas entidades separadas e de natureza distinta (Love, 2004):

Central to this model is the idea of a mental filing-cabinet—a store of language-like symbols waiting to be retrieved and manipulated by a centralized computational system. The mind sits inside a body—is, perhaps, part of a body—but operates as if its corporeal location were a contingency that has no effect on its central function, which is to manipulate information in the production of symbolically coded solutions to symbolically expressed problems. (pág.526)

Love (2004) rejeita o conceito da língua como um código na medida em que considera que a linha que separa os nossos *linguiform thoughts*³ da sua expressão linguística é indefinida:

The ultimate basis for the illusion that languages are codes is (i) our inclination to treat unique utterances as things that can be talked about, (ii) the fact that we then find there is no way of citing them in order to talk about them except by repeating them, (iii) the fact that we then interpret the possibility of repetition as conjuring into existence something more abstract than either utterance itself—namely, the enduring linguistic unit that both utterances are taken to be utterances of (Love, 2004:543).

A perspectiva integracionista de Love gerou uma nova visão sobre a linguagem e a língua ao desenvolver os conceitos de primeira ordem e segunda ordem, que situam as línguas como partes integrantes e inseparáveis dos processos cognitivos (Thibault, 2011;2017). Segundo Love, as duas ordens linguísticas (sem que isso implique uma hierarquia por ordem de importância) estão interligadas e influenciam-se de forma mútua, retroalimentando-se. Love (2004;2007) inclui na primeira ordem os fenómenos e ações linguísticas (*linguaging*⁴) que ocorrem no brevíssimo espaço de tempo presente, de forma não recorrente e não discreta, e influenciada e guiada por fatores extralinguísticos, nomeadamente socioculturais, como refere Mackay (2017):

It is in the here-and-now, it is communicative process. It is that which is unstained by considerations of language, by linguistic abstractions. But within first-order experience, it is possible

³ *Linguiform thoughts*, no original

⁴ *Linguaging* – é definido por Love como: *a cover term for activities involving language: speaking, hearing (listening), writing, reading, ‘signing’ and interpreting sign language* (Love, 2017:115). Thibault (2017) refere-se a este termo como *the praxis in and through which language events are achieved and recognized* (pág.76)

(indeed, necessary) to bring to bear one's past linguistic experience, one's cultural sensitivities. (pág.88)

Por outro lado, os processos de segunda ordem são vistos como aqueles que regulam e estruturam os processos de primeira ordem. São considerados padrões, ou construtos, mais estáveis, também influenciados pelo ambiente social e cultural, que se desenvolvem de forma mais lenta e em escalas temporais mais alargadas (Thibault, 2011). Estes construtos são definíveis graças à forma como se repetem e interagem, acabando por se poderem considerar como o sistema linguístico de uma determinada comunidade. Love (2004) considera assim aquilo a que chamamos língua como:

(...) a second-order cultural construct, perpetually open ended and incomplete, arising out of the first-order activity of making and interpreting linguistic signs, which in turn is a real-time, contextually determined process of investing behaviour or the products of behaviour (vocal, gestural or other) with semiotic significance. (pág.530)

A proposta de Love, apesar do sistema de duas ordens ser discutida por Mackay (2017), é assumida por autores na esfera das abordagens distributiva e ecolinguística (Steffensen & Fill, 2014; Cowley, 2017; Thibault, 2017; Li et al., 2020) ao integrarem a língua nas dinâmicas cognitivas e orgânicas do ser humano, ou seja, na sua biologia. Nesta perspetiva, os seres humanos, como indivíduos e coletivo, não são separáveis da sua *ecologia cultural*, sendo continuamente estimulados a nível neurológico a integrar processos biológicos em que a língua, na sua expressão verbal, é um exemplo:

Neural processes prompt dynamical, socially coordinated behaviours. These behaviours (e.g., vocalizations), perceptual activity, and selected aspects of situations are all components of a distributed cultural-cognitive process that depends on a history of coordinating activities with others. (Thibault, 2017:84)

Como Thibault, Kravchenko (2007) rejeita a autonomia da língua em relação às funções cognitivas e integra as interações linguísticas e a praxis linguística (*linguaging*) nas dinâmicas orgânicas e biológicas:

Language is adaptive behavior which re-represents neural activity that is (partly) derived from linguistic experience. Cognitive dynamics use reciprocal causation and the mode of self-organization (intentionality) that shapes biological function. (pág.668)

O autor considera os processos de verbalização, como estímulos sensoriais, que permitem estabilizar a associação entre o mundo físico e o experiencial (*experienced*), agindo como mediadores entre ambos:

Physical words, therefore, are phenomenological, indexical and serve an organism in self-constructing neural activity (representations) in interdependence with contexts. So (what we call) language is connotational. (Kravchenko, 2017:668)

Para autores como Couto (2014), Steffensen & Fill (2014) e Kravchenko (2016), língua e linguagem estão de tal forma profundamente *enraizadas* na biologia e no meio biofísico que só podem ser abordadas se consideradas como elementos completamente integrados no ambiente físico do ser humano. As interações realizadas pela linguagem, verbalizadas pela língua, são expandidas além da experiência individual e coletiva, um fator que produz impacto (e que recebe impacto) da circunstância ambiental, do ambiente social, cultural e físico. Nesta concepção, a língua é encarada numa perspectiva naturalizada, biológica, que nos faculta a mobilização dos recursos cognitivos necessários para o estabelecimento de relações com o nosso ambiente (cultural, social e biofísico). Neste contexto, Steffensen & Fill (2014:17) apresentam a *Extended Ecology Hypothesis* (EEH) afirmando que a ecologia humana *is extended by integrating value, and meaning into ecological structures (including ourselves and each other)*. Esta perspectiva tem como consequência que a ecologia humana tenha de ser vista como profunda e inegavelmente saturada de sentido (*sense-saturated*)⁵, sendo a língua o recurso que os seres humanos utilizam e mobilizam por excelência como forma de regular a sua atividade e ação no mundo real (interatividade). Os autores acrescentam ainda que o termo *sense-saturated* implica que:

⁵ Steffensen & Fill (2014): The term 'sense-saturated' implies that our very ecological being in a given socio-ecological environment is meshed with semiotic processes and, as a result, the human ecology is constrained by virtual and historical structures.

(...) our very ecological being in a given socio-ecological environment is meshed with semiotic processes and, as a result, the human ecology is constrained by virtual and historical structures (Steffensen & Fill, 2014:18).

Esta integração entre língua e ambiente inclui o processamento das informações que recebemos (e que partilhamos) para nos ajudar a estruturar a nossa conceptualização e conhecimento do mundo e para mediar as nossas ações. Por esta aceção, a língua é também ela alterada pelo ambiente biofísico (incluindo as influências sociais, culturais e naturais), tendo também ela um impacto, pela forma como os seres humanos a utilizam no ato comunicativo, sobre esse mesmo ambiente. Esta perspetiva não apenas interliga profundamente a língua e a *praxis* linguística nos processos cognitivos, como também no ambiente biofísico dos seres humanos, na sua ecologia, o que nos faz regressar a Damásio (1994):

É este o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. Especificamente: a separação das operações mais refinadas da mente, para um lado, e da estrutura e funcionamento do organismo biológico, para o outro. (pág.257)

Nesta ordem de ideias, em que cognição e língua se mesclam ao ponto de os seus contornos se tornarem esbatidos, o uso da língua, os processos de verbalização (*language*), nos atos comunicativos não restringem a aspetos apenas funcionais e a uma mera partilha de informação. Como refere Couto (2017:161) : *language is not an instrument of communication, nor is it just expression of thought. It is communication itself and expression of thought.*

A língua e a comunicação linguística assumem-se então como um dos suportes, se bem que não os únicos, da existência dos seres humanos enquanto organismos, na medida em que lhes permite interação, transferência de significado e estruturação do pensamento. Porém, um

ato comunicativo, em particular, um ato linguístico, nem sempre se realiza, ou se desenvolve, de forma harmoniosa, com todos os seus intervenientes em controlo total dos processos envolvidos, ou atingindo uma interpretação clara dos significados partilhados. Love (2017) chama a atenção para o facto de a comunicação linguística ser um esforço conjunto dos envolvidos nesse ato, mas sem garantia de sucesso uma vez que tal depende dos recursos dos participantes e da sua própria experiência linguística:

Ultimately, communicating by means of language is a matter of deploying one's unique linguistic resources in such away as in the context will maximise the likelihood that a receiver will grasp contextually relevant similarities between one's utterance (inscription, etc.) here and now and other utterances (inscriptions, etc.) the receiver is likely to have come across; the receiver's task being to draw on past linguistic experience in doing his or her best to understand. (pág.117)

Conceição (2018), em linha com Love, refere-se ao conceito de língua nas suas funções:

(...) de concetualização, de tematização e de topicalização que lhe permitem também assumir-se como mediadora, defende que uma língua natural não é um mero código de comunicação e que o conhecimento da estrutura e o seu uso de forma mais ou menos automática não garante domínio do ato comunicativo nem a possibilidade de gestão estratégica do mesmo. (pág. 18)

Desta forma, haverá situações em que as diferenças contextuais existentes, sejam elas de ordem cultural, social, situacional, requerem a intervenção de um elemento intermédio que permita auxiliar a clarificação e a interpretação dos significados e a inteligibilidade do conteúdo comunicado. Ou seja, é necessária mediação linguística, uma função também assumida pela terminologia, como adiante explicitaremos.

2.1.2. Mediação linguística e terminologia

O conceito de mediação é muito amplo, podendo ter várias aceções e diferentes aplicações. Inicialmente, foi desenvolvido por Vygotsky

(1986) ao estudar os processos de aquisição da linguagem nas crianças, nomeadamente na aprendizagem de uma segunda língua. Segundo Vygotsky, o processo de aquisição de novos conceitos recorre a um processo cognitivo de mediação efetuado tendo como base o conhecimento adquirido já existente:

(...) learning a system of scientific concepts occurs only through a similar form of mediation between the conceptual system and the world of objects, only through other concepts that have already developed. (pág.161)

O conceito de mediação foi posteriormente aplicado a outras áreas do conhecimento e atividades humanas. No que respeita à mediação linguística, que ocorre em diferentes situações comunicativas, esta pode ser definida, segundo Rousseau (2007), como:

(...) toute activité de communication nécessitant la transformation ou l'adaptation d'un message parlé ou écrit, de manière à le rendre intelligible à un public cible dans une situation linguistique donnée. (pág.1)

A mediação linguística pode ainda ser definida, segundo Conceição & Zanola (2020), como:

(...) um processo complexo de construção e/ou desconstrução que, pela verbalização, transforma conceitos em unidades linguísticas/discursivas ou que, pela adaptação de verbalização existente, torna essas unidades acessíveis a públicos diferenciados e contextualmente regulados (na mesma língua ou em línguas diferentes. (pág.13)

Dado que a comunicação implica também um processo de verbalização, um processo linguístico, os fluxos de informação e a circulação dos saberes, que decorrem das diversas atividades humanas (económicas, sociais, culturais) em diversas esferas, são colocados ao dispor de vários profissionais e utilizadores (como tradutores, intérpretes, formadores e dos próprios profissionais e especialistas das diferentes áreas) muitas vezes não de forma direta, mas recorrendo a processos de mediação. A terminologia assume tal função ao facilitar os processos de partilha e ao disponibilizar recursos que permitem o acesso à informação de especialidade (Lino, 2020) . Essa função de mediação

torna-se ainda mais importante na nossa sociedade em que as alterações contínuas e interruptas exigem um esforço cada vez maior, a nível individual e coletivo, para acompanhar o dinamismo de um mundo em permanente mudança. A colaboração entre diferentes grupos sociais e profissionais, para poderem atingir objetivos comuns de desenvolvimento social, cultural, económico, técnico, científico está hoje, mais do que nunca, na ordem do dia. A importância da partilha dos saberes e do trabalho interdisciplinar com base em redes colaborativas é fundamental para a prossecução destes objetivos sociais, onde as línguas, e em particular a terminologia, são elementos fundamentais nos processos de mediação e na gestão da informação de especialidade, como refere Moreira da Silva (2012):

Nestes ambientes, a língua, meio por excelência da comunicação humana, e a terminologia, enquanto elemento nuclear à recolha, estruturação e disseminação do conhecimento, representam um papel de mediação cada vez mais importante na comunicação entre os vários interlocutores e na comunicação homem-máquina e um elemento essencial ao desenvolvimento de uma estratégia de gestão de conhecimento que atinja o sucesso. (pág.22-23)

A gestão do conhecimento é precisamente um dos objetivos da terminologia, concretizando-se, na ótica de Cabré, (1993) através da dupla função de representação desse conhecimento e da sua transferência por via da sua comunicação. Se a função de representação do conhecimento remete para a dimensão cognitiva e conceptual da terminologia, a função de transferência remete para uma dimensão comunicativa, para uma atividade facilitadora da circulação e disponibilização da informação, ou seja, para uma atividade de mediação que deve ser tão tida em linha de conta como a primeira, como refere (Faber, 2009):

(...) we take the position that Terminology is essentially a linguistic and cognitive activity. In this sense terms are linguistic units which convey conceptual meaning within the framework of specialized knowledge texts. In the understanding of the nature of terms, this process of meaning transmission is as important as the concept that they designate. (pág.110)

Para a terminologia a mediação realiza-se pela transferência de significados operado por unidades linguísticas, as unidades terminológicas ou termos. Os termos são considerados simultaneamente unidades linguísticas, de comunicação e de conhecimento, estando os processos de transferência indissociavelmente ligados a diferentes processos de verbalização e à *praxis* linguística e condicionados por fatores socioculturais, cognitivos e biológicos dos intervenientes. Na aceção de Cabré (2003), as unidades terminológicas são unidades poliédricas em que a componente cognitiva (conceito), lexical (linguística) e sociocomunicativa coexistem. Temmerman (2000:62) afirma que a língua é uma forma de expressão da nossa perceção e da conceção do mundo e que não é possível separar o entendimento que temos sobre a língua do entendimento que temos do mundo, dando também um papel fundamental à língua na construção do conhecimento e na forma como entendemos a realidade. O estudo do potencial cognitivo e da forma como as línguas naturais se desenvolvem, nomeadamente através das unidades terminológicas, dos termos, que circulam em domínios especializados, constitui uma das formas de compreender não apenas como se estrutura o conhecimento nessas esferas de atividade, mas também a forma como ele se altera, as suas dinâmicas, porque é *na e pela língua que construímos e disseminamos saberes* (Conceição, 2018:28).

2.2. Terminologia, dinamismo e variação

2.2.1. Dinamismo e terminologia

A terminologia estuda não apenas unidades lexicais especializadas em contexto discursivo, unidades terminológicas, como também o seu uso em discurso especializado (o conceito de discurso especializado e de especialista será abordado no ponto 2.4). As unidades terminológicas, os termos, constituem unidades poliédricas, compreendendo uma componente cognitiva (conceito), lexical (linguística) e sociocomunicativa

(Cabré, 2003). A sua forma linguística constitui a última etapa no processo de formação de um conceito (Fernández-Silva et al., 2014), refletindo a forma como o conhecimento do domínio está estruturado. Representar o conhecimento partilhado e comunicado pelos processos discursivos é um objetivo prático do trabalho terminológico. A terminologia cumpre assim funções de mediação comunicativa, disponibilizando os resultados desse trabalho sob a forma de recursos terminológicos (bases de conhecimento, glossários, ontologias). Estes têm como objetivo a utilização por profissionais de várias esferas de atividade (especialistas, formadores, tradutores e outros profissionais das indústrias da língua), como recursos de apoio linguístico em diferentes situações.

No entanto, as sociedades humanas são determinadas por diferentes fatores de ordem geográfica, social, cultural, ambiental e sofrem transformações. Surgem novas necessidades que, numa tentativa de resposta e de busca de soluções, potenciam a evolução do conhecimento, num ciclo contínuo de retroalimentação. O conhecimento humano está em contínuo transformação, com avanços e, por vezes, com recuos, nunca est tico, sempre dinâmico. A função de representação do conhecimento em terminologia deve acompanhar essas dinâmicas, procurando não apenas pelo estudo da dinâmica da vertente conceptual, como também por uma abordagem às unidades terminológicas como unidades de comunicação e ao seu comportamento em discurso (Temmerman & Campenhoudt, 2014):

One way of getting access to how understanding comes about and how knowledge is the result of a continuous dynamics of understanding and misunderstanding is by studying the cognitive potential and the development of natural language(s) and more particularly of lexical items, i.e., terminology, in specialized domains. (pág.1)

O dinamismo do domínio coloca ao terminólogo bastantes desafios quer a nível da representação conceptual do domínio quer na representação das unidades terminológicas utilizadas e alteradas durante o discurso. Como unidades lexicais especializadas, a vertente linguística

e comunicativa dos termos é afetada pelos mesmos fatores que o restante sistema linguístico e lexical, em que a variação é um fenómeno estudado e reconhecido como inerente e inevitável.

As mudanças contínuas que ocorrem na língua foram abordadas por Martinet (1975) para quem a variação linguística seria uma demonstração do caráter dinâmico da língua, um sistema heterogéneo e multifacetado, condicionado por diferentes fatores (sociais, económicos, culturais, geográfico). Para o autor, a continua evolução das sociedades humanas implica que qualquer estudo sobre a evolução da língua seja um compromisso entre as estruturas observáveis em sincronia e as condições que potenciam a sua evolução:

L'existence d'une constante évolution pose, pour toutes les sciences du comportement, la nécessité de distinguer entre la description de structures synchroniques et l'examen des conditions de l'évolution, ce qui veut dire que les discussions qui, depuis un demi-siècle, se poursuivent parmi les linguistes sur les rapports entre fonction, structure et évolution ont, pour les disciplines voisines, des implications directes. (pág.6)

Não obstante, para Martinet, os processos de mudança da língua e a diversificação dos usos da língua ocorrem no plano sincrónico. Por conseguinte, não querendo deixar de vincar que qualquer processo evolutivo é temporalmente instável, assume que faz mais sentido falar em *sincronia dinâmica*, como refere Babiniotis (2009), comentando o trabalho de Martinet:

Martinet enseigne que la langue est une structure multiple dans la mesure où coexistent plusieurs systèmes dépendant de facteurs sociaux, géographiques, d'éducation, de sexe..., de sorte que l'hétérogénéité est inhérente à la nature même d'une langue. Les variétés d'usages constituent donc la synchronie dynamique de toute langue. (pág.24)

A sincronia dinâmica constituiria assim, na ótica de Picton (2009) , uma abordagem distinta ao estudo da variação em terminologia, permitindo, mais do que comparar dois momentos distintos, estudar num determinado momento as mudanças linguísticas, evidenciadas, por exemplo, pela presença simultânea de neologismos e formas em desuso:

Le concept de synchronie dynamique se définit à travers la coexistence en synchronie d'usages anciens et nouveaux permettant de saisir l'évolution de la langue. Il existe donc deux approches pour observer l'évolution dans la langue: une approche diachronique, où l'on compare différents états de langue, et une approche synchronique dynamique, où l'on compare différents usages dans un même état de langue.
(pág.63)

As formas denominativas (coexistindo no mesmo período temporal, ou no mesmo contexto situacional), a evolução do conhecimento e a consequente geração de novos termos, a ativação de traços conceituais distintos para o “mesmo” termo em contextos comunicativos diferentes são fatores que revelam o dinamismo dos domínios especializados, dos respectivos discursos e têm consequências na terminologia.

Um dos trabalhos de referência nos estudos de dinamismo terminológico foi realizado por Kageura (2002). Nele, o autor expôs os principais padrões da dinâmica da formação de termos, recorrendo a um *corpus* em japonês no domínio da documentação. Num trabalho anterior (Kageura, 1999), o autor admitira a dificuldade em caracterizar um domínio dado que este pode ser constituído por muitos subdomínios e abordagens teóricas diferentes, constituindo por vezes sistemas bastante complexos:

A terminology of a domain in fact is constituted from various factors which are a complex mixture of macro and micro dynamics. (pág.6)

O autor descreve também o que chamou de crescimento terminológico, evidenciado pela necessidade de estudar a terminologia do domínio em fatias sincrónicas (Kageura, 1999) como forma de obter uma melhor perspetiva sobre a evolução da terminologia do sistema. Esta abordagem, feita em intervalos curtos, e principalmente em termos de análise, parece aproximar-se do conceito linguístico de sincronia

dinâmica de Martinet e da abordagem terminológica diacrônica de curto prazo, feita posteriormente por Picton (2009, 2017). Apesar da proposta de análise em *fatias sincrônicas*, a abordagem de Kageura ao dinamismo terminológico é essencialmente sincrônica, como o próprio afirma:

Note that the concept of dynamism here is essentially synchronic, as we assume the systemic/systematic factors in the existing terminology without referring to a time scale. (pág.34)

Kageura acaba por esclarecer melhor a sua definição sobre dinamismo terminológico, ao referir que:

The dynamics of terminology addressed in the present study is, thus, the dynamic potentiality (of creating new terms) observed in the synchronic slice of the internal structure of terminology. (pág.34)

Desta forma, Kageura vê o dinamismo terminológico como uma manifestação da evolução do crescimento terminológico em fatias discretas no tempo, potenciado principalmente pelo surgimento de neologismos e tendo em conta o comportamento linguístico dos termos no discurso especializado:

(...) terms manifest themselves as concrete linguistic objects within a specialised discourse and their number is constantly growing. The fact that terms are first and foremost concrete linguistic objects makes it difficult to define the theory of terms at a proper level of abstraction (...) (pág.63)

Kageura, porém, não aborda as implicações da variação no dinamismo terminológico nas suas diferentes formas, nem as respetivas causas, estando primordialmente focado nos métodos quantitativos de aferir o crescimento das terminologias, da formação dos termos e na forma como estes se constroem relativamente uns aos outros, conforme observa Picton (2009):

À l'inverse de la socioterminologie ou du sociocognitivisme, Kageura n'insiste pas sur la variation terminologique, qu'il s'agisse de diachronie, de vulgarisation ou encore de polysémie, mais se focalise sur la question de la formation des terminologies. (pág.24)

No entanto, o objeto da terminologia, a unidade terminológica, não é apenas linguístico e sim multidimensional, apresentando uma vertente

cognitiva, linguística e comunicativa. Qualquer estudo sobre dinamismo terminológico tem de ter atenção a multidimensionalidade, tendo em conta os usos dos termos por diferentes intervenientes e respetivos contextos discursivos. A multidimensionalidade dos termos afeta a vertente linguística e comunicativa, ativa determinados traços conceptuais em determinadas condições, e acaba, eventualmente, por se expressar sob diferentes formas de variação, aumentando a complexidade dos estudos sobre variação em terminologia, como refere Tercedor-Sánchez (2011):

Multidimensionality is thus a key aspect in terminology since it highlights a particular dimension of a concept. It underlies terminological variation and can be regarded as a dynamic and situated phenomenon. (pág.184)

A multidimensionalidade do objeto de estudo, os termos, remete-nos para a «teoria das portas» de Cabré (2003). Seguindo esta abordagem, ainda que o objetivo de um estudo sobre variação se circunscreva apenas a uma vertente em particular, é importante considerar que os diferentes fatores intralinguísticos e extralinguísticos potenciam mudanças no conhecimento e alterações nas interações discursivas entre os vários intervenientes de um domínio especializado. Estas mudanças refletem-se no fluxo sincrónico da terminologia, na dinâmica da partilha de termos entre e dentro das comunidades discursivas e no modo como os termos são alterados. Refletem-se igualmente a nível diacrónico, na expansão (ou desaparecimento) de terminologias e na sua evolução temporal como manifesto da evolução do conhecimento. Ou seja, o dinamismo terminológico é não uma medida de alterações diacrónicas num domínio, como sincrónicas por via da ecologia do próprio domínio. O estudo do dinamismo e da variação terminológica a ele associada devem assim procurar uma perspetiva alargada e multidimensional, a nível conceptual, linguístico e socio-comunicativo, sem esquecer o objetivo da terminologia como atividade de mediação.

2.2.2. Variação terminológica

Os fenómenos de variação terminológica são atualmente um dos pontos de interesse da terminologia (Humbley & Picton, 2017), distinguindo-se, no geral, dois grandes tipos de variação terminológica: a variação denominativa, que afeta a forma linguística do termo, e a variação conceptual (Freixa & Fernández-Silva, 2017) que afeta o conteúdo do próprio conceito no plano cognitivo, sem que tal altere obrigatoriamente a forma denominativa (Fernández-Silva, 2010).

Não obstante, a perspetiva da terminologia sobre a variação sofreu mudanças desde o trabalho de Wüster e dos seus seguidores na Escola de Viena. Nessa época, havia pouco interesse em discutir e explicar a variação porque era vista como uma exceção, um fenómeno marginal, e não a regra e, além disso, a sua presença não era desejável pela orientação prescritiva e normalizadora da Teoria Geral da Terminologia (Freixa, 2013:39). A mudança não surgiu apenas pelo desenvolvimento de teorias e abordagens que passaram a encarar a variação como parte natural do discurso especializado, mas também graças ao desenvolvimento das novas tecnologias que permitiram tratar grandes volumes de dados. Em particular, a linguística de *corpus* passou a possibilitar o manuseamento de *corpora* de vários tipos (paralelos, comparáveis) e de grandes dimensões, tendo surgido metodologias capazes de explorar fenómenos discursivos complexos, caso da variação, de forma sistemática e quase automática (Drouin et al., 2000; Daille, 2017; Rigouts Terryn et al., 2019) .

Assistiu-se também a uma mudança do perfil do terminólogo. Este começou por ser um especialista nos domínios e esferas de atividade técnicas. Numa segunda fase, evolui e passou a abranger os tradutores. Finalmente, e motivado pela necessidade de gestão de recursos terminológicos, surge o perfil que Humbley & Picton (2017:2) consideram como o terceiro período de mudança na terminologia, o dos linguistas,

que trouxeram uma perspectiva mais próxima da realidade quanto aos usos dos termos e respetivos contextos discursivos. Esta conjugação de fatores permitiu que a variação terminológica deixasse de ser vista como um fenómeno indesejável e a controlar a todo o custo, e passasse a ser encarada como um fenómeno tão natural no discurso especializado como na língua, no seu todo. Os estudos sobre variação, abordando tipos de variação, causas e consequências nas atividades de mediação, a sua representação e estratégias de controlo e gestão tornaram-se assim uma das principais linhas de investigação em terminologia.

Vários autores propuseram distintas abordagens à variação terminológica, procurando enquadrar este fenómeno no quadro teórico das ciências da linguagem e da terminologia. São os casos da abordagem da Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999), da terminologia cultural (Diki-Kidiri, 2000), da abordagem sociocognitiva (Temmerman, 2000), da socioterminologia (Conceição, 2005; Gaudin, 2005), e a baseada na teoria de traços semânticos (Faber, 2009). Estes autores assumem a variação como uma manifestação da diversidade do discurso especializado, como expressão da diversidade cognitiva e sociocultural dos seres humanos. Numa orientação mais descritiva do que prescritiva, contestam, de diferentes formas, os princípios da TGT, nomeadamente os princípios da univocidade e monossemia dos termos e a universalidade dos conceitos. Este princípio assume que os processos de conceptualização e categorização, ao contrário da língua, se desenvolvem da mesma forma entre diferentes indivíduos e comunidades e resultando numa estruturação idêntica do conhecimento. Ou seja, os conceitos são considerados elementos primordiais, podendo ser definidos e isolados, além do que, são estáveis. Esta visão da realidade da comunicação e do discurso especializado não permite reconhecer as particularidades de cada língua, cultura ou grupo sociocultural, limitando o trabalho terminológico a uma abordagem unicamente onomasiológica. Por isso, autores como Cabré (1999), Diki-Kidiri (2000), Temmerman (2000) Freixa (2002) e Conceição (2005) admitem que os conceitos não são apenas

“entidades” difusas e flexíveis como também são dinâmicos, alterando-se cronologicamente e sendo condicionados por aspetos culturais, sociais e situacionais. Trata-se, segundo Freixa (2002), de uma diferença na percepção, no ponto de vista, produzindo diferenças de significado, no campo semântico do conceito, e que depende do indivíduo, ou do seu grupo social. Freixa fala assim na existência da variação conceptual:

Si, en canvi, partim de la base que els conceptes tenen (o poden tenir, depenent dels tipus de conceptes) límits difusos i que poden anar ocupant espais semàntics diferents segons els contextos d'aparició, aleshores la variació conceptual és un fenomen possible, i probable. (pág.55)

No entanto, Fernández-Silva (2010) faz uma outra leitura. Por um lado, admite uma variação “puramente” conceptual que tem efeitos unicamente no plano cognitivo, não se manifestando na denominação do termo. Por outro, admite um outro tipo, a que chama de *variação denominativa com consequências cognitivas*, e que surge quando:

(...) un concepto se expresa a través de variantes que difieren no sólo formalmente sino también semánticamente, ya que seleccionan aspectos diferentes del contenido conceptual (Fernández-Silva, 2010:3).

Este tipo de variação afeta toda a unidade terminológica e surge como resultado e reflexo de um determinado modo de percepção sobre o conceito, expresso por cada uma das diferentes formas denominativas. A variação denominativa teria assim consequências cognitivas, uma vez que altera a forma como o utilizador do termo acede ao conceito. A motivação cognitiva para a variação denominativa é, em nossa opinião, uma rejeição da dicotomia entre denominação e conceito, a qual ocasionou a menor atenção dada pela TGT à componente linguística do termo. As diferentes formas e estruturas linguísticas, e o seu significado semântico, surgem graças a diferentes processos cognitivos de conceptualização e são uma manifestação destes, permitindo-nos ter acesso, se não a todas, pelo menos às estruturas conceptuais ativadas em discurso:

(...) la variación denominativa se justifica gracias a la aceptación de la variabilidad de los procesos de categorización, la

multidimensionalidad de la estructuración conceptual y la configuración flexible del concepto. Puesto que las estructuras lingüísticas son un reflejo de las estructuras conceptuales, es lógico que la variabilidad conceptual se manifieste a través de la variación denominativa. (Fernández-Silva, 2013b:18)

Isto justifica que a abordagem terminológica à variação seja também semasiológica, admitindo que os conceitos, ou pelo menos determinados traços conceptuais que formam os elementos da definição, podem ser acedidos através de estruturas linguísticas, não apenas pela denominação e pelos significados semânticos, como também pelo comportamento dessas estruturas em discurso, como refere Conceição (2005:57):

La dénomination est, ainsi, une synthèse linguistique du concept auquel on accède par l'analyse de ses comportements discursifs et par l'analyse morphosyntaxique. Cette démarche se fait en associant aux formes des éléments de définition et, par voie de conséquence, des traits conceptuels, ou en les inférant à partir de l'ensemble des connaissances préalables. L'activation des traits conceptuels dépend de la combinaison des données linguistiques et textuelles.

Outros autores (Picton, 2009, 2014; Fernández-Silva, 2010, 2013, 2016; Tercedor-Sánchez, 2011; Condamines, 2017; Delavigne, 2017). têm, por isso, debatido a forma como vários fatores extra e intralinguísticos influenciam a variação terminológica (principalmente a denominativa) e, conseqüentemente, a terminologia utilizada num dado domínio. De realçar a contribuição dada por Freixa ao estudo da variação, no que respeita às causas da variação denominativa, tendo proposto uma das mais conhecidas tipologias para este tipo de variação (Freixa, 2002, 2005, 2006; Fernández-Silva et al., 2014; Freixa & Fernández-Silva, 2017).

Para Freixa (2002; 2006), a variação denominativa caracteriza-se, de forma geral, pela existência de diferentes denominações para um mesmo conceito. Esta definição facilmente sugere estarmos perante sinonímia. Porém, a sinonímia lexical remete para significados, para o plano semântico, no entanto, em terminologia, dado os fundamentos conceptuais dos termos, pode ocorrer similaridade semântica, mas os traços conceptuais ativados em cada situação de uso podem ser distintos.

Este aspeto tem implicações uma vez que a sinonímia total dificilmente se verifica, dando muitas vezes a preferência ao uso de *variação denominativa*, como fazem notar Freixa & Fernández-Silva (2017), referindo ainda a extensão da variação denominativa a outras estruturas que não unidades lexicais:

On the one hand, the word synonymy evokes different lexical units with the same meaning: in terminology, denominative variation can occur not only between lexemes but also structures, morphemes, graphical presentation (...), or syntagmatic reduction (...). (pág.161)

Desta forma, tendo em conta vários aspetos linguísticos e não linguísticos que refletem a multidimensionalidade dos termos, Freixa (2002, 2013) analisou a variação terminológica e as suas causas subjacentes, tendo proposto a sua própria tipologia de classificação para as causas da variação denominativa:

Tipo	Subtipo
1. Causas prévias	Redundância linguística Arbitrariedade do signo linguístico
2. Causas dialetais	Variação geográfica Variação cronológica Variação social
3. Causas funcionais	Adaptação ao nível da língua Adaptação ao nível de especialização
4. Causas discursivas	Evitar redundâncias Economia linguística
5. Causas interlinguísticas	Coexistência do termo “local” e do empréstimo Diversidade de abordagens alternativas
6. Causas cognitivas	Imprecisão conceptual Distanciamento ideológico Diferenças na conceptualização

Tabela 1 - Causas da variação terminológica (Freixa, 2013)

Esta tipologia, segundo a autora, oferece um quadro teórico para determinar e explicar as causas da variação denominativa nos textos

especializados, delimitando os fenómenos a estudar. A classificação de Freixa espelha a diversidade dos fatores que podem estar na base da variação denominativa (incluindo causas cognitivas) e reflete as dificuldades que apresentam os estudos sobre variação, que têm de abarcar diversos aspetos quer linguísticos quer extralinguísticos. Como explicação para causas, permite um trabalho de identificação *a jusante*, ou seja, após a constituição e organização de corpora de extração e principalmente na análise comparativa dos termos e formas denominativas. Demonstra ainda, em nossa opinião, que a procura das causas da variação terminológica tem de ir às origens dos produtores do discurso especializado e de todas as situações contextuais e conjeturais que os rodeiam.

Num trabalho sobre variação, parece-nos importante identificar causas, mas também tipos de variação. Além da delimitação conceptual da área de trabalho, o trabalho terminográfico inclui igualmente uma identificação de contextos comunicativos e a constituição de corpora especializados para a fase de extração terminológica. Esta fase do trabalho deve acautelar os fatores que determinam a existência da variação, os diferentes intervenientes na comunicação e a forma como as comunidades discursivas estão organizadas. Do trabalho preparatório vai depender a representação (ou não) do conhecimento especializado, partilhado pelos termos, nos recursos terminológicos e a identificação de padrões que relacionam a variação com os seus produtores discursivos, como reafirma Fernández-Silva (2017):

La variación terminológica no solo se asocia con la variedad de usos y usuarios de la comunicación especializada, sino también y de manera especial con la variabilidad de los procesos de categorización, estructuración y representación del conocimiento especializado. (pág.16)

A identificação de causas e tipos de variação terminológica, e a sua relação com as comunidades discursivas, pode, em primeiro lugar, ajudar a compreender as motivações da escolha de uma determinada denominação em detrimento de outra. Em segundo, a inserção da

informação sobre variantes num recurso terminológico, não apenas sobre a forma, mas sobre o seu uso em discurso, é importante não apenas para mediadores comunicativos, como tradutores, e terminólogos, como também para outros profissionais e esferas profissionais, como seja o ensino de línguas (Deschamps, 2023). Todos estes profissionais têm necessidade frequente de fazer uma escolha informada, e a mais adequada possível, sobre a variante mais adequada a um determinado contexto comunicativo. E a tarefa de representação da terminologia, recai sempre sobre o terminólogo, como mediador comunicativo:

It is up to the terminologist, therefore, to conceive ways of representing this dynamism and related term variation in a way that the user can best benefit from. (Humbley & Picton, 2017:6)

No entanto, se os recursos terminológicos devem fornecer indicações sobre os usos das variantes denominativas, cabe perguntar se a variação terminológica é, de facto, devidamente integrada nas terminologias consagradas. Trabalhos anteriores (Noronha, 2018; Noronha & Conceição, 2020b) demonstraram que nem sempre tal se verifica. Muita terminologia fica “perdida” no esforço de harmonização, e em que os diferentes usos da língua e diferentes variantes terminológicas simplesmente não são registados. Desta forma, Conceição (2016) defende uma abordagem mais “harmonizadora” à normalização, que seja capaz de gerir a variação, como resultado de processos de verbalização do conhecimento a diferentes níveis, e capaz de acompanhar os processos evolutivos, ou seja, dinâmicos, dos domínios.

Esta perspetiva levou-nos a repensar, não apenas como enquadrar a variação no plano teórico, como também as metodologias. Posto isto, a variação terminológica (denominativa e conceptual) pode, no entanto, ser analisada de várias vertentes: diacrónica, diatópica, diastrática, diafásica, eidética, idiossincrática ou diamésica (Delavigne, 2017:34). Dado o exposto anteriormente, interessam-nos sobretudo analisar a variação segundo os diferentes contextos comunicativos de produtores textuais do domínio sob duas dessas vertentes: variação diacrónica, pela expressão do dinamismo do domínio na linha temporal, nomeadamente

em termos comparativos entre as diferentes comunidades e contextos discursivos; variação diastrática, pela falta de trabalhos neste âmbito (Picton & Dury, 2017), mas principalmente devido às diferenças socioculturais que queremos explorar entre os intervenientes e à forma como a articulação entre as diferentes comunidades afeta a terminologia do domínio.

2.4.2.1. Variação diacrónica

Em terminologia, e em grande parte devido aos pressupostos defendidos pela Teoria Geral da Terminologia, em que os conceitos apresentam primazia sobre os *termos*⁶ e o vocabulário especializado sobre as questões gramaticais (Campo, 2012:59), os estudos sobre diacronia foram, ficaram durante muito tempo, limitados ao âmbito linguístico do discurso especializado. A perspetiva sincrónica tornou-se vigente, bem como as abordagens onomasiológicas. Não obstante, autores como Dury & Picton (2009) demonstraram, através do seu trabalho, a relevância dos estudos sobre variação diacrónica, muitas vezes centrados na instabilidade terminológica e semântica, gerada pela necessidade de denominar novos conceitos. Da literatura sobre variação terminológica, as questões da diacronia são assim abordadas principalmente do ponto de vista dos neologismos (Rey, 2005; Desmet, 2006; Garcia Palacios, 2009), da formação de novos termos e, por consequência, do crescimento terminológico (Kageura, 1999, 2002). No campo epistemológico, uma das abordagens teóricas a integrar a perspetiva diacrónica em terminologia foi feita durante pela abordagem sociocognitiva de Temmerman (2000). A autora defendeu o estudo dos termos em contexto comunicativo, permitindo obter informação sobre os fenómenos de polissemia e sinonímia e sobre a função e evolução da sua

⁶ Na nossa perspetiva, sobre a denominação, uma vez que entendemos o termo como unidade terminológica (conceito e denominação) e não como apenas uma unidade lexical especializada

conceptualização. Utilizando a linguística cognitiva como referência para o estudo das mudanças em diacronia, Temmerman refere a forma como os conceitos evoluem a nível cognitivo, a sua estruturação prototípica e a forma como as denominações são motivadas por diferentes contextos de uso.

O desenvolvimento das tecnologias de informação, por seu turno, abriu a possibilidade de estudar textos especializados numa perspetiva histórica (Grimaldi, 2017, 2018; Conceição & Zanola, 2020), demonstrando o interesse do conhecimento sobre as origens denominativas de determinados termos, onde, por vezes, se pode constatar as motivações cognitivas ou contextuais para a criação do termo, como faz notar Grimaldi (2018):

Dans cette perspective une étude en diachronie appliquée à ces genres textuels permet de prendre en considération non seulement la nature formelle du néologisme, mais surtout les motifs poussant les savants à avoir recours à des unités linguistiques nouvelles.
(pág.252)

O estudo da terminologia do ponto de vista histórico, em nossa opinião, não permite apenas encontrar a origem da denominação de muitos termos atualmente estabilizados. Permite igualmente, tornar a denominação mais transparente e perceber o tipo de motivação que levou à criação do termo. Esses mesmos fatores diacrónicos podem ainda ser os mesmos que ainda ocorrem nos processos de denominação e de criação de novos termos atualmente em curso: culturais, sociais, económicos, e acrescentaríamos, numa perspetiva ecolinguística, naturais, ou seja, com origem em fatores ecossistémicos. Um exemplo, apesar de não se aplicar a termos, mas sim a topónimos, é o das denominações dadas a pontos de interesse para as comunidades nativas consoante as suas características geográficas (Nash, 2011; Nash & Mühlhäusler, 2014).

Os estudos em diacronia não se esgotam, no entanto, nos aspetos neológicos do crescimento terminológico. A abordagem diacrónica, principalmente recorrendo a metodologias de terminologia textual,

permite ainda perceber tendências (e suas razões) de uso dos termos e de desuso (e desaparecimento) de termos, no que Picton (2009:18) denomina *terminocronia*. A autora distingue, ainda, além da neologia terminológica e da terminocronia, outra abordagem diacrônica: a implantação terminológica, que está relacionada com a aplicação (e seu relativo sucesso ao longo do tempo) de políticas de língua a nível institucional, com fins normativos:

Le besoin identifié ici est donc d'évaluer la réussite ou l'échec de la diffusion d'une terminologie officielle. En d'autres termes, il s'agit de savoir mesurer l'impact d'une politique linguistique sur la terminologie, c'est-à-dire de comparer l'usage à la norme. (Picton, 2009:32)

Outros estudos sobre variação em diacronia foram realizados por Dury e Picton (Dury & Picton, 2009; Picton, 2009, 2014), baseando-se nos princípios da terminologia textual e nas metodologias da linguística de *corpus*. Picton desenvolve alguns trabalhos em que foca as questões relacionadas com a variação diacrônica de curto prazo (Picton, 2010, 2014; Picton et al., 2020). Esta abordagem tem como objetivo acompanhar a dinâmica terminológica de esferas de atividade (neste caso, na área da ótica espacial) em que o desenvolvimento de projetos técnico-científicos obriga a um acompanhamento mais frequente das mudanças operadas no conhecimento do domínio. Estes projetos, desenvolvendo-se em períodos longos (dez a trinta anos), têm desenvolvimentos bastantes dinâmicos e exigem um acompanhamento do discurso especializado do domínio com uma frequência mais curta como forma de acompanhar a variação terminológica:

Between the beginning and the end of these projects, knowledge evolution cannot be avoided and, most of the time, this happens without the experts being fully aware of it. (Picton, 2014:160)

Assim, a autora, dependendo da natureza do domínio, refere-se a um período de cerca de oito a dez anos para a diacronia de curto prazo, embora posteriormente (Picton et al., 2020) já indique um período de dez a trinta anos, contrastando com a diacronia longa (várias dezenas de anos a vários séculos). Do seu trabalho (Picton, 2014) resulta uma tipologia

descritiva detalhada, em que indica dezassete tipologias diferentes de classificação dos fenómenos de variação diacrónica de curto prazo. Segundo a autora, esta tipologia permite acompanhar a forma como a terminologia do domínio se altera em termos diacrónicos e também compreender como os aspetos culturais em evolução, ou seja, a “cultura do domínio” é influenciada pela interferência com outros domínios, numa perspetiva interdisciplinar. A autora agrupou esses critérios em três classes principais (Picton, 2009) e, posteriormente, já no domínio das tecnologias espaciais, reviu essa classificação (Picton, 2014). Segundo Picton (2009, 2014), as alterações terminológicas a nível diacrónico num domínio podem ser classificadas em quatro categorias distintas:

- 1) Novidade (neologismos) e obsolescência (necrologismos)
- 2) Implantação de termos e conceitos (fase final do neologismo)
- 3) Foco – alterações no *skopos* do domínio, resultando no aparecimento/desaparecimento de um tópico e não na alteração de termos e conceitos
- 4) Modificações das especificações e configurações de documentos

Ainda de acordo com esta autora, é possível detetar estas mudanças a nível diacrónico utilizando quatro indicadores distintos:

- Frequência – Análise da frequência de uma forma que aparece (neologismo) e/ou desaparece (necrologismo) num *corpus* organizado em períodos temporais
- KRCE (*knowledge rich contexts*) – Pesquisa por marcadores que expressem alguma forma de evolução (neologismo ou necrologismo), como advérbios (recentemente, hoje, atualmente), adjetivos (novo, antigo, inovador, obsoleto) e nomes (novidade, desuso, inovação)
- Coexistência de variantes – Formas denominativas concorrentes no mesmo período e que podem indicar a presença de um neologismo
- Dependências sintáticas – criação de novas formas denominativas por derivação

A diacronia de curto prazo pode ser um aspeto relevante uma vez que muitos domínios especializados, nomeadamente da área tecnológica, evoluem de forma muito acelerada. Em domínios mais tradicionais (como o caso da dieta mediterrânica), questionamo-nos, no entanto, se as alterações que ocorrem no domínio em prazos de dez anos serão suficientes para produzir alterações significativas na terminologia. Não obstante, a questão da interdisciplinaridade e das diferentes comunidades comunicativas, resultantes de diferentes contextos comunicativos, pode, aparentemente, ser um fator que origine desenvolvimentos desiguais a nível do conhecimento entre os diferentes produtores discursivos (por exemplo, a comunidade científica e os artesãos). Assim sendo, é possível que, alterações diacrónicas da terminologia se articulem com variações de tipo diastrático.

2.4.2.2. Variação diastrática

A variação diastrática, muitas vezes referida como variação socioletal (Fréjaville, 2002; Picton & Dury, 2017), tem origem nas diferenças socioculturais existentes entre as diferentes comunidades discursivas de um domínio ou esfera de atividade. Sendo o objeto da terminologia o estudo dos discursos de especialidade, a identificação das diferenças discursivas entre essas comunidades permitiu delimitar os contextos discursivos considerados relevantes, como produtores e utilizadores de terminologia. Em última análise, as diferenças discursivas de natureza diastrática estabeleceram as bases para as tipologias discursivas do discurso especializado.

O foco da terminologia em relação à variação terminológica tem estado colocado no que acontece dentro de cada comunidade discursiva, com especial relevância para as comunidades científicas e técnicas. Não obstante, autores no âmbito da socioterminologia e da terminologia cultural (Diki-Kidiri, 2000; Conceição, 2005, 2006; Gaudin, 2005;

Fréjaville, 2009; Depecker, 2014), reconheceram a contribuição que outras comunidades, além das técnico-científicas, podem dar ao estudo da variação. No entanto, a variação diastrática tem ficado algo limitada ao estudo das diferenças entre discursos de especialidade (para *especialistas*, na aceção tradicional) e discurso (semi) vulgarizado (para não especialistas) (Picton & Dury, 2017).

Para Tercedor-Sánchez & López-Rodríguez (2012), numa perspetiva da análise do discurso, as diferenças nas relações sociais e discursivas entre os intervenientes são diferenças de *registro*:

(...) terminological variation due to register mainly encompasses variation reflecting the social relation between the participants (formal register) as well as the knowledge shared by participants (technicality or degree of specialization). For example, a doctor can use the expression chemo in an informal situation with a colleague, low-dose chemotherapy in a research journal, and medication to communicate with his/her patient. (pág.255)

Na ótica de Picton & Dury (2017:58), as diferenças socioculturais existentes entre os intervenientes de um domínio traduzem-se em diferentes usos discursivos da terminologia, originando assim esta forma de variação. Estas autoras consideram que uma verdadeira dimensão diastrática envolve diferentes estratos de especialistas, ou como diríamos, de intervenientes, cada qual utilizando a sua própria terminologia. Ou seja, admitem, e demonstram, que dentro de um mesmo domínio ou esfera de atividade existem especialistas diferentes e, devido às características interdisciplinares dos domínios, provenientes de áreas diferentes. No caso de Picton e Dury (2017) em que foram estudados dois *corpora* provenientes de dois grupos diferentes de especialistas no domínio da medicina nuclear (médicos e técnicos de radiologia), verificou-se que os diferentes especialistas produzem discursos diferentes e com a sua própria terminologia.

(...) we consider that the user factor refers to something other than the expression of the different social characteristics of speakers and in particular the different social categories they belong to, as is commonly considered to be the case in general language. We also consider that within a given field of expertise (in our case, nuclear medicine and university pedagogy), there are different scenarios in

which specialists communicate with one another and, most importantly, there are different types of specialists who use their own specific terms. (Picton & Dury, 2017:61)

Assim, não se trata somente de utilização dos termos fora dos limites dos domínios e da perda de controlo sobre o termo no processo de vulgarização (Delavigne, 2017). Pode existir uma real clivagem terminológica entre diferentes comunidades, e também no seio dessas comunidades, com consequências na terminologia do domínio, não apenas na vertente denominativa, como na conceptual, e sua representação, com consequências nas atividades de mediação comunicativa.

Outro exemplo pode ser encontrado em outros trabalhos na área da medicina (Tercedor-Sánchez, 2011; Tercedor-Sánchez & López-Rodríguez, 2012), em que a variação por processos de vulgarização (entre pacientes) se diferencia da variação produzida entre especialistas de origens e formações distintas (médicos de medicina familiar, enfermeiros e farmacêuticos). Por seu turno, Fernández-Silva (2013), trabalha um contexto interdisciplinar, que envolve *corpora* produzidos por especialistas de áreas muito distintas (economia, direito, biologia), todos eles abordando e discutindo sobre um domínio comum (neste caso, as pescas). Neste caso, foi possível encontrar subconjuntos de variantes, algumas vezes partilhados pelos grupos de diferentes especialistas, porém, outras vezes exclusivos de alguns.

Acrescentaríamos também que a atenção dada às diferenças *socioletais* pode revelar terminologia que, pelo menor reconhecimento social dos seus utilizadores, não é divulgada, nem difundida. Estas terminologias “esquecidas” podem, eventualmente, permitir a recuperação do vocabulário em certos domínios de conhecimento, mais afetados pela hegemonia do inglês ou pelos fenómenos da globalização e servir de base para políticas de língua mais inclusivas. Se o especialista não for necessariamente alguém com formação académica e/ou superior, como o demonstrou Delavigne (2017) e Condamines (2017), será necessário um trabalho de recolha de dados terminológicos mais

alargado, com uma perspectiva diferente, ou seja, outro tipo de abordagem teórica, de metodologias, ou mesmo uma revisão do próprio conceito de especialista, como debateremos seguidamente.

2.3. Abordagens teóricas e metodológicas da variação

As causas (conceptuais, linguísticas, extralinguísticas) do dinamismo terminológico e da variação terminológica afetam assim quer a forma (variação denominativa) quer o significado dos termos (variação conceptual). Neste âmbito, os trabalhos de Freixa e Fernández-Silva (Fernández-Silva et al., 2014; Freixa, 2002, 2006, 2013; Freixa & Fernández-Silva, 2017) são exemplificativos da diversidade e complexidade da variação terminológica. Mais do que procurar almejar uma normalização generalizada, o principal foco da terminologia volta-se agora para a compreensão dos padrões dessa variação, para tentar compreender se a variação resultante não deve ser aceite, integrada e controlada, ou seja, uma harmonizada. A própria normalização terminológica deverá ser um processo dinâmico e adaptável aos contextos, e gerida na dependência de fatores extralinguísticos:

We need to understand the variation patterns in the societal discussion on terminology in general and in the multilingual European Union in particular before we can decide where and when and why standardization, as traditionally defined, may be advisable. Most importantly we may need to redefine standardization as a dynamic societal process in which many factors play. (Temmerman, 2011:109)

Cabe-nos perguntar se as diferentes comunidades discursivas e as dinâmicas que geram no domínio não serão um desses fatores, deixando espaço para uma abordagem teórica e metodológica mais abrangente à variação terminológica.

Temmerman & Campenhoudt (2014b), referindo-se às questões ligadas à variação terminológica de origem cultural, apontam para a

necessidade não só de integrar as perspectivas teóricas de várias disciplinas, como também de diferentes abordagens metodológicas:

(...) methodologically speaking, terminology research is more and more interdisciplinary, hybrid and diverse, combining insights developed over decades in terminology theory with tools and methods from e.g., cognitive linguistics, corpus linguistics, sociolinguistics, semiotics, knowledge engineering and statistics (...), but also from pragmatics, contrastive law studies, intercultural communication, ethnography, etc. (pág.2)

Em termos metodológicos, a solução de uma colaboração interdisciplinar entre várias áreas do saber é também muitas vezes apresentada como uma abordagem ao estudo da variação:

El estudio de las causas de la variación terminológica tiene un gran camino por delante, un camino en el que deberán intervenir la sociolingüística, la psicolingüística y los estudios cognitivos. Solo con estudios empíricos que, complementariamente, aborden las distintas perspectivas podremos interpretar con mayor objetividad las verdaderas causas de la variación terminológica y, con ello, añadiremos un grano de arena a la explicación del comportamiento lingüístico de los hablantes. (Freixa, 2013:44)

Assume-se que a variação terminológica é uma característica inerente dos discursos de especialidade e das unidades terminológicas, os termos, e que qualquer tentativa de explicação destes fenómenos deve integrar as perspectivas e funções cognitivas, linguísticas e sociocomunicativas (incluindo tipologias de discursos, mediação comunicativa, comunidades de falantes, cultura). Assim sendo, a multiplicidade das causas da variação e a necessidade de uma abordagem metodológica integrada, motivou uma das nossas questões de investigação:

Que outra abordagem das ciências da linguagem e da terminologia pode contribuir com um suporte teórico, que possibilite uma visão da variação terminológica, e respetivas causas, dos especialistas e dos discursos de especialidade como parte de um sistema interligado?

2.3.1. A Teoria Geral da Terminologia

A necessidade de encontrar um suporte teórico nas ciências da linguagem para a terminologia foi abordada por diversos autores (Cabré, 1999, 2003; Faber, 2009; Temmerman, 2000) n  só pela vertente epistemológica, devido às especificidades das unidades terminológicas (vertente cognitiva, linguística, comunicativa), como também pela representação e comunicação. As diferentes perspectivas (abordagens teóricas, metodológicas e comunicativas) continuam a marcar o debate em torno da terminologia e do seu objeto de estudo, sendo, como explicado anteriormente, a variação terminológica, um dos pontos em que o debate ainda continua. Como refere Faber (2009):

Terminology has been for some time a discipline in search of a theory with premises capable of accounting for specialized knowledge representation, category organization and description, as well as the semantic and syntactic behavior of terminological units in one or various languages. Over the years this quest for a set of theoretical principles has led terminologists to ask themselves inter alia whether Terminology should be regarded as a branch of Philosophy, Sociology, Cognitive Science, or Linguistics (to name a few). (pág.109)

Quando em 1930 Eugene Wüster lançou as bases para o que mais tarde passaria a ser conhecida como a Teoria Geral da Terminologia (TGT), a relação da terminologia com as ciências da linguagem, nomeadamente a linguística, não parecia relevante. Estando a TGT fortemente baseada em princípios e métodos onomasiol gicos, para Wüster e para a Escola de Viena o ponto fulcral era o conceito, a sua descrição formal e a sua representação ontológica (Cabré, 2003; Sageder, 2010; Campo, 2012). Sendo incontestável que o conceito é a base da terminologia, já a atribuição da denominação é entendida como uma mera colocação de etiquetas, minimizando-se todos os aspetos contextuais, pragmáticos e discursivos dos termos. A denominação («o termo») representaria um último passo no processo de classificação e categorização do conceito:

The main purpose of traditional terminology was to assign a new term to a new concept that appeared in a language. In the naming process, terminologists started from the concept, which they placed into a concept system, on the basis of which it had been defined before being named as a term (the onomasiological approach). (Sageder, 2010:125)

Wüster foi muito influenciado pelo estruturalismo por Saussure, nomeadamente ao separar a linguagem, como sistema, da língua, vista como um código usado na comunicação (Campo, 2012:52). Como Rey (1995) fez notar:

For current terminology, the fundamental opposition between concepts and terms too often appears as a dichotomy between thought and language. (pág.24)

Wüster considerou as causas da mudança linguística e o estudo diacrónico irrelevantes, interessando-lhe apenas a abordagem conceptual e meramente sincrónica. Verifica-se, nesta fase, uma preocupação normalizadora e prescritiva, em que a relação entre a denominação e o conceito tem de ser unívoca e toda a polissemia tem de ser eliminada. Nesta linha de ideias, a criação de denominações tornar-se-ia um ato controlado, consciente, ao invés do que ocorre na “língua geral” sobre a qual o linguista não tem controlo algum. A realidade, porém, é bastante diferente. Não apenas, como vimos anteriormente, os contextos pragmáticos são extremamente diversificados, como em discurso especializado não obstante as tentativas normalizadoras, a variação continua teimosamente em aparecer. Como comenta Picton (2009), referindo-se a Wüster:

L'évolution n'est considérée ici que dans la mesure où les variations qu'elle entraîne sont indésirables et doivent être normalisées; la normalisation terminologique permet également de créer les nouveaux termes, considérant ainsi que «centraliser la création des termes assure dès le début leur unité». L'évolution est considérée ici comme un moyen conscient de normaliser la terminologie à la source. (pág.39)

Esta perspetiva separou a terminologia da linguística e limitou a terminologia a uma perspetiva sincrónica, prescritiva e a uma preocupação essencialmente normalizadora. Nestes termos, a

normalização seria possível (e altamente desejável) uma vez que se aceita que é possível separar os processos cognitivos dos linguísticos. O foco no conceito, assumido como universal, permitiria a geração de terminologias internacionais, precisas e livres da ambiguidade gerada pela denominação linguística. Porém, os conceitos são dinâmicos e não são universais. Mais, são fortemente influenciados por questões culturais, dependendo da conceptualização associada a cada língua, cultura ou grupo profissional, e das particularidades pragmáticas discursivas. Como Cabré (2003) observa:

(...) if we observe terminological data in their natural environment in discourse, with variations according to the different functional registers of specialised communication, the data are less systematic, less unambiguous, less universal than the others. The reason for this is obvious: in written and spoken specialised discourse, terms are a means of expression and communication and according to these two variables the discourse will be marked by redundancy, conceptual and synonymic variation and, in addition, permit the observation that there is not always a perfect equivalence between languages. (pág.178)

Face à existência de variação no discurso especializado e perante a complexidade da comunicação especializada, outras abordagens começaram a colocar em causa alguns fundamentos da TGT.

2.3.2. Socioterminologia e terminologia cultural

Segundo Campo (2012), a vaga de críticos começou por volta de 1990, muito por via de académicos ligados à sociolinguística, que consideraram os pressupostos da TGT como simplistas e ignorando as questões sociais, como explica Gaudin (2005)

(...) la socioterminologie se fixe comme objet l'étude de la circulation des termes en synchronie et en diachronie, ce qui inclut l'analyse et la modélisation des significations et des conceptualisations. Elle possède une dimension sociocritique, comme toute sémantique du discours, dans la mesure où elle relie la production de sens des termes avec les conditions de leur apparition. (pág.82)

Rejeitando os pressupostos de padronização (ou normalização) sobre a língua natural almejados pela TGT, a socioterminologia segue os princípios da sociolinguística, baseados sobretudo em critérios culturais, étnicos e sociais. A polissemia e a sinonímia são encaradas como resultado do uso dos termos pelos seus utilizadores e a noção da denominação do termo como mera etiqueta do conceito é contestada:

La circulation des termes est envisagée sous l'angle de la diversité de leurs usages sociaux, ce qui englobe à la fois l'étude des conditions de circulation et d'appropriation des termes, envisagés comme des signes linguistiques, et non comme des étiquettes de concepts. (Gaudin, 2005)

Os contextos sociolinguísticos e comunicativos e as relações extralinguísticas que se estabelecem dentro de uma comunidade discursiva passam assim a ter um papel fundamental para compreender o que motiva a escolher ou usar determinado termo (ou a sua denominação), como faz notar Conceição (1998):

Os termos fazem parte de sistemas estruturados, que são as terminologias, pelo que são também unidades do conjunto de conhecimentos / saberes de um domínio técnico-científico ou área de atividade socioprofissional.(pág.2)

Neste sentido, as diferentes esferas profissionais são vistas como intervenientes ativos na terminologia do domínio, o resultado da manifestação dos contextos sociais ou culturais de utilização dos termos em discurso. A variação é encarada como um fator relevante para o conhecimento da evolução dos termos e respetivas conceptualizações, uma vez que nesta perspetiva nem os conceitos, nem as denominações são estáticos. Como tal, autores como Conceição, contestam que o trabalho terminológico se foque unicamente nos termos sem integrar a influência de fatores extralinguísticos (Conceição, 2005):

Le travail terminologique, partant de textes techniques et/ou scientifiques représentatifs de processus communicatifs, ne peut se limiter seulement à un travail sur le résultat final que sont les termes dans leur contexte intra-textuel même si, dans la réalité de la communication, les significations des unités lexicales et terminologiques se construisent aussi en discours. Il faut aussi

tenir compte des situations communicatives, en étudiant les particularités extralinguistiques. (pág.34)

Este ponto parece-nos relevante quando o objetivo do trabalho terminológico for precisamente a variação e o dinamismo do domínio: o levantamento dos contextos comunicativos, como veremos em 2.3, os fatores extralinguísticos e as comunidades discursivas, como sociedades humanas, passam a integrar o trabalho terminológico.

Na esteira de Gaudin, e da socioterminologia, Diki-Kidiri (2000) desenvolve a sua terminologia cultural, outra abordagem de cariz sociolinguístico, em que o contexto fatores sociocultural ganha ainda maior peso. Segundo Diki-Kidiri, a cultura é um elemento fundamental na relação entre o ser humano e a realidade, condicionando a sua visão do mundo e o processo de categorização e de apreensão da realidade:

(...) chaque fois que l'homme est confronté à une réalité nouvelle quelle qu'elle soit, il va spontanément rechercher dans les archives de sa culture les archétypes référentiels qui lui permettront a priori d'interpréter cette nouveauté. S'il y parvient, il aura intégré une nouvelle réalité à sa base d'expériences et de connaissances. S'il n'y parvient pas, sa rencontre avec cette nouveauté est déjà en soi une nouvelle expérience qui sera archivée et la réalité nouvelle sera quand même rangée dans le «casier» des curiosités extérieures à la cohérence interne de la culture. (pág.28)

Estas abordagens de cariz sociolinguístico defendem assim uma integração de fatores de ordem intralinguística, mas principalmente extralinguísticos, que podem ter influência na análise da terminologia de um domínio. Não se trata, de todo, de rejeitar a base conceptual da terminologia, mas, em nossa opinião, de integrar a vertente cognitiva com a língua, com fatores extralinguísticos e até mesmo comunicativos, como defendido por Cabré (1999). Trata-se de pôr em causa a fronteira entre cognição e linguagem, defendida pela TGT. Na perspetiva teórica que abordaremos seguidamente (2.5) iremos discutir quão ténue é essa fronteira, e mesmo se ela existe.

2.3.3. Abordagens cognitivas e comunicativas

Nos finais da década de 70, a linguística cognitiva começa a abordar a linguagem humana e as línguas como uma forma de conhecimento que tem por base a experiência do mundo. Entre outros postulados, a linguística cognitiva opõe-se à visão estruturalista e generativista que encaram a linguagem como um sistema autónomo:

As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autónomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. (Soares da Silva, 1997:2)

Segundo o mesmo autor, a teoria generativista, desenvolvida por Noam Chomsky e que tem sido um dos mais importantes paradigmas linguísticos das últimas décadas, pode ser considerada uma teoria cognitiva uma vez que:

(...) o seu objeto de investigação é a linguagem como "sistema de conhecimento", como faculdade mental; também ela procura estudar as estruturas mentais que constituem o conhecimento e também ela reconhece que não pode haver conhecimento sem a existência de uma representação mental, mediadora na relação epistemológica entre sujeito e objeto. (pág.61)

Porém, a questão fulcral do generativismo, postulando a linguagem como uma componente autónoma da mente, com características específicas e independentes de outras faculdades cognitivas, implica assumir que o conhecimento linguístico é independente de outros tipos de conhecimento. Ao sentido contrário, as teorias cognitivas encaram a linguagem como um fenómeno cognitivo e as estruturas linguísticas, um reflexo das estruturas conceptuais. Algumas das características estruturais da categorização linguística (estrutura prototípica, polissemia, metáfora e imagens mentais), a base pragmática ligada à experiência da utilização real da língua e a sua relação com o pensamento acabaram por dar suporte a várias teorias da terminologia.

A abordagem cognitiva na terminologia tem em Sager (1990) e Kageura (1999) dois dos seus principais percursos. Estes autores

propõem uma representação do conhecimento especializado através de modelos de organização conceptual dinâmicos, constituídos por diferentes classes de categorização, flexíveis e adaptáveis à evolução do conhecimento. Por seu turno, Conceição (2005) apresenta também uma proposta de um modelo cognitivo das unidades terminológicas com base nos princípios da socioterminologia. Desta forma, abordagens cognitivas como a desenvolvida por Rita Temmerman, a abordagem sociocognitiva, encontram também suporte na linguística cognitiva, nomeadamente na organização dos conceitos através de modelos cognitivos idealizados e na estruturação prototípica das categorias conceptuais (Temmerman, 2000; Temmerman, Brussel, Kerremans, & Brussel, 2005). O *termo*, ou a unidade terminológica, na aceção de Temmerman (2000), passa a ser entendido como *unidade de compreensão*. A autora reconhece o importante papel da relação entre as estruturas cognitivas e o potencial criativo da língua e, por consequência, não descarta a importância da variação terminológica resultante em discurso especializado e em vários ambientes e contextos comunicativos

No entanto, um dos aspetos significativos introduzidos por Temmerman (2000) foi o estudo da diacronia em discurso especializado. O estudo diacrónico é visto pela autora como uma forma de compreender a criação e evolução das categorias cognitivas, e, consequentemente, da alteração do significado dos termos, e os processos de denominação e de categorização. Interessa-lhe não só o significado dos termos, mas também a sua evolução cronológica, a sua utilização por diferentes grupos e em diferentes contextos, e a motivação que origina a formação de novos termos, como expresso pelo quinto princípio da abordagem sociocognitiva (Temmerman, 2000):

a) Units of understanding are constantly evolving. The historical periods in their evolution may be more or less essential for the understanding of a unit.

b) Cognitive models (e.g., metaphorical ICMs) play a role in the development of new ideas which implies that terms are motivated.
(pág.227)

Temmerman admite assim que a componente linguística de um termo, o signo linguístico, não é completamente arbitrária, podendo ter uma motivação subjacente e essa motivação pode estar na origem de algumas formas de variação terminológica. Posteriormente Fernández-Silva (2018), defende que a variação não como um resultado do acaso, mas sim como tendo motivações cognitivas e comunicativas:

(...) we believe that terminological variation is not “a random act of defiance or carelessness, but one which is well motivated and useful in expert discourse”. The thought that an author wishes to express may be slightly different from the meaning of the standardized (or most commonly used or best known) term to express the thought. (Temmerman, 2011:109)

O fator comunicativo, expresso já anteriormente por autores próximos à socioterminologia, esteve assim na base da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), desenvolvida por Cabré (1999, 2003). Esta teoria procurou conciliar não apenas a componente cognitiva do conhecimento especializado, mas também a componente linguística e comunicativa. Segundo a autora, as unidades terminológicas caracterizavam-se por possuírem uma estrutura multidimensional, multifacetada, ou seja, poliédrica (Cabré, 2003), sendo constituídas simultaneamente por:

- a) uma componente cognitiva, ou seja, o conceito;
- b) uma componente lexical, isto é, linguística;
- c) uma componente sociocomunicativa, ou seja, os discursos especializados no seio dos quais os termos são utilizados e produzidos.

Os termos são assim unidades de conhecimento especializado, multidimensionais, que abarcam o conceito e a denominação, cujo valor depende do contexto de utilização, contexto esse em que o papel dos utilizadores na forma como usam e alteram o termo deve ser considerado. A terminologia é encarada por Cabré, em linha com Rey (1995) como uma atividade interdisciplinar, que se realiza no seio de disciplinas como a linguística, as ciências cognitivas, a mediação linguística/comunicativa e, mais recentes, mas não menos importantes, as tecnologias da

informação. A unidade terminológica mantém a sua dimensão cognitiva e linguística, mas ganha uma importante dimensão comunicativa, uma vez que a transmissão da informação faz parte da própria génese das unidades lexicais especializadas. Desta forma, a TCT reconhece a complexidade da categorização e da estruturação conceptual, bem como o papel da variação cognitiva e denominativa na explicação de fenómenos de dinamismo terminológico e de variação, que surgem no plano linguístico e que são considerados inevitáveis, mesmo nos discursos especializados.

Numa aproximação da terminologia às ciências da linguagem, Cabré (2003) defende o suporte de uma teoria cognitiva, mas acaba por não se comprometer por nenhuma em concreto, sublinhando, porém, a importância dos fatores pragmáticos:

(...) only a cognitive and functional linguistic theory, i.e., a theory which, besides grammar, includes both semantics and pragmatics, is capable of describing the specificity of terminological units and, at the same time, their common elements with general lexical units. Besides, pragmatics is essential for explaining the activation of the terminological meaning of lexical units. (pág.190)

A TCT também foi, por sua vez, sujeita a algumas críticas, nomeadamente por parte de Faber (2009), no desenvolvimento da sua própria abordagem teórica baseada nos princípios dos traços semânticos proposto por Charles Fillmore (Faber, 2009). Faber tece algumas críticas à falta de posição de Cabré relativamente às ciências da linguagem, nomeadamente, devido à falta de clarificação, segundo Faber, no que respeita à forma como a TCT estrutura o conhecimento especializado e à representação imprecisa das relações conceptuais. Porém, em nossa opinião, talvez Cabré não se tenha comprometido com nenhuma teoria em particular porque apresenta uma proposta interdisciplinar que dificilmente se enquadraria num único paradigma linguístico, tendo em conta a multidimensionalidade do objeto de estudo.

A abordagem desenvolvida por Pamela Faber foi desenvolvida diretamente a partir da necessidade de estabelecer uma nova

metodologia na construção de recursos terminológicos de apoio à tradução. Faber (2009) baseia-se na constatação de que os modelos de representação e de organização prototípica nem sempre se ajustam à organização real dos conceitos, nem refletem o dinamismo dos processos de categorização:

(...) none of the representational formats described explicitly provides a place for syntagmatic data. Nor do they solve the question of how to determine either the relevant prototypical center or the psychologically real schematic meaning within a concept. (pág.123)

No modelo de representação do conhecimento especializado desenvolvido por Faber, segundo os princípios da semântica cognitiva de Fillmore, cada traço semântico é definido como um sistema de eventos, em que os conceitos estão relacionados entre si de tal forma que um único conceito consegue invocar todo o sistema:

In building a frame network, classification is involved since these networks are divided into domains, the domains into frames, and the frames can go through several levels of specificity by using hierarchical inheritance. (Faber, Márquez Linares, & Vega Expósito, 2005:5)

Desta forma, as redes conceituais têm por base um evento do domínio que gera os restantes modelos (ação e processos), organizados e estruturados conforme a sua função (Fernández-Silva, 2010). Segundo Faber (2009), dado que os processos de categorização são dinâmicos, a representação do conhecimento deve refletir também esse dinamismo. Os termos são, nesta abordagem, unidades de conhecimento especializado ativados no próprio texto, adquirindo, além da componente cognitiva, uma componente semântica e pragmática. A abordagem de Faber aceita a variação como uma das manifestações do dinamismo do domínio com consequências na terminologia. Faber consegue estabelecer uma ponte entre a TCT e a abordagem sociocognitiva, mas também não se compromete demasiado com as idiosincrasias pragmáticas dos contextos discursivos.

Por outro lado, as tecnologias da informação vieram permitir o desenvolvimento de ontologias que pudessem ser processadas e lidas por máquinas. Nesta nova etapa, outras abordagens foram recuperar os princípios onomasiológicos da TGT, em particular os princípios de univocidade e de universalidade dos conceitos. O melhor exemplo é constituído pela ontoterminologia, desenvolvida por Christophe Roche. O termo volta a ser representado pela denominação, ou palavras-chave, e o foco volta a estar colocado na definição de conceitos utilizando uma linguagem formal, padronizada e universal. Nas palavras de Roche:

A concept is an abstract entity independent of terms that designate it. Indexing on concepts enables information retrieval on the meaning of terms rather than on the terms themselves; i.e., on concepts not on keywords. Hence, multilingualism can be easily managed insofar users share the same conceptualization. It means that different terms in different languages can be attached to the same concept. Focusing is done on understanding of the domain, rather than on the way one speaks about it. (Roche, Damas, & Roche, 2014:3)

A ontoterminologia separa novamente o sistema conceptual e cognitivo dos processos linguísticos, o que parece aceitável se o objetivo for construir recursos para serem processados e lidos por máquinas. Porém, para um humano, por exemplo, um tradutor, os conceitos só podem ser detetados quando são verbalizados. Além disso, como já discutimos anteriormente, a conceptualização não é de todo universal nem cronologicamente estática, dependendo de variadíssimos contextos, nomeadamente sociais e culturais. Como refere (Fernández-Silva, 2010):

La teoría conceptual vigente hoy en día reconoce la variabilidad de los procesos de categorización, la multidimensionalidad de la estructuración conceptual y la configuración flexible del concepto. Puesto que las estructuras lingüísticas son un reflejo de las estructuras conceptuales, es lógico que la variabilidad conceptual se manifieste a través de la variación denominativa. (pág.56)

Podemos assim constatar que apesar de algumas das principais teorias e abordagens da terminologia se apoiarem em princípios das ciências da linguagem, nem todas abordam de forma abrangente as questões da variação, da polissemia, não enquadrando de uma forma

holística as respectivas causas, sendo os fenômenos de variação vistos pela perspectiva da teoria linguística adotada como paradigma.

As abordagens da socioterminologia e da terminologia cultural dão maior ênfase às questões e contextos culturais e sociais e, como consequência, conseguem demonstrar a impossibilidade da universalidade dos conceitos e a importância dos contextos comunicativos. Temmerman (2000), utilizando a linguística cognitiva como referência, discute a forma como os conceitos evoluem a nível cognitivo e como as denominações são motivadas por diferentes contextos de uso. Faber (2009) retoma a linha da linguística cognitiva e dos traços semânticos para enquadrar o dinamismo do conhecimento e dos discursos especializados na terminologia produzida. Cabré consegue, em grande parte, integrar estas diferentes perspectivas, dando maior relevância aos aspetos comunicativos, ao discurso, e às suas consequências para a variação.

Sendo assim, questionamos se não será também necessário compreender como cada domínio de conhecimento especializado está estruturado, não apenas em termos conceptuais, mas em termos discursivos e comunicativos: que interações as diferentes comunidades discursivas e os seus intervenientes estabelecem entre si e como contribuem para a dinâmica terminológica do domínio. É nesta interação discursiva que os termos se realizam através da verbalização. São comunicados e, graças a vários fatores de ordem intra e extralinguísticos, alterados. Nesta perspectiva, ganha relevância compreender a forma como a transferência dos saberes em discurso é realizada e as alterações que as unidades terminológicas, como unidades de partilha e transmissão do conhecimento, sofrem nesse processo, dando origem aos diferentes fenômenos de variação terminológica.

2.4. Discurso especializado e contextos comunicativos

2.4.1. Caracterização do discurso especializado

Um dos objetivos da terminologia é a representação do conhecimento de um determinado domínio, ou esfera de atividade, recorrendo a unidades lexicais e que se realizam na praxis discursiva. Estas unidades lexicais possuem valor conceptual, o qual depende do utilizador, do domínio e do contexto, constituindo-se como *termos*, unidades terminológicas produzidas pelas comunidades de falantes associadas ao domínios e/ou áreas de atividade. As unidades terminológicas são utilizadas e partilhadas em discurso, em contextos correspondentes a áreas de conhecimento especializado. O produto desta atividade comunicativa constitui-se sob a forma de textos especializados. De notar que autores como Ciapuscio & Kuguel (2002) e Guantiva et al. (2008) consideram, em termos funcionais, texto e discurso como sinónimos, opinião que subscrevemos apenas no contexto prático de trabalho em *corpora*.

No discurso especializado, os termos surgem assim como representações linguísticas que refletem processos cognitivos de formação de conceitos e respetiva associação, manifestando a forma como o conhecimento de uma determinada comunidade está estruturado e como é comunicado pelos intervenientes num dado domínio ou esfera de atividade.

No âmbito da comunicação do conhecimento associado a domínios especializados tem sido frequentemente utilizado o termo *língua(s) de especialidade*, ou *língua(s) para fins específicos* LSP⁷. O uso de *língua de especialidade* prende-se com a perceção de que muitas estruturas e funcionalidades disponíveis numa dada língua são alteradas quando a língua é utilizada em determinados domínios de conhecimento e

⁷ LSP – Language for Special Purposes

contextos discursivos específicos, como referem Bowker & Pearson (2002):

LGP⁸ is the language that we use every day to talk about ordinary things in a variety of common situations. In contrast, LSP⁹ is the language that is used to discuss specialized fields of knowledge.
(pág.23)

Esta definição gera uma conceção que parece isolar totalmente a *língua(s) de especialidade* da língua geral, como que remetendo para uma língua à parte, com características gramaticais independentes um e vocabulário próprio. Cabré (1993), por seu turno, refere os fatores pragmáticos (a situação comunicativa, a temática, os seus intervenientes, o meio, ou o tipo de intercâmbio) como os principais aspetos que definem a chamada *língua* de especialidade:

Un lenguaje de especialidad es, desde una óptica pragmática, un conjunto de posibilidades determinadas por los elementos que intervienen en cada acto de comunicación: los interlocutores (emisores y destinatarios, con todo el conjunto de características que les son propias), las circunstancias comunicativas, y los propósitos o intenciones que se propone el acto de comunicación.
(Cabré, 1993:129)

Ainda segundo a autora, a diferenciação entre unidades terminológicas e lexicais não é possível realizar-se no plano morfológico, fonológico ou mesmo sintático, sendo essa distinção possível a nível semântico e pragmático (Cabré, 2003:129), o que tem consequências na distinção entre unidade lexical e unidade terminológica. Cabré utiliza *discurso especializado* para se referir ao ambiente natural das unidades terminológicas, unidades caracterizadas pela sua forma (linguística), conteúdo (conceito) e pelas situações comunicativas (discursivas) em que são utilizadas e verbalizadas (comunicação):

(...) for a linguistic conception the object of knowledge are the terminological units conceived as indivisible combinations of form and content. Thus, the content is associated to the form and

⁸ LGP – Language for General Purposes

⁹ Segundo Bowker & Pearson (2002:25), (...) *LSP is the language that is used to discuss specialized fields of knowledge. It is actually more accurate to talk about LSP in the plural (i.e. languages for special purposes) since different LSPs are used to describe different areas of specialized knowledge.*

therefore the units not only designate but they also mean with all the cognitive consequences of their meaning. These units, defined as combinations of linguistic, viz. structural, categorical, semantic and syntactic conditions appear in specialised discourse. (Cabré, 2003:186)

Já autores como Conceição (2005) optam por integrar as chamadas línguas de especialidade, ou línguas para fins específicos, no seio da língua geral, onde recorrem a recursos específicos destas, nomeadamente, a recursos discursivos que lhes conferem características muito próprias, nomeadamente a nível estrutural e terminológico:

Nous considérons la langue de spécialité comme l'ensemble des actualisations discursives, dans des contextes spécifiques, des unités linguistiques d'une langue naturelle qui caractérisent la communication dans un domaine ou dans une sphère d'activité. Cette conception nous permet de rendre compte du caractère évolutif et dynamique des données terminologiques. (pág. 44-45)

Desta forma, os critérios pragmáticos são um elemento fundamental na identificação de uma unidade terminológica, mas não o único. A nível linguístico e textual, uma unidade terminológica apresenta características em tudo semelhantes a qualquer outra unidade lexical: uma forma fonológica e gráfica, uma estrutura morfológica variável (simples ou complexa), uma classe gramatical e um significado a nível semântico. No entanto, os termos apresentam ainda valor conceptual e cognitivo para os seus utilizadores, refletindo, através das relações conceptuais que estabelecem entre si, a forma como o conhecimento do domínio está estruturado. Esse conhecimento manifesta-se durante o ato comunicativo, quando os intervenientes de uma determinada área partilham as suas experiências sobre essa mesma área, colocando de novo o critério pragmático no centro da atenção e na forma como os termos são utilizados, e mesmo alterados, no decorrer do discurso.

Assim, a distinção entre discurso especializado e língua, no sentido geral, é estabelecida a nível pragmático, graças a uma maior frequência no uso de determinadas regras e convenções específicas da língua, utilizando recursos já existentes dessa mesma língua e não numa língua à parte (Conceição, 1998).. Vários autores (Ciapuscio & Kuguel, 2002;

Guantiva et al., 2008; Gotti, 2011) subscrevem igualmente o uso de *discurso especializado* em detrimento de *língua de especialidade* (ou LSP). De modo geral, considera-se que o primeiro reflete melhor a forma como a língua é utilizada no contexto comunicativo de uma comunidade especializada, não como um sistema (ou subsistema) autónomo dentro da própria língua, mas sim como uma variante dentro do próprio sistema linguístico, cujas características dependem fortemente de fatores sociolinguísticos e culturais. Esta é também a nossa posição, justificando assim escolha de discurso especializado.

Como definir então o discurso especializado e que características apresenta? Considera-se que o discurso especializado é um processo comunicativo que ocorre em condições ou contextos específicos, com o propósito de transmitir e/ou partilhar conhecimento especializado e que são regidos por critérios como a temática, a situação em que o discurso ocorre e pelos próprios intervenientes (Cabré, 2002:6). Estes contextos comunicativos podem assim ser tão diversificados quanto o são as áreas do conhecimento e o ambiente sociolinguístico de produção, combinando-se em produtos linguísticos (textos) que pretendem, tanto quanto possível, representar a diversidade e a estrutura de um determinado domínio ou esfera de atividade. Segundo Guantiva et al. (2008:21) a representação é condicionada por fatores como a temática, o tipo de intervenientes no discurso e o tipo de contexto comunicativa (o registo). A estes fatores de ordem social, pragmática, cultural, Ciapuscio & Kuguel (2002), na sua definição de texto especializado (que conforme referimos anteriormente, consideram texto e discurso sinónimos funcionais) referem ainda fatores de ordem diacrónica:

Definimos los textos especializados como productos predominantemente verbales de registros comunicativos específicos, que se refieren a temáticas propias de un dominio de especialidad, y que responden a convenciones y tradiciones retóricas específicas; por lo tanto, en dependencia del tipo de disciplina pueden ser más o menos dependientes de la cultura y la época dada. (pág.6)

Gotti (2011:23-24) chama a atenção para que os fatores que permitem que determinadas formas de discurso sejam consideradas especializadas, isto é o tipo de utilizador, entendido como o *especialista* do domínio, o domínio e a forma como a língua é utilizada (a situação ou contexto comunicativo) devem estar todos presentes no discurso, admitindo, porém, graus variáveis em cada um deles, como se verá na tipologia proposta:

This perspective stresses both the type of user and the domain of use, as well as the special application of language in that setting. For specialised discourse to develop all three of these factors need to be present. (pág.24)

Assim, apesar das combinatórias possíveis entre os diferentes fatores, é minimamente consensual que o discurso especializado pode ser caracterizado pela presença de determinadas propriedades. (Bowker & Pearson, 2002:27) referem como elementos distintivos das LSP, ou discurso especializado, o vocabulário especializado, que interpretamos como a terminologia, as colocações e os recursos estilísticos. Gotti (2011:29), com base no trabalho de Hoffman (1984:29), enumera onze critérios de utilização da língua que permitem classificar o discurso como especializado:

1. Exatidão, simplificação e clareza
2. Objetividade
3. Nível de abstração
4. Generalização
5. Densidade da informação
6. Concisão
7. Neutralidade emocional
8. Desambiguidade
9. Impessoalidade
10. Consistência lógica
11. Uso de termos técnicos, símbolos e números

No entanto, admite, existe um potencial gerador de conflitos entre alguns destes critérios, nomeadamente a necessidade da ocorrência simultânea de clareza e de simplificação, bem como a eliminação/redução

da ambiguidade, que poderá criar dificuldades no momento de garantir a concisão e o nível de abstração (Gotti, 2011:30). Tendo em conta estes conflitos, e talvez procurando uma abordagem mais abrangente, Gotti refere os três critérios de caracterização do discurso especializado propostos por Sager, Dungworth e McDonald¹⁰, mais precisamente economia, precisão e adequação. Estes, refere, são considerados independentes entre si, mas dependem do contexto comunicativo, ou seja, são critérios que resultam das decisões e escolhas dos utilizadores dentro desse contexto. A adequação à situação discursiva torna-se assim um fator decisivo para resolver, a nível da situação comunicativa, os eventuais conflitos. Não obstante, o autor reconhece que estes critérios de definição dos discursos especializados são também eles insuficientes, apesar da maior valorização dos critérios pragmáticos em termos de comunicação especializada. No entanto, a dificuldade que parece existir na definição dos limites destes fatores, leva-nos a perguntar onde está, de facto, a fronteira em que começa e acaba o discurso especializado.

Na perspetiva da comunicação especializada, (Cabré, 2002) considera que qualquer análise de caracterização do texto especializado deverá partir dos fatores que condicionam o discurso, o ato discursivo em si, ou seja: os produtores textuais e seus destinatários (caraterísticas e papéis desempenhados), a organização das estruturas dos textos (particularidades estilísticas e sintáticas) e as unidades lexicais especializadas, os termos, que surgem no discurso produzido pelos próprios especialistas ou por mediadores (Cabré & Estopà, 2005:2). O papel dos produtores do discurso, ou seja, dos intervenientes, aparece novamente como um denominador comum nas etapas de caraterização do discurso especializado.

Em relação às estruturas presentes no texto especializado, quer oral quer escrito, (Cabré & Estopà, 2005:2) consideram que os mesmos são o resultado da conjunção de três tipos de estruturas, intimamente

¹⁰ Em Sager, J. C, Dungworth, D., & McDonald, P. F. (1980). *English special languages: principles and practice in science and technology*. Wiesbaden: Brandstetter.

ligadas entre si, permitindo, com maior ou menor densidade, a presença de unidades terminológicas, ou seja, unidades de conhecimento especializado:

- i. Uma estrutura formal, dependente do género e tipologia textual
- ii. Uma estrutura informativa, a que as autoras atribuem as propriedades cognitivas, representando o conhecimento que o texto é suposto transmitir
- iii. É uma estrutura gramatical, que depende da interrelação das diferentes estruturas linguísticas (textuais, sintáticas, morfológicas, lexicais, semânticas) que compõem o texto.

Como resultado das condições de produção, o texto especializado pode ser reconhecido por dois tipos de características (Cabré, 2002:13): a nível textual, em que apresenta, ou deve apresentar, uma maior precisão, concisão e sistematização; e a nível gramatical, em termos da presença de unidades lexicais especializadas, isto é, a terminologia sobre o domínio de trabalho. No entanto, (Cabré, 2002:14) faz notar que a presença destas características deverá ser vista como uma tendência dos textos e discursos especializados e não como uma condição obrigatória, tendo em atenção a heterogeneidade e variação existente, mesmo dentro da mesma temática. É precisamente neste ponto que questionamos se sendo as características do discurso especializado indicadas por Cabré, não uma condição obrigatória e sim uma tendência, se outro tipo de discursos considerados até aqui não especializados e, mais ainda, os seus produtores, não deveriam ser estudados como tal pela terminologia. Que tipologias discursivas poderemos então encontrar que nos permita abrir o leque dos chamados especialistas é o que iremos analisar a seguir.

2.4.2. Tipologias do discurso especializado

A variabilidade entre os fatores que caracterizam o discurso especializado levou ao surgimento de várias tipologias de classificação

(Loffler-Laurian, 1983; Bowker & Pearson, 2002; Ciapuscio & Kuguel, 2002; Gotti, 2011), apresentadas como tentativas de organizar e enquadrar o discurso especializado, originado em comunidades de especialistas consideradas relevantes para a terminologia. A classificação é tipicamente feita com base na variedade do grau de especialização: do mais especializado (maior precisão, concisão, sistematização e maior densidade da terminologia específica da área) para o menos especializado.

O trabalho de Hoffman (1987), referido por Cabré (2002), tem sido uma das tipologias utilizadas na classificação do discurso especializado. Nesta tipologia aceita-se a existência de níveis de especialização que estratificam o discurso especializado de um nível mais baixo (muito baixo) de especialização ao mais elevado (muito elevado). A tipologia é feita com base em quatro variáveis fatores: o nível de abstração, os recursos linguísticos e semióticos utilizados, os contextos (ou âmbitos) discursivos (domínios científicos e/ou muito técnicos ao público em geral) e, por último, os intervenientes na comunicação, como reproduzimos na Figura 1:

	<i>Nível de abstracción</i>	<i>Forma lingüística</i>	<i>Ámbito</i>	<i>Participantes en la comunicación</i>
A	Más elevado	símbolos artificiales para elementos y relaciones	Ciencias fundamentales teóricas	científico $\Leftrightarrow$ científico
B	Muy elevado	símbolos artificiales para elementos; lenguaje general para las relaciones (sintaxis)	Ciencias experimentales	científico (técnico) $\Leftrightarrow$ científico (técnico)
C	Elevado	lenguaje natural con terminología especializada y sintaxis muy controlada	Ciencias aplicadas y técnica	científico (técnico) $\Leftrightarrow$ directores científico-técnicos de la producción material
D	Bajo	lenguaje natural con terminología especializada y sintaxis relativamente libre	Producción material	directores científico-técnicos de la producción material $\Leftrightarrow$ maestros $\Leftrightarrow$ trabajadores especializados
E	Muy bajo	lenguaje natural con algunos términos especializados y sintaxis libre	Consumo	representantes del comercio $\Leftrightarrow$ consumidores $\Leftrightarrow$ consumidores

Figura 1 - Caracterização vertical dos textos especializados segundo Hoffman (Cabré, 2002:13)

Por sua vez, a tipologia proposta por Loffler-Laurian (Conceição, 2005) coloca o foco em esferas de atividade científicas e técnicas, ou em atividades profissionais que permitem tornar os conteúdos do discurso

técnico-científico especializados acessíveis a um público mais vasto, como nas práticas de divulgação científica para públicos leigos. A tipologia de Loffler-Laurian (Delavigne, 2003), baseada nos princípios da comunicação de Jakobson (natureza do emissor, natureza do recetor e tipo de meio de difusão da mensagem), inclui seis categorias para o discurso científico e os discursos de semivulgarização e vulgarização científica:

- i. discurso científico especializado;
- ii. discurso de semivulgarização científica;
- iii. discurso de vulgarização científica;
- iv. discurso científico-pedagógico;
- v. discurso de tipo monografia, tese;
- vi. discurso científico oficial

Esta classificação cria uma tipologia discursiva própria, que enquadra o discurso de vulgarização científica, mas que segundo Delavigne (2003:3) gera uma distinção demasiado contrastiva, com fronteiras demasiado vincadas. Esta autora assume também que o *especialista* nem sempre recorre às estruturas do discurso científico especializado, principalmente se o contexto discursivo não estiver exclusivamente centrado na comunicação entre pares, ou seja, entre categorias profissionais equiparadas. Nesse caso, do discurso de semivulgarização e de vulgarização, estamos então perante um discurso *sobre* a especialidade que tanto pode ter objetivos pedagógicos (por exemplo, a interação professor e aluno), como também objetivos de divulgação científica e de mediação cultural.

Tendo a tipologia de Loffler-Laurian sido pensada para o discurso especializado científico, depreende-se que os seus produtores, os especialistas, pertencem à esfera académica, não obstante o facto de nem sempre se dirigirem a um público dentro da academia. Remígio Oliveira (2010) chama a atenção para o facto de que a diferenciação entre discurso especializado, de semivulgarização e de vulgarização poder ser feita

através de quem os produz (os emissores) e de quem os recebe (recetores), referindo-se ao trabalho de Loffler-Laurian, ao afirmar que:

As diferenças mais marcantes que levam Loffler-Laurian a distinguir entre o discurso de semivulgarização científica e o de vulgarização científica recaem sobre a natureza dos emissores e dos recetores da mensagem, ou seja, enquanto no primeiro discurso o emissor é o especialista e o recetor é um público de nível de formação universitária, no segundo, o emissor é o jornalista e o recetor é o público em geral. (pág.240)

Gotti (2011:25) corrobora que a mera presença de um especialista não é suficiente para garantir o uso especializado da língua e que este uso não se limita à comunicação entre pares. Em linha com Loffler-Laurian, admite situações em que o especialista, embora aborde um tópico da sua atividade, não está a comunicar com os seus pares, o que resulta em contextos comunicativos distintos. O autor distingue então três situações diferentes:

- i. a comunicação entre especialistas, ou seja, entre pares, sobre tópicos da área em questão;
- ii. a comunicação de especialista para o não-especialista (na aceção de aprendente) com fins educativos e formativos;
- iii. por último, entre o especialista e o leigo, para efeitos de divulgação dos tópicos especializados a um público mais vasto.

Esta classificação dos discursos especializados coincide com a anteriormente apresentada por Bowker & Pearson (2002). Estes autores reconhecem que o facto de os especialistas terem diferentes níveis de especialização resulta na existência de diferentes níveis de comunicação no discurso especializado (entendido como LSP). Esta classificação apresenta três graus de estratificação:

- i. do especialista para o especialista
- ii. do especialista para o semiespecialista
- iii. do especialista para o não especialista, ou seja, o leigo

Também nesta classificação, os autores consideram existir um uso decrescente de termos e um recurso cada vez maior de léxico comum, principalmente na comunicação entre especialistas e não especialistas.

Refere-se também, na comunicação entre especialistas, uma maior presença de fraseologia específica e uma menor necessidade de fornecer explicações ao recetor, uma vez que se parte do princípio de que, entre especialistas, há um domínio e controlo conceptual da temática. No nível intermédio (especialista para semiespecialista), os autores incluem as situações comunicativas existentes entre os especialistas e os aprendentes. Neste nível, a terminologia técnico-científica vem muitas vezes acompanhada de reformulações com vista a providenciar uma explicação mais cabal, como sejam os casos dos manuais pedagógicos.

Cabré (2002:12) e Guantiva et al. (2008:21) referem-se a estas tipologias de classificação como variação vertical, uma vez que conduz a uma hierarquia determinada pelo grau de especialização e pela densidade terminológica. Guantiva et al. (2008) consideram mesmo ser o léxico especializado o elemento fundamental nesta tipologia de classificação vertical:

Este uso específico de léxico especializado permite la precisión en el lenguaje a partir del perfeccionamiento del conocimiento, lo que conlleva a establecer niveles de comunicación especializada, desde el plano concreto hasta el abstracto, desde el plano particular hasta el general. (pág.23)

No entanto, algumas questões se colocam a estas tipologias hierarquizadas «verticalmente». Remígio Oliveira (2010:231), por exemplo, levanta duas questões em relação aos níveis de Hoffman. Primeiro, coloca em questão a assunção da hierarquia como uma das condições obrigatórias para a definição dos níveis e que, segundo a autora, pode não necessariamente existir. Segundo, e este aspeto parece-nos ainda mais pertinente, a hierarquia vertical transmite uma ideia de uma comunicação demasiado hierarquizada em que os níveis adjacentes comunicam entre si, mas não com os níveis mais afastados da sua posição:

(...) ainda que a relação de comunicação estabelecida entre os intervenientes de cada nível seja bidireccional, esta hierarquização não permite a comunicação entre estratos mais distantes, ao não prever que o cientista possa comunicar com o consumidor, como

ocorre no caso da divulgação científica, por exemplo. (Remígio Oliveira, 2010:232)

Tal como Remígio Oliveira (2010) faz notar, as chamadas tipologias verticais, como propostas por Hoffman, além de criarem hierarquias na organização do domínio, criam a noção de que não há interação entre os chamados extremos. Por outro lado, a variação vertical conjuga-se com uma variação horizontal dos textos especializados, a qual corresponderá à temática (Cabré, 2002:12; Guantiva et al., 2008:23). No entanto, também não nos parece estar bem claro a forma como esta hierarquização temática é estruturada, nem que critérios são aplicáveis nesta proposta de classificação. (Gotti, 2011:21) faz igualmente referência a uma tipologia hierarquizada do discurso de especialidade, utilizando mesmo a imagem de um sistema de coordenadas onde o eixo horizontal representa aqui o domínio em causa e o eixo vertical representa o nível social do discurso, em termos de grau de formalidade ou estilo funcional. Dá como exemplos o discurso económico ou o médico, mas, tão pouco, refere que posição hierárquica deverão os mesmos ocupar nem como justificaria a sua colocação num hipotético eixo. Em relação a este aspeto, já Cabré (2002) tinha referido que a temática poderia indicar apenas uma maior probabilidade de estramos perante um discurso especializado, reconhecendo alguma dificuldade na aplicação deste critério e apenas acrescenta:

Este criterio sin embargo no siempre ha sido fácil de aplicar a los textos especializados, sobre todo cuando el concepto de especialidad se ha ampliado y ha sobrepasado la frontera estricta de las disciplinas científico-técnicas de tradición social consolidada. (pág.12-13)

A dificuldade em estruturar o hipotético eixo temático é discutida posteriormente por Remígio Oliveira (2010:229) e Rodriguez-Tapiá (2018:42). Estes autores apontam como principais razões os limites pouco nítidos entre os diferentes domínios ou esferas de atividade e a sobreposição que muitas vezes se verifica, bem como a interdisciplinaridade existente entre grande parte das áreas de conhecimento e esferas de atividade atuais. Questionamos assim a

utilidade de uma tal estratificação com base na temática. Que temáticas (que entendemos como domínios ou esferas de atividade) e com que critérios se situam na base e no topo desta hierarquia? E porquê? Acaso um domínio como a engenharia aeroespacial deverá ser colocado numa posição superior (ou inferior) em relação, por exemplo, à engenharia alimentar, sendo assim classificado como «mais especializado»?

Não obstante, e antes dos trabalhos de Remígio Oliveira e Rodriguez-Tapiá, outras abordagens ao discurso especializado, seguindo perspetivas funcionalistas, cognitivas e comunicativas foram propostas, tendo em conta a complexidade do objeto texto enquanto sistema e em que coexistem diferentes níveis e dimensões. De referir Ciapuscio & Kuguel (2002:41-42) que propõem uma outra tipologia de classificação, multinível e multidimensional, que cobre diversas vertentes do texto especializado, numa abordagem que, segundo os autores, é cognitiva e comunicativa. Esta abordagem modular pretende permitir uma maior flexibilidade e adaptação a mudanças na análise dos textos, ou seja, um melhor reconhecimento da dinâmica terminológica e da evolução do conhecimento, sendo constituída por quatro níveis (Ciapuscio & Kuguel, 2002:43-45):

- i. Funções do texto: perspetiva da função desempenhada pelo texto (expressão, contacto, informação, orientação) no âmbito da interação social, admitindo zonas de transição e, como consequência, uma classificação dos textos como mono ou plurifuncionais;
- ii. Situacional: inclui fatores ambientais (tempo e espaço), mas também o conhecimento e a competência sobre o contexto comunicativo, institucional, social; caracterização dos interlocutores e relações entre estes, bem como número de intervenientes;
- iii. Conteúdo semântico: seleção e disposição dos temas (informação semântica); perspetiva sobre o tema (abordagem do tema do texto, ou seja, abordagem teórica, didática, divulgativa, etc.)
- iv. Nível formal: normas estilísticas; aspetos gramaticais, como os recursos sintáticos e lexicais, nomeadamente a terminologia (relevância e densidade)

Ciapuscio & Kuguel (2002) consideram que esta proposta permite uma melhor distinção, mais granular, a nível textual e linguístico dos diferentes níveis, ou melhor, vertentes, do texto especializado e que permitem determinar de forma fundamentada a relevância de determinados textos como objetos de estudo, tendo em vista a sua função e o objetivo do estudo conduzido sobre os mesmos. Realçam a sua aplicação prática na seleção e compilação de material para a constituição de corpora, tendo em mente, além de aplicações linguístico-discursivas, estudos terminológicos:

(...) ofrece criterios sólidos para la clasificación y el marcaje de textos de vaciado de modo de postular relaciones específicas entre fenómenos ligados a las unidades léxicas especializadas –la variación denominativa, la variación conceptual, la frecuencia de fraseología y la presencia de reformulación– y el grado de especialización del texto en que estos ocurren. (Ciapuscio & Kuguel, 2002:51)

Rodríguez-Tapia (2016) apresenta posteriormente uma proposta de tipologia com finalidade de análise do texto especializado, partindo da proposta de Ciapuscio & Kuguel e dos fundamentos teóricos da teoria comunicativa de Cabré. A tipologia de Rodríguez-Tapia permite uma granularidade maior em termos de análise, em particular se pensarmos na estruturação em tipologias discursivas dos *corpora*. Assenta em dois grandes blocos: a estrutura textual e as condições discursivas (Figura 2; Figura 3). No primeiro bloco, o autor inclui dois planos: semântico e formal. No plano semântico analisa critérios como a temática, a perspetiva conceptual, a precisão, ambiguidade, a variação conceptual e a desteterminologização. No plano formal, inclui critérios linguísticos (sintaxe, aspetos estilísticos, gramaticais, textuais) e não linguísticos. Inclui também aqui os aspetos denominativos, lexicais e terminológicos (incluindo neologismos e símbolos alfanuméricos). Já nas condições discursivas considera um plano situacional, relacionado com o próprio meio transmissão (contexto científico-social e diafásico, diacrónico e com o papel social dos intervenientes), e um plano funcional (coincidente com as funções da linguagem de Jakobson).

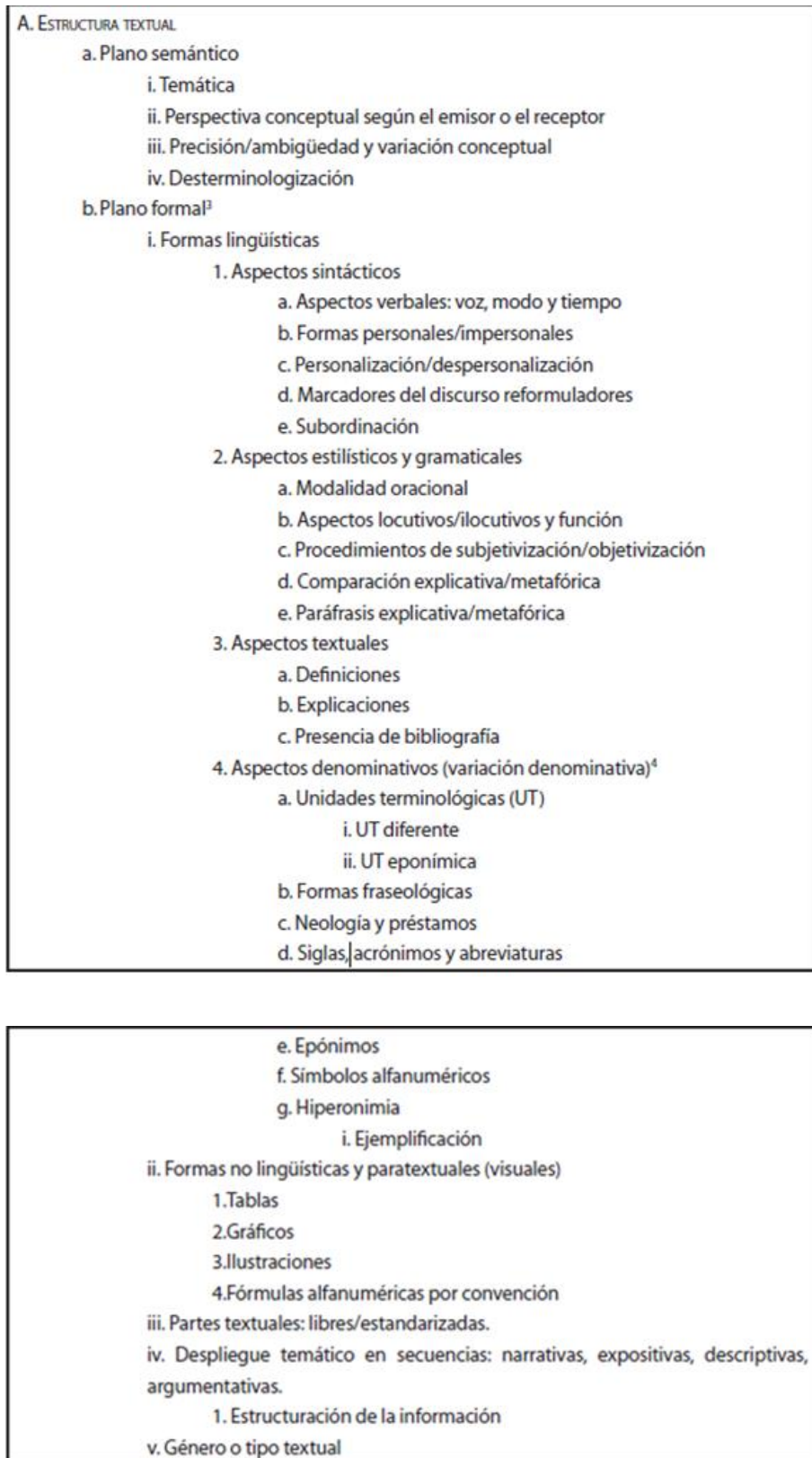


Figura 2 - Tipología para o texto especializado de Rodríguez-Tapiá (2016) - estructura textual

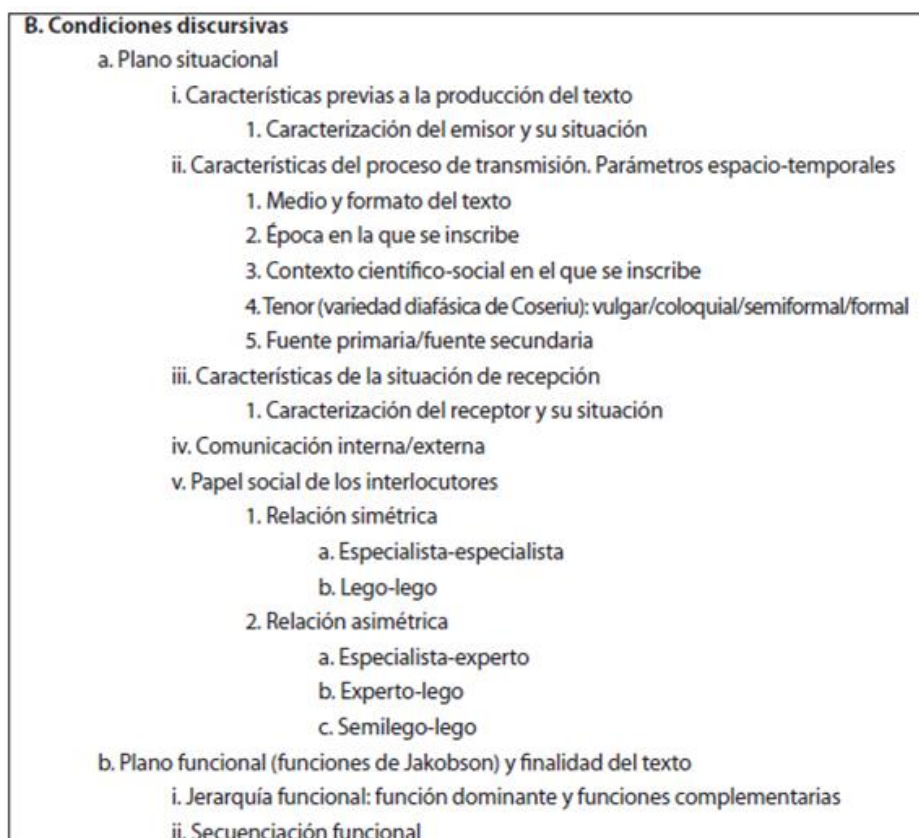


Figura 3 - Tipologia para o texto especializado de Rodríguez-Tapiá (2016) - condições discursivas

Tal como Ciapuscio & Kuguel, a proposta de Rodriguez-Tapia procura uma abordagem descritiva e não prescritiva, que disponibilize primeiramente uma ferramenta de análise qualitativa (linguística e terminológica), e posteriormente quantitativa, do texto como objeto de estudo:

No se pretende imponer una idea de clasificación, sino proponer una forma de análisis y clasificación desde la que observar el objeto de estudio: el triplete texto especializado-semiespecializado-divulgativo. (Rodriguez-Tapia 2016:996)

Não obstante, e à semelhança de Ciapuscio & Kuguel, a relação social referida que existe entre os interlocutores é realizada também por um critério vertical, diferenciando entre o critério da simetria (de especialista para especialista; de leigo para leigo) e da assimetria. Em

relação à assimetria entre os intervenientes, Rodriguez-Tapiá coloca entre o especialista e o leigo um outro nível. A este nível intermédio, o autor denomina «*experto*¹¹» (Rodriguez-Tapiá, 2016:1000). Posteriormente, altera a denominação para «*instruído*» (Rodriguez-Tapiá, 2018:48), em prol de uma maior transparência da denominação. Neste nível “intermédio”, o autor engloba quem domina a temática, porém, sem ter recebido formação académico-profissional na área em questão (Rodríguez-Tapia, 2016:1000, 2018:48) e dando como exemplo profissões de mediação comunicativa, como tradutores e jornalistas. Por comparação, o nível intermédio do discurso especializado, corresponde, na tipologia de (Bowker & Pearson, 2002), a uma situação comunicativa não de mediação, mas de formação, ou seja, do professor (como especialista) para o aluno (ou aprendiz).

Desta forma, teremos de realçar algumas características partilhadas por estas tipologias e que nos levantam algumas questões. Em primeiro lugar não incluem todas as esferas de atividade dos domínios estudados, limitando-se a alguns contextos discursivos, com especial ênfase às áreas técnicas e científicas. Segundo, a nível da classificação dos intervenientes apresentam, mesmo nas tipologias de Ciapuscio & Kuguel e Rodriguez-Tapia, uma hierarquia vertical. Esta estratificação, ou hierarquização, mais evidente no caso de Hoffman, transmite, como observado por Remígio Oliveira, a noção de que não existe comunicação entre os topos e as bases. Em terceiro lugar, se por um lado, as dificuldades na delimitação destas categorias de intervenientes são reconhecidas por autores como Ciapuscio & Kuguel, Rodriguez-Tapia e Cabré que preferem a noção de um *continuum*, o certo é que as propostas apresentadas estabelecem quase sempre linhas divisórias entre os supostos níveis, ou dicotomias definidas em maior ou menor grau. Esta delimitação das tipologias discursivas é também questionada por outros autores (Jacobi, Schiele, & Cyr, 1990; Delavigne, 2003) que preferem também a noção do *continuum*, sem limites rígidos e em que os contornos se esbatem:

¹¹ Em espanhol.

Plutôt que de tracer des frontières, replacer la vulgarisation dans l'ensemble des discours semble plus opératoire. Cela permet de mettre l'accent sur le fait que ce qui se réclame de la vulgarisation n'en est pas toujours, de même que certains discours qui ne se prétendent pas vulgarisateurs le sont dans les faits. Il s'agit toujours d'un continuum. (Delavigne, 2003:4)

Para Delavigne (2003), os discursos de vulgarização, e a sua grande diversidade de formas, são produzidos com o objetivo de comunicar com um público externo às comunidades especializadas, mas utilizando o conhecimento especializado produzido no seio dessas comunidades. Perante contextos comunicativos variados e heterogêneos, Remígio Oliveira (2010:243) levanta também a questão sobre se, em certos contextos comunicativos, não poderá também o chamado discurso vulgarizado ser considerado um discurso especializado, apesar de admitir que a linha de separação entre o discurso vulgarizado e o discurso comum possa ser também pouco nítida. Para a autora, a questão do menor nível de abstração do discurso vulgarizado e semivulgarizado, que normalmente é utilizado para diferenciar estas duas tipologias do discurso especializado (e mais especificamente, do científico), não tem necessariamente de comprometer a precisão do discurso em contextos comunicativos classificados como semivulgarizados e/ou vulgarizados, como seja o caso das atividades de divulgação científica:

(...) O discurso poderá conter menor número de termos e menos e/ou diferentes características dos conceitos poderão ser aí activadas, mas, no entanto, o rigor pode – e deve ser – constante nos vários níveis. É este facto que faz com que a transmissão de conhecimento a alunos em início de formação, ou ao público em geral, constitua um tão grande desafio para quem comunica. A capacidade de tornar simples o que é, à partida complexo, não tem, ou não deverá ter, implicação na precisão do que é proferido. (Remígio Oliveira, 2010:232-233)

Estes aspetos levaram-nos a tecer algumas considerações e a repensar as categorias e condições contextuais de produção das comunidades discursivas e respetivos intervenientes dado o seu papel como produtores discursivos. Questionamos se, com base em critérios que apenas permitem a existência de três categorias de intervenientes, e de três níveis discursivos correspondentes, uma tal classificação é

suficiente para analisar fenómenos como a variação terminológica, nomeadamente diastrática, em que os contextos discursivos dos intervenientes são bastante mais diversos e cujas interações formam um sistema bastante mais complexo do que o representado pelas tipologias apresentadas.

Em terminologia, a variedade discursiva é muitas vezes limitada a categorias que se pretendem bem definidas (discurso especializado, semiespecializado e vulgarizado) o que nos coloca algumas reflexões. A primeira, tem a ver com a delimitação, nem sempre possível e, tendo em conta os contornos pouco definidos destas categorias, sendo que o mais provável é estarmos perante um *continuum* (Ciapuscio & Kuguel, 2002; Delavigne, 2003). A segunda, deve-se à exclusão de algumas comunidades socio-discursivas que podem influenciar a dinâmica do domínio, no que respeita à terminologia, ou estarem a produzir alguma contribuição a nível denominativo ou mesmo conceptual, e cujo registo não é realizado. Nesta ordem de ideias, seria porventura mais simples excluir contextos comunicativos em que se considera não existir produção discursiva enquadrada pelos critérios clássicos associados ao discurso especializado como “incubadora” de termos. Esta posição, permitindo manter o conceito de discurso especializado e de especialista consagrados, gera «pontos cegos». Estes podem ser interpretados como lacunas no estudo do discurso de certas comunidades consideradas como não suficientemente «especializadas», a nível técnico-científico, e, por conseguinte, irrelevantes para a terminologia registada e consagrada. Assim sendo, os recursos terminológicos deveriam fornecer indicações cabais sobre os usos das variantes denominativas, o que levanta outra das questões desta tese:

Como poderá o estudo da variação terminológica ser integrado pela terminologia de forma a contribuir, não só para uma maior fiabilidade dos dados, mas também para fornecer às atividades de mediação comunicativa uma opção informada sobre os usos dessas variantes? E a dinâmica consequente, expressa como variação

terminológica, afetará a transferência e a comunicação do conhecimento? Se sim, como?

Propomos, por isso, recentrar a questão da tipologia dos discursos especializados, mas não apenas sobre «o quê» e principalmente sobre «quem», voltando a atenção para as diferenças sociais, culturais e situacionais existentes entre os intervenientes, para as relações sociais que se estabelecem e para os contextos comunicativos gerados. Será necessário enquadrar os intervenientes em alguma tipologia discursiva, admitindo que alguns especialistas, os especialistas *não-formais*, nem sempre se encontram em esferas de atividade técnico-científicas. Este ponto será importante para nós no estudo da variação diastrática, tendo em vista a organização de textos para constituição de *corpora* de extração. Este aspeto será abordado seguidamente.

2.4.3. Contextos comunicativos

A importância dos contextos comunicativos foi considerada por Pearson (1998) ao sugerir que a sua delimitação poderia ser um fator determinante no momento de se decidir se uma palavra está a ser usada efetivamente como um termo:

With regard to the notion of communicative setting, we suggest that this may be the most important factor in allowing us to decide whether words are being used as terms or words. (pág.28)

A autora aponta para a tendência dos terminólogos em focar a atenção apenas naqueles contextos comunicativos em que supostamente se crê existir uma maior densidade terminológica, ou seja, naqueles identificados como sendo *discursos especializados*:

It is an area which has been neglected by terminologists because the assumption is that people know instinctively which communicative settings are likely to show a high occurrence of terms. (Pearson, 1998:28)

Pearson (1998) identificou quatro contextos comunicativos que correspondem basicamente às tipologias já referidas anteriormente do discurso especializado, o que foi retomado por Bowker & Pearson (2002):

- comunicação entre especialistas
- comunicação de especialista para iniciado
- comunicação entre professor e aluno
- comunicação entre semiespecialista para o iniciado

Como discutido, e corroborado por (Remígio Oliveira, 2010:236), estes contextos revelam-se insuficientes, ou, no mínimo demasiado vagos para cobrir todas as situações comunicativas do domínio, principalmente, tendo em conta: a diversidade de situações comunicativas; as particularidades relacionadas com a natureza interdisciplinar da maior parte dos domínio e esferas de atividade; e se estiver em causa um estudo sobre de variação. No caso de Remígio de Oliveira, o seu objetivo é criar um recurso terminológico sobre alimentos funcionais para o consumidor, considerando estar perante um discurso de vulgarização, em que, segundo a autora, se caracteriza por uma grande variedade de situação comunicativas. Como discutimos anteriormente, o discurso vulgarizado (e o semivulgarizado) é, segundo algumas das tipologias anteriormente apresentadas (2.3.2), associado a situações de divulgação científica e/ou a situações professor-aluno. Normalmente é caracterizado em terminologia como apresentando um nível mais baixo de abstração, menor densidade terminológica e, por inerência, menor precisão. Remígio Oliveira (2010) contesta esta posição da terminologia clássica afirmando que:

(...) um mais baixo nível de abstracção não tem, necessariamente, que ser menos preciso. O discurso poderá conter menor número de termos e menos e/ou diferentes características dos conceitos poderão ser aí activadas, mas, no entanto, o rigor pode – e deve ser – constante nos vários níveis. (...). A capacidade de tornar simples o que é, à partida complexo, não tem, ou não deverá ter, implicação na precisão do que é proferido. (Pág.232-233)

A autora parte assim para uma perspetiva de análise terminológica, nesse caso, do discurso vulgarizado (domínio: nutrição; subdomínio: alimentos funcionais), focando-se na identificação dos contextos

comunicativos, que entende como *a circunstância específica em que o discurso vulgarizado (...), é produzido, considerando os produtores textuais, a sua intenção de comunicação e o público a quem se dirigem* (Remígio Oliveira, 2010: 252-253). Este processo de identificação e delimitação dos diversos contextos comunicativos constitui uma das etapas da fase a que a autora denomina de pré-terminografia, com implicações metodológicas no momento de selecionar materiais para um *corpus* de trabalho (Remígio Oliveira, 2010):

(...) com vista a poder ser elaborada uma análise da relevância dos candidatos a termos e dos contextos ricos em informação conceptual identificados em textos produzidos por diferentes produtores textuais, com diferentes intenções de comunicação, consideramos que a organização dos textos no corpus deve reflectir essa variedade de contextos em que a comunicação na área se efectua. (pág.78)

Tal como descrita por Remígio Oliveira (2010:108-120), a fase de pré-terminografia compreende três vertentes, além da definição dos objetivos do trabalho: uma vertente conceptual (delimitação e caracterização do domínio), uma vertente comunicativa (identificação dos contextos comunicativos) e uma vertente textual (constituição dos *corpora*) (Figura 4).

Processo terminográfico	
Fases	Etapas e subetapas
pré-terminografia	▪ estabelecimento de objectivos; ▪ representação conceptual da área de especialidade; ○ delimitação da subárea de especialidade; ▪ identificação dos contextos comunicativos na subárea de especialidade; ○ delimitação dos contextos comunicativos no discurso vulgarizado; ▪ constituição de <i>corpora</i> especializados; ○ constituição do <i>corpus</i> e selecção do <i>subcorpus</i> em análise; ○ constituição do <i>corpus</i> de referência;
terminografia	▪ arquitectura do recurso terminológico; ▪ constituição da terminologia; ○ elaboração de listas de formas; ○ identificação de candidatos a termos por via de listas de formas simples; ○ identificação de candidatos a termos por via de listas de formas complexas; ○ identificação e sistematização de casos problemáticos e/ou de particularidades terminológicas; ▪ elaboração dos sistemas conceptuais; ▪ elaboração de definições; ○ elaboração de concordâncias; ○ identificação de contextos ricos em informação conceptual; ○ identificação e destaque de características conceptuais; ○ sistematização das características conceptuais identificadas; ○ redacção da definição; ▪ preenchimento das fichas terminológicas; ▪ validação dos conteúdos;
pós-terminografia	▪ procedimentos para a aplicação industrial do recurso terminológico; ▪ actualização dos conteúdos.

Figura 4 - Processo terminográfico (Remígio Oliveira, 2010:111)

No fluxo de trabalho proposto pela autora, a fase de pré-terminografia constitui um passo preparatório essencial, em que é elaborado um levantamento da área de especialidade, sendo realizada a delimitação da subárea de especialidade (alimentos funcionais) a nível conceptual, a identificação dos contextos comunicativos e a constituição de corpora especializados a utilizar na fase de extração terminográfica. Rejeitando as tipologias hierarquizadas, Remígio Oliveira organiza os diversos intervenientes na área de especialidade numa “rede relacional”

(Figura 5), tendo em vista identificar e agrupar comunidades discursivas do domínio (ou área de especialidade) e identificar os produtores textuais relevantes para a posterior elaboração dos *corpora*, consoante o objetivo do trabalho:

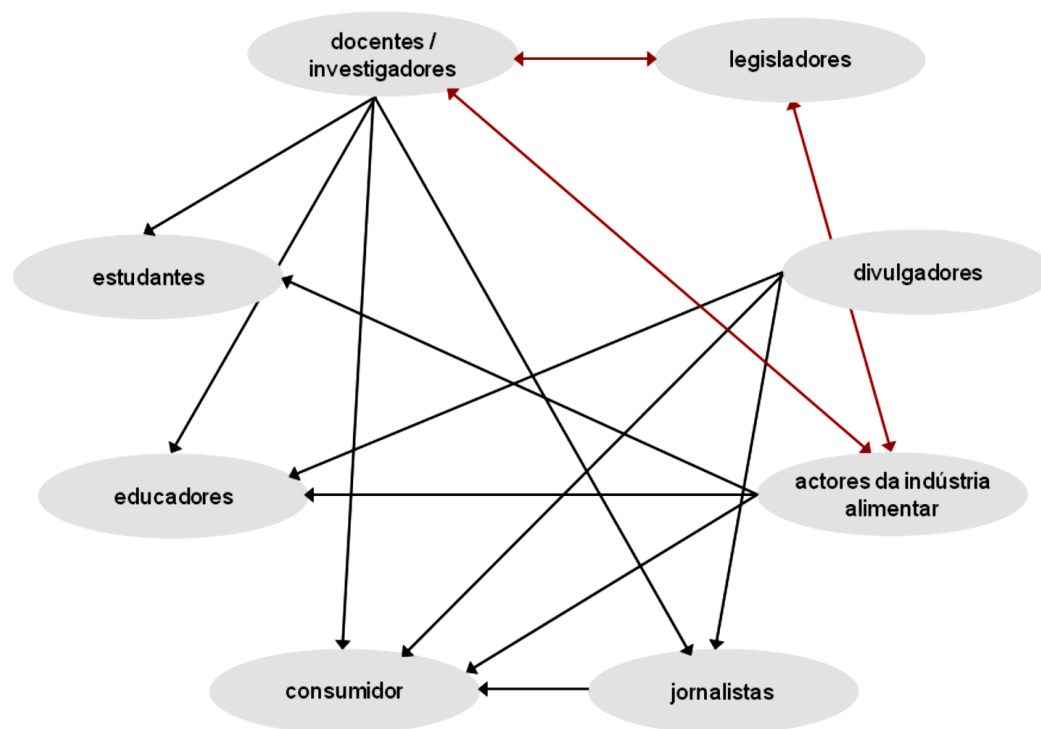


Figura 5 - Contextos comunicativos identificados na subárea dos alimentos funcionais; setas vermelhas - representam contextos em que a comunicação é feita entre dois produtores textuais, ou seja, é bidirecional. (Remígio Oliveira, 2010:237).

A autora isola cinco produtores textuais e três contextos comunicativos relevantes para os objetivos do seu trabalho, nesse caso, o discurso de vulgarização (Tabela 2):

contexto comunicativo 1: docentes / investigadores / divulgadores > consumidor
contexto comunicativo 2: actores da indústria alimentar > consumidor
contexto comunicativo 3: jornalistas > consumidor

Tabela 2 - Contextos comunicativos e produtores textuais e identificados por Remígio de Oliveira (2010:253)

Esta proposta de organização dos intervenientes discursivos do domínio ao considerar as diferenças entre diferentes grupos de intervenientes (a que a autora classifica de «subáreas de especialidade»), o público-alvo e a intenção do discurso, isto é, da comunicação, consegue evitar uma classificação hierarquizada (Remígio Oliveira, 2010:253). Estamos, assim perante uma proposta de tipologia horizontal do domínio (ou da subárea de especialidade), em que as relações comunicativas entre os diferentes intervenientes do domínio podem ser postas em evidência, e de uma forma, em nosso entender, mais dinâmica. Tal não impede que a interação discursiva entre os diferentes grupos de intervenientes seja posteriormente classificada como um discurso especializado, semiespecializado ou mesmo vulgarizado.

De notar que com este modelo, e por não haver uma estratificação hierárquica entre os diferentes contextos comunicativos, é possível antever-se algum tipo de comunicação entre as diferentes comunidades discursivas, tudo dependendo das relações socioculturais existentes. Além disso, apesar de a autora não o referir, o modelo parece-nos suficientemente plástico e dinâmico para permitir a representação dos contextos discursivos de um outro domínio completamente distinto, bem como a representação de novas relações discursivas.

No entanto, o nosso objetivo é distinto: estudar os fenómenos de variação terminológica, mas tendo em conta os contextos comunicativos de forma a procurar abranger, o mais possível, todas aquelas comunidades discursivas consideradas relevantes na ocorrência e/ou explicação destes fenómenos e, consoante uma primeira análise, organizar os *corpora* de extração. Recordamos, pois, outra das nossas perguntas de investigação:

Como adaptar as abordagens metodológicas de modo a conseguir obter recursos/terminologias abrangentes que enquadrem as diferentes tipologias discursivas de especialistas e as diferentes formas de variação terminológica, respeitando os usos nos respetivos contextos discursivos?

Para procurar uma resposta, partimos do modelo de Remígio Oliveira, no que respeita à identificação dos contextos comunicativos dos domínios em estudo, e ao qual introduziremos as modificações que nos parecem relevantes para os objetivos propostos. Assim, começamos por distinguir três grandes categorias de intervenientes discursivos no domínio, seguindo a proposta de (Rodríguez-Tapia, 2016, 2018):

- i. especialistas (produtores discursivos)
- ii. mediadores e instruídos
- iii. consumidores

No primeiro grupo (i) incluiremos comunidades discursivas que se enquadram no conceito de especialista, como referido por Cabré (no que se refere à capacidade de falar sobre a área de especialidade e do controlo conceptual da mesma) quer por Rodríguez-Tapiá. No entanto, aqui também serão incluídos os especialistas não formais que tradicionalmente não são considerados na categoria de especialista.

Na categoria dos mediadores/instruídos (ii), correspondendo aproximadamente à de Rodríguez-Tapia (2016, 2018), colocamos as atividades que operam transformações no discurso com finalidade de divulgação, tornando-o acessível a outros públicos, ou com finalidades educativas. Esta categoria pode incluir intervenientes das atividades de mediação comunicativa, por exemplo, tradutores, jornalistas especializados, desportistas amadores e leigos autodidatas. Acrescentamos também intervenientes discursivos como educadores e formadores profissionais. Por fim, na última categoria (iii), encontraremos os consumidores, considerados como sendo atores passivos e não produtores textuais, ou seja:

- 1. Especialistas/produtores discursivos:
 - a. legisladores, administração, mediadores culturais: técnicos superiores, juristas, associações de desenvolvimento local
 - b. técnico-científico: investigadores, docentes de grau académico superior; técnico de grau académico superior;

- c. atividades profissionalizadas: técnicos de grau não superior, intervenientes com formação profissional formal;
 - d. atividades tradicionais: intervenientes com formação profissional empírica e não formalizada.
2. Mediadores:
- a. mediadores culturais: organizações não governamentais, associações de desenvolvimento local
 - b. mediadores comunicativos: tradutores, revisores de texto, produtores de conteúdos
 - c. educadores e formadores
 - d. comunicação social
3. Público não especialista: consumidores passivos e outros utilizadores

Os educadores e formadores podem ser situados quer na categoria de instruídos quer de especialistas, tudo dependendo do papel mais ou menos ativo, em termos discursivos, que têm no domínio e que lhes pode conferir características de produtores textuais ou discursivos. Diferentemente de Rodriguez-Tapiá, e à semelhança dos educadores, os aprendentes, ou aprendizes, podem também ser incluídos nos contextos comunicativos correspondentes aos especialistas, se considerarmos os aprendentes como profissionais em formação, e em alguns casos, possuindo já um controlo efetivo da estrutura conceptual do domínio e desenvolvendo alguma atividade como produtores textuais. Porém, a relação entre os educadores/formadores e seus aprendentes/formandos, dentro de cada comunidade comunicativa, foi identificada, como vimos anteriormente como pertencendo à categoria do discurso semiespecializado, ou semivulgarizado. A nossa proposta é ligeiramente distinta e, como referimos, depende da comunicação existente entre estas comunidades e do tipo de produção discursiva. Admitimos aqui uma hierarquização do contexto comunicativo, dentro de cada comunidade discursiva, e que corresponderá, em teoria, às características de discurso especializado (entre especialistas) e semivulgarizado, entre especialistas e semiespecialistas, neste caso os aprendentes e formandos. Os diferentes e possíveis contextos comunicativos gerais de um domínio estão representados na Figura 6:

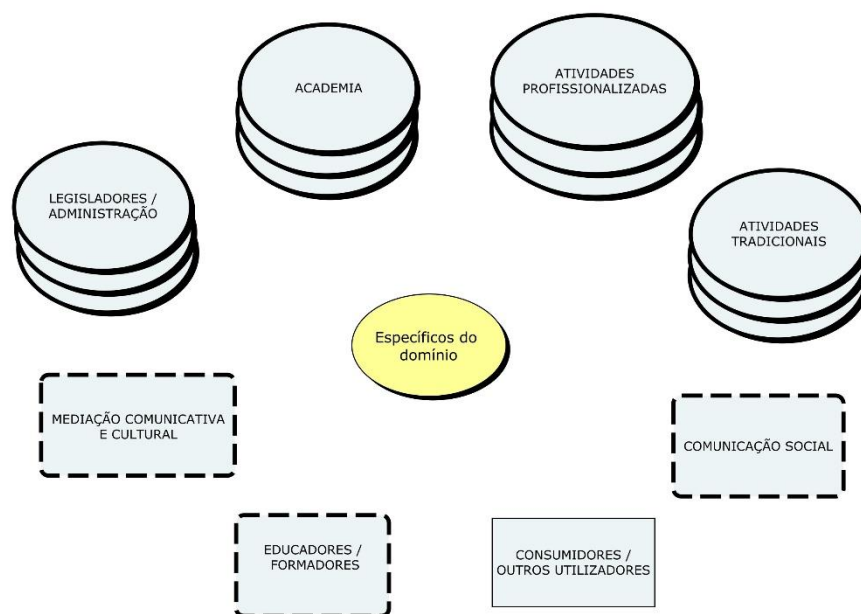


Figura 6 -- Identificação de contextos comunicativos – tipologias – Produtores textuais (elipses, linha cheia, multiniveladas); mediadores (caixas quadradas, linhas tracejadas); utilizadores/consumidores passivos (caixas quadradas, linha cheia)

Tal como Remígio Oliveira (2010) faz notar, as chamadas tipologias verticais, como propostas por Hoffman, além de criarem hierarquias na organização do domínio, criam a noção de que não há interação entre os chamados extremos. As nossas categorias estruturam-se horizontalmente, querendo isso dizer que, por exemplo, os chamados especialistas (formais e não formais) serão analisados no mesmo nível de análise, considerando que todos eles possuem e geram terminologia. Dentro de cada uma destas categorias, poderemos esperar encontrar alguma forma de hierarquia discursiva, de estruturação vertical do discurso. Ou seja, dentro de cada uma destas comunidades, poderemos ter contextos comunicativos semiespecializados, relacionados com a presença ou não de aprendentes ou estudantes.

Consideramos agora em mais detalhe apenas os produtores textuais, os especialistas. Este grupo corresponde, em linhas gerais, aos

produtores discursivos de Remígio Oliveira na medida em que intervêm de forma ativa no domínio, sendo capazes, de forma escrita ou oral, de partilhar e transmitir conhecimento ou de elaborar textos especializados. Assim consideramos diferentes categorias de especialistas que serão organizados nos seguintes contextos comunicativos:

- i. academia - intervenientes que, além da instrução formal adquirida, nomeadamente académica e/ou técnica, realizam investigação científica;
- ii. atividades profissionalizadas - intervenientes que receberam instrução formal específica (académica, técnica) em alguma área do domínio, exercendo uma atividade profissional;
- iii. atividades tradicionais - intervenientes que exercem uma profissão ou atividade no âmbito do domínio, tendo recebido pouca ou nenhuma instrução formal, ou cuja formação não se enquadra nos padrões da formação profissional ou académica; são exemplos, como referido acima, os especialistas não formais como artesãos de artes tradicionais;
- iv. legisladores/administrativos - intervenientes que tendo recebido instrução formal específica (académica, técnica ou profissionalizante) numa outra área distinta, se encontram a trabalhar numa subárea particular do domínio;

A Erro! A origem da referência não foi encontrada. Figura 7 representa, sem pretender identificar nenhum domínio em particular, estes quatro contextos comunicativos, onde as setas, tal como no modelo de Remígio Oliveira, representam as possíveis interações comunicativas: setas bidirecionais para as situações em que a comunicação é, teoricamente, feita nos dois sentidos, setas unidirecionais para situações em que a comunicação é unidirecional. As setas a pontilhado podem representar situações comunicativas em que a interação é débil, ou muito recente em termos diacrónicos.

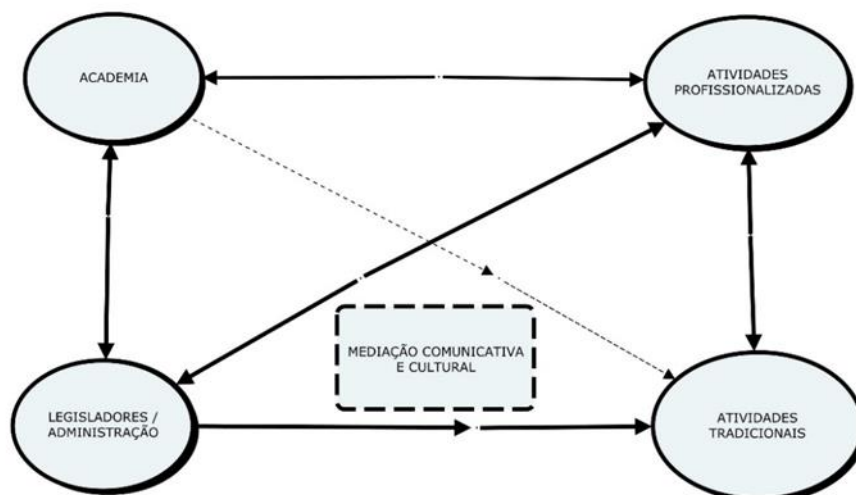


Figura 7 - Modelo geral de identificação dos produtores textuais e contextos comunicativos - especialistas formais e não formais; domínio não especificado

Com esta abordagem esperamos conseguir alargar os conceitos de especialista e discurso especializado de forma a abranger outros contextos comunicativos e comunidades discursivas além das esferas técnicas e científicas. Poderemos assim incluir nos materiais textuais utilizados para recolha terminológica outras formas discursivas, provenientes de comunidades de especialistas não-formais. Este modelo, que iremos testar, poderá permitir uma maior precisão na classificação dos textos para *corpora* de extração terminológica, nomeadamente tendo em vista o estudo da variação do domínio e das respetivas origens. Este aspeto parece-nos fundamental para:

a) determinar as causas da variação, a forma como esta afeta para preservar o conhecimento de determinadas e a forma como as variantes linguísticas são alteradas;

b) o dinamismo emergente da variação nomeadamente diastrática e diacrónica;

c) elaboração de recursos terminológicos potencialmente mais precisos para as atividades de mediação, em particular, a tradução, contendo informação sobre os usos das variantes.

Desta forma, o nosso ponto de partida será sempre a identificação e caracterização dos contextos comunicativos do domínio, ou seja, o levantamento das comunidades discursivas potencialmente relevantes e das interações socio-discursivas entre os seus intervenientes. Para tal, e tendo a noção da complexidade destas relações sociocomunicativas, necessitaremos de uma abordagem holística, através da perspetiva ecolinguística (Nash & Mühlhäusler, 2014; Steffensen & Fill, 2014; Couto & Couto, 2016; Kravchenko, 2016), que permita olhar para o domínio como um ecossistema discursivo, integrado no ecossistema biológico, cultural e social dos seus intervenientes e sem limitar o estudo da variação a um número reduzido de comunidades.

Neste ponto, teremos de abordar o papel da comunidade de falantes do domínio como comunidade de partilha, não apenas de conhecimento, mas também da forma como esse conhecimento se estrutura. Teremos assim de definir e caracterizar o próprio especialista e refletir sobre quem são os intervenientes dentro de um domínio e/ou esfera de atividade, como se organizam em comunidades discursivas (ou contextos comunicativos) e quem pode ser considerado *especialista*.

2.4.4. Os intervenientes do discurso especializado

Em termo gerais, e excluindo a mais difundida aceção para a medicina, um *especialista*¹² é definido como o *que ou quem se dedica a uma ciência ou uma arte*, ou, como alguém *que se especializou em determinada área do saber ou sabe muito sobre determinada coisa*, ou seja, um *perito*. Por seu turno, o *perito*¹³ é definido como alguém *douto, versado, hábil, prático em alguma ciência ou arte*, ou como alguém *que é muito experimentado ou tem grandes conhecimentos em determinada área do conhecimento*, ou seja, um *especialista* ou *experto*.

¹² "especialista", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/especialista> [consultado em 13-07-2021].

¹³ "perito", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/perito> [consultado em 13-07-2021].

Em língua portuguesa, a distinção entre *perito* e *especialista* não apresenta, semanticamente, contornos muito nítidos que permitam uma clara desambiguação (Tabela 3). *Perito*, segundo os dicionários parece, de alguma forma, remeter para alguém que além de «saber», também «sabe fazer»:

Referência	<i>especialista</i>	<i>perito</i>
Priberam	que ou quem se dedica a uma ciência ou uma arte	douto, versado, hábil, prático em alguma ciência ou arte
	alguém que se especializou em determinada área do saber ou sabe muito sobre determinada coisa, ou seja, um <i>perito</i>	que é muito experimentado ou tem grandes conhecimentos em determinada área do conhecimento, ou seja, um <i>especialista</i> ou <i>experto</i>
Infopédia	que ou pessoa que é especializada em determinada profissão ou trabalho; <i>perito</i>	que tem perícia; hábil; conhecedor; versado; experiente
		indivíduo que tem muita prática e/ou conhecimento de determinada matéria; especialista

Tabela 3 - Definições de *especialista* e *perito* nos dicionários de língua portuguesa Infopédia e Priberam

Ao analisar a utilização dos equivalentes em inglês (Tabela 4), *expert* surge igualmente associado a alguém que detém competências performativas (*skillful*), além do conhecimento que possui sobre as matérias:

Referência	<i>specialist</i>	<i>expert</i>
Oxford Dictionaries ¹⁴	a person who concentrates primarily on a particular subject or activity	a person who is very knowledgeable about or skillful in a particular area.
	a person highly skilled in a specific and restricted field.	
Merriam Webster ¹⁵	one who specializes in a particular occupation, practice, or field of study	one with the special skill or knowledge representing mastery of a particular subject

Tabela 4 - Definições de *specialist* e *expert* em dicionários de língua geral de língua inglesa

¹⁴ <https://www.lexico.com/definition/specialist> [acedido em 25/07/2021]

<https://www.lexico.com/definition/expert> [acedido em 25/07/2021]

¹⁵ <https://www.merriam-webster.com/thesaurus/specialist> [acedido em 25/07/2021]

<https://www.merriam-webster.com/thesaurus/expert> [acedido em 25/07/2021]

Ao procurar estabelecer as diferenças entre ambos, Weinstein (1993) diferencia *specialist* e *expert* por uma relação de hiperónimo (*expert*) e hipónimo (*specialist is a...*), realçando que os dois termos não são sinónimos:

Note that 'expert' and 'specialist' are not synonymous. A specialist is a person who has the capacity to provide strong justifications for a range of propositions in a subdomain or area. Thus, a specialist is a kind of expert. However, an expert need not be a specialist; an obvious example of this is the general practitioner in medicine. Thus, while specialists are experts, not all experts are specialists. (Weinstein, 1993:59)

Esta opinião não é, no entanto, consensual, e ao contrário de Weinstein, Grundmann (2017), por exemplo, considera *expert* e *specialist* sinónimos:

Definitions of expertise usually revolve around the specialist craft or knowledge a person is said to possess. An often-used synonym is specialist. (pág.26)

De igual forma, a tradução para português de *expert* e *specialist* não apresenta consenso relativamente ao uso de *perito* (como tradução para *expert*), nem de *especialista* (como tradução para *specialist*), surgindo ambas as denominações (*especialista* e *perito*) como equivalentes de *expert* e *specialist*. Estes casos estão presentes quer no dicionário de referência já indicado (Infopédia¹⁶) quer na base de dados de terminologia da União Europeia, IATE¹⁷. Uma breve pesquisa de concordâncias (lemma) efetuada no *corpus* paralelo *OpenSubtitles 2018 – Portuguese*, de língua geral, disponibilizada pela plataforma Sketch Engine¹⁸, apresenta os seguintes resultados:

¹⁶ Porto Editora – *expert* no Dicionário Infopédia Inglês-Português. Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/expert> [acedido em 21/07/2021]

/ ¹⁷ IATE. Disponível em <https://iate.europa.eu/search/result/1626712117587/1/> [acedido em 21/07/2021]

¹⁸ OpenSubtitles 2018 – Portuguese, in Sketch Engine. Disponível em https://app.sketchengine.eu/#dashboard?corpname=preloaded%2FOS_pt] [acedido em 21/08/2022]

Lemma (PT-pt)	Lemma (EN)	Freq.
especialista	specialist	1229
perito	expert	209
especialista	expert	2013
perito	specialist	48

Tabela 5 - Pesquisa de equivalentes entre português e inglês para *especialista* e *perito* (Sketch Engine; corpus paralelo OpenSubtitles 2018 - Portuguese); Freq. =frequência absoluta

Porém, a mesma pesquisa devolve resultados diferentes num corpus especializado (*EUR-Lex Judgments Portuguese 12/2016*), no domínio jurídico:

Lemma (PT-pt)	Lemma (EN)	Freq.
especialista	specialist	194
perito	expert	955
especialista	expert	28
perito	specialist	23

Tabela 6 - Pesquisa de equivalentes entre português e inglês para *especialista* e *perito* (Sketch Engine; corpus paralelo EUR-Lex Judgments Portuguese 12/2016); Freq. =frequência absoluta

Em português normalmente parece assim existir uma tendência para a utilização de *especialista* como equivalente de *expert*. Porém, num domínio mais especializado, como no caso, *muito particular*, do jurídico, o *perito* parece reunir maior aprovação. Porém, não foi possível verificar essa mesma tendência em outras esferas de atividade pela inexistência de corpora paralelos relevantes. Considerando que esta distinção entre *especialista* e *perito* não é objeto de discussão desta tese, queremos, no entanto, assinalar este ponto por forma a justificar a escolha sobre a denominação que será utilizada doravante (*especialista*). Para nós, é mais relevante definir aquilo que caracteriza o *especialista* e/ou o *perito*, ou seja, acordar sobre o conceito do que é e quem pode ser considerado um especialista/perito para efeitos de análise terminológica dos discursos especializados e dos seus contextos comunicativos.

Na literatura em terminologia, ambas as denominações (*perito/expert* e *especialista/specialist*) são utilizadas de forma recorrente, sem que, muitas vezes, haja uma distinção clara entre ambas. Na literatura especializada podem encontrar-se várias abordagens para

caracterizar os conceitos de *expert* e de *expertise*. Weinstein (1993:58) refere as características que considera essenciais para definir alguém como um *expert*, argumentando que existem dois tipos de *experts* nomeadamente:

- a) Em termos epistemológicos, o indivíduo é um *expert* se (e apenas) conseguir fornecer justificações sólidas sobre um amplo leque de assuntos dentro de um determinado domínio;
- b) Em termos performativos, o indivíduo é um *expert* se (e apenas) conseguir executar bem uma determinada tarefa.

No primeiro caso o *expert* tem competência epistemológica, tem conhecimento sobre um determinado assunto ou matéria, *sabe*. O segundo, tem competência performativa, *sabe fazer*. Segundo o mesmo autor, uma afirmação é apenas considerada como sendo uma «opinião de perito» se (e apenas se) for feita por um perito, se o perito disponibilizar uma justificação sólida e se a afirmação estiver incluída no domínio de atividade do perito. Conclui ainda que *expertise is the capacity either to offer expert opinions or to demonstrate one or more skills in a domain, and expertise in a domain does not entail expertise in the entire range of the domain* (Weinstein, 1993:58).

Gobet (2018:108), reconhecendo as diferentes definições possíveis, estabelece duas classificações: com base no desempenho, *performance* (P-expertise) e na reputação, *reputation* (R-expertise). Inclui nos primeiros a capacidade de executar desempenhos de nível, qualidade superior, *somebody who obtains results that are vastly superior to those obtained by the majority of the population*. No segundo grupo, o epíteto de especialista/perito é um reconhecimento social e cultural, que pode ou corresponder a uma autêntica capacidade de desempenho ou de conhecimento sobre determinada matéria. Não obstante, como o próprio autor refere *such labels are sometimes given irrespectively of the “experts” real competences. In some cases, there is reputation but no knowledge*. A definição proposta por Gobet corrobora Grundmann (2017:26) que já afirmara que *definitions of expertise usually revolve around the specialist craft or knowledge a person is said to possess*. Este

autor indica ainda algumas características que são normalmente associadas e atribuídas aos especialistas (*experts*):

(1) There is a fundamental difference between experts and non-experts; (2) experts are located in the professions and in science; (3) experts possess technical skills, including manual and intellectual skills; (4) experts are impartial which makes their advice trustworthy. (pág.26)

Grundmann refere, no entanto, que estas características levam à ideia de que a perícia/habilidade/competência (*expertise*) é algo que a pessoa possui, ou seja, *a body of knowledge that can be attributed*, focando-se sobre os aspetos relacionais e bidirecionais entre o especialista e a pessoa que procura esse mesmo especialista, com vista a que lhe seja fornecida uma opinião, ou um serviço, ou seja (...) *expertise is something delivered at the request of someone else who wants it* (Grundmann, 2017:27). O autor ressalva ainda que o *especialista* não é apenas definido pelas competências, tendo por base o conhecimento adquirido, e na experiência que possui, mas também pelo seu desempenho, pela sua capacidade em atuar, partilhar conhecimento e aconselhar, o que lhe permite ganhar credibilidade e confiança junto de quem os procura como consultores. Porém, e aceitando estas características atribuídas ao especialista, poderia parecer implícito que este é alguém ligado a esferas de atividade técnicas (ou altamente técnicas) e/ou científicas. Porém, Grundmann (2017) deixa a ressalva:

Expertise thus defined contrasts not only with the notion that people possess something (knowledge or skills), it also contrasts with the notion that expertise is primarily linked to scientific activity. (Pág.27)

O autor aceita assim que a definição de um *especialista* possa apresentar várias vertentes (conhecimento, habilidade, aconselhamento, reputação), mas faz igualmente notar que o *especialista* não é necessariamente alguém ligado apenas a esferas de atividade nas áreas científicas ou técnicas. Esta afirmação abre a discussão do ponto seguinte sobre se o perfil do especialista em terminologia fora do âmbito das áreas técnicas e científicas tem merecido a atenção devida.

2.4.5. O conceito de *especialista* no quadro da terminologia

Quer *especialista* quer *perito* são denominações utilizadas para referir alguém que, para além do conhecimento que possui sobre uma determinada esfera de atividade (competência epistemológica), tem igualmente experiência prática e/ou habilidade (competência performativa) numa determinada arte dentro dessa esfera de atividade, ou domínio. No quadro da teoria e prática terminológicas, o especialista é normalmente caracterizado, por vezes de forma indireta, pela sua capacidade em utilizar as estruturas das línguas, reconhecidas como pertencendo ao discurso especializado, para comunicar conhecimento especializado. A norma ISO 1087:2019¹⁹, por exemplo, não estabelece uma definição para quem é, ou quem pode ser considerado, um especialista no quadro da terminologia, referindo-se vagamente ao *expert* apenas na sua definição de LSP:

LSP: natural language (...) used in communication between experts in a domain (...) and characterized by the use of specific linguistic means of expression.

Em terminologia a atenção é colocada na caracterização e análise dos discursos especializados, encarados metaforicamente como o ambiente natural de ocorrência dos termos, o contexto discursivo onde o conhecimento especializado é comunicado e/ou partilhado pelos especialistas do domínio. Os especialistas são reconhecidos como os principais atores do discurso especializado, produtores e/ou utilizadores dos termos, na sua qualidade de profissionais que se ocupam de uma disciplina (Cabré, 1999:26). Bowker & Pearson (2002:17) definem o especialista não apenas como alguém que recebeu instrução na sua área, mas também como alguém que sabe comunicar utilizando recursos particulares da língua, ou seja:

¹⁹ 3.1.9 - special language; language for special purposes; language for specific purposes LSP in ISO 1087:2019, disponível em <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:1087:ed-2:v1:en> [acedido a 17/07/2022]

(...) people who have received training in and/or work in a specialized subject field, and who are therefore familiar with the LSP used to communicate in that field (pág.17).

Desta forma, o especialista não é apenas quem *sabe* e que *sabe fazer*, mas que também *sabe dizer*, recorrendo ao discurso especializado para comunicar e interagir com os seus pares. Na perspetiva de Cabré, o especialista é caracterizado como alguém capaz de produzir inovação num determinado domínio ou esfera de atividade, ou seja, competente para produzir conhecimento especializado, tecnologia ou serviços ou num determinado domínio (Cabré, 2002:10). No entanto, e numa perspetiva comunicativa, Cabré não limita o conceito de especialista ao desenvolvimento do conhecimento especializado da área em questão, alargando-o àqueles que estão disponíveis para a divulgação desse conhecimento especializado existente e já consolidado. Não obstante, quer no primeiro, quer no segundo caso, o especialista deve ser alguém que controla conceptualmente o domínio, ou esfera de atividade, com capacidade de acompanhar as suas mudanças e de estruturar o conhecimento especializado, condição *sine qua non* para poder transmitir, comunicar, esse conhecimento e seus conteúdos:

El control de la estructura conceptual y del valor de los conceptos expresados por los términos (unidades de contenido y de forma) dentro de un campo de conocimiento son las características que en nuestra opinión definen al especialista. (pág.11)

E, relativamente à aquisição do conhecimento que permite que alguém se torne num especialista, acrescenta:

Y estos conocimientos junto a las habilidades de organización interna y de representación multidimensional y variada del campo en cuestión solo se adquieren mediante aprendizaje consciente. (pág.119)

No entanto, Conceição (2006) faz notar que muitas vezes as aceções de especialista, no quadro da terminologia tradicional, apenas nos fornecem uma definição, de certa forma, fechada, ou, como faz notar, tautológica, em que a educação formal gera conhecimento e o possuir deste conhecimento é o que define alguém como especialista:

A literatura terminológica e a tradição dos estudos terminológicos concebem, geralmente, o especialista como aquele que detém um saber adquirido pela formação escolarizada e, por mero raciocínio tautológico, o conhecimento especializado é aquele que detém este especialista. (pág. 496)

Já Rodríguez-Tapia (2018:47), na sua definição de especialista e apesar de se encontrar em linha com os critérios de Cabré (formação, controlo conceptual do domínio, uso preciso da terminologia), refere não apenas a formação académica, mas também a profissional e a capacidade de discutir e refletir sobre o domínio, o que nem sempre, acrescenta, é um fator que produz inovação no conhecimento. Faz notar uma situação em que o especialista, tendo adquirido conhecimento de forma consciente e voluntária, não tem formação de nível académico e/ou profissional e, pelo contrário, outros casos em que o indivíduo, apesar de ter recebido educação e formação especializada na área, não possui competências que o possam classificar como especialista:

(...) pueden existir especialistas que hayan adquirido conocimiento especializado de forma consciente y voluntaria y, aun así, no posean formación académica y profesional (reglada, es decir, que cuente con una titulación universitaria en el tema), así como usuarios que habiendo sido formados académica o profesionalmente no cuenten con las habilidades para crear conocimiento especializado nuevo (y, por tanto, no sean especialistas). Rodríguez-Tapia (2018:47)

Esta constatação leva Rodríguez-Tapia a estabelecer uma diferença dentro dos próprios especialistas: o *especialista investigador*, que produz inovação a nível do conhecimento especializado, e o *especialista não investigador*, que trabalhando na área a título profissional, não oferece contribuição para o desenvolvimento do conhecimento da área de especialidade (Rodríguez-Tapia, 2018:48). Poderá assim, ser também considerado um especialista alguém que, tendo passado por um processo consciente de aprendizagem na área, ou que, trabalhando no âmbito do domínio, não recebeu instrução formal específica, a nível profissional ou académico. Rodríguez-Tapia (2018:48) propõe então uma classificação para os intervenientes discursivos, agrupados de acordo com as suas competências comunicativas e cognitivas:

- a) Especialistas, em que, como vimos, distingue entre investigador e não investigador;
- b) Instruídos, subdividido em semiespecialistas (onde inclui os mediadores comunicativos e divulgadores, como tradutores ou jornalistas especializados); aprendentes de especialista (estudantes do regime académico ou profissional); leigos formados (indivíduos autodidatas que procuram informação especializada sobre o domínio)
- c) Leigos, ou o público em geral, intervenientes sem formação, com ou sem motivação para procurar informação que lhe permita aprofundar uma matéria, sem controlo algum do campo conceptual, nem tampouco da terminologia;

Deste modo, verifica-se que no contexto comunicativo e discursivo de um domínio podem estar em contacto intervenientes muito diversos, mas nem todos eles correspondem à definição de especialista, nomeadamente no que toca à formação académica especializada. As atividades de mediação comunicativa (tradução), mediação cultural (cujo exemplo pode ser dado pelas associações de desenvolvimento local), ou de divulgação científica/técnica (comunicação social) são um exemplo disso. Rodriguez-Tapiá e, principalmente, Cabré (2002:10) descartam a sua inclusão na categoria de especialistas, argumentando que estes profissionais, como mediadores, não geram novo conhecimento, apenas o transmitem:

Sabemos que se defiende mayoritariamente que cualquier transmisor de información es un creador, y también que en la transmisión siempre se produce conocimiento nuevo, pero de reconocer esto a afirmar que los divulgadores científicos, los profesores de lenguajes de especialidad o los traductores especializados, por el simple hecho de “mediar” entre la producción original y su recepción final, pueden considerarse strictu sensu— especialistas —repetimos, especialistas hay un gran abismo. (Cabré, 2002:10)

Concordamos com a afirmação de Cabré no que toca à sua categorização como especialista. No entanto, a utilização que fazem da língua no contexto dos discursos especializados, semiespecializados ou

de divulgação, podem ter consequências na comunicação e na terminologia do domínio. Estes profissionais trabalham em domínios específicos operando transformações no discurso e permitindo que outras comunidades linguísticas, sociais e mesmo culturais possam aceder a determinados textos. No caso da tradução, a utilização de recursos lexicográficos e terminológicos é um fator fundamental para garantir a consistência e a qualidade do texto de chegada. Estes recursos são muitas vezes construídos com base em *corpora* paralelos e alinhados produzidos no contexto discursivo de comunidades discursivas específicas, nomeadamente das áreas técnicas, científicas ou administrativas. Porém, mesmo dentro destas comunidades, a terminologia utilizada tem diferenças significativas e, frequentemente, estes recursos apresentam variantes terminológicas sem que exista uma informação sobre o seu uso, ou sobre os contextos comunicativos em que a variante ocorre (Noronha, 2018). A escolha da variante, quando existe, acaba por recair no utilizador, normalmente os mediadores comunicativos como os tradutores e/ou os seus clientes. Como resultado da utilização baseada na confiança e na fiabilidade do recurso utilizado, assiste-se a uma disseminação não controlada de formas denominativas e a uma *fossilização* de formas não reconhecidas por outras comunidades. Um exemplo são as bases de dados terminológicas elaboradas por grandes instituições internacionais, com fins jurídicos e administrativos, em que o trabalho dos tradutores externos à instituição propaga às áreas técnico-profissionais e científicas terminologias variantes denominativas não totalmente reconhecidas ou aceites por esses especialistas do domínio (Noronha & Conceição, 2017, 2020a) .

Exemplos como este, nas atividades de mediação comunicativa, demonstram que as diferentes comunidades discursivas podem ter influência na terminologia do domínio, na forma como o conhecimento circula, nas escolhas terminológicas feitas pelos seus intervenientes e também na forma como a terminologia é utilizada e alterada, como reconhece Remígio Oliveira (2010):

A temática, o produtor textual, o público-alvo, e a intenção de comunicação – entre outros – são agentes e variáveis que têm implicações na natureza da produção discursiva e, logo, nas escolhas terminológicas. (pág. 229).

Fatores sociais, culturais, diacrônicos, situacionais resultam assim em contextos comunicativos diversos, com intervenientes distintos, com formas discursivas próprias e, muitas vezes, com a sua própria terminologia, de onde podem resultar diversas formas de variação. Quiçá essa variação resultante, e respetivas causas, poderá ser mais bem enquadrada e explicada se o domínio for abordado de uma forma holística, sem subestimar ou excluir, à partida, alguns dos seus intervenientes.

2.4.6. Redefinir o *especialista*

Em terminologia, assume-se que aquilo que distingue um termo de uma unidade lexical de qualquer sistema linguístico é o tipo de conhecimento especializado que transmite e o seu uso no discurso, ou seja, fatores de ordem comunicativa e pragmática (Cabré & Estopà, 2005). No entanto, esses mesmos contextos comunicativos são muitas vezes circunscritos a esferas de atividade consideradas como altamente especializadas onde os vocabulários mais técnicos são utilizados. A maior frequência de um determinado termo no discurso especializado, em oposição à sua menor frequência no chamado discurso vulgarizado, é considerado também um critério de identificação desse mesmo termo, o que foi contestado por Pearson (1998)

Perhaps then, what allows some people to determine whether or not a word or phrase should be considered to be a term is its relative infrequency in general language and/or the communicative setting in which it is used. We would suggest, however, that the first assumption is invalid and that the second one has never been adequately defined. (pág.28)

Então, considerando que não basta a frequência num discurso dito especializado para que um termo possa ser classificado como tal, deveriam os vocabulários originados à margem, ou fora, dos âmbitos

acadêmicos e técnicos, ser também estudados em terminologia, por exemplo, para fins de estudo de variação, no momento de constituir um *corpus* de extração terminológica para elaboração de um recurso terminológico. E não estamos apenas a referir-nos às alterações provocadas no discurso por via das atividades de mediação e/ou divulgação. Muitas vezes, algumas comunidades discursivas, principalmente fora de contextos técnico-científico, podem ter um papel na terminologia do domínio e na circulação dos saberes, que ou é desconhecido, ou considerado como não relevante. Destas possíveis terminologias vernaculares surgiram duas das questões desta tese: podem certas comunidades discursivas, e as suas características socioculturais, influenciar a terminologia do domínio? E como adaptar a metodologia de análise de forma a incluir estas comunidades?

Como grande parte do trabalho terminológico se baseia, principalmente, em metodologias de linguística textual e de *corpus*, a constituição de *corpora* de extração recorre ao discurso especializado produzido por aquelas comunidades discursivas consideradas relevantes para o domínio e/ou esfera de atividade, normalmente, aquelas de cariz técnico e científico. Dada a maior produção textual (oral ou escrita) nestas esferas de atividade, é natural que os terminólogos centrem a sua atenção nestes contextos. Isto restringe muitas vezes os estudos em terminologia, principalmente aqueles dedicados à variação terminológica, a comunidades e contextos hegemónicos. Porém, os termos existem e circulam num contexto de práticas sociais, culturais e comunicativas complexas e é precisamente abrindo a nossa perspetiva e estudando estas interações que poderemos compreender melhor os fenómenos de variação e assim contribuir para a harmonização. Como refere Conceição (2005):

On ne peut donc pas étudier simplement la terminologie des groupes jugés culturellement hégémoniques (les spécialistes), d'autant plus que c'est dans les différents processus et aux différents niveaux des structures de socialisation et de communication que s'établit l'harmonisation terminologique. C'est

aussi de cette façon qu'est assurée la continuité entre la langue courante et les langues de spécialité. (...) (pág.137)

Partilhamos esta perspetiva de que a terminologia e os termos não podem ser contidos nem restritos a uma única esfera de atividade, nem considerados exclusivos de uma comunidade restrita de falantes, nem essa comunidade com maior representatividade, ou maior reconhecimento social, possa ser considerada como única representante de todo o domínio. O ponto de partida para estudar os termos de um determinado domínio deve ter então em consideração diferentes perspetivas sobre a área de estudo, como reforça Delavigne (2017:32)

(...) terms exist in the context of social practices; as such, they can be studied from many angles, one being at the precise point where they venture outside the boundaries of their original sphere. Terminologies act as cultural frontiers: they have bearing both on the interiority and the exteriority of discourse communities. (Delavigne, 2017:32).

Compreendemos por esta afirmação que os termos não podem ser estudados exclusivamente do ponto de vista das comunidades técnicas e científicas de especialistas, por vezes, demasiado fechadas sobre si. A representação do conhecimento especializado, feita graças à terminologia, passou, no seguimento das críticas a Wüster, a ser abordada não só da perspetiva social, caso da socioterminologia (Conceição, 2005; Gaudin, 2005), mas também do ponto de vista cultural (Diki-Kidiri, 2000) e etnográfico (Depecker, 2014). Estas abordagens distintas aceitaram que, para além das esferas técnicas e científicas, há intervenientes que deveriam ser incluídos nos estudos da terminologia do domínio. Nesta perspetiva, como referem Bowker & Pearson (2002), mesmo uma atividade lúdica pode ser considerada um domínio especializado, gerador de terminologia, sem que os seus especialistas sejam obrigatoriamente profissionais do domínio:

Keep in mind that a specialized field does not necessarily have to be one that is highly 'technical', nor do the experts have to be 'professionals'. For instance, if you have a hobby, such as quilting or mountain biking, (...) there are some specialized terms associated with this hobby (e.g., 'sashing', 'basting', or 'appliqué')

in quilting, or 'barge', 'granny gear' or 'bunny hop' in mountain biking). (pág.27)

No âmbito das atividades desportivas ou lúdicas, o praticante amador pode ser considerado também ele um especialista se, para falar sobre a sua atividade, utilizar e dominar uma terminologia própria que possui não apenas com valor conceptual, mas também com valor emocional para o utilizador (Condamines, 2017). Alguns autores têm dado atenção a áreas que envolvem intervenientes profissionais, na qualidade de especialistas, mas também intervenientes não profissionais (amadores) com suficiente grau de conhecimento do domínio para poderem compreender e produzir um discurso especializado, mesmo que este perfil apresente algumas divergências em relação à definição clássica do especialista em terminologia. Condamines (2017a), por exemplo, analisou a variação terminológica da pesca lúdica e como o fator emotivo afeta a forma como os praticantes usam e alteram os termos. A autora reconhece igualmente a pouca atenção dada ao comportamento dos termos em discursos considerados especializados, porém situados fora dos discursos técnicos e científicos. Especial relevância é dada pela autora a situações em que o falante está emocionalmente envolvido com o domínio, ou seja, quando o discurso não é neutro, defendendo o registo de termos muitas vezes considerados jargão:

(...) I contend that in specialized domains belonging to sports or hobbies, what appears as a jargon (in the sense of terms or usages far from those used in "neutral situations") must be described and registered in a dictionary and, sometimes, may be explained directly by the subjective involvement of the speaker. (Condamines, 2017a:14)

Outro exemplo é o domínio vitivinícola e a terminologia usada por profissionais do sector e por consumidores nas provas de vinho, as quais se baseiam fortemente em aspetos sensoriais e (muito) subjetivos (Gautier, 2019). Neste trabalho, o autor refere a necessidade de uma abordagem holística e inovadora como forma de explorar domínios complexos em que vários intervenientes e contextos discursivos se cruzam a nível profissional, institucional e pessoal:

Aborder ces milieux spécialisés dans toute leur complexité requiert donc de quitter le terrain des discours neutres, prétendument objectifs et faussement lisses – qui ont sans doute toute leur pertinence quand l’objectif est strictement terminologique et normatif – pour intégrer des données moins lisses, ce que nous proposons de dénommer des «discours en tension», c’est-à-dire ceux où se jouent les controverses, les discussions, les prises d’influence internes au champ concerné (...) (Gautier, 2019:377)

Assim, admitindo que um especialista não tem necessariamente de ser alguém com uma formação superior, gostaríamos de abrir a possibilidade de olhar com mais atenção além dos contextos comunicativos técnicos e acadêmicos, o foco tradicional da terminologia. Referimo-nos não apenas às atividades lúdicas, mas em particular, às atividades e comunidades baseadas em artes e saberes tradicionais. Estas comunidades adquirem o seu conhecimento, o seu saber fazer, muitas vezes de forma empírica, através da sua experiência em práticas ancestrais, ou em processos de aprendizagem não formais, numa relação mestre-aprendiz. Porém, esta condição não é muitas vezes socialmente valorizada, como constatou Conceição (2006), defendendo que os profissionais, ou artesãos, que executam estas atividades devem passar a ser encarados também eles como especialistas, como intervenientes comunicativos com relevância na terminologia do domínio:

“(...) no caso das atividades tradicionais em que, antes de um saber socialmente valorizado pela escolarização, há um saber pela experiência feito, socialmente ainda pouco valorizado. Assim, defendemos que o ‘artesão’ também tem que ser considerado especialista da sua actividade e o seu conhecimento é também especializado” (Conceição 2006:497).

Neste caso, os *artesãos* são os mariscadores, uma atividade tradicional do domínio da Pesca e/ou Aquacultura considerados pelo autor como especialistas, ainda que num contexto comunicativo distinto dos técnicos administrativos, outro dos grupos focados neste trabalho de Conceição. O autor procurou igualmente chamar a atenção para a necessidade de encarar a comunicação especializada em terminologia de forma abrangente e não restrita a determinadas esferas de atividade, considerando que esta não deve ser apenas *unidirecional*, mas *bidirecional e recíproca*, acrescentando que:

Entendemos por comunicação especializada a comunicação entre intervenientes de uma esfera de atividade em que o tema da interação comunicativa se insere num domínio de referência específico, neste caso as atividades marítimas relacionadas com a apanha do marisco. (pág.498)

Outro exemplo de esferas de atividade em que o papel dos artesãos é fundamental pode ser encontrado nas diversas áreas interdisciplinares que compõem a Dieta Mediterrânica. No seu trabalho sobre o conceito de domínio, Machinho (2018) identificou vários termos utilizados por intervenientes fora do âmbito académico, que considera também especialistas, verificando igualmente a necessidade de registar esta terminologia, em prol de uma melhor comunicação e preservação do património linguístico:

O forte componente cultural da Dieta Mediterrânica, que abarca técnicas artesanais ancestrais apuradas e herdadas ao longo do tempo, fazem das populações que as utilizam especialistas, pelo que o vocabulário que usam está aliado a conceitos ou técnicas, podendo constituir igualmente uma terminologia especializada. Assim, é pertinente questionar se os conceitos termo e especialista poderão referir unicamente conhecimento científico ou técnico. (Machinho, 2018:69)

Os especialistas têm sido assim associados a indivíduos com formação formal, frequentemente superior, com atividade profissional em domínios técnicos e científicos. Como vimos anteriormente, autores como Rodriguez-Tapiá e Conceição admitem incluir nas categorias de especialistas aqueles intervenientes que não receberam formação académica, e/ou técnica, mas que possuem competência no domínio. No entanto, os discursos produzidos no seio de comunidades ligadas a atividades tradicionais, por vezes assinaladas como pouco escolarizadas, não têm merecido grande atenção como objeto de estudo na terminologia. É o caso dos pescadores artesanais, ou de agricultores e artesãos de comunidades rurais (Moukrim, 2020). Estas comunidades têm a sua própria terminologia associada a atividades ancestrais cujo conhecimento tem sido transmitido de geração em geração. Se é a comunidade de especialistas que *delimita, estabelece e faz evoluir a área de especialidade, segundo objetivos e/ou necessidades específicos*

(Remígio Oliveira, 2010:122), mais um motivo para tentar compreender melhor *quem* é essa comunidade e *como* comunica e interage não só entre si, mas com outras comunidades com as quais estabelecem ligações socioculturais. Estes especialistas não-formais são igualmente responsáveis pela circulação e transferência de conhecimento, usando uma terminologia própria, a qual nem sempre poderá coincidir com a terminologia utilizada por outras comunidades de especialistas que trabalham no mesmo domínio, mas em contextos comunicativos diferentes. Nesta ordem de ideias, e tendo como objetivos propor uma nova abordagem ao estudo da variação em terminologia, utilizando os princípios da ecolinguística, iremos partir do princípio que:

1. o especialista não é necessariamente alguém com formação acadêmica ou técnica;
2. o discurso do especialista nem sempre obedece às características clássicas que definem o discurso especializado (concisão, desvinculação emocional, concisão, uso da passiva);
3. o estudo da variação terminológica e da dinâmica do domínio tem de incluir, senão todos, pelo menos uma parte significativa dos contextos comunicativos do domínio.

Assim, a forma como os termos são utilizados nos processos de interação social, de transferência e de partilha de saberes dentro de cada contexto comunicativo irá eventualmente contribuir para a diversidade discursiva, possibilitando a variação e alterando a dinâmica terminológica. Iremos, pois, procurar demonstrar que os contextos comunicativos, constituídos por estes especialistas não-formais devem ser identificados e registados, não só pela salvaguarda dos saberes de comunidades tradicionais, escassamente documentadas (Moukrim, 2020), mas também para efeitos de eficácia comunicativa e harmonização (e/ou normalização) da terminologia do domínio, sempre que tal for relevante (Noronha & Conceição, 2020b). Por fim, iremos procurar responder à última questão desta tese:

#4 Pode a abordagem teórica e metodológica da ecolinguística à terminologia, contribuir para uma visão mais abrangente da variação terminológica e respetivas causas?

2.5. A abordagem ecolinguística

2.5.1. Princípios da ecolinguística

Em 1970, Einer Haugen lançou as bases para uma nova disciplina, a ecologia linguística, que pretendia estudar a linguagem humana pelas interações entre as línguas e o seu ambiente:

Language ecology may be defined as the study of interactions between any given language and its environment. Haugen (1970) em Kravchenko (2016:105)

Porém, no desenvolvimento da sua proposta, Haugen expõe esta perspetiva nos seguintes termos:

The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i.e., their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: its interaction with other languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication. The ecology of a language is determined primarily by the people who learn it, use it, and transmit it to others. Haugen (1970) em (Kravchenko, 2016:105)

As duas passagens sublinhadas parecem apontar para uma ideia de metáfora associada à interação língua e ambiente, ou à forma como esta deve ser estudada. Outros autores, críticos posteriores de Haugen (Garner, 2014; Steffensen & Fill, 2014; Couto & Couto, 2016; Kravchenko, 2016;), veem nesta abordagem uma forma de reificação da língua com aparentes contradições e assunções que se excluem mutuamente, nomeadamente:

- (i) uma metáfora biomórfica, em que a língua é essencialmente um organismo em interação com a sociedade como o seu ambiente natural;
- (ii) o mito da linguagem em que a língua é vista como um código utilizado como um meio de comunicação;

- (iii) uma interiorização cognitiva que apenas existe nas mentes dos seus utilizadores;
- (iv) uma exteriorização cognitiva, em que as pessoas aprendem uma língua como se fosse uma ferramenta, usam-nas e transmitem-nas a outros;

Garner (2014), por seu turno, em relação à questão metafórica, afirma que a mesma não é possível porque:

On the one hand there is a metaphorical entity: 'language-as-organism', and on the other, a literal entity: environment, which Haugen defined as the community of speakers of a language (...). The ontological status of the third element—interaction—is therefore inexplicable: what kind of interaction can there be between a metaphorical and a literal entity? (pág.112)

O autor propõe uma forma de resolver esta contradição ao adotar a ecologia não como uma metáfora, mas sim como uma epistemologia que a aproxima do seu objeto de estudo em termos de holismo, dinamismo, interação mútua e contexto. (Steffensen & Fill, 2014) exploram detalhadamente este paradoxo e identificam quatro abordagens da ecolinguística para aquilo que se pretende que seja o sistema em que a língua existe e se insere. Consideram assim uma:

- a) Ecologia simbólica: esta aproximação procura estudar a coexistência de línguas ou dos sistemas de símbolos num determinado espaço geográfico;
- b) Ecologia natural: procura investigar as relações entre a linguagem e as línguas e o ecossistema biológico e natural (topografia, clima, flora, fauna, etc.);
- c) Ecologia sociocultural: a forma como as línguas se relacionam com os intervenientes e forças socioculturais, as quais moldam os contextos e o ambiente dos falantes e das comunidades de falantes;
- d) Ecologia cognitiva: que define o modo como a língua (e a linguagem) *is enabled by the dynamics between biological organisms and their environment, focusing on those cognitive capacities that give rise to organisms' flexible, adaptive behaviour* (pág.7).

Ao procurar resolver a aparente separação entre as distintas abordagens da ecolinguística e integrá-las numa só, Steffensen & Fill (2014) propõem aquilo a que chamam uma visão naturalizada da linguística, a *Extended Ecological Approach* (EEH), onde afirmam que *the human ecology is extended by integrating value and meaning into ecological structures (including ourselves and each other* (pág.17). Desta forma, Steffensen & Fill (2014) afirmam evitarem os problemas associados com a reificação da língua que consideram existir na perspetiva de Haugen, mas mantêm a noção da língua como sistema. Segundo os mesmos autores, a ecologia humana está profunda e irreversivelmente saturada a nível sensorial (*sense-saturated*), o que significa que:

(...) our very ecological being in a given socio-ecological environment is meshed with semiotic processes and, as a result, the human ecology is constrained by virtual and historical structures. Rather than treating semiotic processes as adhering to an independent realm, an ecological approach sees language (our sense making potential par excellence) as a species-specific way of regulating real-time metabolic activity, or interactivity (...) (Steffensen & Fill, 2014:18)

A consequência desta posição é a de trazer uma nova função para língua, como reguladora (ou diríamos mesmo, como mediadora) de atividades e processos orgânicos, enraizando profundamente a linguagem e a língua na biologia humana. Ao colocar a língua no plano biológico, esta passa a ter uma função física e a “existir” no plano material. Já não é mais uma *simples ferramenta* para exteriorizar a cognição ou, meramente comunicativa. Nas palavras de Steffensen & Fill (2014:18) *it is real-time, interbodily coordination that enables us to achieve results that are unreachable for a single human body or person.*

Esta posição reforça as críticas feitas não só às abordagens generativas à linguagem, como também a algumas abordagens cognitivas. No caso do generativismo, é rejeitada a visão de que a linguagem está localizada num órgão, até ao momento, desconhecido no cérebro, e, consequentemente, rejeita-se a tese da autonomia da

linguagem (Kravchenko, 2016:103). Em relação à linguística cognitiva, Kravchenko ainda refere que esta abordagem também internaliza a língua:

(...) by upholding the view that a theoretical conception of language must be compatible with what is known about the organization and function of the brain which computes language and thought. However, such a view is out of sync with biological reality because language, self-consciousness and mindedness are different forms of existing in the relational domain in which a living being lives, not manners of operation of the nervous system. (pág.103)

A linguagem humana e as várias línguas em que nos exprimimos são então encaradas como uma forma de coordenação social que nos permite alcançar resultados e cumprir objetivos comuns que individualmente não conseguiríamos realizar. Como Sapir já afirmara em 1929, a linguagem e as línguas humanas não são meras ferramentas de comunicação e sim *a guide to social reality*.

A perspectiva da ecolinguística (em particular da *Extended Ecology Approach*, EEH) é uma perspectiva muito enraizada na biologia e que, descontextualizada, parece remeter o ser humano para o plano de outros animais sociais. Porém, segundo Steffensen & Fill (2014:18), a ecologia humana *extends by recruiting sociocultural resources, i.e., embodied habits of interaction and artefacts handed down from generation to generation*. Alguns desses exemplos são a cultura e principalmente a escrita. Já Love (2004:541-542) se havia referido à escrita como uma extensão cognitiva permitindo, de certa forma, a transferência do nosso pensamento de uma forma sistêmica e sistemática, para um meio de suporte físico. Para Steffensen & Fill (2014), citando Kravchenko, a escrita é também uma “nova tecnologia” que permite estabilizar os processos cognitivos através do recrutamento de recursos externos:

Writing is primarily a means for stabilizing cognitive processes through the recruitment of external resources. The stabilization of cognitive processes allows us to turn written texts into “an ecological medium” that can be scrutinised in situations and accessed across situations (pág.18).

Esta abordagem, que os autores consideram ser uma abordagem naturalizada, no sentido de aproximar as questões linguísticas da biologia, considera conseguir articular *the domain of human agents enacting small-scale cognitive events (...) and that of large-scale societal arenas structuring the sociocultural and technological resources at our disposal*. Ou seja, a língua é assumida não apenas como uma mediadora social, mas como uma mediadora ecossistémica, articulando os processos cognitivos com o ambiente biofísico e social. A proposta de Steffensen & Fill pretende disponibilizar um enquadramento teórico que permita compreender aspetos socioculturais (sejam eles questões relacionadas com estruturas lexicais e gramaticais, discursivas e comunicativas) e também a forma como estes recursos se inserem na interação entre os humanos e o seu ambiente, ou seja, no que chamam de ecologia alargada:

Language, socioculture and behaviour are deeply and irreversibly intertwined with nature, or rather: linguistic and sociocultural resources and behaviours express species-specific ways of being nature. (Steffensen & Fill, 2014:19)

Nesta perspetiva, a língua não pode ser mesmo encarada como um fenómeno apenas estritamente social, ou apenas estritamente cognitivo. Na perspetiva da ecolinguística é simultaneamente um fenómeno cognitivo, social e natural (Couto & Couto, 2016), no sentido físico e biológico. Finalmente, Steffensen & Fill (2014) propõem uma definição de ecolinguística, posteriormente modificada por Kravchenko (2016:111):

Ecolinguistics is (1) the study of (language understood as)²⁰ the processes and activities through which human beings – at individual, group, population and species levels – exploit their environment in order to create an extended, sense-saturated ecology that supports their existential trajectories, as well as (2) the study of the organismic, societal and ecosystemic limits of such processes and activities, i.e. the carrying capacities for upholding a sound and healthy existence for both human and non-human life on all levels. (Steffensen & Fill, 2014:21)

Nesta abordagem, a fronteira entre o plano cognitivo e linguístico esbate-se. A definição permite manter a língua como um sistema, mas

²⁰ O sublinhado corresponde à inserção feita por Kravchenko (2016:111)

como algo natural e até pertencente à esfera das ciências biológicas. A visão naturalizada da língua dada por este grupo de ecolinguístas introduz um elemento interessante e com consequências numa disciplina como a terminologia. Assim, a língua torna-se um agente no próprio ecossistema, não apenas pela sua realização física em termos de som e escrita, mas através da forma como a utilizamos nos discursos que realizamos dentro da nossa esfera social. Através desses discursos causamos e estimulamos ações que causam impacto ao nosso ambiente, no nosso ecossistema. Por outro lado, e na perspectiva naturalizada, esse mesmo ecossistema é também ele um elemento modelador dos processos cognitivos e, por inerência, da língua.

Sendo que apresentámos os pontos principais da perspectiva ecolinguística, e considerando que este é um trabalho sobre o dinamismo e variação terminológica, onde se enquadra uma abordagem à terminologia e à variação como a ecolinguística?

2.5.2. Abordagem ecolinguística da terminologia

Partindo da base do trabalho de Haugen, Rojo (2000) apresenta um ensaio em que se posiciona criticamente sobre a comunicação especializada e a tipologia hierarquizada e limitada a três níveis (investigação, divulgação e ensino) dos discursos especializados. Considera, entre outros aspetos já discutidos em 2.3, que o modelo clássico de classificação dos discursos especializados encerra os participantes em classes sociais e discursivas fechadas, não admitindo que a comunicação especializada ocorra entre diferentes contextos discursivos (considerados não especializados). O autor avança assim para uma proposta de classificação da comunicação especializada seguindo a metáfora da ecologia linguística das redes ecológicas como modelo para a comunicação especializada:

Con este modelo pretendemos representar el conjunto de géneros y registros de la comunicación especializada como un ecosistema, en que los distintos elementos mantienen una relación equilibrada

entre sí y con el resto de elementos contextuales de carácter extralingüístico. Por esta razón, a este cuadro teórico lo hemos denominado modelo ecolingüístico. (Rojo, 2000:71)

Estamos, no entanto, perante uma proposta de abordagem ao estudo da comunicação especializada que procura contornar os problemas discutidos anteriormente com as tipologias já consagradas. Não se trata de uma adaptação de um modelo ecolinguístico aos estudos terminológicos. Por outro lado, o autor refere que a sua proposta é um modelo que segue apenas a analogia entre os modelos ecossistémicos da ecologia e a linguagem:

Estas metáforas deben usarse para facilitar la adecuada comprensión de los fenómenos y hechos científicos, como modelos a partir los cuales podemos establecer ciertos paralelismos entre dos ámbitos o esferas conceptuales diferentes. (Rojo, 2000:71)

E, na continuação, fica claro que a sua posição perante a ecolinguística é totalmente distinta da posição defendida pelos ecolinguístas, quer da abordagem na linha da EEH de Steffensen, Phill e Kravchenko, quer na linha ecossistémica de Couto:

Sin embargo, este modelo ecolingüístico no debe ser entendido como una vuelta a la creencia de que las lenguas son seres vivos. Las lenguas son instituciones sociales y creaciones culturales, nacidas y desarrolladas para la comunicación. Como fenómeno semiótico, todo hecho social del lenguaje se inscribe en el campo de la cultura, y no de la naturaleza. (Rojo, 2000:71)

Concordamos com Rojo quando refere que as línguas não são seres vivos. No entanto, a nossa posição está em linha com os ecolinguístas: a nossa perceção do mundo, os processos cognitivos, são um reflexo de processos que variam em função da cultura, dos grupos sociais, e das situações, ou seja, do contexto. A perspetiva naturalizada da ecolinguística coloca também o meio natural (a biologia e a ecologia) na equação, funde plenamente a língua com a cognição ecológica a língua (também) no plano físico, como afirma Kravchenko (2016):

Language is something material inasmuch as it involves various observables accompanying linguistic behavior (vocalizations, gestures, cultural artifacts, etc.). However, as a kind of adaptive behavior language does not convey information (the alleged

purpose of communication); it establishes a relational domain of coordinated interactions which both determine, and are determined by, the states of interacting organisms. (pág.107)

Voltando então àquela que talvez seja, em nossa opinião, a abordagem mais “holística” da terminologia, a Teoria Comunicativa, Cabré tem sempre insistido numa abordagem da terminologia segundo três perspectivas: cognitiva, sociocomunicativa e linguística. Apesar de se tratar de uma abordagem interdisciplinar, o objeto de estudo, o termo é indissociável dos três pontos de vista. Ou seja, não podemos abordar plenamente os fenómenos associados à utilização de uma unidade terminológica, diferenciando o plano linguístico totalmente do cognitivo, e ambos dos planos sociais e culturais. A teoria de Cabré demonstra a necessidade de uma abordagem teórica da terminologia que consiga ir mais além da linguística cognitiva e que consiga abarcar e conciliar as diferentes faces dos termos.

As aplicações da ecolinguística na terminologia surgem principalmente em raros trabalhos existentes no plano das políticas de língua e planificação linguística (Zarkini, 2014). No Brasil, é de referir, a título póstumo, o trabalho de Manoel Sarmento que sugeriu pela primeira vez o termo *ecolexicografia* (Couto & Couto, 2016; Albuquerque, 2019). Por seu turno, a *etnoterminologia* referida por Depecker (2014), relaciona a terminologia com vários fatores discursivos (grupos, sociedade e usos), aproximando, nesse sentido, a terminologia e a ecolinguística, em linha com Diki-Dikiri (2000) e a sua terminologia cultural, como refere Parizot (2014):

Dans la droite ligne de la socioterminologie, l’ethnoterminologie prend en compte les dimensions sociologiques, culturelles, psychologiques en étudiant les groupes humains déterminés et en recueillant sur le terrain, en mettant en forme les activités de celui-ci en cherchant à déterminer les mécanismes visibles et invisibles. (Parizot, 2014:18)

E é neste ponto que entram os fenómenos de variação linguística e, no nosso caso particular, de variação terminológica. Se por um lado admitirmos a motivação cognitiva da variação denominativa, e por outro

a língua como embutida na cognição, não faz sentido estudar o fenómeno da variação sem olhar para o panorama alargado que gerou a variante. Como discutimos anteriormente, ao analisarmos o trabalho de Freixa (2013), podemos verificar que os fatores que estão na origem da variação terminológica são muito diversos e diversificados. Por outro lado, (Fernández-Silva, 2010) indica vários argumentos para justificar a motivação cognitiva da variação denominativa, mais precisamente:

- a) a variabilidade da categorização e da estruturação conceptual;
- b) a diversidade das motivações e o seu carácter contextual;
- c) a complexidade da relação conceito-termo, ou seja, questões epistemológicas como a separação entre os planos cognitivo e linguístico e a consideração do termo como signo linguístico e, como consequência dos anteriores, o conceito e o significado como elementos de natureza distinta.

Não subscrevemos totalmente este último ponto, que coloca o termo como referente da denominação, separando a vertente linguística dos processos cognitivos. Em nossa opinião, o termo é o conjunto [conceito + denominação], ou [conceito + variantes denominativas]. O fundamento da unidade terminológica é, pois, o conceito, uma entidade cognitiva multidimensional, com múltiplos traços conceptuais, cuja ativação não é homogénea nem universal, mas depende do utilizador e do valor que este lhe atribui, ou seja, do seu ponto de vista, como aliás foi também referido por Fernández-Silva (2013b) . Porém, as unidades terminológicas não permanecem no nível cognitivo, elas são partilhadas, comunicadas e verbalizadas entre indivíduos e comunidades de utilizadores, inseridos num contexto próprio, ou se quisermos, num ecossistema determinado por fatores de ordem diversa: sociais, culturais, geográficos e naturais. E é este ambiente que condiciona e molda a comunidade discursiva em que o indivíduo se insere e os processos de verbalização dos termos comunicados. Por conseguinte, o conceito e o significado (dado pela denominação) podem ser elementos de natureza

distinta (cognitiva e semântica, respetivamente), mas não deveriam ser separados em termos de análise. Se a motivação para a denominação é cognitiva, a perspetiva ecolinguística aponta também para uma ligação ecossistémica da língua à cognição.

Utilizando então a ecolinguística, não como um paradigma, mas como uma plataforma para a observação da variação terminológica e da dinâmica dos discursos especializados de um ponto de vista unificado, como denominado por Couto (2014), uma vez que se assume que língua, cognição, cultura, sociedade e natureza são parte de um todo. Ou seja, podemos estudar qualquer problema que emerge ao nível do discurso especializado sem perder de vista as motivações cognitivas, sociais, culturais e naturais:

I suggested that ecolinguistics goes far beyond sociolinguistics and ecocritical discourse analysis. Even morphosyntactic, phonological and phonetic phenomena could be approached from an ecolinguistic point of view, (...). Ecolinguistics as a platform would be like a launch-pad from which it is possible to take off in several directions. It would be a platform from which we study any language phenomena from a unified point of view.(Couto, 2014:127)

Esta abordagem poderá assim contribuir para a forma como abordamos alguns paradoxos e dificuldades na terminologia, em particular no enquadramento do discurso especializado e dos seus produtores, os especialistas, vistos como um todo, como um ecossistema discursivo real, e o papel que desempenham na terminologia e na variação terminológica. Nos especialistas incluímos aqueles especialistas não formais, ou vernaculares, cujas características discursivas os afastam do centro da análise terminológica, especialmente em domínios caracterizados por uma alta diversidade de grupos sociais, atividades profissionais e culturais e discursos com traços fortemente marcados e dependentes de fatores culturais, sociais e ambientais. A representação destas terminologias é também uma questão de preservação do conhecimento, enquanto procura compreender como os fatores ambientais (antropogénicos e naturais) afetam a variação. Alargando o

leque do campo de análise aos especialistas não formais e aos seus contextos comunicativos e enquadrando a variação terminológica numa abordagem ecolinguística podemos permitir-nos estudar estes fenómenos numa perspetiva holística, com algumas implicações metodológicas (Noronha, 2023:29):

- a) Reforça o papel da denominação no estudo do termo, unidade que não pode ser plenamente abordada apenas através de traços conceituais;
- b) Os fatores que afetam a dinâmica e a variação terminológicas (culturais, sociais, políticos e biofísicos) podem ser plenamente integrados nos estudos terminológicos à medida que se tornam parte dos processos dentro do ecossistema humano alargado.
- c) A variação faz agora parte do ecossistema do discurso especializado e o seu controlo é um processo de harmonização, exigindo uma descrição adequada ao utilizador; a normalização é um meio, não um fim, a ser usado para fins específicos em contextos comunicativos específicos.

Por conseguinte, nesta tese, iremos procurar mostrar como as diferentes comunidades de especialistas afetam a variação terminológica produzida e a forma como essa influência se altera a nível diacrónico. bases de dados terminológicas. Propomos assim uma nova perspetiva sobre o conceito especialista, com consequências na organização da metodologia de análise terminológica em domínios onde as comunidades tradicionais desempenham o papel de especialistas.

2.5.3. Proposta metodológica ecolinguística

Esta reflexão sobre o suporte dado pela ecolinguística à terminologia não invalida a utilização de metodologias diversas para o estudo em campo dos fenómenos terminológicos. Pelo contrário, permite um enquadramento teórico que justifica a adaptação de uma dada

metodologia ao objeto de estudo e os objetivos do trabalho terminológico. Este pode ser um aspeto relevante, por exemplo, nos estudos em diacronia e/ou em *corpora* comparáveis, em que podem ser necessárias uma ou mais abordagens metodológicas combinadas.

Couto & Couto (2016) , uma vez questionados sobre qual seria a metodologia da ecolinguística responderam que seria a pedida pelo objeto de estudo. Fazem depois uma alegoria da visão holística da ecolinguística com a de alguém que, apesar de estar a estudar um detalhe definido na sua propriedade, sobe ao ponto mais alto, o telhado da casa, para poder ter uma visão do conjunto, descendo depois para o ponto inicial. Aplicando esta perspetiva à terminologia, podemos enquadrar e aceitar as metodologias utilizadas atualmente porque tudo depende do objetivo do trabalho, perdendo relevância a discussão das abordagens exclusivamente onomasiológicas e semasiológicas. Este pode ser um aspeto relevante nos estudos de variação em diacronia e/ou sincronia, e/ou em análise de *corpora* comparáveis, em que podem ser necessárias várias abordagens metodológicas combinadas.

Ao rever as propostas metodológicas para a *ecolexicologia* e *ecolexicografia* (Albuquerque, 2015; Couto & Couto, 2016), Albuquerque (2019) apresenta algumas sugestões de alterações à elaboração dos verbetes dos recursos lexicográficos (dicionários) tendo em mente que:

(...) os efeitos e resultados que cada lexema traz aos indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema), além de trazer definições e abonações que estejam mais em acordo com a visão ecológica de mundo, mas tudo isso sem perder de vista o uso da língua (pág.2071).

Não subscrevemos Albuquerque neste ponto específico uma vez que o autor propõe um sistema de classificação de *palavras ecológicas* e *não ecológicas* segundo uma determinada escala de valores, que comportam algum grau de subjetividade. Além disso, a terminologia, apesar de partilhar alguns pontos comuns com a lexicologia, difere em muitos outros aspetos, nomeadamente, a nível dos discursos especializados e dos fundamentos conceptuais. Um recurso

terminológico que pretenda registrar, por exemplo, fenómenos de variação diastrática, não se pode basear, como sugerido por Albuquerque, apenas em alterações de fichas terminológicas, uma vez que a terminologia lida com unidades terminológicas integradas num sistema conceptual. Por outro lado, o objetivo da terminologia é recolher, organizar e estruturar (e também preservar) o conhecimento e não fazer juízos de valor. Uma abordagem ecolinguística à terminologia e qualquer atividade de investigação deve ser feita de acordo com critérios objetivos intra e extralinguísticos que sigam os fundamentos da disciplina e do trabalho terminológico.

Um princípio metodológico da ecolinguística surge através do trabalho de Nash e de Mühlhäusler (Nash, 2011; Nash & Mühlhäusler, 2014). Os autores efetuaram não um estudo terminológico, é certo, mas um levantamento de topónimos. Através do trabalho de campo de recolha de dados junto a populações das ilhas de Pitcairn e Norfolk (Austrália), demonstraram a forma como o ambiente social e natural influencia os topónimos das ilhas. Os autores baseiam a sua metodologia de trabalho em duas vertentes a que chamam *trabalho de campo ecolinguístico* e *minimalismo empírico*.

Na primeira vertente, *trabalho de campo ecolinguístico*, os autores procuram uma relação de proximidade com as comunidades locais, chegando a envolverem-se na vida dessas comunidades. O estabelecimento de uma relação de confiança permite um melhor entendimento dessas comunidades e o conhecimento dos fatores socioculturais e biofísicos relevantes no estudo a realizar. Consideram que tal é fundamental para a obtenção de dados linguísticos que de outra forma seriam difíceis, ou mesmo impossíveis, de obter. Os dados obtidos são posteriormente compilados em *corpora* e tratados segundo procedimentos comuns à linguística de *corpus* (Nash, 2011). Transportando para a terminologia, podemos fazer uma analogia com o trabalho de proximidade que o terminólogo deve manter com os especialistas do domínio em estudo, permitindo assim um maior

entendimento sobre o sistema conceptual do domínio. Esses especialistas podem apresentar, como discutimos anteriormente, características muito distintas e desenvolver a sua atividade em ambientes bastante diferentes e diversos, ou seja, ecossistemas, como será o caso da Dieta Mediterrânica e da Aquacultura. Assim, será importante uma primeira abordagem, uma fase de pré-terminografia, em que deverá ser realizado um levantamento das comunidades discursivas relevantes do domínio, ou seja, como vimos anteriormente, dos seus especialistas e dos seus contextos comunicativos.

A segunda vertente metodológica seguida por Nash e Mühlhäusler, o *minimalismo empírico*, refere-se ao cuidado na generalização da aplicação de métodos, procedimentos e conclusões a outros contextos distintos, uma vez que os autores consideram cada contexto linguístico como único e cada um deles deve ser tratado como casos de estudo distintivos e singulares. Adaptando à terminologia, e ao que foi anteriormente discutido em 2.5.2., reforça a noção de que cada domínio é único e que a primeira abordagem na fase de pré-terminografia teve ser dirigida a essas especificidades, analisando os intervenientes, os contextos comunicativos em que a terminologia é utilizada e a forma como os termos circulam e são partilhados.

Esperamos assim conseguir elaborar uma metodologia de abordagem à terminologia do domínio que identifique e expresse a variação produzida, com relevância, no nosso caso particular, para a variação diastrática e diacrónica. A metodologia ecolinguística, como expressa por Nash e Mühlhäusler, estará presente, principalmente, nas fases iniciais do trabalho, ou seja, na fase de pré-terminografia, como identificada por (Remígio Oliveira, 2010), nomeadamente na caracterização do domínio, dos intervenientes e na recolha de dados terminológicos. Os princípios metodológicos, adaptando as sugestões de Nash e de Mühlhäusler, darão particular atenção à caracterização dos diferentes contextos comunicativos, procurando uma colaboração de proximidade na organização conceptual do domínio e na recolha de

dados para constituição dos *corpora* de extração. Na fase de caracterização do domínio e de recolha de dados, a colaboração das associações de desenvolvimento local, como mediadores culturais, será fundamental. Após a fase de pré-terminografia, a metodologia segue os princípios padronizados do trabalho terminográfico:

- 1) Identificação dos contextos comunicativos e dos intervenientes:
 - a) delimitação e caracterização do ecossistema em que os domínios se desenvolvem;
 - b) caracterização dos grupos socioculturais relevantes para a Dieta Mediterrânica e Aquacultura;
 - c) trabalho colaborativo interdisciplinar para estabelecimento de uma rede colaborativa de contactos entre os diferentes grupos de especialistas;
- 2) Elaboração e processamento dos *corpora* de extração; organização dos *corpora* de cada domínio em *subcorpora*, segundo os seguintes critérios:
 - a) Critério diacrónico – Classificação e organização dos textos num período temporal de 5-10 anos;
 - b) Critério diastrático – Classificação e organização dos textos segundo os contextos comunicativos identificados;

A organização dos *corpora* segundo os diferentes contextos comunicativos ajudará a identificar as variantes denominativas que correspondem de facto a termos em uso no seio das comunidades discursivas. Para cada termo será então incluída informação sobre o contexto comunicativo em que foram obtidos. Além disso, deverão ser complementadas com informações contextuais sobre o ecossistema social, cultural e biofísico.

2.6. Síntese

A terminologia é fundamental para as atividades de mediação comunicativa. Enquanto a mediação comunicativa permite aceder a discursos, textos e conhecimento em uma outra língua, a terminologia disponibiliza recursos linguísticos que permite ligar os profissionais das línguas (tradutores, intérpretes, professores de línguas para fins especiais) ao discurso do especialista e ao sistema conceptual do domínio.

Para as atividades de mediação comunicativa, por exemplo, um tradutor, conhecer a terminologia do domínio é fundamental para transmitir corretamente a mensagem do texto de partida. Não menos importante é saber adequar a tradução ao público-alvo. Para tal, o tradutor ou intérprete deve ter informação disponível a nível de recursos linguísticos que o ajudem a adaptar a fraseologia e/ou a terminologia e a transferir corretamente a mensagem aos destinatários. Isso implica compreender as especificidades dos discursos e ter consciência que as diferentes tipologias discursivas registada nos principais recursos terminológicos disponíveis podem não corresponder aos seus objetivos.

Alguns domínios têm um carácter fortemente vincado por atividades técnicas e científicas, outros, porém, incluem grupos profissionais e sociais mais abrangentes e estão fortemente marcados por aspetos culturais, sociais e ambientais. Estes grupos profissionais têm, por vezes, uma tipologia discursiva própria, gerando diferentes dinâmicas a nível linguístico. Este aspeto levou-nos a repensar o conceito de especialista e de discurso especializado que até agora tem sido vigente em terminologia e propusemos o conceito de especialista não formal. Da mesma forma, repensámos as abordagens metodológicas em terminologia com o objetivo de melhor compreender a variação terminológica, neste caso, diacrónica e diastrática. Nesse sentido, procurar-se-á, através da abordagem ecolinguística, enquadrar a variação terminológica, dado que, em contextos fortemente interlinguísticos e interculturais, o

conhecimento das suas diferentes expressões é fundamental para uma melhor comunicação.

O presente trabalho pretende assim contribuir para um melhor conhecimento da dinâmica dos discursos de especialidade, preservando, ao mesmo tempo, os saberes e o conhecimento de determinadas comunidades, numa sociedade que se quer sustentável. Os resultados desta investigação pretendem respeitar culturas e identidades, tendo implicações ao nível profissional e espelhando as relações inequívocas entre os contextos, mediação dos saberes por via das respetivas verbalizações em diferentes níveis/registos de língua ou em diferentes variedades linguísticas e /ou línguas.

3. Caracterização dos domínios

3.1. Fase de pré-terminografia e abordagem ecolinguística

A abordagem ecolinguística avançada por Nash & Mühlhäusler caracteriza-se por um princípio que Albuquerque (2015) refere como *minimalismo empírico*. Este princípio preconiza que cada ecossistema linguístico deve ser observado como um caso de estudo particular. Isto implica que se devem ter em atenção os diversos fatores relevantes que produzem condições contextuais distintas e que podem impossibilitar a sua extrapolação para outros contextos. No seu estudo sobre a origem dos topónimos na ilha de Pitcairn, Nash (2011) refere que:

Because each ecology is different but at the same time similar, each ecology must be treated differently. What may happen in one ecology linguistically and toponymically may not happen in a different ecology. (pág.72)

Perante o exposto, e ao pretendermos abordar formas e causas da variação terminológica, teremos de partir do princípio de que:

- 1) cada domínio é único nos fatores que afetam o dinamismo e a variação e que as relações discursivas entre as diferentes comunidades de intervenientes devem ser abordadas como relações ecológicas: biunívocas e interdependentes;
- 2) as relações discursivas entre as diferentes comunidades são moldadas por diferenças contextuais que devem ser analisadas, quer sejam elas sociais, culturais, profissionais, mas também ambientais.
- 3) por último, os dados recolhidos pelo *trabalho de recolha* e os *corpora* utilizados devem refletir essa diversidade discursiva

Como apresentámos no Capítulo 2, partiremos da proposta de Remígio Oliveira (2010) de identificação de contextos comunicativos, que, juntamente a constituição dos corpora, constitui como uma das etapas da fase de pré-terminografia, como base para a nossa abordagem:

Processo terminográfico	
Fases	Etapas e subetapas
pré-terminografia	▪ estabelecimento de objectivos; ▪ representação conceptual da área de especialidade; ○ delimitação da subárea de especialidade; ▪ identificação dos contextos comunicativos na subárea de especialidade; ○ delimitação dos contextos comunicativos no discurso vulgarizado; ▪ constituição de <i>corpora</i> especializados; ○ constituição do <i>corpus</i> e selecção do <i>subcorpus</i> em análise; ○ constituição do <i>corpus</i> de referência;

Tabela 7 - O processo terminográfico - Fase de pré-terminografia (Remígio Oliveira, 2010:111)

No entanto, teremos de ressaltar um aspeto que distingue o nosso objetivo do objetivo de Remígio Oliveira. Como a própria autora refere, o seu trabalho, relativo aos alimentos funcionais, visa propor uma *metodologia proposta de uma metodologia de elaboração de um recurso terminológico, destinado a um público não-especialista* (Remígio Oliveira, 2010:10), e dar resposta às necessidades comunicativas com um público leigo. O seu trabalho identifica assim produtores textuais, classificados no âmbito do discurso de vulgarização (e semivulgarização), que permitam elaborar um recurso terminológico destinado a um público leigo. Remígio Oliveira (2010) está interessada no levantamento das terminologias de vulgarização que, pertencendo a um discurso considerado especializado, têm de ser utilizadas num contexto comunicativo com um público não especialista. Por contexto comunicativo, considera ser:

(...) a circunstância específica em que o discurso vulgarizado, sobre alimentos funcionais, é produzido, considerando os produtores textuais, a sua intenção de comunicação e o público a quem se dirige (pág.252-253).

Porém, o nosso objetivo, recordamos, é estudar a variação terminológica e respetivas causas, dentro dos domínios apresentados, estudo este que poderá abranger diferentes comunidades discursivas consideradas relevantes em termos de variação diastrática e diacrónica de curto prazo. Desta forma, os nossos contextos comunicativos serão

formados pelos intervenientes discursivos, a intenção comunicativa e os seus recetores (ou público-alvo).

Teremos assim de procurar quem são as comunidades que incluem esses intervenientes discursivos (mesmo não sendo produtores textuais), nomeadamente os *especialistas não formais*, para, em seguida, identificar e caracterizar as relações discursivas entre eles e os fatores e causas das eventuais diferenças terminológicas entre as diferentes comunidades. Neste ponto teremos em atenção dois aspetos:

- 1) em primeiro lugar, a estratégia a adotar na recolha de dados, uma vez que esta deve incluir diferentes comunidades discursivas, como atores fundamentais na terminologia do domínio,
- 2) em segundo, ao pretendermos ampliar o conceito de discurso especializado para incluir comunidades discursivas para além dos contextos académicos e/ou técnicos, precisaremos de um referencial teórico que permita ampliar esse mesmo conceito de especialista e acomodar tipologias discursivas produzidas fora dessas comunidades.

Como desenvolvido no Capítulo 2, abordaremos o primeiro ponto utilizando por base a metodologia dos contextos comunicativos e o segundo enquadrando a terminologia numa perspetiva ecolinguística. Após a identificação das comunidades discursivas e dos contextos comunicativos, partiremos para a organização dos corpora tendo em vista analisar as diferenças terminológicas entre os diferentes grupos. A nossa fase de pré-terminografia será assim constituída por três etapas:

- 1) caracterização e delimitação do domínio
- 2) identificação dos contextos comunicativos e recolha de dados
- 3) constituição e organização dos corpora

Desta forma, começamos por uma apresentação e familiarização dos domínios de estudo, procurando, simultaneamente, realizar a delimitação dos mesmos.

3.2. Caracterização do domínio Dieta Mediterrânica

3.2.1. Definição e fundamentação histórica

A Dieta Mediterrânica (DM) tem raízes históricas no estilo de vida dos povos da bacia do Mediterrâneo e nas ligações que, ao longo dos séculos, estes povos estabeleceram com a sua paisagem natural, social e cultural (Delgado et al., 2022), tirando o melhor partido dos recursos disponíveis. Reconhecida pela UNESCO, em 2013, como Património Cultural da Humanidade, a Dieta Mediterrânica é definida por *um conjunto de saberes-fazer, conhecimentos, rituais, símbolos e tradições sobre técnicas agrícolas, pesca, criação de gado, conservação, processamento, preparação e, especialmente, partilha e consumo de alimentos*²¹. Como regime alimentar, baseia-se numa alimentação frugal, de base vegetal, caracterizada por um baixo consumo de proteína animal e recorrendo ao uso de produtos locais e sazonais, na sua maioria frescos, ou processados segundo técnicas tradicionais transmitidas de geração em geração. A própria produção destes alimentos (agricultura, pesca ou pecuária) está alicerçada em valores de sustentabilidade, procurando respeitar as características e os ritmos sazonais do ambiente biofísico (Machinho, 2018; Real & Graça, 2019, 2020).

No entanto, a definição não se esgota na alimentação, ou nas atividades diretamente com ela relacionadas, como seja o caso da produção e processamento de alimentos. A própria palavra *dieta* tem origem no grego *díaita*, significando *estilo de vida*, não se circunscrevendo apenas a um padrão alimentar. Queiroz (2014) refere-se ao conceito de Dieta Mediterrânica, fazendo notar que:

(...) resulta da forma como vivemos e nos relacionamos em comunidade, com os valores sociais e religiosos que nos orientam e o que

²¹ Mediterranean Diet. Disponível em linha em <https://ich.unesco.org/en/RL/mediterranean-diet-00884> [acedido 20/08/2023]

culturalmente aprendemos e transmitimos, com os rituais simbólicos e as formas como habitamos, produzimos e nos alimentamos. (pág.15)

Assim, na caracterização da Dieta Mediterrânica estão incluídos outros aspetos indispensáveis. A socialização, nomeadamente a convivialidade à mesa, é um elemento vital da identidade cultural e de grupo, de fortalecimento das relações sociais e familiares. A socialização é ainda fundamental para cultivar valores como a hospitalidade e as práticas de boa vizinhança. Na área cultural, dá-se a maior importância ao diálogo intercultural e às celebrações e manifestações culturais e religiosas (como fatores agregadores das sociedades) e às atividades tradicionais e artesanais, como veículos de partilha e de transmissão intergeracional dos conhecimentos e saberes. Incluem-se assim na DM, quer atividades relacionadas diretamente com a produção e preservação dos alimentos (por exemplo, fabrico de vinho, azeite, pão), quer outras artes desenvolvidas em variadas áreas e que respondem às necessidades ancestrais dos povos da bacia do Mediterrâneo (cerâmica, tecelagem, armazenamento de alimentos). Estamos, assim, perante um conceito (em sentido lato) multidisciplinar que integra várias perspetivas de ordem natural, cultural, social e histórica.

Até meados do século XX, a Dieta Mediterrânica não havia sido definida como tal, correspondendo a um modelo alimentar de base cultural (Real & Graça, 2020), subjacente à identidade sociocultural e a um estilo de vida próprio dos povos da bacia mediterrânica. Essa identidade tem origens históricas, não se podendo separar a Dieta Mediterrânica do seu contexto histórico e das características do seu ambiente natural, cultural e social, como referem Delgado, Cruz, Coelho, & Romano (2022):

The Mediterranean Diet (MD) is herein presented as a multidisciplinary concept which, in its broadest sense, does not apply outside the Mediterranean Basin, as it embodies elements of geography and climate, agriculture, food habits, history, sociological aspects, culture, architecture and others. (pág.9)

O reconhecimento e tomada de consciência sobre o valor da Dieta Mediterrânica surge apenas a partir da década de 50 do século XX. Primeiramente, em 1953, são publicados os estudos encomendados pelo governo grego à Fundação Rockefeller, realizados com o intuito de melhorar as condições de vida das populações de Creta no período do pós-guerra (Machinho, 2018). Nestes estudos, constatou-se que as populações apresentavam condições de saúde favoráveis, com baixas incidências de doenças cardiovasculares (Real & Graça, 2019). Entretanto, em 1952 e após participar no Iº Congresso da FAO em Nápoles, um médico fisiologista norte-americano, Ancel Keys, já começara na Grécia, em conjunto com a sua mulher Margaret, uma investigação destinada a estudar o efeito da alimentação de diferentes grupos de populações sobre a incidência das doenças cardiovasculares. Os resultados, publicados definitivamente em 1980, passaram a ser conhecidos como o *Estudo dos Sete Países* (Real & Graça, 2019). Este estudo detetou uma correlação entre a reduzida incidência de doenças cardiovasculares e coronárias e o regime alimentar e modo de vida dos povos dos países mediterrânicos estudados (Russo et al., 2021). A essa dieta e estilo de vida, Keys dá o nome de Dieta Mediterrânica, a qual começa a suscitar o interesse da ciência e do público em geral, dados os potenciais benefícios associados para a saúde. Assim, a partir dos anos 80, diversos eventos e congressos são promovidos e organizados para estudar, debater e promover este “novo” conceito (Real & Graça, 2019). Entre os muitos eventos e estudos que surgiram a partir da segunda metade do século XX e até hoje sobre a Dieta Mediterrânica, destacamos dois momentos:

- 1) a conceção da roda e da pirâmide alimentar da Dieta Mediterrânica (Figura 8), que após a sua apresentação em 1993, foi sendo ser atualizada de forma a melhor representar a sua multidisciplinaridade (Real & Graça, 2019);
- 2) o reconhecimento pela UNESCO, em 2013, da Dieta Mediterrânica como Património Imaterial da Humanidade.

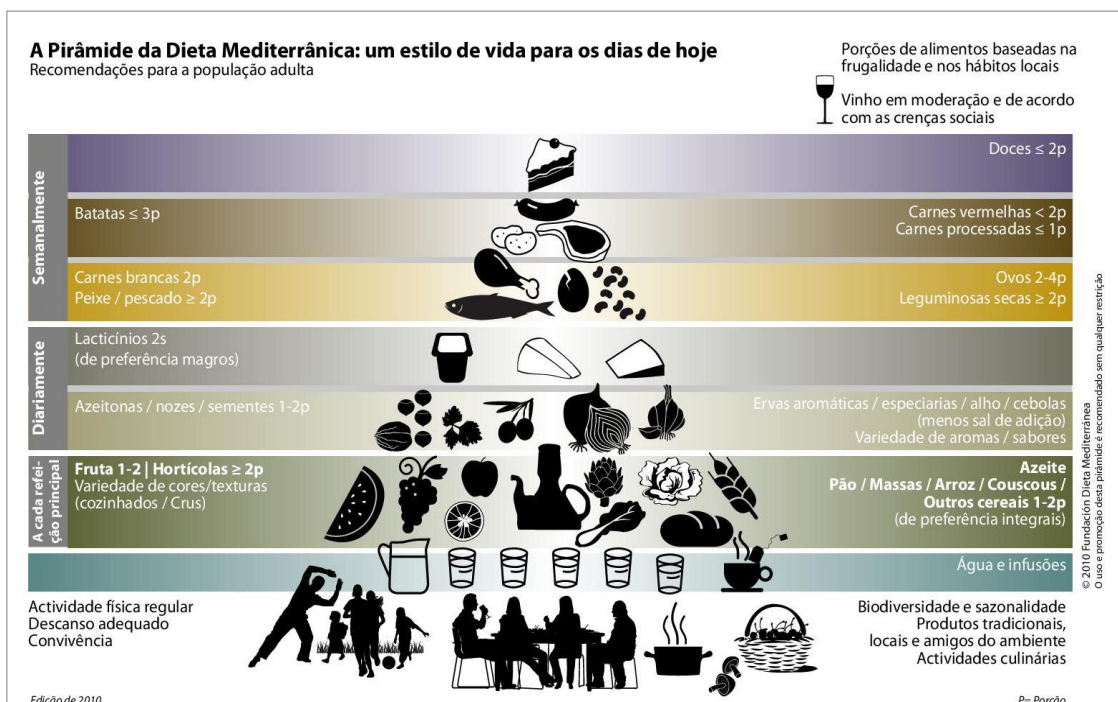


Figura 8 – Pirâmide da Dieta Mediterrânica. Fundación Dieta Mediterránea.²².

Quer no caso da pirâmide alimentar, quer na definição da UNESCO, os fatores sociais, culturais e a interligação com o ambiente natural são elementos essenciais na definição da Dieta Mediterrânica. Estes dois momentos realçam o facto já acima referido, de estarmos perante um estilo e um modo de vida e não um mero padrão alimentar, ao contrário do conceito inicialmente definido por Ancel Keys, como faz notar Real & Graça (2020):

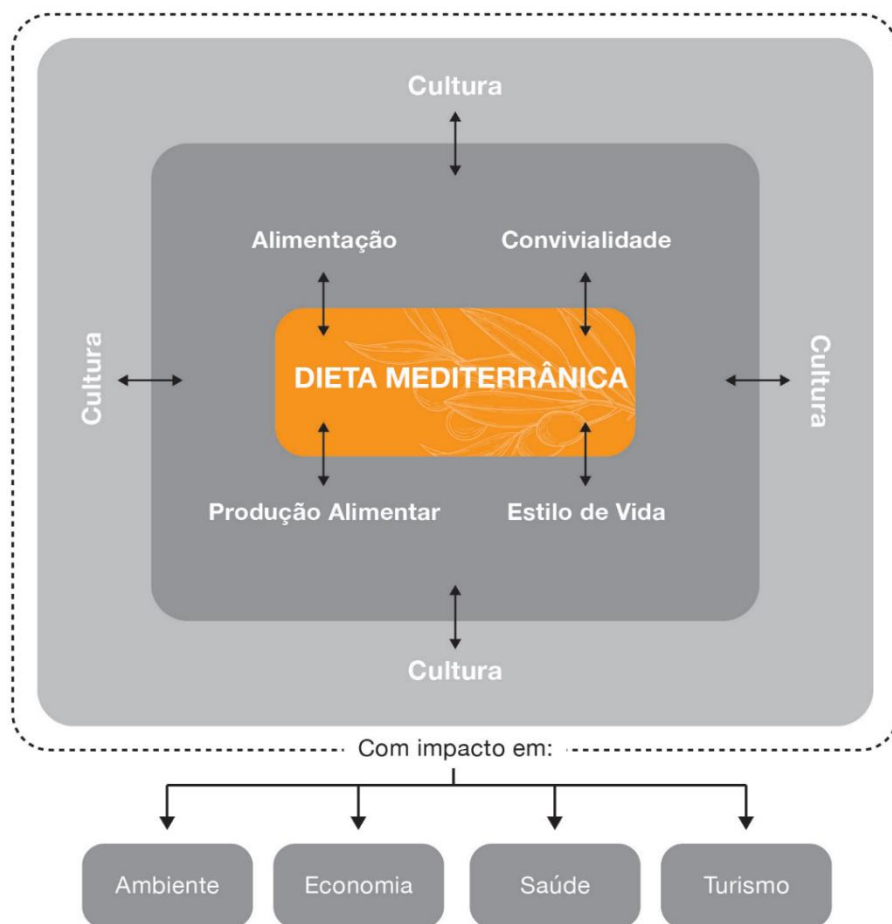
De referir que o conceito de Ancel Keys (...) tenta caracterizar inicialmente um modo de comer, um padrão de consumo e que o conceito da UNESCO (...) tenta preservar este modo de consumo, mas através da preservação do que permite a sua sobrevivência (a envolvente social, económica e cultural) e as suas formas de transmissão. (pág.206)

Desta forma, vários autores têm estudado a Dieta Mediterrânica, procurando articular as diferentes vertentes multidisciplinares com os diferentes fatores históricos, culturais, sociais, naturais e geográficos que

²² Pirâmide da Dieta Mediterrânica. Fundación Dieta Mediterránea. Disponível em linha em <https://dietamediterranea.com/> [acedido em 05/05/2023]

a moldaram (Queiroz, 2014; Covas et al., 2015; Delgado et al., 2022). Assim, considera-se a Dieta Mediterrânea como um modelo cultural assente em quatro eixos: alimentação, convivialidade, produção alimentar e estilo de vida (Real et al., 2020; Real & Graça, 2020). Tendo por base a literatura e as perceções dos especialistas intervenientes, estes autores elaboraram um *mapa conceptual*²³ para a Dieta Mediterrânea, não só com objetivo de obter uma melhor caracterização, como para avaliar a sua evolução e tendências futuras, identificando também as áreas onde a valorização e divulgação da DM poderá gerar maior impacto socioeconómico. No modelo proposto por Real et al. (2020), e que reproduzimos na Figura 9, é de notar o ênfase dado aos aspetos não diretamente relacionados com o padrão alimentar.

²³ Segundo os autores Real, Dias e Graça (2020).



ALIMENTAÇÃO

Comensalidade; Compostos químicos dos alimentos; Conservação (salga, secagem, pickles); Culinária simples; Frugalidade; Modelo essencialmente vegetariano; Produção local; Sazonalidade; Transformação; Trilogia pão-vinho-azeite

CONVIVIALIDADE

Comunidade; Comer em conjunto; Família; Festivais e celebrações; Trocas sociais e de comunicação

ESTILO DE VIDA

Atividade física; Descanso; Modo de viver mediterrânico; Preocupação com produção sustentável, produtos frescos e locais e sazonalidade; Valores (Criatividade; Diálogo intercultural; Hospitalidade; Partilha; Respeito pela diversidade; Vizinhança)

PRODUÇÃO ALIMENTAR

Agricultura (Biodiversidade, Produção local, Produção sustentável, Produção tradicional); Pesca; Pecuária

CULTURA

Artesanato (Consumo alimentar, Preservação, Transportes); Canto; Colheitas; Conhecimentos; Culinária; Gastronomia; Habilidades; Património; Pecuária; Pesca; Poesia; Processamento alimentar (p.e. conservação); Rituais; Símbolos; Tradição

AMBIENTE: Clima; Flora; Sustentabilidade alimentar

ECONOMIA: Economia circular; Mercados; Trocas, acordos e respeito mútuo

SAÚDE: Nutrição; Padrão alimentar promotor de saúde

TURISMO: Hospitalidade; Restauração

Figura 9 - Mapeamento do conceito de Dieta Mediterrânica, com base na literatura e perceções de especialistas do Algarve/Portugal em Dieta Mediterrânica (Real & Graça, 2020:6)

Apesar da relevância dada ao caráter multidisciplinar da DM, nomeadamente em relação a fatores basilares como a convivialidade, estilo de vida e cultura, a maior parte dos estudos conduzidos quer em Portugal, quer a nível internacional sobre a Dieta Mediterrânica têm dado sobretudo atenção aos aspetos relacionados com a alimentação, numa perspetiva da nutrição, e sua influência na saúde (Petrillo, 2012; Real & Graça, 2020; Russo et al., 2021; Delgado et al., 2022). De realçar, em Portugal, os projetos desenvolvidos por algumas universidades, nomeadamente a do Algarve, municípios e associações de desenvolvimento local, caso da In Loco, muitas vezes ao abrigo de programas europeus transfronteiriços, e que têm trabalhado no estudo integrado das várias vertentes da DM com o objetivo de conhecer e preservar os valores e saberes inerentes a este património cultural da humanidade (Valagão, 2011; Queiroz, 2014; Romano, 2014; Covas et al., 2015).

3.2.2. Ambiente e sociedade

A chamada região mediterrânica engloba não só vários países e regiões que delimitam a bacia geográfica do Mar Mediterrâneo como também outras regiões adjacentes, como seja o caso de Portugal, mais concretamente, das regiões do Sul de Portugal (Algarve e Alentejo). Esta proximidade geográfica confere a estas regiões características muito semelhantes às dos países da bacia mediterrânica propriamente dita, não obstante a delimitação da costa ser feita pelo Atlântico (Ribeiro, 2021). Desta forma, e particularmente durante o verão, estas duas regiões apresentam um clima tipicamente condicionado pela influência do Mediterrâneo e do Norte de África: temperaturas elevadas, baixa humidade, luminosidade intensa. A influência do Atlântico faz-se sentir principalmente no outono e inverno, com temperaturas mais baixas e períodos variáveis de precipitação. Ainda assim, graças à influência da região climática mediterrânica, estas duas estações são consideradas amenas (Ribeiro, 2021:43). Não obstante, o contraste resultante entre os

regimes de pluviosidade entre o verão e o inverno determinam o ciclo climatérico e a alternância de períodos de chuva mais ou menos abundante com períodos de elevada evaporação e escassez de água. Esta situação obrigou a uma adaptação da flora e da fauna nativas a um clima seco e a verões cada vez mais longos e secos. De igual modo, a agricultura tradicional, a produção animal e as técnicas de processamento e conservação de alimentos foram-se adaptando ao longo do tempo a estas características edafoclimáticas. Destaca-se a presença da oliveira, entre outras culturas de sequeiro, da vinha e do trigo, essenciais para a alimentação das povoações e que fazem parte dos chamados pilares da alimentação mediterrânica (Romano, 2014).

Ao longo dos séculos, como referem Delgado et al. (2022), a paisagem natural do Mediterrâneo foi-se transformando, numa *paisagem cultural*, onde a ação humana, não obstante a meta sempre almejada do progresso, se desenvolveu na procura de uma relação de sustentabilidade em equilíbrio com o meio natural. O entendimento e conhecimento sobre a DM não pode ignorar esta ligação entre a ação humana e o ambiente natural e cultural em que está integrada. Esta relação é biunívoca, ou seja, não é apenas o ambiente natural que condiciona a atividade humana. O contrário, a modificação e a alteração da paisagem natural pelas mãos dos inúmeros povos e culturas que foram habitando as regiões do Mediterrâneo, também foi acontecendo ao longo dos séculos. Como consequência, o conceito de *paisagem natural*, cuja premissa principal seria a de uma área natural não humanizada, pura e intocada, não se verifica na maior parte das regiões do Mediterrâneo.

O termo *paisagem cultural*, de acordo com a UNESCO²⁴, é definido pela à ação combinada do ser humano e da natureza, que ilustram a evolução de determinadas sociedades e povoamentos humanos ao longo do tempo, condicionados pela influência e limitações dos fatores ambientais, pelas oportunidades e aproveitamentos sustentáveis desse

²⁴ Cultural Landscape. UNESCO. Disponível em <https://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#1> [acedido em 2/2/2022]

mesmo ambiente natural em conjugação com fatores culturais, sociais e económicos, quer internos quer externos:

Human communities act on the environment according to their values, faith and associations. Nature is changed by the interaction of human communities, and human communities are, in turn, conditioned by Nature, which may strongly influence their identity and sense of belonging. (Delgado et al., 2022:27)

O termo engloba assim várias expressões (usos específicos e sustentáveis do território, manifestações e rituais religiosos, artes) que refletem uma rica e complexa interação entre o ser humano e o seu ambiente natural (Figura 10):

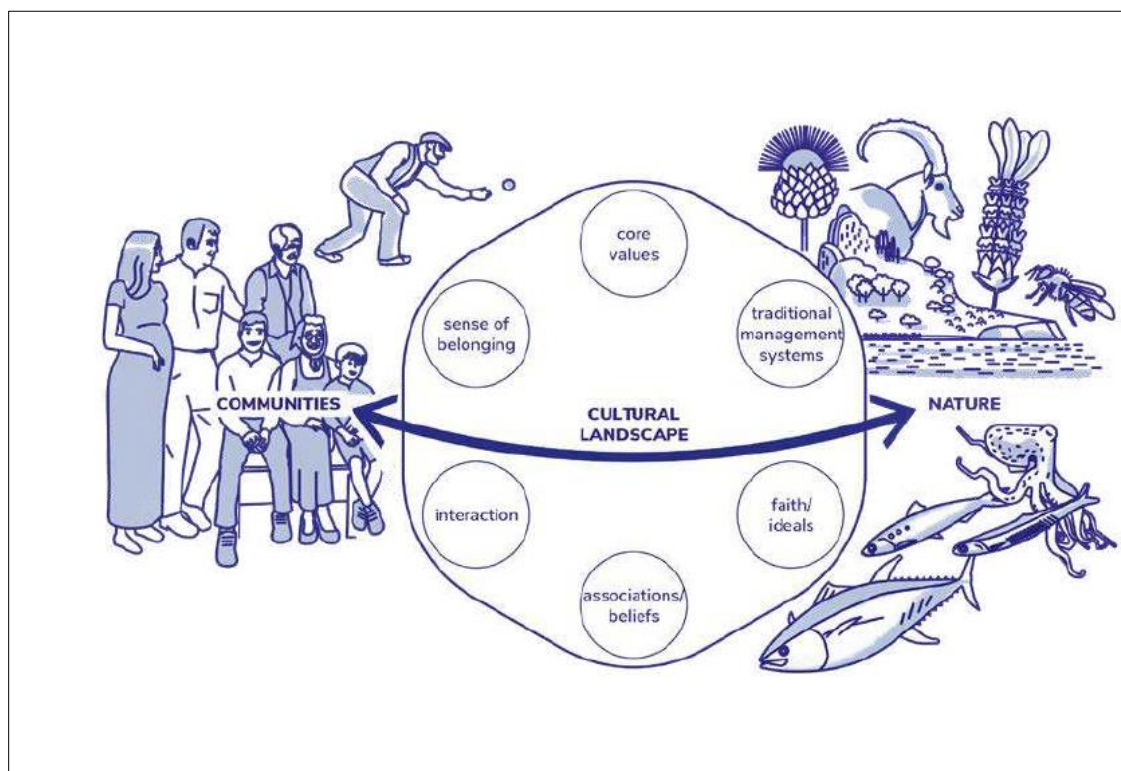


Figura 10- Paisagem cultural da Dieta Mediterrânica (Delgado et al., 2022:17)

Além das manifestações socioculturais, a UNESCO também inclui a língua de uma dada comunidade nas características de uma paisagem cultural, como expressão da identidade de uma comunidade e que, como enquadrado pela abordagem ecolinguística, molda e é, por sua vez, moldada pelo ambiente biofísico:

Each people has a specific relation, physical and associative, with its environment, which is ingrained in its culture, its language, its livelihood, its sense of being and its identity, which is inseparable from its relationship with the land. (Mitchell et al., 2009:17)

Além disso, a Convenção de 2003 para a salvaguarda do Património Cultural reforça a língua como elemento central para a diversidade cultural e para a preservação do património cultural:

(...) the intangible heritage is manifested in the following domains, among others: (...) Oral traditions and expressions including language as a vehicle of the intangible cultural heritage; Performing arts (such as traditional music, dance and theatre); Social practices, rituals and festive events; Knowledge and practices concerning nature and the universe; Traditional craftsmanship. (Mitchell et al., 2009:27)

Não obstante o reconhecimento e o destaque dado à língua pela UNESCO, pelo seu papel fundamental nas sociedades humanas, como um dos elementos da paisagem cultural, a chamada paisagem linguística e as questões de ordem linguística aparecem pouco representadas nos estudos e projetos realizados sobre a Dieta Mediterrânica, nomeadamente ao nível da preservação do património linguístico e terminológico. As razões para tal podem advir da dificuldade, por parte não só dos linguistas, mas também de outras áreas da ciência, em reconhecer a língua como um elemento, simultaneamente, da biologia e da ecologia humanas, conforme discutido nos trabalhos de vários ecolinguistas (Couto, 2014; Steffensen & Fill, 2014; Stibbe, 2014; Kravchenko, 2016). Esta ligação é igualmente reconhecida por autores da área da antropologia (Skutnabb-Kangas et al., 2003; Maffi & Woodley, 2010; Maffi & Dilts, 2014) que definem o conceito de *biodiversidade cultural*, como:

(...) the diversity of life in all of its manifestations: biological, cultural, and linguistic, which are interrelated (and likely coevolved) within a complex socio-ecological adaptive system (Maffi & Dilts, 2014:41).

Os autores referidos consideram assim que a diversidade biológica tem de incluir não só a diversidade botânica e faunística, habitats e ecossistemas, mas também a diversidade das culturas humanas e das

suas línguas. Consideram ainda que as diferenças entre a diversidade do mundo humano e a natural não podem ser vistas como existindo em mundos e realidades separadas e isoladas, mas antes como manifestações de um todo único e complexo, que evolui e que se adapta mutuamente ao longo do tempo (Maffi & Woodley, 2010:5-6).

Como tal, a língua é parte do ecossistema em que os humanos estão integrados, por muito antropogénico que esse ambiente seja, e ser considerada um elemento central para a salvaguarda da diversidade biológica e cultural.

3.2.3. Representação da Dieta Mediterrânica em terminologia

Quer em Portugal, quer na generalidade dos países da bacia do Mediterrâneo, as questões linguísticas e terminológicas analisadas sobre temas ligados à DM tendem a incidir sobre temáticas muito restritas. São exemplos os trabalhos sobre a terminologia das notas de prova do azeite e do vinho (Gautier, 2019; Arroyo & Sanz-Valdivieso, 2022). De citar, em Portugal, o trabalho de Chacoto (2014) que, trabalhando no âmbito da fraseologia e paremiologia, analisou a presença de elementos da DM nos provérbios e expressões idiomáticas em Portugal, incluindo elementos sobre a prática de atividade física e sobre a convivialidade.

No âmbito da terminologia, Machinho (2018) discutiu as dificuldades em delimitar o domínio da Dieta Mediterrânica, o qual considerou como um domínio compósito. Neste trabalho, a autora percebeu a complexidade do objeto de estudo, dado o seu caráter multidisciplinar e diversidade sociocultural dos respetivos especialistas e intervenientes relevantes. Machinho aborda a Dieta Mediterrânica como um *domínio* de conhecimento em si, um domínio especializado com características estruturais e discursivas complexas, cujos limites se alargam e interferem continuamente com outras áreas. Levanta várias questões, não apenas sobre a própria noção de domínio em terminologia, mas também sobre a forma como o conhecimento terminológico tem sido

representado, nomeadamente fora das comunidades científicas e técnicas, ou seja, no seio de comunidades ligadas a atividades tradicionais, onde a dimensão cultural, está intrinsecamente ligada à dimensão social:

(...) uma terminologia para a DM²⁵ que inclua terminologia popular poderá permitir às populações estabelecer a ligação entre a terminologia de carácter científico e os termos populares de que tenham conhecimento e que sempre foram utilizados pelas populações. Apesar destas terminologias não serem resultado de um conhecimento científico, são-no do conhecimento empírico que foi construído ao longo do tempo, fazendo com que também constituam conhecimento especializado. (Machinho, 2018:59)

Um exemplo, apresentado por Machinho (2018), é constituído pelos nomes vulgares das ervas e plantas aromáticas:

Nome científico: Nome: <i>Foeniculum vulgare</i> Mill. Família: Apiaceae (Umbelliferae) Nomes comuns: erva-doce; fiôlho; fionho; funcho; funcho-amargo; funcho-bravo; funcho-de-florença; funcho doce; funcho hortense

Neste exemplo, a autora não identifica a utilização discursiva específica de cada uma destas variantes, realizando apenas um levantamento das denominações de uma determinada planta aromática existente em Portugal. Porém, no *website* da Agência Europeia do Medicamento ²⁶ é escolhida a denominação *funcho doce*. Esta denominação visa a estabelecer a normalização do nome, perfeitamente justificada, para contornar problemas de comunicação da Agência. Questionamo-nos se esta denominação será a única a estar incluída nos recursos terminológicos existentes e a única opção apresentada na comunicação com determinadas comunidades de falantes que simplesmente a podem desconhecer.

²⁵ Dieta Mediterrânica

²⁶ Fruto de funcho doce. Resumo do Relatório do HMPC destinado ao público. Disponível em https://www.ema.europa.eu/en/documents/herbal-summary/foeniculum-vulgare-miller-subsp-vulgare-var-dulce-miller-thellung-fructus-fennel-fruit-sweet-hmpc_pt.pdf [acedido em 20/08/2022]

A delimitação dos domínios e as dificuldades que se colocam no levantamento terminológico (como seja na constituição e análise de *corpora* de extração), levou autores como Fréjaville (2002, 2009) e Conceição (2005) a avançarem com a noção de *domínio compósito*. Conceição (2005) utiliza primeiramente o conceito de *esfera de atividade* em detrimento de *domínio*, por considerar esta designação mais adequada às reais práticas socio-discursivas, em articulação com a socioterminologia. Considera a esfera de atividade uma estrutura aberta, um *continuum*, que interfere e interage continuamente com outras áreas adjacentes, ou próximas, ou seja, um *domínio compósito*. Por seu turno, Frejaville (2009:596) aplica a noção de *domínio compósito* ao domínio da poluição, destacando o caráter multidisciplinar, interdisciplinar e transversal, o que a autora vê também como transdisciplinar. Multidisciplinar por envolver esferas de atividade em áreas de conhecimento distintas, interdisciplinar, pelo trabalho conjunto e colaborativo que estas diferentes disciplinas têm de realizar na abordagem a um problema e/ou objeto de estudo comum. Transversal porque está representado pela existência de diferentes registos discursivos com origem em diferentes comunidades discursivas, obrigando a um estudo transdisciplinar. A contribuição sobre o conhecimento do domínio feito por intervenientes fora dos meios académicos é igualmente referida como uma das caracterizações de transdisciplinaridade (Rigolot, 2020). Assim sendo, a transversalidade resulta numa variedade de registos discursivos, que atravessam e cobrem diferentes disciplinas, abordagens e registos, não devendo o estudo do domínio ficar limitado a uma tipologia discursiva única e apenas representativa de uma dada comunidade, como refere Frejaville (2009:601):

Dans le programme terminologique d'un domaine composite tel que la pollution, le corpus textuel doit idéalement pouvoir décrire ses discours et sa terminologie en diachronie et en synchronie. En d'autres termes, pour satisfaire les étapes mêmes du travail terminologique, et tenant compte des différentes tâches qui lui sont imparties, une méthode de répartition d'un corpus global ou primaire doit être envisagée. (pág.601)

Seguindo esta afirmação, os desafios que estes domínios apresentam à terminologia não se encontram apenas a nível do seu enquadramento e delimitação teóricos, mas também a nível terminográfico, por exemplo, nas metodologias de recolha e análise de dados terminológicos. No caso da Dieta Mediterrânica, corroboramos o ponto de vista de Machinho: estamos perante um domínio compósito, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, o que encontra suporte na própria lista das comunidades representativas que elaboraram a candidatura a Património Cultural da UNESCO (Covas et al., 2015; Real et al., 2020) e que se reflete nas palavras de Delgado et al. (2022):

The members of the representative list agreed that the concept of Mediterranean Diet is multidisciplinary, encompassing geography and climate, agriculture, food habits, history, sociological aspects, culture, architecture and others. (pág.23)

Consideramos estar perante uma abordagem complexa para a qual iremos basear-nos na abordagem metodológica ecolinguística proposta por Nash (Nash, 2011; Nash & Mühlhäusler, 2014), assumindo, porém, a impossibilidade de concretização de um estudo totalmente abrangente da ecologia e das paisagens linguísticas da DM e, tal como em ecologia, partindo do geral para o particular:

Like the study of ecology, ecolinguistics cannot incorporate all parameters for analysis. Ecolinguistics selects those relationships which illustrate key patterns for describing the linguistic ecology. (Nash, 2011:71)

Nash considera assim que a atenção da ecolinguística não está apenas nas categorias dos itens estudados, mas principalmente as relações e interligações existentes num determinado contexto. Por analogia, ao delimitar um domínio em terminologia, ganha maior relevância a análise das dinâmicas existentes entre as várias comunidades de intervenientes discursivos e entre estas e os diversos fatores sociais, culturais e naturais que as afetam. Este aspeto vai ao encontro da necessidade de identificação dos contextos comunicativos, como proposta por Remígio Oliveira (2010). Por conseguinte, a abordagem dos estudos sobre variação em terminologia, neste tipo de domínios, deverá

ter em consideração a diversidade de intervenientes e respetivas tipologias discursivas, as diferentes atividades profissionais e áreas do conhecimento envolvidas e o tipo de relações discursivas, culturais e sociais que se estabelecem, não apenas entre si, mas também com o seu contexto.

3.3. Caracterização do domínio Aquacultura

3.3.1. Definição e fundamentação histórica

A Aquacultura define-se como a produção e/ou criação de organismos aquáticos (animais, algas, plantas ou micro-organismos) para alimentação ou outras finalidades (repovoamento, biotecnologia, produção de organismos ornamentais), em condições, parcial ou totalmente, controladas. A atividade pode desenvolver-se em água doce e/ou água salgada, em sistemas e estruturas mais ou menos industrializados, localizadas em terra, em zonas húmidas, em águas abertas ou em rios e barragens. Tem sido frequentemente enquadrada dentro do âmbito das Pescas, dado o ambiente aquático em ambas se desenvolvem e do qual estão dependentes e, conseqüentemente, alguns métodos e técnicas operacionais que acabam por apresentar em comum, (por exemplo, artes de pesca utilizadas para recolha de peixes em tanques de terra). No entanto, distingue-se da pesca por ser uma atividade fundamentalmente produtiva e não extrativa. Também se distingue da pesca e de outras atividades recoletoras (como a caça) pela reclamação de propriedade não apenas em relação ao que é produzido, como em relação ao local de produção, isto apesar de em algumas sociedades humanas os recursos apresentarem um caráter comunitário (Beveridge & Little, 2002). Se apenas considerarmos a produção de animais aquáticos heterotróficos, podemos verificar que a aquacultura partilha ainda algumas características com a produção zootécnica. Porém, ao considerarmos a produção de algas, plantas ou outros organismos

aquáticos autotróficos, estaremos perante uma atividade mais próxima das práticas agrícolas. Perante esta complexidade de metodologias associadas ao cultivo, o glossário da FAO (*Fisheries and Aquaculture Department*) define aquacultura como:

*The farming of aquatic organisms including fish, molluscs, crustaceans and aquatic plants. Farming implies some sort of intervention in the rearing process to enhance production, such as regular stocking, feeding, protection from predators, etc. Farming also implies individual or corporate ownership of the stock being cultivated, the planning, development and operation of aquaculture systems, sites, facilities and practices, and the production and transport.*²⁷

A aquacultura não é uma atividade recente, estando intrinsecamente ligada à necessidade de produção de alimentos pela Humanidade. Admite-se assim que os primeiros indícios da prática de cultivo de peixes, nomeadamente da carpa-comum, surgiram na China entre 2000 e 1000 a.C. Já no mundo mediterrânico, os romanos recorreram a técnicas que aproveitavam a conjugação de diversos fatores ambientais e geográficos, como as zonas lagunares e as migrações naturais, para estabelecerem zonas confinadas de produção e de engorda de peixe e ostras (Dinis & Rocha, 2021). Alguns destes métodos sobreviveram e chegaram aos dias de hoje, nos sistemas de aquacultura extensiva, como seja o caso dos viveiros de peixe que aproveitam estruturas abandonadas de salinas para estabulação e engorda, ou dos viveiros de moluscos bivalves, localizados em zonas húmidas confinadas e protegidas, e cujas condições de engorda e crescimento são praticamente idênticas às naturais (Beveridge & Little, 2002).

O recente desenvolvimento da aquacultura tem sido impulsionado pelas crescentes necessidades alimentares a nível global, a que a pesca comercial já não consegue dar resposta ser pôr em causa a sustentabilidade dos recursos aquáticos (Dinis & Rocha, 2021). O desenvolvimento da Aquacultura tornou-se mais relevante a partir de

²⁷ Fisheries and Aquaculture Department. FAO. Disponível em <https://www.fao.org/fishery/en/aquaculture> [acedido em 9/11/2022]

1960, durante a chamada Revolução Azul, e ganhou maior impulso no século 21, perante as crises climáticas e alimentares a desenrolarem-se a nível mundial. O domínio está estabelecido e delimitado em Portugal, pelo menos desde os anos 60, apesar de Rocha & Dinis (2019:48) considerarem ser uma *indústria nova e emergente*, apesar das origens historicamente tão antigas quanto as da Dieta Mediterrânica.

Atualmente, assiste-se a um crescimento anual de cerca de 8,8%²⁸ na produção mundial de peixes, crustáceos e moluscos proveniente da aquacultura, estando o investimento feito no desenvolvimento tecnológico dos métodos de cultivo refletido numa produção mundial de 178 milhões de toneladas em 2020. Este valor corresponde a 49% da produção conjunta das pescas e da aquacultura (Figura 11), de acordo com o último relatório da FAO²⁹ de 2022.

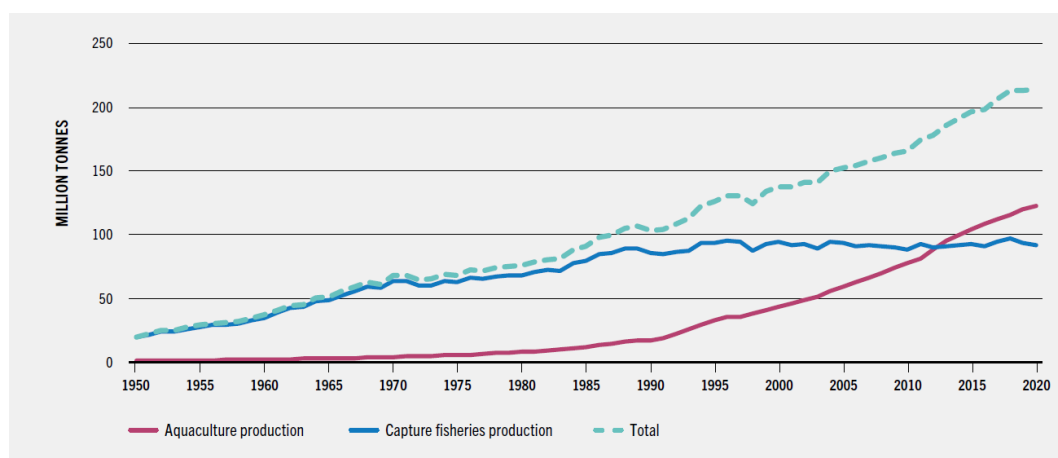


Figura 11 - Valor das capturas a nível mundial das pescas e aquacultura (referência: FAO, 2022)

Os objetivos desta atividade não se limitam à produção de organismos aquáticos para alimentação humana, sendo de referir outros sistemas de produção em aquacultura desenvolvidos com objetivos distintos (Sarraiça et al., 2016):

- produção destinada ao comércio de organismos ornamentais;

²⁸ Aquicultura. DGRM. Disponível em <https://www.dgrm.mm.gov.pt/aquicultura> [acedido em 22/03/2022]

²⁹ FAO. Disponível em <https://www.fao.org/3/cc0461en/online/cc0461en.html> [acedido em 22/03/2022]

- produção para fins farmacêuticos, nutricionais e biotecnológicos
- produção de organismos aquáticos para fins ações de repovoamento.

Constitui um setor de grande interesse económico e estratégico a nível nacional³⁰, usufruindo atualmente da transferência do conhecimento científico e técnico das universidades e institutos de investigação para os produtores e entidades privadas. A atividade adquiriu um relevante papel social e económico, nomeadamente pela implementação de projetos integrados de desenvolvimento em zonas rurais e costeiras os quais permitem criação de emprego e fixação de populações em áreas demograficamente deprimidas (Islam, 2014; Dinis & Rocha, 2021; FAO, 2022). A geração de riqueza provém não só da exportação e comercialização dos produtos provenientes da aquacultura, mas também do desenvolvimento inerente de indústrias e atividades de suporte (processamento de produtos, marketing, fabrico de rações, etc.) e de atividades adjacentes como o turismo. Porém, apesar dos avanços tecnológicos, nomeadamente, nos métodos de cultivo, este setor ainda hoje é marcado pela existência de técnicas e métodos artesanais e ancestrais, desenvolvidos ao longo dos séculos por comunidades que fizeram desta atividade uma forma de vida e um elemento de agregação social (Praça, 2004; Islam, 2014; Ottinger et al., 2016).

3.3.2. Ambiente e sociedade

De forma distinta da Dieta Mediterrânica, circunscrita por razões geográficas e contextuais à bacia do Mediterrânico, no caso da Aquacultura, e excetuando o elemento aquático comum aos diferentes contextos geográficos, não se pode falar propriamente de uma paisagem

³⁰ Aquicultura. DGRM. Disponível em <https://www.dgrm.mm.gov.pt/aquicultura1> [acedido em 4/04/2022]

natural nem cultural típica. Tomando Portugal como exemplo, a aquacultura tem desempenhado um papel relevante na fixação de muitas populações, contribuindo não apenas como fonte de nutrientes e de rendimento, mas também como elemento fundamental da identidade cultural das populações. Este é o caso da moluscicultura, representada pelas comunidades de viveiristas e mariscadores que se desenvolveram e estabeleceram em consequência da atividade. Para tal contribuíram as condições geográficas e climáticas, em particular a extensa linha de costa, as zonas húmidas protegidas (como os sistemas lagunares costeiros) e zonas ribeirinhas, os cursos de água e respetivas bacias hidrográficas, e o clima temperado com características atlânticas, mas também mediterrânicas, sobretudo no sul do país (Alentejo e Algarve).

Estamos, pois, perante uma atividade que se exerce a nível global em condições ambientais e contextos muito diferentes. No caso da Aquacultura, a paisagem natural e cultural específica de cada lugar determina e condiciona a forma como a atividade se desenvolve nesse mesmo local, imprimindo-lhe características próprias dessas regiões. É uma atividade extremamente dependente das condições ambientais, sendo afetada quer positivamente pelas condições favoráveis do meio, quer negativamente pela degradação dessas mesmas condições, muitas vezes devido a fatores externos à atividade. Nestes casos, as ameaças podem ter origem natural (catástrofes naturais), ou origem antropogénica, por exemplo, devido à proximidade a atividades industriais poluentes, saneamento urbano deficiente, pressão turística (Ottinger et al., 2016; Dinis & Rocha, 2021).

Por seu turno, a industrialização e desenvolvimento atual da aquacultura tem também impacto nas condições ambientais. Se por um lado constitui um fator de desenvolvimento económico, por outro é também causa de problemas ambientais (Figura 12).

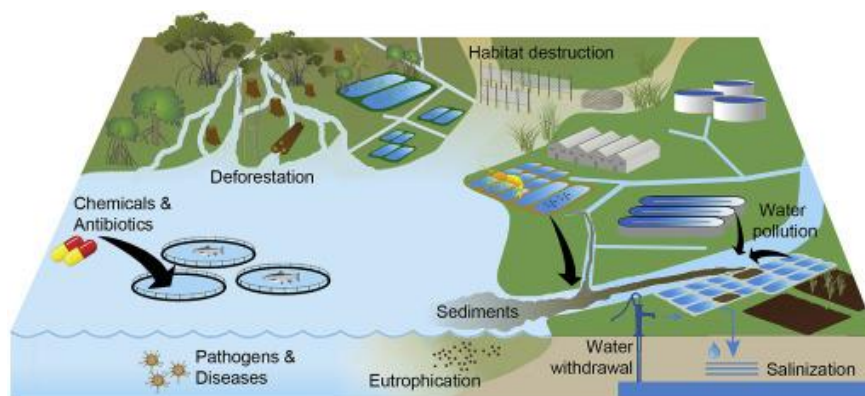


Figura 12 –Potenciais impactos da aquacultura no ambiente – (Ottinger et al, 2016)

O uso excessivo de fertilizantes, químicos e produtos farmacológicos, a ocupação de terras férteis por produções industriais, o deficiente tratamento das águas residuais, entre outros, são apenas alguns dos exemplos de impactos ambientais causados pela aquacultura mais intensiva. Estes problemas contribuem para a degradação de habitats e de recursos naturais, pondo em causa a sustentabilidade da própria atividade (Ottinger et al., 2016) e a qualidade de vida de comunidades locais, como no caso do cultivo de camarão no sudoeste asiático (Islam, 2014).

Surgem assim questões de índole ambiental e social que devem ser abordadas não apenas de uma perspetiva científica, técnica e até jurídica, mas de uma forma integrada, transversal, que inclua as ciências sociais e humanas e que envolva os principais intervenientes afetados, trazendo os seus pontos de vista para o debate. As comunidades locais, ao contribuir com o seu próprio conhecimento local, tornam-se também intervenientes especializados, especialistas locais com conhecimento profissional e prático do contexto e que estão inseridos e dos problemas associados (Praça, 2004; Felisbino da Silveira, 2021).

As questões de sustentabilidade ambiental, em articulação com o desenvolvimento económico e social, encontram-se desta forma entre os grandes desafios colocados atualmente à aquacultura (Islam, 2014; Dinis & Rocha, 2021). Consequentemente, têm cada vez mais relevância os

projetos de aquacultura comunitária, abordagens integradas, que garantam um desenvolvimento sustentável da atividade, reduzindo os impactos negativos sobre o ambiente e em harmonia com as populações e comunidades locais. Os processos e as várias etapas e esferas de atividade que devem ser contempladas num projeto de aquacultura comunitária estão representados na Figura 13. Salienta-se, além das questões ambientais, as preocupações dos autores com os problemas sociais, nomeadamente, a ética dos processos de produção, a igualdade de género, a equidade social e o papel da educação na dinâmica do domínio.

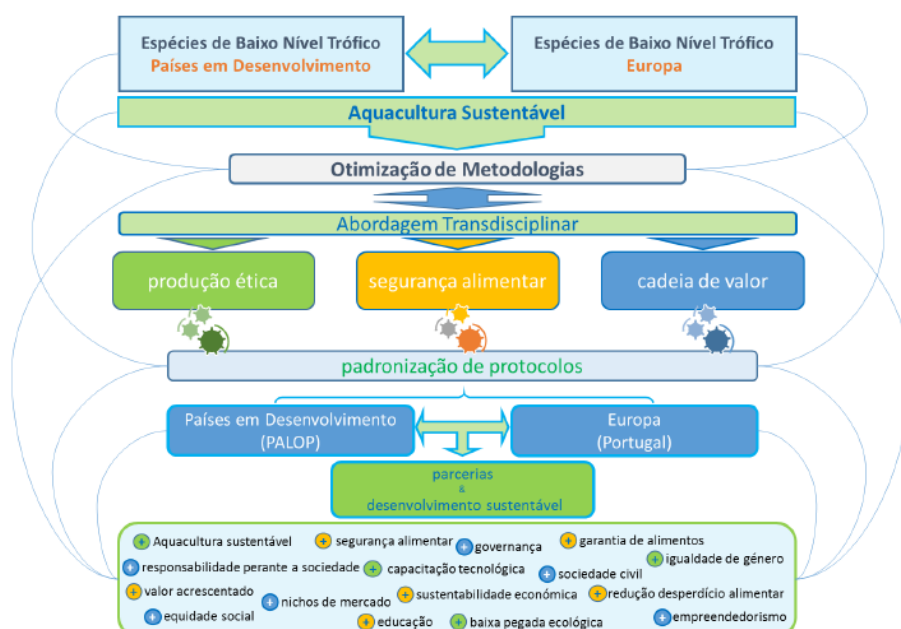


Figura 13 - - Desenvolvimento e implementação de projetos de aquacultura comunitária (Rocha e Dinis, 2019)

Estes projetos apresentam um âmbito mais alargado do que o âmbito técnico e científico, incluindo frequentemente estudos a nível sociológico e socioeconómicos, como explicam (Rocha & Dinis, 2019):

(...) o desenvolvimento de um projeto de aquacultura comunitária implica vários passos, sendo muitas vezes necessário iniciar o processo pelo estudo sociológico da comunidade, de forma a permitir conhecer as especificidades culturais, religiosas ou políticas, seguindo-se um estudo da biologia da espécie alvo, cujo

ciclo biológico pode não estar estudado, seguindo-se uma fase de desenvolvimento de metodologias e, posteriormente, a simplificação das metodologias e uniformização de protocolos, de forma a permitir que o cultivo da espécie seja realizado pelos membros da comunidade. (pág.49)

Neste ponto, parece existir atualmente uma maior preocupação no âmbito social nos investigadores do domínio, o que cria possíveis pontos de contacto com a dinâmica existente na Dieta Mediterrânica.

3.3.3. Representação da Aquacultura em Terminologia

Tal como no caso da DM, a aquacultura adquire também um carácter não apenas multidisciplinar como também interdisciplinar (Engle, 2016) e transdisciplinar. Multidisciplinar ao envolver esferas de atividade distintas em áreas científicas (biologia marinha e pesqueira, oceanografia, química, segurança alimentar, ambiente, medicina veterinária, entre outras), técnicas (engenharia, transportes), direito e administração pública, economia e ciências sociais (Dinis & Rocha, 2021). Interdisciplinar, pelo trabalho conjunto e colaborativo que diferentes disciplinas têm muitas vezes de realizar para abordar o mesmo problema e/ou objeto de estudo e procurar soluções, como no caso dos problemas relacionados com os impactos ambientais da aquacultura. A questão da transdisciplinaridade neste domínio, e num sentido mais estrito, pode colocar-se também em aquacultura perante questões que têm de ir mais além dos aspetos técnicos e científicos, abrangendo áreas do domínio sociocultural, e que são transversais a diferentes comunidades e a diferentes intervenientes no domínio (Felisbino da Silveira, 2021) e não apenas à esfera académica e técnica. Tal é o caso supracitado dos projetos de aquacultura comunitária (Islam, 2014; Rocha & Dinis, 2019).

Por conseguinte, perante o exposto anteriormente em relação à Dieta Mediterrânica, e apesar de estarmos num domínio distinto, consideramos também estar perante um domínio compósito, cujos limites e impactos vão além daqueles expressos pela estrita definição académica e técnica. Estamos numa esfera de atividade que abrange áreas

científicas, técnicas, sociais, culturais e ambientais. Ou seja, uma esfera de atividade que influencia a paisagem natural e cultural em que está inserida e onde se desenvolve, congregando diferentes disciplinas, diferentes comunidades socioculturais e profissionais. Por conseguinte, teremos também diferentes intervenientes discursivos que utilizam a língua não só como comunicação, mas como elemento essencial para a salvaguarda do conhecimento e da diversidade biocultural (Maffi & Dilts, 2014).

Neste contexto de transversalidade, e de articulação da aquacultura com as comunidades locais e com o seu ambiente natural, social e cultural, levantam-se assim questões linguísticas, mais concretamente na área da terminologia, nas suas funções de representação e de transferência, como comunicação do conhecimento especializado de um domínio (Cabré, 2003; Conceição, 2005). A variação terminológica, na forma como evolui ao longo do tempo (diacrónica) e entre diferentes contextos comunicativos (diatrática), constituirá uma expressão da diversidade biocultural dessas comunidades discursivas.

No entanto, a necessidade em otimizar metodologias de produção, nomeadamente na aquacultura intensiva, mais industrializada e tecnicamente mais complexa, tem potenciado o desenvolvimento de sistemas automatizados e informatizados de controlo de muitos processos (Oliveira et al., 2015). A representação do conhecimento deste domínio tem-se focado principalmente em questões conceptuais e ontológicas, como é o caso da monitorização de parâmetros físico-químicos, ou da alimentação automática. As ontologias, ao criarem uma linguagem formal capaz de serem lidas por máquinas, surgem como uma ferramenta fundamental para a estruturação do conhecimento nas indústrias modernas e para tornar a comunicação entre humanos e computadores não apenas possível, como eficaz (Oliveira et al., 2015; Sarraipa et al., 2016). Desta forma, a aquacultura, como uma atividade económica cujo conhecimento necessita de ser estruturado, beneficia em

grande medida das ontologias aplicadas aos processos informatizados de produção (Sarraipa et al., 2016):

The aquaculture domain has a proper nomenclature and the knowledge associated with that economic activity that needs a proper type of knowledge structuring and management. That kind of knowledge organization can be achieved by the development of a specific ontology-based framework aiming to support Aquaculture knowledge, research and operational activities. (pág.228)

Gangemi et al. (2002), dando como exemplo as pescas e em particular a aquacultura, utiliza as ontologias como metodologia de organização do conhecimento, permitindo a integração de informação de várias fontes e ampliando o âmbito dos resultados obtidos ao realizar pesquisas para obtenção de informação:

(...) beyond simple keyword-based searching, searches based on tagged content or sophisticated natural-language techniques require some conceptual structuring of the linguistic content of texts. The four systems concerned by this project provide this structure in very different ways and with different conceptual 'textures'. (pág.3)

Os sistemas de tesouros, de ontologias, bem como os glossários e bases de dados terminológicas realizadas por organizações ligadas à FAO³¹, como o AGROVOC³² e ASFA³³ e organismos da União Europeia (em particular a Direção Geral de Tradução e a Unidade de Coordenação de Terminologia, Term Coord) são alguns dos recursos disponibilizados à comunidade de profissionais, quer especialistas das áreas cobertas, quer aos profissionais das indústrias da língua, em particular tradutores e intérpretes. No entanto, estes recursos utilizam quer uma linguagem formal quer *corpora* baseados em documentos elaborados com objetivos técnico-jurídicos ou administrativos.

³¹ Food and Agriculture Organization of the United Nations (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura). Disponível em <https://www.fao.org/home/en> [Acedido em 21/05/2023].

³² Tesouros multilíngue para a Agricultura da FAO. Disponível em <https://www.fao.org/agrovoc/home> [Acedido em 21/05/2023]

³³ Aquatic Sciences and Fisheries Abstracts. Disponível em <https://www.fao.org/asfa/en> [Acedido em 21/05/2023]

Paradoxalmente, e apesar do formalismo discursivo dos *corpora*, verifica-se que a terminologia utilizada a nível legislativo e administrativo contém um número, por vezes, elevado de variantes denominativas, que surgem de forma não controlada nem devidamente explicada (Noronha, 2018). A Tabela 1, dá como exemplo o IATE³⁴ em que a mesma entrada (#1129093) é representada por diferentes formas denominativas.

Português	Inglês	Francês	Romeno
estabelecimentos de aquicultura	aquaculture establishment	ferme aquacole	fermă de acvacultură
exploração	aquaculture farm	ferme d'aquaculture,	unitate de acvacultură,
unidade de aquicultura	farm	installation d'aquaculture	

Tabela 8 - Variantes denominativas na base de dados IATE (ID do termo: 1129093): diferentes formas de nominativas para o mesmo conceito.

Este problema foi detetado de forma transversal a várias línguas de trabalho, surgindo a nível interinstitucional e na sequência de processos de tradução, sendo a validação dos termos maioritariamente realizada dentro das próprias instituições.

Nem sempre estas denominações coincidem com a terminologia utilizada por outras comunidades de especialistas, nomeadamente técnicos e investigadores da área. Se em parte, é um problema de validação terminológica a nível interinstitucional, por outro também é um problema dos registos discursivos utilizados para a constituição dos *corpora* de extração. Mais ainda, por estarem focadas em registos técnicos e administrativos, a maior parte destes recursos não contempla registos fora destes contextos comunicativos, considerados mais técnicos e especializados.

No âmbito da *moluscicultura*, as diferenças entre terminologias utilizadas por comunidades discursivas distintas (os técnicos

³⁴ IATE - Interactive Terminology for Europe. Disponível em <https://iate.europa.eu/home> [Acedido em 21/05/2023].

administrativos e os viveiristas) e os problemas comunicativos resultantes foram abordados por Conceição (2006). O autor constata que a existência de uma comunidade discursiva com fortes características locais, os viveiristas, normalmente excluídas dos levantamentos terminológico, que possui uma terminologia própria, refletindo-se essas particularidades e diferenças não apenas a nível do uso diferenciado das denominações, como também a nível da verbalização dos conceitos:

A incompreensão deve-se ao uso de denominações diferentes, para os mesmos referentes, causado por níveis de conhecimentos diferentes e por questões dialectais e culturais. Põe-se então a questão de saber se as diferentes denominações para cada referente correspondem ao mesmo conceito ou a conceitos diferentes. (pág.3)

Mas as diferenças discursivas entre as duas comunidades podem não se limitar às variações a nível denominativo. À semelhança da Dieta Mediterrânica, também no domínio da Aquacultura as diferenças discursivas entre algumas comunidades da esfera de atividade podem ter sido subestimadas, ignorando-se qual o papel que desempenham na comunicação dos saberes transmitidos pelo conhecimento local, na dinâmica e na terminologia utilizada no domínio.

Entre ambas verificou-se existir um dinamismo terminológico diferente, resultado de uma maior (ou menor) estabilidade dos termos:

A análise permitiu distinguir dois tipos de unidades terminológicas: as que existem nos discursos legais e nos discursos dos técnicos e as que existem nos discursos dos mariscadores. As primeiras são menos estáveis, pois correspondem a círculos de inovação curtos em que a atualização dos saberes é um fator pertinente, não são geograficamente marcadas nem motivadas; as segundas são mais estáveis e são geograficamente marcadas e motivadas. (Conceição, 2006:5)

Ao questionar a não inclusão das comunidades locais como detentoras de saberes especializados, ainda que de base empírica, Conceição (2006) também sublinha a relevância destas terminologias locais (ou regionais) para a preservação do conhecimento e para uma harmonização da terminologia.

3.4. Síntese

Neste capítulo caracterizámos o ecossistema social, cultural e natural em que se desenvolvem os dois domínios (Dieta Mediterrânica e Aquacultura) através das principais características que os definem e que determinam as comunidades discursivas relevantes para o nosso estudo, incluindo um breve enquadramento histórico. Desta forma, constatámos que a Dieta Mediterrânica se caracteriza por um conjunto muito diverso de atividades e práticas ancestrais reunidas sob um conceito criado no século XX.

Por outro lado, a Aquacultura é um domínio com limites mais bem definidos, desenvolvido ao longo dos séculos e que conhece atualmente um grande desenvolvimento científico e tecnológico. A transformação recente desta atividade produtiva, de grande importância e valor económico principalmente para o ramo alimentar, passando de uma atividade complementar à pesca para uma atividade concorrente e até, já em muitos casos, suplantando a pesca, foi conseguida graças a avanços científicos e tecnológicos contínuos.

Ambos possuem as características multidisciplinares, interdisciplinares e transversais que nos levam a defini-los como domínios compósitos e que nos permitirá identificar as comunidades discursivas relevantes de produtores textuais. No Capítulo 4 iremos proceder, de acordo com o conhecimento obtido dos domínios, à constituição dos *corpora* de análise de acordo com os contextos comunicativos identificados, e à análise terminológica do domínio.

Com base na informação obtida e conhecimento adquirido sobre os domínios de estudo, partimos para a identificação das respetivas comunidades discursivas, recordando um dos pontos de estudo desta tese: o estudo da variação terminológica, diastrática e diacrónica, integrando as comunidades discursivas de especialistas relevantes e

fazendo notar para a possibilidade de poderem existir tipologias de especialistas fora do contexto técnico e académico que podem contribuir de forma significativa para a terminologia de um domínio.

No Capítulo 2 (2.4.3), propusemos organizar as diferentes comunidades de intervenientes discursivos ao identificar as categorias de comunidades discursivas. O modelo proposto permite-nos uma organização horizontal que permite visualizar e prever diversas formas transversais de comunicação transversal entre todos os grupos. Iremos considerar os especialistas (formais e não formais) como produtores textuais restringindo o nosso trabalho a essas comunidades discursivas. A elas acrescentaremos os mediadores culturais, como forma de acomodar o trabalho de recolha cultural e etnográfica realizada por muitas associações de desenvolvimento local.

O mesmo modelo servirá igualmente como ponto de partida para a recolha de dados terminológicos e para a organização e estruturação dos *corpora*. Assim, e concluída a caracterização dos domínios feita em 3.2 e 3.3, utilizaremos a informação obtida para proceder à recolha e seleção de material textual e, por outro lado, utilizaremos estas categorias, para estruturar, organizar e popular os *corpora* de extração, quer para o caso da Dieta Mediterrânica quer da Aquacultura.

4. Metodologia, análise de dados e resultados

Neste capítulo iremos apresentar, primeiramente, a metodologia adotada para a recolha e obtenção de dados e para a criação dos *corpora* de análise e respetivo processamento e análise com o objetivo de responder às perguntas de investigação colocadas. Sequencialmente, passaremos a apresentar e analisar os resultados obtidos para os dois domínios escolhidos (Dieta Mediterrânica e Aquacultura) e para as duas formas de variação que temos como objetivo: a variação diacrónica e diastrática.

4.1. Recolha e processamento de dados

O uso de *corpora* tem constituído uma das principais ferramentas metodológicas de análise linguística, nomeadamente na área da lexicografia. Também a terminologia tem recorrido frequentemente a *corpora* especializados tendo em vista vários objetivos: comprovar usos e comportamentos dos termos em discurso, extrair termos e compreender as relações entre eles e os seus significados, obter conhecimento sobre o domínio alvo e pesquisar diferenças e/ou semelhanças entre as formas linguísticas e os seus contextos de utilização (Cabré, 1993, 2002; Bowker & Pearson, 2002; Tercedor-Sánchez & López-Rodríguez, 2012; Daille, 2017; L'Homme, 2020). Não obstante a metodologia baseada em *corpora* ter sido instituída como preferencial em terminologia, nomeadamente no âmbito da terminologia textual, L'Homme (2020) chama a atenção para as limitações que podem advir da dependência dos *corpora*, nomeadamente, a falta de informação fundamental, os erros, imprecisões, opiniões divergentes e contradições feitos pelos próprios especialistas no processo discursivo. Tal implica que o terminólogo tenha de procurar respostas fora do *corpus*, em parte, através do desenvolvimento das suas próprias competências a nível

linguístico ou adquiridas por contacto e familiarização com o domínio, mas também pela relação de proximidade com os especialistas do domínio:

*Many questions to which there is no concrete answer can be solved by the terminologists' knowledge of specific phenomena in their language and with the help of lexical semantics methods. Additionally, even if terminologists can go a long way with the information a corpus can provide, there will always be a point where **experts** in the field need to be consulted. The challenge for terminologists is to find the right balance between the information supplied by corpora, the knowledge they acquire and other sources of information. They cannot rely exclusively on corpora to make decisions about terms, nor can they hide behind corpus evidence when other sources of information are lacking. (L'Homme, 2020:38)*

Tendo presente a afirmação de L'Homme, a recolha de material para análise terminológica foi realizada não apenas com a finalidade de recolha de dados textuais, mas também criar uma rede de contactos que permitisse realizar um trabalho de recolha de dados com auxílio dos diferentes especialistas identificados nos dois domínios. Desta forma, começámos o trabalho de recolha de dados pela identificação dos contextos comunicativos nos dois domínios.

4.1.1. Identificação dos contextos comunicativos

O estudo realizado previamente sobre os dois domínios mostrou que, dada a pouca produção escrita em determinadas esferas de atividade, seria muito difícil obter dados textuais. Nestas condições, tentámos recolher, sempre que foi possível, dados terminológicos por via oral, de forma direta, ou cedidos pelos mediadores culturais. Estes dados foram posteriormente transcritos e integrados nos *corpora* e analisados em conjunto com os dados textuais. Assim, utilizámos uma abordagem simultânea e complementar para a recolha de dados terminológicos, quer recorrendo a dados textuais escritos quer orais, previamente transcritos.

Tendo em vista o nosso objetivo (estudar a variação terminológica a nível diastrático e diacrónico entre as diferentes comunidades

discursivas), procurámos abarcar o maior número possível de comunidades discursivas, de forma a obter uma panorâmica alargada sobre o domínio e sobre as dinâmicas discursivas entre os seus intervenientes. O papel dos mediadores culturais, representados pelas associações de desenvolvimento local, foi fundamental, principalmente no caso da Dieta Mediterrânica, uma vez que no Algarve existe um importante trabalho de recolha cultural e etnográfica realizado por estas entidades. Os dois domínios foram estruturados conforme os contextos comunicativos e comunidades discursivas propostos anteriormente, permitindo-nos organizar o material textual para a análise terminológica e constituição dos *corpora* de extração (Tabela 9).

Comunidades/contextos comunicativos	DM/Aquacultura
a) Academia (ACAD)	Universidades, empresas e institutos de ID
b) Atividades profissionalizadas (PRO)	Empresas do sector primário e secundário: agricultura, pesca, transformação de produtos, processamento, etc. Empresários em nome individual com formação profissional, não necessariamente de nível superior
c) Atividades Tradicionais (TRAD)	Profissionais e artesãos com ou sem formação profissional, associações de profissionais e grupos organizados de artesãos
d) Legisladores (LEG)	Reguladores, agências governamentais, municípios
e) Mediadores	Associações de desenvolvimento local

Tabela 9 - Comunidades discursivas identificadas a nível de produtores textuais

Identificadas as comunidades discursivas e estabelecida a rede de especialistas, prosseguimos com o trabalho de pesquisa e recolha de dados textuais para constituição dos *corpora* de análise e extração. Para a recolha de dados seguimos duas estratégias. A primeira estratégia foi estabelecer contacto com as diferentes entidades e indivíduos

identificados em cada comunidade discursiva. Tal permitiu obter dados terminológicos diretamente, ou através de referências bibliográficas recomendadas, e dados terminológicos por via dos mediadores culturais, ou, em alguns casos diretamente dos próprios intervenientes. No caso das comunidades inseridas no contexto comunicativo das atividades tradicionais (TRAD), nem sempre foi possível obter diretamente material textual escrito, tendo-se procedido ao levantamento terminológico com recurso aos materiais previamente obtidos pelos mediadores culturais. Esta recolha foi realizada através da participação em oficinas e em eventos temáticos e cursos de curta duração. Todos os dados recolhidos oralmente foram posteriormente transcritos e integrados nos *corpora*.

A segunda estratégia foi a pesquisa direta de materiais textuais que se enquadrassem na temática dos domínios. Dadas as especificidades dos domínios, a pesquisa e posterior seleção dos materiais, tal como a rejeição daqueles considerados não relevantes ou repetidos, foi orientada pelos seguintes critérios:

- a) Temas: seleção de áreas temáticas dentro da Dieta Mediterrânica e Aquacultura
- b) Critérios diacrónicos: autores e comunidade discursiva diretamente relacionados com o domínio
- c) Critério diacrónico: período de tempo inferior ou igual a vinte anos, ou seja, entre 2003 a 2023
- d) Critérios eidéticos: editoras, materiais não traduzidos, livre acesso, formato eletrónico editável;
- e) Língua: limitação da pesquisa a materiais em língua portuguesa, variante europeia;

Em relação às temáticas, e por limitações de espaço e tempo, optámos por concentrar as buscas em algumas subáreas dos domínios escolhidos. Desta forma, em ambos os domínios e também pela orientação ecolinguística que pretendemos dar à tese, procurámos restringir a nossa recolha a materiais ligados à região do Algarve, onde nos inserimos, e a atividades com representatividade a nível sociocultural. Na medida do possível, foi igualmente dada preferência, a atividades que

pudessem estabelecer pontos de contacto entre os dois domínios estudados. Assim, no caso da Dieta Mediterrânica, optámos por nos focar nas seguintes subáreas:

- a) Alimentação e produção alimentar, ou seja, temas relacionados com a alimentação, incluindo produção, confeção, processamento e conservação de alimentos, incluindo não apenas os produtos em si, mas também processos e métodos de conservação e transporte (por exemplo, vasilhames)
- b) Convivialidade, ou seja, práticas e atividades sociais e culturais (sobretudo relacionadas com a alimentação), incluindo festas e celebrações

No caso da Aquacultura, e após o levantamento prévio do domínio, escolhemos igualmente subáreas com atividades ligadas ao tecido económico, social e cultural da região do Algarve, nomeadamente a moluscicultura, a piscicultura e, pelo seu desenvolvimento recente na região, a produção em mar aberto.

Excluímos materiais traduzidos, incluindo textos localizados e/ou transcritos. Apesar destes textos sofrerem um processo de adaptação e de transformação para se adaptarem às variantes locais, quisemos garantir a autenticidade dos textos e evitar o enviesamento que naturalmente ocorre do processo tradutório. Por outro lado, no caso da Dieta Mediterrânica, o período temporal inicialmente previsto de dez anos (2010 a 2020) foi alargado até vinte anos para procurar cobrir o período anterior ao início do processo de candidatura a património cultural da UNESCO, o qual teve início entre 2008 e 2010. Sendo assim, o texto mais antigo data de 2008 e o mais recente de 2023.

4.1.2. Constituição e processamento dos *corpora*

Os textos recolhidos foram previamente avaliados e selecionados tendo em conta os nossos objetivos (estudo da variação terminológica diacrónica e diastrática dos domínios) e a sua relevância nas áreas e

subáreas em questão. Procedeu-se igualmente à sua classificação a nível diacrático e diacrónico tendo em vista a sua integração nos *corpora*. Após a seleção, os textos foram limpos, tendo em vista eliminar ruído desnecessário sem relevância para a análise terminológica. Este procedimento incluiu, nos textos escritos, a remoção de partes não textuais (imagens, tabelas numéricas, gráficos) e outros elementos de caráter editorial (agradecimentos, declarações de direitos de autor, índices remissivos, referências bibliográficas, etc.) cuja manutenção apenas contribuiria para aumentar o tamanho do *corpus*, adicionando *tokens* desnecessários, interferindo na análise de dados e tornando mais morosas todas as análises, sem acrescentar informação relevante. Os materiais obtidos foram depois convertidos para formato de texto simples (txt).

Estes textos escolhidos e previamente limpos foram registados e catalogados numa base de referências bibliográficas e, seguidamente, preparados para serem trabalhados no gestor e analisador de *corpora* Sketch Engine³⁵. O Sketch Engine é um software de gestão de *corpora* e de análise de texto desenvolvido pela empresa Lexical Computing CZ, disponível em linha e que não requer instalação. Os algoritmos integrados permitem analisar vários tipos de *corpora*, mesmo de grandes dimensões, disponibilizando várias funcionalidades que possibilitam a análise terminológica e várias funcionalidades para análise de texto. Integra um acervo bastante vasto de *corpora* de diferentes tipologias (monolingues, paralelos, especializados ou genéricos) em várias línguas e variantes, nomeadamente o português europeu. O *software* permite analisar ficheiros em vários formatos, incluindo *pdf*, formato em que foram obtidos a maioria dos documentos. Porém, todos os materiais que recolhemos foram convertidos preferencialmente para formato de texto simples (txt), em caracteres *unicode* UTF-8. Este procedimento justificou-se devido a erros do Sketch Engine no reconhecimento ótico de caracteres, à leitura incorreta das formatações do texto contidas nos

³⁵ Sketch Engine. Disponível em <https://www.sketchengine.eu/> [acedido em 1-12-2023]

formatos pdf e à existência de imagens embutidas no texto que poderiam perturbar a correta leitura e análise dos textos pelo Sketch Engine.

Após o pré-processamento, os materiais textuais recolhidos foram reunidos no Sketch Engine, constituindo dois *corpora* principais e independentes, correspondentes a cada um dos domínios escolhidos. Os dois *corpora* estão disponíveis para consulta na plataforma do Sketch Engine, através das ligações de acesso indicadas na Tabela 10:

Domínio	Nome do <i>corpus</i>	Link
Dieta Mediterrânica	DM-2023-PT	https://ske.li/dietamediterranea
Aquacultura	Aqua-2023-PT	https://ske.li/aquacultura

Tabela 10 - Ligações para os *corpora* DM-2023-PT e Aqua-2023-PT no Sktech Engine

O Sketch Engine trabalha sempre com um *corpus* de referência, sugerido automaticamente. Primeiramente foi utilizado o *corpus Portuguese Web 2018 (ptTenTen18)*, tendo posteriormente, em 2021, sido feita a alteração para o *Portuguese Web 2020 (ptTenTen20)*³⁶. Estes *corpora* pertencem ao grupo TenTen, um conjunto de *corpora* disponibilizados pela Elexis em várias línguas (>40) obtidos e compilados através de textos recolhidos na internet. Segundo a informação obtida no site do Sketch Engine, o *corpus Portuguese Web 2020* contém mais de 12,5 biliões de palavras recolhidas em 2020 na internet (incluindo na Wikipédia) e cobre a variante europeia e brasileira. Não queremos deixar de notar que esta decisão foi tomada devido à inexistência de um *corpus* terminológico especializado com as características necessárias, principalmente, em relação ao domínio e à língua de trabalho, o português europeu. Mais ainda, o volume de dados obtidos não permitiu a utilização em separado dos materiais textuais num *corpus* terminológico de referência e num *corpus* de trabalho e análise.

³⁶ *Corpus Portuguese Web 2020 (ptTenTen20)*. Disponível em linha em: <https://www.sketchengine.eu/pttnten-portuguese-corpus/> [acedido em 1-2-2024]

Desta forma, os dois *corpora* de trabalho (DM-2023-PT e Aqua-2023-PT) foram automaticamente processados e anotados pelo Sketch Engine através do *tagset* para língua portuguesa, POS FreeLing³⁷. De notar que o tagset do Sketch Engine foi também alterado no início de 2023³⁸, o que obrigou a reanalisar os *corpora*. Na Tabela 11 apresentamos os dados brutos totais obtidos para os dois *corpora* após a conclusão das recolhas de dados:

<i>Corpus</i> DM-2023-PT	Dados textuais totais	<i>Corpus</i> Aqua-2023-PT	Dados textuais totais
Tokens	358 420	Tokens	254 262
Palavras	295 873	Palavras	208 179
Frases	11 697	Frases	7 273
Nº de ficheiros	60	Nº de ficheiros	29

Tabela 11 - Dados gerais dos *corpora* da Dieta Mediterrânica (DM-2023-PT) e Aquacultura (Aqua-2023-PT)

Com os dados processados, constituímos *subcorpora* organizados em dois grandes grupos correspondentes aos contextos comunicativos identificados (análise diastrática) e aos períodos temporais pretendidos (análise diacrónica). No entanto, a funcionalidade de constituição de *subcorpora* no Sketch Engine não permite alterações após a constituição dos mesmos, obrigando sempre a repetir o processo de criação do *subcorpus* sempre que se pretende eliminar ou acrescentar um ficheiro. Assim, para além da anotação automática realizada pelo Sketch Engine, anotámos manualmente os ficheiros obtidos a nível de estruturas (documentos/ficheiros), criando dois conjuntos de dados iguais aos dos *subcorpora*, organizados por contexto comunicativos e períodos. Utilizámos para tal, a



Figura 14 - Janela da ferramenta manual de anotação de estruturas do Sketch Engine

³⁷ Tagset para POS: <https://talp-upc.gitbooks.io/freeling-user-manual/content/tagsets/tagset-pt.html>

³⁸ O sistema inicial de anotação do Sketch Engine (TreeTagger PoS) foi alterado em Abril de 2023, passando a ser utilizado o POS FreeLing.

funcionalidade de anotação manual disponibilizada pelo Sketch Engine (Figura 14).

Este procedimento permitiu uma rápida reconstituição dos *subcorpora*, sempre que houve necessidade de adicionar ou editar materiais e agilizar algumas tarefas de análise de dados, como seja a pesquisa de concordâncias, sempre que o Sketch Engine não permitia o cruzamento de dois *subcorpora*.

A Tabela 12 apresenta os atributos e valores de anotação utilizados na organização dos *corpora*, *subcorpora* a nível de estruturas, nomeadamente contextos comunicativos e períodos. Utilizámos dois atributos, um para a análise diastrática (contexto comunicativo) e outro para a análise diacrónica (período). A cada um dos materiais recolhidos foi depois aplicado um valor quer para o período quer para o tipo de contexto comunicativo em que o texto foi produzido.

Atributo de estrutura	Valor atribuído	<i>Subcorpus</i>
Contexto_Comunicativo	Acad Pro Leg Trad	ACAD PRO LEG TRAD
Período	2005-09 2010-14 2015-19 2020-23	2005-09 2010-14 2015-19 2020-23

Tabela 12 - Metadados dos *corpora* DM-2023-PT e Aqua-2023-PT

Após a constituição e organização dos *corpora*, procedemos à análise dos dados obtidos recorrendo às funcionalidades de análise de *corpora* do Sketch Engine e que apresentamos nas secções seguintes.

4.1.3. Análise dos dados

Recordamos que o nosso objetivo é estudar a variação terminológica nos domínios apresentados, abrangendo diferentes comunidades discursivas e procurando evidenciar casos e manifestações de variação diastrática e diacrónica. No sentido de obter uma visão

abrangente sobre os domínios selecionados, procurámos combinar a perspetiva da abordagem ecolinguística, descrita no capítulo 2, representada na fase de recolha de dados (Nash, 2011; Nash & Mühlhäusler, 2014) com as metodologias de linguística de *corpora* preconizadas em terminologia textual (Bourigault & Slodzian, 1999; Picton, 2009; Condamines, 2017; Daille, 2017; Humbert-Droz et al., 2019; Clay, 2022), nomeadamente as aplicadas em estudos de variação diastrática e diacrónica. Desta forma, a terminologia textual defende a importância do texto como a forma de expressão mais acessível para uma análise terminológica do conhecimento dos especialistas num dado domínio, sem ignorar que os seus principais intervenientes são os especialistas do domínio e respetivas comunidades discursivas. Nesse sentido, tivemos de realizar um trabalho de proximidade, através de contactos pessoais, para aceder aos dados linguísticos necessários.

A extração e identificação de potenciais termos é uma tarefa que, em terminologia, poderá requerer diferentes abordagens conforme o objetivo e o objeto do estudo. A metodologia de análise de dados em terminologia pode, por isso, seguir diferentes fluxos de trabalho, consoante o objetivo do trabalho, havendo duas fases fundamentais e praticamente consensuais no processo de análise (Daille, 2017:172):

- a) Recolha: primeira extração para obtenção de formas realizada modo praticamente automático;
- b) Seleção e seriação: filtragem para exclusão de ruído e triagem e ordenação das formas efetivamente relevantes.

Daille (2017) reconhece, porém, que apesar destas duas fases terem objetivos similares, as metodologias e resultados obtidos em cada uma delas podem diferir a vários níveis. Uma das diferenças é causada pela complexidade dos potenciais candidatos extraídos e está relacionada com a capacidade das ferramentas de extração utilizadas conseguirem reconhecer termos compostos constituídos por diferentes partes do discurso. Outro ponto que Daille aponta relaciona-se com os mecanismos de seleção e triagem definidos que podem incluir não apenas medidas

estatísticas, mas também recursos terminológicos e lexicais pré-existentes para comparação (*Reference List of Terms, RTL*) e processos manuais de seleção. O último ponto que Daille refere é a metodologia seguida para a ordenação dos candidatos obtidos, normalmente efetuada com recurso à frequência no *corpus*, às coocorrências e a medidas de *termicidade*. No último caso, o Sketch Engine utiliza uma comparação entre a frequência no *corpus* de trabalho e no *corpus* de referência (que se pretende representativo da língua de trabalho), permitindo obter palavras ou grupos lexicais que, supostamente, poderão ser considerados candidatos a termo. As três estratégias podem ser encontradas e combinadas de forma paralela ou sequencial no Sketch Engine nas funcionalidades *Concordance*, *Word Sketch* e *Keywords*, que passaremos a explicar detalhadamente em 4.3.

O método seguido para a análise consistiu numa primeira fase de extração automática para recolha de potenciais candidatos, seguida de uma triagem, seleção e ordenação com vista a eliminar ruído, resultados irrelevantes e espúrios (ruído, falsos positivos e falso termos no domínio). Após a primeira seleção, as listas resultantes foram analisadas de forma combinada, isto é, manualmente e recorrendo às funcionalidades de análise de *corpora* do Sketch Engine, como descrevemos em seguida, tendo como objetivo detetar variantes que colocassem em evidência diferenças discursivas entre diferentes comunidades e períodos temporais.

4.2. Dados gerais dos *corpora*

4.2.1. Critério diacrónico

Como referimos anteriormente, os dois *corpora* constituídos sobre os domínios Dieta Mediterrânica (DM_2023_PT) e Aquacultura (Aqua_2023_PT) foram anotados tendo em conta os contextos comunicativos (análise diastrática) e o fator temporal (análise diacrónica),

tendo sido organizados em *subcorpora* segundo os mesmos atributos. Apresentamos em seguida os dados gerais resultantes da análise textual geral (Text Type Analysis) do Sketch Engine.

O primeiro critério de análise foi a dimensão diacrónica. Os dados recolhidos foram subdivididos em quatro períodos distintos no caso do domínio Dieta Mediterrânica e três no caso do domínio Aquacultura, tendo sido obtidos os *subcorpora* representados na Tabela 13.

DM_2023_PT	Subcorpora	Tokens	Palavras	%
	2005-09	26652	22001	7,44
	2010-14	24564	20277	6,85
	2015-19	197724	163219	55,20
	2020-23	109480	90374	30,55
Aqua_2023_PT	Subcorpora	Tokens	Palavras	%
	2010-14	102418	83855	40,28
	2015-19	100906	82617	39,69
	2020-23	50938	41705	20,03

Tabela 13 - Dados gerais dos *corpora* DM e Aqua - critério diacrónico

No caso da Dieta Mediterrânica, o alargamento da análise diacrónica ao período 2005-2009 justificou-se com a preparação do processo de candidatura a património imaterial da UNESCO. Este processo iniciou-se em 2008, mas que Portugal só integra em 2010, após o relançamento da candidatura em 2010, tendo culminado em 2013 (Real & Graça, 2019). Neste período começou a ser produzida muita documentação relevante a nível dos mediadores culturais e da investigação sobre o domínio em Portugal. O maior volume de dados nos dois períodos mais recentes (2015-19 e 2020-23) pode estar relacionado com crescente interesse e o maior número de projetos surgidos no âmbito da Dieta Mediterrânica que tiveram início durante e após a classificação de património cultural pela UNESCO.

No caso da Aquacultura, os documentos recolhidos no período 2005-2009 não foram considerados, quer pelas temáticas abordadas, quer devido à língua utilizada (predominantemente em língua inglesa)

e/ou variante linguística (português do Brasil). Essa limitação já havia sido referida em trabalhos anteriores (Noronha & Conceição, 2017; Noronha, 2018). De recordar que estamos a trabalhar em português europeu e que esse critério limitou muito a recolha neste domínio.

4.2.2. Critério diastrático

Para o critério diastrático, os dados obtidos foram organizados em quatro contextos comunicativos (ver Tabela 9), correspondendo a diferentes comunidades discursivas, e constituindo-se em três *subcorpora* para ambos os domínios, como apresentado na Tabela 14:

DM_2023_PT	Subcorpora	Tokens	Palavras	%
	ACAD	166870	137749	46,56
	LEG	-----	-----	0
	PRO	124092	102437	34,62
	TRAD	67458	55686	18,82
Aqua_2023_PT	Subcorpora	Tokens	Palavras	%
	ACAD	127699	104554	50,22
	LEG	60317	49385	23,72
	PRO	66246	54239	26,05
	TRAD	-----	-----	0

Tabela 14 - Dados gerais dos *corpora* DM_2023_PT e Aqua_2023_PT: critério diastrático

De notar que não constituímos o *subcorpus* TRAD em Aquacultura, nem o *subcorpus* LEG em Dieta Mediterrânica. Tal como no caso do critério diacrónico, as razões estão essencialmente ligadas ao baixo número de dados recolhidos nestes dois contextos nos domínios respetivos, insuficiente para uma análise representativa. Por outro lado, a Aquacultura é uma atividade altamente regulada, sujeita a normas nacionais e europeias com o objetivo de preservar os padrões de qualidade e segurança dos produtos alimentares e as boas práticas ambientais e laborais. Tal obriga ao desenvolvimento de um grande volume de textos técnico-jurídicos a nível da administração pública e europeia e entidades reguladoras. Este aspeto, permitiu-nos criar o contexto comunicativo LEG em Aquacultura. O mesmo não acontece em

Dieta Mediterrânea, um domínio que aglutina atividades muito diversas, muito ligadas a tradições e culturas locais, menos técnicas e menos reguladas. Em cada domínio, nas análises subsequentes, foi feito o cruzamento dos dados obtidos dos *subcorpora* por contexto comunicativo (critério diatrático) com cada um dos grupos resultantes das anotações de estrutura referentes ao período temporal (critério diacrónico). Pudemos assim obter uma perceção da distribuição de formas por contexto comunicativo e período. De notar que o Sketch Engine não permite realizar muitas das análises cruzando apenas *subcorpora*.

4.3. Extração e seleção de candidatos a termo

4.3.1. Extração automática e pré-seleção

Após a constituição e anotação dos dois *corpora*, e da primeira análise textual geral, realizámos uma extração automática de formas denominativas recorrendo à função *Keywords*, a função de extração automática de terminologia incorporada no Sketch Engine. Esta função permite identificar potenciais termos, simples ou compostos, por comparação com um *corpus* de referência. Estes *corpora* de grandes dimensões são disponibilizados pelo Sketch Engine, tendo sido utilizado neste trabalho o *corpus* de referência em língua portuguesa *Portuguese Web 2020 ptTenTen20*.

As unidades lexicais extraídas através desta funcionalidade são apresentadas pelo programa sob a forma de unidades lexicais simples (*keywords*) e unidades lexicais compostas (*terms*). As unidades lexicais simples são normalmente palavras, ou outros tokens, que tendencialmente, surgem mais frequentemente no *corpus* de trabalho (*focus corpus*) do que no *corpus* de referência (Portuguese Web 2020 ptTenTen20). O mesmo acontece no caso das unidades lexicais compostas, sendo estas representadas tipicamente por grupos nominais. Os resultados da análise automática pela função *Keywords* são assim

ordenados por um índice de termicidade, uma medida de especificidade (*keyness score*), que permite identificar não apenas estruturas lexicais, como também colocações e associações morfossintáticas. Esta medida de associação, calculada pelo *simple maths method* descrito pela Lexical Computing Lda³⁹ (Kilgarriff et al., 2014), representa uma medida do potencial terminológico cada palavra e/ou expressão, ao comparar a ocorrência da unidade lexical analisada no *corpus* de trabalho com o *corpus* de referência. Os resultados são apresentados lematizados o que resultou em alguns dados identificados incorretamente a nível de POS. Extraímos assim uma vasta lista preliminar de formas simples e compostas. O elevado número de resultados reflete as definições escolhidas na ferramenta, em que seleccionámos a deteção de palavras menos frequentes (N-value=1, numa escala de 0,1 a 1000). Procurámos com isto não eliminar completamente formas *hapax* que eventualmente poderiam indicar potenciais candidatos a termo.

Os dados brutos totais estão representados na Tabela 15 e Tabela 16. Incluem formas simples (*keywords*) e compostas (*terms*). No caso da Dieta Mediterrânica a extração automática totalizou 95921 formas (DM-2023-PT) e em Aquacultura (Aqua-2023-PT) 83133 formas.

Contexto comunicativo \ Período	Período				
	2005-09	2010-14	2015-19	2020-23	TOTAIS
ACAD	2429	7981	17303	3048	30761
PRO	5973	0	16520	13765	36258
TRAD	0	1153	4520	13229	18902
TOTAIS	8402	9134	38343	30042	85921

Tabela 15 – Dieta Mediterrânica: dados totais do *corpus* DM-2023-PT após a extração automática com Keywords (Sketch Engine)

³⁹ Simple-maths. Sketch Engine. Disponível em <https://www.sketchengine.eu/documentation/simple-maths/> [acedido em 22/10/2023]

Contexto comunicativo \ Período	Período			
	2010-14	2015-19	2020-23	TOTAIS
ACAD	13935	4716	5234	23885
PRO	1939	14437	2921	19297
LEG	11447	2264	6240	19951
TOTAIS	27321	21417	34395	63133

Tabela 16 – Aquacultura : dados totais do *corpus* Aqua-2023-PT após a extração automática com Keywords (Sketch Engine)

Após a extração automática com *keywords*, houve que seleccionar e triar os dados obtidos. O processo realizou-se através de série de triagens em sequência a cada um dos *corpora* e a cada combinação *contexto-comunicativo vs. período*. Em cada uma das fases de triagem, aplicámos vários filtros em sequência ou simultâneos, como esquematizado na Figura 15. Estas triagens destinaram-se a reduzir o número de formas obtidas, nomeadamente para eliminar formas não relevantes recorrendo ao índice de termicidade (medida *keyness score*) e à frequência, e para eliminar ruído (por exemplo, extrações incorretas, duplicados e entidades nomeadas). Para esta fase de triagem adaptámos procedimentos descritos no âmbito da terminologia textual para constituição de recursos terminológicos e no âmbito da variação terminológica (Clay, 2022; Humbert-Droz et al., 2019; M.-C. L’Homme, 2004; Tremblay et al., 2023).

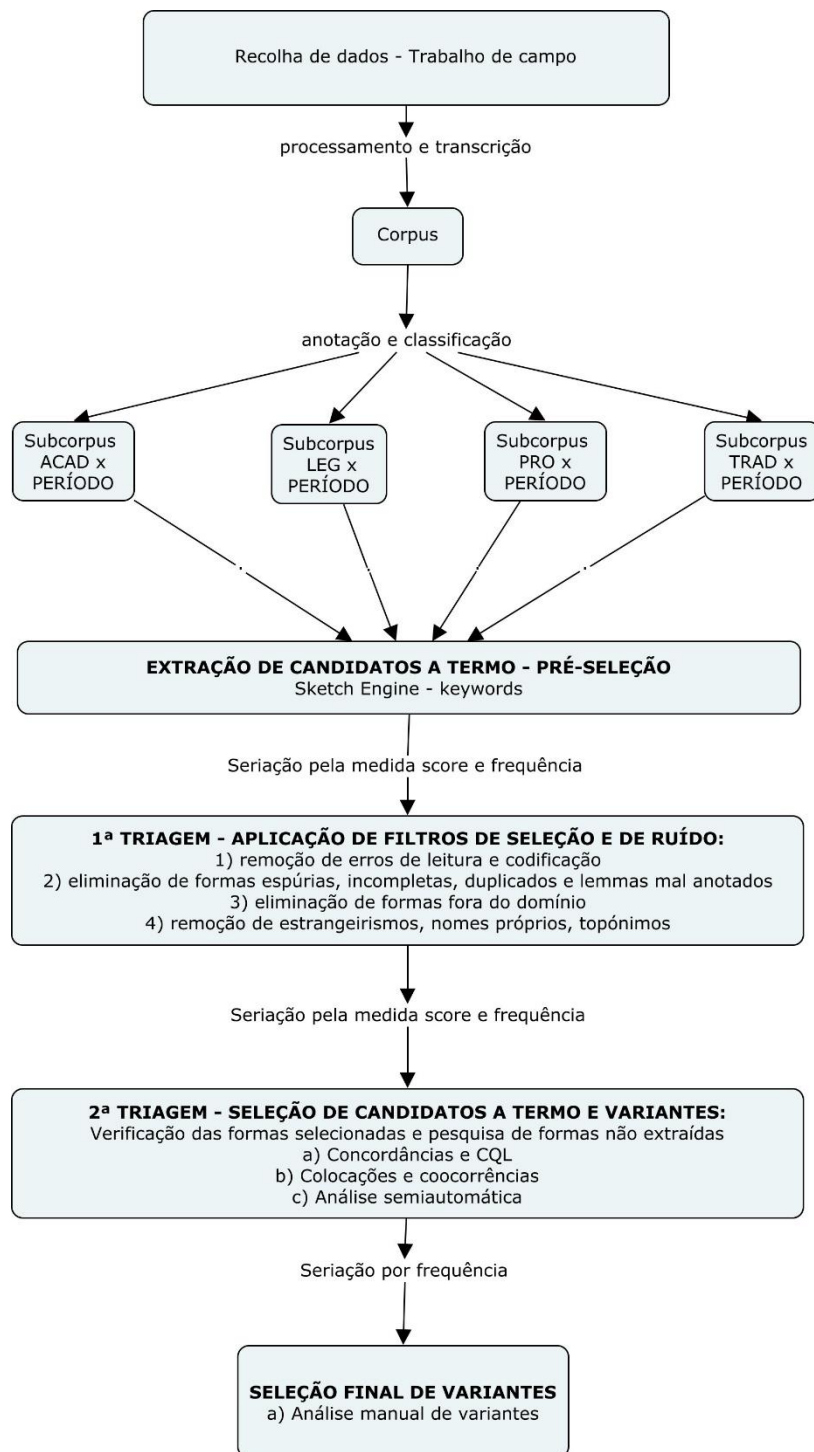


Figura 15 - Fluxo de extração e seleção de formas candidatas a termo

As listas obtidas pela extração automática foram ordenadas com vista a eliminar formas que apresentassem em simultâneo *scores* e frequências mais baixas. Uma vez que o *score* compara a ocorrência da forma no nosso *corpus* com o *corpus* de referência, o resultado obtido dá-nos uma melhor percepção da termicidade das formas, ou seja, da probabilidade de estarmos perante um termo do domínio em causa. No entanto, quer pelo tamanho dos *subcorpora* quer pelo facto de estarmos a lidar com contextos comunicativos mais tradicionais e com menor expressão escrita, houve sempre necessidade de analisar manualmente todas as formas marcadas para eliminação para evitar remover formas raras que pudessem representar um termo ou uma forma denominativa variante relevante para o nosso estudo. Tendo em consideração o menor tamanho dos *subcorpora*, e principalmente no caso da frequência total, ao excluir automaticamente formas com *scores* baixos e formas *hapax*, poderíamos também estar a excluir potenciais candidatos. De facto, no decorrer da análise deparámo-nos com formas *hapax* que apresentavam *scores* elevados, algumas sendo parte de estruturas de reformulação associadas a potenciais candidatos a termo, por exemplo, a forma *ervas-de-cheiro*, como mostramos no excerto abaixo, representando uma variante de *erva aromática*:

As *ervas aromáticas* ou *ervas-de-cheiro* são plantas, normalmente de pequenas dimensões, cujas folhas e outras partes verdes soltam aromas.

Corpus DM-2023-PT: Carvalho (2018)

Nestes casos em que as frequências baixas estavam associadas a *scores* relativamente altos, podendo representar potenciais candidatos a termos, mantivemos a forma para realizar posteriormente uma verificação no *corpus* recorrendo às concordâncias e coocorrências. Foram removidas nesta fase preposições, advérbios, pronomes entre outras classes gramaticais não passíveis de se constituírem como termo.

Esta pré-seleção permitiu eliminar à partida cerca de 75% das formas obtidas na extração automática.

4.3.2. Primeira triagem – filtragem e seleção de formas

A primeira triagem consistiu na aplicação de um conjunto de filtros para refinar e reduzir a lista obtida, eliminando ruído gerado por falhas de codificação, erros e formas espúrias e organizar as formas obtidas de forma a realçar as mais relevantes para o estudo. De notar que nem sempre os filtros foram aplicados em sequência. Dado que a seleção foi realizada, em grande parte manualmente, muitas vezes optou-se por aplicar vários critérios em simultâneo, evitando repetir procedimentos de verificação, como explicaremos de seguida. Privilegiámos assim uma análise qualitativa fina que possibilitasse isolar casos de interesse ao mesmo tempo que reduzíamos a lista de formas. Apresentamos a seguir os critérios de seleção e a estratégia adotada que permitiram refinar a lista de formas:

- 1) Eliminação de erros de OCR/codificação;
- 2) Formas espúrias, incompletas, duplicados e identificação incorreta de lemas;
- 3) Eliminação de formas não pertencentes ao domínio. Ex: economia, finanças, história;
- 4) Remoção de topónimos, entidades nomeadas, nomes latinos e estrangeirismos.

O primeiro critério consistiu na remoção das formas resultantes de erros de leitura durante o processo de OCR e do processamento automático do *corpus* durante a compilação. Foram excluídas formas resultantes de erros de codificação resultantes da conversão de ficheiros pdf para texto simples. Foram igualmente excluídas formas resultantes de erros de segmentação por translineação ou hifenação (exemplos: -*serra*, em vez de *beira-serra*, ~*nha*, em vez de *Espanha*, ~*ção*, em vez de *alimentação*) que podem ter ocorrido durante a fase de pré-tratamento e conversão dos ficheiros, ou já durante a análise automática realizada pelo Sketch Engine. Foram igualmente excluídas abreviaturas integrantes de

moradas (*Av.*, *R.*, *Prct.*), endereços de correio eletrónico (*xxx@inloco.pt*), urls e formas integradas em referências bibliográficas.

O segundo critério serviu para remover formas inválidas, atribuídas a erros de anotação. Algumas sequências de nomes e /ou nomes+adjetivo, por exemplo, localizados em índices ou tabelas, foram identificadas incorretamente como uma única forma múltipla, por exemplo, *robalo dourada*, ou *azeite pão vinho*. Foram igualmente removidas formas incompletas ou indevidamente classificadas, principalmente formas múltiplas, também devido à incorreta, ou incompleta, anotação automática. Alguns exemplos são as formas múltiplas *banhado pelo*, *proteína de origem* e *conceito de dieta*, cuja exclusão foi realizada após verificação por concordâncias, como representado nos excertos abaixo:

#1 Com solos agrícolas pobres, de chuvas irregulares, Portugal Continental, território ***banhado pelo*** Atlântico (...).

Corpus DM-2023-PT: Covas et al. (2015)

#2 As leguminosas, frescas ou secas, são uma excelente fonte de ***proteína de origem*** vegetal (...).

Corpus DM-2023-PT: Dieta Mediterrânica (2008).

#3 Além disso, a sistematização da classificação do ***conceito de Dieta*** Mediterrânica (...).

Corpus DM-2023-PT: Real & Graça (2020).

Provavelmente, devido à especificidade dos *corpora*, foram também encontradas muitas formas lematizadas de forma incorreta que o Sketch Engine classificou tendencialmente como verbo. Exemplos encontraram-se em *estopetar* (verbo), em vez de *estopeta* (nome feminino singular), *alfarrobar* (verbo), em vez de *alfarroba* (nome feminino singular). Em outros casos, a classe gramatical foi corretamente identificada, mas a anotação a nível de *part-of-speech* (POS) foi realizada de forma incorreta. Um exemplo neste caso, foi *saramago*, forma identificada como o nome comum de uma planta autóctone da família das *Brassicaceae*, e cuja

verificação manual revelou tratar-se afinal do apelido *Saramago*, ou seja, um nome próprio. Eliminámos estes e outros casos semelhantes. Em qualquer dos casos, houve que verificar e confirmar as ocorrências no *corpus*. Finalmente, encontrámos um número razoável de duplicados, nomeadamente formas singulares e plurais anotadas de forma distinta pelo Sketch. Um exemplo foi *Dieta Mediterrânica*, anotada como nome próprio e *dieta mediterrânica*, anotada como nome comum. Se consideradas relevantes, quer pela frequência e pelo score, quer por diferentes utilizações no contexto textual, optámos por manter ambas as variantes gráficas, como neste caso. A verificação no *corpus* permitiu revelar se estaríamos perante um contexto real de uso ou, caso contrário, se a frequência elevada no número de formas extraídas pudesse ter sido causada pela contagem de ocorrências em rodapés e/ou cabeçalhos.

O terceiro critério foi aplicado para verificar e remover formas vagas ou polissémicas (*jovem, ciência, cultura, crescimento*) não consideradas relevantes, nem pertencentes ao domínio em questão. Por exemplo, o nome *crescimento*, no *corpus* Aqua-2023-PT, domínio Aquacultura, tanto estava a remeter para *crescimento económico* (economia e finanças) como para *crescimento larvar* (biologia). Neste e em outros casos semelhantes, optámos por manter apenas a forma pertencente ao domínio. No caso da Dieta Mediterrânica, mas também em Aquacultura, foram eliminadas muitas formas pertencentes a contextos da história, economia e finanças (por exemplo, *Segunda Guerra Mundial, produto interno bruto*), mas também de algumas áreas da biologia, nomeadamente, no caso da Aquacultura, relacionadas com equipamentos histológicos.

Por último, foram removidos topónimos e entidades nomeadas que, quer pela baixa frequência combinada com o *score*, foram consideradas não relevantes: neste caso foram excluídos topónimos (*Tavira, Alvor*), entidades nomeadas, principalmente organismos e entidades públicas (*Junta de Freguesia, Município de Faro, Universidade do Algarve, Direção Geral das Pescas*) e organizações internacionais (*UNESCO, União Europeia, NATO*). No entanto, principalmente, no caso da DM,

mantivemos os nomes de algumas formas que delimitam áreas geográficas de interesse para a caracterização biofísica do domínio (por exemplo, *barrocal*, *sotavento algarvio*), bem como elementos ligados à climatologia (*levante*, *aridez*), à descrição de áreas naturais (*ria*, *zona intermarés*) ou à astronomia. Nesta fase foram ainda retiradas das listas nomes próprios (Saramago, Ancel Keys, Dinis), nomes latinos de espécies da fauna e flora (*Diplodus sargus*, *Actinoperlingii*) e estrangeirismos (*schwertfisch*, *seabream*, *focal-point*, *oldways*), exceto se considerados relevantes como forma de variação denominativa indicadora de uma possível tendência de uso ao longo do tempo, o que se verificou mais tarde, na fase seguinte da análise de dados, por exemplo, com o adjetivo *offshore*, no domínio Aquacultura.

Foram assim excluídas perto de 90% das formas inicialmente propostas de forma automática pelo Sketch Engine. A Tabela 17 e a Tabela 18 representam o número total de formas (simples e compostas selecionadas após a extração e a primeira triagem com a aplicação dos filtros manuais e semimanuais acima descritos.

Contexto comunicativo \ Período	Período				
	2005-09	2010-14	2015-19	2020-23	TOTAIS
ACAD	449	587	624	157	1817
PRO	747	0	297	303	1347
TRAD	0	98	347	551	996
TOTAIS	1196	685	1268	1011	4160

Tabela 17 – Dieta Mediterrânica: dados totais do *corpus* DM-2023-PT após a primeira triagem (frequência, score e critérios aplicados)

Contexto comunicativo \ Período	Período			
	2010-14	2015-19	2020-23	TOTAIS
ACAD	833	429	485	1747
PRO	197	571	529	1297
LEG	396	238	386	1020
TOTAIS	1426	1238	1400	4064

Tabela 18 – Aquacultura: dados totais do *corpus* Aqua-2023-PT após a primeira triagem (frequência, score e critérios aplicados)

Apresentamos seguidamente apenas alguns excertos ilustrativos dos resultados obtidos para os primeiros dez candidatos a termo de cada combinação «contexto comunicativo vs. período», nos dois domínios estudados e após a extração e a primeira fase de triagem. As tabelas 19 a 23 foram organizadas juntando formas simples e múltiplas por ordem descendente segundo o índice *keyness score* (Score) e pela frequência absoluta no *corpus*.

	Forma denominativa	Score	Frequência	Frequência relativa	DOCF	Classe gramatical
1	Dieta Mediterrânica	19104,10	440	3387,19	6	N A
2	mediterrânico	4742,18	765	5889,10	6	A
3	almeixar	2073,93	27	207,85	1	N
4	dieta mediterrânica	1905,12	50	384,91	4	N A
5	açoteia	1078,18	18	138,57	1	N
6	convivialidade	1042,58	24	184,76	5	N
7	património imaterial	891,44	23	177,06	3	N A
8	padrão alimentar mediterrânico	890,11	12	92,38	3	N A A
9	padrão alimentar	850,52	62	477,29	5	N A
10	trilogia alimentar	847,80	11	84,68	2	N A

Tabela 19 – Dieta Mediterrânica: excerto de resultados para a combinatória Período= 2015-09 e Contexto comunicativo= Acad; organização pela medida score

	Forma denominativa	Score	Frequência	Frequência relativa	DOCF	Classe gramatical
1	teor de proteína	890,33	21	398,63	1	N SP N
2	selénio	883,91	11	208,81	1	N
3	cebolinho	843,62	7	132,88	1	N
4	carapau	800,07	12	227,79	1	N
5	guisar	725,63	16	303,72	1	V
6	amora silvestre	683,21	4	75,93	1	N A
7	anis estrelado	569,29	5	94,91	1	N A
8	erva aromática	559,76	18	341,69	1	N A
9	planta herbácea	474,63	8	151,86	1	N A
10	planta aromática	465,83	8	151,86	1	N A

Tabela 20 – Dieta Mediterrânica: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Pro; ordenação pela medida *Score*

	Forma denominativa	Score	Frequência	Frequência relativa	DOCF	Classe gramatical
1	estupeta	5815,44	9	594,33	1	N
2	festa da pinha	4538,25	7	462,26	1	N SP+* N
3	doceira	4370,95	8	528,30	1	N
4	lingueirão	4251,15	9	594,33	1	N
5	chouriça	4186,50	10	660,37	3	N
6	queijo de figo	3229,12	5	330,19	1	N SP N
7	amêndoa moída	2816,66	5	330,19	1	N A
8	erva-doce moída	2642,48	4	264,15	1	N A
9	espinheta	2578,41	4	264,15	1	N
10	polme	2507,83	5	330,19	1	N

Tabela 21- Dieta Mediterrânea: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Trad; ordenação pela medida *Score*

	Forma denominativa	Score	Frequência	Frequência relativa	DOCF	Classe gramatical
1	aquacultura	2630,71	135	3320,22	3	N
2	ostra	1539,99	188	4623,71	2	N
3	salinidade	664,80	59	1451,06	1	N
4	microalga	607,48	36	860,80	3	N
5	monocultivo	565,82	27	664,04	1	N
6	estado de maturação	524,22	22	541,07	1	N SP N
7	bivalve	519,71	28	688,64	2	N
8	coliforme	435,40	33	811,61	1	N / A
9	amónia	411,69	19	467,29	2	N
10	biofiltro	407,76	17	418,10	1	N

Tabela 22 -Aquacultura: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Acad; ordenação pela medida *Score*

	Forma denominativa	Score	Frequência	Frequência relativa	DOCF	Classe gramatical
1	bivalve	2748,20	199	3645,76	2	N
2	ostra	1976,91	324	5935,81	2	N
3	aquacultura	1205,24	83	1520,59	2	N
4	ostra-do-pacífico	586,94	32	586,25	2	N
5	molusco bivalve	540,13	32	586,25	2	N A
6	ostra-portuguesa	458,89	25	458,01	2	N
7	aquacultor	458,70	25	458,01	1	N
8	ostra-plana	404,02	22	403,05	2	N
9	microalga	388,13	30	549,61	2	N
10	tamanho comercial	343,35	19	348,09	2	N A

Tabela 23 - Aquacultura: excerto de resultados para a combinatória Período=2015-09 e Contexto comunicativo= Pro; ordenação pela medida *Score*

As formas obtidas foram em grande parte nomes, mas alguns verbos (DM: *britar, frigir/fritar*; Aqua: *calibrar, pescar*) e adjetivos (DM: *mediterrânica, alimentar*; Aqua: *aquícola, multitrófica, integrado*) não representados nestes exemplos acima foram mantidos como candidatos para reagrupamento para a fase seguinte da extração. Se em relação a nomes, é consensual que apresentam potencial terminológico, ou seja, maior probabilidade de constituírem termos, já em relação a verbos e adjetivos as opiniões são mais díspares. Daille (2017:173), por exemplo, apenas aceita que nomes possam ser candidatos a termo, quando muito adjetivos. Além disso, nas formas múltiplas, a autora só aceita grupos nominais como candidatos. Já L’Homme (2020:63) admite que além dos nomes, quer verbos, adjetivos e até mesmo advérbios se podem constituir como potenciais candidatos, não deixando de sublinhar o menor potencial destas classes gramaticais em relação aos nomes. No decorrer do processo de triagem, deparámo-nos, por exemplo, com a locução adverbial *a gosto*, utilizada em contextos culinários no domínio da DM. Assim, de acordo com L’Homme, decidimos manter estas três classes gramaticais no final da primeira triagem sempre que a sua frequência no *corpus* e especificidade (*score*) o justificassem. Por outro lado, estas classes de palavras podem constituir candidatos de reagrupamento, ou semente (*seed terms*), que permitem pesquisar padrões por expansão lexical e detetar potenciais candidatos e variantes de formas múltiplas. Alguns casos encontrados ilustram e suportam a opção tomada como sejam os verbos *enxofrar* (Dieta Mediterrânica) e *afinar ou licenciar* (Aquacultura) e adjetivos como *aromático, mediterrânico, imaterial* (Dieta Mediterrânica), ou *aquícola, intensivo, maturo* (Aquacultura). No exemplo seguinte, damos o exemplo do adjetivo *aquícola*, que permitiu, entre outros casos, extrair o termo *Área de Produção Aquícola*, e o seu acrónimo, *APA* (Figura 16):

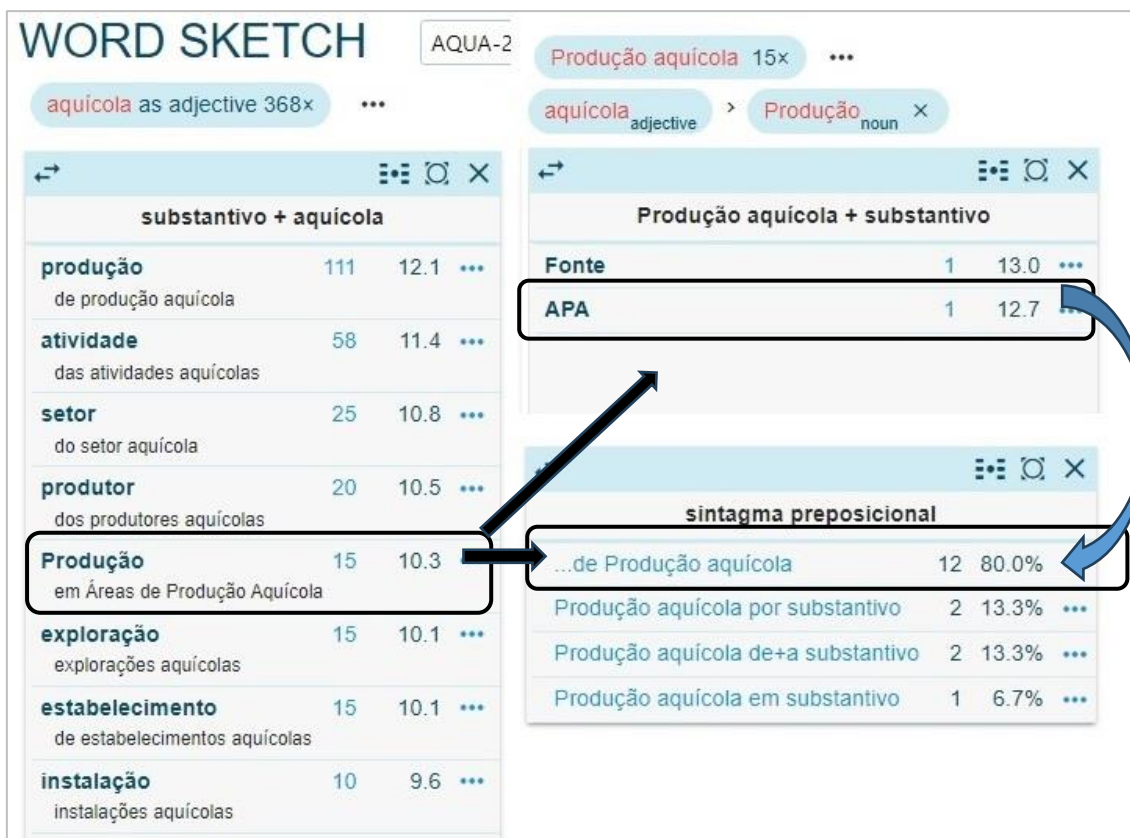


Figura 16 - Expansão lexical do adjetivo *aquícola* e exemplo de concordância obtida

O excerto seguinte mostra uma das concordâncias obtidas para este exemplo:

Neste domínio cumpre referir a experiência iniciada com a identificação de uma zona piloto de produção na costa algarvia, designada por **Área de Produção Aquícola (APA)** da Armona que delimitou espaços destinados à piscicultura e à moluscicultura e veio a integrar uma estação experimental de piscicultura e um estabelecimento de cultura de atum já existentes.

4.3.3. Segunda triagem - pesquisa semiautomática

As listas resultantes foram analisadas manualmente e, consoante a informação obtida pelo *corpus* (score e frequência), as formas consideradas relevantes foram verificadas. Nesta fase foi utilizada uma estratégia semiautomática. Se por um lado, a literatura disponível atesta que as ferramentas de análise de *corpora* dispõem atualmente de automatismos que permitem lidar com grandes volumes de dados

terminológicos e realizar de forma praticamente automática muitas operações de extração (Kilgarrieff et al., 2014; Daille, 2017; L'Homme, 2020), não é menos correto afirmar que algumas análises exigem uma maior atenção ao detalhe e essa verificação está diretamente dependente do avaliador humano (Humbert-Droz et al., 2019; Moukrim, 2020; Clay, 2022; Tremblay et al., 2023). Isto ocorre quer devido às características dos *corpora* (pequenas dimensões dos *corpora*, línguas com menor representatividade) quer devido às características dos domínios, como seja o caso de domínios muito restritos em que as ferramentas de análise de corpora dependem das daquelas disponibilizadas pelos programas de análise, com as limitações que temos apresentado, por exemplo, identificação incorreta ou incompleta a nível da forma ou do *part-of-speech*.

No caso do presente estudo, estamos perante *corpora* especializados, de pequenas dimensões (entre 200 e 300 mil palavras). Um deles, a Dieta Mediterrânica apresenta limitações não pelo âmbito sociogeográfico e cultural, mas pela literatura escrita encontrada. Sendo que o nosso objetivo não foi produzir recursos terminológicos nem ontologias, mas sim procurar compreender os fenómenos de variação que podem ocorrer entre as diferentes comunidades discursivas e ao longo de um período de tempo relativamente curto, tivemos de ter em linha de conta que alguns candidatos podem não ter uma representatividade em termos de frequência absoluta e relativa nos *corpora* e *subcorpora* que permita uma identificação baseada exclusivamente em métodos automáticos de análises.

Mais ainda, alguns automatismos de análise terminológica de *corpora* e que permitem a confirmação estatística de candidatos (utilização de medidas de precisão e *recall*) requerem a utilização de listas de referência previamente elaboradas, *Reference List of Terms (RLT)*. Na ótica de Daille (2017:188), este método, ao comparar listas, impõe formatos específicos e pode acabar por ignorar bons candidatos termos. Partilhamos deste ponto de vista uma vez que encontrámos muitas

formas *hapax* que, pela sua especificidade, nunca seriam incluídas numa lista de termos de referência, por exemplo, num *golden standard*, apenas tendo por base as frequências. No entanto, no nosso caso, o problema foi também de ordem prática pela não existência de trabalho terminológico suficiente nos domínios e nas línguas de trabalho que permitisse utilizar esta forma de avaliação, ou seja, não encontrámos, até à data, uma RTL compatível com os nossos objetivos e características do estudo.

Por conseguinte, a metodologia adotada nesta segunda fase de triagem e seleção de formas foi um compromisso dinâmico e interativo entre a perceção humana e a pesquisa no *corpus* nomeadamente utilizando as funções de concordâncias, colocações e coocorrências. Estas operações foram novamente realizadas com as ferramentas de análise de texto disponíveis no Sketch Engine (Figura 17).

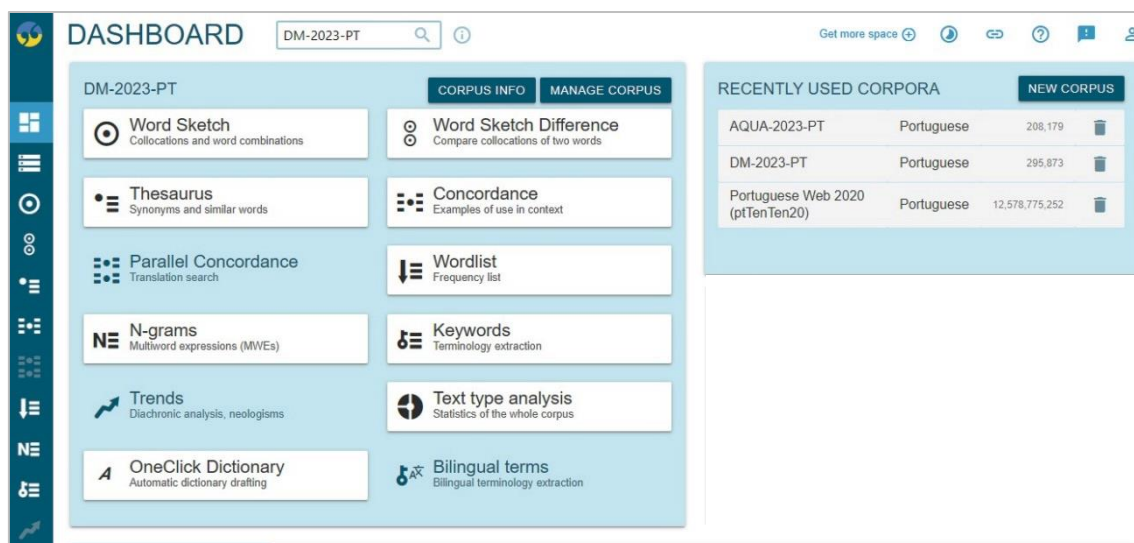


Figura 17 - Sketch Engine - *Dashboard* do *corpus* DM-2023-PT mostrando as principais funções e os *corpora* utilizados (*corpora* de trabalho e referência)

Das ferramentas e funções disponibilizadas, utilizámos principalmente funções como Concordance/CQL, Word Sketch e quando necessário, os N-grams, sobre as quais daremos uma breve explicação, com base na informação disponibilizada pela Lexical Computing SA.

4.3.3.1. Concordâncias e CQL

A função Concordance, uma das mais versáteis do Sketch Engine, permitiu efetuar buscas segundo diferentes critérios: palavras, frases, lemas, documentos, tipos de texto ou *subcorpora*. O resultado é dado sob a forma de KWIC (*key word in context*), em que as unidades lexicais ou tokens pesquisados são apresentados em destaque com algum contexto à esquerda e à direita (Figura 18).

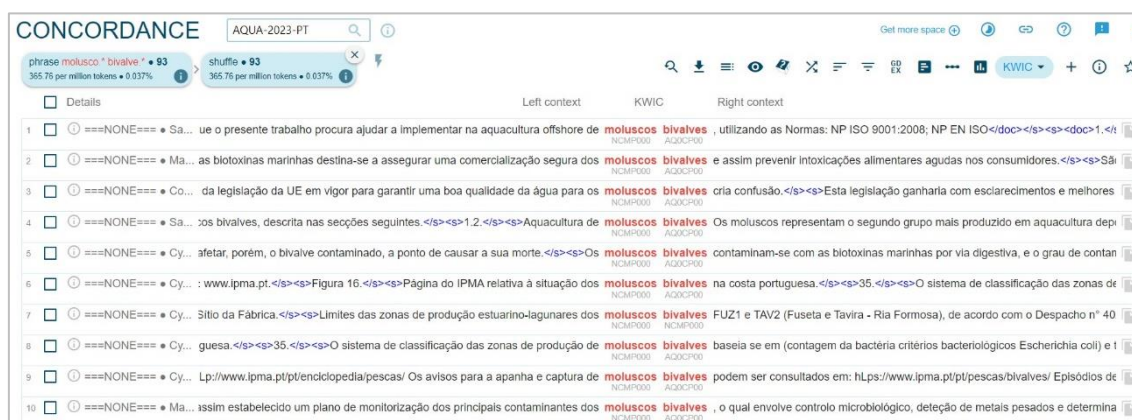


Figura 18 - Sketch Engine - concordância para *molusco bivalve* (Corpus Aqua_2023_PT)

Através da função de concordâncias (Concordance) é possível aceder a mais contexto à esquerda ou à direita da forma pesquisada, optar por visualizar a frase por inteiro e ainda visualizar informação adicional tal como lemas, classificação gramatical (*tag*) ou metadados (tipos de texto). A concordância gerada pode ser filtrada e, aplicando outros critérios, processada para obter mais informação relevante: dados sobre frequência e distribuição no *corpus*, pesquisa por KRC, estruturas de reformulação e definições. No nosso caso, e estando o *corpus* anotado a nível de tipos de texto (contextos comunicativos e período), estas funcionalidades adicionais da concordância permitiram aferir onde e em que tipo de texto determinada forma ocorre (Figura 19).

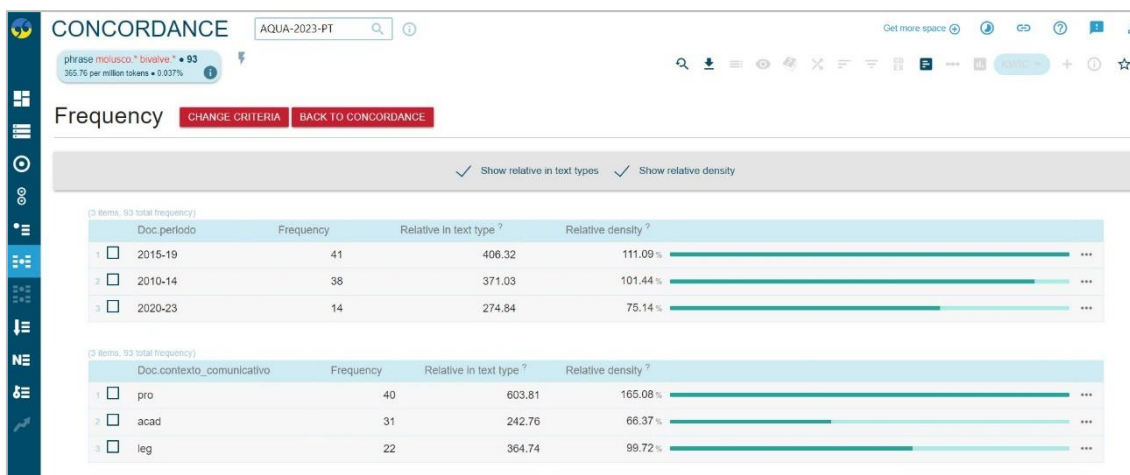


Figura 19 -Sketch Engine - Distribuição das frequências de *molusco bivalve* por contextos comunicativos e períodos (*Corpus Aqua_2023_PT*)

Ainda nesta função, o Sketch Engine permite pesquisar o *corpus* recorrendo a expressões regulares (RegEx) através de CQL (Corpus Query Language). Esta função possibilitou a realização de buscas mais complexas e refinadas que permitiram detetar falsos negativos, ou seja, estruturas e padrões que muitas vezes passam pelos filtros automáticos do Sketch Engine, principalmente variantes denominativas polilexicais que não são detetadas automaticamente. Esta função foi utilizada em várias fases da seleção de formas.

4.3.3.2. Coocorrências

Recorremos igualmente à função Word Sketch que permite processar e identificar as colocações e coocorrências de uma determinada palavra. O resultado é apresentado sob a forma de relações gramaticais entre a palavra pesquisada e as coocorrências no seu contexto. No nosso caso específico, utilizámos o Word Sketch não só confirmar um potencial candidato a termo, mas também para verificar o valor terminológico de algumas formas simples na terminologia do domínio. Mais uma vez, e à semelhança do que aconteceu durante a primeira triagem, muitos adjetivos e verbos obtidos durante a extração automática, e que

isoladamente não apresentavam valor terminológico, surgiram frequentemente em coocorrência com nomes, ou grupos nominais.

Um exemplo é dado pelo *corpus* Aqua-2023-PT e pelo termo composto *aquacultura multitrófica integrada*. Este termo não foi totalmente extraído pelas *keywords*. De facto, esta função apenas extraiu grupo nominal (N A) *aquacultura multitrófica*. A utilização posterior do Word Sketch e das respetivas concordâncias permitiu não só confirmar o candidato N A A, como ainda encontrar o acrónimo IMTA, formado a partir da língua inglesa, *Integrated Multitrophic Aquaculture* (Figura 20Figura 20). A verificação em Word Sketch permitiu encontrar esta e outras coocorrências com *aquacultura*. A coocorrência permitiu assim a seleção, da forma polilexical. A função Word Sketch foi particularmente útil para detetar possíveis termos compostos que incluíam um adjetivo de base participial (*integrada, cerejada, enxofrada*). Estes exemplos ilustram também os problemas por vezes encontrados no sistema de anotação automática FreeLing POS do Sketch Engine e a razão por que optámos por uma análise manual, ou semiautomática.

WORD SKETCH AQUA-2023-PT

aquacultura as noun 472x ...

aquacultura + verbo sintagma preposicional aquacultura ser-estar substantivo e_ou

aquacultura + adjetivo			verbo + aquacultura			aquacultura + adjetivo participial		
offshore	45	13.1 ...	implementar	16	12.8 ...	integrar	5	11.5 ...
aquacultura offshore			para implementar uma aquacultura			de aquacultura multitrófica integrada		
comunitário	4	10.3 ...	alcançar	2	9.8 ...			
de aquacultura comunitária			Para alcançar uma aquacultura					
multitrófica	3	10.1 ...	desenvolver	3	9.7 ...			
de aquacultura multitrófica integrada			para desenvolver uma aquacultura					
sustentável	5	9.8 ...	realizar	3	9.7 ...			
uma aquacultura sustentável			para realizar uma aquacultura					
extensivo	3	9.8 ...	influenciar	2	9.4 ...			
aquacultura extensiva a			influenciam uma aquacultura					
intensivo	3	9.7 ...	depender	2	9.1 ...			
a aquacultura intensiva			dependem da aquacultura					
moderno	2	9.5 ...	promover	2	9.0 ...			
aquacultura moderna			promover a aquacultura					
marinho	7	9.4 ...						
da aquacultura marinha								

CONCORDANCE AQUA-2023-PT

CQL aquacultura + integrar • 5
10.65 per million tokens • 0.002%

Details Left context KWIC Right context

1	====NONE==== • Fe... pressão sobre os recursos naturais (Mestre, 2008). </s><s>1 </s><s> AQUACULTURA INTEGRADA DE OSTRAS CRASSOSTREA GIGAS: REVISÃO DA L
2	====NONE==== • Fe... nvestimentos (Soto, 2009) </s><s>O desenvolvimento de práticas d aquacultura multitrófica integrada (IMTA), do ponto de vista de uma abordagem e
3	====NONE==== • Fe... tades ideais para cada espécie cultivada (Ren et al., 2012). </s><s>A aquacultura multitrófica integrada é uma área em crescimento que, devido à falta
4	====NONE==== • Fe... r a produtividade das múltiplas espécies e projetar futuros viveiros de aquacultura multitrófica integrada </s><s>As simulações dos diversos cenários c
5	====NONE==== • Mo... iânica particulada (Alkanani et al., 2007) e podem ser conjugados em aquaculturas multitróficas integradas para aproveitar os desperdícios de ração par

Figura 20 - Sketch Engine - Extração de formas derivadas a partir do adjetivo *multitrófico* (corpus Aqua-2023-PT)

Estas funções foram utilizadas de forma integrada e retroativa, permitindo que através de uma delas, por exemplo, com recurso a um resultado de concordâncias, se possa obter mais informação relevante sobre uma determinada ocorrência ou fenómeno. No entanto, apesar do ponto de partida ter começado preferencialmente pelas concordâncias, nem sempre seguimos a mesma ordem quando detetávamos um caso de estudo relevante.

Os candidatos a termo seleccionados nesta segunda fase de triagem, foram reunidos e agrupados numa única tabela Excel e classificados de forma a permitir diferentes visualizações de cada combinação «*contexto-comunicativo vs. período*». A título de exemplo, apresentamos os

primeiros quinze primeiros resultados da segunda triagem para o corpus DM_2023_PT, organizados por contexto comunicativo (CC) e ordenados pela medida *score* (Tabelas 24 a 26).

CC	Período	Forma denominativa	Score	Frequência
ACAD	2015-19	Dieta Mediterrânica	19104,10	440
	2020-23	Dieta Mediterrânica	10643,47	91
	2005-09	mediterrânico	4203,89	56
	2015-19	poial	4051,21	60
	2015-19	arquitetura vernácula	3727,93	57
	2005-09	disponibilidade alimentar	2678,18	17
	2015-19	casa do fogo	2263,33	30
	2015-19	almeixar	2073,93	27
	2015-19	casa de fogo	2049,23	27
	2010-14	dieta mediterrânica	2029,47	51
	2015-19	dieta mediterrânica	1905,12	50
	2005-09	padrão alimentar	1761,01	16
	2005-09	capitação	1702,57	13
	2005-09	alimentação mediterrânica	1438,86	9
	2010-14	Dieta Mediterrânica	1384,42	34
	2005-09	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	1352,92	21

Tabela 24 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (ACAD) e ordenados pela medida Score

CC	Período	Forma denominativa	Score	Frequência
PRO	2020-23	Dieta Mediterrânica	6319,08	347
	2005-09	lípidos	2458,45	51
	2005-09	proteínas	1865,75	51
	2015-19	caldeirada	1769,95	28
	2005-09	informação nutricional por prato	1665,06	34
	2005-09	informação nutricional	1631,17	50
	2005-09	ingredientes	1403,33	50
	2015-19	salmonete	1142,75	8
	2005-09	Dieta Mediterrânica	1045,84	23
	2015-19	pargo	1017,31	14
	2020-23	lípidos	985,90	51
	2015-19	tomatada	949,84	6
	2015-19	teor de proteína	890,33	21
	2015-19	selénio	883,91	11
	2015-19	cebolinho	843,62	7
	2005-09	pimento	827,56	22

Tabela 25 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (PRO) e ordenados pela medida Score

CC	Período	Forma denominativa	Score	Frequência
TRAD	2010-14	festa da espiga	27612,51	5
	2010-14	tasquinha de manjares	11416,52	2
	2010-14	património rural	9486,02	2
	2010-14	tasquinha	7980,03	4
	2015-19	estupeta	5815,44	9
	2010-14	apanha do medronho	5708,76	1
	2010-14	bênção dos primeiros frutos	5708,76	1
	2010-14	cestaria de verga	5708,76	1
	2010-14	lanche serrano	5708,76	1
	2010-14	magusto serrano	5708,76	1
	2010-14	Mercadinho serrano	5708,76	1
	2010-14	petisco serrano	5708,76	1
	2010-14	varejo do figo	5708,76	1
	2010-14	ciclo do pão	5508,96	1
	2010-14	extração de cortiça	5414,21	1
	2010-14	moagem do trigo	5400,45	1

Tabela 26 - DM_2023_PT: excerto dos resultados obtidos após a segunda triagem, organizados por contexto comunicativo (TRAD) e ordenados pela medida Score

A segunda triagem veio confirmar uma situação de anotação gerada pelo POS do Sketch Engine que etiqueta como nome próprio as formas escritas com maiúscula. O resultado é a função *keywords* sugerir diferentes potenciais candidatos a termo de formas que se referem ao mesmo conceito. O caso mais evidente foi, no domínio Dieta Mediterrânica, da forma composta *dieta mediterrânica* que foi anotada no mesmo contexto comunicativo e período de formas distintas, quer como nome comum, quer como nome próprio, traduzindo-se em entradas repetidas correspondentes a variantes gráficas (Tabela 27). De referir que o termo *dieta mediterrânica* não ocorre no *subcorpus* Trad.

Forma denominativa	Total	Acad	Pro	Trad
Dieta Mediterrânica	960	582	378	0
dieta mediterrânica	97	85	12	0
dieta mediterrânea	13	13	0	0
dieta Mediterrânica	11	9	2	0
DIETA MEDITERRÂNICA	6	1	5	0
Dieta mediterrânica	3	3	0	0
Dieta Mediterrânea	2	2	0	0
Dieta Mediterrânia	1	0	1	0

Tabela 27 - Recuperação das variantes de *dieta mediterrânica* através de CQL [lemma="*.ieta"] [lemma="*.editerrân.*"] para o *corpus* DM_2023_PT

Porém, optámos por manter as variantes que considerámos relevantes e analisar posteriormente os dados no caso de estes poderem revelar alguma tendência na grafia entre os diferentes contextos comunicativos e período temporais. De notar que algumas formas (*Dieta Mediterrânia e ïieta editerrânica*) já haviam sido excluídas e eliminadas durante a primeira triagem.

4.4. Seleção final de candidatos e de variantes

4.4.1. Análise linguística

A seleção final dos candidatos a avaliar, para efeitos desta tese, foi feita de forma gradual e manual, analisando e agrupando as formas obtidas pela segunda triagem e procurando reter as que nos interessavam particularmente. Neste ponto, procurámos dois tipos de informação. O primeiro foi dirigido à pesquisa das formas que, pelo seu conjunto, contribuíssem de forma mais relevante para a terminologia do domínio num determinado período de tempo e para cada contexto comunicativo, relevância essa dada quer pela sua frequência de ocorrência, quer devido ao valor da medida score. O segundo tipo de informação foi destinado a pesquisar formas denominativas que revelassem diferentes usos em discurso pelas diferentes comunidades discursivas ou que atestassem a ativação de diferentes traços conceptuais do candidato a termo em consonância com os seus utilizadores. Essencialmente seriam duas as perguntas a fazer ao *corpus*: *o que mais se usa (e por quem)* e *qual a forma que mais usa?*

Assim após a segunda triagem, as formas obtidas foram reunidas e agrupadas numa única tabela Excel. Foram seriadas de forma a permitir diferentes visualizações e acrescentada a informação gramatical. Seguidamente, procurámos estabelecer uma relação léxico-semântica entre elas. Para tal, as formas foram agrupadas de acordo com a cabeça do candidato a termo, no caso dos termos múltiplos, ou a forma

“semente”. Estes candidatos de reagrupamento permitiram agrupar as formas candidatas em torno de uma unidade lexical comum e, posteriormente, na fase de seleção de variantes denominativas, organizar as variantes a nível conceptual. O procedimento foi adaptado de Clay (2022) , num estudo sobre variação terminológica no tema das migrações e no contexto das Instituições Europeias. O autor selecionou dez conceitos-chave no próprio *corpus* para gerar uma lista de referência, uma RTL, ou *Reference List of Terms* (Daille, 2017). Clay faz notar que escolheu as suas categorias conceptuais com base em *an examination of the language and terminology actually used in the texts in the corpus, rather than being determined in advance* (pág.148). No entanto, o autor integrou no próprio *corpus* um glossário já previamente constituído que inclui as próprias denominações dos termos. No nosso caso, tal não foi possível por duas razões distintas relacionadas com a natureza dos próprios domínios. No caso da Dieta Mediterrânica, não existe, até à data, um glossário de referência, nomeadamente em língua portuguesa e, no caso da Aquacultura, o glossário produzido pela Direção Geral das Pescas revelou-se insuficiente para o objetivo do estudo e enviesado pela sua própria terminologia interna do contexto comunicativo em que foi produzido.

Assim, o reagrupamento foi feito de base e em simultâneo com a seleção final das formas. O processo exigiu uma nova verificação detalhada das formas resultantes da segunda triagem (DM: 2888 formas; Aqua: 2673 formas) e uma nova operação de pesquisa dos *corpora*, repetindo alguns procedimentos como os descritos anteriormente, nomeadamente a funções como o CQL (ReGEx) e o Word Sketch (coocorrências). Para realizar o reagrupamento, utilizámos primeiramente o lema das formas nominais ou verbais, no caso das formas simples. Em alguns casos, e devido à sua frequência, o adjetivo foi o elemento escolhido, apesar de, na maior parte dos casos, a categoria adjetival ter sido incluída numa forma nominal relevante. Por exemplo, o adjetivo *alimentar* (*corpus* DM_2023_PT), foi extraído por *keywords*, com uma

frequência de F=851. Porém, na análise posterior das coocorrências a forma simples adjetival foi integrada em formas compostas centradas em redor de um nome, por exemplo, *padrão alimentar (mediterrânico)* ou *pirâmide alimentar mediterrânica*. O mesmo ocorreu em Aquacultura, por exemplo, para o adjetivo *aquícola* que foi posteriormente subordinado ao nome (*produção aquícola, área/zona de produção aquícola*).

Muitas formas foram recuperadas, ou confirmadas, por outras ocorrências, nomeadamente através da pesquisa por coocorrências de nomes (*vinho, larva*), adjetivos (*aquícola, larvar, multitrófica, mediterrânica, caseiro*), ou adjetivos participiais (*encapsulada, cerejada*), detetados pelo Sketch Engine como verbo. Outros casos foram extraídos por associações lexicais e/ou semânticas. Por exemplo, a coocorrência de *convivialidade* (DM-2023-PT) com sintagmas preposicionais revelou a ocorrência de outro conceito, expresso por formas lexicais diferentes: *à mesa, à volta da mesa* e ainda, *em redor da mesa* (Figura 21).

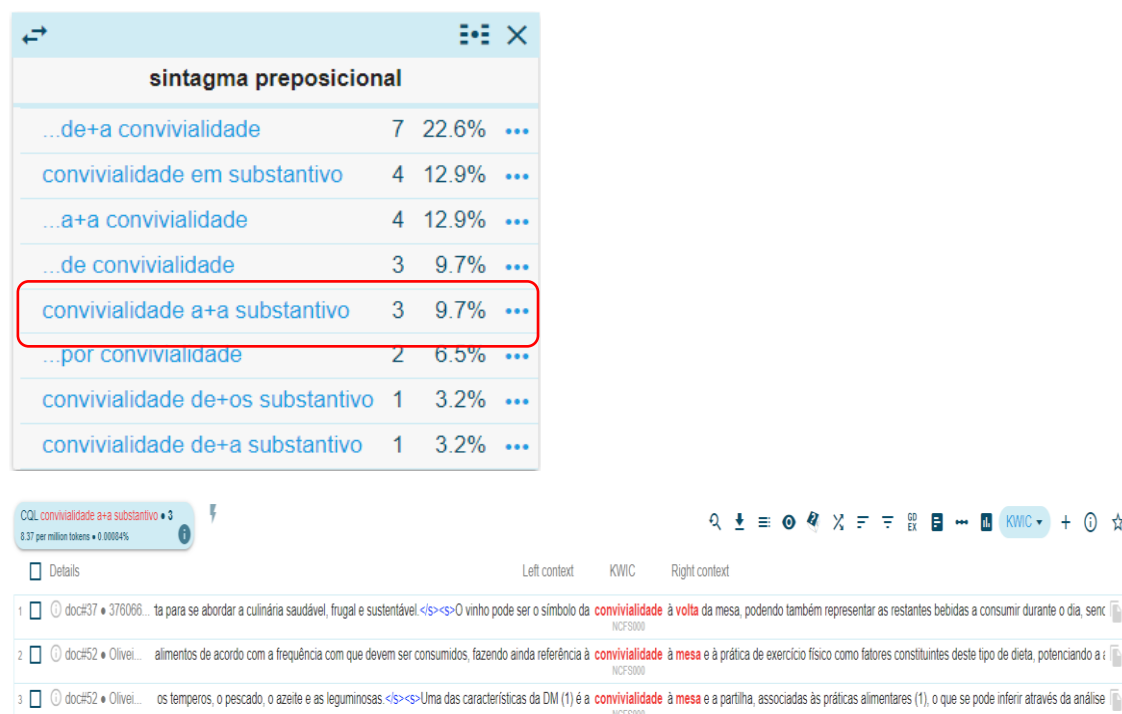


Figura 21 - Sketch Engine – Coocorrência de *convivialidade* com sintagmas preposicionais (corpus DM-2023-PT)

Apresentamos uma das concordâncias do *subcorpus* ACAD para *em redor da mesa* onde podemos exemplificar a utilização da forma e a relação com convivialidade:

Cozinhar, estar sentado ***em redor da mesa*** e partilhar comida no seio da família ou de amigos, promove um suporte social e a noção de comunidade (...), onde imperam valores de hospitalidade ou vizinhança. Esta convivialidade, que permite trocas sociais e de comunicação, passa também para a comunidade, onde a ***Dieta Mediterrânica*** é dinamizada por Associações, confrarias e comissões de festas que permitem a organização de celebrações e festivais, onde a alimentação é o mote para o seu desenvolvimento e festividade.

Corpus DM-2023-PT: Real&Graça (2020)

Outro exemplo, no domínio da Aquacultura, é dado pelo candidato a termo *sistema com recirculação de água* e pelo seu acrónimo RAS, do inglês *Recirculating Aquaculture Systems*, detetadas pela ocorrência das formas *recirculação* e *recirculação de água* com recurso a CQL:

[lemma="recirculação"] [tag="S.*"] [lemma="água"]

Esta pesquisa permitiu extrair o acrónimo, não detetado pela extração com *keywords*, e algumas variantes para o equivalente português:

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa
ACAD	2010-14	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)
ACAD	2015-19	sistema de recirculação	aquacultura com recirculação de água
ACAD	2015-19	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)
ACAD	2015-19	sistema de recirculação	sistemas com recirculação da água
PRO	2020-23	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)

Tabela 28 - Variantes para sistema de recirculação (corpus Aqua-2023-PT)

A pesquisa pelas diferentes ocorrências do acrónimo *RAS*, permitiu ainda detetar outras duas variantes de *sistemas multitróficos*

recirculantes da água, conforme confirmado pelas concordâncias apresentadas nos excertos seguintes:

Pretende-se com este trabalho contribuir para a minimização de impactes dos efluentes de uma aquacultura de esturção, concretamente da empresa (...), através do delineamento de um sistema de remoção de nutrientes a incluir numa das fases do seu sistema de tratamento, de modo a que todo o sistema se comporte como um **sistema integrado de aquacultura com recirculação de água (RAS)**, cujo sucesso permitirá não só minimizar os impactes ambientais deste efluente, mas também minimizar o consumo de água.

A empresa tem vindo a valorizar o desenvolvimento sustentável através de um projeto que se baseia nas relações entre a energia renovável, a hidroponia e a tecnologia de ponta de **sistemas multitróficos recirculantes da água (RAS - Recirculating aquaculture systems)**.

Corpus Aqua-2023-PT: Grencho, 2016

4.4.2. Análise léxico-semântica

A análise do conjunto de candidatos a termo obtidos após a segunda triagem permitiu detetar diferenças entre o conjunto de candidatos a termo utilizados, principalmente entre comunidades discursivas distintas. As diferenças não surgiram apenas a nível denominativo, mas, e mais evidente no caso da DM, a nível do conjunto terminológico em cada contexto comunicativo. Por outro lado, conforme os resultados foram sendo filtrados, recolhidos e organizados, fomos detetando muitas formas, principalmente simples, com estabilidade denominativa, frequências altas e ocorrências em todos os contextos comunicativos e períodos. Questionámo-nos se essa estabilidade denominava, aliada às diferenças encontradas no conjunto de candidatos a termo em cada contexto comunicativo não poderia indicar um diferente uso do candidato a termo, ou seja, uma ativação distinta de traços conceptuais com origem no fator diastrático.

Assim, analisámos a nível morfossintático algumas das formas mais com maior frequência, recorrendo às funcionalidades Word Sketch e N-gramas do Sketch Engine. Esta funcionalidade, ao analisar coocorrências e colocações, permite observar a forma como algumas formas se

associam entre si, quer a nível morfosintático quer a nível semântico, e revelar possíveis diferenças de ativação conceptual do candidato a termo, nomeadamente no plano diastrático. Apresentamos o exemplo de *azeite* (N), para o domínio da Dieta Mediterrânica. O candidato a termo apresenta uma frequência total no corpus de F=541, distribuída pelos contextos comunicativos como representada na tabela seguinte:

Contexto comunicativo	Frequência	Frequência relativa
ACAD	234	1 402,29
PRO	216	1 724,53
TRAD	93	1 378,64

Tabela 29 – DM-2023-PT - ocorrências de *azeite* nos três contextos comunicativos

No entanto, as colocações do candidato revelam um padrão léxico-semântico diferente nos três contextos. As colocações mais representativas foram obtidas pela medida LogDice⁴⁰, uma medida estatística que permite identificar coocorrências e a força das mesmas. A tabela seguinte apresenta, como exemplo, para as combinações *azeite*+verbo e verbo+*azeite* para os três contextos comunicativos:

<i>azeite</i> + verbo					
ACAD	Score	PRO	Score	TRAD	
alumiar	9,6	enfeitar	11,1	dispor	10,7
conquistar	9,6	alourar	10,9	deitar	9,4
agregar	9,5	refogar	10,8	juntar	9,3
integrar	9,5	melhorar	10,7	colocar	8,4
frutar ⁴¹	9,4	adicionar	10,5	ficar	7,9
falar	9,1	mexer	10,4	deixar	7,5
registar	9,0	temperar	9,7	estar	5,8
mencionar	8,9	ocupar	9,0	poder	5,4
verbo + <i>azeite</i>					
ACAD	Score	PRO	Score	TRAD	Score
apelidar	10,7	arrefecer	12,0	regar	12,1
cozinhar	9,8	refogar	11,8	temperar	11,8
tirar	9,4	temperar	11,5	portar	11,2
retirar	9,3	dispor	10,5	refogar	10,6
adquirir	9,1	compor	9,2	substituir	10,1

Tabela 30 – Corpus DM-2023-PT - Colocações obtidas pela medida LogDice (score), para as combinações *azeite*+verbo e verbo+*azeite* para os três contextos comunicativos

⁴⁰ LogDice. Sketch Engine. Disponível em https://www.sketchengine.eu/my_keywords/logdice/ [acedido em 4/12/2023]

⁴¹ Confusão com *fruta* (N) e *frutar** (V) na concordância: *A Dieta Mediterrânica é reconhecidamente promotora da saúde. Pelos alimentos que incorpora (azeite, cereais, leguminosas, fruta* ...), pela forma como os prepara, mas principalmente pela frugalidade.*

Nas concordâncias da Figura 22 podemos observar as diferenças de utilização do candidato a termo no seu contexto de concordância. Nos contextos comunicativos ACAD, *azeite* tem um uso descritivo, em que se está a proporcionar informação resultante de uma reflexão académica sobre o referente. Por exemplo, encontramos usos descritivos na área da nutrição e dietética (#1, #2, #3, #5, #6), linguística e paremiologia (#4, #5), património cultural associado à DM (#7), arquitetura vernácula associada à alimentação (#8), conservação de alimentos (#8, #9) e mesmo um elemento de carácter simultaneamente religioso e cultural (#10).

	Left context	KWIC	Right context
1	doc#40 • Alimen... na da esquerda Sim Utiliza azeite como principal gordura culinária?	<S><S> 4 c.s. Que quantidade de azeite consome num dia (incluido para fritar, temperar)?	<S><S> 2 Quantas porções de produtos hortícolas c
2	doc#41 • Artigo... ão à Dieta Mediterrânica no Concelho de Tavira - Licenciatura em Ciências da Nutrição O consumo de	azeite e azeitonas registra frequências baixas, sendo que 35,0% dos participantes afirmaram consumir uma vi	
3	doc#43 • Chacot... nho arruína a bolsa e o mau o estômago (Moreira, 2003: 193, no 112) <S><S> 1.1.3 <S><S> O azeite O	azeite integra a triade das gorduras utilizadas na alimentação ocidental, a par da banha de porco (obtida do b	
4	doc#43 • Chacot... 107) <S><S> O gosto dos mediterrânicos em geral, e dos portugueses em particular, pelo consumo de	azeite na alimentação está na origem do provérbio: A melhor cozinheira é a azeiteira (Moreira, 2003: 20, no	
5	doc#43 • Chacot... > 440) <S><S> 2 <S><S> OUTROS ALIMENTOS Para além da trilogia mediterrânica (o pão, o vinho e o	azeite), o regime alimentar quotidiano inclui outros produtos locais, colhidos sazonalmente, como frutos, legu	
6	doc#52 • Olivei... zeite (74,5%) em percentagem superior a cinquenta por cento. <S><S> Apesar da elevada presença de	azeite verifica-se ainda a presença de gordura animal e vegetal. <S><S> Segundo Maria Manuel Valaço, (1)	
7	doc#53 • Pontes... njunto de festividades religiosas e pagãs (Queiroz, 2014) Fig. 4.4 - Vinho, produção artesanal <S><S>	Azeite A cultura do azeite está presente em Portugal e no Algarve há mais de dois_mil anos, sendo utilizado n	
8	doc#53 • Pontes... ação e arrecadação dos produtos agrícolas como as farinhas e cereais ou as salgadeiras e os potes de	azeite , poderiam agregar-se aos restantes compartimentos da habitação, em ligação com a casa de dentro c	
9	doc#53 • Pontes... re a saca <S><S> A água e o azeite escorriam para vasilhas colocadas debaixo da queijeira <S><S> O	azeite ficava em cima e era tirado para outras vasilhas, onde era armazenado. (entrevistado 2) Fazíamos o a	
10	doc#58 • Ualg-e... e libertador desde os tempos do Dioniso grego, passa a sangue de Cristo, o pão a corpo <S><S> Pelo	azeite consegue-se a iluminação, a luz que alumia o recanto do lar e mostra o caminho de Deus <S><S> A tril	

Figura 22 - Corpus DM-2023-PT – Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência *azeite*+verbo no contexto comunicativo ACAD

Já nos contextos comunicativos PRO, mas principalmente, TRAD, verifica-se que o candidato está a ser utilizado para relatar processos que envolvem o uso do termo como gordura utilizada na alimentação, na perspetiva de ingrediente culinário, ou no âmbito do processamento de alimentos (Figura 23):

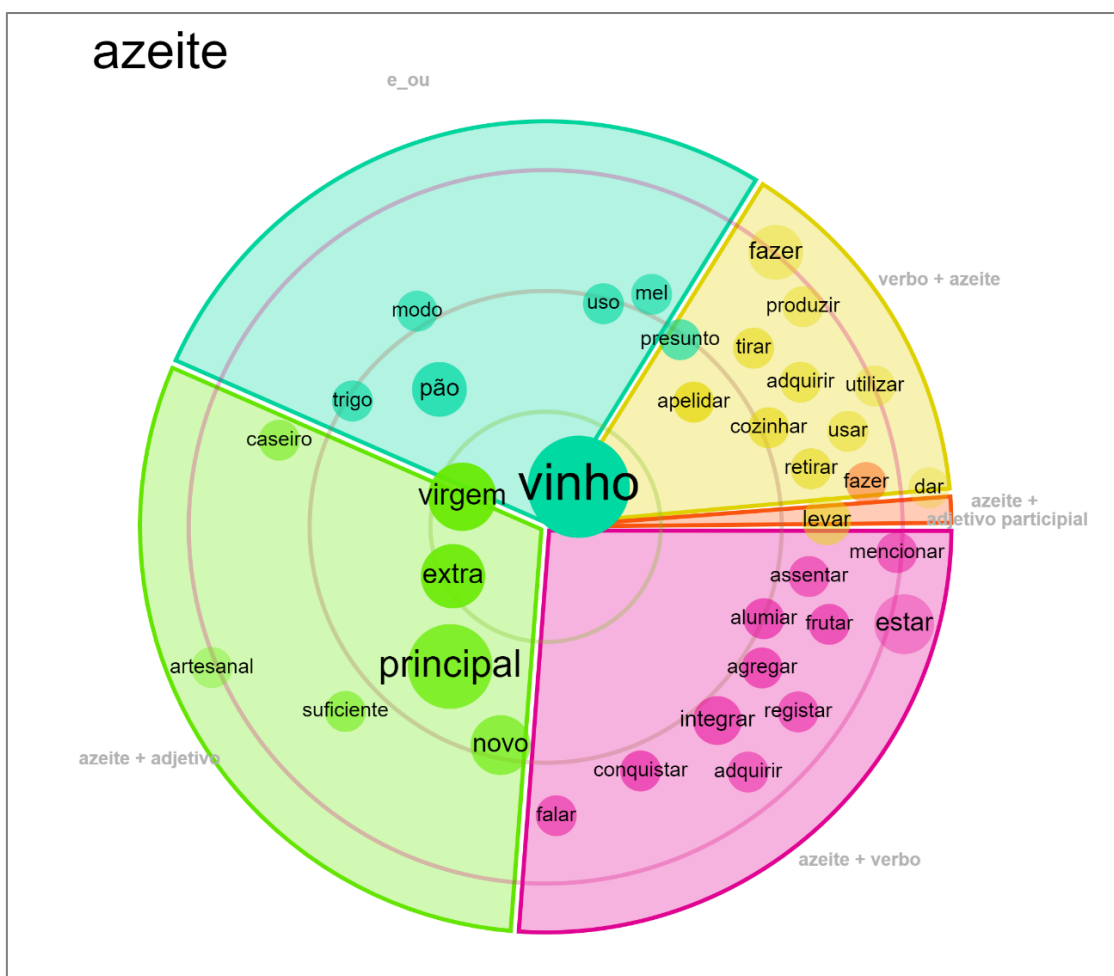


Figura 24 - Excerto das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT *azeite* no contexto comunicativo ACAD

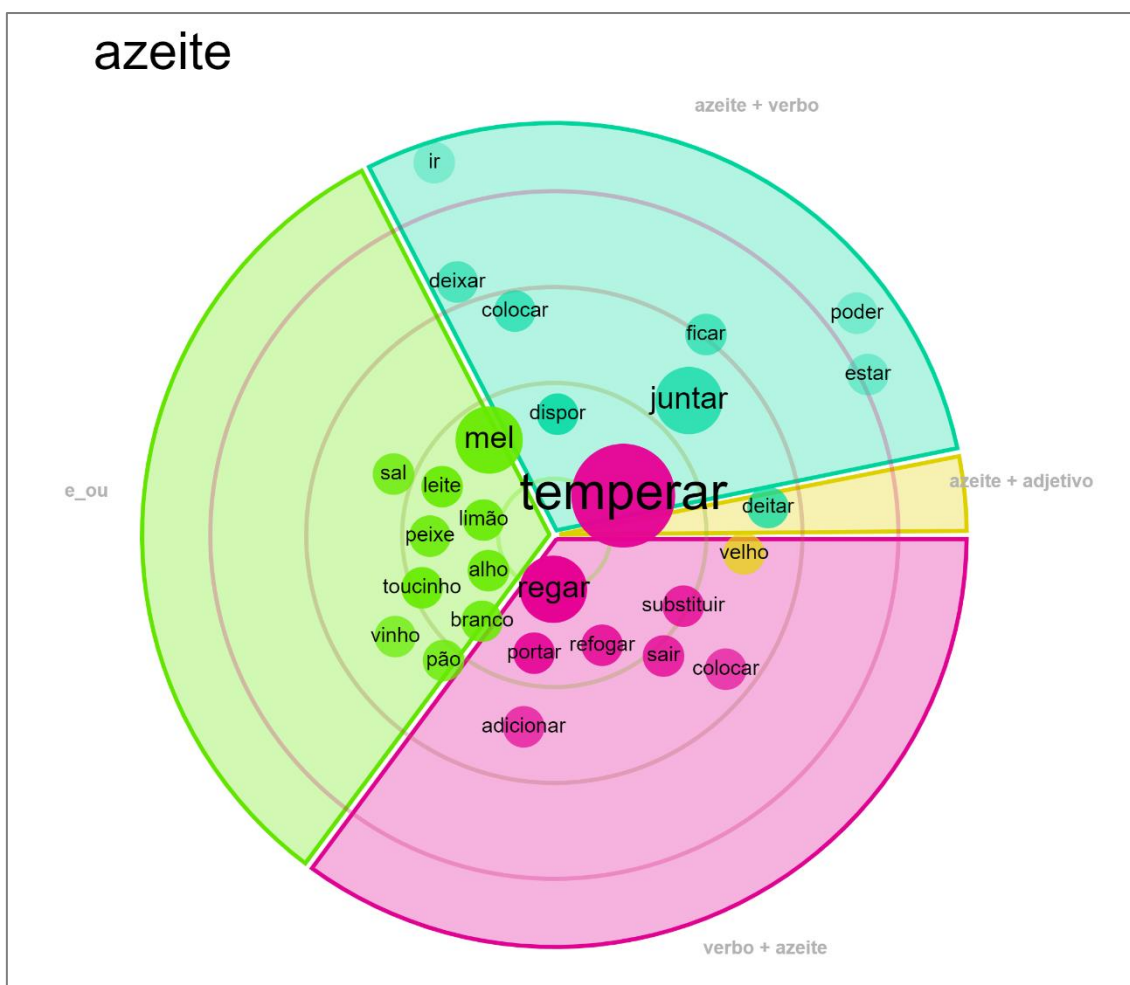


Figura 25 - Excerto das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT *azeite* no contexto comunicativo TRAD

Encontrámos casos similares em Aquacultura, como *água*, *bivalve*, *ostra*. Estes candidatos a termo também apresentaram uma frequência elevada e campos de distribuição distintos a nível morfosintático, revelando diferentes associações semânticas e remetendo o candidato a termo para esferas de atividade distintas. Em particular, no contexto comunicativo LEG, formado por textos provenientes da administração pública e organismos reguladores do Estado Português, o candidato a termo *água*, por exemplo, surge envolvido em concordâncias que mostram a diferença de utilização, e associações morfosintáticas diferentes. A Figura 26 apresenta o candidato a termo *água* em colocação com verbo (*água*+verbo) nos dois subcorpora LEG e PRO:

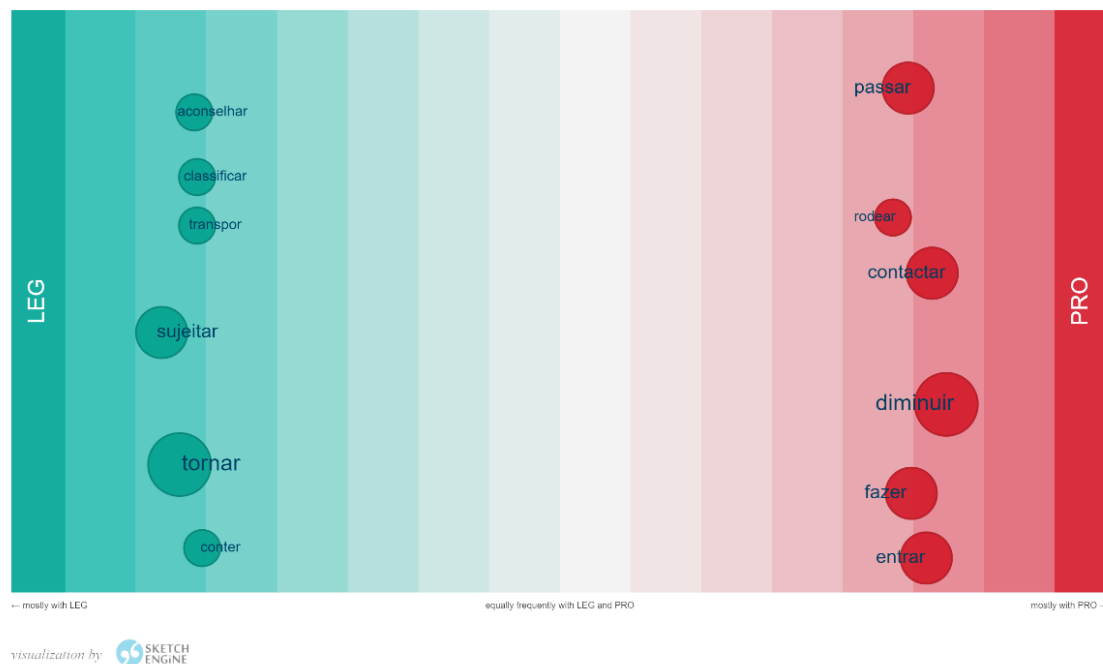


Figura 26 – Aqua-2023-PT - Excerto comparativo das colocações obtidas pela função Word Sketch para o CaT *água* nos contextos comunicativos LEG (esquerda) e PRO (direita)

Podemos observar igualmente os diferentes contextos de uso do candidato a termo *água* no excerto de concordâncias na Figura 27 e Figura 28, respetivamente para os contextos comunicativos LEG e PRO.

CONCORDANCE		
LEG	QQL água (água + verbo) • 32 0.30.53 per million tokens • 0.013%	
filter	#0365809#177395 • 10 165.79 per million tokens • 0.0039%	
Details	Left context	KWIC
1	mm.gov.pt • aqu... o 236/98, de 1 de agosto-</s><s>Decreto-Lei n.º 243/2001, de 5 de setembro - Regula a qualidade da	água
2	mm.gov.pt • aqu... 3/2010, de 24 de setembro - Estabelece as normas de qualidade ambiental no domínio da política da	água
3	Co... rmos de pegada de carbono, efluentes, resíduos ou outros impactos nos ecossistemas marinhos e de	água
4	Co... </s><s>19 Para os moluscos, a disponibilidade de água de boa qualidade é essencial, uma vez que a	água
5	Co... mbiental da UE exige informações sobre o estado dos ecossistemas aquáticos e sobre a qualidade da	água
6	Cy... e cultivo de amêijoas -boa, dado que os seus associados entendem que a elevada taxa de filtração de	água
7	Pl... ito estruturas flutuantes em mar aberto.</s><s>Região Autónoma dos Açores A atividade aquícola de	água
8	Pl... Naturais e do meio envolvente Pese embora a relativa abundância de recursos hídricos marinhos e de	água
9	Pl... as temperadas (dourada/roboal, linguado, corvina e pregado), entre outros.</s><s>Para os peixes de	água
10	Pl... versificação das espécies.</s><s>Na Região Autónoma dos Açores, as características biológicas das	água

Figura 27 - Corpus Aqua-2023-PT – Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência *água*+verbo no contexto comunicativo LEG

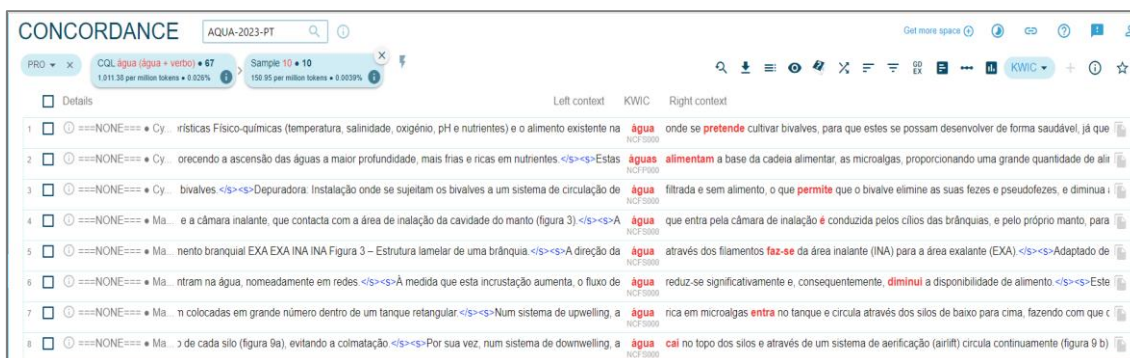


Figura 28 - Corpus Aqua-2023-PT – Excerto aleatório de concordâncias para a coocorrência água+verbo no contexto comunicativo PRO

Estes resultados chamam-nos a atenção para a possibilidade de o fator diastrático, originado pela existência de diferentes comunidades de especialistas no domínio, afetar não apenas a variação terminológica denominativa nos nossos *corpora*, mas ter influência no plano conceptual ao ativar distintos traços conceptuais, como já abordada por outros autores (Fernández-Silva, 2010, 2013b, 2013a, 2017; Tercedor-Sánchez & López-Rodríguez, 2012). Esta ativação tem origem nos diferentes contextos comunicativos e nos diferentes usos dos termos, na forma como os especialistas se relacionam com o seu próprio domínio e esfera de atividade, ora utilizando os termos de forma descritiva (ACAD, PRO, LEG) ora de forma operacional-funcional (PRO e TRAD).

4.5. Resultados totais para os domínios

No final do processo de análise dos *corpora*, seleccionámos um total de 562 (DM) e de 1613 (Aquacultura) ocorrências de formas candidatas a termo. Estes números representam muitas vezes várias ocorrências das mesmas formas que se repetem em mais do que um contexto comunicativo e/ou período. Os gráficos seguintes (Figura 29 e Figura 30) (e tabelas incluídas) apresentam o total das formas seleccionadas, ou seja, os resultados quantitativos totais, para os dois domínios (Dieta Mediterrânica e Aquacultura) e nos períodos temporais respetivos,

cruzados com os contextos comunicativos identificados. Podemos ter uma panorâmica geral da distribuição do número de formas denominativas obtidas nos períodos de tempo escolhidos e em relação ao contexto comunicativo.

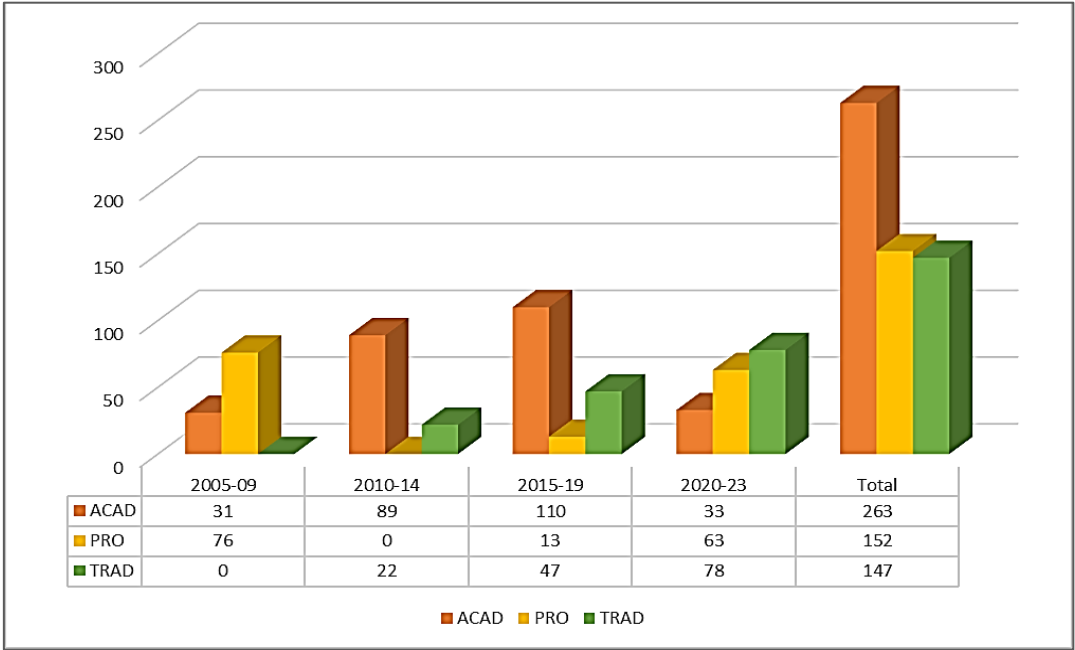


Figura 29 - Formas denominativas selecionadas para o *corpus* DM-2023-PT

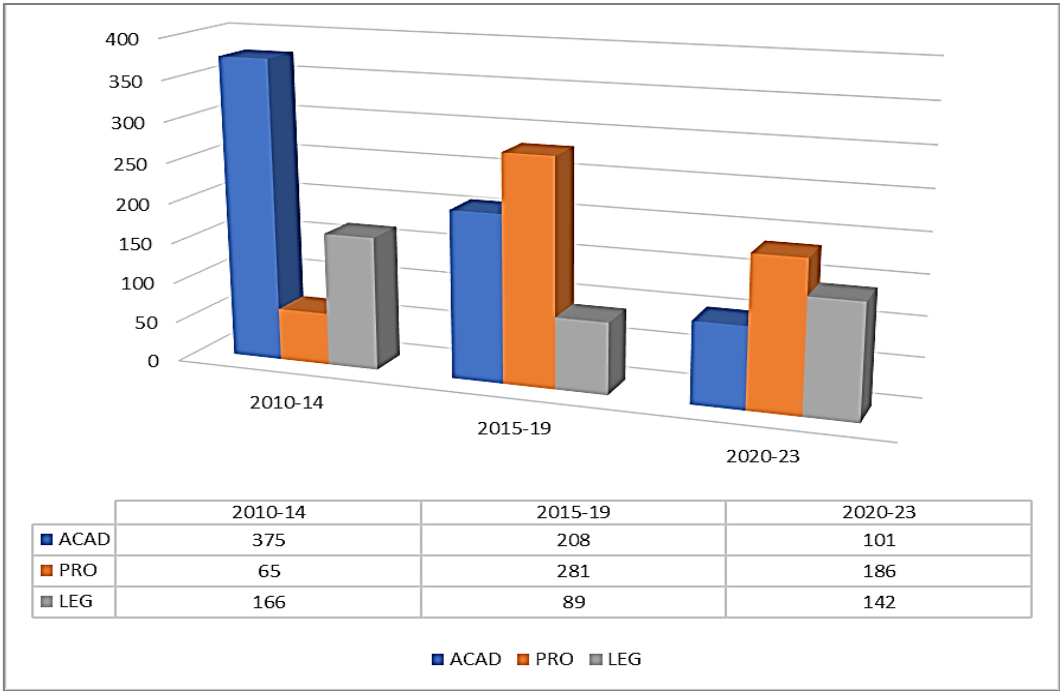


Figura 30 - Formas denominativas selecionadas para o *corpus* Aqua-2023-PT

A totalidade das formas obtidas permitem-nos agora ter uma perspetiva sob a terminologia dos dois domínios. A lista completa de todas as formas denominativas selecionadas nos dois domínios está apresentada no Anexo 1. As tabelas seguintes são um excerto dessas tabelas gerais e apresentam os primeiros quinze resultados das formas obtidas, organizados por frequência, pela medida score e ainda pela frequência relativa. Estes resultados surgem no encadeamento desta tese como colaterais, querendo com isto dizer que, não sendo o nosso objetivo principal realizar o levantamento da terminologia dos domínios no seu todo, foi necessário proceder a esta análise dos candidatos a termo mais representativos, através da sua frequência de uso e da sua termicidade. Com estes resultados, e em dois domínios pouco trabalhados (principalmente a Dieta Mediterrânica), pudemos obter uma melhor perspetiva sobre os domínios que passamos a analisar.

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	19104,10	440
PRO	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	6319,08	347
ACAD	2015-19	pão	pão	38,99	182
ACAD	2015-19	azeite	azeite	137,66	180
PRO	2020-23	azeite	azeite	195,05	109
ACAD	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	10643,47	91
PRO	2005-09	azeite	azeite	388,35	87
ACAD	2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar	850,52	62
TRAD	2020-23	palma	palma	79,99	59
ACAD	2010-14	pão	pão	67,86	57
PRO	2020-23	pão	pão	29,32	55
TRAD	2015-19	pão	pão	95,57	52
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	2029,47	51
PRO	2020-23	vinho	vinho	17,68	51
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	1905,12	50

Tabela 31 – *Corpus* DM-2023-PT - Dados gerais obtidos – ordenação por frequência

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.
PRO	2015-19	ostra	ostra	1976,91	324
LEG	2020-23	aquacultura	aquicultura	4906,56	289
PRO	2015-19	água	água	12,72	232
ACAD	2010-14	dieta	dieta	48,99	203
ACAD	2015-19	água	água	14,87	202
PRO	2015-19	bivalve	bivalve	2748,20	199
ACAD	2010-14	larva	larva	554,25	190
ACAD	2015-19	ostra	ostra	1539,99	188
LEG	2010-14	aquacultura	aquicultura	1732,43	185
LEG	2010-14	água	água	13,93	164
ACAD	2010-14	peixe	peixe	41,58	156
ACAD	2010-14	copépode	copépode	2184,51	147
ACAD	2020-23	aquacultura	aquacultura	4792,96	142
LEG	2015-19	viveiro	viveiro	5983,92	139
ACAD	2010-14	DAE	DAE (=dias após eclosão)	786,40	137

Tabela 32 - *Corpus Aqua-2023-PT* - Dados gerais obtidos - ordenação por frequência

Em Dieta Mediterrânica, e devido ao maior volume de textos, os candidatos dos *subcorpora* ACAD e PRO são os que apresentam maior número de ocorrências. Por outro lado, em Aquacultura, na ordenação por frequências absolutas, todos os contextos comunicativos estão representados, mas por formas simples, à exceção do acrónimo *DAE*, *Dias Após Eclosão*.

Em Dieta Mediterrânica, ao efetuar a seriação pela medida *score*, conseguimos realçar a representatividade de algumas formas menos frequentes provenientes do contexto comunicativo TRAD, como *tasquinha*, *tasquinha de manjares*, *estupeta*, *apanha do medronho* (Tabela 33). Da mesma forma, a seriação pela medida *score*, produz resultados diferentes no domínio Aquacultura, nomeadamente ao destacar formas múltiplas (*produção de ostra*, *produção aquícola*, *mesa de eliaço*). Neste domínio, a seriação pela medida *score* põe em destaque muitas formas pertencentes ao contexto LEG (Tabela 34).

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.
TRAD	2010-14	festa	festa da espiga	27612,51	5
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	19104,10	440
TRAD	2010-14	tasca	tasquinha de manjares	11416,52	2
ACAD	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	10643,47	91
TRAD	2010-14	património cultural	património rural	9486,02	2
TRAD	2010-14	tasca	tasquinha	7980,03	4
PRO	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	6319,08	347
TRAD	2015-19	estupeta	estupeta	5815,44	9
TRAD	2010-14	medronho	apanha do medronho	5708,76	1
TRAD	2010-14	petisco	petisco serrano	5708,76	1
TRAD	2010-14	varejo	varejo do figo	5708,76	1
TRAD	2010-14	pão	ciclo do pão	5508,96	1
TRAD	2010-14	medronheiro	medronhal	5336,03	1
TRAD	2010-14	época	época das colheitas	5065,71	1
TRAD	2010-14	esparto	esparto	4722,34	1

Tabela 33- Corpus DM-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela medida Score

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.
LEG	2015-19	viveiro	viveiro	5983,92	139
LEG	2015-19	elião	elião	5298,77	30
LEG	2015-19	ostra	ostra	5175,78	88
PRO	2010-14	aquacultura	aquacultura	5029,25	23
LEG	2015-19	produção	produção de ostra	4938,29	28
LEG	2020-23	aquacultura	aquicultura	4906,56	289
ACAD	2020-23	aquacultura	aquacultura	4792,96	142
LEG	2015-19	mesa	mesa de elião	4063,17	23
LEG	2015-19	amêijoia-bou	Amêijoia-bou	3876,14	22
PRO	2010-14	farinha	farinha de peixe	2769,99	11
PRO	2015-19	bivalve	bivalve	2748,20	199
PRO	2020-23	aquacultura	aquacultura	2661,13	27
ACAD	2015-19	aquacultura	aquacultura	2630,71	135
LEG	2015-19	produção	produção aquícola	2215,75	13
ACAD	2010-14	copépode	copépode	2184,51	147

Tabela 34 - Corpus Aqua-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela medida Score

Numa tentativa de procurar evidenciar ainda mais as formas menos frequentes, nomeadamente as provenientes dos subcorpora mais pequenos, utilizámos também a frequência relativa (frequência por

milhão de tokens) para ordenar os resultados totais. Esta medida representa uma frequência não condicionada pelas dimensões dos tipos de textos ou subcorpora, utilizados para identificar os contextos comunicativos e/ou os períodos. Ou seja, se procuramos uma medida mais adequada do total de ocorrências no conjunto total do *corpus*, a frequência relativa permite analisar a ocorrência das formas independentemente da influência do volume dos tipos textuais ou dos *subcorpora*.

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.	Freq. Relativa
ACAD	2020-23	dieta mediterrânea	Dieta Mediterrânea	10643,47	91	11465,29
PRO	2020-23	dieta mediterrânea	Dieta Mediterrânea	6319,08	347	6806,59
PRO	2005-09	azeite	azeite	388,35	87	4258,03
TRAD	2010-14	festa	festa	27,54	7	3995,43
ACAD	2005-09	azeite	azeite	322,61	22	3536,98
TRAD	2015-19	pão	pão	95,57	52	3433,93
ACAD	2015-19	dieta mediterrânea	Dieta Mediterrânea	19104,10	440	3387,19
ACAD	2005-09	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	1352,92	21	3376,21
TRAD	2015-19	festa	festa	21,85	48	3169,78
TRAD	2015-19	azeite	azeite	301,76	46	3037,71
ACAD	2005-09	vinho	vinho	51,10	18	2893,89
TRAD	2010-14	festa	festa da espiga	27612,51	5	2853,88
TRAD	2010-14	maio	maio	20,89	5	2853,88
ACAD	2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar	1761,01	16	2572,35
ACAD	2010-14	pão	pão	67,86	57	2498,68
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional	1631,17	50	2447,14

Tabela 35 - *Corpus* DM-2023-PT - Dados gerais obtidos – ordenação pela frequência relativa

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq.	Freq. Relat.
LEG	2015-19	viveiro	viveiro	5983,92	139	24549,63
LEG	2015-19	ostra	ostra	5175,78	88	15542,21
LEG	2020-23	aquacultura	aquicultura	4906,56	289	14875,44
PRO	2010-14	peixe	peixe	135,57	29	8004,42
PRO	2010-14	aquacultura	aquicultura	5029,25	23	6348,33
ACAD	2020-23	aquacultura	aquicultura	4792,96	142	6050,02
LEG	2015-19	mesa	mesa	55,64	34	6004,95
PRO	2015-19	ostra	ostra	1976,91	324	5935,81
LEG	2015-19	elição	elição	5298,77	30	5298,48
LEG	2010-14	aquacultura	aquicultura	1732,43	185	5251,65
ACAD	2015-19	água	água	14,87	202	4968,03
LEG	2015-19	produção	produção de ostra	4938,29	28	4945,25
LEG	2010-14	água	água	13,93	164	4655,52
ACAD	2015-19	ostra	ostra	1539,99	188	4623,71
PRO	2015-19	água	água	12,72	232	4250,33
LEG	2020-23	água	água	12,32	80	4117,77

Tabela 36 - *Corpus* Aqua-2023-PT - Dados gerais obtidos - ordenação pela frequência relativa

Fazemos notar que em Dieta Mediterrânica algumas formas recorrentes e mais frequentes correspondem a alguns dos conceitos nucleares do domínio, os chamados termos descritores utilizados aquando da candidatura Dieta Mediterrânica a Património Cultural Imaterial da UNESCO: *dieta mediterrânica, azeite, pão, padrão alimentar (mediterrânico) = PAM, património cultural, convivialidade*. Em Aquacultura são dominantes os candidatos relacionados com a produção de moluscos bivalves uma vez que foi esse um dos focos do processo de seleção de textos, dada a importância da atividade na região sul de Portugal.

Com a seriação por frequência relativa conseguimos dar maior relevância aos contextos comunicativos e períodos com menor volume de textos, quer em Dieta Mediterrânica quer em Aquacultura. No entanto, queremos frisar que estes resultados são globais para a totalidade dos *corpora* e só podem ser utilizados também de forma geral, se o que pretendemos é analisar a terminologia do domínio no seu todo.

Porém, o nosso objetivo é analisar o modo como cada comunidade discursiva contribui para a terminologia do domínio e de que modo a terminologia é alterada ao longo do tempo. Interessa-nos assim as variantes denominativas que são selecionadas por cada comunidade discursiva (fator diastrático) e ao longo do tempo (fator diacrónico), mas também o conjunto de termos que são utilizadas por cada um destes contextos comunicativos (fator diastrático) e em cada período (fator diacrónico). Como iremos ver em seguida, nem todos os resultados obtidos se traduziram por variação denominativa com origem quer no fator tempo (diacronia), quer no fator diastrático. Em termos diastráticos, alguns dos resultados obtidos apontam mesmo para uma maior variação denominativa dentro de cada uma das comunidades discursivas do que entre elas, principalmente no domínio da Dieta Mediterrânica. Não obstante, o que ressalta dos dados que iremos apresentar é, não apenas as diferenças a nível da variação denominativa, mas a um nível superior de análise, ou seja, no conjunto da terminologia utilizada e selecionada por cada comunidade discursiva.

Obtivemos assim dois conjuntos de dados:

- a) Conjunto dos candidatos a termo que caracterizam cada período e contexto comunicativo (4.6 e 4.7)
- b) Variantes denominativas detetadas e selecionadas por período (variantes diacrónicas) e por contexto denominativo (variantes diastráticas) (4.8 e 4.9)

4.6. Resultados da análise diacrónica

O estudo da terminologia em diacronia, ou como refere Picton (2009), da terminocronia, permite aferir o dinamismo de um domínio, ou seja, tendências a nível da evolução do conhecimento, razões de uso (intra ou extralinguísticas), de aparecimento e criação de termos

(neologismos), mas também de desuso e desaparecimento de termos (necrologismos). Como discutimos no enquadramento teórico, o estudo diacrónico pode comprovar diferenças a nível terminológico e do conhecimento do domínio relacionadas com a implementação de normas linguísticas em períodos determinados. No nosso caso em particular, procuramos diferenças a nível da terminologia do domínio em cada período que permitam compreender o dinamismo do discurso e, por inerência, do conhecimento. Estas diferenças podem estar relacionadas com o uso mais frequente de determinados termos, ou de uma determinada forma denominativa em esferas de atividade específicas, com alguma nova tendência relacionada com a evolução do domínio, ou ainda com a cultura do domínio e do grupo de atores discursivos que mais influência a respetiva terminologia.

4.6.1. Dieta Mediterrânica

Passamos assim a apresentar e analisar os resultados mais significativos obtidos organizados pelo critério diacrónico. As tabelas seguintes são um excerto das formas mais frequentes do conjunto total de formas candidatas a termo obtidas (Anexo 1), aqui apresentadas seriadas em função do período de tempo compreendido entre 2005 e 2023. De notar que não obtivemos materiais textuais para o contexto comunicativo TRAD no período 2005-2009, nem para o contexto comunicativo PRO no período 2010-2014.

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
PRO	2005-09	azeite	azeite	388,35	87
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional	1631,17	50
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional por prato	1665,06	34
PRO	2005-09	pão	pão	41,22	31
PRO	2005-09	vinho	vinho	25,94	30
PRO	2005-09	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	1045,84	23
ACAD	2005-09	azeite	azeite	322,61	22
ACAD	2005-09	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	1352,92	21
PRO	2005-09	legume	legume	78,55	20
ACAD	2005-09	vinho	vinho	51,10	18
ACAD	2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar	1761,01	16
ACAD	2005-09	capitação	capitação	1702,57	13
ACAD	2005-09	pão	pão	56,77	13
ACAD	2005-09	oliveira	oliveira	17,31	10
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional total	490,43	10
PRO	2005-09	barrocal	barrocal	438,32	10

Tabela 37 – *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2005-09

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
ACAD	2010-14	pão	pão	67,86	57
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	2029,47	51
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	1384,42	34
ACAD	2010-14	vinho	vinho	24,78	32
ACAD	2010-14	azeite	azeite	108,02	27
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	254,70	20
ACAD	2010-14	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	48,09	16
ACAD	2010-14	padrão alimentar	padrão alimentar	330,67	11
ACAD	2010-14	produto	produto hortícola	364,10	10
ACAD	2010-14	paisagem	paisagem cultural	289,43	8
ACAD	2010-14	património cultural	património cultural	188,82	8
ACAD	2010-14	legume	verdura	46,31	8
ACAD	2010-14	legume	legume	28,19	8
TRAD	2010-14	festa	festa	27,54	7
ACAD	2010-14	padrão alimentar	modelo alimentar	301,26	7
ACAD	2010-14	património cultural	Património cultural	185,75	7
ACAD	2010-14	trilogia	trilogia	42,89	7

Tabela 38 -*Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2010-14

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	19104,10	440
ACAD	2015-19	pão	pão	38,99	182
ACAD	2015-19	azeite	azeite	137,66	180
ACAD	2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar	850,52	62
TRAD	2015-19	pão	pão	95,57	52
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	1905,12	50
TRAD	2015-19	festa	festa	21,85	48
ACAD	2015-19	erva aromática	erva aromática	605,34	48
TRAD	2015-19	azeite	azeite	301,76	46
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	103,00	46
ACAD	2015-19	trilogia	trilogia	52,74	43
ACAD	2015-19	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)		43
ACAD	2015-19	salvaguarda	salvaguarda	99,62	41
ACAD	2015-19	património cultural	património cultural	296,00	37
ACAD	2015-19	produto	produto hortícola	778,34	31
ACAD	2015-19	padrão alimentar	pam (=padrão alimentar mediterrânico)	149,57	31

Tabela 39 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2015-19

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
PRO	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	6319,08	347
PRO	2020-23	azeite	azeite	195,05	109
ACAD	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta mediterrânica	10643,47	91
TRAD	2020-23	empreita de palma	palma	79,99	59
PRO	2020-23	pão	pão	29,32	55
PRO	2020-23	vinho	vinho	17,68	51
TRAD	2020-23	azeite	azeite	84,85	47
TRAD	2020-23	empreita de palma	empreita	677,18	37
TRAD	2020-23	mercado	mercado	1,79	35
PRO	2020-23	salvaguarda	salvaguarda	164,14	34
PRO	2020-23	feira	feira	8,63	32
PRO	2020-23	património cultural	património cultural	295,41	28
PRO	2020-23	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	37,67	28
TRAD	2020-23	esparto	esparto	504,67	26
TRAD	2020-23	época	época (da...)	2,50	21
PRO	2020-23	erva aromática	erva aromática	247,38	19

Tabela 40 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2020-23

Retirando as formas repetidas, obtivemos a distribuição para os candidatos com maior frequência para cada período. As tabelas seguintes são apenas um excerto e correspondem aos candidatos com maior frequência. De recordar que os dois *subcorpora* correspondentes aos dois primeiros períodos são os subconjuntos mais pequenos do *corpus* DM-2023-PT, representando 7,44% e 6,85% do total de palavras do *corpus* (ver 4.2). A ordenação foi feita pela maior frequência:

	2005-2009		2010-2014		2015-2019		2020-2023	
1	azeite	109	pão	57	Dieta Mediterrânica	440	Dieta Mediterrânica	452
2	informação nutricional	50	dieta mediterrânica	51	pão	234	azeite	161
3	vinho	48	Dieta Mediterrânica	34	azeite	226	pão	70
4	pão	44	vinho	32	erva aromática	66	vinho	65
5	informação nutricional por prato	34	azeite	27	padrão alimentar	62	palma	59
6	Dieta Mediterrânica	23	DM (=dieta mediterrânica)	20	dieta mediterrânica	50	salvaguarda	49
7	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	21	estilo de vida (= modo de vida)	16	festa	48	estilo de vida (= modo de vida)	41
8	legume	20	património cultural	15	DM (=dieta mediterrânica)	46	empreita	37
9	padrão alimentar	16	padrão alimentar	11	modo de vida (=estilo de vida)	43	mercado	35
10	hortaliça	14	produto hortícola	10	trilogia	43	feira	32
11	capitação	13	legume	8	salvaguarda	41	património cultural	28
12	fritar (=frigir)	12	paisagem cultural	8	património cultural	37	esparto	26
13	barrocal	10	verdura	8	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	31	época (da...)	21
14	informação nutricional total	10	atividade física	7	produto hortícola	31	erva aromática	19
15	oliveira	10	festa	7	almeixar	27	dieta mediterrânica	18
16	balança (alimentar)	9	modelo alimentar (=padrão alimentar mediterrânico)	7	sequeiro	25	barrocal	18

Tabela 41 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para os quatro períodos

A Figura 31 reproduz os mesmos resultados da tabela 42, permitindo uma visão comparativa do conjunto terminológico das formas mais frequentes nos três *subcorpora*. Na representação diacrónica, e apenas por efeitos de legibilidade do gráfico, seleccionámos apenas as formas que ocorreram em pelo menos dois dos quatro períodos temporais:

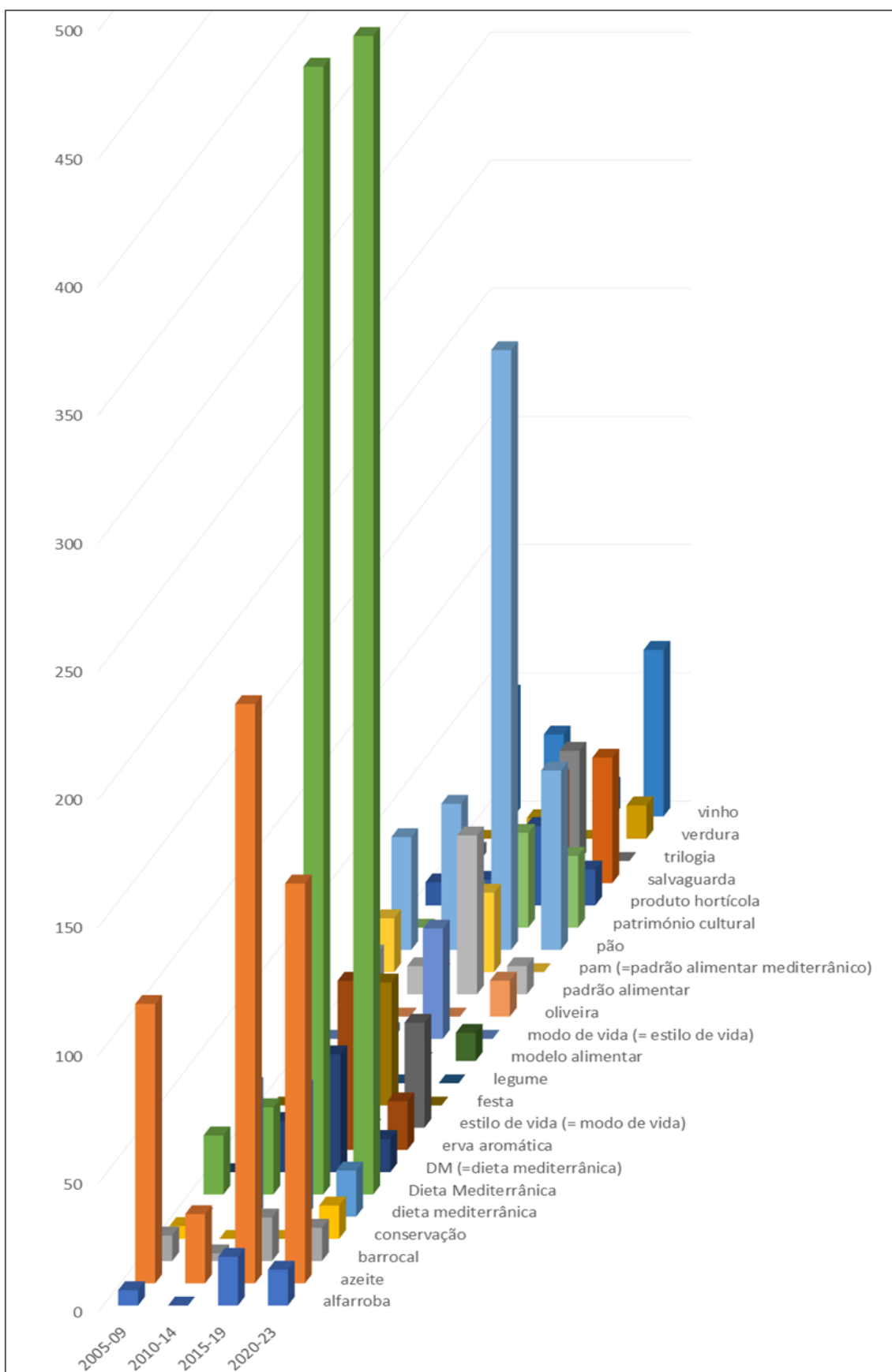


Figura 31- *Corpus DM-2023-PT*: critério diacrónico - conjunto terminológico das formas mais frequentes nos quatro *subcorpora*

Em relação aos candidatos com maior frequência, verificamos que ao longo dos quatro períodos algumas formas são recorrentemente as mais utilizadas: *azeite*, *vinho*, *pão*, *dieta mediterrânica* (variantes *Dieta Mediterrânica* e *DM*), *estilo de vida* (variante *modo de vida*), *padrão alimentar* (variante *modelo alimentar*), *património cultural*, *salvaguarda* (~da *DM*). Alguns conceitos (*DIETA MEDITERRÂNICA*, *PADRÃO ALIMENTAR MEDITERRÂNICO*, *ESTILO DE VIDA*) estão representados por diferentes formas denominativas e, por isso, considerámos estes casos como variantes denominativas.

Outras formas surgem apenas durante um determinado período, não sendo registadas ocorrências posteriores, ou, quando ocorrem, apresentam frequências bastante mais baixas. É o caso de *almeixar*, com uma única presença em 2015-19 e de *informação nutricional* e seus hipónimos *informação nutricional por prato* e *informação nutricional total* que apresentam uma frequência respetiva de F=50, F=34 e F=10 no período 2005-09, desaparecendo nos restantes períodos e surgindo unicamente *informação nutricional total*, com uma frequência de F=10 em 2020-23.

Alguns dos casos, que ao longo do período representado no *corpus* surgem recorrentemente, correspondem aos elementos descritores da Dieta Mediterrânica. O próprio termo que dá nome ao domínio é um desses exemplos, representado principalmente por três formas denominativas: *dieta mediterrânica*, *Dieta Mediterrânica* (variante denominativa gráfica), *DM* (acrónimo/sigla). Pela análise textual podemos ainda marcar o momento em que o termo entra no *corpus*, através de dois textos datados de 2008. Na secção seguinte analisaremos mais em detalhe estas e outras variantes para *DIETA MEDITERRÂNICA*.

Outros exemplos recorrentes ao longo dos quatro períodos foram: *salvaguarda* (frequência F=4 em 2010-2014), *padrão alimentar* e variantes (*padrão alimentar*, *modelo alimentar*, *PAM* [*padrão alimentar mediterrânico*]), *património cultural*, *trilogia* [*da dieta mediterrânica*], *modo de vida* (variante *estilo de vida*). Estas formas denominativas estão

presentes de modo bastante regular os diferentes períodos temporais, tornando-os relativamente homogêneos entre si. Apesar disso, o primeiro período (2005-09) é o que está mais marcado por materiais da área da nutrição e dietética (*informação nutricional, balança alimentar, padrão alimentar, capitação*). Estas formas são selecionadas pelos contextos comunicativos ACAD e PRO. Em TRAD, como analisaremos na secção seguinte, os descritores da Dieta Mediterrânea, excluindo *salvaguarda* e *património cultural* não são utilizados. Não deixa, no entanto, de ser relevante o facto de, no período 2015-2019 e no último período, entrarem para o grupo dos mais frequentes alguns dos candidatos a termo provenientes do *subcorpus* TRAD, representando um maior peso na terminologia do domínio nestes períodos. Alguns dos exemplos encontrados, e precisamente dentro dos mais frequentes, foram os casos de *palma, empreita, esparto*, e a locução adjetival *da época* no período 2020-2023. De notar que grande parte das recolhas efetuadas no contexto comunicativo TRAD têm origem neste período, com a participação em oficinas de artes tradicionais e da entrada para o *corpus* de um documento bastante extenso correspondente a recolhas orais efetuadas pelo Projeto Loulé Criativo.

Ao longo do período estudado, os candidatos a termo *azeite, pão* e *vinho* foram recorrentes no *corpus*, mas com formas denominativas estáveis. A frequência com que ocorrem não é comum a todos os contextos comunicativos, sendo que, em alguns acasos é resultado de apenas um único contexto discursivo. Como vimos anteriormente, os seus valores semânticos e traços conceptuais podem estar condicionados pelo tipo de utilizadores podendo a sua ocorrência e uso em diferentes contextos comunicativos significar uma ativação distinta de traços conceptuais. As figuras seguintes (Figura 32; Figura 33; Figura 34) representam a variação temporal dos três elementos da *trilogia mediterrânica* (*azeite, pão* e *vinho*) distribuídos pelos respetivos contextos comunicativos. Novamente, nestes casos, o último período

destaca o contexto comunicativo TRAD e mostra uma maior influência desta comunidade discursiva na terminologia.

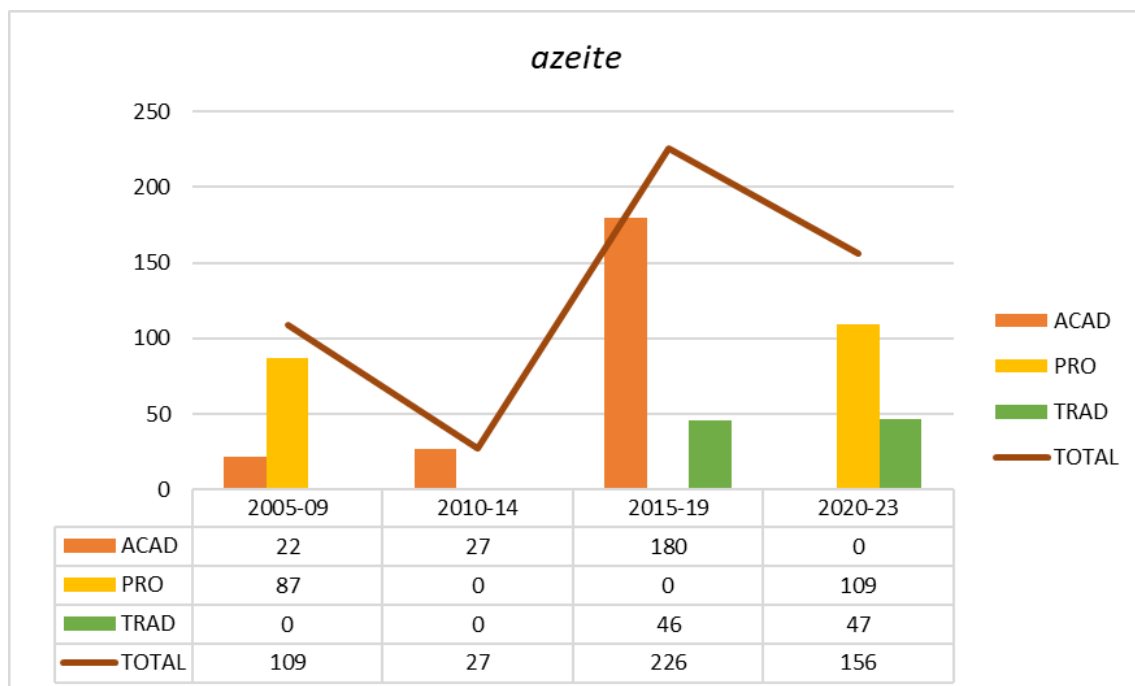


Figura 32 - *Corpus* DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (*azeite*) distribuídos pelos contextos comunicativos

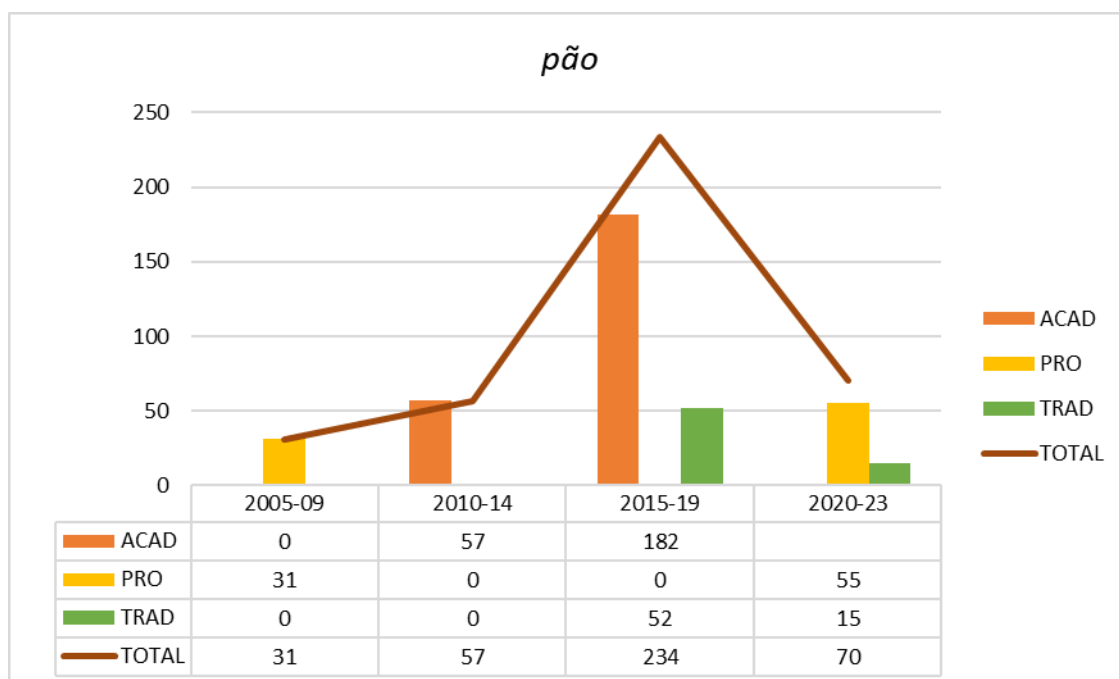


Figura 33 - *Corpus* DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (*pão*) distribuídos pelos contextos comunicativos

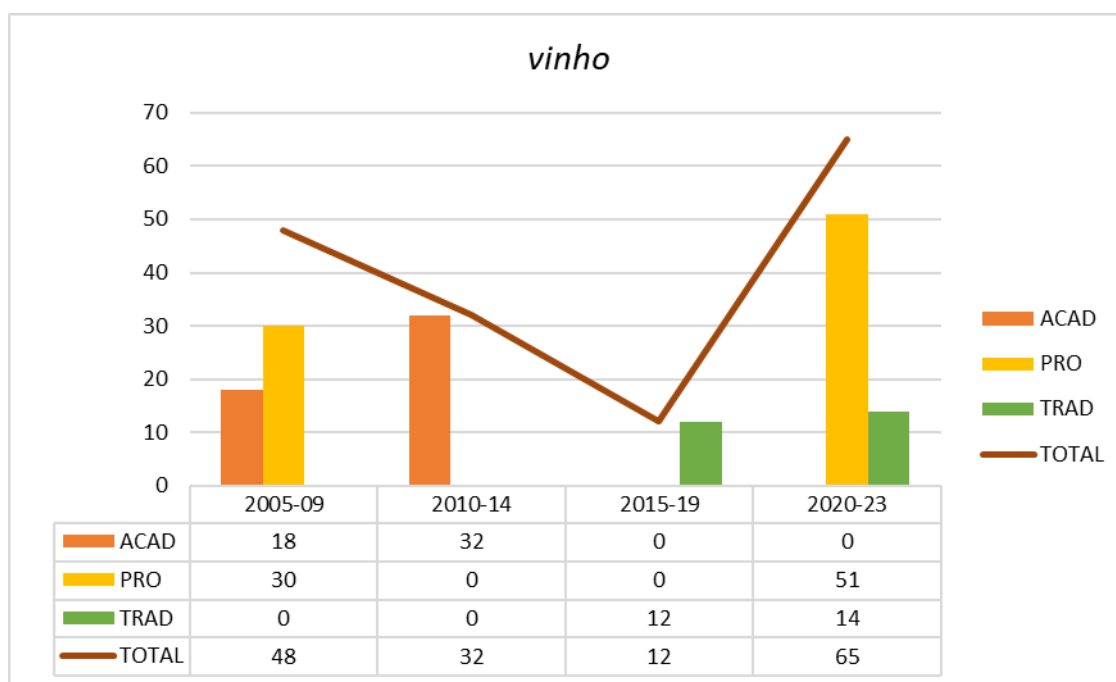


Figura 34 - *Corpus* DM-2023-PT - Variação diacrónica dos elementos da trilogia mediterrânica (*vinho*) distribuídos pelos contextos comunicativos

Estes resultados demonstram que é importante cobrir a totalidade do “ecossistema” discursivo do domínio e não apenas uma única comunidade discursiva. No caso de *azeite*, *pão* e *vinho*, por exemplo, o levantamento terminológico diacrónico não ficaria completo se não tivessem sido incluídos contextos comunicativos fora da esfera académica.

4.6.2. Aquacultura

As tabelas seguintes representam um excerto do conjunto de formas candidatas a termo obtidas e seriadas em função do período de tempo compreendido entre 2010 e 2023. As tabelas completas para os candidatos a termos obtidos encontram-se no Anexo 1. No caso da Aquacultura, foi possível obter materiais textuais em todos os períodos e contextos comunicativos.

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
ACAD	2010-14	dieta	dieta	48,99	203
ACAD	2010-14	larva	larva	554,25	190
LEG	2010-14	aquacultura	aquicultura	1732,43	185
LEG	2010-14	água	água	13,93	164
ACAD	2010-14	peixe	peixe	41,58	156
ACAD	2010-14	copépode	copépode	2184,51	147
ACAD	2010-14	DAE	DAE	786,40	137
ACAD	2010-14	aquacultura	aquacultura	1097,32	88
LEG	2010-14	recurso	recurso hídrico	409,30	84
ACAD	2010-14	água	água	3,91	83
ACAD	2010-14	ovócito	ovócito	1008,92	82
LEG	2010-14	produção	produção aquícola	1972,55	72
ACAD	2010-14	malformação	malformação	440,77	70
ACAD	2010-14	dourada	dourada	662,63	67
LEG	2010-14	decreto-lei	decreto-lei	121,88	66
ACAD	2010-14	lípidio	lípidio	802,90	66

Tabela 42 - *Corpus* Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2010-14

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
PRO	2015-19	ostra	ostra	1976,91	324
PRO	2015-19	água	água	12,72	232
ACAD	2015-19	água	água	14,87	202
PRO	2015-19	bivalve	bivalve	2748,20	199
ACAD	2015-19	ostra	ostra	1539,99	188
LEG	2015-19	viveiro	viveiro	5983,92	139
ACAD	2015-19	aquacultura	aquacultura	2630,71	135
PRO	2015-19	semente	semente	44,00	94
LEG	2015-19	ostra	ostra	5175,78	88
PRO	2015-19	aquacultura	aquacultura	1205,24	83
PRO	2015-19	produtor	produtor	13,13	65
ACAD	2015-19	efluente	efluente	319,57	64
ACAD	2015-19	salinidade	salinidade	664,80	59
ACAD	2015-19	bactéria	bactéria	58,76	53
ACAD	2015-19	nutriente	nutriente	53,21	51
PRO	2015-19	larva	larva	159,80	47

Tabela 43 - *Corpus* Aqua-2023-PT: formas mais frequentes para o período 2015-19

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
LEG	2020-23	aquacultura	aquicultura	4906,56	289
ACAD	2020-23	aquacultura	aquacultura	4792,96	142
LEG	2020-23	água	água	12,32	80
ACAD	2020-23	nitrato	nitrato	850,42	61
ACAD	2020-23	mar aberto	offshore (=mar aberto)	713,37	55
ACAD	2020-23	água	água	6,89	54
LEG	2020-23	produtor	produtor	22,70	40
LEG	2020-23	decreto-lei	decreto-lei	130,58	39
ACAD	2020-23	bivalve	bivalve	1092,42	34
LEG	2020-23	peixe	peixe	26,17	30
LEG	2020-23	alteração	alteração climática	466,51	29
PRO	2020-23	larva	larva	645,84	28
PRO	2020-23	aquacultura	aquacultura	2661,13	27
ACAD	2020-23	amónia	amónia	1012,19	27
ACAD	2020-23	peixe	peixe	19,50	27
PRO	2020-23	peixe	peixe	54,79	26
LEG	2020-23	bem-estar animal	bem-estar	45,00	26

Tabela 44 - *Corpus Aqua-2023-PT*: formas mais frequentes para o período 2020-23

Retirámos as formas repetidas para obter os candidatos com maior frequência para cada período. Os *subcorpora* diacrónicos estão mais equilibrados do que em Dieta Mediterrânica, sendo que, neste caso, o último período, 2020 a 2023, corresponde ao grupo mais pequeno. A ordenação da tabela foi feita pela maior frequência:

	2010-14		2015-19		2020-23	
1	água	247	ostra	600	aquicultura	289
2	dieta	203	água	434	aquacultura	169
3	larva	190	aquacultura	218	água	134
4	aquicultura	185	bivalve	199	peixe	83
5	peixe	156	viveiro	139	nitrato	61
6	copépode	147	semente	94	offshore (=mar aberto)	55
7	DAE	137	produtor	65	produtor	40
8	aquacultura	88	efluente	64	decreto-lei	39
9	recurso hídrico	84	salinidade	59	bivalve	34
10	ovócito	82	bactéria	53	alteração climática	29
11	produção aquícola	72	nutriente	51	larva	28
12	malformação	70	larva	47	amónia	27
13	dourada	67	azoto	39	bem-estar	26
14	decreto-lei	66	microalga	36	oxigénio	26
15	fêmea	66	mesa	34	ph	26

Tabela 45 - *Corpus Aqua-2023-PT*: formas mais frequentes para os três períodos

3D bar chart showing the frequency of 100 terms related to aquaculture and environmental management across three time periods: 2010-14, 2015-19, and 2020-23. The Y-axis represents frequency from 0 to 600. The X-axis lists terms in Portuguese. The chart shows a significant increase in the frequency of 'mesa malformação' (malformation table) in the 2020-23 period, reaching over 600. Other terms like 'viveiro' (hatchery) and 'temperatura ótima' (optimal temperature) also show high frequencies in the 2020-23 period.

Term	2010-14	2015-19	2020-23
2010-14	250	440	220
2015-19	220	240	150
2020-23	190	320	220
água	100	150	100
alteração climática	50	100	50
amônia	20	50	20
aquacultura	10	20	10
atividade aquícola	5	10	5
azoto	5	10	5
bactéria	5	10	5
bem-estar	5	10	5
bivalve	5	10	5
copépode	5	10	5
DAE	5	10	5
decreto-lei	5	10	5
dourada	5	10	5
efluente	5	10	5
fêmea	5	10	5
juvenil	5	10	5
larva	5	10	5
lipídeo	5	10	5
mesa malformação	5	10	600
microalga	5	10	5
nitrito	5	10	5
nutriente	5	10	5
offshore (=mar aberto)	5	10	5
ostra	5	10	5
ovócito	5	10	5
oxigênio	5	10	5
peixe	5	10	5
pH	5	10	5
peso seco	5	10	5
produtores	5	10	5
protocolo alimentar	5	10	5
recurso hídrico	5	10	5
salinidade	5	10	5
semente	5	10	5
taxa de crescimento	5	10	5
temperatura ótima	5	10	5
viveiro	5	10	5

Em relação aos candidatos mais frequentes, verificamos que, e em comparação com a DM, apenas *água*, *aquacultura* (e a variante *aquicultura*) e *larva* ocorrem como termos mais frequentes nos três períodos. De salientar que a variante *aquicultura* surge principalmente associada ao *subcorpus* LEG, assim como as variantes derivadas.

No primeiro período predominam candidatos a termo dos *subcorpora* ACAD e LEG. O *subcorpus* ACAD, além de candidatos mais genéricos (*água*, *aquacultura*, *dourada*, *peixe*), contribui principalmente com candidatos do âmbito da biologia da reprodução e do desenvolvimento (*DAE* [*dias após a eclosão*], *fêmea*, *juvenil*, *larva*, *malformação*, *ovócito*) e nutrição em aquacultura (*dieta*, *copépode*, *lípidio*, *protocolo alimentar*, *peso seco*). Por outro lado, surgem candidatos a termo de esferas de atividade relacionadas com a administração e ordenamento do território (*decreto-lei*, *produção aquícola*, *recurso hídrico*) utilizadas apenas no *subcorpus* LEG.

No segundo período, além dos termos mais recorrentes (*água*, *aquacultura* e a variante *aquicultura*), os termos provenientes da esfera de atividade da moluscicultura chegam principalmente através do *subcorpus* PRO (*bivalve*, *semente*, *ostra*, *produtor* e *larva*) e LEG (*ostra*, *mesa*, *viveiro*). De salientar também termos relacionados com fatores ambientais (*efluente*, *salinidade*, *nutriente*, *azoto*) e microbiológicos (*bactéria*) representados no *subcorpus* ACAD.

No último período, verifica-se a continuação da concorrência entre as duas variantes (e formas derivadas) *aquacultura* (ACAD e PRO) e *aquicultura* (LEG). Também neste período, verificamos uma forte representatividade de candidatos a termo relacionados com fatores ambientais, nomeadamente, fatores biofísicos (*nitrato*, *amónia*, *oxigénio*, *pH*) principalmente através do *subcorpus* ACAD e com áreas do foro da administração e ordenamento do território (*produtor*, *decreto-lei*, *alteração climática*). Os aspetos operacionais e práticos de uma

exploração aquícola estão representados pelo subcorpus PRO através de candidatos como: *larva*, *peixe*, *dourada*, *rotífero*, *artémia* (alimentos vivos).

Porém, gostaríamos de referir dois candidatos a termo que surgem na tabela das maiores frequências: *bem-estar* e *offshore* (variante de *mar aberto*). O primeiro caso não corresponde a um neologismo, mas sim a um aumento do uso que se verifica ao longo dos três períodos, ocorrendo apenas nos subcorpora LEG e PRO. O candidato surge isolado ou em coocorrência com sintagma preposicional (*bem-estar dos peixes*, *bem-estar dos animais*) e com adjetivo (*bem-estar animal*). Regista apenas uma frequência de F=3 ocorrências no primeiro período (2010-14). Quanto ao estrangeirismo *offshore*, trata-se de uma forma adjetival que, conforme discutiremos em seguida, aparece em concorrência com o equivalente português *mar aberto*, que neste último período regista uma frequência muito inferior (F=7).

4.7. Resultados da análise diastrática

4.7.1. Dieta Mediterrânica

As tabelas seguintes representam o conjunto de formas candidatas a termo obtidas em cada contexto comunicativo, seriadas em função da frequência, uma vez que após as triagens realizadas em grande parte tendo em consideração a medida score, interessa-nos agora ter uma noção da terminologia usada e do seu peso no contexto comunicativo respetivo. Os dados foram agrupados por cada contexto comunicativo permitindo obter uma perspetiva do conjunto das formas denominativas mais utilizadas por cada comunidade discursiva, no caso da Dieta Mediterrânica: ACAD, PRO e TRAD.

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	19104,10	440
ACAD	2015-19	pão	pão	38,99	182
ACAD	2015-19	azeite	azeite	137,66	180
ACAD	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	10643,47	91
ACAD	2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar	850,52	62
ACAD	2010-14	pão	pão	67,86	57
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	2029,47	51
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	1905,12	50
ACAD	2015-19	erva aromática	erva aromática	605,34	48
ACAD	2015-19	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	103,00	46
ACAD	2015-19	trilogia	trilogia	52,74	43
ACAD	2015-19	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	63,8	43
ACAD	2015-19	salvaguarda	salvaguarda	99,62	41
ACAD	2015-19	património cultural	património cultural	296,00	37
ACAD	2010-14	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	1384,42	34
ACAD	2010-14	vinho	vinho	24,78	32

Tabela 46 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo ACAD

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
PRO	2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	6319,08	347
PRO	2020-23	azeite	azeite	195,05	109
PRO	2005-09	azeite	azeite	388,35	87
PRO	2020-23	pão	pão	29,32	55
PRO	2020-23	vinho	vinho	17,68	51
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional	1631,17	50
PRO	2005-09	informação nutricional	informação nutricional por prato	1665,06	34
PRO	2020-23	salvaguarda	salvaguarda	164,14	34
PRO	2020-23	feira	feira	8,63	32
PRO	2005-09	pão	pão	41,22	31
PRO	2005-09	vinho	vinho	25,94	30
PRO	2020-23	património cultural	património cultural	295,41	28
PRO	2020-23	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	37,67	28
PRO	2005-09	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	1045,84	23
PRO	2005-09	legume	legume	78,55	20
PRO	2020-23	erva aromática	erva aromática	247,38	19

Tabela 47 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo PRO

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
TRAD	2020-23	palma	palma	79,99	59
TRAD	2015-19	pão	pão	95,57	52
TRAD	2015-19	festa	festa	21,85	48
TRAD	2020-23	azeite	azeite	84,85	47
TRAD	2015-19	azeite	azeite	301,76	46
TRAD	2020-23	empreita de palma	empreita	677,18	37
TRAD	2020-23	mercado	mercado	1,79	35
TRAD	2020-23	esparto	esparto	504,67	26
TRAD	2020-23	época	época (da...)	2,50	21
TRAD	2020-23	salvaguarda	salvaguarda	73,15	15
TRAD	2020-23	pão	pão	8,08	15
TRAD	2020-23	vinho	vinho	4,91	14
TRAD	2015-19	vinho	vinho	14,22	12
TRAD	2015-19	maio	maio	5,32	11
TRAD	2015-19	pão	pão caseiro	1643,34	10
TRAD	2015-19	matança	matança	337,30	10

Tabela 48 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo TRAD

Eliminando as formas repetidas, obtemos a seguinte distribuição para os primeiros quinze candidatos, por contexto comunicativo, ordenados por frequência:

	ACAD		PRO		TRAD	
1	Dieta Mediterrânea	565	Dieta Mediterrânea	384	azeite	93
2	pão	239	azeite	196	pão	67
3	azeite	229	pão	86	palma	59
4	dieta mediterrânea	101	vinho	81	festa	55
5	padrão alimentar	78	informação nutricional	50	empreita	37
6	DM (=dieta mediterrânea)	66	erva aromática	37	mercado	35
7	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	52	informação nutricional por prato	34	época (da...)	28
8	vinho	50	salvaguarda	34	esparto	26
9	erva aromática	48	feira	32	vinho	26
10	modo de vida (= estilo de vida)	43	estilo de vida (= modo de vida)	28	maio	22
11	trilogia	43	património cultural	28	pão caseiro	20
12	salvaguarda	41	legume	20	salvaguarda	15
13	património cultural	37	dieta mediterrânea	18	alfarroba	14
14	produto hortícola	31	produto local	15	matança	10
15	almeixar	27	alfarroba	14	património cultural	10

Tabela 49 - *Corpus* DM-2023-PT: formas mais frequentes para três contextos comunicativos

A Figura 36 representa em forma gráfica os resultados da Tabela 49, para efeitos de visualização comparativa do conjunto terminológico das formas mais frequentes nos três *subcorpora*.



Figura 36 - *Corpus* DM-2023-PT: distribuição das formas denominativas mais frequentes nos três contextos comunicativos

Alguns dos termos descritores da DM, como *dieta mediterrânica* (*dieta mediterrânica*, *Dieta Mediterrânica* e a sigla *DM*) *salvaguarda*, *padrão alimentar*, *património cultural*, *trilogia* (*da dieta mediterrânica*), *modo de vida* (variante *estilo de vida* em PRO) ocorreram nos subcorpora ACAD e PRO, mas não em TRAD, à exceção de *património cultural* e

salvaguarda. De salientar a ocorrência de algumas formas como *azeite*, *pão*, *vinho*, *património cultural* e *salvaguarda* em todos os contextos comunicativos. Porém, como referimos anteriormente, *azeite*, *pão* e *vinho* apresentam uma importante diferença a nível da ativação de traços conceptuais.

Constatamos, a nível das maiores frequências, mas também em frequências menores, que existe uma diferença no conjunto de termos associado a cada um dos contextos. Em ACAD predominam conceitos descritores da DM e formas referentes à investigação realizada sobre a DM, com incidência em áreas como nutrição e dietética, agricultura, geografia, património e paisagem cultural. Outros exemplos, embora com menores frequências surgem em todo o subcorpus: *património imaterial*, *alfarroba*, *barrocal*, *olival*, *padrão alimentar*, *frugalidade*, *alfarrobeira*, *capitação*, *dieta mediterrânea*, *estilo de vida* (= *modo de vida*), *bem-estar*, *padrão alimentar mediterrânico*, *património material*, *planta aromática*, *pomar de sequeiro*.

Neste conjunto, um caso particular chama a atenção: *almeixar* (variante *almanxar*), uma estrutura junto à casa onde tradicionalmente se procede à secagem dos frutos (figos e outros) ao sol, sobre esteiras de cana. A definição é dada pelo próprio *corpus*, como apresentado no excerto seguinte:

Almeixar [ou ***almanxar***] – Do árabe al-manxar, estendedouro. Local onde se secam os figos ou outros frutos.

Corpus DM-2023-PT: Pontes, 2020

É um caso com uma frequência elevada (F=27) e que apesar de surgir numa tese⁴² sobre a influência da alimentação mediterrânica na arquitetura vernácula algarvia, foi recolhido de forma oral junto de

⁴² Ver 8 - Referências do *Corpus* DM-2023-PT: Pontes, 2020.

populações do interior algarvio, como se pode ver no excerto seguinte obtido do Sketch Engine:

Os entrevistados 1 e 2 referem o *almeixar* como um espaço sem localização específica, geralmente feito junto às figueiras, destacando o uso de palha e canas: Arranjavam palha de centeio e com pastos e deitávamos (os figos) em cima. (entrevistado 1) Os entrevistados 3 e 4 mencionam o almeixar como um espaço junto à habitação, num sítio solarengo, bem como o recurso a outros materiais: Fazíamos umas esteiras, com canas que apanhávamos lá na ribeira.

Corpus DM-2023-PT: Pontes, 2020

Trata-se assim de um termo, definido no próprio texto, transferido das comunidades discursivas que constituiriam o contexto comunicativo TRAD, mas que é registado e comunicado pelos investigadores da esfera académica. O termo circula não da esfera académica para os contextos vernaculares, mas faz precisamente o percurso inverso. Esta transferência surge em mais situações ao longo do *corpus* DM-2023-PT com outros casos (*britar, alimar, alimado, xaréim*), como podemos ver num outro excerto:

Utilizavam as azeitonas para produzir azeite, a ponto de se exportar por sobejar do consumo, e para consumir os seus frutos (em salmoura, *britada* ou de sal) acompanhados de pão.

Corpus DM-2023-PT: Freitas, 2015

Já em PRO, sendo um grupo onde se encontram, além de empresas, outros intervenientes ligados a projetos de desenvolvimento local (como associações não governamentais), além dos conceitos descritivos, encontramos formas mais informativas e relacionadas com aspetos práticos da nutrição (*informação nutricional* e *informação nutricional por prato*), da culinária (*erva aromática, legume, produto local*) e da conservação de alimentos (*britar*). Outros exemplos podem ser encontrados nas frequências abaixo estando representadas as áreas da agricultura e produtos agrícolas (*oliveira, verdura, produto hortícola*),

geografia (*barrocal*), descritores da DM (*DM [=dieta mediterrânea], sustentabilidade, modelo alimentar, padrão alimentar, convivialidade*), do património cultural (*património cultural imaterial [=PCI]*).

Por último, no subcorpus TRAD, repete-se a ocorrência do *azeite*, *pão* e *vinho*, sendo que os traços conceptuais ativados remetem para um uso distinto dos termos, nomeadamente na ativação das funções como ingredientes e elementos centrais na alimentação e na culinária local. Neste grupo, surgem destacados termos relacionados com os usos culinários (*azeite, pão, vinho, pão caseiro, alfarroba*), com processos tradicionais de fabrico de artesanato (*empreita, palma*), alusão direta a celebrações e acontecimentos sociais (*festa, maio, matança*) e comércio local (*mercado*). O conceito de *sazonalidade* e da ligação ao ecossistema natural é aqui expresso não apenas pelas denominações das celebrações (Maio, Festa da Espiga), como pelo uso constante do grupo nominal com função de locução preposicional *da época* (*fruta da época, legumes da época*).

4.7.2. Aquacultura

As tabelas seguintes representam o conjunto de formas candidatas a termo obtidas em cada contexto comunicativo (ACAD, LEG e PRO), seriadas também em função da frequência e estando, à semelhança da DM, os dados foram agrupados por cada contexto comunicativo. Os dados foram também agrupados por contexto comunicativo, obtendo-se novamente uma perspetiva das formas mais frequentes em cada comunidade discursiva (ACAD, LEG e PRO).

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
ACAD	2010-14	dieta	dieta	48,99	203
ACAD	2015-19	água	água	14,87	202
ACAD	2010-14	larva	larva	554,25	190
ACAD	2015-19	ostra	ostra	1539,99	188
ACAD	2010-14	peixe	peixe	41,58	156
ACAD	2010-14	copépode	copépode	2184,51	147
ACAD	2020-23	aquacultura	aquacultura	4792,96	142
ACAD	2010-14	DAE	DAE	786,40	137
ACAD	2015-19	aquacultura	aquacultura	2630,71	135
ACAD	2010-14	aquacultura	aquacultura	1097,32	88
ACAD	2010-14	água	água	3,91	83
ACAD	2010-14	ovócito	ovócito	1008,92	82
ACAD	2010-14	malformação	malformação	440,77	70
ACAD	2010-14	dourada	dourada	662,63	67
ACAD	2010-14	lípidio	lípidio	802,90	66
ACAD	2010-14	fêmea	fêmea	83,86	66

Tabela 50 - *Corpus* Aqua-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo ACAD

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
LEG	2020-23	aquacultura	aquicultura	4906,56	289
LEG	2010-14	aquacultura	aquicultura	1732,43	185
LEG	2010-14	água	água	13,93	164
LEG	2015-19	viveiro	viveiro	5983,92	139
LEG	2015-19	ostra	ostra	5175,78	88
LEG	2010-14	recurso	recurso hídrico	409,30	84
LEG	2020-23	água	água	12,32	80
LEG	2010-14	produção	produção aquícola	1972,55	72
LEG	2010-14	decreto-lei	decreto-lei	121,88	66
LEG	2010-14	pesca	pesca	50,69	43
LEG	2020-23	produtor	produtor	22,70	40
LEG	2020-23	decreto-lei	decreto-lei	130,58	39
LEG	2010-14	mar aberto	mar aberto (=offshore)	662,66	36
LEG	2010-14	bivalve	bivalve	728,11	34
LEG	2010-14	peixe	peixe	16,36	34
LEG	2015-19	mesa	mesa	55,64	34
LEG	2010-14	salobro	salobro	581,52	30

Tabela 51 - *Corpus* Aqua-2023-PT: formas mais frequentes no contexto comunicativo LEG

CC	período	candidato de reagrupamento	Forma denominativa	Score	Freq. Abso.
PRO	2015-19	ostra	ostra	1976,91	324
PRO	2015-19	água	água	12,72	232
PRO	2015-19	bivalve	bivalve	2748,20	199
PRO	2015-19	semente	semente	44,00	94
PRO	2015-19	aquacultura	aquacultura	1205,24	83
PRO	2015-19	produtor	produtor	13,13	65
PRO	2015-19	larva	larva	159,80	47
PRO	2015-19	ostra	ostra-do-pacífico	586,94	32
PRO	2015-19	molusco bivalve	molusco bivalve	540,13	32
PRO	2015-19	mortalidade	mortalidade	34,67	32
PRO	2015-19	manuseamento	manuseamento	333,63	31
PRO	2015-19	depuração	depuração	250,67	31
PRO	2015-19	juvenil	juvenil	45,93	31
PRO	2015-19	microalga	microalga	388,13	30
PRO	2015-19	oxigênio	oxigênio	203,81	30
PRO	2015-19	coletor	coletor	71,53	30
PRO	2015-19	maternidade	maternidade	35,56	30

Tabela 52 - *Corpus Aqua-2023-PT*: formas mais frequentes no contexto comunicativo PRO

Retirando, uma vez mais, as formas repetidas, obtemos a seguinte distribuição para os primeiros quinze candidatos por frequência:

	ACAD		LEG		PRO	
1	aquacultura	365	aquicultura	474	ostra	324
2	água	285	água	244	água	232
3	dieta	203	viveiro	139	bivalve	199
4	larva	190	decreto-lei	105	semente	94
5	ostra	188	ostra	88	aquacultura	83
6	peixe	156	recurso hídrico	84	larva	75
7	copépode	147	produção aquícola	72	produtor	65
8	DAE	137	peixe	64	mar aberto	36
9	ovócito	82	pesca	43	mesa	34
10	malformação	70	produtor	40	molusco bivalve	32
11	dourada	67	mar aberto	36	mortalidade	32
12	fêmea	66	bivalve	34	ostra-do-pacífico	32
13	lípidio	66	mesa	34	dieta	31
14	efluente	64	elição	30	juvenil	31
15	juvenil	61	salobro	30	manuseamento	31

Tabela 53 - *Corpus DM-2023-PT*: formas mais frequentes para os três contextos comunicativos

A Figura 37 representa em forma gráfica os resultados da Tabela 53, para efeitos de visualização comparativa do conjunto terminológico das formas mais frequentes nos três *subcorpora*.

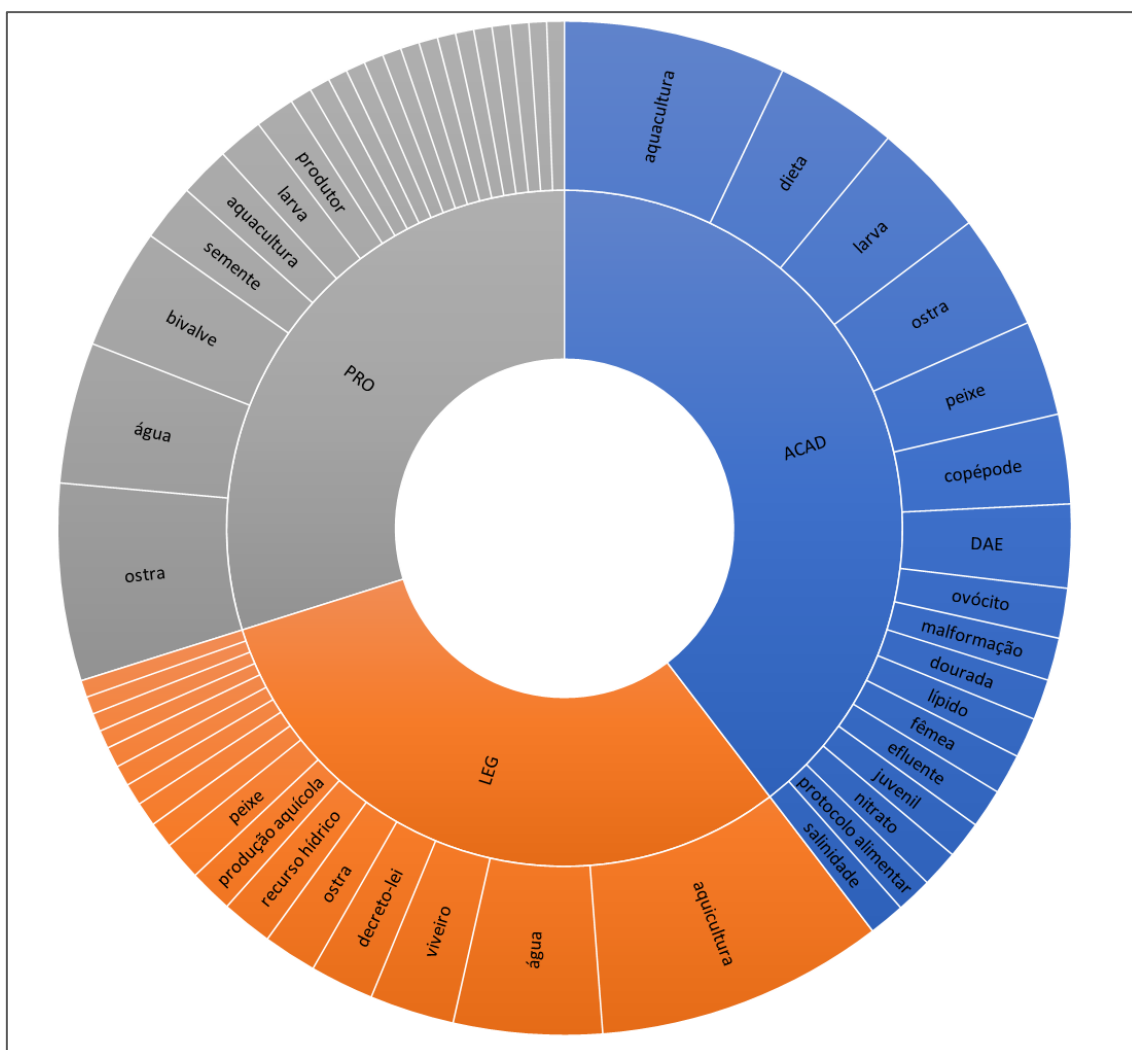


Figura 37 - Corpus DM-2023-PT: distribuição das formas denominativas mais frequentes nos três contextos comunicativos

De forma semelhante à Dieta Mediterrânica, em Aquacultura, obtemos a ocorrência em todos os subcorpora de algumas formas comuns aos três contextos comunicativos, como sejam *água* e *ostra*. Alguns conceitos surgem como variantes denominativas com elevada frequência, nomeadamente *aquacultura* em ACAD e PRO e a variante *aquicultura* em LEG. Como iremos discutir seguidamente, existe uma tendência bem marcada da comunidade discursiva representada no

subcorpus LEG no uso do prefixo *aqui~* (e não *aqua~*) na formação de outras unidades lexicais derivadas, o que afeta todo o contexto comunicativo (*aquicultura, aquicultor, aquicultura multitrófica integrada*), resultando em alguns dos casos de variação denominativa diastrática que discutiremos no ponto seguinte.

Também em Aquacultura se pode constatar diferenças no conjunto de termos associado a cada contexto comunicativo. Como esperado, em ACAD, além de candidatos a termo comuns a todos os contextos comunicativos (*aquacultura, água, ostra, peixe*) predominam termos associados à investigação na área da aquacultura, nomeadamente biologia da reprodução e do desenvolvimento, (*DAE [=dias após a eclosão], fêmea, larva, ovócito*), da nutrição e alimentação em aquacultura (*copépode, dieta, lípido*) e da patologia (*malformação*). Outros exemplos podem ser encontrados nas frequências mais baixas: *ciclo gametogénico, ciclo reprodutivo, eclosão, fecundação (=fertilização), gónoda, dieta inerte, alimento vivo, contaminação microbiológica, biotoxinas*.

O contexto PRO, em Aquacultura, é um grupo predominante constituído por empresas que operam neste setor, algumas delas muito jovens, não apenas em tempo de operação, mas com um tecido empresarial também muito jovem e que mantém um diálogo regular com a Universidade do Algarve e o IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) a nível de partilha de conhecimento. Surgem assim muitas formas comuns ao subcorpus ACAD (*dieta, mortalidade, juvenil*), mas também candidatos a termo de uso operacional em ambiente de trabalho real (*mesa, semente, produtor, mar aberto, manuseamento*).

O último grupo em Aquacultura, LEG, inclui material recolhido a nível das instituições governamentais e organismos reguladores. Assim, o conjunto terminológico caracteriza-se pela abundância de formas jurídicas e administrativas (*decreto-lei, recurso hídrico, produção aquícola, regulamento, licenciamento*), que não têm função analítica como em ACAD, nem operacional (PRO), mas sim reguladora. Encontramos, novamente, formas comuns aos dois outros contextos

comunicativos (por ex., *água, ostra*), mas, aqui também há que ter em linha de conta a ativação conceptual distinta que a análise léxico-semântico revela. Neste grupo destacam-se as variantes denominativas em relação aos dois outros grupos não apenas nas formas simples, como nas múltiplas: *aquicultura* (vs. *aquacultura*), *avaliação de impacte* (vs. *impacto*) *ambiental*. No ponto 4.9 analisaremos estes e outros exemplos.

4.8. Variação denominativa – Análise diacrónica

Em 4.6 e 4.7 apresentámos alguns exemplos dos resultados obtidos que demonstram a presença nos domínios de diferenças a nível terminológico quer no conjunto das terminologias utilizadas a nível do contexto comunicativo e do período temporal, quer a nível de diferenças relacionadas com o uso dos termos quer a nível da sua ativação conceptual. Vimos que os dois domínios apresentam diferenças a nível do conjunto dos candidatos a termo mais frequentes e das áreas de atividade que os utilizam. Anotámos igualmente a presença de variantes denominativas que ao longo do tempo foram revelando comportamentos distintos. A análise diacrónica dessas variantes pode, quer no caso da DM quer da Aquacultura ajudar a detetar tendências de uso, o que também reflete ao dinamismo do domínio e do discurso de especialidade como reflexo do conhecimento do domínio. Obtivemos vários exemplos ilustrativos nos dois domínios que analisaremos de seguida. As tabelas de variantes diacrónicas encontram-se no Anexo 2.

Nos resultados obtidos pudemos, através destes indicadores, nomeadamente através da análise de frequências, da coexistência de formas concorrentes e das dependências sintáticas, encontrar variantes denominativas que podemos analisar do ponto de vista diacrónico e enquadrar na tipologia proposta por Picton (2014). Se por um lado, alguns casos que mostramos a seguir ilustram formas que apresentaram alterações a nível dos indicadores citados e ao longo dos períodos

estudados, por outro, muitos candidatos a termo apresentam variantes concorrentes dentro do mesmo período. Encontrámos assim vários casos que podem indicar a presença de neologismos/necrologismos, implantação de formas denominativas e de mudanças no foco do domínio.

4.8.1. Dieta Mediterrânica

Na Dieta Mediterrânica, alguns dos casos analisados a nível de variação diacrónica são os termos descritores da UNESCO. Tal justifica-se devido à frequência relativamente elevada com que aparecem no *corpus*, refletindo por um lado a grande frequência de uso ao longo do tempo em pelo menos dois grupos de contextos comunicativos (ACAD e PRO) e potenciando o surgimento de outras formas denominativas derivadas. Como veremos na análise diastrática, o contexto comunicativo é muitas vezes determinante, pelo menos no caso deste domínio.

Um dos resultados da análise diacrónica foi precisamente a coexistência de muitas formas denominativas múltiplas no mesmo período, como seja o caso de *DIETA MEDITERRÂNICA*, ou *PADRÃO ALIMENTAR*. No primeiro caso, destacamos duas variantes gráficas (*Dieta Mediterrânica* e *dieta mediterrânica*). Verificámos a sua utilização no texto para excluir o seu uso em títulos e rodapés. De facto, as variantes são utilizadas em contextos idênticos e, mesmo aceitando que são neutras do ponto de vista terminológico (Daille, 2017), optámos por manter este e outros casos idênticos como variantes gráficas (ex.: *Património Cultural Imaterial*). Podemos observar que a variante mais frequente, *Dieta Mediterrânica*, concorre com *dieta mediterrânica* em todos os períodos. A sigla *DM* surge apenas em 2010-14.

A utilização destas três variantes é simultânea (principalmente depois de 2010 para a sigla *DM*) e transversal aos três períodos estudados, ao contrário das outras variantes registadas no *corpus* que ocorrem de forma pontual, para desaparecer no período seguinte (Figura

38). Na tipologia proposta por Picton (2017), a ocorrência simultânea de variantes e o padrão da frequência podem indiciar a presença de um neologismo, explicando em parte a sua instabilidade denominativa. Porém, no último período, a variante *Dieta Mediterrânica* destaca-se de forma muito significativa, podendo assim indicar já um caso de implantação da variante.

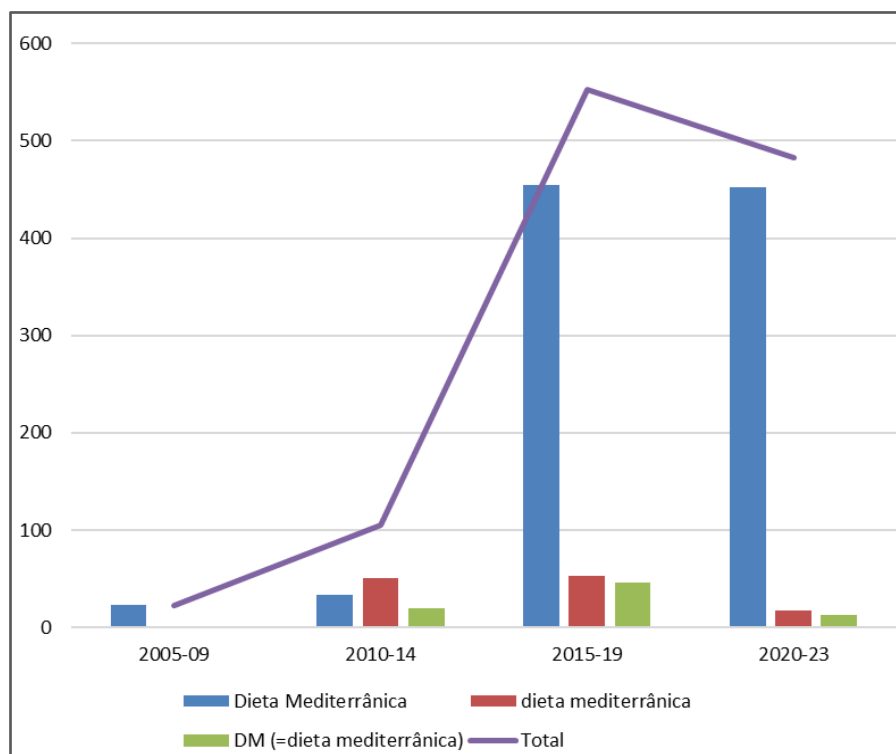


Figura 38 – *Corpus DM-2023-PT*: análise diacrônica de variantes para *DIETA MEDITERRÂNICA*

De referir que o próprio conceito de *DIETA MEDITERRÂNICA* sofreu mudanças a nível diacrónico. Sendo inicialmente utilizado para referir o *padrão alimentar* típico dos povos da bacia do Mediterrâneo (após os estudos de Ancel Keys), o conceito foi sendo alargado e o termo passou a designar não apenas um regime alimentar, mas também um estilo de vida que inclui outros aspetos da vida dos povos da bacia do Mediterrânico como a *convivialidade*, a *atividade física*, ou seja, os designados pelos termos descritores da UNESCO, como se pode ler num excerto de um dos textos do *corpus* (período 2005-2008, contexto comunicativo ACAD):

Actualmente, contudo, o sentido do termo ***Dieta Mediterrânica*** é mais lato. A diversidade de culturas, religiões, estatutos políticos e económicos, entre outros factores que influenciam a alimentação, presente nos inúmeros países que rodeiam o Mar Mediterrâneo, assim como o facto de o azeite ser a principal gordura de adição da alimentação dessas regiões, implicou o alargamento do termo, considerando-se que mais regiões, para além da Grécia e Itália, praticariam padrões alimentares semelhantes.

Corpus DM-2023-PT: Durão, 2008

O caso de *PADRÃO ALIMENTAR* apresenta um comportamento diacrónico semelhante, em que quatro variantes (*modelo alimentar*, *padrão alimentar*, *padrão alimentar mediterrânico* e o acrónimo *PAM*) concorrem. Ao contrário de *DIETA MEDITERRÂNICA*, o termo denota um conceito mais restrito, uma vez que se refere apenas à vertente alimentar, nutricional e gastronómica. A sua maior ocorrência no período 2015-19 pode estar relacionada com o maior foco nestas esferas de atividade e, por consequência, com um maior volume de materiais textuais obtidos nestas áreas.

CONCEITO	FORMAS DENOMINATIVAS	2005-09	2010-14	2015-19	2020-23
<i>PADRÃO ALIMENTAR</i>	modelo alimentar	3	7	5	13
	modelo alimentar mediterrânico	0	0	5	0
	padrão alimentar	3	11	62	11
	Padrão Alimentar	1	0	5	4
	padrão alimentar da dieta mediterrânica	0	0	3	0
	padrão alimentar mediterrânico	1	2	12	1
	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	1	0	31	0

Tabela 54 – *Corpus DM-2023-PT*: variantes denominativas de *PADRÃO ALIMENTAR* – análise diacrónica

No entanto, apesar da tendência para a implantação de *padrão alimentar* em 2015-19 (período em que todas as variantes coocorrem), no último (2020-23), *modelo alimentar* e *padrão alimentar* mantêm frequências praticamente idênticas. A forma abreviada, o acrónimo *PAM*, ocorre em dois períodos não contínuos surgindo bem destacado em

2005-2009 (Figura 39). De notar que nenhum destes dois casos estão representados no contexto comunicativo TRAD.

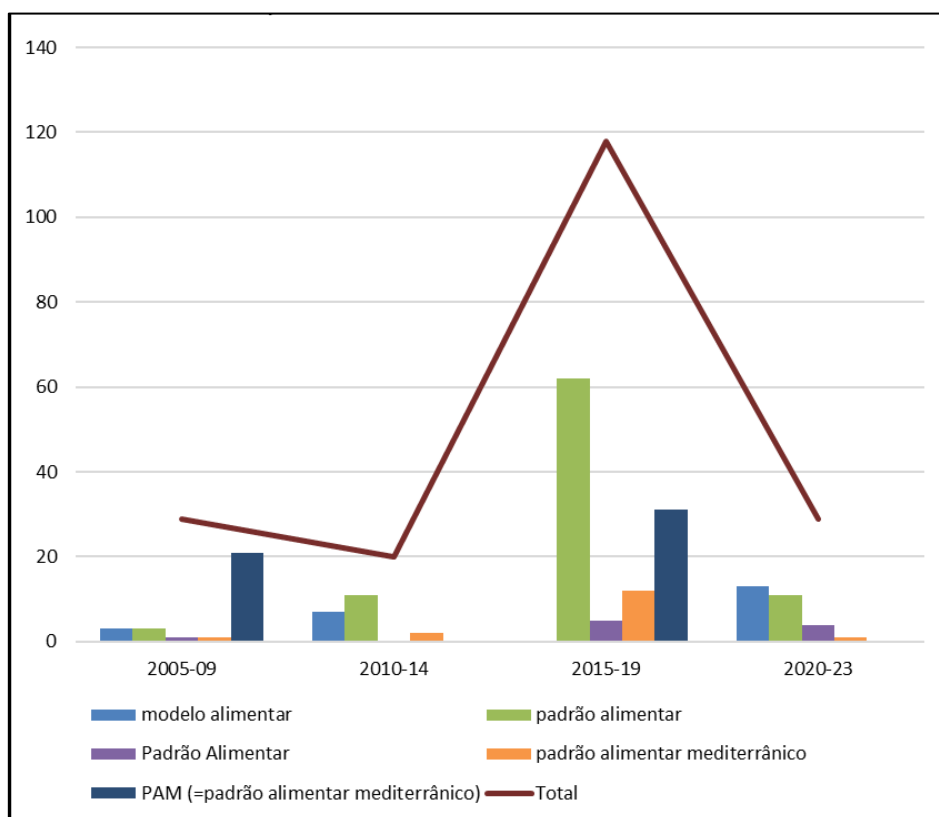


Figura 39 - *Corpus DM-2023-PT*: análise diacrónica das variantes para *PADRÃO ALIMENTAR*

Pelo menos um caso apresenta simultaneamente comportamento de neologismos/necrologismo, de forma implementada e de alteração de foco no domínio. A forma denominativa *património cultural* apresenta uma ocorrência (F=1) no primeiro período estudado, mas a presença do termo é crescente, com várias variantes concorrentes e coocorrentes e com implantação tendencial das formas derivadas a partir de *património cultural*: *património cultural*, *património cultural imaterial* e a sigla PCI. No último período estas formas denominativas ocorrem em simultâneo, mas as formas derivadas do adjetivo *imaterial* como modificador direto de *património* tendem a reduzir-se (Tabela 55).

CONCEITO	FORMAS DENOMINATIVAS	2005-2009	2010-2014	2015-2019	2020-2023
PATRIMÓNIO CULTURAL	património cultural	1	10	39	35
	Património Cultural	0	10	0	18
	património cultural imaterial (=PCI)	0	3	37	44
	património histórico-cultural	0	1	0	0
	património imaterial	0	0	23	2
	património imaterial da humanidade	0	1	8	0
	PCI (=património cultural imaterial)	0	0	3	24

Tabela 55 - *Corpus* DM-2023-PT: variantes denominativas de *PATRIMÓNIO CULTURAL* - análise diacrónica

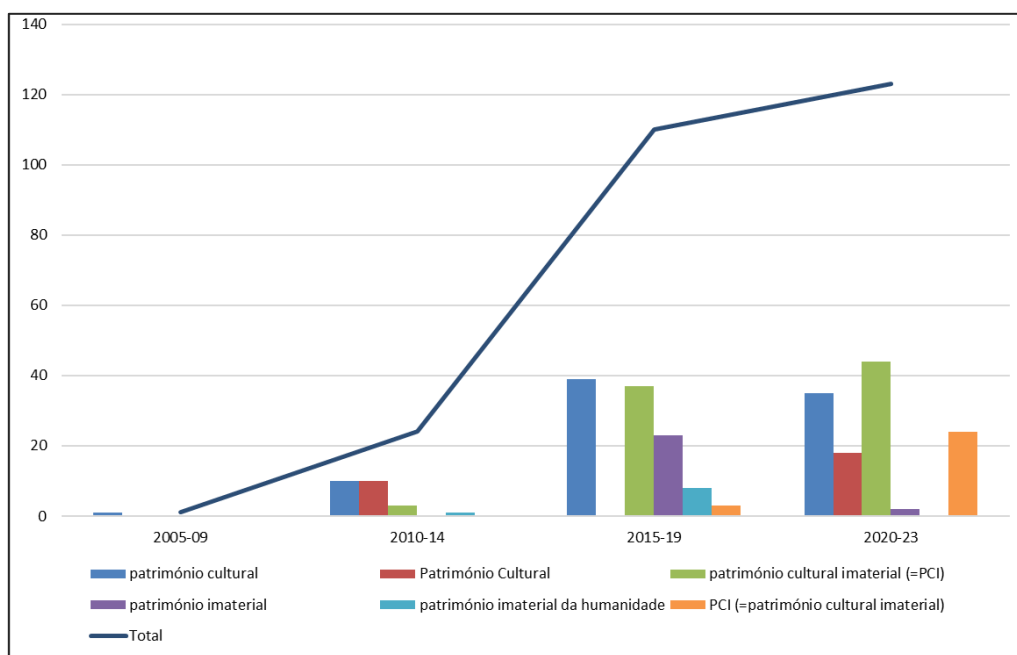


Figura 40 - *Corpus* DM-2023-PT: análise diacrónica das variantes para *PATRIMÓNIO CULTURAL*

Outras formas denominativas estão representadas na Tabela 56, de referir ainda *ERVA AROMÁTICA*, pelas variantes *erva aromática* e *planta aromática*. As duas formas são concorrentes apenas no período 2015-2019, altura em que *planta aromática* surge associada a outra variante, detetada por CQL, *planta aromática e medicinal*. De notar que esta variante ainda tem associada um acrónimo, *PAM* (planta aromática e medicinal), que obrigou a verificar todas as ocorrências do acrónimo associado a *padrão alimentar mediterrânico*, também referido por *PAM*.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	2005 2009	2010- 2014	2015- 2019	2020- 2023
dieta mediterrânica	dieta de estilo mediterrâneo	1	0	0	0
	dieta de estilo mediterrânico	1	0	0	0
	dieta do mediterrâneo	1	1	0	0
	dieta dos países do mediterrâneo	1	0	0	0
	dieta mediterrânea	0	0	13	0
	Dieta Mediterrânica	24	34	445	438
	dieta mediterrânica	1	51	53	18
	DM (=dieta mediterrânica)	0	20	46	13
erva aromática	erva (aromática)	0	0	0	2
	erva aromática	9	3	71	23
	ervas-de-cheiro (=erva aromática)	0	0	1	0
	planta aromática	0	0	10	0
	planta aromática e medicinal	0	0	9	0
estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	0	16	0	41
	modo de vida (= estilo de vida)	0	3	43	4
legume	hortaliça	11	1	0	7
	legume	20	8	0	0
	verdura	4	18	0	13
padrão alimentar	modelo alimentar	3	7	5	13
	modelo alimentar mediterrânico	0	0	5	0
	padrão alimentar	3	11	62	11
	Padrão Alimentar	1	0	5	4
	padrão alimentar da dieta mediterrânica	0	0	3	0
	padrão alimentar mediterrânico	1	2	12	1
	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	21	0	31	0
património cultural	património cultural	1	10	39	35
	Património Cultural	0	10	0	18
	património cultural imaterial (=PCI)	0	3	37	44
	património histórico-cultural	0	1	0	0
	património imaterial	0	0	23	2
	património imaterial da humanidade	0	1	8	0
	PCI (=património cultural imaterial)	0	0	3	24
produto da época	época (da...)	0	0	7	21
	produto da época	0	0	6	0
trilogia	tríade (=trilogia)	0	1	0	0
	trilogia	1	7	43	6
	trilogia alimentar	0	0	21	0
	trilogia da alimentação mediterrânica	0	1	0	0
	trilogia da dieta mediterrânica	0	2	2	0
	trilogia do pão (vinho e azeite)	0	0	2	0
	trilogia mediterrânica	0	1	0	0
	trilogia pão-vinho-azeite	0	0	0	1
xaréim	papas	0	0	3	2
	papas de milho	2	0	3	0
	xaréim (=papas de milho)	1	0	11	5
	xerém	0	0	6	1

Tabela 56 – *Corpus* DM-2023-PT – Análise diacrónica das variantes denominativas

4.8.2. Aquacultura

À semelhança da DM, o domínio Aquacultura, apresenta igualmente casos de formas concorrentes e padrões de frequência que indiciam neologismos, necrologismos, implantações e mudanças de foco no domínio, mais marcados em termos diacrónicos se compararmos com a Dieta Mediterrânica. De assinalar que o período que corresponde ao maior *subcorpus* é 2010-14.

Em termos de neologismos, e tendo em conta o padrão de frequências e coocorrência de variantes no mesmo período, assinalamos, entre outros casos, *bem-estar*, *jaula*, *moluscicultura* e *sistema multitrófico* (Tabela 57). Os candidatos a termo exprimem-se por variantes concorrentes e concorrentes que surgem com frequências baixas em 2010-14, registando uma maior frequência em 2015-2019. Em alguns casos podemos observar uma tendência para a implantação de uma das variantes. Por exemplo, *bem-estar*, em que o hiperónimo apresenta frequências mais elevadas no último período, com ocorrência de duas variantes (*bem-estar animal*, *bem-estar dos animais*) e de um hipónimo (*bem-estar dos peixes*).

Já no caso de *jaula*, podemos dizer se estamos perante um possível neologismo relativo (ou uma mudança de foco). Apesar de *jaula* entrar no corpus em 2010-14, este *corpus* não abrange períodos anteriores. No entanto, a frequência da forma aumenta e estabiliza nos períodos seguintes, surgindo em 2015-19 em concorrência com *gaiola*, forma que desaparece em 2020-23 (necrologismo) a favor de *jaula*.

De destacar, igualmente, os termos e as variantes associadas ao adjetivo *multitrófico*. Trata-se efetivamente de uma nova forma de produção, resultando em diversas formas e uma delas combinando com o conceito de sistemas de recirculação (*sistemas multitróficos recirculantes da água*, RAS - *Recirculating Aquaculture Systems*). Do adjetivo resultam várias formas derivadas como: *cultura/cultivo/aquacultura/aquicultura/produção multitrófica*, *sistema*

multitrófico integrado e a sigla IMTA. O adjetivo *multitrófico* é assinalado em dois documentos do *corpus* em 2010-14, produção multitrófica (contexto comunicativo LEG), tendo sido apenas recuperado ao pesquisar o próprio adjetivo e por expansão lexical em contextos como o excerto seguinte:

(...) apetência por produtos certificados, nomeadamente de *produção biológica* ou *multitrófica*; Aposto da Comissão Europeia no desenvolvimento do setor aquícola europeu (...)

Corpus Aqua-2023-PT: DGRM, 2013

No entanto, esta forma (*produção biológica e multitrófica*) não ocorre mais no *corpus*, sendo substituída por outras variantes a partir de 2015-19, nos contextos ACAD e PRO (*aquacultura multitrófica, cultivo multitrófico, cultura multitrófico, IMTA e sistema integrado multitrófico*). A concentração de formas nos períodos entre 2015 e 2023 podem assim indicar um neologismo, mas também uma alteração de foco sobre uma área particular do domínio, à semelhança de *jaula* (em substituição de *gaiola*), uma *estrutura flutuante em mar aberto/offshore*, cuja frequências estão em crescente.

A forma nominal *mar aberto* surge em concorrência com o estrangeirismo *offshore*. Ambas as formas variantes estão associadas a vários termos derivados (*cultura/cultivo em mar aberto/offshore, aquacultura em mar aberto/offshore, jaula em mar aberto/offshore*). Ambas as formas surgem em coocorrência nos três períodos, nos três contextos comunicativos, mas com uma tendência de implantação no último período do estrangeirismo, como iremos analisar na secção seguinte, por via principalmente dos contextos comunicativos ACAD e PRO.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	2010-2014	2015-2019	2020-2023
bem-estar	bem-estar	0	0	30
	bem-estar animal	2	13	1
	bem-estar dos animais	0	0	8
	bem-estar dos peixes	0	0	10
jaula	gaiola (=jaula)	0	2	0
	gaiola flutuante	0	2	0
	jaula (=gaiola)	3	20	23
	jaula flutuante	2	0	0
moluscicultura	aquacultura de bivalves	0	9	4
	aquacultura de moluscos bivalves	1	0	0
	conquicultura	0	0	1
	moluscicultura	16	2	4
	exploração de bivalves	0	2	0
sistema multitrófico	aquacultura multitrófica	0	3	1
	aquicultura multitrófica	0	0	2
	cultivo multitrófico	0	13	0
	cultura multitrófica	0	4	0
	IMTA (=sistema multitrófico integrado)	0	7	1
	produção multitrófica*	1	0	0
	sistema multitrófico integrado (=IMTA)	0	0	1
moluscicultura	aquacultura de bivalves	0	9	4
	aquacultura de moluscos bivalves	1	0	0
	conquicultura	0	0	1
	moluscicultura	16	2	4
	exploração de bivalves	0	2	0

Tabela 57 - *Corpus Aqua-2023-PT* – Análise diacrónica de variantes denominativas (1)

Outro caso de implantação de variante é a representada por *pós-larva* (moluscos bivalves) e pelas variantes *pós-larva* e *semente*. As duas variantes ocorrem com implantação de *semente*. O uso da variante está condicionado pela influência do contexto comunicativo PRO, nomeadamente no último período.

Já o exemplo das variantes *aquacultura* e *aquicultura* e formas derivadas demonstra como a ocorrência simultânea de duas variantes num domínio tem de ser analisado tendo em consideração o contexto comunicativo em que são utilizadas (Tabela 58). As duas variantes ocorrem simultaneamente ao longo dos três períodos com frequências elevadas, excetuando *aquicultura* no período 2015-19. Não representam um neologismo, apesar da existência da concorrência nos mesmos

períodos, mas aparenta existir uma tendência para a implantação da variante *aquicultura*. Ao analisarmos os contextos comunicativos em que ocorrem, podemos ver que a implantação de *aquicultura* e formas derivadas é originada principalmente no contexto comunicativo LEG.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	2010-2014	2015-2019	2020-2023
aquacultura	aquacultura	103	218	170
	aquicultura	188	6	289
aquacultura sustentável	aquacultura sustentável	0	3	0
	aquicultura biológica	0	0	6
	aquicultura sustentável	0	0	6
	produção biológica	0	0	8
bem-estar	bem-estar	0	0	30
	bem-estar animal	2	13	0
	bem-estar dos animais	0	0	8
	bem-estar dos peixes	0	0	10
jaula	gaiola (=jaula)	0	2	0
	gaiola flutuante	0	2	0
	jaula (=gaiola)	3	20	23
	jaula flutuante	2		
mar aberto	mar aberto (=offshore)	46	16	7
	offshore (=mar aberto)	42	3	58
pós-larva	pós-larva	2	2	2
	semente (=pós-larva)	14	95	0
sistema de recirculação	aquacultura com recirculação de água	0	2	0
	RAS (=sistema c/recirculação de água)	22	21	1
	sistema de recirculação de água	2	0	8
	sistema RAS	0	10	0
	sistemas com recirculação da água	0	2	0
sistema multitrófico	aquacultura multitrófica	0	3	1
	aquicultura multitrófica	0	0	2
	cultivo multitrófico	0	13	0
	cultura multitrófica	0	4	0
	IMTA (sistema multitrófico)	0	7	1
	sistema multitrófico (=IMTA)	0	0	1

Tabela 58 - *Corpus Aqua-2023-PT* - Análise diacrónica de variantes denominativas (2)

Em *sistema com recirculação de água* o termo produz quatro variantes denominativas: *aquacultura com recirculação de água*, o acrónimo *RAS* (do inglês *recirculating aquaculture system*) e *sistemas com recirculação da água*. No entanto, apesar das frequências

relativamente elevadas nos dois primeiros períodos, no último período só se mantêm as variantes *sistema de recirculação de água* (F=8) e o acrónimo *RAS* (F=1).

4.9. Variação denominativa – Análise diastrática

A análise diastrática permitiu-nos em 4.7 demonstrar diferenças no conjunto dos contextos comunicativos selecionados. Apresentámos exemplos que ilustram diferenças terminológicas no conjunto de cada contexto comunicativo. Estas diferenças são marcadas pelo contexto comunicativo refletindo-se no conjunto da terminologia predominantemente usada por cada comunidade discursiva e na ativação conceptual de termos partilhados pelos diferentes grupos de especialistas. Neste caso, procurámos casos em que o mesmo conceito, ou termo, é expresso por diferentes formas denominativas.

Assim, a nível diastrático pudemos encontrar diferentes casos de variação, nem sempre marcados por variantes denominativas expressas:

- i. Variação do conjunto da terminologia do contexto comunicativo
- ii. Termos não afetados a nível denominativo, mas sim a nível de distintas ativações conceptuais pelo uso dado no contexto comunicativo
- iii. Variantes denominativas dentro do próprio contexto comunicativo
- iv. Variantes denominativas marcadas pelo contexto comunicativo
- v. Variantes denominativas transportadas do contexto comunicativo original (CC1) para um contexto comunicativo de chegada (CC2) por via do objeto de estudo de CC2 ser CC1

O primeiro (i) e o segundo (ii) casos foram analisados anteriormente em 4.7, onde mostrámos que diferentes contextos comunicativos, embora partilhem muitos termos comuns, utilizam não apenas conjuntos

terminológicos distintos, como a conceptualização sobre o referente é ativada de forma distinta. De seguida, iremos apresentar o resultado da análise efetuada a nível de variantes denominativas através de exemplos ilustrativos, nos dois domínios, em relação à forma como o contexto comunicativo, ou seja, o fator diastrático pode ter sido relevante ou não na variante utilizada e na forma como cada grupo de intervenientes influência a terminologia do domínio.

4.9.1. Dieta Mediterrânica

Quando iniciámos este estudo, a nossa pesquisa esta estava focadas em variantes denominativas cuja origem pudesse ser explicada por fatores diastráticos. Como vimos em 4.7.1, os resultados obtidos mostram casos de variação de origem diastrática, porém, o *corpus* DM-2023-PT aponta-nos para outros fatores de ordem diastrática na terminologia, mas não necessariamente a nível das formas denominativas. Muitos casos, conforme referimos, revelam um transporte/transferência de termos dos contextos comunicativos TRAD para PRO e ACAD. Desta forma, alguns candidatos a termo, cujo contexto discursivo natural seria um determinado contexto comunicativo, passaram a ser comunicados no por outra comunidade discursiva, quer por via do trabalho de investigação quer através de recolha cultural efetuada pelos mediadores culturais. Ou seja, um dado contexto comunicativo tornou-se o objeto de estudo de outro. Este aspeto dificultou o reconhecimento das variantes denominativas. Por outro lado, as variantes denominativas surgiram em grande parte dentro do próprio contexto comunicativo, por vezes sendo esta diferença mais marcada do que entre os diferentes contextos, tendo em conta a proporcionalidade do tamanho dos subcorpora. A Tabela 59 apresenta alguns desses casos selecionados de variantes denominativas de acordo com os *subcorpora* correspondentes aos contextos comunicativos ACAD, PRO e TRAD.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	ACAD	PRO	TRAD
convivialidade	convivialidade	2	9	0
	convivialidade à mesa	2	0	0
	convivialidade à volta da mesa	3	0	0
	convivialidade em torno da mesa	0	3	0
	convívio à volta da mesa	1	0	0
	redor da mesa (=volta da mesa)	3	0	0
	volta da mesa (=redor da mesa)	8	0	0
dieta mediterrânica	dieta de estilo mediterrâneo	0	1	0
	dieta de estilo mediterrânico	0	1	0
	dieta do mediterrâneo	1	1	0
	dieta dos países do mediterrâneo	0	1	0
	dieta mediterrânea	13	0	0
	Dieta Mediterrânica	567	375	0
	dieta mediterrânica	101	22	0
	DM (=dieta mediterrânica)	66	13	0
padrão alimentar	modelo alimentar	9	14	0
	modelo alimentar mediterrânico	5	0	0
	padrão alimentar	181	14	0
	Padrão Alimentar	10	0	0
	padrão alimentar da dieta mediterrânica	3	0	0
	padrão alimentar mediterrânico	16	0	0
	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	52	0	0
património cultural	património cultural	55	29	7
	Património Cultural	15	0	10
	património cultural imaterial (=PCI)	46	31	7
	património imaterial	25	2	0
	Património Imaterial	10	0	1
	património imaterial da humanidade	9	0	0
	PCI (=património cultural imaterial)	3	2	(22)
trilogia	tríade (=trilogia)	1	0	0
	trilogia	55	6	0
	trilogia alimentar	20	1	0
	trilogia da alimentação mediterrânica	1	0	0
	trilogia da dieta mediterrânica	4	0	0
	trilogia do pão (vinho e azeite)	2	0	0
	trilogia mediterrânica	1	0	0
	trilogia pão-vinho-azeite	1	0	0

Tabela 59 - *Corpus* DM-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (ii)

Neste grupo estão incluídas algumas formas já analisadas anteriormente cuja variação não é tão afetada pelo fator diastrático, mas

sim pela instabilidade do próprio termo no discurso. Estes exemplos pertencem, mais uma vez, ao grupo dos descritores da DM e surgem, na sua esmagadora maioria aos contextos comunicativos ACAD e PRO. Com a exceção de *património cultural*, nenhum dos termos é utilizado no contexto comunicativo TRAD. São os casos de *convivialidade*, *dieta mediterrânica*, *estilo de vida*, *padrão alimentar* e *trilogia*. Por exemplo, as variantes para *convivialidade* e respetivas locuções (*à mesa*, *à volta da mesa*, *em redor da mesa*) ocorrem principalmente em ACAD, registando-se apenas F=3 ocorrências de (...) *em torno da mesa* em PRO. O termo *dieta mediterrânica*, como já analisado anteriormente, apresenta instabilidade denominativa, apesar da tendência, como vimos anteriormente, da implantação da forma *Dieta Mediterrânica*. Pela análise diastrática podemos, no entanto, verificar que o termo é principalmente utilizado no contexto comunicativo ACAD, apesar do padrão de frequência ser muito semelhante a PRO: *Dieta Mediterrânica* > *dieta mediterrânica* > DM.

As ocorrências de *património cultural* (variantes: *património cultural*, *Património Cultural*, *património cultural imaterial* e a sigla *PCI*) que surgem em TRAD referem-se ao período de 2015-2019 e a uma reportagem sobre a celebração da Festa das Tochas (de São Brás de Alportel) com transcrição de entrevistas e ao último período (F=20), através Livro Vermelho das Atividades Tradicionais. Este documento é constituído por entrevistas a artesãos, mas inclui igualmente uma extensa nota introdutória sobre a valorização do *património cultural imaterial* (*PCI*), explicando a frequência da sigla neste *subcorpus*. Não a considerámos, por isso, como uma genuína variante denominativa diastrática deste *subcorpus*.

Num segundo grupo, incluímos exemplo de termos que ilustram a influência do fator diastrático na variação denominativa, mas também da transferência de termos entre contextos comunicativos.

No caso das variantes denominativas determinadas pelo contexto comunicativo, destacamos os candidatos a termo apresentados na Tabela 60.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	ACAD	PRO	TRAD
erva aromática	erva (aromática)	0	0	2
	erva aromática	58	46	0
	ervas-de-cheiro (=erva aromática)	0	1	0
	planta aromática	11	10	0
	planta aromática e medicinal	8	1	0
	PAM	3	0	0
estilo de vida	estilo de vida	29	28	0
	modo de vida	51	0	2
frigir	frigir	2	8	5
	fritar (=frigir)	0	12	8
horta	horta	3	9	3
	hortejo	1	0	0
	horto	4	0	0
legume	hortaliça	2	23	0
	legume	8	20	3
	verdura	8	17	1
matança	matança	1	2	11
	matança de porco	0	0	1
	matança do porco	2	1	2
	matança dos porcos	0	0	1
	ritual festivo da matança	1	0	0
pão caseiro	pão caseiro	0	1	12
	pão tradicional	2	0	0
produto da época	época, (da...)	0	0	28
	produto da época	6	0	0
	produto sazonal	2	0	1
ramo de cheiros	boneca	0	0	2
	boneca de cheiros	2	0	0
	bouquet garni	0	2	0
	raminho	2	2	0
	ramo de cheiros	0	2	0
xarém	papas	3	0	2
	papas de milho	3	2	0
	xarém (=papas de milho)	10	5	2
	xerém	6	0	1

Tabela 60 - *Corpus* DM-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (iv)

Neste grupo mantivemos um dos conceitos descritores da Dieta Mediterrânica: *estilo de vida*, variante *modo de vida*. Tendo em conta o tamanho do *subcorpus* TRAD, comparativamente mais pequeno do que os *subcorpora* ACAD e PRO, não deixamos de assinalar que este candidato a termo ocorre em TRAD (F=2 ocorrências) com a variante *modo de vida*, novamente por via do Livro Vermelho das Atividades Tradicionais. Em PRO, no entanto, só assinalámos a variante *estilo de vida* (F=28 ocorrências). As restantes variantes denominativas que assinalámos pertencem a termos relacionados com a agricultura, tradições e alimentação.

Como referimos em 4.8.1, o candidato *erva aromática* coocorre com *planta aromática*, *planta aromática e medicinal* e um acrónimo, PAM (F=3 em ACAD). Não obstante a variante a variante *erva aromática* estar implantada, a variante *planta aromática e medicinal* surge com maior frequência em ACAD. De referir ainda *erva*, que surge em TRAD num contexto de alimentação (ver excerto seguinte), associada a outro candidato a termo (*a gosto*):

Depois tempera-se com sal, azeite, ervas a gosto e queijo mozarella. </s><s>
Vai ao forno durante cerca de 30 minutos a temperatura média (...).

Corpus DM-2023-PT: Santos&Roxo, 2021

Outros exemplos de variantes denominativas diastráticas são os casos de *produto da época*, representado por *produto da época*, *produto sazonal* e pela locução (...) *da época*, bastante implantada em TRAD, contrariamente a ACAD e PRO onde surgem sempre as variantes compostas *produto da época*, *produto sazonal*.

No âmbito das celebrações e rituais sociais encontramos *matança*, *matança de porco*, *matança do porco*, *matança dos porcos* e *ritual festivo da matança*. O nome simples ocorre com uma frequência de F=11 no *subcorpus* TRAD, F=2 em PRO e apenas F=1 em ACAD, onde ocorrem também *matança de porco*, *matança do porco* e *ritual festivo da matança*.

Neste domínio, deparámo-nos com muitos casos em que o candidato a termo é transferido entre comunidades discursivas. Anteriormente, referimos o caso de *almeixar/almanxar*, que surge num texto académico por via da transcrição de uma recolha oral, não obstante, naturalmente, pertencer a um contexto comunicativo diferente. Encontrámos assim casos como os assinalados na Tabela 60: *frigir/fritar*; *horta/hortejo/horto*; *papas/papas de milho/xerém/xarém*). Esta situação, em que um dos contextos comunicativos se torna o objeto de estudo de outro, tendo como consequência a transferência e disseminação dos termos através de especialistas distintos, cria uma dinâmica no domínio que, como discutiremos adiante, nos obriga a reestruturar a forma como os diferentes intervenientes e especialistas interagem entre si.

4.9.2. Aquacultura

Este domínio foi organizado em três comunidades discursivas diferentes da Dieta Mediterrânica (ACAD, LEG e PRO), apresentando dinâmicas distintas na relação entre os seus intervenientes e, por consequência na terminologia do domínio.

Neste domínio, além da observação feita a nível do conjunto da terminologia em cada contexto comunicativo, verificamos uma maior clivagem entre os contextos comunicativos, nomeadamente com os contextos ACAD e PRO, por um lado, e LEG por outro. Além dos casos de variação da terminologia geral do contexto comunicativo, e de ativações conceptuais distintas, também encontramos, à semelhança da DM, variantes denominativas que ocorrem dentro do próprio contexto comunicativo. Apresentamos alguns exemplos na Tabela 61.

candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	ACAD	LEG	PRO
área de produção	área de produção aquícola (=APA)	0	31	14
	zona de produção aquícola	0	12	0
bem-estar animal	bem-estar	0	26	4
	bem-estar animal	0	2	13
	bem-estar dos animais	0	8	0
	bem-estar dos peixes	0	10	0
bivalve	bivalve	109	61	222
	molusco bivalve	30	20	38
fecundação	fecundação	17	0	4
	fertilização	4	0	3
impacto	impacte ambiental	3	11	0
	impacte no ambiente	0	3	0
	impacto ambiental	6	4	0
avaliação de impacto ambiental	avaliação de impacte ambiental	0	3	0
	avaliação do impacto ambiental	1	0	0
moluscicultura	criação de moluscos (bivalves)	0	9	0
	cultivo de bivalves	0	6	14
	cultivo de moluscos bivalves	2	0	0
	cultura de bivalves	1	0	0
	aquacultura de bivalves	7	0	6
	aquacultura de moluscos bivalves	1	0	0
	conquicultura	0	1	0
	moluscicultura	15	4	3
postura	desova	10	1	11
	postura	23	1	14
sistema com recirculação de água	aquacultura com recirculação de água	2	0	0
	RAS (=sistema c/recirculação de água)	43	0	1
	sistema de recirculação de água	0	8	2
	sistema RAS	10	0	0
	sistemas com recirculação da água	2	0	0

Tabela 61 - *Corpus Aqua-2023-PT* - Análise diatrática de variantes denominativas (i)

Dentro dos exemplos apresentados, destacamos as variantes produzidas a partir de *impacto* e/ou *impacte*: *impacto/impacte ambiental/no ambiente*, *impacte/impacto negativo*, e ainda outro conceito *AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL*, expresso por duas variantes denominativas *avaliação de impacto ambiental* e *avaliação de impacte ambiental*. As variantes da cabeça nominal do termo, *impacto/impacte* ocorrem em todos os contextos comunicativos. Não se

trata propriamente de um neologismo no domínio (as frequências mais altas ocorrem em 2010-15), nem podemos associar o uso de uma ou de outra variante com o contexto, uma vez que dentro do contexto LEG, por exemplo, ocorrem as duas variantes: *impacto* e *impacte*. No caso de *impacto da aquicultura* ressaltamos a variante denominativa *aquicultura* que, como iremos ver na secção seguinte, está bem marcada diastraticamente.

Num outro caso, podemos verificar a grande proliferação de formas gerada à volta de *MOLUSCICULTURA*, que se define como a criação de moluscos bivalves em cativeiro/condições (semi)controladas, e a que se juntam as variantes derivadas a partir de *cultura* e/ou *cultivo*. No entanto, como veremos no grupo seguinte de variantes marcadas diastraticamente, outras formas denominativas estão associadas a contextos comunicativos distintos: *moluscicultura* em ACAD (F=15), *cultivo de bivalves* em PRO (F=14) e *criação de moluscos bivalves* (F=9) e *cultivo de bivalves* (F=6) em LEG.

O último caso deste grupo que destacamos é *sistema com recirculação de água*. O termo está associado ao contexto comunicativo ACAD, gerando, só neste contexto quatro variantes: *sistema com recirculação de água*, o acrónimo *RAS* (do inglês *recirculating aquaculture system*) e *sistemas com recirculação da água*. Como vimos na análise diacrónica, a menor frequência do termo no último período estudado pode, à luz da análise diastrática, indiciar um interesse da investigação em aquicultura sobre este tema particular, mas acompanhada por uma possível perda de foco ao longo do tempo.

Veremos em seguida alguns exemplos que ilustram a forma como a variação denominativa é influenciada pelo contexto comunicativo, ou seja, por fatores de ordem diastrática (Tabela 62). De uma forma geral, podemos dizer que este aspeto é mais evidente neste domínio. Neste caso, a transferência de termos entre contextos comunicativos faz-se principalmente de ACAD para PRO, com poucos casos em sentido oposto (*semente*). O contexto comunicativo LEG surge, em muitos casos,

diferenciado dos restantes. No caso das variantes denominativas determinadas pelo contexto comunicativo, destacamos os casos de *aquacultura* e *aquicultura*, *moluscicultura*, *mar aberto/offshore*, *semente/pós-larva*. Podemos perceber, de forma bem marcada o uso preferencial de *aquacultura* pelos contextos comunicativos ACAD e PRO e, pelo contrário, uma frequência também muito elevada de *aquicultura* pelo contexto LEG. A tendência estende-se a alguns hipónimos como *aquacultura marinha* (ACAD e PRO) em que as variantes construídas a partir de *aquicultura* surgem tendencialmente em LEG. Neste contexto comunicativo surge, apenas em LEG, uma outra variante *maricultura*.

Candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	ACAD	LEG	PRO
aquacultor	aquacultor	0	0	25
	aquicultor	3	6	0
	produtor aquícola	0	20	0
aquacultura	aquacultura	365	3	133
	aquicultura	5	475	3
aquacultura marinha	aquacultura marinha	3	0	4
	aquicultura em águas marinhas	0	2	0
	aquicultura marinha	0	8	0
	cultura marinha	17	21	0
	maricultura (=aquacultura marinha)	0	2	0
fecundação	fecundação (=fertilização)	17	0	4
	fertilização (=fecundação)	4	0	3
mar aberto	mar aberto (=offshore)	10	40	19
	aquicultura em mar aberto	0	2	0
	aquicultura oceânica	0	2	0
	cultura em mar aberto	0	2	0
	produção aquícola em mar aberto	0	8	0
	produção em mar aberto	1	0	0
	offshore (=mar aberto)	88	9	6
	cultivo offshore	4	0	0
	cultura off-shore	2	0	0
	produção aquícola em offshore	0	0	2
	produção em offshore	0	0	1
moluscicultura	aquacultura de bivalves	7	0	6
	aquacultura de moluscos bivalves	1	0	0
	conquicultura	0	1	0
	criação de moluscos (bivalves)	0	9	0

Candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS	ACAD	LEG	PRO
	cultivo de bivalves	0	6	14
	cultivo de moluscos bivalves	2	0	0
	cultura de bivalves	1	0	0
	moluscicultura	15	4	3
pós-larva	pós-larva (=semente/juvenil<bivalves; juvenil/alevim<peixes)	3	3	2
	semente (=pós-larva/juvenil<bivalves)	4	4	101
sistema multitrófico	aquacultura multitrófica	4	0	0
	aquicultura multitrófica	0	2	0
	cultivo multitrófico	13	0	0
	cultura multitrófica	1	0	0
	IMTA (=sistema multitrófico integrado)	7	1	0
	sistema multitrófico integrado	0	0	1

Tabela 62 - Corpus AQUA-2023-PT - Análise diastrática de variantes denominativas (iv)

Outro exemplo ilustrativo de variantes terminológicas marcadas diastraticamente é *mar aberto* e a variante gerada a partir do estrangeirismo *offshore*, que ocorrem como modificadores de outras formas nominais (*aquacultura/cultivo/cultura offshore* e *aquicultura/cultivo/cultura em mar aberto*). Verificamos que a variante *offshore* é preferencial em ACAD e *mar aberto* em LEG e em PRO, embora neste último contexto comunicativo a diferença não seja tão significativa. As formas derivadas do candidato de reagrupamento *mar aberto/offshore* seguem um padrão idêntico.

Por último, destacamos também *pós-larva* e a variante *semente*, que se refere a uma *pós-larva* de molusco bivalve, como o próprio *corpus* indica, nomeadamente, de ameijoia e ostra:

As *larvas* são mantidas sob monitorização e alimentadas constantemente com uma mistura de microalgas que satisfaça todas as suas necessidades nutritivas, garantindo um bom desenvolvimento das mesmas até atingirem a fase de *pós-larva*, com capacidade de fixação. Assim, a designada **semente** é na realidade uma **pós-larva** ou **juvenil**.

Corpus Aqua-2023-PT: Azeredo, F., Gonçalves, J. F., Hinzmann, M., & Vaz-Pires, P. (2018)

A forma denominativa é selecionada preferencialmente em PRO, em substituição de *pós-larva*, ocorrendo em frequências inferiores nos contextos ACAD e LEG e implantando-se como variante preferencial no período 2015-19. No último período estudado, não registámos nenhuma ocorrência do candidato em nenhuma das variantes. Este é um dos poucos casos em Aquacultura em que a variante proveniente de contextos comunicativos fora da academia, se torna a forma principal utilizada.

4.10.Síntese

Neste capítulo apresentámos os resultados das análises realizadas sobre a terminologia dos dois domínios, Dieta Mediterrânica e Aquacultura, para os quais constituímos dois *corpora* (DM-2023-PT e Aqua-2023-PT). Estes foram anotados nível de estruturas textuais e subdivididos em subcorpora de forma a permitir realizar a análise da terminologia dos domínios do ponto de vista diacrónico e diastrático. Com esta finalidade, organizámos os materiais recolhidos para os *corpora* segundo o contexto comunicativo (critério diastrático) e o período em que foram produzidos (critério diacrónico), considerando uma diacronia de curto prazo (dez em Aquacultura e quinze anos no caso da Dieta Mediterrânica).

Nas análises realizadas pudemos apurar que os dois domínios apresentam características diferentes no que respeita não só à terminologia que cada contexto comunicativo seleciona, mas também à forma como a variação se manifesta e como os termos circulam em cada domínio e ao longo do tempo, com implicações no dinamismo terminológico. No aspeto diastrático, e sobretudo em Dieta Mediterrânica, os subcorpora ACAD e PRO foram aqueles onde registámos maior número de variantes denominativas dentro do próprio contexto comunicativo. Por contraste, o *subcorpus* TRAD apresentou uma maior estabilidade denominativa, o que pode ser explicado por uma maior estabilidade

diacrónica. Em Aquacultura, o subcorpus LEG, correspondente às áreas administrativas, organismos reguladores e do Estado, apresenta várias diferenças denominativas em relação aos outros dois grupos, ACAD e PRO.

As alterações diacrónicas registadas respeitam principalmente sobre os termos correspondentes aos descritores da UNESCO, cujo comportamento no *corpus* nos permite identificá-los como neologismos. Verificámos que o domínio apresenta casos de termos que apesar da sua estabilidade denominativa, seleccionam traços conceptuais distintos, motivados pelo diferente uso em cada contexto comunicativo. Demos como exemplo alguns termos que não apresentavam variação denominativa (casos de *azeite*, *vinho* e *pão*), mas cujo valor conceptual não é o mesmo em todos os utilizadores, ou seja, existe um fator diastrático na ativação dos traços conceptuais. Outro aspeto interessante neste domínio é que explica em grande parte a dificuldade em estabelecer uma relação entre as variantes denominativas encontradas e os contextos comunicativos é a circulação de termos entre os contextos ditos vernaculares (TRAD e, em parte, PRO) para os académicos (ACAD). Assinalámos, entre outros, os casos de *almeixar* e *britar*. Esta transferência ocorre de um contexto comunicativo cujo discurso seria classificado como não especializado, para um considerado pela terminologia como verdadeiramente especializado, onde é utilizado de uma forma distinta e disseminado. Esta disseminação é originada pela relação existente entre estes contextos comunicativos em que um dos contextos (TRAD) é o objeto de estudo dos outros dois (ACAD e PRO).

Já o domínio Aquacultura apresenta, à semelhança da Dieta Mediterrânica, diferenças no conjunto dos termos mais utilizados por contexto comunicativo e também um maior dinamismo ao longo do tempo. O domínio também apresenta variantes denominativas marcadas a nível diastrático e também diacrónico.

Dos resultados apresentados obtivemos uma base de trabalho para elaborar uma futura terminologia dos dois domínios, uma *Reference List*

of Terms (RTL). Uma tal listagem poderá permitir-nos futuramente trabalhar com os domínios na perspetiva de poder desenvolver recursos terminológicos mono e multilíngues (bases de dados e ontologias) para apoio a vários utilizadores (especialistas e profissionais da indústria das línguas, como tradutores).

Estes aspetos e o que implicam na dinâmica dos domínios e na forma como definimos um especialista será posteriormente discutido no capítulo seguinte.

5. Discussão de resultados

Após a realização das análises consideradas pertinentes sobre os *corpora* criados nos dois domínios escolhidos, e perante os resultados obtidos, iremos de seguida procurar responder às questões de investigação propostas inicialmente. A ordem que iremos dando resposta às perguntas de investigação poderá ser diferente da apresentada inicialmente, procurando seguir um raciocínio que, em nossa opinião seja lógico e que permita uma leitura clara. Os dois domínios serão discutidos em simultâneo, de forma a facilitar a comparação. Antes de continuar, recordamos as questões a que nos propusemos responder:

- 1) De que forma as diferentes comunidades discursivas e a suas características socioculturais influenciam a terminologia, o dinamismo terminológico e a variação de um domínio, principalmente quando possuem características contextuais e tipologias discursivas não normalmente abrangidas pela terminologia?
- 2) Como pode o estudo da variação terminológica ser integrado pela terminologia de forma a contribuir, não só para uma maior fiabilidade dos dados terminológicos, mas também para fornecer às atividades de mediação comunicativa uma opção informada sobre os usos das variantes?
- 3) Como adaptar as abordagens metodológicas de modo a conseguir obter recursos terminológicos que enquadrem as diferentes tipologias discursivas dos especialistas e intervenientes e as diversas formas de variação terminológica, respeitando os usos nos respetivos contextos discursivos?
- 4) Que outra abordagem teórica da linguística à terminologia pode contribuir para enquadrar estas questões e para uma visão da variação terminológica, dos especialistas (como produtores discursivos) e dos respetivos discursos que os permita considerar como parte de um todo interligado e interrelacionado?

5.1. Terminologia dos domínios estudados

Iniciamos a discussão por uma perspetiva global sobre a terminologia nos dois domínios de trabalho a partir dos *corpora* constituídos. Não sendo este o objetivo principal do nosso trabalho, considerámos que seria relevante realizá-lo como adjuvante ao estudo da variação terminológica, o que nos permitiu obter um primeiro conjunto de dados terminológicos dos domínios.

A primeira consideração diz respeito ao próprio levantamento terminológico dos dois domínios em língua portuguesa. Como referimos no Capítulo 3, os dois domínios estudados, ou, como prefere Conceição (2005), as duas esferas de atividade, representam duas áreas de grande valor económico, social, cultural e mesmo histórico para a região em que se inserem, sem esquecer a ligação e interdependência com o ambiente natural em que se inserem. Não obstante, ambos têm pouca representação em recursos linguísticos, lexicais e terminológicos, questão já levantada em trabalhos anteriores (Machinho, 2018; Noronha, 2018, 2023; Noronha & Conceição, 2017, 2020a, 2020b). No caso da Aquacultura, o facto do domínio ser objeto de regulação a nível nacional e europeu permitiu a sua representação em recursos terminológicos como o IATE⁴³, onde o domínio é incluído nas Pescas. Porém, estes recursos não são isentos de problemas de conceção (elaboração dos *corpora*, validação), permitindo a disseminação e fossilização de variantes não consensuais em algumas comunidades discursivas, como referem Noronha & Conceição (2020a) :

A maior parte dos recursos terminológicos são elaborados a partir dos bancos de dados de grandes organizações internacionais ou empresas multinacionais e, não poucas vezes, estão pensados para uso interno, no seio da própria organização, adequando-se a um modo discursivo e/ou domínio particular. (pág.14)

⁴³ Interactive Terminology for Europe, Disponível em <https://iate.europa.eu/about> [acedido em 21/01/2024]

Os autores assinalaram ainda a necessidade de ser criado um recurso terminológico que inclua várias tipologias discursivas, de especialistas provenientes das áreas académicas e do mundo empresarial.

A Dieta Mediterrânica representa um desafio diferente, uma vez que foi um domínio constituído ao agregar várias áreas e atividades em torno de um mesmo conceito (Real & Graça, 2020), representando o modo ou estilo de vida dos povos da bacia do Mediterrânico. Enquadrando-se no que autores como Conceição (2005) e Fréjaville (2009) consideram como sendo um domínio compósito, a sua multidisciplinaridade e interdisciplinaridade não facilitou até à data a criação de um recurso terminológico que permitisse registar, fixar e harmonizar a terminologia do domínio. Machinho (2018:68) chama a atenção para as dificuldades em constituir um *corpus* de análise nesta esfera de atividade, tendo apontado para o facto de muitos dos textos disponíveis que encontrou serem materiais essencialmente produzidos em contexto académico, de carácter cultural e pedagógico.

Por outro lado, existe neste domínio toda uma terminologia produzida no seio de comunidades discursivas associadas a atividades e contextos tradicionais, vernaculares, que é descurada mesmo a nível dos programas de salvaguarda da Dieta Mediterrânica, com exceção talvez feita para as parémias (Chacoto, 2014). Consideramos que este património linguístico e terminológico, pouco representado, deveria ser preservado num recurso terminológico e linguístico, através de um trabalho colaborativo que envolva todos os intervenientes relevantes, desde académicos a artesãos, passando pelos mediadores culturais, numa abordagem holística e ecolinguística. É na sequência destas constatações que a nossa tese se enquadra ao propor uma abordagem a um domínio como a Dieta Mediterrânica que permita a constituição de um *corpus* de análise terminológico, representativo da diversidade discursiva do domínio, e que possibilite futuros trabalhos terminológicos, quer na Dieta Mediterrânica quer em Aquacultura.

A constituição de ferramentas linguísticas, como *corpora* e *RTLs*, permitem mecanismos de extração e análise terminológica eficientes, em particular no caso do desenvolvimento de terminologias multilíngues. Na perspectiva de Daille (2017:187), *in order to build a terminology of a specialised domain from scratch, the two main evaluation directions are the human evaluation and the reference list*. Daille refere-se assim à elaboração de um recurso de análise de *corpora* especializados, *Reference List of Terms* (RTL), do qual não dispúnhamos para a análise dos domínios em estudo. Apesar do nosso objetivo estar focado nas questões de variação terminológica, o nosso trabalho permitiu elaborar uma terminologia preliminar dos domínios que inclui as formas denominativas resultantes das duas primeiras triagens efetuadas antes da seleção de variantes. Do processo de extração efetuado resultaram dois conjuntos de candidatos a termos (formas denominativas) organizados por contexto comunicativo e período (Anexo 1). De notar que estes conjuntos foram obtidos antes da análise da variação e incluem todas as formas denominativas, com variantes ou não, que classificámos como potenciais candidatos a termo, incluindo formas raras (*hapax*).

Porém, a aplicação de *corpora* textuais não se limita às atividades de mediação comunicativa ou linguística. No âmbito do ensino e da aprendizagem de línguas, a utilização destes recursos pode efetivamente contribuir para uma aprendizagem mais dinâmica e próxima do uso real das línguas, principalmente se forem utilizados de uma forma interativa e colaborativa, como refere Deschamps (2023):

Une consultation et une analyse systématique des données fournies par les corpus textuels – déjà disponibles ou construits par les étudiants eux-mêmes – permettent d’enrichir considérablement l’information terminologique et discursive de ces glossaires, tout en renforçant le développement des compétences lexicales, sémantiques et discursives dans l’effort de description des termes sélectionnés. (pág.15)

O recurso a estes tipos de ferramentas permite estabelecer uma base metodológica para análise de *corpora*, facilitando a extração

terminológica. Os *corpora* constituídos têm, a nosso ver, potencial para serem melhorados e constituírem-se como *corpora* terminológicos de referência, em substituição dos *corpora* de língua geral, não especializados, utilizados pelos programas de análise, além da sua aplicação no âmbito do desenvolvimento de terminologias multilíngues. Podem ainda permitir, doravante, nestes domínios, estabelecer um ponto de partida no desenvolvimento de um recurso terminológico, contribuindo para a salvaguarda da terminologia produzida em língua portuguesa da Dieta Mediterrânica e em Aquacultura.

5.2. Variação diacrónica

Como referimos no Capítulo 2, a evolução do conhecimento de um domínio reflete-se na sua terminologia e nos neologismos gerados para acomodar a comunicação dos novos conceitos, mas também na forma como os termos circulam e se alteram pelo uso. O estudo da terminologia em diacronia permite essa análise, mas também aferir tendências de uso, desuso e desaparecimento (necrologia) dos termos. Sabemos que o dinamismo terminológico dos domínios, no que se refere à criação e desaparecimento de termos não é igual para todos e, pela análise que efetuámos que, dentro do mesmo domínio podem existir diferenças, originadas na comunidade discursiva, ou contexto comunicativo, que está a ser examinada. Muitos domínios, nomeadamente nas áreas tecnológicas, apresentam um dinamismo elevado, resultado de uma evolução acelerada do conhecimento e de ciclos de inovação curtos. Foi precisamente, com base numa área tecnológica, a ótica espacial, que Dury e Picton (Dury & Picton, 2009; Picton, 2009, 2014) propuseram um modelo de categorização da variação diacrónica de curto prazo, o qual inicialmente tinha como base um período de oito a dez anos. Posteriormente, Picton et al. (2020:101) sugeriram o alargamento da chamada diacronia curta para um período de vinte a trinta anos. Já Curti-

Contessoto (2022) discute precisamente este ponto de vista de classificação da diacronia como curta ou longa, postulando que:

(...) não há, ao certo, uma quantidade de anos que faça com que determinado estudo seja inserido no âmbito de uma ou de outra. O que se tem é que, em geral, pesquisas, cujo corpus abarca uma janela temporal inferior a vinte anos, sejam relacionadas à diacronia curta, enquanto investigações terminológicas, que se debrucem sobre um corpus de espaço temporal maior do que essa quantia, sejam de diacronia longa. (pág.116)

No Capítulo 2, questionámos igualmente se, em caso de domínios de cariz menos tecnológicos ou mais ligados a atividades tradicionais, vernaculares, um prazo de dez anos como inicialmente proposto (e mesmo de vinte a trinta anos) poderia ser suficiente para permitir uma análise diacrónica relevante do dinamismo do domínio. O estudo realizado permitiu-nos analisar este ponto: se um conceito como diacronia curta se pode aplicar a todos os domínios. Os resultados que obtivemos, principalmente em Dieta Mediterrânica, fazem-nos precisamente duvidar se um mesmo domínio pode ser analisado numa ótica de diacronia curta como um todo, como um conjunto homogéneo, tendo em conta as diferenças existentes a nível das comunidades discursivas, como discutiremos a seguir.

5.2.1. Variação diacrónica e dinamismo dos domínios

O período temporal estabelecido para a recolha de materiais dos *corpora* (dez anos para o *corpus* da Aquacultura e dezoito para a Dieta Mediterrânica) não foi casual. Foi tomada durante a fase de levantamento dos domínios, durante a qual estabelecemos os contextos comunicativos e delimitamos as áreas de estudo. Inicialmente tínhamos previsto o mesmo período de dez anos em ambos os *corpora*. Porém, como referimos no Capítulo 4, no caso da Dieta Mediterrânica, e devido ao processo de candidatura a Património Cultural Imaterial da UNESCO, decidimos alargar o período temporal para podermos aferir o que poderia ter mudado na terminologia do domínio antes e depois da data do

relançamento (2010) e da inscrição (2013) de Portugal na lista representativa desta organização. Ainda assim, ambos os períodos caem dentro do que Picton et al. (2020) classificariam como diacronia curta.

Em Dieta Mediterrânica, a inscrição de Portugal na lista de comunidades representativas desencadeou uma onda de interesse sobre o domínio, com surgimento de várias obras de investigação e projetos a nível académico e a nível de projetos de desenvolvimento local. Deste modo, os materiais textuais mais antigos do *corpus* DM-2023-PT que fazem referência explícita à Dieta Mediterrânica datam de 2008. Anteriormente, o documento mais significativo que encontrámos foi, sem dúvida, o conhecido trabalho de Orlando Ribeiro *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*⁴⁴, cuja primeira publicação data de 1945. Nesta obra, o autor faz uma análise geográfica e social muito detalhada sobre o estilo de vida das populações portuguesas dessa época, relacionando-o com os fatores ambientais e naturais em que se inserem, sem, contudo, se referir explicitamente a uma *dieta mediterrânica*. Devido à data da primeira publicação, não o incluímos no *corpus*, pelo que o utilizámos apenas a título consultivo.

No caso da Aquacultura (*corpus* Aqua-2023-PT), e como analisámos durante o estudo prévio, estamos também perante um domínio multidisciplinar e interdisciplinar, mas mais bem delimitado. É um domínio mais técnico, que assiste a um grande desenvolvimento tecnológico, acompanhado por transformações assinaláveis no que se refere à transferência de conhecimento do mundo da investigação para o mundo empresarial⁴⁵. Essa transformação é visível no tecido empresarial com o surgimento de novos atores com fortes ligações ao mundo académico, novas formas de produção e também novas exigências a nível

⁴⁴ A 2^a edição publicada pela Letra Livre data de 2021; a primeira publicação deste trabalho é de 1945, tendo tido sucessivas reedições feitas por diferentes editoras.

⁴⁵ Aquicultura. DGRM. Disponível em <https://www.dgrm.pt/aquicultura> [acedido a 22/01/2024]

ambiental e social⁴⁶. Tudo isto se traduz, em termos diacrónicos num domínio com ciclos de inovação mais curtos e, logo, mais dinâmico ao nível da terminologia utilizada na comunicação e partilha de conhecimento. No entanto, não temos neste domínio um evento que estabeleça uma fronteira temporal, uma espécie de um “antes e depois”. Assim, por ser, à partida um domínio mais dinâmico, demos preferência a um período temporal menor na escolha de materiais para o *corpus*.

Analizando o *corpus* da Dieta Mediterrânica (DM-2023-PT) ao longo dos quatro períodos estudados (2005 a 2023) e em relação aos candidatos a termo com maior frequência, verificamos que a dinâmica do domínio não é uniforme, ou seja, que dois tipos de situações ocorrem em simultâneo. Por um lado, encontramos termos (e candidatos a termo) que apresentam estabilidade (*alimar, azeitona britada, britar, empreita de palma, pão, vinho*) mas outro conjunto, pelo contrário, apresenta um comportamento instável a nível denominativo que corresponde à tipologia de neologismo descrita por Picton (2017). São exemplos: *dieta mediterrânica* (e variantes *Dieta Mediterrânica* e *DM*), *estilo de vida* (variante *modo de vida*), *padrão alimentar* (variante *modelo alimentar*), *trilogia* (variantes *trilogia mediterrânica, trilogia da dieta mediterrânica*).

Como referimos no Capítulo 4, nos quatro períodos estudados formas como *azeite, pão, vinho, dieta mediterrânica* (e variantes *Dieta Mediterrânica* e *DM*), *estilo de vida* (variante *modo de vida*), *padrão alimentar* (variante *modelo alimentar*), *património cultural, salvaguarda* foram recorrentemente utilizadas. Algumas formas denominativas correspondem aos chamados termos descritores da UNESCO, enquanto outras (*pão, azeite, vinho*) correspondem a conceitos considerados como pilares da Dieta Mediterrânica (Covas et al., 2015; Real, 2019; Delgado et al., 2022). Das formas denominativas mais frequentes, quinze ocorrem

⁴⁶ Sobre a Aquacultura. Associação Aquacultores de Portugal. Disponível em <https://aquacultores.pt/> [acedido a 09/02/2024]

em pelo menos três dos quatro períodos analisados (Tabela 63), apresentando variantes denominativas.

candidato de reagrupamento	forma denominativa	2005-09	2010-14	2015-19	2020-23
alfarroba	alfarroba	6	0	19	14
azeite	azeite	109	27	226	156
barrocal	barrocal	10	3	17	18
dieta mediterrânica*	dieta mediterrânica (=dieta mediterrânica)	0	51	50	18
	Dieta Mediterrânica (=dieta mediterrânica)	23	34	440	452
	DM (=dieta mediterrânica)	0	20	46	13
erva aromática	erva aromática	9	3	66	19
padrão alimentar*	padrão alimentar (=padrão alimentar mediterrânico)	16	11	62	11
	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	21	0	31	0
pão	pão	44	57	234	70
património cultural	património cultural	0	15	37	28
produto hortícola	produto hortícola	9	10	31	14
salvaguarda	salvaguarda	0	4	41	49
trilogia	trilogia	4	7	43	0
vinho	vinho	48	32	12	65

Tabela 63 - Corpus DM-2023-PT – Formas denominativas mais frequentes; variantes representadas para *dieta mediterrânica** e *padrão alimentar**

Se, conforme afirma Picton (2014:165), a coexistência de variantes de um termo num mesmo período é um indício da presença de neologismos, verificamos que só no grupo de formas denominativas mais frequentes surgem várias variantes. Em Dieta Mediterrânica, assinalámos:

- *dieta mediterrânica, Dieta Mediterrânica, DM;*
- *padrão alimentar, padrão alimentar, modelo alimentar, PAM (padrão alimentar mediterrânico),*
- *modo de vida e estilo de vida;*
- *trilogia, trilogia da dieta mediterrânica, trilogia mediterrânica;*

Como referimos em 4.8, o próprio conceito de *DIETA MEDITERRÂNICA* sofreu alterações diacrónicas. A mudança conceptual teve origem na comunidade académica e surgiu pela necessidade de designar um novo conceito, o *PADRÃO ALIMENTAR MEDITERRÂNICO* (*padrão alimentar mediterrânico*, ou PAM). Este conceito é mais restrito e refere-se apenas às características alimentares e nutricionais do *estilo/modo de vida* dos povos da bacia do Mediterrânico. O termo *padrão alimentar mediterrânico* (e variantes) mostra existir uma relação semântica de hiperonímia e hiponímia que atesta a relação conceptual partitiva (parte de) com *dieta mediterrânica*. Esta alteração é ilustrada no excerto seguinte:

Será importante referir que a aplicação destes índices com o intuito de avaliar a adesão à *Dieta Mediterrânica* passa uma ideia errada do conceito, na medida em que a grande generalidade destas ferramentas avalia apenas componentes alimentares e nutricionais da *Dieta Mediterrânica*. (...)

Seria, assim, mais sensato ou aproximado da realidade, estes índices serem apresentados como ferramentas que avaliem o *padrão alimentar mediterrânico* e não a *Dieta Mediterrânica*, sempre que incluam apenas componentes alimentares/nutricionais.

Corpus DM-2023-PT: Real (2019)

Atestamos igualmente a existência de diversidade denominativa nos outros termos descritores (*estilo/modo de vida, salvaguarda do património alimentar mediterrânico/ salvaguarda da dieta mediterrânica, trilogia da dieta mediterrânica*), que pode ser explicada, em grande medida pela entrada recente destes conceitos no domínio. No entanto, temos um outro grupo de candidatos a termo (*azeite, pão, vinho, época, barrocal, erva aromática, alfarroba, etc.*), principalmente forma simples, muito consolidados e estáveis diacronicamente. Como veremos a seguir, esta estabilidade denominativa pode revelar esconder um outro uso do termos devido a um uso diferentes e a uma nova perspetiva sobre os conceitos.

No *corpus* de Aquacultura, um dos aspetos a referir é a proliferação de formas denominativas, só surgindo três candidatos comuns a todos os períodos no grupo dos candidatos a termo mais frequentes: *água*, *aquacultura/aquicultura* e *larva*. Picton (2014) refere que alterações nos interesses do domínio, no foco, se manifestam no aparecimento e/ou desaparecimento tópicos e não na alteração de termos. De facto, neste domínio alguns dos casos (*offshore*, *jaula*, *alteração climática*, *pH*) que assinalámos no grupo das maiores frequências, já haviam sido encontrados em frequências menores noutros períodos, não sendo exatamente novidades no *corpus*. O que muda, sim, é o aumento de interesse sobre um determinado tema, resultando numa maior produção discursiva com reflexos na terminologia. Podemos referir vários casos que denotam essa mudança de foco, nomeadamente em relação a termos da área ordem legal e administrativa (*recurso hídrico*, *produção aquícola*, *decreto-lei*, *área de produção aquícola*), ou ambiental (*bem-estar*, *alterações climáticas*). Os possíveis neologismos e variantes surgem principalmente relacionados com métodos e formas de produção, o que pode, novamente, ser explicado pelo interesse no desenvolvimento tecnológico nesta área. É o caso de *gaiola/jaula* (um tipo de *estruturas flutuantes*), *mar aberto / offshore* e outras formas derivadas por expansão lexical: *triploide* (*triploide*, *ostra triploide*, *ameijoas triploide*, *organismo triploide*); *mar aberto / offshore* (*aquacultura offshore/ em mar aberto* e *aquicultura em mar aberto*); *multitrófica* (*aquacultura multitrófica*, *aquicultura multitrófica*, *IMTA*); *recirculação* (*sistemas de recirculação de água*, *aquacultura com recirculação de água*, *RAS*). Estes casos representam novas formas de produção que requerem não apenas investigação científica e tecnológica, mas também, articulação com o meio empresarial. Espelham, em nossa opinião, a tendência neste domínio para ciclos mais curtos de inovação do conhecimento e de um maior dinamismo terminológico.

Porém, em Aquacultura os dois casos mais evidentes de variantes denominativas que ocorrem em simultâneo no mesmo período e que

poderiam indicar a presença de um neologismo (Picton, 2014), levantam-nos dúvidas quanto ao estabelecimento deste critério. Um desses casos é o de *bivalve* / *molusco bivalve* e o outro, *aquacultura/aquicultura*. Em ambos, a coexistência das variantes não se traduz necessariamente por um neologismo se considerarmos a perspetiva diacrónica de curto prazo (vinte e até mesmo trinta anos). No primeiro caso (*bivalve* / *molusco bivalve*) trata-se de um processo de formação de uma variante por redução em que *bivalve* é utilizado em vez do grupo nominal *molusco bivalve* (N_A). No caso de *aquacultura/aquicultura*, como apurámos junto dos especialistas, trata-se efetivamente de uma querela antiga que remonta ao final dos anos 80 e início dos anos 90. Existe, inclusivamente, uma referência a esta questão no site Ciberdúvidas⁴⁷ com um verbete datado de 2001. A implantação de *aquicultura* está assim relacionada com a procura por uma normalização do termo a nível de organismos do Estado e das Instituições Europeias. Como mostrámos, a variante *aquacultura* é a mais utilizada nos outros contextos comunicativos (ACAD e PRO), apontando para a importância de incluir informação sobre o uso das variantes numa base de dados terminológica. Ao olhar para os contextos comunicativos, percebemos que a presença de ambas as variantes no mesmo período não ocorre necessariamente por questões de inovação e neologia, mas sim por uma cristalização das variantes a nível de um dado contexto comunicativo, ou como referem Noronha e Conceição (2020) por uma fossilização da forma denominativa no discurso.

5.2.2. Articulação da diacronia com a análise diastrática

As relações existentes entre as diferentes comunidades discursivas (academia, tecido empresarial, mediadores, artesãos) alteram a forma como o conhecimento flui nestes domínios. Por um lado, temos a

⁴⁷ *Aquacultura* e *aquicultura*. Ciberdúvidas. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/aquicultura-e-aquacultura/8101#> [acedido em 20-10-2023]

Aquacultura, com ciclos de inovação mais curtos, em que existe uma relação muito próxima entre a investigação científica e o tecido empresarial, muito renovado, Trata-se de um domínio mais dinâmico em termos diacrónicos e em aparente crescimento terminológico, demonstrado pela elevada granularidade terminológica. De notar que o *corpus* Aqua-2023-PT, apesar de uma menor dimensão (cerca de 208 179 palavras), permitiu a extração de um número de formas três vezes superior ao *corpus* DM-2023-PT: 1613 em Aquacultura contra 562 no *corpus* da Dieta Mediterrânica. A Dieta Mediterrânica, por seu turno, é um domínio que em termos diacrónicos apresenta duas facetas distintas. Por um lado, apresenta inovação e dinamismo em relação aos novos termos criados para denominar conceito novos. Por outro, sendo o contexto comunicativo mais tradicional (TRAD) o próprio objeto de estudo leva a que os termos mais ligados a estas atividades vernaculares sejam utilizados de forma transversal por todos os contextos, mesmo pelos mais inovadores no domínio (ACAD e PRO). As formas partilhadas apresentam estabilidade denominativa (*alimar, britar, pão, vinho*), mas com possíveis diferenças na ativação conceptual devido ao fator diastrático. O que pode parecer uma contradição, ou seja, um perfil terminológico com muitas semelhanças nos períodos estudados, encontra explicação nas diferenças a nível diastrático entre os contextos comunicativos, como veremos a seguir.

Na realidade, a Dieta Mediterrânica inclui muitas esferas de atividade tradicionais e o seu estudo só ganhou maior expressão imediatamente antes e após a candidatura da UNESCO. Trata-se, pois, de um domínio que, apesar do seu objeto de estudo ter um caráter tradicional e vernacular, é relativamente novo na forma como determinadas comunidades discursivas discutem e refletem sobre o próprio domínio. Este aspeto sobressai na análise diastrática dos contextos comunicativos ACAD e PRO, responsáveis pela maior produção discursiva e também por uma maior inovação terminológica no domínio. Nestes dois contextos surgem termos (e em frequências elevadas) que

esperaríamos encontrar tipicamente em TRAD (*almeixar/almanxar, xarém/xerém, britar, azeitona britada*) e que são trazidos para o discurso e disseminados por outras comunidades de especialistas. Este aspeto foi verificado pelo acréscimo ao *subcorpus* TRAD de um grande volume de recolhas que permitiu integrar neste contexto comunicativo um maior conjunto de candidatos a termo, ligados às atividades tradicionais, recolhidos diretamente e não por via dos outros dois contextos. Tal ocorreu no período 2015-19, mas principalmente no último período, 2020-23.

Por seu turno, em Aquacultura, outros dois casos representam casos de mudança de foco com implantação de variante. O primeiro é *mar aberto* e a variante *offshore* (e respetivas formas derivadas por expansão lexical). Apesar de *mar aberto* estar representado desde o primeiro período analisado, a análise diacrónica mostra que o uso do estrangeirismo está mais implantado, principalmente por via do contexto comunicativo ACAD, mas também PRO.

O outro caso é representado pelas variantes *pós-larva* e *semente*, com forte implantação da variante *semente* no último período, uma variante denominativa formada por associação metafórica e originada no contexto comunicativo PRO, por influência das comunidades de viveiristas-mariscadores. O contexto de uso de *semente* está exemplificado nos trechos seguintes:

A falta de matéria-prima para poder trabalhar sem problemas, ou seja, falta-me sementes de ostra para conseguir potenciar todo o investimento que tenho feito e a área que tenho disponível.

Corpus Aqua-2023-PT: Associação Portuguesa de Aquacultores (2014)

Importância comercial. A aquacultura de bivalves, de um modo geral, é um processo que começa com uma pequena semente e cujo objetivo é fazê-la crescer até um tamanho comercialmente aceitável.

Corpus Aqua-2023-PT: Azeredo et al (2018)

Atualmente, *semente* é uma variante implantada e favorecida em relação à variante *pós-larva / juvenil*, de origem em contexto acadêmico, muito por causa do recente incremento e desenvolvimento da produção de ostra na região do Algarve. Representa um caso que em Dieta Mediterrânica ocorre frequentemente: a transferência de uma variante denominativa originada em contextos não académicos para contextos académicos e legislativos.

Estes casos dizem-nos que o estabelecimento de período para definir diacronia de curto e longo prazo é uma questão relativa e não pode apenas depender do fator tempo. A articulação do estudo diacrónico e diastrático foi prevista por Picton et al (2020) ao referir que:

L'approche de linguistique outillée repose en premier lieu sur la constitution de corpus, et en particulier dans cet article de corpus «multi-comparables». Dans le cas de la déterminologisation cette «multi-comparabilité» se traduit par un double découpage des données, correspondant aux dimensions diachronique et diastratique, caractéristiques du phénomène. (pág.104)

Por conseguinte, o curto prazo tem de ser determinado pelas características do domínio em si, não por um prazo fixo, o que nos faz questionar se não se tornará irrelevante definir um prazo para a diacronia curta sem avaliar primeiro o domínio como um todo. Por outras palavras, e numa perspetiva ecolinguística, os vários fatores que podem afetar a terminologia do domínio devem ser ponderados e as relações discursivas que as diferentes comunidades mantêm entre si devem ser avaliadas e analisadas por forma a determinar período de análise diacrónica. O que pode representar neologia num caso, pode ter sido originado num novo uso do termo por um determinado grupo, por fatores extralinguísticos, nomeadamente pelas características dos utilizadores, ou por questões de políticas de língua e comunicação, não constituindo necessariamente um neologismo. Por conseguinte, a análise diacrónica deve ser feita tendo em consideração, além de outros possíveis fatores, o fator diastrático, os especialistas que produzem o discurso e os contextos comunicativos em que a forma denominativa está a ser utilizada.

5.3. Variação diastrática

Como referimos no enquadramento teórico (Capítulo 2) a variação diastrática não se limita a processos de vulgarização (Delavigne, 2003, 2017) ou de desterminologização, mas pode existir uma real clivagem terminológica entre comunidades discursivas e até dentro delas. Esta diferença pode ocorrer por mudanças diacrónicas no conhecimento do domínio, ou por diferenças na conceptualização e na denominação favorecida pela comunidade para designar o conceito. Podemos ter, num domínio, comunidades de intervenientes que por regra não são considerados especialistas uma vez que o seu discurso não apresenta as características que, como discutimos no Capítulo 2 (2.4), o permitam considerar como especializado pela terminologia.

Na sequência da análise diacrónica, pudemos aferir que os fenómenos de variação diacrónica não podem ser explicados *per se*, isoladamente, sem ter em consideração fatores como as diferenças socioletais, diastráticas. Assim, a análise diastrática foi fundamental para procurar explicar muitos dos fenómenos encontrados, para responder às perguntas de investigação e para levantar outras. As análises efetuadas revelaram uma panorâmica bastante diversa, no que toca a casos de variação de cariz diastrático, nem todos com expressão na denominação dos termos. Desta forma, organizámos esses casos da forma, que passaremos seguidamente a discutir:

- 1) Variação diastrática denominativa
- 2) Ativação diastrática de traços conceptuais
- 3) Variação diastrática contextual
- 4) Transferência de termos entre comunidades discursivas

5.3.1. Variação diastrática denominativa

Quer na Dieta Mediterrânica quer em Aquacultura, e principalmente dentro nos *subcorpora* ACAD, LEG e PRO encontrámos, principalmente a nível dos termos múltiplos, um grande número de formas variantes denominativas dentro do mesmo contexto comunicativo. Em Dieta Mediterrânica, o *subcorpus* TRAD apresentou-se mais estável, o que podemos relacionar com as suas características discursivas. Estas comunidades, de carácter mais tradicional, constituídas principalmente por artesãos, apresentam ciclos longos de inovação, como pudemos ver na análise diacrónica. O conhecimento produzido traduz-se numa terminologia enraizada e transmitida geracionalmente nas populações que o compõem. Isso resulta em menos variação denominativa e numa predominância de formas simples (*matança, ervas, da época, papas, xarém, oficina*) em oposição às formas múltiplas (*matança do porco, ritual festivo da matança, produto da época, produto sazonal, papas de milho*). Alguns estrangeirismos surgem principalmente por via dos contextos comunicativos ACAD e PRO. Como exemplos, surge *workshop*, muito recorrente no domínio em virtude dos eventos de formação destinado a promover os *saberes-fazer* tradicionais. Já em TRAD, encontrámos *oficina*. Em Aquacultura, surgem várias variantes denominativas dentro de todos os contextos comunicativos, apesar de o domínio apresentar menos termos em comum entre os diferentes grupos.

Em Dieta Mediterrânica, ao continuarmos a análise denominativa por contexto comunicativo, e como apresentámos em 4.9.1., podemos confirmar a tendência para uma maior homogeneização das variantes denominativas entre os diferentes contextos. Dito por outras palavras, quando a variação denominativa surge, surge mais frequentemente dentro do próprio contexto comunicativo e, não entre comunidades distintas. Esta observação causou-nos alguma estranheza, porque em Aquacultura detetámos mais ocorrências de variantes denominativas, nomeadamente em termos compostos, com carácter diastrático, como nos exemplos assinalados no Capítulo 4, nas tabelas 54 e 55.

Voltamos a olhar para as diferenças a nível de variação denominativa diastrática entre os dois domínios. O domínio Aquacultura é sem dúvida o que apresenta maior densidade terminológica, o que está expresso na proporção entre o tamanho do *corpus* e os termos que foram extraídos. Este domínio, apesar de considerado como multidisciplinar e interdisciplinar, está, em nossa opinião, mais bem delimitado, não apenas a nível das áreas disciplinares, mas também a nível das comunidades de interveniente e dos contextos comunicativos que o constituem. As áreas ligadas à investigação constituem um dos seus fatores de desenvolvimento. A produção científica neste domínio, em Portugal pelo menos desde os anos 80 do século passado, tem ganho um peso significativo (Dinis & Rocha, 2021). Por outro lado, a regulação a que o domínio é sujeito expressa-se no discurso das entidades da administração pública e reguladoras nacionais e internacionais. O *subcorpus* LEG, formado pelos discursos deste contexto comunicativo, caracteriza-se assim por um registo muito próprio com algumas variantes denominativas marcadas pelo fator diastrático, como exemplificaremos de seguida.

O caso da dicotomia entre *aquacultura* e *aquicultura* é sem dúvida o caso mais produtivo e afetado pela natureza dos especialistas utilizadores. O debate entre *aquacultura* e *aquicultura* não é recente tendo sido já discutido em trabalhos anteriores (Noronha & Conceição, 2017; Noronha, 2018). No entanto, estes trabalhos citados focavam-se principalmente nas divergências terminológicas entre o discurso académico e a terminologia publicada e disseminada pelos grandes recursos linguísticos produzidos por instituições e consórcios internacionais. Já no presente trabalho, utilizámos um *corpus* para analisar as diferenças entre diferentes contextos comunicativos e procurar perceber quem utiliza as variantes. De facto, a diferença existe e está marcada diastraticamente, demonstrando o *subcorpus* LEG uma preferência por *aquicultura*, e remetendo *aquacultura* para os subcorpora ACAD e PRO. A diferença afeta todas as formas produzidas

quer por extensão lexical (*aquacultura marinha* e *aquicultura marinha*, *aquacultura de água doce* e *aquicultura de água doce*) quer por derivação (*aquacultor/aquicultor*).

Este e outros casos já anteriormente apresentados mostram um maior paralelismo entre ACAD e PRO e a influência do primeiro contexto comunicativo e da sua comunidade de especialistas sobre o segundo. De facto, existe uma ligação de proximidade entre o mundo académico e o profissional e empresarial, em que muitos dos intervenientes do contexto comunicativo PRO emergiram do primeiro, e que explica a relativa sintonia entre ambos.

Porém, em alguns casos tal não se verifica, como, por exemplo, *mar aberto* e *offshore*. Vimos que, diacronicamente a variante *offshore* aparece implantada no último período (2020-2023) e na análise diastrática observamos que a variante surge principalmente por influência de ACAD. Ao pesquisarmos a razão pela preferência pelos estrangeirismos, não podemos deixar de sublinhar a influência do inglês sobre o meio académico, tendencialmente hegemónico em ambientes universitários e laboratórios de investigação. Por seu turno, o *subcorpus* LEG é representado por especialistas profissionais das áreas administrativas e legislativas que recorrem a um discurso com estilos e estruturas comunicativas muito típicas e formais (Peruzzo, 2012, 2017). A seleção da terminologia é determinada por uma preocupação com a normalização e políticas de língua e comunicação, recorrendo a bases de dados próprias, mas não deixando por isso de influenciar a terminologia do domínio. No outro domínio estudado, a Dieta Mediterrânica, que definimos como um domínio compósito (interdisciplinar, multidisciplinar e transversal), é simultaneamente uma esfera de atividade cuja delimitação ainda está em curso. Não é uma atividade regulada em que se façam escolhas determinadas por políticas de língua. O domínio apresenta, dentro de alguns dos contextos comunicativos (ACAD e PRO) uma maior variedade denominativa do que entre os diferentes contextos,

como exemplifica o excerto seguinte com o uso de *erva aromática* e *planta aromática*:

As definições de ***plantas aromáticas*** e ***especiarias*** são várias, dependendo dos autores, mas, genericamente, é aceite que o termo "***plantas aromáticas***" corresponde à utilização da parte herbácea no estado fresco ou seco e o termo "***especiaria***" corresponde a produtos aromáticos sem clorofila.

O termo "***condimento***" é utilizado para preparações elaboradas a partir de uma mistura de ***especiarias***, ***ervas aromáticas*** e outros ingredientes.

Corpus DM-2023-PT: Carvalho (2018)

Como vimos, a variação tem principalmente origem nos contextos comunicativos académicos, com disseminação de formas denominativas criadas para denominar novos conceitos, em particular os termos descritores da Dieta Mediterrânica. Estas novas formas denominativas circulam entre a academia, os mediadores discursivos e as atividades profissionais emergentes, mas parecem não influenciar de forma notória os contextos tradicionais. No entanto, a variedade e instabilidade denominativa pode não representar necessariamente uma menor harmonização, mas sim, uma consequência das reformulações feitas pelos especialistas. O excerto seguinte exemplifica essa reformulação, nomeadamente no uso dos acrónimos e siglas:

Este autor foi o primeiro a estabelecer o papel do ***padrão alimentar mediterrânico (PAM)*** na diminuição da mortalidade por doença coronária. (...) Existem diversos estudos que associam a adoção do ***PAM*** à diminuição da incidência de doenças cardiovasculares e de determinados tipos de cancro, diminuindo consequentemente a mortalidade.

Corpus DM-2023-PT: Oliveira (2017)

O caso da variação diastrática na Dieta Mediterrânica mostra que menor variação denominativa entre diferentes contextos comunicativos não significa necessariamente que não exista um efeito dos fatores de ordem diastráticos sobre a terminologia do domínio. Foi o que

verificámos no contexto comunicativo TRAD. Aqui, além de um maior número de formas simples, chamou-nos a atenção por serem formas denominativas muito estáveis e que também ocorriam nos outros contextos comunicativos, por exemplo, (*alfarroba, azeite, britar, barrocal, pão, vinho*). O que acontece neste domínio frequentemente são casos que nem sempre se traduzem em variantes denominativas, mas sim em diferentes ativações conceptuais (5.3.2) e na transferência de termos entre as diferentes comunidades discursivas (5.3.4), o que afeta e altera não só o fluxo do dinamismo terminológico do domínio, mas também a forma como encaramos o próprio conceito de especialista, a forma como analisamos o discurso de um domínio e a variação terminológica, como aliás refere Picton & Dury (2017):

Diastatic variation in language for specific purposes cannot be limited to the analysis of differences in discourse between specialists and non-experts, and is not reflected in the standard definitions available for the general language which limit it to differences in discursive uses according to social class. It also reveals the presence of distinct terminological strata based on these different levels of expertise, terminological strata with labile boundaries based on a foundation of shared terms and uses, but also characterized by specific discursive approaches and uses of terminology. (Pág.76)

Damos agora resposta à nossa segunda pergunta de investigação, que se reportava à forma como pode o estudo da variação terminológica ser integrado pela terminologia para contribuir, não só para uma maior fiabilidade dos dados terminológicos, mas também para fornecer às atividades de mediação comunicativa uma opção informada sobre os usos dessas variantes. Em primeiro lugar, a variação denominativa existe por fatores muito distintos, e, como demonstrados pelos nossos dados, por fatores de origem diacrónica e também diastráticos. Porém, os recursos terminológicos consagrados pelas grandes bases de dados e de conhecimentos terminológicos são, por norma, estruturados com finalidades normalizadoras e mesmo prescritivas. Estes recursos não deveriam ser apenas prescritivos, principalmente quando estamos perante domínios, como os estudados, em que se cruzam diferentes tipologias discursivas, os diferentes estratos de especialista a que Picton

se refere e que correspondem aos nossos contextos comunicativos. Estes contextos comunicativos, como vimos, usam, partilham e alteram a terminologia do domínio de formas diferentes. A variação resultante não pode, pois, ser simplesmente harmonizada tendo em conta apenas um desses contextos: essa informação deveria fazer parte de um recurso terminológico em que o uso das variantes, ou a forma como o termo é utilizado, fosse devidamente enquadrado, como discutiremos em 5.3.2. Tal permitirá não apenas fornecer aos utilizadores uma opção informada, mas, acima de tudo, preservar o conhecimento do domínio expresso pela terminologia.

5.3.2. Ativação diastrática de traços conceptuais

Ambos os domínios apresentaram termos comuns a todos os contextos comunicativos, mostrando que há conceitos que são transversais a cada um deles e partilhados entre todos os intervenientes. Por exemplo, os casos como *azeite*, *pão*, *vinho*, *património cultural* e *salvaguarda*, em Dieta Mediterrânica, e *aquacultura*, *água*, *bivalve*, *jaula*, *ostra*, *peixe*, em Aquacultura. Estes termos, comuns a várias comunidades discursivas, através da análise semântica revelam que os seus utilizadores ativam traços conceptuais distintos, condicionados pela relação que estabelecem entre o conceito e o referente, como outros autores já haviam constatado para outros domínios (Tercedor-Sánchez, 2011; Fernández-Silva, 2013, 2017). Nos casos acima indicados, estamos perante a mesma denominação, mas cada comunidade discursiva, ou grupo de utilizadores, ativa traços conceptuais que correspondem ao uso que fazem do termo. Estas diferentes ativações conceptuais são, segundo (Fernández-Silva, 2013), resultado da perspetiva conceptual que cada utilizador, em comunidades profissionais diferentes dentro da mesma área, tem sobre o termo, ou seja, reflete a multidimensionalidade do termo (L'Homme, 2020). Segundo esta autora, a multidimensionalidade não se restringe às diferentes categorias que podem ser atribuídas em

simultâneo a um conceito, mas também às diferentes conceptualizações, dadas por diferentes perspetivas com origem na área disciplinar:

(...) consider the concept 'tomato'. In biology, it is viewed as a fruit and shares characteristics with other kinds of fruit. In the food industry, 'tomato' is placed on stands next to vegetables and is used in the preparation of sauces and salads. The food industry would probably classify it as a vegetable, a category that is non-existent in biology but that the food industry opposes to fruit. (L'Homme, 2020:88)

Também Fernández-Silva (2013:383), no domínio das Pescas (no qual integra a Aquacultura), interpreta a presença de termos partilhados como uma marca da interdisciplinaridade de algumas áreas disciplinares que compõem o domínio, nomeadamente, a área jurídica, com a contribuição de diferentes disciplinas, e evidenciando a liberdade de circulação dos termos. As formas denominativas são partilhadas, mas não a perspetiva conceptual dos intervenientes em cada contexto comunicativo. Ainda assim, e dentro do mesmo domínio, a autora considera estar-se perante o mesmo termo.

Nos dois domínios estudados, encontrámos casos semelhantes de termos cuja forma denominativa se apresenta estável, mas cuja ativação conceptual está dependente do contexto comunicativo. A multidimensionalidade revela-se ao procedemos a uma análise léxico-semântica que revela usos e aproximações diferentes ao termo. Na Dieta Mediterrânica, o caso do *azeite* foi referido no trabalho de Machinho (2018) que compreendeu que duas áreas diferentes, Cultura e Nutrição, englobadas na Dieta Mediterrânica, apresentavam diferentes ativações do conceito. Verificámos este e outros casos nos nossos *corpora*, resultados que apresentámos no Capítulo 4. Os exemplos de *azeite*, *pão* e *vinho* (Dieta Mediterrânica) e de *água*, *bivalve* e *ostra* (Aquacultura) apoiam a observação de Machinho e ligam as diferentes conceptualizações, não apenas a áreas temáticas, mas a contextos comunicativos específicos. Ou seja, as diferentes perspetivas conceptuais podem apresentar uma origem diatrática, revelando relações distintas entre o termo e o utilizador, à semelhança do observado por Fernández-Silva (2013:380),

na área da Pesca. Para tal, a autora propôs duas perspectivas de conceptualização (funcional e percetiva) sobre as denominações que referem conceitos de animais. Verificámos que, nos nossos *corpora* e para o mesmo conceito, essas diferentes perspectivas de conceptualização, expressas pelo campo léxico-semântico, podem ser, pelo menos, de dois tipos, descritivas e operacionais-funcionais, mas não necessariamente coincidentes com os indicadores de Fernández-Silva.

No primeiro caso, na ativação por traços descritivos, incluímos as ocorrências em que o termo é utilizado essencialmente com fins descritivos, informativos, como resultado de um processo de reflexão académica, para transmitir informação complementar, ou meta-informação, de natureza científica, pedagógica ou técnica. O termo pode ser utilizado como um descritor de um elemento cultural, ou um objeto de estudo. Estes usos encontram-se fundamentalmente nos contextos comunicativos ACAD (Dieta Mediterrânica e Aquacultura) e LEG (Aquacultura). No segundo caso, a ativação por traços operativos-funcionais, temos a perspectiva operacional, em que o termo é utilizado essencialmente para relatar ou descrever métodos e processos de utilização, operacionalidade e vivências de ordem prática. O referente é um elemento do quotidiano, algo que possui uma função prática, um produto, uma matéria-prima ou um ingrediente. Este uso é especialmente notório nos contextos TRAD e PRO, na Dieta Mediterrânica, e PRO, em Aquacultura.

Os casos de multidimensionalidade dentro do próprio domínio, como León-Araúz & Reimerink (2014) e L'Homme (2020) admitem, levantam também a questão da representação e da descrição dos termos numa base de dados terminológica:

In this second situation, multidimensionality raises important issues with regard to the description of concepts in terminological resources. Should each perspective to which a concept lends itself be treated in a separate entry or term record? In other words, should all the subtle changes mentioned above about the concept 'sand' be reflected in a terminological resource? (L'Homme, 2020:90)

A questão colocada por L'Homme coincide com a nossa terceira pergunta de investigação: como adaptar as abordagens metodológicas de modo a conseguir obter recursos/terminologias que enquadrem as diferentes tipologias discursivas dos especialistas e/ou intervenientes e as diferentes formas de variação terminológica, respeitando os usos nos respetivos contextos discursivos?

A autora discute as diferentes opções dadas pela literatura, nomeadamente, a dificuldade de registo num recurso terminológico de todas as diferentes conceptualizações e a sugestão de uma abordagem mais formal, que defina o objeto pelo que ele é e não pela sua conceptualização, levantando, no entanto, algumas reservas a um aparente e excessivo formalismo ontológico acrescentando que:

(...) according to the latter approach, terminologists should strive to define a concept according to what it is and not based on the way it is construed. This standpoint is not entirely satisfactory either. A biological characterization of 'tomato' would not allow us to capture its important features in the food industry. So, the difficulty now resides in defining the "essence" of a concept with respect to a given subject field. (L'Homme, 2020:90)

Por conseguinte, somos de opinião, e com base no estudo realizado, que o desenvolvimento de um recurso terminológico em domínios compósitos, multidisciplinares, interdisciplinares e transversais deve passar sempre por um estudo prévio do domínio e por uma abordagem que permita delimitar as áreas de interesse, as comunidades de especialistas, as relações que estabelecem entre si e as tipologias discursivas que poderemos ter de analisar se, o que se pretende, é captar informação terminológica relevante.

Termos como *vinho*, *erva/planta aromática*, ou *alfarroba* não têm de ser necessariamente analisados em todas as suas componentes conceptuais, em todas as áreas do conhecimento em que ocorrem para lá das esferas de atividade do domínio, mas sim dentro dos contextos e esferas de atividade relevantes do próprio domínio, neste caso da Dieta Mediterrânica, ou da Aquacultura. Da mesma forma, em Aquacultura, o conceito *ÁGUA* pode também ser restrito aos seus usos e aplicações como

meio de cultura na produção de pescado para consumo humano e não em todas as ativações possíveis do conceito fora do âmbito do domínio, por exemplo, na indústria química.

A questão da qualidade da informação é relevante para os utilizadores de um recurso terminológico, cuja informação deverá ser estruturada, completa e detalhada. Esta informação, em particular, poderá incluir diferentes perspectivas existentes no domínio sobre o termo, sobre os seus utilizadores e os contextos de utilização. Ter acesso ao termo nas suas diferentes vertentes e o que ele significa para os seus utilizadores constitui, pois, informação importante para um mediador (linguístico, comunicativo ou cultural).

5.3.3. Variação diastrática de contexto

Nos resultados obtidos, como apresentado 4.7, outra situação que notámos foi a presença de candidatos a termo exclusivos de um determinado contexto comunicativo, ou, que ocorriam em frequências muito baixas noutros contextos diferentes. Uma situação semelhante encontra-se descrita por Fernández-Silva (2013) e principalmente por Picton e Dury (2017). Estas autoras analisaram dois *corpora*, um na área da medicina nuclear e outro na área da pedagogia universitária, cada um deles composto, à semelhança dos nossos corpora, por textos provenientes de comunidades de especialistas distintas. Observaram, além da coocorrência de variantes denominativas, a ocorrência predominante de certos termos provenientes de áreas específicas, dentro dos domínios, relacionadas com as comunidades discursivas de cada um dos *subcorpora*. As autoras referem-se à existência de diferentes estratos discursivos, um estrato teórico e outro operacional (Picton & Dury, 2017:76), relacionando as diferenças no discurso dos especialistas como uma escolha informada por uma terminologia em particular ou com diferentes usos e distribuição dos termos dentro da esfera de atividade:

(...) *In this context, the difference between the two types of expert discourse is not due to the choice of terminology as in the field of medicine, but to the different uses and distribution of terms within the field.* (pág.76)

O trabalho citado apoia a observação feita nos nossos dois *corpora*, em que muitos termos terão uma maior utilização e uma maior probabilidade de uso em determinados contextos comunicativos. Desta forma, o fator diastrático determina não apenas as variantes denominativas utilizadas, mas também o conjunto de termos selecionados por cada comunidade discursiva. Podemos assim falar de um fator diastrático que afeta não as formas denominativas, mas sim o conjunto de termos utilizados por um determinado contexto comunicativo. Por exemplo, em Aquacultura, no *subcorpus* LEG, sem surpresas, é notória a presença de termos relacionados com a área administrativa e legislativa: *decreto-lei, regulamento, licenciamento*. No entanto, para além destes termos que podemos considerar característicos de um determinado contexto comunicativo legislativo, ou administrativo, outros termos partilhados pelos outros contextos ocorrem em frequências mais baixas (Figura 41), por exemplo: *produção aquícola, mar aberto* e *recurso hídrico*. Já em Dieta Mediterrânica, como referimos anteriormente (4.7.1), ocorrem casos semelhantes, por exemplo, com os descritores da UNESCO.

Subcorpus LEG

	Term	Frequency	Frequency per million	Score ?	
1	produção aquícola	100	1,657.91	1,600.2	...
2	mar aberto	40	663.16	430.2	...
3	recurso hídrico	94	1,558.43	267.6	...

Subcorpus ACAD

	Term	Frequency	Frequency per million	Score ?	
1	produção aquícola	8	62.65	61.4	...
2	mar aberto	11	86.14	56.4	...
3	recurso hídrico	25	195.77	33.8	...

Subcorpus PRO

	Term	Frequency	Frequency per million	Score ?	
1	mar aberto	5	75.48	49.5	...
2	produção aquícola	3	45.29	44.6	...

Figura 41 - Ocorrências das formas compostas mais frequentes no subcorpus LEG, em relação aos dois subcorpora ACAD e PRO

Da mesma forma que na ativação conceptual (5.3.2), também a nível do conjunto das unidades terminológicas podemos observar que há uma escolha preferencial por categorias diferentes de termos. A escolha dos contextos comunicativos recai, assim, também sobre dois grupos, a que chamaremos, à semelhança do ponto anterior, termos descritores e operacionais. Nos termos descritores encontramos essencialmente termos que descrevem, definem, categorizam (*dieta mediterrânica* e variantes, *salvaguarda*, *padrão alimentar*, *património cultural*, *trilogia da dieta mediterrânica*, *modo de vida* e variantes). O seu uso é resultante

de uma reflexão sobre o domínio, com o fim de o estruturar ou organizar. Por outro lado, temos os termos operacionais e/ou funcionais, que resultam de usos práticos dos referentes: descrevem utilizações e operações, manipulações sobre objetos ou matérias-primas, operações e etapas de processos (*britar, enxofrar, festa, empreita, mercado, época da..., esparto, maio*).

Uma das nossas perguntas de investigação (#1) referia-se à forma como as diferentes comunidades discursivas e a suas características socioculturais influenciam a terminologia, o dinamismo terminológico e a variação de um domínio, principalmente quando estas comunidades possuem características contextuais e tipologias discursivas não incluídas no que é aceite como discurso especializado. Para que a análise terminológica possa então refletir plenamente a terminologia do domínio, onde os diferentes estratos diastráticos podem ser determinantes, a abordagem dos domínios deve ser feita permitindo o registo de diferentes pontos de vista dos diferentes intervenientes. Por conseguinte, o estudo da variação tem de ter em conta que as diferenças na terminologia se podem revelar na forma denominativa, ou no conjunto da terminologia utilizada por cada comunidade discursiva, refletindo uma diferença de origem diastrática. Isto é mais significativo quando estão em causa comunidades discursivas vernaculares, como as analisadas por nós em Dieta Mediterrânica, mas também em Aquacultura, que, sem dúvida, possuem conhecimento de base empírica, mas que raramente são consideradas como especialistas.

5.3.4. Transferência de termos entre contextos comunicativos

Vimos em 4.4, alguns casos em que o mesmo termo pode ser partilhado por diferentes contextos comunicativos, mas que essa partilha pode não ser isenta de efeitos a nível conceptual, nomeadamente, os seus utilizadores podem ter uma diferente relação com o termo e ativar diferentes traços conceptuais. Porém, chamou-nos a atenção um

fenómeno com origem diastrática e nas relações discursivas que os diferentes contextos estabelecem entre si. Apresentámos em 4.7.1, o caso de *almeixar* (var. *almanxar*), na Dieta Mediterrânica. O termo foi originado nas comunidades discursivas vernaculares (TRAD), mas ficou registado, e foi disseminado, pelos investigadores da esfera académica em pelo menos dois documentos do *corpus* DM-2023-PT. Esta transferência entre contextos comunicativos ocorre com outros termos originados no contexto comunicativo TRAD ao longo do *corpus*: *alimar/alimado*, *britar*, *estupeta*, *litão*, *ramo de cheiros*, *xarém*. Em Aquacultura, encontrámos pelo menos dois casos semelhantes, *semente* e *viveiro*, mas originados no contexto comunicativo PRO.

Para percebermos como esta transferência está a ocorrer na Dieta Mediterrânica há que ter presente a forma como os contextos comunicativos se relacionam entre si. TRAD é o objeto de estudo de ACAD e a sua preservação e valorização é um dos objetivos de PRO. No contexto comunicativo ACAD podemos encontrar as comunidades académicas que realizam trabalho da investigação com vista à salvaguarda do património cultural que a Dieta Mediterrânica representa. Já o contexto PRO surge quase como um elo entre os outros dois contextos uma vez que é constituído, não apenas por associações de desenvolvimento local, como por empresas jovens dedicadas a desenvolver e pôr no mercado produtos produzidos com técnicas artesanais, no quadro da definição da Dieta Mediterrânica. Porém, TRAD, apesar de ser o mais pequeno *subcorpus* e com menor representatividade no *corpus*, é um contexto essencial uma vez que é nele que se encontram as comunidades em que foi produzido o conhecimento veiculado agora pela academia. É deste contexto comunicativo que a esmagadora maioria dos termos do domínio derivam. Ou seja, estes *saberes* e *saberes-fazer* é disseminado graças ao trabalho de recolha dos investigadores e mediadores, mas é neste contexto comunicativo que ele tem origem. Isto leva-nos a permitir considerá-los como especialistas, produtores de conhecimento e, de terminologia.

Em Aquacultura, por seu turno, o fluxo comunicativo é distinto: faz-se preferencialmente do mundo acadêmico para o profissional e daí a presença de formas denominativas comuns nestes dois contextos (*multitrófico, offshore, aquacultura* e derivados), com as exceções acima referidas (*semente e viveiro*).

Damos assim resposta à primeira das nossas perguntas de investigação, sobre o papel que as diferentes comunidades discursivas têm na terminologia e no dinamismo terminológico de um domínio, quando estas comunidades possuem características contextuais e tipologias discursivas não abrangidas normalmente pela análise terminológica. Neste trabalho interessou-nos precisamente aqueles casos de domínios, ou comunidades discursivas, com características contextuais e discursivas que normalmente não são consideradas como especialistas nem produtores de discurso especializado. Desta forma, quer em Aquacultura quer em Dieta Mediterrânica temos diferentes comunidades discursivas que influenciam a terminologia do domínio de várias formas. Mesmo em contextos comunicativos que até aqui não têm sido considerados especializados, essa influência existe e, como vimos, o fator diastrático sobre a variação terminológica não se limita à variação denominativa, podendo manifestar-se de outras formas o que tem implicações na terminologia do domínio. Por conseguinte, estando o fator diastrático implicitamente ligado a diferentes comunidades discursivas, estamos então perante uma necessidade de redefinir o conceito de especialistas e de o integrar no âmbito da terminologia por uma nova abordagem teórica.

5.4. A abordagem ecolinguística à terminologia

A nossa última questão tinha como propósito apresentar um novo enquadramento teórico, a ecolinguística, para englobar as questões

levantadas e para proporcionar uma visão mais abrangente, mais holística da variação terminológica e respetivas causas.

Para tal, utilizámos a perspetiva teórica sobre ecolinguística dada por Steffensen & Fill (2014) e Kravchenko (2016) e também por Couto & Couto (2016) e Couto (2014) como uma plataforma para a observação dos fenómenos a nível de variação terminológica, procurando dar uma resposta a alguns paradoxos e dificuldades na forma como encaramos e lidamos com a variação terminológica. Esta abordagem conduz a uma ligação indissociável da língua com os contextos sociais, culturais e naturais que envolvem os seus intervenientes e obriga a uma visão alargada e profunda sobre os fenómenos terminológicos que se manifestam no plano da língua. Baseámos o trabalho metodológico, primeiramente, no trabalho pré-terminológico de levantamento e análise dos domínios (Nash, 2011; Nash & Mühlhäusler, 2014).

Deste trabalho, resulta um aspeto merece a nossa atenção e que tem a ver precisamente com a observação, feita inicialmente por Nash, a Albuquerque (2015, 2019) chama de minimalismo empírico e que provém das diferenças estruturais e contextuais (sociais, culturais e naturais) existentes em diferentes grupos e comunidades discursivas de cada domínio, devido às características de cada um. Estas características próprias resultam na dificuldade em aplicar conclusões obtidas num domínio a um domínio diferente. Ou seja, o que acontece em Dieta Mediterrânica não pode, à partida, ser extrapolado para Aquacultura. Por exemplo, temos em Aquacultura uma maior regulação administrativa em Aquacultura que não encontra correspondência na Dieta Mediterrânica. Ou, pelo contrário, o tecido social da Dieta Mediterrânica que não se reflete em Aquacultura, nem mesmo na área da moluscicultura e nas comunidades de viveiristas, uma vez que o perfil do aquacultor mudou. Estes domínios devem ser analisados tendo em conta estas dinâmicas sociais e discursivas distintas, ao relacionar as diferentes comunidades que os integram, a forma como se relacionam entre si e como se relacionam com o seu contexto social, cultural e natural. A abordagem

ecolinguística permite trazer para a terminologia um elo não apenas cultural e étnico, mas também questões de âmbito ecossistémico e que se refletem em muitos dos termos que extraímos (*alterações climáticas, bem-estar, biodiversidade, impacto ambiental, festa da espiga, maio, maré, [produtos] da época, salvaguarda*), como podemos ver no excerto seguinte, no caso de *maré*:

Os custos de mão-de-obra tendem também a ser elevados, sendo necessário fazer a maré às ostras que se encontrem em tanques, ou seja expô-las periodicamente ao ar como se estivessem em situação de viveiro, uma vez que a exposição ao ar durante a maré-baixa pode favorecer a condição.

Corpus Aqua-2023-PT: Agência Portuguesa do Ambiente, 2017a

Na sequência desta reflexão, outros dois pontos são agora possíveis: a reanálise que das relações discursivas dos domínios e a proposta de um novo conceito de especialista, partindo das relações que se estabelecem entre as diferentes comunidades discursivas e do conhecimento partilhado entre os seus especialistas.

Dentro de cada domínio criam-se relações sociais, profissionais e culturais distintas entre as diferentes comunidades que os constituem, gerando também comunidades discursivas diferentes e contextos comunicativos com características distintas. Daqui resulta uma grande diversidade discursiva, rica em unidades terminológicas, que têm valor conceptual para os seus utilizadores e utilizadas para comunicar e partilhar conhecimento. Neste ponto, podemos afirmar que o levantamento terminológico realizado veio confirmar a especificidade de cada um destes contextos comunicativos, mas também veio clarificar as relações discursivas entre os diversos intervenientes.

No Capítulo 2 e 3, propusemos, com base em Remígio Oliveira (2010), um modelo de base para organizar as diferentes comunidades de intervenientes discursivos, num domínio não especificado, tendo identificado três categorias de comunidades: especialistas (produtores discursivos), mediadores e público não especialista (leigos). Na fase de

pré-terminografia, a identificação das comunidades discursivas, permitiu abordar um dos pontos principais desta tese: o estudo da variação terminológica, diastrática e diacrônica, integrando as comunidades discursivas que, podendo ser atores relevantes, podem estar situadas fora do contexto técnico e acadêmico. Permitimo-nos assim, numa perspectiva ecolinguística, olhar para o domínio como um todo e não apenas para um grupo de intervenientes. Percebemos que as relações discursivas internas e externas a cada contexto comunicativo se desenvolvem num plano real, num ambiente físico, do qual não estão isoladas. As comunidades discursivas que encontrámos são afetadas pelo seu ambiente, social e natural, e afetam, por sua vez, o próprio ambiente, seja ele antropogénico ou natural. No entanto, também observámos que o modo, a intensidade, e a direção dessas relações discursivas são específicas do domínio. Ou seja, cada domínio possui as suas dinâmicas e relações discursivas próprias. Podemos agora reanalisar o modelo inicialmente proposto, com base no entendimento obtido sobre os dois domínios, realçando as relações discursivas relevantes em cada um (Figura 42 e Figura 43).

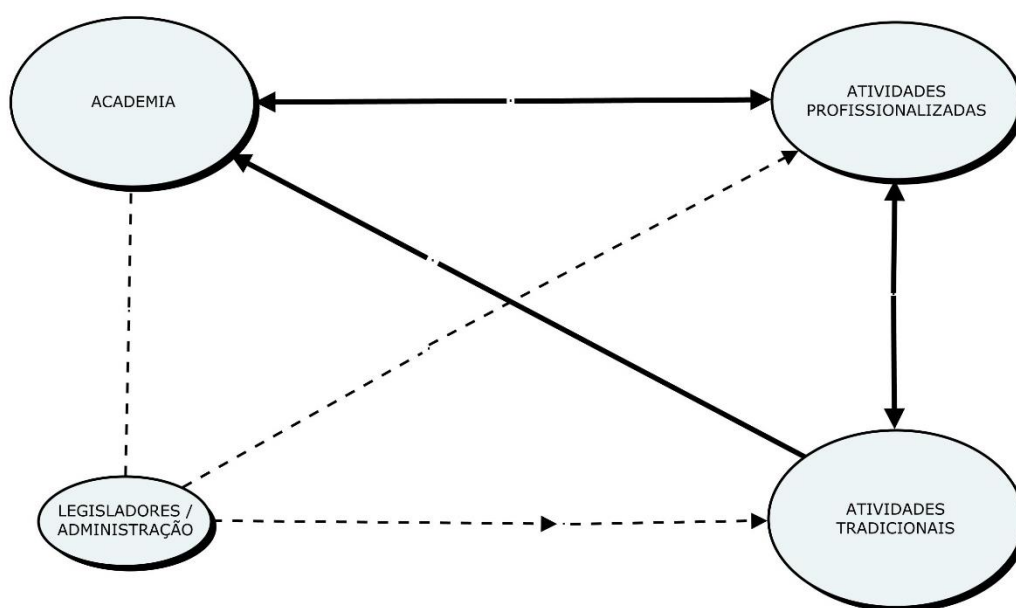


Figura 42 - Contextos comunicativos da Dieta Mediterrânica: especialistas/produtores textuais

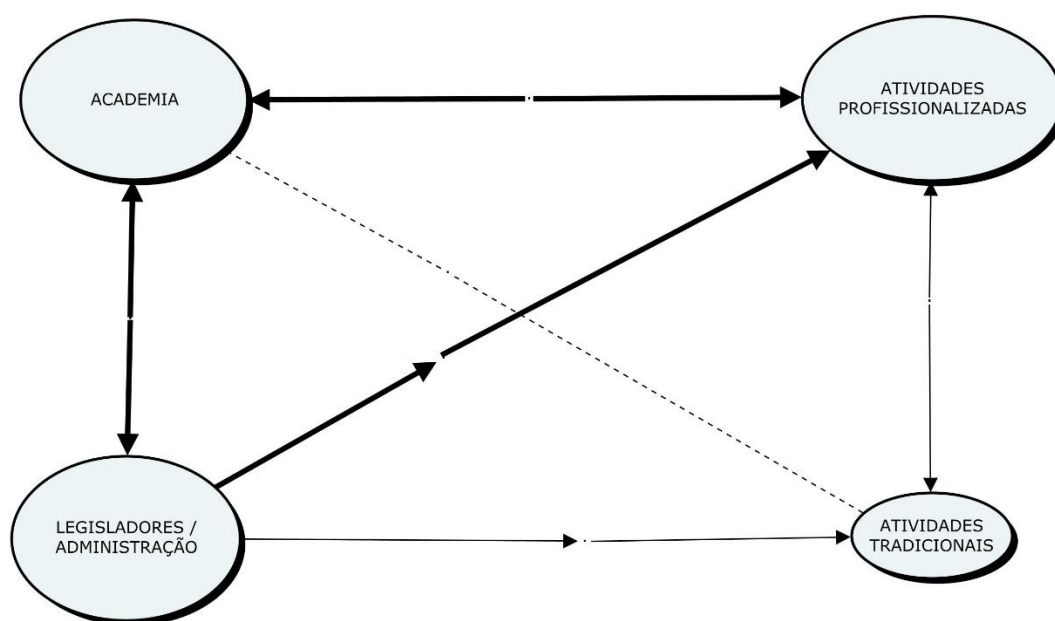


Figura 43 - Contextos comunicativos da aquacultura: especialistas/produtores textuais

Nestes modelos, em cada domínio, as setas unidirecionais expressam a direção predominante da comunicação e do fluxo de informação. As setas bidirecionais exprimem uma relação comunicativa e um fluxo de conhecimento feito nos dois sentidos. As setas a tracejado expressam relações comunicativas desconhecidas, escassas ou mesmo inexistentes, no que conseguimos apurar nos nossos *corpora*. O tamanho das formas ovais procura exprimir, de forma relativa, o peso que cada comunidade discursiva teve no trabalho realizado sobre os domínios em causa.

Em Dieta Mediterrânica (Figura 42), o novo modelo mostra agora o fluxo de conhecimento direcionado das atividades tradicionais, ou seja, dos especialistas não formais, para a academia e para as atividades profissionais, refletindo os aspetos discutidos em 5.3, relativos aos fluxos

de terminologia entre os contextos. Neste caso, o fluxo também se faz nos dois sentidos, dos contextos profissionalizados para os tradicionais e vice-versa, ou seja, é bidirecional. A comunidade discursiva dos legisladores/administração é residual em termos de representatividade no *corpus*, surgindo assim apenas ligada às restantes por linhas tracejadas. Em Aquacultura (Figura 43), o fluxo de conhecimento e comunicação é feito principalmente da academia (ACAD) para os profissionais (PRO), mas, como demonstrámos em 5.3.4, também admitimos um fluxo bidirecional. O papel dos legisladores no *corpus* está realçado, no modelo, demonstrando a forma como esta comunidade se relaciona com os restantes grupos. As atividades tradicionais estão reduzidas em termos de representatividade no *corpus*, refletindo a sua pequena representatividade atual no domínio.

Devemos notar que este modelo é uma proposta feita com base no estudo realizado nos domínios e nos *corpora* que constituímos. Pretendemos que seja não um modelo absoluto, mas sim flexível e que permita um ponto de partida para um trabalho futuro em terminologia destes domínios. O modelo foi inspirado no trabalho de Remígio Oliveira, mas também nos modelos de relações ecológicas que expressam a forma como as diferentes populações naturais se relacionam entre si. Assumimos que as nossas comunidades discursivas são também elas parte de um ecossistema e que uma perspetiva ecossistémica nos ajuda a entender melhor a forma como elas interagem entre si e com o seu ambiente (social, cultural, natural).

5.5. Redefinir o conceito de especialista

No decorrer desta tese, debatemos ainda a assunção corrente em terminologia de que os especialistas e o discurso especializado se encontram associados a indivíduos com formação frequentemente superior, e/ou atividade profissional em domínios técnicos e científicos.

Procurámos comunidades discursivas que incluíssem intervenientes discursivos fora destes contextos comunicativos, para em seguida aferir se os poderíamos apelidar de especialistas e incluir num estudo sobre variação terminológica. Após identificarmos estas comunidades discursivas, verificámos a existência de discursos com características estilísticas próprias, com menor ou maior granularidade, mas ainda assim, especializado, chegando mesmo a influenciar a terminologia dos contextos da área académica. O que encontramos, em particular nos contextos vernaculares, permite-nos propor um novo conceito de especialista que podemos agora denominar como um *especialista não formal*. Este especialista caracteriza-se principalmente por:

1. não possuir necessariamente formação académica ou técnica;
2. o seu discurso nem sempre obedecer às características clássicas que definem o discurso especializado (por exemplo, apresentar uma menor densidade terminológica), podendo apresentar características aparentemente mais subjetivas que o aproximam do discurso vulgarizado;

Por conseguinte, o estudo da variação terminológica e da dinâmica do domínio deve incluir uma parte significativa deste contextos comunicativos, mesmo que estes se encontrem em esferas de atividade fora de contextos académicos. De notar que o discurso destes novos especialistas (não formais ou vernaculares) não corresponde a um discurso de vulgarização, nem mesmo de desterminologização. Como vimos em Dieta Mediterrânica, termos como *almeixar*, *britar*, *estupeta*, *enxofrar* são apenas alguns exemplos, entre muitos outros, que surgiram no *subcorpus* ACAD e PRO, mas cuja origem remonta aos contextos comunicativos tradicionais. Já em Aquacultura, o dinamismo terminológico reflete-se principalmente a nível dos contextos comunicativos académicos e o fluxo de partilha de conhecimento faz-se principalmente para as atividades profissionais. Ainda assim, formas como *semente*, *viveiro*, *ova* e *guelra* surgem como marcadores de uma comunidade discursiva não formal.

Estas comunidades estão muitas vezes na origem de muitos programas e projetos de investigação levados a cabo por outras comunidades e estão muitas vezes na origem da terminologia consagrada de um domínio. Por conseguinte, são discursos com características próprias, com os seus especialistas e com uma terminologia própria que emerge de vivências e saberes-fazer dos seus elementos.

5.6. Síntese

Esta discussão permitiu-nos obter uma perspetiva sobre a terminologia dos dois domínios estudados, os quais apresentam características distintas em relação aos fenómenos de dinamismo e variação terminológica. Devemos notar a existência da diversidade dos intervenientes discursivos nos dois domínios de estudo, que não se limitou ao contexto académico e/ou técnico, prolongando-se a áreas e esferas de atividade com ligações sociais e culturais aos contextos onde as mesmas se desenvolvem.

A análise diacrónica permitiu aferir diferenças no dinamismo terminológico nos dois domínios e demonstrar que a forma como a terminologia evolui pode radicar em fatores de ordem diastrática. Essas diferenças, dentro do domínio, levantam questões quanto à aplicação de critérios de diacronia de curto prazo nestes domínios, ou, pelo menos, em alguns contextos comunicativos. Os fatores de ordem diastrática, por seu turno, manifestaram-se de diferentes formas na terminologia do domínio:

1. variação diastrática denominativa, com diferentes formas denominativas associadas a contextos comunicativos específicos;
2. ativação de traços conceptuais por motivação diastrática, sem alteração da forma denominativa;
3. variação diastrática de contexto, que afeta o conjunto da terminologia mais utilizada dentro do contexto comunicativo;

4. transferência de termos entre contextos, ou seja, uma simples circulação de termos que expressa a forma como o conhecimento flui dentro do domínio.

As questões levantadas pelos fatores de ordem diastrática e diacrónica, demonstraram que o estudo da terminologia e o desenvolvimento de recursos terminológicos deverá ter em consideração estes aspetos, principalmente no registo e fixação de terminologias vernaculares que muitas vezes são preteridas pelos estudos de terminologia. Esta forma de olhar para o domínio como um todo, em que diferentes comunidades discursivas se organizam em distintos contextos comunicativos com características discursivas próprias, estabelecendo diferentes tipos de relações dentro de cada uma delas e entre si, é, por isso uma abordagem ecolinguística. Nela procuramos, em primeiro lugar, realizar a análise do domínio de forma abrangente, holística e não apenas do ponto de vista de uma determinada comunidade. Para tal é essencial um trabalho de campo prévio que permita conhecer o domínio e as comunidades que o constituem. Neste enquadramento, avançámos para uma redefinição do novo conceito de especialista que nos permitida incluir nos estudos terminológicos tipologias discursivas até agora não abrangidos pelos modelos de análise terminológica clássicos.

6. Conclusão

Ao iniciar este estudo foram estabelecidos três objetivos principais. O primeiro foi estudar os fenômenos de variação e dinamismo terminológico nos domínios da Dieta Mediterrânica e Aquacultura tendo em especial atenção aos seus intervenientes e às tipologias e comunidades discursivas por eles formadas. Para tal, no decorrer da tese, registámos a forma como a comunicação e a partilha de conhecimento, feita através da terminologia, se processa entre estas comunidades. Conseguimos ainda avaliar a influência de cada uma das diferentes comunidades discursivas na comunicação dos saberes e na terminologia do domínio e implicações nas atividades de mediação comunicativa, em particular, na elaboração de recursos terminográficos.

O segundo objetivo a que nos propusemos foi o de registar e organizar os dados terminológicos resultantes desta análise para utilização posterior num recurso terminológico destinado a apoiar atividades de mediação linguística. Do nosso trabalho resultam assim dois elementos fundamentais para o cumprimento deste objetivo. O primeiro, está representado pelos dois *corpora* constituídos para esta tese e que podem servir como base para trabalhos futuros. Em 4.1.3 fizemos referência à falta de um *corpus* terminológico especializado que permitisse uma utilização como referência, em lugar dos *corpora* de língua geral utilizados pelos analisadores de texto como o Sketch Engine. Tendo consciência de que os *corpora* constituídos exigirão trabalho posterior de edição, não queremos deixar de frisar que o primeiro passo está dado nesse sentido.

O segundo elemento é constituído pelas listas de referência de termos, as *RLTs*, resultantes das extrações efetuadas. Em qualquer um destes dois domínios, a continuidade do trabalho realizado no âmbito

desta tese poderá disponibilizar uma ferramenta de extração e análise terminológica, que facilite a elaboração de recursos terminológicos, nomeadamente ao nível da extração.

O último objetivo teve como ponto principal consolidar ao nível teórico das ciências da linguagem os dois primeiros objetivos, procurando enquadrar a variação e o dinamismo terminológicos pela perspetiva da ecolinguística (Steffensen & Fill, 2014), uma abordagem que permitisse relacionar a evolução do conhecimento e dos saberes (cognição), a variação terminológica (linguagem) e os diferentes contextos discursivos (comunicação). Consideramos, igualmente, este objetivo alcançado ao provar a necessidade de incluir na análise terminológica não apenas as comunidades discursivas vernaculares, mas, mais do que isso, colocando-as no mesmo plano que as comunidades discursivas das áreas académicas e técnicas. Além disso, conseguimos relacionar estas comunidades entre si, avaliando como, através da terminologia, se processa o fluxo e a partilha do conhecimento.

Sabíamos que teríamos entre mãos dois domínios muito distintos, Dieta Mediterrânica e Aquacultura. Essas diferenças foram confirmadas na fase de pré-terminografia. Durante esta fase, efetuámos a caracterização social, cultural e biofísica dos domínios para responder às perguntas de investigação sobre os intervenientes discursivos e sobre as comunidades de especialistas que poderiam ser relevantes num estudo sobre variação terminológica diatrática e diacrónica. Chegando quase ao fim desta tese, podemos afirmar que conhecemos agora um pouco melhor a relação entre a variação terminológica e os diferentes contextos comunicativos, e os seus intervenientes, ao adotar uma diferente perspetiva mais abrangente, ecossistémica, onde incluimos a nova tipologia de especialistas.

Com estes objetivos em mente, colocámos quatro questões de investigação, as quais consideramos respondidas.

1. De que forma as diferentes comunidades discursivas e a suas características socioculturais influenciam a terminologia, o dinamismo terminológico e a variação de um domínio, quando possuem características contextuais e tipologias discursivas não abrangidas pelos modelos de análise terminológica?

Como discutimos no Capítulo 5, um dos aspetos mais interessantes foi perceber que os fatores de ordem diastrática afetam a terminologia do domínio de outras formas para além da variação denominativa propriamente dita, nomeadamente na terminologia do conjunto de termos utilizado em cada contexto comunicativo e na ativação de traços conceptuais. Uma dessas formas foi a transferência de termos entre contextos comunicativos, em que um termo típico de uma comunidade discursiva é recolhido, registado e disseminado por outra comunidade. Este caso, em particular, reflete não apenas as relações discursivas dentro do domínio, mas, caso da Dieta Mediterrânica, um contexto comunicativo que se torna o objeto de estudo de outras comunidades. Neste domínio, o fluxo do conhecimento, surpreendentemente, flui das comunidades comunicativas vernaculares, onde estão os especialistas não formais, para a comunidade académica e para os mediadores culturais, por via do esforço feito para registar e preservar este modo de vida. Em Aquacultura, estamos perante um domínio mais dinâmico no que se refere a ciclos de investigação, com uma grande granularidade terminológica, em que o fluxo do conhecimento parte basicamente de contextos comunicativos ligados à academia e à investigação científica para os outros grupos de especialistas. Sendo um domínio muito regulado, uma outra comunidade discursiva, os legisladores e administração pública, afeta a terminologia de todo o domínio.

Como vimos, e segundo o princípio do minimalismo empírico de (Nash & Mühlhäusler, 2014) o que se aplica na Dieta Mediterrânica, não se aplica totalmente em Aquacultura. Por conseguinte, as comunidades discursivas do domínio podem influenciar a terminologia do domínio de diferentes formas, mas a resposta estará sempre dependente do próprio

domínio, da sua estrutura, das suas características e, dentro deste, das comunidades discursivas que o formam.

2. De que forma o estudo da variação terminológica pode ser integrada pelas terminologias consagradas e estabelecidas de forma a contribuir, não só para uma maior fiabilidade dos dados, mas também para fornecer às atividades de mediação comunicativa uma opção informada sobre os usos dessas variantes?

Vimos pela resposta à primeira pergunta de investigação que os diferentes contextos comunicativos usam, partilham e alteram a terminologia do domínio de formas diferentes, principalmente quando temos domínios em que convivem diferentes tipologias discursivas, diferentes comunidades de especialistas. No entanto, os recursos terminológicos tendem a procurar a normalização e excluir a variação. Ainda assim, as possíveis variantes de um termo, ou os diferentes usos do termo podem ser integradas nestes recursos, acompanhadas, evidentemente, de informações sobre os contextos discursivos em que são utilizadas. As formas denominativas escolhidas na comunicação podem depender de um fator como a vulgarização do discurso, envolvendo algum grau de desterminologização, e é relevante que o mediador, seja o tradutor, redator ou comunicador de ciência, possam fazer opções informadas.

Essa informação pode ser construída, como vimos, começando pelo levantamento pré-terminográfico do domínio, pela análise das relações discursivas e pela inclusão dos diferentes contextos comunicativos na terminologia do domínio. O registo das possíveis formas de variação denominativa e das terminologias vernaculares é uma questão de salvaguarda da terminologia, do vocabulário especializado e uma forma de evitar a perda de domínio.

3. Como adaptar as abordagens metodológicas de modo a conseguir obter recursos/terminologias que enquadrem as diferentes tipologias discursivas dos especialistas e/ou intervenientes e as diferentes formas de variação terminológica, respeitando os usos nos respetivos contextos discursivos?

De forma a abranger a variedade terminológica de domínios compósitos, com características multidisciplinares, interdisciplinares e transversais, como os estudados, é necessário passar por uma metodologia que permita cruzar os fatores diacrónico e diastráticos, determinando as áreas de interesse, ou que apresentem lacunas a nível do levantamento terminológico, por outras palavras, por uma abordagem ecolinguística, holística. Para isso é essencial conhecer quem são os especialistas na perspetiva que analisámos nesta tese, ou seja, analisar não só contextos comunicativos académicos, mas ir além desta esfera em busca das terminologias que, por falta de registo não são normalmente estudadas.

Nesse sentido, foi essencial para nós redefinir o conceito de especialista, permitindo a entrada no plano do discurso especializado de novos atores discursivos, os especialistas não formais. Como discutimos no Capítulo 4, a adaptação para uma metodologia que abranja estes novos especialistas é um exercício complexo, mas não necessariamente ingerível se começar por um trabalho de campo ecolinguístico, no estabelecimento de uma rede de contactos que permita acesso a certas comunidades, na identificação das diferentes comunidades discursivas e respetivas áreas disciplinares. Este processo pode mesmo ser replicado num outro contexto geográfico, num outro domínio e com outros objetivos, por exemplo, no caso do desenvolvimento de terminologias multilingues.

4. Pode uma outra abordagem teórica da linguística e da terminologia, contribuir para responder a estas questões e para uma visão mais abrangente da variação terminológica e respetivas causas?

As comunidades discursivas da Dieta Mediterrânea e da Aquacultura são condicionadas por fatores muito diversos: sociais, culturais e também por fatores naturais (biológicos, geológicos, biofísicos). Estes fatores moldam as comunidades humanas. As relações sociais, culturais, comunicativas que se estabelecem constituem uma teia de relações, por vezes, bastantes complexas. Estas mesmas comunidades, na sua interação quotidiana, também afetam o seu contexto cultural, social e natural e também o impactam, criando vínculos entre os seres humanos e o seu ecossistema, mesmo em ambientes mais urbanos. E a língua e os discursos não ficam à parte desta dinâmica. Encontrámos vários exemplos de formas denominativas que são uma expressão do ambiente dos seus utilizadores. Em Dieta Mediterrânica e Aquacultura, pudemos recolher muitos destes exemplos paradigmáticos, para citar apenas alguns: *barrocal, da época* (variantes: *produto sazonal, produto da época*), *erva aromática* (variantes: *planta aromática, erva-de-cheiros*), *maré, semente de ostra*.

A língua, nas suas diferentes manifestações e expressões é assim afetada pelo meio e, por sua vez, também causa impacto no meio, na forma como utilizamos a língua para nos mobilizarmos, como indivíduos ou grupos, para processar e explorar o nosso ambiente de forma a garantir a nossa sobrevivência como espécie, ou para, nas palavras de (Steffensen & Fill, 2014) *to create an extended, sense-saturated ecology that supports their*⁴⁸ *existential trajectories*.

Por conseguinte, em contextos linguísticos e culturais muito diversos, compreender quem são os especialistas e os contextos comunicativos relevantes no domínio é fundamental para a terminologia,

⁴⁸ *their* refere-se aos seres humanos.

como atividade de mediação comunicativa. A mediação comunicativa eficiente requer que os recursos terminológicos forneçam informação terminológica de qualidade, em particular em relação à variação cujas causas podem estar enraizadas nas comunidades discursivas e ser transversais aos diferentes especialistas do domínio. Como demonstrámos, o conceito de discurso especializado e de especialista não deveria ficar restringido apenas a algumas comunidades que, pelo seu prestígio científico, são favorecidas na representação terminológica. Estes recursos, utilizados por mediadores comunicativos e culturais, formadores, pelos próprios especialistas, ou pelo público leigo, devem registar a variação de forma informada, relacionando-a com os diferentes usos. A abordagem ecolinguística à terminologia pode, neste âmbito, ser usada para enquadrar a dinâmica dos domínios, preservando o conhecimento e o saber-fazer de comunidades específicas numa sociedade que se quer sustentável.

Por último, como em qualquer investigação, durante este trabalho enfrentámos várias limitações e problemas, mas também abrimos algumas linhas de trabalho para desenvolver futuramente. As limitações encontradas tiveram principalmente a ver as diferenças de tamanho dos *subcorpora*, principalmente na Dieta Mediterrânica, mas também em Aquacultura, em que nem sempre foi possível efetuar a recolha desejável junto das comunidades locais. Dessa forma, sentimos a necessidade de, futuramente, alicerçar a recolha de dados de forma mais significativa nas comunidades locais, através de um maior número de recolhas orais diretas, sem intervenção dos mediadores. Nesse sentido, interpretamos os resultados obtidos sob uma perspetiva de tendência qualitativa que, no entanto, cumpriu o objetivo de apoiar a reflexão feita sobre a abordagem ecolinguística à terminologia e reforçar este ponto de vista teórico. Outra limitação relacionou-se com os recursos existentes para análise no sistema utilizado (Sketch Engine). Um deles teve a ver com a anotação incorreta de algumas classes gramaticais, principalmente de formas comuns nos nossos *corpora*, mas raras no *corpus* de referência,

utilizado pelo Sketch Engine. Esse problema foi resolvido manualmente, mas futuramente, essa situação terá de ser devidamente acautelada. Outra limitação foi a inexistência de uma lista de referência (RTL) como auxílio à extração terminológica. Desta forma, acabámos por extrair um grande número de formas denominativas que obrigaram a um trabalho de verificação exaustivo.

Uma outra limitação, e devido aos objetivos da tese, dirigido às questões relacionadas com variação e implicações na mediação comunicativa, não termos podido ser mais exaustivos na descrição da terminologia dos domínios. Encontrámo-nos perante dois domínios de uma grande riqueza e diversidade terminológica, mas, por razões que se prendem com o nosso próprio foco, e por limitações de tempo e espaço, não nos foi possível ir mais além.

Face aos resultados obtidos e à reflexão feita, podemos agora conceber alguns projetos a desenvolver no futuro. Utilizando a abordagem ecolinguística, propusemos um novo conceito de especialista e redefinimos as relações e o fluxo de conhecimento entre as diferentes comunidades discursivas, procurando integrar sempre, como pano de fundo, a paisagem linguística, cultural e natural. O próximo passo, uma vez conhecendo (um pouco melhor) os domínios, os problemas enfrentados e as suas dinâmicas, será avançar para um recurso terminológico que integre as questões levantadas sobre a variação terminológica, tendo em linha de conta as questões de representatividade das comunidades discursivas que constituem os domínios. Neste sentido, muitas possibilidades se abrem. A primeira é o desenvolvimento de *corpora* terminológicos que possam vir a ser utilizados como corpora de referência. Outra possibilidade, que resulta diretamente de outra das limitações sentidas neste trabalho, é a constituição de duas RTLs (Aquacultura e Dieta Mediterrânica), que poderão, num futuro ser aplicadas na extração terminológica dos domínios que estudámos. Estes dois passos serão importantes para facilitar a análise terminológica e o desenvolvimento de recursos terminológicos, como bases de

conhecimento mono e multilíngues. Na área dos recursos multilíngues, o desafio será replicar a abordagem ecolinguística com outras comunidades, elaborar *corpora* comparáveis e procurar estabelecer os equivalentes.

O trabalho que apresentámos e que agora encerramos, associado a hipóteses de linhas futuras que o potenciam e desenvolvam, situa-se inequivocamente no âmbito das ciências da linguagem, enfatizando a análise linguística dos termos e da sua variação, enquanto espelho do dinamismo terminológico dos domínios estudados. Pretende este trabalho contribuir para o estudo da terminologia, da mediação e da comunicação em ciência, assumindo uma intenção de preservação do património cognitivo, cultural e linguístico, bem como uma contribuição ao desenho e planeamento de políticas de língua e de comunicação mais justas e sustentáveis.

7. Referências bibliográficas citadas

- Albuquerque, D. (2015). Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística A few words about methodology of ecolinguistics. *Via Literae*, 7, 131-142. <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>
- Albuquerque, D. (2019). As relações entre Ecoléxicografia e Lexicografia Pedagógica. *Domínios de Linguagem*, 12(4), 2066-2101. <https://doi.org/10.14393/DL36-v12n4a2018-7>
- Arroyo, B. L., & Sanz-Valdivieso, L. (2022). Tasting notes: A corpus-based study of olive oil and wine tasting discourse. *Iberica*, 2022(43), 205-234. <https://doi.org/10.17398/2340-2784.43.205>
- Babinot, G. (2009). Diachronie et synchronie dynamique. *La Linguistique*, 45(1), 21-35. <https://doi.org/10.3917/ling.451.0021>
- Beveridge, M., & Little, D. (2002). The history of aquaculture in traditional societies. In B. A. Costa-Pierce (Ed.), *Ecological aquaculture: The evolution of the blue revolution* (pp. 3-29). <https://doi.org/10.1002/9780470995051.ch1>
- Bourigault, D., & Slodzian, M. (1999). Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, 19, 29-32.
- Bowker, L., & Pearson, J. (2002). *Working with Specialized Language: A practical guide to using corpora*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203469255>
- Cabré, M. T. (1993). *La Terminología - Teoría, Metodología y Aplicaciones*. Editorial Antártida / Empúries.
- Cabré, M. T. (1999). *La Terminología: representación y conocimiento*. Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada.
- Cabré, M. T. (2002). Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización. In J. García Palacios & M. T. Fuentes (Eds.), *Texto, terminología y traducción* (pp. 15-36). Ediciones Almar.
- Cabré, M. T. (2003). Theories of terminology. *Terminology*, 9(2), 163-199. <https://doi.org/10.1075/term.9.2.03cab>
- Cabré, M. T., & Estopà, R. (2005). Unidades de conocimiento especializado, caracterización y tipología. In M. T. Cabré & C. Bach (Eds.), *Coneixement, llenguatge i discurs especialitzat* (pp. 69-95.). Institut Universitari de Linguística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra.
- Campo, Á. (2012). *The Reception of Eugen Wüster's Work and the Development of Terminology*. Doctoral Thesis, Université de Montréal.
- Chacoto, L. (2014). A dieta mediterrânica nos provérbios portugueses. *Paremia*, 23, 163-174.
- Ciapuscio, G., & Kuguel, I. (2002). Hacia una tipología del discurso especializado : aspectos teóricos y aplicados. *Entre La Terminología, El Texto y La Traducción*, June, 37-73. <https://media.utp.edu.co/referencias->

- Clay, E. (2022). A Corpus-Based Approach to Examining Terminological Variation in EU Law. *International Journal of Language and Law*, 11, 142–162. <https://doi.org/10.14762/jll.2022.142>
- Conceição, M. C. (1998). Conceptualização, denominação e termo. *Seminários de Linguística*, 2, 38–47.
- Conceição, M. C. (2005). *Concepts, termes et reformulations*. Presses Universitaires de Lyon.
- Conceição, M. C. (2006). Há mar e mar....Há termos e termos. Quando os termos dizem mas não condizem! In M. T. Cabré, R. Estopá, & C. Tebé (Eds.), *La Terminología en el siglo XXI: contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad. Actas del IX Simposio Iberoamericano de Terminología RITERM04* (Issue 2004, pp. 495–502). Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universidade Pompeu Fabra.
- Conceição, M. C. (2016). De que falamos quando falamos de normalização? In M. N. Singala (Ed.), *Terminología e Normalización* (pp. 41–46). Universidade de Santiago de Compostela.
- Conceição, M. C. (2018). Português na casa do mundo: terminologias e políticas linguísticas. In H. Barroso (Ed.), *O Português na Casa do Mundo, Hoje* (pp. 27–38). Edições Húmus.
- Conceição, M. C., & Zanola, M. T. (2020). Prefácio. In M. C. Conceição & M. T. Zanola (Eds.), *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades* (pp. 13–15). Universidade do Algarve Editora.
- Condamines, A. (2017). The emotional dimension in terminological variation. In P. Drouin, A. Francœur, J. Humbley, & A. Picton (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation* (pp. 11–30). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18.01con>
- Couto, E. N., & Couto, H. (2016). Ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica (ADE). *Signótica*, 28(2), 381. <https://doi.org/10.5216/sig.v28i2.35532>
- Couto, H. (2014). Ecological approaches in linguistics: A historical overview. *Language Sciences* Hildo Honório Do Couto. (2014). *Ecological Approaches in Linguistics: A Historical Overview. Language Sciences*, 41, 122–128. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.001>, 41, 122–128. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.001>
- Couto, H. (2017). Ecosystemic Linguistics. In A. Fill & H. Penz (Eds.), *The Routledge Handbook of Ecolinguistics* (pp. 149–161). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315687391.ch10>
- Covas, A., Carvalho, A. F., Brites, C. M., Oliveira, C., Moreno, I., Guerreiro, J., Bernardes, J. P., Queiroz, J., Oliveira, L. F., Costa, M., Covas, M. das M., Ferreira, M. E., Valagão, M. M., Mateus, M. P., & Graça, P. (2015). Dimensões da Dieta Mediterrânica - património cultural imaterial da humanidade. In *Dieta Mediterrânica*.

- Cowley, S. J. (2017). Changing the idea of language: Nigel Love's perspective. *Language Sciences*, 61, 43-55. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2016.09.008>
- Curti-Contessoto, B. (2022). Em busca de uma terminologia diacrônica sistematizada: alguns conceitos básicos em foco. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 61(1), 109-124. <https://doi.org/10.1590/01031813v61n120228667580>
- Daille, B. (2017). *Term Variation in Specialised Corpora* (Vol. 19). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.19>
- Damásio, A. (1994). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Editora Schwarcz SA.
- Delavigne, V. (2003). Quand le terme entre en vulgarisation. *Terminologie et Intelligence Artificielle*, 80-91. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00920636>
- Delavigne, V. (2017). Term usage and socioterminological variation: The impact of social and local issues on the movement of terms. In P. Drouin, A. Francœur, J. Humbley, & A. Picton (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation*. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18>
- Delgado, A., Cruz, A. L., Coelho, N., & Romano, A. (2022). *The Mediterranean Diet: Fostering a Common Vision Through a Multidisciplinary Approach*. Universidade do Algarve Editora. <https://doi.org/https://doi.org/10.34623/1e6f-ke51>
- Depecker, L. (2014). Pour une ethnoterminologie. In J. Quirion, L. Depecker, & L.-J. Rousseau (Eds.), *Dans tous les sens du terme* (pp. 13-29). Les Presses de l'Université d'Ottawa.
- Deschamps, C. (2023). Le glossaire terminologique collaboratif comme moteur d'apprentissage d'une langue de spécialité. *Polissema – Revista de Letras Do ISCAP*, 23, 178-196. <https://doi.org/https://doi.org/10.34630/polissema.v1i23.5358>
- Desmet, I. (2006). Variabilité et variation en terminologie et langues spécialisées : discours, textes et contextes. In Daniel Blampain, P. Thoiron, & M. Van Campenhoudt (Eds.), *Mots, termes et contextes, Actualité scientifique* (pp. 236-247). Éditions des archives contemporaines.
- Diki-Kidiri, M. (2000). Une approche culturelle de la terminologie. *Terminologies Nouvelles*, 21(nº esp. Terminologie et diversité culturelle), 27-31.
- Dinis, M. T., & Rocha, R. M. (2021). *Introdução à Aquacultura* (1st ed.). Lidel, Edições Técnicas.
- Drouin, P., Picton, A., & Humbert-Droz, J. (2000). *Analyse des corpus spécialisés "multi-comparables" à l'aide d'une approche outillée : quelles limites et quelles pistes de travail?* <https://humanitarianencyclopedia.org/>
- Dury, P., & Picton, A. (2009). Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique? *Revue Française de Linguistique Appliquée (RFLA)*, 14(2), 31-41.

- Engle, C. R. (2016). Why Interdisciplinary Research is Critical for the Growth and Development of Aquaculture. *Journal of the World Aquaculture Society*, 47(2), 149-151. <https://doi.org/10.1111/JWAS.12270>
- Faber, P. (2009). The cognitive shift in terminology and specialized translation. *MonTi: Monografías de Traducción e Interpretación*, 1(1), 107-134. <https://doi.org/10.6035/MonTI.2009.1.5>
- Faber, P., Márquez Linares, C., & Vega Expósito, M. (2005). Framing Terminology: A Process-Oriented Approach. *Meta: Journal Des Traducteurs*, 50(4). <https://doi.org/10.7202/019916ar>
- FAO. (2022). The State of World Fisheries and Aquaculture 2022. In *The State of World Fisheries and Aquaculture 2022*. FAO. <https://doi.org/10.4060/cc0461en>
- Felisbino da Silveira, M. (2021). “Nós somos ilhéus, juntos somos mais fortes”: fluxos da construção de identidade e comunidade na ilha da Culatra, Faro, Portugal. In *“Nós somos ilhéus, juntos somos mais fortes”: fluxos da construção de identidade e comunidade na ilha da Culatra, Faro, Portugal* (Vol. 9, Issue 16). <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22079>
- Fernández-Silva, S. (2010). *Variación terminológica y cognición. Factores cognitivos en la denominación del concepto especializado* [Tesis Doctoral, Universitat Pompeu Fabra]. <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/22638/tsf.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Fernández-Silva, S. (2013a). La influencia del área disciplinar en la variación terminológica: Un estudio en un corpus interdisciplinario sobre pesca. *Revista Signos*, 46(83), 361-388. <https://doi.org/10.4067/S0718-09342013000300004>
- Fernández-Silva, S. (2013b). Variación denominativa y punto de vista. *Debate Terminológico*, 9, 11-37. http://www.upf.edu/intranet/iula/repositori/pub_complet/fernandez_2013_2201_art_aut.pdf%5Cnhttp://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/37169
- Fernández-Silva, S. (2016). The cognitive and rhetorical role of term variation and its contribution to knowledge construction in research articles. *Terminology*, 22(1), 52-79. <https://doi.org/10.1075/term.22.1.03fer>
- Fernández-Silva, S. (2017). La estructura cognitiva de la variación terminológica: el papel de la clase conceptual en la denominación de los conceptos especializados. *Terminàlia*, 15, 15-26. <https://doi.org/10.2436/20.2503.01.102>
- Fernández-Silva, S. (2018). The Cognitive and Communicative Functions of Term Variation in Research Articles: A Comparative Study in Psychology and Geology. *Applied Linguistics*. <https://doi.org/10.1093/applin/amy004>
- Fernández-Silva, S., Freixa, J., & Cabré, M. T. (2014). A method for analysing the dynamics of naming from a monolingual and multilingual perspective. In R. Temmerman & M. van Campenhoudt (Eds.), *Dynamics and Terminology: An interdisciplinary perspective on monolingual and multilingual culture-bound communication* (pp. 183-212). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.16.10fer>

- Freixa, J. (2002). *La variació terminològica. Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient* [Tesis Doctoral, Tesis Doctoral, Universitat Pompeu Fabra]. <https://www.tdx.cat/handle/10803/1677#page=1>
- Freixa, J. (2005). Variación terminológica: ¿Por qué y para qué? *Meta*, 50(4). <https://doi.org/10.7202/019917ar>
- Freixa, J. (2006). Causes of denominative variation in terminology: A typology proposal. *Terminology*, 12(1), 51-77. <https://doi.org/10.1075/term.12.1.04fre>
- Freixa, J. (2013). Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Debate Terminológico*, 9, 38-46. <https://www.seer.ufrgs.br/riterm/article/view/37170/24032>
- Freixa, J., & Fernández-Silva, S. (2017). Terminological variation and the unsaturability of concepts. In P. Drouin, A. Francouer, J. Humbley, & A. Picton (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation* (pp. 155-180). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18.07fre>
- Fréjaville, R. M. (2002). *Étude terminologique du discours spécialisé de la pollution – vers la structuration d'un modèle de dictionnaire terminologique bilingue français-portugais*. Université Lumière Lyon 2.
- Fréjaville, R. M. (2009). Le corpus en analyse terminologique de domaines composites et interdisciplinaires. *Passeurs de Mots, Passeurs d'espoir-Actes Des 8e Journées Scientifiques Du Réseau de Chercheurs Lexicologie, Terminologie, Traduction*, 593-604. [/www.bibliotheque.auf.org/doc_num.php?explnum_id=877](http://www.bibliotheque.auf.org/doc_num.php?explnum_id=877)
- Gangemi, A., Fisseha, F., Pettman, I., & Keizer, J. (2002). *Building an integrated formal ontology for semantic interoperability in the fishery domain*. <http://eprints.rclis.org/15743/>
- Garcia Palacios, J. (2009). La competencia neológica especializada en el estudio y la actuación sobre la neología terminológica. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, XIV(2), 17-30.
- Garner, M. (2014). Language rules and language ecology. *Language Sciences*, 41, 111-121. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.012>
- Gaudin, F. (2005). La socioterminologie. *Langages*, 157(1), 81. <https://doi.org/10.3917/lang.157.0081>
- Gautier, L. (2019). La recherche en « langues-cultures-milieus » de spécialité au prisme de l'épaisseur socio-discursive. In M. Calderón & C. Konzett-Firth (Eds.), *Dynamische Approximationen. Festschriftliches pünktlichst zu Eva Lavrics 62,5. Geburtstag (= Kontraste/Contrastes ; 3)*. (Issue September, pp. 369-336). Peter Lang.
- Gobet, F. (2018). The Future of Expertise : The Need for a Multidisciplinary Approach. *Journal of Expertise*, 1(2), 107-113.
- Gotti, Maurizio. (2011). *Investigating specialized discourse*. Peter Lang.

- Grimaldi, C. (2017). Néologie et terminologie de la chimie et de la botanique du début du XVIII siècle. *Neologica*, 49–63.
- Grimaldi, C. (2018). Évolution terminologique dans le discours scientifique de la science au début du XVIIIe siècle. In J. Altmanova, M. Centrella, & K. Russo (Eds.), *Terminologie et discours* (pp. 235–254). Peter Lang.
- Grundmann, R. (2017). The Problem of Expertise in Knowledge Societies. *Minerva*, 55(1), 25–48. <https://doi.org/10.1007/s11024-016-9308-7>
- Guantiva, R., Cabré, M. T., & Castellà, J. (2008). Clasificación de textos especializados a partir de su terminología. *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*, 13(19), 15–39.
- Humbert-Droz, J., Picton, A., & Condamines, A. (2019). How to build a corpus for a tool-based approach to terminologisation in the field of particle physics. *Research in Corpus Linguistics*, 7(December), 1–17. <https://doi.org/10.32714/ricl.07.01>
- Humbley, J., & Picton, A. (2017). Introduction. In P. Drouin, A. Francœur, J. Humbley, & A. Picton (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation* (pp. 1–10). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18.001int>
- Islam, M. S. (2014). *Confronting the blue revolution: industrial aquaculture and sustainability in the Global South*. University of Toronto Press. <http://www.jstor.org/stable/10.3138/j.ctt5vkjg3>
- Jacobi, D., Schiele, B., & Cyr, M.-F. (1990). Note de synthèse [La vulgarisation scientifique et l'éducation non formelle]. *Revue Française de Pédagogie*, 91(1), 81–111. <https://doi.org/10.3406/rfp.1990.1390>
- Jakobson, R. (2007). *Linguística e Comunicação* (Cultrix).
- Kageura, K. (1999). On the Study of Dynamics of Terminology: A Proposal of a Theoretical Framework. *Research Bulletin of the National Center for Science Information System*, 11, 19–26.
- Kageura, K. (2002). *The Dynamics of Terminology. A descriptive theory of term formation and terminological growth* (Vol. 5). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.5>
- Kilgarriff, A., Baisa, V., Bušta, J., Jakubíček, M., Kovář, V., Michelfeit, J., & Rychlý, P. (2014). The Sketch Engine: ten years on. *Lexicography*, 1(1), 7–36. <https://doi.org/10.1007/s40607>
- Kravchenko, A. (2007). Essential properties of language, or, why language is not a code. *Language Sciences*, 29(5), 650–671. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2007.01.004>
- Kravchenko, A. (2016). Two views on language ecology and ecolinguistics. *Language Sciences*, 54, 102–113. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2015.12.002>
- León-Araúz, P., & Reimerink, A. (2014). From term dynamics to concept dynamics: term variation and multidimensionality in the psychiatric domain. In N. Abel, Andrea and Vettori, Chiara and Ralli (Ed.), *16th EURALEX International Congress* (pp. 657–667). EURAC research.

<https://euralex.org/publications/from-term-dynamics-to-concept-dynamics-term-variation-and-multidimensionality-in-the-psychiatric-domain/>

- L'Homme, M.-C. (2004). La terminologie : principes et techniques. In *La terminologie : principes et techniques*. Presses de l'Université de Montréal. <https://doi.org/10.4000/BOOKS.PUM.10693>
- L'Homme, M.-C. (2020). Lexical semantics for terminology an introduction. In M. C. L'Homme & K. Kageura (Eds.), *Terminology and Lexicography Research and Practice* (Vol. 20). John Benjamins Publishing. <https://doi.org/10.1075/tlrp.20>
- Li, J., Steffensen, S. V., & Huang, G. (2020). Rethinking ecolinguistics from a distributed language perspective. *Language Sciences*, 80. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2020.101277>
- Lino, M. T. (2020). Mediação terminológica no seio da REALITER. In M. C. Conceição & M. T. Zanola (Eds.), *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades* (pp. 17–24). Universidade do Algarve Editora.
- Loffler-Laurian, A. M. (1983). Typologie des discours scientifiques: deux approches. *Études de Linguistique Appliquée*, 51, 8–21. <https://www.proquest.com/openview/dd0005805c64f57bcc96d01ed60f4f2d/1?cbl=1817816&pq-origsite=gscholar>
- Love, N. (2004). Cognition and the language myth. *Language Sciences*, 26(6), 525–544. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2004.09.003>
- Love, N. (2007). Are languages digital codes? *Language Sciences*, 29(5), 690–709. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2007.01.008>
- Love, N. (2017). On languaging and languages. *Language Sciences*, 61, 113–147. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2017.04.001>
- Machinho, S. (2018). *O Conceito de Domínio em Terminologia: o Caso da Dieta Mediterrânica* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Algarve]. <http://hdl.handle.net/10400.1/12264>
- Mackay, R. R. (2017). Order, order. *Language Sciences*, 61, 86–92. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2016.09.013>
- Maffi, L., & Dilts, O. (2014). An Introduction to Biocultural Diversity. In *Biocultural Diversity Toolkit* (Vol. 1). http://terralingua.org/wp-content/uploads/2015/07/tk_1_Primer.pdf
- Maffi, L., & Woodley, E. (2010). *Biocultural diversity conservation: a global sourcebook*. Earthscan. <https://www.routledge.com/Biocultural-Diversity-Conservation-A-Global-Sourcebook/Maffi-Woodley/p/book/9781844079216>
- Martinet, A. (1975). *Évolution des langues et reconstruction*. Presses Universitaires de France.
- Mitchell, N., Rössler, M., & Tricaud, P.-M. (2009). World Heritage Cultural Landscapes: A Handbook for Conservation and Management. In *World Heritage Papers* 26.
- Moreira da Silva, M. F. (2012). *Localização de Ontologias de Domínio no Contexto de Redes Colaborativas*. Tese de Doutoramento FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

- Moukrim, S. (2020). Terminologie orientée vers les connaissances et pratiques traditionnelles. In *Lexique(s) et genre(s) textuel(s): approches sur corpus* (pp. 25–36). Editions des archives contemporaines. <https://doi.org/10.17184/eac.2907>
- Nash, J. (2011). Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia. *PhD Thesis*. School of Humanities, University of Adelaide.
- Nash, J., & Mühlhäusler, P. (2014). Linking language and the environment: The case of Norf’k and Norfolk Island. *Language Sciences*, 41, 26–33. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.004>
- Noronha, F. (2018). *Proposta para a criação de um recurso terminológico no domínio da aquacultura*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Algarve]. <http://hdl.handle.net/10400.1/12270>
- Noronha, F. (2023). Terminological Variation in Specialised Discourse: The Case of the Mediterranean Diet. *Terminologija*, 30, 8–33. <https://doi.org/10.35321/term30-1>
- Noronha, F., & Conceição, M. C. (2017). Fixação terminológica por tradutores: em busca da normalização perdida! *XIII Jornada Realiter: Terminologia per a La Normalització i Terminologia per a La Internacionalització*, 17.
- Noronha, F., & Conceição, M. C. (2020a). Discursos de especialidade e recursos terminológicos: mediação e dinamismo. In M. C. Conceição & M. T. Zanola (Eds.), *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades* (1st ed., pp. 59–74). Universidade do Algarve Editora. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.34623/bybf-fh80>
- Noronha, F., & Conceição, M. C. (2020b). Terminological Variation and Communicative Mediation Within the Context of Specialised Discourse - an Ecolinguistic Approach. In C. Teglas & R. M. Nistor (Eds.), *10th International Conference on The Dynamics of Specialized Languages: Innovative Approaches and Strategies* (pp. 153–168). Universidade Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca.
- Oliveira, P., Costa, R., Lima, J., Sarraipa, J., & Jardim-Gonçalves, R. (2015). Domain ontology to support open data analytics for aquaculture. *KEOD 2015 - Proceedings of the International Conference on Knowledge Engineering and Ontology Development, Part of the 7th International Joint Conference on Knowledge Discovery, Knowledge Engineering and Knowledge Management (IC3K 2015)*, 2(lc3k), 344–351. <https://doi.org/10.5220/0005623803440351>
- Ottinger, M., Clauss, K., & Kuenzer, C. (2016). Aquaculture: Relevance, distribution, impacts and spatial assessments – A review. *Ocean & Coastal Management*, 119, 244–266. <https://doi.org/10.1016/J.OCECOAMAN.2015.10.015>
- Parizot, A. (2014). Entre socioterminologie et ethnoterminologie de l’entreprise. *Varia*, 9, 1–9.
- Pearson, J. (1998). Corpora, Corpus design and corpus selection. In J. Pearson (Ed.), *Terms in Context* (Vol. 1, pp. 41–66). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/scl.1>

- Peruzzo, K. (2012). Secondary term formation within the EU: term transfer, legal transplant or approximation of Member States' legal systems? In *The Journal of Specialised Translation Issue* (Vol. 18).
- Peruzzo, K. (2017). Legal system: an additional variable in the analysis of short-term diachronic evolution of legal terminology. *International Journal of Legal Discourse*, 2(2). <https://doi.org/10.1515/ijld-2017-0016>
- Petrillo, P. L. (2012). Biocultural Diversity and the Mediterranean Diet. In B. Burlingame & S. Dernini (Eds.), *Biodiversity and Sustainable Diets United Against Hunger* (Issue May 2014, pp. 224–229). FAO Headquarters. <https://www.fao.org/3/i3004e/i3004e04.pdf>
- Picton, A. (2009). *Diachronie en langue de spécialité. Définition d'une méthode linguistique outillée pour repérer l'évolution des connaissances en corpus. Un exemple appliqué au domaine spatial*. [Thèse Doctorat, Université Toulouse le Mirail - Toulouse II]. <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00429061>
- Picton, A. (2010). Marqueurs et contextes riches en connaissances pour observer l'évolution en diachronie courte. In C. Heine & J. Engberg (Eds.), *Reconceptualizing LSP. Online proceedings of the XVII European LSP Symposium 2009*. (Issue January 2009).
- Picton, A. (2014). The dynamics of terminology in short-term diachrony. In R. Temmerman & M. Van Campenhout (Eds.), *Dynamics and Terminology: An interdisciplinary perspective on monolingual and multilingual culture-bound communication* (pp. 159–182). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.16.09pic>
- Picton, A., Drouin, P., & Humbert-Droz, J. (2020). Exploration et visualisation de la variation terminologique en corpus spécialisés complexes. *Lexique(s) et Genre(s) Textuel(s): Approches Sur Corpus*, 99–116. <https://doi.org/10.17184/EAC.2912>
- Picton, A., & Dury, P. (2017). Diastatic variation in language for specific purposes. In P. Drouin, A. Francœur, J. Humbley, & A. Picton (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation* (pp. 57–80). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18.03pic>
- Praça, G. (2004). A performance do conhecimento local: o caso do viveirismo de bivalves na Ria Formosa. *A Questão Social No Novo Milénio, 2004, Pág. 15*, 15. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4545389&info=resumen&idioma=POR>
- Queiroz, J. (2014). Dieta Mediterrânica: um modelo cultural. *Revista Factores de Risco*, 31, 8–18. http://www.alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp/wp-content/files_mf/1444919846dmmodelocultural.pdf
- Real, H. (2019). *Dieta Mediterrânica: Conceito, Evolução e Potencial utilização em Portugal. Tese de Doutoramento*. Universidade do Porto.
- Real, H., Dias, R. R., & Graça, P. (2020). Mediterranean Diet conceptual model and future trends of its use in Portugal. *Health Promotion International*, 36(2), 1–13. <https://doi.org/10.1093/heapro/daaa056>

- Real, H., & Graça, P. (2019). Marcos da história da Dieta Mediterrânica, desde Ancel Keys. *Acta Portuguesa de Nutrição*, 17, 06-14. <https://doi.org/10.21011/apn.2017.1702>
- Real, H., & Graça, P. (2020a). Perceções sobre o conceito de Dieta Mediterrânica e a sua evolução - perspetivas de profissionais do Algarve-Portugal. *Revista Española De Comunicación En Salud*, 11(2), 203. <https://doi.org/10.20318/recs.2020/5306>
- Real, H., & Graça, P. (2020b). Perceções sobre o conceito de Dieta Mediterrânica e a sua evolução - perspetivas de profissionais do Algarve-Portugal. *Revista Española De Comunicación En Salud*, 11(2), 203. <https://doi.org/10.20318/recs.2020/5306>
- Remígio Oliveira, A. R. da S. (2010). *Processo terminográfico: vertentes conceptual, comunicativa e textual* [Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/4532>
- Rey, A. (1995). *Essays on Terminology*. John Benjamins Publishing Company.
- Rey, A. (2005). The concept of neologism and the evolution of terminologies in individual languages. *Terminology. International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication*, 11(2), 311-331. <https://doi.org/10.1075/term.11.2.07rey>
- Ribeiro, O. (2021). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico estudo geográfico* (2nd ed.). Livraria Letra Livre. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat08632a&AN=uda.UALG2021072723052385309&site=eds-live>
- Rigolot, C. (2020). Transdisciplinarity as a discipline and a way of being: complementarities and creative tensions. *Humanities and Social Sciences Communications* 2020 7:1, 7(1), 1-5. <https://doi.org/10.1057/s41599-020-00598-5>
- Rigouts Terryn, A., Hoste, V., & Lefever, E. (2019). In no uncertain terms: a dataset for monolingual and multilingual automatic term extraction from comparable corpora. *Language Resources and Evaluation*, 1-34. <https://doi.org/10.1007/s10579-019-09453-9>
- Rocha, R. M., & Dinis, M. T. (2019). Aquacultura Sustentável: da subsistência à produção comercial. *Revista Captar: Ciência e Ambiente Para Todos*, 8(1), 40-50. <https://doi.org/10.34624/CAPTAR.V8I1.3795>
- Roche, C., Damas, L., & Roche, J. (2014). Multilingual Thesaurus: The Ontoterminology Approach. *CIDOC 2014 - Access and Understanding - Networking in the Digital Era*, 1-14.
- Rodríguez-Tapia, S. (2016). Los textos especializados, semiespecializados y divulgativos: Una propuesta de análisis cualitativo y de clasificación cuantitativa. *Signa*, 25(2016), 987-1006. <https://doi.org/10.5944/signa.vol25.2016.16926>
- Rodríguez-Tapia, S. (2018). *El grado de especialización textual: caracterización a partir de la percepción sociocognitiva de la terminología y las relaciones*

discursivas The text specialization degree: Sergio Rodríguez-Tapia.
Universidad de Córdoba.

- Rojo, A. J. (2000). El modelo ecolingüístico de comunicación especializada: Investigación y divulgación. *Ibérica: Revista de La Asociación Europea de Lenguas Para Fines Específicos (AELFE)*, 2, 69–84.
- Romano, A. (2014). *A dieta mediterrânica em Portugal cultura, alimentação e saúde*. Universidade do Algarve.
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat08632a&AN=uda.UALG2021072723041175007&site=eds-live>
- Rousseau, L.-J. (2007). La médiation linguistique: vers l'adaptation des principes méthodologiques et des pratiques terminographiques. *Actes de La III Journée Realiter*.
- Russo, G. L., Siani, A., Fogliano, V., Geleijnse, J. M., Giacco, R., Giampaoli, S., Iacoviello, L., Kromhout, D., Lionetti, L., Naska, A., Pellegrini, N., Riccardi, G., Sofi, F., Vitale, M., & Strazzullo, P. (2021). The Mediterranean diet from past to future: Key concepts from the second “Ancel Keys” International Seminar. *Nutrition, Metabolism and Cardiovascular Diseases*, 31(3), 717–732.
<https://doi.org/10.1016/j.numecd.2020.12.020>
- Sageder, D. (2010). Terminology Today: A Science, an Art or a Practice? Some Aspects on Terminology and Its Development. *Brno Studies in English*, 36(1).
- Sager, J. (1990). *A Practical Course in Terminology Processing*. John Benjamins Publishing Company.
- Sapir, E. (1929). The Status of Linguistics as a Science. *Language*, 5(4), 207–214.
- Sarraipa, J., Marcelino-Jesus, E., Oliveira, P., Amaral, P., Ponte, M., Costa, R., & Zdravković, M. (2016). Aquaculture Knowledge Framework. *Konjović, Z., Zdravković, M., Trajanović, M. (Eds.) ICIST 2016 Proceedings*, 227–234.
<http://www.eventiotic.com/eventiotic/library/paper/50>
- Skutnabb-Kangas, T., Maffi, L., Harmon, D., Unesco, World Wildlife Fund, & Terralingua (Organization). (2003). *Sharing a world of difference: the earth's linguistic, cultural and biological diversity*. UNESCO.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132384>
- Soares da Silva, A. (1997). A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 1–2, 59–101.
- Steffensen, S. V., & Fill, A. (2014). Ecolinguistics: The state of the art and future horizons. *Language Sciences*. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.003>
- Stibbe, A. (2014). *Ecolinguistics and Erasure: restoring the natural world to consciousness*.
- Temmerman, R. (2000). *Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive-approach*. John Benjamins Publishing Company.
- Temmerman, R. (2011). Ways of managing the dynamics of terminology in multilingual communication. *Scolia*, 25, 105–123.

- Temmerman, R., Brussel, V. U., Kerremans, K., & Brussel, V. U. (2005). La termontographie en contexte (s). *Actes Des Septièmes Journées Scientifiques Du Réseau Lexicologie, Terminologie, Traduction, January 2005*.
- Temmerman, R., & Campenhoudt, M. Van. (2014). Introduction: Dynamics and Terminology. In R. Temmerman & M. Van Campenhoudt (Eds.), *Dynamics and Terminology: an interdisciplinary perspective on monolingual and multilingual culture-bound communication* (Vol. 16, pp. 1–13). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.16>
- Tercedor-Sánchez, M. (2011). The cognitive dynamics of terminological variation. *Terminology*, 17(2), 181–197. <https://doi.org/10.1075/term.17.2.01ter>
- Tercedor-Sánchez, M., & López-Rodríguez, C. I. (2012). Access to health in an intercultural setting: The role of corpora and images in grasping term variation. *Linguistica Antverpiensia*, 11, 247–268.
- Thibault, P. J. (2011). First-order languaging dynamics and second-order language: The distributed language view. *Ecological Psychology*, 23(3), 210–245. <https://doi.org/10.1080/10407413.2011.591274>
- Thibault, P. J. (2017). The reflexivity of human languaging and Nigel Love's two orders of language. *Language Sciences*, 61, 74–85. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2016.09.014>
- Tremblay, O., Drouin, P., & Saidane, R. (2023). Constitution d'un corpus de manuels scolaires en usage à l'école primaire pour l'élaboration d'une liste de vocabulaire transdisciplinaire. *Corpus*, 24. <https://doi.org/10.4000/corpus.7585>
- Valagão, M. M. (2011). Dieta Mediterrânica, Património Imaterial da Humanidade. *Revista Da APH*, 105, 23–27. <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Dieta+mediterrânica,+património+imaterial+da+humanidade#0>
- Vygotsky, L. (1986). *Thought and Language*. The MIT Press.
- Weinstein, B. D. (1993). What is an expert? *Theoretical Medicine*, 14, 57–73.
- Zarkini, A. (2014). *Towards a model for terminology planning*. *Tesis Doctoral*. Tesi Doctoral, Universitat Pompeu Fabra.

8. Referências bibliográficas dos *corpora*

8.1. Corpus DM-2023-PT

- Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo. (2020). *Guia de Implementação da Rota da Dieta Mediterrânica no Alentejo*. <https://www.rederural.gov.pt/centro-de-recursos?task=download.send&id=2048&catid=129&m=0>
- Carvalho, A. P. (2018). *Alimentos e suas aplicações culinárias - 1ª Parte: alimentos da Dieta Mediterrânica*. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/10753>
- Chacoto, L. (2014). A dieta mediterrânica nos provérbios portugueses. *Paremia*, 23, 163–174.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR Algarve). (2020). *RED BOOK Lista vermelha das atividades artesanais* (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR Algarve), Ed.).
- Covas, A., Carvalho, A. F., Brites, C. M., Oliveira, C., Moreno, I., Guerreiro, J., Bernardes, J. P., Queiroz, J., Oliveira, L. F., Costa, M., Covas, M. das M., Ferreira, M. E., Valagão, M. M., Mateus, M. P., & Graça, P. (2015). Dimensões da Dieta Mediterrânica - património cultural imaterial da humanidade. In *Dieta Mediterrânica*.
- Santos, R.F. & Roxo, R. (2021). *Gentes do mercado – Receitas, dicas saberes, histórias e provérbios*. Direção Regional de Cultura do Algarve. ISBN: 978-989-99521-9-5
- Durão, C. R., Oliveira, J. F. S., & De Almeida, M. D. V. (2008). Portugal e o padrão alimentar mediterrânico. *Revista de Alimentação Humana*, 14(3), 115–128.
- Bráz, N. (2016). Alimentos e produtos da Dieta Mediterrânica. *IV Encontro Nacional de Estudantes de Dietética e Nutrição*. ESSUAlg. <http://hdl.handle.net/10400.1/12298>
- Graça, P., Queiroz, J., & Cabral, C. B. (2018). *Manifesto pela Preservação da Dieta Mediterrânica*. Associação Portuguesa de Nutrição. <https://nutrimento.pt/activeapp/wp-content/uploads/2018/10/Manifesto-pela-preservacao-da-Dieta-Mediterranica.pdf>
- Machado, A. (2013). Dieta mediterrânica: a dieta que protege? *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 29(4), 265–267. <https://doi.org/10.32385/RPMGF.V29I4.11114>
- Oliveira, A. R. (2017). *Identificação da Dieta Mediterrânica no Receituário Tradicional Português*. Relatório de estágio. Universidade Fernando Pessoa. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7557/1/TC_28152.pdf
- Pontes, P. P. (2020). *Expressões culturais da gastronomia na arquitetura - Dieta mediterrânica e a arquitetura vernácula do sotavento algarvio*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/27789>

- Queirós, A. C. do V. (2012). *Adesão à dieta mediterrânica no Concelho de Tavira*. <http://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/handle/10884/758>
- Queiroz, J. (2014). Dieta Mediterrânica: um modelo cultural. *Revista Factores de Risco*, 31, 8-18. http://www.alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp/wp-content/files_mf/1444919846dmmodelocultural.pdf
- Real, H. (2019). *Dieta Mediterrânica: Conceito, Evolução e Potencial utilização em Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto.
- Real, H., & Graça, P. (2020). Perceções sobre o conceito de Dieta Mediterrânica e a sua evolução - perspetivas de profissionais do Algarve-Portugal. *Revista Española De Comunicación En Salud*, 11(2), 203. <https://doi.org/10.20318/recs.2020/5306>
- Ricardo, L. (2023). *Notas de trabalho de campo sobre a cultura do centeio no sul de Portugal*. ReSEED – Rescuing Seed’s Heritage. <https://reseed.uc.pt/index.php/2023/06/05/fieldwork-notes-on-the-rye-culture-in-the-south-of-portugal/>
- Valagão, M. M. (2011). Dieta Mediterrânica, Património Imaterial da Humanidade. *Revista Da APH*, 105, 23-27. <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Dieta+mediterrânica,+património+imaterial+da+humanidade#0>

URLs:

Associação In Loco

- In Loco. In Loco. Disponível em <http://in-loco.pt/> [acedido em 10/03/2023]
- Algarve, um Estilo de vida. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/projectos/2021/algarve-um-estilo-de-vida-mediterranico/> [acedido em 19/04/2023]
- Dieta Mediterrânica com sabor a Algarve no Egito. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20141010/dieta-mediterranica-com-sabor-a-algarve-no-egito> [acedido em 10/03/2023]
- Dieta Mediterrânica com sabor a Algarve. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20141106/dieta-mediterranica-com-sabor-a-algarve/> [acedido em 10/03/2023]
- Dieta Mediterrânica para crianças. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20160612/dieta-mediterranica-para-criancas/> [acedido em 19/04/2023]
- Feira da Dieta Mediterrânica – Programa. In Loco. Disponível em http://www.in-loco.pt/upload_folder/files/feira_dieta_mediterraneaPrograma_provisorio.pdf [acedido em 19/04/2023]
- Feira da Dieta Mediterrânica- In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/agenda/20150625/20150903-feira-da-dieta-mediterranica-3-a-6-set-tavira/> [acedido em 12/03/2023]

Itinerário pedagógico sobre a Dieta Mediterrânica. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20170318/itinerario-pedagogico-sobre-a-dieta-mediterranica/> [acedido em 19/04/2023]

Loulé - Sessão de Informação sobre a Dieta Mediterrânica. In Loco. Disponível em <http://in-loco.pt/pt/agenda/20160317/20160328-loule-sessao-de-informacao-sobre-a-dieta-mediterranica-assembleia-municipal-de-loule/> [acedido em 10/03/2023]

MedFest. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20161212/medfest/> [acedido em 19/04/2023]

O que é a Dieta Mediterrânica. In Loco. Disponível em http://www.in-loco.pt/upload_folder/files/PDFmais_informa%C3%A7%C3%A3o-dieta-mediterranea.pdf [acedido em 19/04/2023]

Rota da Dieta Mediterrânica acolhida com Entusiasmo. Dieta Mediterrânica com sabor a Algarve. In Loco. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/noticias/20150806/rota-da-dieta-mediterranica-acolhida-com-entusiasmo/> [acedido em 19/04/2023]

Rota da Dieta Mediterrânica. In Loco. Disponível em <http://in-loco.pt/pt/noticias/20150721/rota-da-dieta-mediterranica/> [acedido em 10/03/2023]

Dieta Mediterrânica – Câmara Municipal de Tavira

Dieta Mediterrânica. Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://dietamediterranea.pt/?q=pt> [acedido em 22/04/2023]

Dieta Mediterrânica Algarvia. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/livros-dieta-mediterr%C3%A2nica-algarve-alimenta%C3%A7%C3%A3o-saud%C3%A1vel-receitas/dieta-mediterr%C3%A2nica-algarvia> [acedido em 22/04/2023]

Estudo sobre a adesão ao Padrão Alimentar Mediterrânico em adolescentes no Algarve. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/artigos> [acedido em 22/04/2023]

Exposição itinerante "Dieta Mediterrânica - Património Cultural Imaterial da Humanidade". Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/expo> [acedido em 22/04/2023]

Feira da Dieta Mediterrânica. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/node/754> [acedido em 22/04/2023]

Guia de Museus do Algarve. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://dietamediterranea.pt/?q=pt/livros-museus-algarve-patrim%C3%B3nio-cultural-imaterial/guia-de-museus-do-algarve> [acedido em 22/04/2023]

Identidades e Patrimónios do Mediterrâneo. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://dietamediterranea.pt/?q=pt/livros-gastronomia-patrim%C3%B3nio-cultural-imaterial/revista-n%C2%BA3-identidades-e-patrim%C3%B3nios-do> [acedido em 22/04/2023]

Kit da Dieta Mediterrânica. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/node/656> [acedido em 22/04/2023]

Memóriamedia | E-Museu do Património Cultural Imaterial. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/node/626> [acedido em 22/04/2023]

Notícias. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/noticias> [acedido em 22/04/2023]

Plano de Ação e Salvaguarda da Dieta Mediterrânica. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=en/node/692> [acedido em 22/04/2023]

Portalegre: Alentejo prepara Rota da Dieta Mediterrânica à volta da mesa na EHT. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/not%C3%ADcias-dieta-mediterr%C3%A2nica-patrim%C3%B3nio-cultural-imaterial-da-humanidade-da-unesco-patrim%C3%B3nio> [acedido em 22/04/2023]

Rota da Dieta Mediterrânica. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/node/604> [acedido em 22/04/2023]

Sabores mediterrânicos do Algarve no dia 28 de abril de 2023. Dieta Mediterrânica/Câmara Municipal de Tavira. Disponível em <http://www.dietamediterranea.pt/?q=pt/sabores-mediterr%C3%A2nicos-do-algarve-dia-28-de-abril-de-2023> [acedido em 22/04/2023]

Algarve Imaterial (Rede de Museus do Algarve - Grupo de Trabalho dedicado ao Património Cultural Imaterial, RMA-PCI).

Algarve Imaterial/RMA-PCI – Rede de Museus do Algarve - Grupo de Trabalho dedicado ao Património Cultural Imaterial (RMA-PCI). Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/> [acedido em 30/04/2023]

Esparto. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/esparto-2/> [acedido em 30/04/2023]

Festa de São Luís. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/festa-das-chouricas-em-honra-de-sao-luis/> [acedido em 30/04/2022]

Litão. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/litao-2-2/> [acedido em 30/04/2023]

Mãe Soberana. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/mae-soberana-2/> [acedido em 30/04/2023]

Salicultura Tradicional. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/salicultura-tradicional/> [acedido em 30/04/2023]

Vila de Amêijoas. Algarve Imaterial/RMA-PCI. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/vila-de-ameijoas/> [acedido em 30/04/2023]

Associação dos Amigos da Cortelha

Associação dos Amigos da Cortelha. Disponível em <https://www.amigosdacortelha.pt/> [acedido em 2/03/2024]

Magusto inspira Passeio Pedestre na Cortelha. Associação dos Amigos da Cortelha. Disponível em <http://www.amigosdacortelha.pt/index.php?name=News&file=article&sid=197> [acedido em 2/05/2023]

Passeio pedestre revive a tradição da "Matança do Porco". Associação dos Amigos da Cortelha. Disponível em <http://www.amigosdacortelha.pt/index.php?name=News&file=article&sid=201> [acedido em 2/05/2023]

Serra do Caldeirão: Festa da Espiga 2010: Tradição com nova imagem Associação dos Amigos da Cortelha. Disponível em <http://www.amigosdacortelha.pt/index.php?name=News&file=article&sid=151> [acedido em 2/05/2023]

Recolhas orais transcritas efetuadas no âmbito dos projetos de recolha etnográfica e cultural levadas a cabo por:

Ana Medeira (comunicação pessoal). Festa da Pinha, Festa das Tochas, Festa de São Luís, Doçaria tradicional.

Associação In Loco. Projeto Slow Med. Disponível em <http://www.in-loco.pt/pt/projectos/20140304/slowmed-slow-food-as-a-means-of-dialogue-in-mediterranean-contexts/> [acedido em 10/03/2023]

8.2. Corpus Aqua-2023-PT

- Agência Portuguesa do Ambiente. (2017a). *Boas práticas em cultivo de ostra*. https://apambiente.pt/sites/default/files/_SNIAMB_A_APA/Publicacoes/Guias_Manuais/Boas_Praticas_Cultivo_Ostra.pdf
- Agência Portuguesa do Ambiente. (2017b). *Diagnóstico do sector da produção ostreícola na Ria Formosa - Relatório das visitas técnicas*. https://apambiente.pt/sites/default/files/_SNIAMB_A_APA/Publicacoes/Guias_Manuais/Relatorio_Ria_Formosa_Ostreicultura.pdf
- Associação Portuguesa de Aquacultores. (2012, September 4). APA Informa. 66, 1-10. <https://www.cope.pt/documents/APA-Setembro.pdf>
- Azeredo, F., Gonçalves, J. F., Hinzmann, M., & Vaz-Pires, P. (2018). *Manual de boas práticas na ostreicultura em Portugal* (Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental, Ed.). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. https://www.researchgate.net/publication/323749135_Manual_de_boas_praticas_na_ostreicultura_em_Portugal
- Comissão Europeia. (2021). Orientações estratégicas para uma aquicultura na UE mais sustentável e competitiva para o período de 2021 a 2030. *Eur-Lex*, COM/2021/236 final (1-2). https://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2014_2019/plmrep/COMMITTEES/PECH/DV/2021/
- Comissão Interministerial para os Assuntos do Mar. (2012). *Manual de Procedimentos de Licenciamento de Estabelecimentos de Aquicultura Marinha - Documento do Grupo de Trabalho*. <https://www.draplvt.gov.pt/DRAPLVT/CaracterizacaoInfoTecnica/Documents/man-proc-aquicultura.pdf>
- Direção Geral dos Recursos Naturais Segurança e Serviços Marítimos. (2013). *Plano Estratégico para a Aquicultura Portuguesa*. https://www.dgrm.pt/documents/20143/43770/Plano_Estrat%C3%A9gico_Aquicultura_2014_2020.pdf
- Duarte, N. O. (2012). *Definição de critérios de seleção de progenitores de ostra portuguesa Crassostrea angulata (Lamarck 1819) sujeitos a diferentes condições ambientais: relação entre a qualidade dos progenitores, posturas e larvas* [Dissertação de mest., Aquacultura e Pescas (Aquacultura), Dissertação de mest., Aquacultura e Pescas (Aquacultura), Universidade do Algarve]. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3334>
- Ferreira, A. T. C. S. (2015). *Crescimento e qualidade microbiológica das ostras produzidas em cultivos multitróficos versus monocultivos* [Dissertação de mestrado, Aquacultura e Pescas (Aquacultura), Universidade do Algarve]. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/8161>
- Grencho, G. M. (2016). *Dimensionamento de um sistema de tratamento de um efluente de aquicultura de esturção* [Dissertação de Mestrado em

Engenharia do Ambiente, Universidade do Algarve].
<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/9852>

Mosqueira Mendes, M. M. (2021). *Potencial da aquacultura offshore ou em zonas costeiras de Portugal* [Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Aquacultura]. Instituto Politécnico de Leiria.

Rocha, R. M., & Dinis, M. T. (2019). Aquacultura Sustentável: da subsistência à produção comercial. *Revista Captar: Ciência e Ambiente Para Todos*, 8(1), 40–50. <https://doi.org/10.34624/CAPTAR.V8I1.3795>

Santos, M. (2013). *Certificação na aquacultura offshore de moluscos bivalves: modelo de estudo - cultivo de mexilhão, Finisterra S.A. (Sagres)* [Mestrado em Aquacultura e Pescas (Aquacultura), Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências e Tecnologia].
<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/6046>

Santos, M. T. (2014). *Utilização de copépodes preservados como alimento no cultivo de larvas de dourada (Sparus aurata, Linnaeus, 1758) e de juvenis de linguado (Solea senegalensis, Kaup, 1858): impacto no crescimento e qualidade dos organismos* [Dissertação de mestrado, Aquacultura e Pescas, Universidade do Algarve].
<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/8187>

URLs:

Alimento vivo em aquacultura. IPMA/EEMT. Disponível em
<https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/alimentovivo/index.jsp> [acedido em 30/12/2022]

Aquacultura de Invertebrados Marinhos. IPMA/EEMT. Disponível em
<https://eemt.ipma.pt/aquaculture/> [acedido em 28/12/2022]

Aquicultura. Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Marítimos. Disponível em <https://www.dgrm.mm.gov.pt/aquicultura> [acedido em 15/02/2023]

Corvina - *Argyrosomus regius*. IPMA/EPPO. Disponível em
<https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/corvina/index.jsp> [acedido em 28/12/2022]

Dourada – *Sparus aurata*. IPMA/EPPO. Disponível em
<https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/dourada/index.jsp> [acedido em 30/12/2022]

Estação Experimental de Moluscicultura de Tavira. IPMA. Disponível em
<https://www.ipma.pt/pt/pescas/eemt/> [acedido em 28/12/2022]

Estação Piloto de Piscicultura de Olhão. IPMA. Disponível em
<https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/index.jsp> [acedido em 28/12/2022]

I Ação de Transferência – Aquacultura Multitrófica Integrada (IMTA). IPMA. Disponível em
https://www.ipma.pt/export/sites/ipma/bin/docs/publicacoes/pescas.mar/A1_IMTA_AQUATRANSFER.pdf [acedido em 28/12/2022]

- IV Ação de Transferência – Aumento da qualidade dos produtos de aquacultura: uma aposta no bem-estar animal. IPMA. Disponível em https://www.ipma.pt/export/sites/ipma/bin/docs/publicacoes/pescas.mar/AQUATRANSFER_Bem_Estar_Animal.pdf [acedido em 28/12/2022]
- Linguado – *Solea senegalensis*. IPMA/EPPO. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/linguado/index.jsp> [acedido em 28/12/2022]
- Microalgas. IPMA/EPPO. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/microalgas/index.jsp> [acedido em 30/12/2022]
- Polvo – *Octopus vulgaris*. IPMA/EPPO. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/polvo/index.jsp> [acedido em 28/12/2022]
- Recursos. Associação Portuguesa de Aquacultores. Disponível em <https://aquacultores.pt/recursos/> [acedido em 17/07/2023]
- Robalo – *Dicentrarchus labrax*. IPMA/EPPO. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/robalo/index.jsp> [acedido em 30/12/2022]
- Sardinha – *Sardina pilchardus* IPMA/EPPO. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/pescas/eppo/sardinha/index.jsp> [acedido em 28/12/2022]
- VII Ação de Transferência – Boas práticas de manejo em produção de ostra. IPMA. Disponível em https://www.ipma.pt/resources.www/docs/publicacoes.site/eppo/AQUATRANSFER_Boas_praticas_ostra.pdf [acedido em 28/12/2022]

9. Anexos

9.1. Anexo 1 – Tabelas de Dados: Formas Denominativas Seleccionadas

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECCIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	alfarroba	alfarroba	N	19	146,27	405,52	3
2005-09	alfarrobeira	alfarrobeira	N	4	643,09	596,75	1
2010-14	alfarrobeira	alfarrobeira	N	1	43,84	41,54	1
2015-19	alfarrobeira	alfarrobeira	N	14	107,77	601,57	2
2015-19	alimar	alimar	V	2	15,40	148,01	2
2015-19	alimar	carapau-alimado	N	1	7,70	77,98	1
2015-19	almeixar	almeixar	N	27	207,85	2073,93	1
2015-19	almeixar	almanxar	N	3	23,09	231,63	2
2010-14	atividade física	atividade física	N A	7	306,86	14,75	1
2010-14	atividade física	exercício físico	N A	7	43,84	44,11	1
2010-14	atividade física	prática de exercício físico	N SP N A	3	131,51	102,95	2
2010-14	atividade física	exercício físico	N A	8	350,80	31,60	3
2010-14	atividade física	actividade física	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	atividade física	prática de lazer activo	N SP N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	atividade física	prática regular de actividade física	N A SP N A	1	43,84	44,69	1
2010-14	atividade física	prática regular de exercício físico	N A SP N A	1	43,84	42,44	1
2015-19	atividade física	exercício físico	N A	2	15,40	1,50	2
2020-23	atividade física	atividade física	N A	1	125,99	6,08	1
2005-09	azeite	azeite	N	22	3536,98	322,61	1
2010-14	azeite	azeite	N	27	1183,59	108,02	5
2010-14	azeite	azeite virgem	N A	5	219,18	203,39	1
2010-14	azeite	azeite virgem extra	N A A	4	175,35	173,26	1
2015-19	azeite	azeite	N	180	1385,67	137,66	6
2015-19	azeite	produção de azeite	N SP N	5	38,49	228,83	2
2015-19	azeite	azeite novo	N A	4	30,79	296,00	2
2020-23	azeite	azeite	N	5	629,96	57,53	1
2005-09	balança	balança (alimentar)	N	9	1446,95	121,81	1
2005-09	balança	balança alimentar	N A	8	1286,17	1282,61	1
2005-09	balança	BAP (=balança alimentar portuguesa)	N A A	5	803,86	611,18	1
2010-14	barrocal	barrocal	N	3	131,51	118,43	3
2010-14	barrocal	barrocal algarvio	N A	1	43,84	44,37	1
2015-19	barrocal	barrocal	N	17	130,87	598,35	2
2010-14	bem-estar	bem-estar	N	2	87,67	3,00	2
2015-19	bem-estar	bem-estar	N	12	92,38	3,10	3
2020-23	bem-estar	bem-estar	N	1	125,99	4,30	1
2005-09	capitação	capitação	N	13	2090,03	1702,57	1
2005-09	capitação	capitação diária	N A	8	1286,17	1287,17	1
2005-09	capitação	capitação alimentar	N A	2	321,54	322,54	1
2005-09	capitação	capitação diária de alimentos	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	capitação	capitação diária de energia	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	capitação	capitação diária de nutrientes	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2010-14	capitação	capitação anual de produtos hortícolas	N A SP N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	capitação	capitação	N	1	43,84	36,51	1
2015-19	comida	comida de panela/tacho	N SP N	4	30,79	296,39	2
2020-23	confraria	confraria (=irmandade)	N	1	125,99	44,65	1
2010-14	conservação	conservação dos alimentos	N SP N	2	87,67	78,60	1
2015-19	conservação	conservação dos alimentos	N SP N	3	23,09	101,63	1
2015-19	conservação	conservação de alimentos	N SP N	3	23,09	90,86	2
2010-14	convivialidade	convivialidade	N	2	87,67	82,31	2
2010-14	convivialidade	em redor da mesa (=volta da mesa)	SP N SP+*N	2	---	---	1
2010-14	convivialidade	convívio à volta da mesa	N SP+* N SP+*N	1	43,84	44,77	1
2010-14	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	1	43,84	36,69	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	5	38,49	119,85	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à volta da mesa	N SP+* N SP+*N	3	23,09	231,95	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à volta da mesa	N SP+* N SP+*N	3	23,09	231,95	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à mesa	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	2	251,98	207,03	1
2020-23	convivialidade	em redor da mesa (=volta da mesa)	SP N SP+*N	1	---	---	1
2005-09	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	1	160,77	150,16	1
2010-14	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	N A	51	2235,67	2029,47	5
2010-14	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	34	1490,44	1384,42	4
2010-14	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	N A	20	254,70	254,70	1
2010-14	dieta mediterrânica	dieta do mediterrâneo	N SP+* N	1	43,84	43,29	1
2015-19	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	440	3387,19	19104,10	6
2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	N A	50	384,91	1905,12	4
2015-19	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	N A	46	354,12	103,00	3
2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânea	N A	13	100,08	290,24	1
2015-19	dieta mediterrânica	adesão à dieta mediterrânica	N SP+* N A	8	61,59	603,48	1
2015-19	dieta mediterrânica	padrão alimentar da dieta mediterrânica	N A SP+* N A	3	23,09	231,95	1
2015-19	dieta mediterrânica	preservação da dieta mediterrânica	N SP+* N A	3	23,09	231,95	2
2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	91	11465,29	10643,47	1
2020-23	dieta mediterrânica	adesão à dieta mediterrânica	N SP+* N A	2	251,98	252,43	1
2020-23	dieta mediterrânica	preservação da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	125,99	126,99	1
2015-19	empreita de palma	empreita	N	1	7,70	42,83	1
2005-09	época	produto hortícola da época	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2015-19	época	produto da época	N SP+* N	3	23,09	165,32	3
2010-14	erva aromática	erva aromática	N A	3	131,51	87,72	2
2015-19	erva aromática	erva aromática	N A	48	369,51	605,34	5
2015-19	erva aromática	planta aromática	N A	11	84,68	259,89	1
2015-19	erva aromática	Ervas aromáticas	N A	5	38,49	333,88	2
2020-23	erva aromática	erva aromática	N A	2	251,98	167,47	1
2015-19	esparto	esparto	N	1	7,70	64,51	1
2005-09	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	3	482,3	92,90	1
2010-14	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	N SP N	16	701,39	48,09	4
2010-14	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	3	131,51	25,50	2
2010-14	estilo de vida	estilo de vida saudável	N SP N A	1	43,84	23,83	1
2015-19	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	43	331,02	63,8	5
2020-23	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	N SP N	13	1637,90	112,21	1
2020-23	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	2	251,98	48,6	1
2020-23	estilo de vida	estilo de vida saudável	N SP N A	1	125,99	67,51	1
2015-19	estupeta	estupeta	N	2	15,40	151,60	2
2015-19	feira	feira local	N A	2	15,40	92,29	1
2010-14	frigir	frigir	V	2	87,67	13,13	1
2015-19	frugal	frugalidade	N	15	115,47	493,35	4
2015-19	frugal	frugalidade no consumo	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	frugal	frugalidade	N	3	377,98	334,12	1
2010-14	horchata	horchata	N	1	2,79	3,80	1
2010-14	horta	horta	N	3	131,51	12,54	2
2010-14	horta	horta familiar	N A	1	43,84	43,90	1
2010-14	horta	hortejo	N	1	2,79	3,80	1
2015-19	horta	talhão	N	3	23,09	37,89	1
2015-19	horta	horta mediterrânea	N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	horta	horta mediterrânica	N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	horta	talhão de horta	N SP N	2	15,40	154,96	1
2015-19	horta	talhão de horta	N SP N	2	15,40	154,96	1
2010-14	hospitalidade	hospitalidade	N	2	87,67	20,40	2
2010-14	hospitalidade	vizinhança (=hospitalidade)	N	1	43,84	6,32	1
2020-23	hospitalidade	valor de hospitalidade (= vizinhança)	N SP N	1	125,99	126,99	1
2020-23	hospitalidade	valor de hospitalidade	N SP N	1	125,99	126,87	1
2020-23	hospitalidade	hospitalidade	N	1	125,99	29,22	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2005-09	legume	hortaliça	N	2	321,54	66,73	1
2010-14	legume	verdura	N	8	350,69	46,31	1
2010-14	legume	legume	N	8	350,69	28,19	3
2010-14	legume	hortaliças	N	1	43,84	33,79	1
2015-19	maio	maios-moços	N	1	7,70	77,93	1
2005-09	matança	ritual festivo da matança	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2005-09	matança	matança	N	1	160,77	56,60	1
2015-19	matança	matança do porco	N SP+* N	2	15,40	115,48	2
2015-19	medronheiro	medronheiro	N	2	15,40	74,19	2
2015-19	medronho	medronho	N	4	30,79	109,67	2
2010-14	mercado	mercado tradicional	N A	1	43,84	34,76	1
2010-14	olival	olival	N	3	131,51	72,48	2
2015-19	olival	olival	N	16	123,17	132,79	2
2005-09	oliveira	oliveira	N	10	1607,72	17,31	1
2015-19	oliveira	oliveira-brava	N	2	15,40	153,42	1
2010-14	olivicultura	olivicultura	N	1	43,84	41,18	1
2015-19	olivicultura	olivicultura	N	1	7,70	41,31	1
2005-09	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	N	21	3376,21	1352,92	1
2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	16	2572,35	1761,01	1
2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	1	160,77	161,14	1
2005-09	padrão alimentar	Padrão alimentar	N A	1	160,77	161,10	1
2010-14	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	11	482,20	330,67	2
2010-14	padrão alimentar	modelo alimentar	N A	7	306,86	301,26	3
2010-14	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	2	87,67	88,33	1
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	62	477,29	850,52	5
2015-19	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	N	31	238,64	149,57	2
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	12	92,38	890,11	3
2015-19	padrão alimentar	modelo alimentar mediterrânico	N A A	5	38,49	385,91	1
2015-19	padrão alimentar	Padrão alimentar	N A	5	38,49	370,48	2
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar da dieta mediterrânica	N A SP+* N A	3	23,09	231,95	1
2020-23	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	4	503,97	345,56	1
2020-23	padrão alimentar	modelo alimentar	N A	2	251,98	247,56	1
2020-23	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	1	125,99	126,50	1
2005-09	paisagem	paisagem mediterrânica	N A	1	160,77	160,63	1
2010-14	paisagem	paisagem cultural	N A	8	350,69	289,43	2
2015-19	paisagem	paisagem cultural	N A	9	69,28	220,17	2
2015-19	paisagem	paisagem mediterrânica	N A	6	46,19	432,13	2
2015-19	paisagem	paisagem agrícola	N A	6	46,19	329,30	1
2005-09	pão	pão	N	13	2090,03	56,77	1
2010-14	pão	pão	N	57	2498,68	67,86	4
2010-14	pão	pão de centeio	N SP N	2	87,67	80,91	1
2010-14	pão	pão de trigo	N SP N	2	87,67	79,96	1
2010-14	pão	pão trigueiro	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	pão	pão escuro	N A	1	43,84	43,82	1
2015-19	pão	pão	N	182	1401,07	38,99	5
2015-19	pão	pão de trigo	N SP N	3	23,09	111,01	2
2015-19	pão	ciclo do pão	N SP+* N	2	15,40	145,12	2
2015-19	pão	pão tradicional	N A	2	15,40	112,01	1
2015-19	pão	pão tradicional	N A	2	15,40	112,01	1
2020-23	pão	pão	N	2	251,98	6,87	1
2010-14	património cultural	património cultural	N A	8	350,69	188,82	2
2010-14	património cultural	Património cultural	N A	7	306,86	185,75	2
2010-14	património cultural	património alimentar	N A	3	131,51	132,19	1
2010-14	património cultural	Património imaterial	N A	3	131,51	121,70	3
2010-14	património cultural	património imaterial	N A	2	87,67	80,71	2
2010-14	património cultural	património cultural alimentar	N A A	1	43,84	44,84	1
2010-14	património cultural	património imaterial da humanidade	N A SP+* N	1	43,84	44,15	1
2010-14	património cultural	património gastronómico	N A	1	43,84	43,76	1
2010-14	património cultural	património histórico-cultural	N A	1	43,84	43,56	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	património cultural	património natural	N A	1	43,84	31,95	1
2015-19	património cultural	património cultural	N A	37	284,83	296,00	4
2015-19	património cultural	património imaterial	N A	23	177,06	891,44	3
2015-19	património cultural	património material	N A	12	92,38	565,02	2
2015-19	património cultural	património imaterial da humanidade	N A SP+* N	8	61,59	534,31	2
2015-19	património cultural	Património rural	N A	7	53,89	495,60	1
2015-19	património cultural	Património imaterial	N A	7	53,89	285,86	2
2015-19	património cultural	património cultural imaterial (=pci)	N A A	6	46,19	394,75	3
2015-19	património cultural	Património material	N A	2	15,40	147,44	1
2015-19	património cultural	património gastronómico	N A	2	15,40	124,45	1
2020-23	património cultural	Património cultural	N A	8	1007,94	608,74	1
2020-23	património cultural	património cultural	N A	2	251,98	135,82	1
2010-14	petisco	petisco	N	1	43,84	8,93	1
2010-14	pirâmide	pirâmide	N	5	219,18	27,23	3
2010-14	pirâmide	pirâmide alimentar mediterrânica	N A A	2	87,67	88,67	1
2010-14	pirâmide	Pirâmide alimentar	N A	2	87,67	85,09	1
2010-14	pirâmide	pirâmide alimentar	N A	2	87,67	75,67	1
2015-19	pirâmide	pirâmide alimentar	N A	9	69,28	255,20	3
2015-19	pirâmide	pirâmide da dieta mediterrânica	N A A	7	53,89	539,87	2
2015-19	pirâmide	pirâmide mediterrânica	N A	3	23,09	231,95	1
2015-19	pirâmide	pirâmide alimentar mediterrânica	N A A	2	15,40	154,96	1
2005-09	produto	produto hortícola	N A	9	1446,95	1199,89	1
2005-09	produto	produto hortícola da época	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2010-14	produto	produto hortícola	N A	10	438,37	364,10	3
2015-19	produto	produto hortícola	N A	31	238,64	778,34	5
2015-19	produto	produto fresco	N A	9	69,28	114,53	4
2015-19	produto	produto vegetal	N A	7	53,89	166,49	3
2015-19	produto	Produtos hortícola	N A	4	30,79	284,12	1
2015-19	produto	produto da época	N A	3	23,09	165,32	3
2015-19	produto	produto sazonal	N A	2	15,40	82,64	1
2020-23	produto	produto hortícola	N A	2	251,98	209,64	1
2020-23	produto	produto vegetal	N A	2	251,98	206,64	1
2020-23	produto	produto fresco	N A	1	125,99	84,33	1
2020-23	produto	produto local	N A	1	125,99	73,84	1
2015-19	ramo de cheiros	boneca de cheiros	N SP N	2	----	----	1
2015-19	ramo de cheiros	raminho	N	2	----	---	1
2010-14	refeição	refeição partilhada	N A	5	219,18	219,05	1
2010-14	refeição	refeição ritual	N A	1	43,84	44,64	1
2015-19	refeição	refeição familiar	N A	2	15,40	123,19	1
2005-09	regadio	regadio	N	2	321,54	249,65	1
2015-19	regadio	regadio	N	10	76,98	196,65	2
2015-19	regadio	pomar de regadio	N SP N	2	15,40	154,96	1
2010-14	roda	Roda dos alimentos	N SP+* N	1	43,84	43,49	1
2015-19	roda	Roda dos alimentos	N SP+* N	3	23,09	177,02	2
2010-14	saber-fazer	saberes-fazer	N	3	131,51	131,15	1
2010-14	saber-fazer	saber ancestral	N A	3	131,51	124,66	2
2010-14	saber-fazer	saberes-fazer	N	1	43,84	44,30	1
2010-14	saber-fazer	saber tradicional	N A	1	43,84	36,91	1
2015-19	saber-fazer	saber ancestral	N A	3	23,09	142,30	1
2015-19	saber-fazer	saberes-fazer	N	2	15,40	140,44	1
2015-19	saber-fazer	saberes-fazer	N	1	7,70	69,57	1
2010-14	salvaguarda	salvaguarda	N	4	175,35	43,34	2
2010-14	salvaguarda	salvaguarda do património cultural alimentar	N SP+* N A A	1	43,84	44,84	1
2010-14	salvaguarda	salvaguarda do património cultural	N SP+* N A	1	43,84	44,04	1
2015-19	salvaguarda	salvaguarda	N	41	315,62	99,62	3
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património	N SP+* N	6	46,19	258,62	2
2015-19	salvaguarda	salvaguarda da dieta mediterrânica	N SP+* N A	4	30,79	304,43	2
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património cultural	N SP+* N A	3	23,09	196,56	1
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património material	N SP+* N A	2	15,40	154,96	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	salvaguarda	salvaguarda	N	4	503,97	124,10	1
2010-14	sazonalidade	sazonalidade	N	1	43,84	18,52	1
2005-09	sequeiro	cultura extensiva de sequeiro	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	sequeiro	sequeiro	N	1	160,77	75,37	1
2010-14	sequeiro	sequeiro	N	3	131,51	61,74	2
2010-14	sequeiro	pomar de sequeiro	N SP N	2	87,67	88,42	1
2015-19	sequeiro	sequeiro	N	25	192,45	154,48	2
2015-19	sequeiro	pomar de sequeiro	N SP N	11	84,68	824,00	2
2015-19	sequeiro	cultura de sequeiro	N SP N	5	38,49	323,91	2
2015-19	sequeiro	pomar tradicional de sequeiro	N A SP N	4	30,79	308,93	1
2015-19	sequeiro	cultura arvensa de sequeiro	N A SP N	3	23,09	226,47	2
2010-14	sustentabilidade	sustentabilidade dos territórios rurais	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade	N	3	377,98	11,23	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade alimentar	N A	1	125,99	125,13	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade ambiental	N A	1	125,99	57,53	1
2005-09	trilogia	trilogia	N	4	643,09	89,73	1
2010-14	trilogia	trilogia	N	7	306,86	42,89	3
2010-14	trilogia	trilogia da alimentação mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia mediterrânica	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	tríade (=trilogia)	N	1	43,84	17,20	1
2015-19	trilogia	trilogia	N	43	331,02	52,74	4
2015-19	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	trilogia	trilogia do pão	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	trilogia	trilogia pão-vinho-azeite	N N-N-N	1	125,99	126,99	1
2020-23	trilogia	trilogia	N	1	125,99	17,69	1
2015-19	varejo	varejar	V	2	5,58	5,70	2
2015-19	vénus	setestrelo	N	2	15,40	152,10	1
2015-19	vénus	luzeiro	N	2	15,40	65,74	1
2005-09	vinho	vinho	N	18	2893,89	51,10	1
2010-14	vinho	vinho	N	32	1402,77	24,78	5
2015-19	xarém	xarém (=papas de milho)	N	10	76,98	720,04	3
2015-19	xarém	xerém	N	6	46,19	87,84	3
2015-19	xarém	papas de milho	N SP N	3	23,09	229,33	1
2015-19	xarém	papas	N	3	23,09	29,19	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	alfarroba	alfarroba	N	19	146,27	405,52	3
2005-09	alfarrobeira	alfarrobeira	N	4	643,09	596,75	1
2010-14	alfarrobeira	alfarrobeira	N	1	43,84	41,54	1
2015-19	alfarrobeira	alfarrobeira	N	14	107,77	601,57	2
2015-19	alimar	alimar	V	2	15,40	148,01	2
2015-19	alimar	carapau-alimado	N	1	7,70	77,98	1
2015-19	almeixar	almeixar	N	27	207,85	2073,93	1
2015-19	almeixar	almanxar	N	3	23,09	231,63	2
2010-14	atividade física	atividade física	N A	7	306,86	14,75	1
2010-14	atividade física	exercício físico	N A	7	43,84	44,11	1
2010-14	atividade física	prática de exercício físico	N SP N A	3	131,51	102,95	2
2010-14	atividade física	exercício físico	N A	8	350,80	31,60	3
2010-14	atividade física	actividade física	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	atividade física	prática de lazer activo	N SP N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	atividade física	prática regular de actividade física	N A SP N A	1	43,84	44,69	1
2010-14	atividade física	prática regular de exercício físico	N A SP N A	1	43,84	42,44	1
2015-19	atividade física	exercício físico	N A	2	15,40	1,50	2
2020-23	atividade física	atividade física	N A	1	125,99	6,08	1
2005-09	azeite	azeite	N	22	3536,98	322,61	1
2010-14	azeite	azeite	N	27	1183,59	108,02	5
2010-14	azeite	azeite virgem	N A	5	219,18	203,39	1
2010-14	azeite	azeite virgem extra	N A A	4	175,35	173,26	1
2015-19	azeite	azeite	N	180	1385,67	137,66	6
2015-19	azeite	produção de azeite	N SP N	5	38,49	228,83	2
2015-19	azeite	azeite novo	N A	4	30,79	296,00	2
2020-23	azeite	azeite	N	5	629,96	57,53	1
2005-09	balança	balança (alimentar)	N	9	1446,95	121,81	1
2005-09	balança	balança alimentar	N A	8	1286,17	1282,61	1
2005-09	balança	BAP (=balança alimentar portuguesa)	N A A	5	803,86	611,18	1
2010-14	barrocal	barrocal	N	3	131,51	118,43	3
2010-14	barrocal	barrocal algarvio	N A	1	43,84	44,37	1
2015-19	barrocal	barrocal	N	17	130,87	598,35	2
2010-14	bem-estar	bem-estar	N	2	87,67	3,00	2
2015-19	bem-estar	bem-estar	N	12	92,38	3,10	3
2020-23	bem-estar	bem-estar	N	1	125,99	4,30	1
2005-09	capitação	capitação	N	13	2090,03	1702,57	1
2005-09	capitação	capitação diária	N A	8	1286,17	1287,17	1
2005-09	capitação	capitação alimentar	N A	2	321,54	322,54	1
2005-09	capitação	capitação diária de alimentos	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	capitação	capitação diária de energia	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	capitação	capitação diária de nutrientes	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2010-14	capitação	capitação anual de produtos hortícolas	N A SP N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	capitação	capitação	N	1	43,84	36,51	1
2015-19	comida	comida de panela/tacho	N SP N	4	30,79	296,39	2
2020-23	confraria	confraria (=irmandade)	N	1	125,99	44,65	1
2010-14	conservação	conservação dos alimentos	N SP N	2	87,67	78,60	1
2015-19	conservação	conservação dos alimentos	N SP N	3	23,09	101,63	1
2015-19	conservação	conservação de alimentos	N SP N	3	23,09	90,86	2
2010-14	convivialidade	convivialidade	N	2	87,67	82,31	2
2010-14	convivialidade	em redor da mesa (=volta da mesa)	SP N SP+*N	2			1
2010-14	convivialidade	convívio à volta da mesa	N SP+*N SP+*N	1	43,84	44,77	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	1	43,84	36,69	1
2015-19	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	5	38,49	119,85	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à volta da mesa	N SP+* N SP+*N	3	23,09	231,95	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à volta da mesa	N SP+* N SP+*N	3	23,09	231,95	3
2015-19	convivialidade	convivialidade à mesa	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	convivialidade	à volta da mesa	SP+* N SP+*N	2	251,98	207,03	1
2020-23	convivialidade	em redor da mesa (=volta da mesa)	SP N SP+*N	1			1
2005-09	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	1	160,77	150,16	1
2010-14	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	N A	51	2235,67	2029,47	5
2010-14	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	34	1490,44	1384,42	4
2010-14	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	N A	20	254,70	254,70	1
2010-14	dieta mediterrânica	dieta do mediterrâneo	N SP+* N	1	43,84	43,29	1
2015-19	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	440	3387,19	19104,10	6
2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânica	N A	50	384,91	1905,12	4
2015-19	dieta mediterrânica	DM (=dieta mediterrânica)	N A	46	354,12	103,00	3
2015-19	dieta mediterrânica	dieta mediterrânea	N A	13	100,08	290,24	1
2015-19	dieta mediterrânica	adesão à dieta mediterrânica	N SP+* N A	8	61,59	603,48	1
2015-19	dieta mediterrânica	padrão alimentar da dieta mediterrânica	N A SP+* N A	3	23,09	231,95	1
2015-19	dieta mediterrânica	preservação da dieta mediterrânica	N SP+* N A	3	23,09	231,95	2
2020-23	dieta mediterrânica	Dieta Mediterrânica	N A	91	11465,29	10643,47	1
2020-23	dieta mediterrânica	adesão à dieta mediterrânica	N SP+* N A	2	251,98	252,43	1
2020-23	dieta mediterrânica	preservação da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	125,99	126,99	1
2015-19	empreita de palma	empreita	N	1	7,70	42,83	1
2005-09	época	produto hortícola da época	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2015-19	época	produto da época	N SP+* N	3	23,09	165,32	3
2010-14	erva aromática	erva aromática	N A	3	131,51	87,72	2
2015-19	erva aromática	erva aromática	N A	48	369,51	605,34	5
2015-19	erva aromática	planta aromática	N A	11	84,68	259,89	1
2015-19	erva aromática	Ervas aromáticas	N A	5	38,49	333,88	2
2020-23	erva aromática	erva aromática	N A	2	251,98	167,47	1
2015-19	esparto	esparto	N	1	7,70	64,51	1
2005-09	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	3	482,3	92,90	1
2010-14	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	N SP N	16	701,39	48,09	4
2010-14	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	3	131,51	25,50	2
2010-14	estilo de vida	estilo de vida saudável	N SP N A	1	43,84	23,83	1
2015-19	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	43	331,02	63,8	5
2020-23	estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	N SP N	13	1637,90	112,21	1
2020-23	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	2	251,98	48,6	1
2020-23	estilo de vida	estilo de vida saudável	N SP N A	1	125,99	67,51	1
2015-19	estupeta	estupeta	N	2	15,40	151,60	2
2015-19	feira	feira local	N A	2	15,40	92,29	1
2010-14	frigir	frigir	V	2	87,67	13,13	1
2015-19	frugal	frugalidade	N	15	115,47	493,35	4
2015-19	frugal	frugalidade no consumo	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	frugal	frugalidade	N	3	377,98	334,12	1
2010-14	horchata	horchata	N	1	2,79	3,80	1
2010-14	horta	horta	N	3	131,51	12,54	2
2010-14	horta	horta familiar	N A	1	43,84	43,90	1
2010-14	horta	hortejo	N	1	2,79	3,80	1
2015-19	horta	talhão	N	3	23,09	37,89	1
2015-19	horta	horta mediterrânea	N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	horta	horta mediterrânica	N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	horta	talhão de horta	N SP N	2	15,40	154,96	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	horta	talhão de horta	N SP N	2	15,40	154,96	1
2010-14	hospitalidade	hospitalidade	N	2	87,67	20,40	2
2010-14	hospitalidade	vizinhança (=hospitalidade)	N	1	43,84	6,32	1
2020-23	hospitalidade	valor de hospitalidade (= vizinhança)	N SP N	1	125,99	126,99	1
2020-23	hospitalidade	valor de hospitalidade	N SP N	1	125,99	126,87	1
2020-23	hospitalidade	hospitalidade	N	1	125,99	29,22	1
2005-09	legume	hortaliça	N	2	321,54	66,73	1
2010-14	legume	verdura	N	8	350,69	46,31	1
2010-14	legume	legume	N	8	350,69	28,19	3
2010-14	legume	hortaliças	N	1	43,84	33,79	1
2015-19	maio	maios-moços	N	1	7,70	77,93	1
2005-09	matança	ritual festivo da matança	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2005-09	matança	matança	N	1	160,77	56,60	1
2015-19	matança	matança do porco	N SP+* N	2	15,40	115,48	2
2015-19	medronheiro	medronheiro	N	2	15,40	74,19	2
2015-19	medronho	medronho	N	4	30,79	109,67	2
2010-14	mercado	mercado tradicional	N A	1	43,84	34,76	1
2010-14	olival	olival	N	3	131,51	72,48	2
2015-19	olival	olival	N	16	123,17	132,79	2
2005-09	oliveira	oliveira	N	10	1607,72	17,31	1
2015-19	oliveira	oliveira-brava	N	2	15,40	153,42	1
2010-14	olivicultura	olivicultura	N	1	43,84	41,18	1
2015-19	olivicultura	olivicultura	N	1	7,70	41,31	1
2005-09	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	N	21	3376,21	1352,92	1
2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	16	2572,35	1761,01	1
2005-09	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	1	160,77	161,14	1
2005-09	padrão alimentar	Padrão alimentar	N A	1	160,77	161,10	1
2010-14	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	11	482,20	330,67	2
2010-14	padrão alimentar	modelo alimentar	N A	7	306,86	301,26	3
2010-14	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	2	87,67	88,33	1
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	62	477,29	850,52	5
2015-19	padrão alimentar	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	N	31	238,64	149,57	2
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	12	92,38	890,11	3
2015-19	padrão alimentar	modelo alimentar mediterrânico	N A A	5	38,49	385,91	1
2015-19	padrão alimentar	Padrão alimentar	N A	5	38,49	370,48	2
2015-19	padrão alimentar	padrão alimentar da dieta mediterrânica	N A SP+* N A	3	23,09	231,95	1
2020-23	padrão alimentar	padrão alimentar	N A	4	503,97	345,56	1
2020-23	padrão alimentar	modelo alimentar	N A	2	251,98	247,56	1
2020-23	padrão alimentar	padrão alimentar mediterrânico	N A A	1	125,99	126,50	1
2005-09	paisagem	paisagem mediterrânica	N A	1	160,77	160,63	1
2010-14	paisagem	paisagem cultural	N A	8	350,69	289,43	2
2015-19	paisagem	paisagem cultural	N A	9	69,28	220,17	2
2015-19	paisagem	paisagem mediterrânica	N A	6	46,19	432,13	2
2015-19	paisagem	paisagem agrícola	N A	6	46,19	329,30	1
2005-09	pão	pão	N	13	2090,03	56,77	1
2010-14	pão	pão	N	57	2498,68	67,86	4
2010-14	pão	pão de centeio	N SP N	2	87,67	80,91	1
2010-14	pão	pão de trigo	N SP N	2	87,67	79,96	1
2010-14	pão	pão trigueiro	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	pão	pão escuro	N A	1	43,84	43,82	1
2015-19	pão	pão	N	182	1401,07	38,99	5
2015-19	pão	pão de trigo	N SP N	3	23,09	111,01	2
2015-19	pão	ciclo do pão	N SP+* N	2	15,40	145,12	2
2015-19	pão	pão tradicional	N A	2	15,40	112,01	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	pão	pão tradicional	N A	2	15,40	112,01	1
2020-23	pão	pão	N	2	251,98	6,87	1
2010-14	património cultural	património cultural	N A	8	350,69	188,82	2
2010-14	património cultural	Património cultural	N A	7	306,86	185,75	2
2010-14	património cultural	património alimentar	N A	3	131,51	132,19	1
2010-14	património cultural	Património imaterial	N A	3	131,51	121,70	3
2010-14	património cultural	património imaterial	N A	2	87,67	80,71	2
2010-14	património cultural	património cultural alimentar	N A A	1	43,84	44,84	1
2010-14	património cultural	património imaterial da humanidade	N A SP+* N	1	43,84	44,15	1
2010-14	património cultural	património gastronómico	N A	1	43,84	43,76	1
2010-14	património cultural	património histórico-cultural	N A	1	43,84	43,56	1
2010-14	património cultural	património natural	N A	1	43,84	31,95	1
2015-19	património cultural	património cultural	N A	37	284,83	296,00	4
2015-19	património cultural	património imaterial	N A	23	177,06	891,44	3
2015-19	património cultural	património material	N A	12	92,38	565,02	2
2015-19	património cultural	património imaterial da humanidade	N A SP+* N	8	61,59	534,31	2
2015-19	património cultural	Património rural	N A	7	53,89	495,60	1
2015-19	património cultural	Património imaterial	N A	7	53,89	285,86	2
2015-19	património cultural	património cultural imaterial (=pci)	N A A	6	46,19	394,75	3
2015-19	património cultural	Património material	N A	2	15,40	147,44	1
2015-19	património cultural	património gastronómico	N A	2	15,40	124,45	1
2020-23	património cultural	Património cultural	N A	8	1007,94	608,74	1
2020-23	património cultural	património cultural	N A	2	251,98	135,82	1
2010-14	petisco	petisco	N	1	43,84	8,93	1
2010-14	pirâmide	pirâmide	N	5	219,18	27,23	3
2010-14	pirâmide	pirâmide alimentar mediterrânica	N A A	2	87,67	88,67	1
2010-14	pirâmide	Pirâmide alimentar	N A	2	87,67	85,09	1
2010-14	pirâmide	pirâmide alimentar	N A	2	87,67	75,67	1
2015-19	pirâmide	pirâmide alimentar	N A	9	69,28	255,20	3
2015-19	pirâmide	pirâmide da dieta mediterrânica	N A A	7	53,89	539,87	2
2015-19	pirâmide	pirâmide mediterrânica	N A	3	23,09	231,95	1
2015-19	pirâmide	pirâmide alimentar mediterrânica	N A A	2	15,40	154,96	1
2005-09	produto	produto hortícola	N A	9	1446,95	1199,89	1
2005-09	produto	produto hortícola da época	N A SP+* N	1	160,77	161,77	1
2010-14	produto	produto hortícola	N A	10	438,37	364,10	3
2015-19	produto	produto hortícola	N A	31	238,64	778,34	5
2015-19	produto	produto fresco	N A	9	69,28	114,53	4
2015-19	produto	produto vegetal	N A	7	53,89	166,49	3
2015-19	produto	Produtos hortícola	N A	4	30,79	284,12	1
2015-19	produto	produto da época	N A	3	23,09	165,32	3
2015-19	produto	produto sazonal	N A	2	15,40	82,64	1
2020-23	produto	produto hortícola	N A	2	251,98	209,64	1
2020-23	produto	produto vegetal	N A	2	251,98	206,64	1
2020-23	produto	produto fresco	N A	1	125,99	84,33	1
2020-23	produto	produto local	N A	1	125,99	73,84	1
2015-19	ramo de cheiros	boneca de cheiros	N SP N	2			
2015-19	ramo de cheiros	raminho	N	2			
2010-14	refeição	refeição partilhada	N A	5	219,18	219,05	1
2010-14	refeição	refeição ritual	N A	1	43,84	44,64	1
2015-19	refeição	refeição familiar	N A	2	15,40	123,19	1
2005-09	regadio	regadio	N	2	321,54	249,65	1
2015-19	regadio	regadio	N	10	76,98	196,65	2
2015-19	regadio	pomar de regadio	N SP N	2	15,40	154,96	1
2010-14	roda	roda dos alimentos	N SP+* N	1	43,84	43,49	1

DIETA MEDITERRÂNICA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	roda	roda dos alimentos	N SP+* N	3	23,09	177,02	2
2010-14	saber-fazer	saberes-fazer	N	3	131,51	131,15	1
2010-14	saber-fazer	saber ancestral	N A	3	131,51	124,66	2
2010-14	saber-fazer	saberes-fazer	N	1	43,84	44,30	1
2010-14	saber-fazer	saber tradicional	N A	1	43,84	36,91	1
2015-19	saber-fazer	saber ancestral	N A	3	23,09	142,30	1
2015-19	saber-fazer	saberes-fazer	N	2	15,40	140,44	1
2015-19	saber-fazer	saberes-fazer	N	1	7,70	69,57	1
2010-14	salvaguarda	salvaguarda	N	4	175,35	43,34	2
2010-14	salvaguarda	salvaguarda do património cultural alimentar	N SP+* N A A	1	43,84	44,84	1
2010-14	salvaguarda	salvaguarda do património cultural	N SP+* N A	1	43,84	44,04	1
2015-19	salvaguarda	salvaguarda	N	41	315,62	99,62	3
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património	N SP+* N	6	46,19	258,62	2
2015-19	salvaguarda	salvaguarda da dieta mediterrânica	N SP+* N A	4	30,79	304,43	2
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património cultural	N SP+* N A	3	23,09	196,56	1
2015-19	salvaguarda	salvaguarda do património material	N SP+* N A	2	15,40	154,96	1
2020-23	salvaguarda	salvaguarda	N	4	503,97	124,10	1
2010-14	sazonalidade	sazonalidade	N	1	43,84	18,52	1
2005-09	sequeiro	cultura extensiva de sequeiro	N A SP N	1	160,77	161,77	1
2005-09	sequeiro	sequeiro	N	1	160,77	75,37	1
2010-14	sequeiro	sequeiro	N	3	131,51	61,74	2
2010-14	sequeiro	pomar de sequeiro	N SP N	2	87,67	88,42	1
2015-19	sequeiro	sequeiro	N	25	192,45	154,48	2
2015-19	sequeiro	pomar de sequeiro	N SP N	11	84,68	824,00	2
2015-19	sequeiro	cultura de sequeiro	N SP N	5	38,49	323,91	2
2015-19	sequeiro	pomar tradicional de sequeiro	N A SP N	4	30,79	308,93	1
2015-19	sequeiro	cultura arvense de sequeiro	N A SP N	3	23,09	226,47	2
2010-14	sustentabilidade	sustentabilidade dos territórios rurais	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade	N	3	377,98	11,23	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade alimentar	N A	1	125,99	125,13	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade ambiental	N A	1	125,99	57,53	1
2005-09	trilogia	trilogia	N	4	643,09	89,73	1
2010-14	trilogia	trilogia	N	7	306,86	42,89	3
2010-14	trilogia	trilogia da alimentação mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	trilogia mediterrânica	N A	1	43,84	44,84	1
2010-14	trilogia	tríade (=trilogia)	N	1	43,84	17,20	1
2015-19	trilogia	trilogia	N	43	331,02	52,74	4
2015-19	trilogia	trilogia da dieta mediterrânica	N SP+* N A	2	15,40	154,96	1
2015-19	trilogia	trilogia do pão	N SP+* N	2	15,40	154,96	1
2020-23	trilogia	trilogia pão-vinho-azeite	N N-N-N	1	125,99	126,99	1
2020-23	trilogia	trilogia	N	1	125,99	17,69	1
2015-19	varejo	varejar	V	2	5,58	5,70	2
2015-19	vénus	setestrelo	N	2	15,40	152,10	1
2015-19	vénus	luzeiro	N	2	15,40	65,74	1
2005-09	vinho	vinho	N	18	2893,89	51,10	1
2010-14	vinho	vinho	N	32	1402,77	24,78	5
2015-19	xarém	xarém (=papas de milho)	N	10	76,98	720,04	3
2015-19	xarém	xerém	N	6	46,19	87,84	3
2015-19	xarém	papas de milho	N SP N	3	23,09	229,33	1
2015-19	xarém	papas	N	3	23,09	29,19	1

DIETA MEDITERRÂNICA -CONTEXTO COMUNICATIVO = TRAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	a gosto	(sal) a gosto	SP N	3	198,11	682,67	1
2015-19	a gosto	(azeite) a gosto	SP N	2	98,70	603,42	1
2015-19	a gosto	(orégão) a gosto	SP N	1	66,04	661,37	1
2015-19	a gosto	(vinagre) a gosto	SP N	1	66,04	645,33	1
2020-23	a gosto	(erva) a gosto	SP N	1	19,78	20,66	1
2010-14	alfarroba	alfarroba	N	1	570,78	1581,65	1
2015-19	alfarroba	alfarroba	N	6	396,22	1098,04	2
2015-19	alfarroba	farinha de alfarroba	N SP N	1	66,04	576,56	1
2020-23	alfarroba	alfarroba	N	8	158,22	126,27	2
2020-23	alfarroba	farinha de alfarroba	N SP N	2	39,55	39,97	1
2015-19	alfarrobeira	alfarrobeira	N	1	66,04	368,82	1
2020-23	alimar	alimado	A (VP)	1	19,78	20,72	1
2015-19	azeite	azeite	N	46	3037,71	301,76	1
2020-23	azeite	azeite	N	47	929,53	84,85	2
2020-23	azeite	azeite velho	N A	1	19,78	20,78	1
2015-19	barrocal	barrocal	N	2	132,07	603,86	2
2015-19	barrocal	barrocal algarvio	N A	1	66,04	598,28	1
2020-23	barrocal	barrocal	N	5	98,89	89,27	1
2020-23	barrocal	barrocal algarvio	N A	2	39,55	40,13	1
2015-19	britar	britar	V	1	66,04	4,69	1
2020-23	britar	azeitona britada	N A	1	19,78	20,78	1
2015-19	confraria	confraria (=irmandade)	N	5	330,19	169,86	2
2015-19	confraria	irmandade (=confraria)	N	1	66,04	14,66	1
2015-19	dieta mediterrânica	dieta do barrocal algarvio	N SP+* N A	1	66,04	661,37	1
2010-14	empreita de palma	palma	N	1	570,78	41,67	1
2020-23	empreita de palma	palma	N	59	1166,86	79,99	2
2020-23	empreita de palma	empreita	N	37	731,76	677,18	2
2020-23	empreita de palma	empreiteiro	N	8	158,22	22,84	1
2020-23	empreita de palma	folha de palma	N SP N	7	138,44	138,07	1
2020-23	empreita de palma	palma do mato	N SP N	5	98,89	99,89	1
2020-23	empreita de palma	enxofrar (a palma)	V	3	39,55	10,49	1
2020-23	empreita de palma	malha de palma	N SP N	2	39,55	40,56	1
2020-23	empreita de palma	rolo de empreita	N SP N	2	39,55	40,56	1
2020-23	empreita de palma	aparar (a palma)	V	2	39,55	9,94	1
2020-23	empreita de palma	empreitada	N	2	39,55	5,75	1
2020-23	empreita de palma	cestaria de palma	N SP N	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	cordão de palma	N SP N	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	empreita de nove ramais	N SP N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	empreita de palma	N SP N	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	empreita de sete ramais	N SP N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	palma algarvia	N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	palma dobrada	N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	ramal de palma	N SP N	1	19,78	20,78	1
2020-23	empreita de palma	enxofradeira	N	1	19,78	20,77	1
2020-23	empreita de palma	empreita de palma	N SP N	1	19,78	20,75	1
2020-23	entrançar	entrançar	V	2	39,55	32,72	1
2020-23	entrelaçar	entrelaçar	V	8	158,22	28,38	1
2020-23	entrelaçar	entrelaçado	A (VP)	4	79,11	72,38	1
2010-14	época	época das colheitas	N SP+* N	1	570,78	5065,71	1
2015-19	época	época (da...)	N	7	462,26	2,79	3
2015-19	época	época da apanha	N SP+* N	1	66,04	645,76	1

DIETA MEDITERRÂNICA - CONTEXTO COMUNICATIVO = TRAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	época	época (da...)	N	21	415,32	2,50	1
2020-23	época	época do ano	N SP+* N	1	19,78	3,48	1
2020-23	erva aromática	erva (aromática) a gosto	N (A) PS N	1	19,78	20,66	1
2010-14	esparto	esparto	N	1	570,78	4722,34	1
2020-23	esparto	esparto	N	26	514,21	504,67	1
2020-23	esparto	esparto batido	N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	esparto	esparto charneco	N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	esparto	esparto pisado	N A	1	19,78	20,78	1
2020-23	esparto	esparteira	N	1	19,78	20,78	1
2020-23	estilo de vida	modo de vida (= estilo de vida)	N SP N	2	29,65	5,90	1
2015-19	estupeta	estupeta	N	9	594,33	5815,44	1
2015-19	estupeta	estupeta de atum	N SP N	1	66,04	654,77	1
2010-14	festa	festa	N	7	3995,43	27,54	1
2010-14	festa	festa da espiga	N SP+* N	5	2853,88	27612,51	1
2015-19	festa	festa	N	48	3169,78	21,85	5
2015-19	festa	Festa da pinha	N SP+* N	7	462,26	4538,25	1
2015-19	festa	Festa das chouriças	N SP+* N	2	132,07	1309,43	1
2015-19	festa	Festa das tochas	N SP+* N	2	132,07	1293,93	1
2015-19	festa	festa-procissão da páscoa	N-N SP+* N	1	66,04	661,37	1
2015-19	fio	fio de azeite	N SP N	2	132,07	392,73	1
2020-23	fio de azeite	fio de azeite	N SP N	2	39,55	32,80	1
2020-23	freguês	clientela	N	2	39,55	6,55	1
2015-19	frigir	fritar (=frigir)	V	8	528,30	176,32	1
2015-19	frigir	frigir	V	5	330,19	56,41	1
2020-23	fruteira	fruteira (~fruteira, isa jarra)	N	3	59,33	39,71	1
2020-23	gado	gado muar	N A	1	19,78	20,69	1
2020-23	gado	muar	N	1	19,78	16,95	1
2015-19	horta	horta	N	2	132,07	13,67	1
2020-23	horta	horta	N	1	19,78	1,97	1
2010-14	maio	maio	N	5	2853,88	20,89	1
2015-19	maio	maio	N	11	726,41	5,32	3
2015-19	maio	maios	N	2	132,07	1064,38	1
2020-23	maio	maio	N	6	118,66	0,87	2
2015-19	matança	matança	N	10	660,37	337,30	2
2015-19	matança	matança do porco	N SP+* N	2	132,07	985,00	1
2015-19	matança	Matança de porco	N SP N	1	66,04	661,37	1
2015-19	matança	matança dos porcos	N SP+* N	1	66,04	647,03	1
2015-19	matança	Matança do porco	N SP+* N	1	66,04	591,10	1
2020-23	matança	matança	N	1	19,78	7,27	1
2010-14	medronheiro	medronhal	N	1	570,78	5336,03	1
2010-14	medronheiro	medronheiro	N	1	570,78	2733,10	1
2020-23	medronheiro	medronheiro	N	3	59,33	54,41	2
2010-14	medronho	medronho	N	2	1141,55	4052,98	2
2010-14	medronho	apanha do medronho	N SP+* N	1	570,78	5708,76	1
2015-19	medronho	medronho	N	1	66,04	234,79	1
2020-23	medronho	medronho	N	2	39,55	34,32	1
2020-23	mercado	mercado	N	35	692,21	1,79	2
2020-23	mercado	mercado de proximidade	N SP N	2	39,55	39,94	1
2020-23	oliveira	oliveira	N	4	79,11	0,86	1
2010-14	pão	pão	N	3	1712,33	47,66	2
2010-14	pão	ciclo do pão	N SP+* N	1	570,78	5508,96	1
2010-14	pão	pão caseiro	N A	1	570,78	1420,42	1
2010-14	pão	pão caseiro	N A	1	570,78	1420,42	1
2015-19	pão	pão	N	52	3433,93	95,57	2

DIETA MEDITERRÂNICA - CONTEXTO COMUNICATIVO = TRAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	Classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	pão	pão caseiro	N A	10	660,37	1643,34	1
2015-19	pão	pão duro	N A	3	198,11	795,05	1
2015-19	pão	amassadura do pão	N SP+* N	1	66,04	661,37	1
2020-23	pão	pão	N	15	296,66	8,08	2
2020-23	pão	pão de fermentação natural	N SP N A	2	39,55	38,87	1
2020-23	pão	forno do pão	N SP+* N	1	19,78	20,72	1
2020-23	pão	pão caseiro	N A	1	19,78	15,96	1
2020-23	pão	pão caseiro	N A	1	19,78	15,96	1
2010-14	património cultural	património rural	N A	2	1141,55	9486,02	1
2015-19	património cultural	património cultural	N A	2	132,07	137,31	2
2015-19	património cultural	património culinário	N A	1	66,04	650,45	1
2020-23	património cultural	Património cultural	N A	10	197,77	119,93	1
2020-23	património cultural	património cultural	N A	5	98,89	53,63	1
2020-23	património cultural	património cultural da região	N A SP+* N	3	59,33	59,87	1
2020-23	património cultural	Património imaterial	N A	1	19,78	19,08	1
2010-14	petisco	petisco	N	2	1141,55	277,15	1
2010-14	petisco	petisco serrano	N A	1	570,78	5708,76	1
2015-19	produto	produto sazonal	N A	1	66,04	352,70	1
2020-23	produto	produto agrícola	N A	1	19,78	7,51	1
2010-14	ramo	ramo de oliveira	N SP N	1	570,78	2992,95	1
2020-23	ramo de cheiros	boneca	N	2	39,55	3,97	1
2020-23	saber-fazer	saber-fazer	N	3	59,33	47,32	1
2020-23	saber-fazer	saber tradicional	N A	2	39,55	33,38	1
2020-23	saber-fazer	saberes-fazeres	N	1	19,78	20,53	1
2020-23	salvaguarda	salvaguarda	N	15	296,66	73,15	1
2020-23	salvaguarda	salvaguarda das atividades artesanais	N SP+* N A	2	39,55	40,56	1
2020-23	salvaguarda	salvaguarda das atividades artesanais tradicionais	N SP+* N A A	1	19,78	20,78	1
2015-19	sequeiro	sequeiro	N	1	66,04	53,06	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade	N	3	59,33	1,79	1
2010-14	tasca	tasquinha	N	4	2283,10	7980,03	1
2010-14	tasca	tasquinha de manjares	N SP+* N	2	1141,55	11416,52	1
2020-23	transir	cesto transido	N A	1	19,78	4,19	1
2010-14	varejo	varejo do figo	N SP N	1	570,78	5708,76	1
2015-19	vinho	vinho	N	12	792,45	14,22	3
2015-19	vinho	copo de vinho branco	N SP N A	1	66,04	661,37	1
2015-19	vinho	copo de vinho	N SP N	1	66,04	92,97	1
2020-23	vinho	vinho	N	14	276,88	4,91	2
2015-19	xarém	xarém	N	1	66,04	617,80	1
2020-23	xarém	papa	N	2	39,55	1,08	1
2020-23	xarém	xarém	N	1	19,78	20,63	1
2020-23	xarém	xerém	N	1	19,78	14,56	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	acabamento	acabamento (fase de)	N	3	33,33	1,50	1
2010-14	acondicionamento de indivíduos	acondicionamento	N	4	110,12	43,05	2
2010-14	acondicionamento de indivíduos	acondicionamento de reprodutores	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	afinação	afinação	N	3	47,19	18,48	1
2010-14	afinação	afinar	V	2	31,46	5,12	1
2010-14	afloramento	afloramento costeiro	N A	5	78,66	79,41	1
2010-14	afloramento	upwelling (=afloramento costeiro)	N	1	15,73	16,65	1
2015-19	afloramento	upwelling (=afloramento costeiro)	N	2	49,19	49,94	1
2020-23	afloramento	upwelling (=afloramento costeiro)	N	5	213,03	212,99	1
2015-19	agente microbiano	agente patogénico	N A	2	49,19	42,95	2
2010-14	água	água	N	83	1305,69	3,91	3
2010-14	água	água salgada (=água do mar)	N A	6	94,39	33,51	1
2015-19	água	água	N	202	4968,03	14,87	3
2015-19	água	água doce	N A	12	295,13	67,24	3
2015-19	água	água residual	N A	7	172,16	79,43	2
2015-19	água	água de efluente	N SP N	3	73,78	74,78	1
2015-19	água	água do mar	N SP+* N	3	73,78	26,91	1
2015-19	água	água costeira	N A	2	49,19	44,51	1
2020-23	água	água	N	54	2300,71	6,89	1
2020-23	água	água costeira	N A	2	85,21	76,46	1
2010-14	alimentação	alimentação exógena	N A	2	31,46	32,38	1
2010-14	alimentação	alimentação combinada	N A	2	31,46	32,38	1
2010-14	alimentação	alimentação inerte	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	alimento	alimento vivo	N A	22	346,09	290,10	1
2010-14	alimento	alimento inerte	N A	4	62,92	63,74	1
2010-14	alimento	alimento artificial	N A	3	47,19	47,06	1
2010-14	alimento	alimento natural	N A	1	15,73	10,15	1
2015-19	alimento	alimento composto	N A	2	49,19	49,98	1
2015-19	alimento	alimento de larvas	N SP N	1	24,59	25,59	1
2015-19	amêijoa	amêijoa	N	2	49,19	41,65	2
2020-23	amêijoa	amêijoa	N	6	255,63	212,97	1
2020-23	amêijoa-boia	amêijoa boa (isa amêijoa)	N A	13	553,88	553,39	1
2010-14	amónia	amónia	N	4	62,92	56,20	2
2015-19	amónia	amónia	N	19	467,29	411,69	2
2020-23	amónia	amónia	N	27	1150,36	1012,19	1
2015-19	amostragem	amostragem	N	20	491,88	75,20	2
2020-23	amostragem	amostragem	N	7	298,24	45,66	1
2010-14	apanha	apanha no meio natural	N SP+* N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	aquacultura	aquacultura	N	88	1384,34	1097,32	3
2010-14	aquacultura	aquacultura marinha	N A	3	47,19	48,11	2
2010-14	aquacultura	aquicultura	N	3	47,19	15,90	2
2010-14	aquacultura	aquacultura extensiva	N A	2	31,46	32,46	2
2010-14	aquacultura	aquacultura de moluscos bivalves	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	aquacultura	aquacultura em estruturas flutuantes	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	aquacultura	aquacultura intensiva	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	aquacultura	aquacultura semi-intensiva	N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	aquacultura	aquacultura	N	135	3320,22	2630,71	3
2015-19	aquacultura	aquacultura comunitária	N A	4	98,38	99,38	1
2015-19	aquacultura	aquacultura de bivalves	N SP N	3	73,78	74,78	1
2015-19	aquacultura	aquacultura multitrófica	N A	3	73,78	74,78	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	aquacultura	aquacultura sustentável	N A	3	73,78	74,63	2
2015-19	aquacultura	aquacultura de subsistência	N SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	aquacultura	aquicultura	N	2	49,19	16,55	1
2020-23	aquacultura	aquacultura	N	142	6050,02	4792,96	1
2020-23	aquacultura	aquacultura de bivalves	N SP N	4	170,42	171,42	1
2020-23	aquacultura	aquacultura de peixes	N SP N	3	127,82	128,82	1
2020-23	aquacultura	aquacultura de macroalgas	N SP N	2	85,21	86,21	1
2020-23	aquacultura	aquacultura de água doce	N SP N A	1	42,61	43,61	1
2020-23	aquacultura	aquacultura intensiva	N A	1	42,61	43,61	1
2020-23	aquacultura	aquacultura multitrófica	N A	1	42,61	43,61	1
2020-23	aquacultura	aquacultura para subsistência	N A	1	42,61	43,61	1
2015-19	aquicultor	aquicultor	N	3	73,78	67,49	1
2015-19	arejamento	arejamento	N	17	418,10	337,15	1
2010-14	artémia	artémia	N	15	235,97	225,36	1
2015-19	autotrófico	autotrófico	N	3	73,78	67,98	1
2010-14	avaliação de impacto	avaliação do impacto ambiental	N SP+* N A	1	15,73	16,26	1
2010-14	azoto	azoto	N	7	110,12	68,69	2
2015-19	azoto	azoto	N	39	959,17	593,56	1
2015-19	azoto	azoto molecular	N A	4	98,38	99,11	1
2015-19	azoto	azoto inorgânico	N A	3	73,78	74,78	1
2020-23	azoto	azoto	N	11	468,66	290,34	1
2020-23	azoto	azoto inorgânico	N A	2	85,21	86,21	1
2010-14	bactéria	bactéria	N	3	47,19	2,17	2
2015-19	bactéria	bactéria	N	53	1303,49	58,76	2
2015-19	bactéria	bactéria heterotrófica	N A	5	122,97	119,82	1
2015-19	bactéria	bactéria nitrificante	N A	4	98,38	95,42	1
2015-19	bactéria	bactéria oxidante	N A	2	49,19	49,97	1
2020-23	bactéria	bactéria	N	3	127,82	5,80	1
2010-14	banco	banco natural	N A	4	62,92	63,02	2
2010-14	banco	banco natural	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	bexiga natatória	bexiga insuflada	N A	4	62,92	63,93	1
2010-14	bexiga natatória	bexiga natatória	N A	1	15,73	15,39	1
2020-23	bexiga natatória	bexiga-natatória	N	1	42,61	43,56	1
2020-23	biodiversidade	biodiversidade	N	1	42,61	3,16	1
2015-19	biofilme	biofilme	N	9	221,35	129,92	1
2015-19	biofiltro	biofiltro	N	18	442,70	438,48	1
2015-19	biofiltro	biofiltro de leito fixo	N SP N A	3	73,78	74,78	1
2015-19	biofiltro	biofiltros de leito móvel	N SP N A	3	73,78	74,78	1
2015-19	biofiltro	biofiltro de areia	N SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	biofiltro	biofiltro de leito móvel	N SP N A	2	49,19	50,19	1
2010-14	biomassa	biomassa	N	2	31,46	5,93	1
2015-19	biomassa	biomassa	N	12	295,13	54,07	2
2020-23	biomassa	biomassa	N	1	42,61	7,96	1
2010-14	biometria	biometria	N	3	47,19	16,96	1
2015-19	biometria	desenvolvimento biométrico	N A	3	73,78	74,78	1
2015-19	biometria	biometria	N	2	49,19	17,66	1
2015-19	biorreator	biorreator	N	17	418,10	389,90	1
2015-19	biorreator	biorreator de microalgas	N SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	biorreator	biorreator	N	2	49,19	50,03	1
2015-19	biotoxina	biotoxina	N	1	24,59	25,22	1
2010-14	bivalve	bivalve	A/N	47	739,37	557,94	2
2010-14	bivalve	molusco bivalve	N A	26	409,01	377,11	2
2015-19	bivalve	bivalve	A/N	28	688,64	519,71	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	bivalve	molusco bivalve	N A	4	98,38	91,40	2
2020-23	bivalve	bivalve	A/N	34	1448,60	1092,42	1
2015-19	bloom	bloom de algas	N A	2	49,19	50,11	1
2020-23	bloom	bloom de algas tóxicas	N SP N A	1	42,61	43,61	1
2020-23	bloom	bloom	N	1	42,61	42,23	1
2015-19	bolha	bolha de lama	N SP N	3	73,78	74,78	1
2010-14	brânquia	brânquia	N	4	62,92	50,17	1
2015-19	brânquia	brânquia	N	3	73,78	58,69	1
2010-14	cadeia alimentar	cadeia alimentar	N A	5	78,66	37,39	2
2010-14	cadeia de produção	cadeia produtiva	N A	1	15,73	2,48	1
2010-14	calibração	calibração	N	6	94,39	21,63	1
2010-14	calibração	calibragem (=calibração)	N	2	31,46	17,15	1
2020-23	calibração	calibração	N	7	298,24	67,87	1
2015-19	cama	cama elevada	N A	2	49,19	49,50	1
2010-14	capacidade de carga	capacidade de carga	N SP N	1	15,73	7,35	1
2010-14	capacidade natatória	capacidade natatória	N A	3	47,19	48,02	1
2010-14	captura	captura no meio natural (=captação natural)	N SP+* N A	4	62,92	63,93	2
2010-14	cativeiro	cativeiro	N	4	62,92	12,56	1
2010-14	caudal	caudal	N	12	188,77	80,34	1
2015-19	caudal	caudal	N	12	295,13	125,36	2
2010-14	choque térmico	choque térmico	N A	2	31,46	22,71	1
2015-19	ciclo biofísico	ciclo de maré	N SP N	2	49,19	49,81	1
2010-14	ciclo de vida	ciclo gametogénico	N A	6	94,39	95,39	1
2010-14	ciclo de vida	ciclo de vida	N SP N	2	31,46	6,06	2
2010-14	ciclo reprodutivo	ciclo reprodutivo	N A	10	157,31	131,46	2
2010-14	circulação	circulação de água	N SP N	1	15,73	14,84	1
2010-14	cisto	cisto	N	2	31,46	9,98	1
2010-14	co-alimentação	co-alimentação	N	2	31,46	32,44	1
2010-14	coletor	coletor	N	1	15,73	2,17	1
2015-19	coliforme	coliforme	N	33	811,61	435,40	1
2010-14	composição bioquímica	composição bioquímica	N A	12	188,77	185,70	2
2010-14	composição nutricional	composição nutricional	N A	2	31,46	26,99	1
2010-14	composição nutricional	composição dietética	N A	1	15,73	16,69	1
2010-14	composição nutricional	composição das dietas	N SP+* N	1	15,73	16,58	1
2015-19	contaminação	contaminação fecal	N A	5	122,97	117,30	1
2015-19	contaminação	contaminação microbiológica	N A	5	122,97	115,96	1
2010-14	copépode	copépode	N	147	2312,48	2184,51	1
2015-19	crecimento	crecimento das ostras	N SP+* N	5	122,97	123,97	1
2015-19	crecimento	crecimento das microalgas	N SP+* N	4	98,38	99,12	1
2015-19	crecimento	crecimento da biomassa	N SP+* N	2	49,19	49,84	1
2020-23	crecimento	crecimento da população	N SP+* N	2	85,21	52,87	1
2010-14	cultivo	cultivo larvar	N A	7	110,12	111,12	1
2010-14	cultivo	cultivo extensivo	N A	3	47,19	47,76	1
2010-14	cultivo	cultivo em suspensão	N SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	cultivo	cultivo de moluscos bivalves	N SP N	2	31,46	32,34	1
2015-19	cultivo	cultivo multitrófico	N A	12	295,13	296,13	1
2015-19	cultivo	cultivo de peixes	N SP N	3	73,78	71,88	2
2015-19	cultivo	cultivo em jaulas	N SP N	1	24,59	25,59	1
2015-19	cultivo	cultivo multitrófico	N A	1	24,59	25,59	1
2020-23	cultivo	cultivo de peixes	N SP N	2	85,21	82,87	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	cultura	cultura marinha	N A	17	267,43	266,69	1
2010-14	cultura	cultura em jangada	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	cultura	cultura em tabuleiro suspenso	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	cultura	cultura larvar	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	cultura	cultura suspensa	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	cultura	cultura de larvas	N SP N	1	15,73	16,69	1
2015-19	cultura	cultura de microalgas	N SP N	4	98,38	99,08	1
2015-19	cultura	cultura de algas	N SP N	2	49,19	49,94	1
2015-19	cultura	cultura de bivalves	N SP N	1	24,59	25,59	1
2015-19	cultura	cultura multitrófica	N A	1	24,59	25,59	1
2015-19	cultura	cultura tradicional de moluscos	N A SP N	1	24,59	25,59	1
2010-14	DAE	DAE	N SP N	137	2155,17	786,40	1
2010-14	DAE	DAE (=dias após eclosão)	N SP N	3	47,70	48,75	1
2010-14	DAE	dias após eclosão (=DAE)	N SP N	1	15,73	16,71	1
2010-14	densidade	densidade média	N A	5	78,66	70,38	1
2010-14	densidade	densidade de cultivo	N SP N	2	31,46	32,22	1
2010-14	densidade	densidade inicial	N A	2	31,46	31,82	1
2015-19	densidade	densidade populacional	N A	3	73,78	33,62	1
2010-14	depuração	depuração	N	4	62,92	28,17	1
2010-14	descapsular	descapsular	V	1	15,73	16,67	1
2015-19	descarga	descarga de águas residuais	N SP N A	4	98,38	96,51	2
2015-19	descarga	descarga de efluentes	N SP N	2	49,19	48,73	2
2010-14	desenvolvimento larvar	desenvolvimento larvar	N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	desnitrificação	desnitrificação	N	1	24,59	25,59	1
2015-19	desnitrificação	desnitrificação	N	7	172,16	163,13	1
2015-19	desnitrificação	desnitrificantes	A	3	73,78	73,82	1
2010-14	desova	desova	N	3	47,19	27,02	1
2015-19	desova	desova	N	7	172,16	97,08	2
2010-14	dieta	dieta	N	203	3193,43	48,99	2
2010-14	dieta	dieta inerte	N A	7	110,12	111,12	1
2010-14	dieta	dieta comercial	N A	2	31,46	31,57	1
2010-14	dieta	dieta artificial	N A	1	15,73	16,20	1
2010-14	domínio público	domínio público hídrico	N A A	2	31,46	31,14	1
2010-14	dourada	dourada	N	67	1053,99	662,63	1
2020-23	dourada	dourada	N	10	426,06	268,23	1
2010-14	eclosão	eclosão	N	30	471,94	199,34	2
2010-14	eclosão larvar	eclosão de larvas normais	N SP N A	8	125,85	126,85	1
2010-14	eclosão larvar	eclosão larvar	N A	6	94,39	95,39	1
2010-14	eclosão larvar	eclosão de larvas anormais	N SP N A	4	62,92	63,93	1
2010-14	eclosão larvar	eclosão das larvas	N SP+* N	1	15,73	16,55	1
2015-19	ecossistema	ecossistema	N	11	270,54	19,38	3
2020-23	ecossistema	ecossistema	N	1	42,61	3,11	1
2015-19	efluente	efluente	N	64	1574,03	319,57	2
2015-19	efluente	efluente de aquacultura	N SP N	4	98,38	99,38	1
2010-14	embrião	embrião	N	2	31,46	4,90	1
2015-19	empresa aquícola	empresa de aquacultura	N SP N	2	49,19	50,12	1
2010-14	encapsulação	bioencapsulação	N	1	15,73	16,72	1
2010-14	engorda	engorda	N	3	47,19	23,60	2
2015-19	engorda	engorda	N	5	122,97	60,70	2
2020-23	engorda	engorda	N	2	85,21	42,21	1
2010-14	enriquecimento	enriquecimento	N	2	31,46	5,10	1
2010-14	enriquecimento	enriquecimento de artémia	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	enterócitos	enterócitos	N	4	62,92	61,48	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	entidade	entidade licenciadora	N A	4	62,92	60,65	1
2010-14	epitélio	epitélio intestinal	N A	4	62,92	61,83	1
2010-14	época de postura	época de postura	N SP N	1	15,73	16,67	1
2010-14	época natural de postura	época natural de postura	N A SP N	1	15,73	16,73	1
2020-23	espécie	espécie com interesse económico	N SP N A	2	85,21	86,12	1
2020-23	espécie	espécie anádroma	N A	1	42,61	43,61	1
2010-14	esperma	esperma	N	4	62,92	19,39	1
2010-14	espermatoócito	espermatoócito	N	2	31,46	31,62	1
2010-14	espermatogênese	espermatogênese	N	1	15,73	15,15	1
2010-14	espermatozoide	espermatozoide	N	4	62,92	17,18	1
2010-14	estabelecimento	estabelecimento de aquacultura	N SP N	8	125,85	126,85	1
2010-14	estabelecimento	estabelecimento de culturas marinhas	N SP N A	7	110,12	110,85	1
2010-14	estabelecimento	estabelecimento conexo	N A	3	47,19	47,95	1
2015-19	estabulação	estabulação	N	1	24,59	25,18	1
2010-14	estádio	estádio larvar	N A	4	62,92	63,75	1
2010-14	estádio	estádio juvenil	N A	1	15,73	16,67	1
2010-14	estado	estado de maturação	N SP N	10	157,31	153,10	1
2010-14	estado	estado de repouso	N SP N	4	62,92	57,80	1
2010-14	estado	estado de maturação da gónada	N SP N SP+* N	3	47,19	48,19	1
2010-14	estado	estado nutricional	N A	3	47,19	17,68	1
2010-14	estado	estado de maturação das gónadas	N SP N SP+* N	2	31,46	32,46	1
2010-14	estado	estado fisiológico	N A	2	31,46	29,23	1
2010-14	estado	estado de maturação gonadal	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	estado	estado de maturação	N SP N	22	541,07	524,22	1
2015-19	estado	estado sanitário	N A	2	49,19	47,08	1
2015-19	estirpe	estirpe patogénica	N A	2	49,19	50,05	1
2010-14	estrutura flutuante	jangada (isa estrutura flutuante)	N	3	47,19	22,18	1
2010-14	estrutura flutuante	estrutura flutuante	N A	3			1
2015-19	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	12	245,94	101,78	3
2015-19	estrutura flutuante	gaiola flutuante	N A	2	49,19	50,01	1
2015-19	estrutura flutuante	gaiola (=jaula)	N	2	49,19	46,45	1
2020-23	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	19	809,51	334,07	1
2020-23	estrutura flutuante	jaula submersível	N A	4	170,42	171,42	1
2020-23	estrutura flutuante	estrutura flutuante	N A	1			1
2015-19	eutrofização	eutrofização	N	2	49,19	40,55	1
2010-14	exploração	exploração de culturas marinhas	N SP N A	4	62,92	63,93	1
2010-14	exploração	exploração sustentável	N A	3	47,19	42,59	1
2010-14	exploração	exploração de estabelecimentos de aquacultura	N SP N SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	exploração	exploração aquícola	N A	1	15,73	16,68	1
2010-14	extensivo	extensivo	A	7	110,12	24,36	2
2015-19	extensivo	extensivo	A	5	122,97	27,18	2
2020-23	extensivo	extensivo	A	2	85,21	18,90	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase larvar	N A	6	94,39	93,96	3
2010-14	fase ciclo de vida	fase de gâmetas maduros	N SP N	5	78,66	79,66	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase juvenil	N A	3	47,19	46,21	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase de vitelogênese	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase de metamorfose	N SP N	1	15,73	16,69	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase de postura	N SP N	1	15,73	16,53	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase de reprodução	N SP N	1	15,73	16,26	1
2010-14	fase ciclo de vida	fase de crescimento	N SP N	1	15,73	9,62	1
2015-19	fator	fator abiótico	N A	5	122,97	111,89	1
2020-23	fator	fator abiótico	N A	2	85,21	77,81	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	fator	fator físico	N A	1	42,61	43,61	1
2010-14	fator ambiental	fator ambiental	N A	7	110,12	48,14	3
2010-14	fator ambiental	fator de stress	N SP N	4	62,92	61,24	2
2010-14	fator ambiental	fator causador de stress	N A SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	fator ambiental	fator abiótico	N A	1	15,73	15,10	1
2010-14	fecundação	fecundação	N	14	220,24	100,34	2
2010-14	fecundação	fecundação externa	N A	1	15,73	16,50	1
2015-19	fecundação	fecundação	N	3	73,78	33,92	1
2010-14	fecundidade	fecundidade	N	4	62,92	27,36	1
2020-23	fecundidade	fecundidade	N	1	42,61	18,66	1
2010-14	fêmea	fêmea	N	66	1038,26	83,86	1
2015-19	fêmea	fêmea	N	9	221,35	17,94	1
2010-14	fenótipo	fenótipo	N	12	188,77	92,46	1
2010-14	feopigmentos	feopigmentos	N	7	110,12	111,02	1
2010-14	fertilização	fertilização	N	2	31,46	10,15	1
2010-14	filtração	filtração	N	2	31,46	12,87	2
2015-19	filtração	filtração	N	7	172,16	68,66	2
2020-23	filtração	filtração	N	1	42,61	17,29	1
2015-19	filtrador	filtrador	A	7	172,16	158,72	2
2020-23	filtrador	filtrador	A	1	42,61	39,97	1
2015-19	fitoclima	fitoclima	N	5	122,97	123,95	1
2010-14	fitoplâncton	fitoplâncton	N	2	31,46	25,17	2
2015-19	fitoplâncton	fitoplâncton	N	6	147,57	115,19	2
2020-23	fitoplâncton	fitoplâncton	N	10	426,06	331,12	1
2010-14	fixação	fixação	N	12	188,77	11,10	2
2010-14	fixação	fixação natural de juvenis	N A SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	fixação	fixação ao substrato	N SP+* N	1	15,73	16,68	1
2010-14	flutuante	flutuante	A	3	47,19	7,39	1
2020-23	flutuante	flutuante	A	1	42,61	6,69	1
2010-14	formulação de dieta	formulação de dietas	N SP N	4	62,92	62,03	1
2010-14	formulação de dieta	formulação de dietas inertes	N SP N A	3	47,19	48,19	1
2010-14	fosfatase	fosfatase	N	21	330,35	263,94	1
2020-23	fosfato	fosfato	N	2	85,21	29,03	1
2010-14	fotoperíodo	fotoperíodo	N	4	62,92	49,85	2
2015-19	fotoperíodo	fotoperíodo diário	N A	2	49,19	50,14	1
2015-19	fotoperíodo	fotoperíodo	N	2	49,19	39,14	1
2010-14	gâmeta	gâmeta	N	24	377,55	344,49	1
2010-14	gâmeta	gâmeta maduro	N A	6	94,39	95,39	1
2010-14	gâmeta	gâmeta masculino	N A	2	31,46	32,19	1
2010-14	gametogénese	gametogénese	N	9	141,58	142,29	1
2015-19	gametogénese	gametogénese	N	10	245,94	246,45	1
2010-14	gametogénese	gametogénese	N	1	15,73	16,17	1
2010-14	glicogénio	glicogénio	N	23	361,82	327,65	2
2010-14	gónada	gónada	N	13	204,51	200,88	1
2015-19	gónada	gónada	N	15	368,91	361,58	1
2010-14	gonadal	gonadal	A	30	471,94	433,14	1
2010-14	habitat	habitat	N	6	94,39	11,59	3
2015-19	habitat	habitat	N	7	172,16	21,05	2
2020-23	habitat	habitat	N	2	85,21	10,48	1
2010-14	haccp	HACCP	N (sigla-EN)	50	786,56	611,33	1
2010-14	hermafrodita	hermafrodita	A	1	15,73	12,09	1
2010-14	hermafroditismo	hermafroditismo	N	1	15,73	15,87	1
2010-14	hidrodinamismo	hidrodinamismo	N	3	47,19	47,76	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	hidroponia	hidroponia	N	2	49,19	37,59	1
2010-14	higiene	higiene	N	7	110,12	4,57	2
2015-19	homeotérmico	homeotérmico	A	2	49,19	48,86	1
2010-14	hufa	HUFA	N (acrón-EN)	2	31,46	32,38	1
2010-14	impacto	impacto ambiental	N A	6	94,39	13,32	1
2010-14	impacto	impacte ambiental (=impacto ambiental)	N A	1	15,73	14,37	1
2015-19	impacto	impacte ambiental	N A	2	49,19	38,56	2
2015-19	imta	IMTA	N (acrón-EN)	7	172,16	171,82	2
2010-14	incubação	incubar	N	3	47,19	19,40	2
2010-14	incubação	incubação	N	1	15,73	5,11	1
2015-19	incubação	incubar	V	3	73,78	30,10	1
2015-19	incubação	incubação	N	2	49,19	15,34	1
2010-14	incubadora	incubadora	N	1	15,73	4,22	1
2010-14	índice de condição	índice de condição	N SP N	24	377,55	375,85	2
2010-14	índice de condição	índice de condição dos reprodutores	N SP N SP+* N	2	31,46	32,46	1
2010-14	índice de condição	índice de condição dos progenitores	N SP N SP+* N	1	15,73	16,73	1
2015-19	índice de condição	índex de condição	N SP N	2	49,19	50,09	1
2015-19	índice de qualidade	índice de qualidade	N SP N	6	147,57	123,33	1
2015-19	índice de qualidade	índice de AFNOR	N S +Acrón-EN	5	122,97	123,97	1
2015-19	índice de qualidade	qualidade AFNOR	N Acrón-EN	3	73,78	74,78	1
2015-19	índice de qualidade	índice de qualidade AFNOR	N SP N Acrón-EN	2	49,19	50,19	1
2010-14	índice gonadal	índice gonadal	N A	25	393,28	393,88	1
2010-14	índice gonadal	índice gonadal total	N A A	5	78,66	79,66	1
2010-14	indivíduo	indivíduo	N	46	723,63	7,30	2
2010-14	indução	indução	N	9	141,58	26,25	2
2010-14	indução	indução de stress	N SP N	4	62,92	63,93	1
2010-14	indução	indução aguda de stress	N A SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	indução	indução da postura	N SP+* N	1	15,73	16,73	1
2010-14	infecção	infecção	N	3	47,19	1,12	1
2010-14	infecção	infecção parasitária	N A	1	15,73	14,97	1
2010-14	infecção	infecção viral	N A	1	15,73	9,60	1
2015-19	inóculo	inóculo	N	21	516,48	392,18	1
2015-19	inóculo	inocular	V	6	147,57	72,64	2
2010-14	inshore	inshore	A	4	62,92	63,29	1
2010-14	instalação aquícola	instalação de culturas marinhas	N SP N A	3	47,19	48,19	1
2010-14	instalação aquícola	instalação aquícola	N A	2	31,46	32,46	1
2010-14	instalação aquícola	instalação de culturas biogenéticas	N SP N A	2	31,46	32,46	1
2010-14	instalação aquícola	instalação aquícola costeira	N A A	1	15,73	16,73	1
2010-14	insuflação	insuflação da bexiga	N A	3	47,19	48,19	1
2010-14	insuflação	insuflação da bexiga gasosa	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	intensidade	intensidade de produção	N SP N A	2	49,19	49,96	1
2010-14	intensivo	intensivo	A	3	47,19	3,32	1
2015-19	intensivo	intensivo	A	8	196,75	13,63	2
2020-23	intensivo	intensivo	A	6	255,63	17,68	1
2010-14	intermareal	zona intermareal	N A	1	15,73	16,72	1
2010-14	intermareal	zona intertidal	N A	1	15,73	16,54	1
2015-19	intermareal	zona intertidal	N A	2	49,19	50,06	1
2010-14	juvenil	juvenil	N/A	61	959,60	77,55	3
2015-19	juvenil	juvenil	N/A	10	245,94	19,94	2
2020-23	juvenil	juvenil	N/A	5	213,03	17,28	1
2010-14	larva	larva	N	190	2988,93	554,25	2
2010-14	larva	larva normal	N A	11	173,04	174,04	2
2010-14	larva	larva anormal	N A	5	78,66	79,66	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	larva	larva velígero	N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	larva	larva	N	6	147,57	27,54	2
2020-23	larva	larva	N	1	42,61	8,08	1
2010-14	larva bivalve	velígera	N/A	2	31,46	32,46	1
2010-14	larva bivalve	trocófora	N/A	2	31,46	32,34	1
2010-14	larva bivalve	larva pedivelígeras	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	larva bivalve	larva velígeras	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	larva bivalve	pedivelígera	N/A	1	15,73	16,73	1
2010-14	larvicultura	larvicultura	N	1	15,73	16,09	1
2010-14	legislação	legislação alimentar	N A	2	31,46	32,10	1
2010-14	legislação	legislação comunitária	N A	1	15,73	15,42	1
2010-14	legislação	legislação europeia	N A	1	15,73	14,21	1
2010-14	legislação	legislação nacional	N A	1	15,73	8,91	1
2015-19	leito	leito fixo	N A	5	122,97	117,54	1
2010-14	licença	licença de utilização do recurso hídrico	N SP N SP+* N A	2	31,46	32,46	1
2010-14	licença	licença de utilização dos recursos hídricos	N SP N SP+* N A	2	31,46	32,43	1
2010-14	licença	licença de exploração de culturas marinhas	N SP N SP N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	lípidio	lípidio	N	66	1038,26	802,90	2
2010-14	lípidio	lípidio total	N A	37	582,05	581,84	1
2010-14	lípidio	lípidio neutro	N A	13	204,51	205,51	1
2015-19	lípidio	lípidio	N	2	49,19	38,77	1
2010-14	longline	longline	N	27	424,74	424,12	1
2020-23	longline	longlines	N	1	42,61	43,44	1
2010-14	lordose	lordose	N	4	62,92	55,93	1
2010-14	macho	macho	N	26	409,01	20,54	1
2010-14	macho	macho em fase de reabsorção	N SP N SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	malformação	malformação	N	70	1101,18	440,77	1
2010-14	malformação	malformação esquelética	N A	5	78,66	79,42	1
2010-14	maneio	maneio	N	1	15,73	13,52	1
2010-14	manipulação	manipulação	N	3	47,19	3,10	2
2010-14	manto	manto	N	2	31,46	4,36	1
2010-14	manuseamento	manuseamento	N	6	94,39	55,94	1
2015-19	manuseamento	manuseamento	N	1	24,59	15,01	1
2010-14	manutenção	manutenção	N	9	141,58	1,28	3
2010-14	mar aberto	offshore	A	30	471,94	143,91	1
2010-14	mar aberto	mar aberto	N A	10	157,31	102,55	2
2010-14	mar aberto	cultivo offshore	N A	3	47,19	48,19	1
2010-14	mar aberto	cultivo offshore de moluscos bivalves	N A SP N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	mar aberto	longlines em mar aberto	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	mar aberto	molusciculturas em mar aberto	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	mar aberto	produção em mar aberto	N SP N A	1	15,73	16,73	1
2015-19	mar aberto	off-shore	A	3	73,78	62,92	1
2015-19	mar aberto	cultura off-shore	N A	2	49,19	50,19	1
2020-23	mar aberto	offshore (=mar aberto)	A	55	2343,32	713,37	1
2020-23	mar aberto	cultivo offshore	N A	1	42,61	43,61	1
2015-19	maré	maré	N	11	270,54	30,17	1
2015-19	massa de água	massa de água	N SP N	3	73,78	57,08	1
2010-14	matéria orgânica	matéria orgânica	N A	25	393,28	94,29	2
2010-14	matéria orgânica	matéria orgânica suspensa	N A A	1	15,73	16,73	1
2010-14	matéria orgânica	matéria orgânica em suspensão	N A SP N	1	15,73	16,64	1
2015-19	matéria orgânica	matéria orgânica	N A	7	172,16	41,41	3
2015-19	matéria orgânica	matéria orgânica suspensa	N A A	2	49,19	50,19	1
2020-23	matéria orgânica	matéria orgânica particulada	N A A	2	85,21	85,42	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	maternidade	maternidade (=hatchery)	N	16	251,70	16,32	3
2020-23	maternidade	maternidade	N	4	170,42	11,07	1
2010-14	maturação	maturação	N	33	519,13	104,27	2
2010-14	maturação	maturação dos gâmetas	N SP+* N	6	94,39	95,39	1
2010-14	maturação	maturação sexual	N A	5	78,66	70,42	1
2010-14	maturação	maturação da gónada	N SP+* N	3	47,19	48,19	1
2010-14	maturação	maturação das gónadas	N SP+* N	2	31,46	32,46	1
2010-14	maturação	maturação dos ovócitos	N SP+* N	1	15,73	16,71	1
2010-14	maturação	maturação gonadal	N A	1	15,73	16,53	1
2015-19	maturação	maturação	N	27	664,04	133,32	2
2015-19	maturação	maturação das gónadas	N SP+* N	4	98,38	99,38	1
2015-19	maturação	maturação sexual	N A	2	49,19	44,37	1
2010-14	maturidade	maturidade sexual	N A	2	31,46	25,52	1
2010-14	meio	meio natural	N A	11	173,04	115,08	3
2015-19	meio	meio de cultura	N SP N	4	98,38	56,81	3
2015-19	meio	meio aquático	N A	2	49,19	40,21	1
2020-23	meio	meio marinho	N A	5	213,03	195,98	1
2020-23	meio	meio natural	N A	2	85,21	57,01	1
2010-14	mesa	mesa ostreícola	N A	1	15,73	16,73	1
2020-23	metabolismo	metabolismo	N	3	127,82	9,14	1
2010-14	metamorfose	metamorfose	N	6	94,39	30,50	2
2010-14	metanúplio	metanúplios	N	2	31,46	32,44	1
2010-14	mexilhão	mexilhão	N	40	629,25	382,90	1
2015-19	mexilhão	mexilhão	N	7	172,16	105,20	2
2020-23	mexilhão	mexilhão	N	15	639,09	388,88	1
2015-19	microalga	microalga	N	36	860,80	607,48	3
2020-23	microalga	microalga	N	6	255,63	180,90	1
2010-14	moluscicultura	moluscicultura	N	13	141,58	142,26	2
2015-19	moluscicultura	moluscicultura	N	1	24,59	25,54	1
2015-19	monocultivo	monocultivo	N	27	664,04	565,82	1
2015-19	monocultivo	monocultura	N	5	122,97	60,63	1
2010-14	mortalidade	mortalidade	N	11	173,04	10,28	2
2015-19	mortalidade	mortalidade	N	14	344,32	20,39	1
2020-23	mortalidade	mortalidade	N	9	383,45	22,70	1
2015-19	multitrófico	multitrófico	A	13	319,72	320,04	1
2015-19	multitrófico	multitrófico	A	6	147,57	148,30	2
2020-23	multitrófico	multitrófico	A	2	42,61	82,00	2
2010-14	náuplio	náuplios	N	4	62,92	61,72	1
2010-14	náuplio	náuplios de artémia	N SP N	3	47,19	48,15	1
2015-19	nitrato	nitrato	N	21	516,48	169,26	1
2020-23	nitrato	nitrato	N	61	2598,95	850,42	1
2015-19	nitrificação	nitrificação	N	9	221,35	202,85	1
2010-14	nitrito	nitrito	N	2	31,46	18,34	1
2015-19	nitrito	nitrito	N	20	491,88	278,52	1
2020-23	nitrito	nitrito	N	25	1065,14	602,46	1
2010-14	nutrição	nutrição	N	11	173,04	8,64	2
2010-14	nutrição	nutrição larvar	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	nutriente	nutriente	N	11	173,04	7,38	3
2015-19	nutriente	nutriente	N	51	1254,30	53,21	2
2020-23	nutriente	nutriente	N	18	766,90	32,55	1
2020-23	ondulação	ondulação	N	2	85,21	30,72	1
2010-14	onshore	onshore	A	3	47,19	39,36	1
2015-19	onshore	onshore	A	1	24,59	20,90	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	oócito	oócito	N	2	31,46	25,72	1
2010-14	organogénese	organogénese	N	3	47,19	47,98	1
2015-19	orla	orla costeira	N A	2	49,19	43,02	1
2020-23	osmorregulação	osmorregulação	N	2	85,21	84,43	1
2010-14	ostra	ostra	N	50	786,56	262,25	2
2015-19	ostra	ostra	N	188	4623,71	1539,99	2
2020-23	ostra	ostra	N	17	724,30	241,52	1
2020-23	ostra	ostra-portuguesa	N	2	85,21	86,19	1
2015-19	ostreicultor	ostreicultor	N	1	24,59	25,48	1
2010-14	ostreicultura	ostricultura	N	2	31,46	32,46	1
2015-19	ostreicultura	ostreicultura	N	3	73,78	73,52	2
2015-19	ova	ova (=gónoda)	N	1	24,59	14,77	1
2010-14	ovo	ovo	N	5	78,66	2,26	2
2010-14	ovócito	ovócito	N	82	1289,96	1008,92	1
2010-14	ovócito	ovócito maduro	N A	2	31,46	32,34	1
2010-14	ovócito	oócito livre	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	ovócito	ovócito fertilizado	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	ovócito	ovócito fecundado	N A	1	15,73	16,71	1
2010-14	ovócito	ovócito imaturo	N A	1	15,73	16,69	1
2010-14	ovócito	oócito maduro	N A	1	15,73	16,66	1
2015-19	ovócito	oócito (=ovócito)	N	2	49,19	39,76	1
2015-19	ovócito	ovócito	N	2	49,19	39,22	1
2010-14	oxigénio	oxigénio	N	10	157,31	58,60	2
2010-14	oxigénio	oxigénio dissolvido	N A	3	47,19	46,93	2
2015-19	oxigénio	oxigénio	N	7	172,16	64,10	2
2020-23	oxigénio	oxigénio	N	26	1107,75	410,41	1
2020-23	oxigénio	oxigénio dissolvido	N A	22	937,33	913,78	1
2015-19	parasita	parasita	N	16	393,51	74,75	1
2010-14	patogénico	patogénico	A	1	15,73	12,05	1
2015-19	patogénico	patogénico	A	8	196,75	142,36	2
2010-14	patologia	patologia	N	4	62,92	5,29	1
2010-14	pcc	PCC (=ponto crítico de controlo)	N A SP N	28	440,47	110,65	1
2010-14	peixe	peixe	N	156	2454,06	41,58	2
2020-23	peixe	peixe	N	27	1150,36	19,50	1
2020-23	peixe	peixe marinho	N A	3	127,82	115,46	1
2010-14	período	período larvar	N A	2	31,46	32,46	1
2010-14	período	período natural de postura	N A SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	período	período juvenil	N A	1	15,73	16,52	1
2010-14	período	período de desova	N SP N	1	15,73	16,43	1
2010-14	período	período de reprodução	N SP N	1	15,73	15,01	1
2010-14	período	período de crescimento	N SP N	1	15,73	12,38	1
2015-19	período	período de incubação	N SP N	2	49,19	33,43	1
2015-19	pesca	pesca	N	23	565,67	23,51	3
2020-23	pesca	pesca	N	3	127,82	5,35	1
2015-19	pescado	pescado	A/N	9	221,35	54,74	1
2020-23	pescado	pescado	A/N	1	42,61	10,74	1
2010-14	peso	peso seco	N A	52	818,02	687,16	2
2010-14	peso	peso húmido	N A	12	188,77	189,77	2
2015-19	peso	peso total	N A	2	49,19	31,24	1
2015-19	piscicultor	piscicultor	N	1	24,59	20,22	1
2010-14	piscicultura	piscicultura	N	1	15,73	6,88	1
2015-19	piscicultura	piscicultura	N	15	368,91	152,01	3
2015-19	policultivo	policultura	N	3	73,78	70,01	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	policultivo	policultivo (=policultura)	N	1	24,59	24,81	1
2010-14	poluição	poluição	N	1	15,73	1,10	1
2015-19	poluição	poluição	N	11	270,54	17,78	3
2020-23	poluição	poluição	N	1	42,61	2,86	1
2015-19	pós-captura	pós-captura	N	1	24,59	25,47	1
2010-14	pós-colheita	pós-colheita	N	1	15,73	9,93	1
2010-14	pós-larva	pós-larva	N	3	47,19	45,89	1
2010-14	postura	postura	N	23	361,82	10,13	3
2010-14	postura	postura natural	N A	1	15,73	16,40	1
2010-14	potássio	potássio	N	4	62,92	9,44	2
2010-14	pré-engorda	pré-engorda	N	1	15,73	16,70	1
2015-19	pré-engorda	pré-engorda	N	1	24,59	25,55	1
2010-14	presa	presa viva	N A	2	31,46	31,84	1
2010-14	probióticos	probióticos	N	1	15,73	6,01	1
2010-14	produção	produção aquícola	N A	4	62,92	61,66	2
2010-14	produção	produção de moluscos bivalves	N SP N A	3	47,19	48,06	1
2010-14	produção	produção de ostras	N SP N	3	47,19	47,61	2
2010-14	produção	produção ostreícola	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	produção	produção de bivalves	N SP N	1	15,73	16,67	1
2010-14	produção	produção intensiva	N A	1	15,73	15,53	1
2015-19	produção	produção aquícola	N A	2	49,19	48,41	2
2020-23	produção	produção de bivalves	N SP N	6	255,63	255,67	1
2020-23	produção	produção aquícola	N A	2	85,21	83,16	1
2020-23	produção	produção de peixes	N SP N	2	85,21	77,58	1
2010-14	progenitor	progenitor	N	14	220,24	71,74	1
2015-19	proteína	proteína animal	N A	5	122,97	71,99	2
2020-23	proteína	proteína de qualidade	N SP N	2	85,21	82,16	1
2010-14	protocolo	protocolo alimentar	N A	59	928,14	922,14	1
2010-14	protocolo	protocolo alimentar larvar	N A A	1	15,73	16,73	1
2010-14	pseudofezes	pseudofezes	N	1	15,73	16,72	1
2010-14	purga	purga	N	1	15,73	12,81	1
2010-14	purgar	purgar	V	2	31,46	23,49	1
2010-14	qualidade da água	qualidade da água	N SP+* N	4	62,92	16,73	2
2015-19	qualidade da água	qualidade da água	N SP+* N	8	196,75	51,75	2
2015-19	qualidade da água	qualidade microbiológica da água	N A SP+* N	2	49,19	49,25	1
2010-14	qualidade do alimento	qualidade do alimento	N SP+* N	4	62,92	58,02	2
2010-14	ração	ração	N	7	110,12	8,67	2
2010-14	ração	ração inerte	N A	1	15,73	16,73	1
2020-23	ração	ração	N	4	170,42	13,38	1
2020-23	ração	ração particulada	N A	1	42,61	43,61	1
2015-19	raceway	raceway	N	4	98,38	99,11	1
2015-19	RAS	sistema RAS	N + Acrón-EN	10	245,94	246,94	1
2010-14	reabsorção	reabsorção	N	10	157,31	96,90	1
2015-19	reator	reator	N	22	541,07	112,77	1
2010-14	recirculação	recirculação de água	N SP N	1	15,73	16,11	1
2010-14	recirculação	recirculação	N	1	15,73	12,03	1
2015-19	recirculação	recirculação da água	N SP+* N	6	147,57	146,76	1
2015-19	recirculação	recirculação de água	N SP N	3	49,19	48,34	1
2020-23	recirculação	recirculação	N	1	42,61	31,34	1
2010-14	recrutamento	recrutamento	N	3	47,19	5,13	2
2010-14	recurso	recurso hídrico	N A	25	393,28	67,65	1
2010-14	renovação de água	renovação de água	N SP N	1	15,73	16,44	1
2015-19	renovação de água	renovação de água	N SP N	3	73,78	73,47	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	reprodução	reprodução	N	17	267,43	7,39	2
2010-14	reprodução	reprodução artificial	N A	2	31,46	31,43	1
2010-14	reprodução	reprodução de bivalves	N SP N	1	15,73	16,73	1
2010-14	reprodutor	reprodutor	A/N	14	220,24	52,85	2
2010-14	resistência	resistência ao stress	N SP+* N	7	110,12	108,96	1
2010-14	robalo	robalo	N	6	94,39	47,65	1
2020-23	robalo	robalo	N	14	596,48	298,48	1
2010-14	rotífero	rotífero	N	14	220,24	208,73	1
2010-14	salinidade	salinidade	N	12	188,77	86,89	3
2015-19	salinidade	salinidade	N	59	1451,06	664,80	1
2020-23	salinidade	salinidade	N	26	1107,75	507,63	1
2010-14	salubridade	salubridade	N	1	15,73	10,31	1
2015-19	sanitário	sanitário	A	27	664,04	16,13	1
2015-19	sapal	sapal	N	19	467,29	407,31	1
2010-14	sazonal	sazonal	A	5	78,66	14,74	2
2020-23	sazonal	sazonal	A	2	85,21	15,95	1
2015-19	sazonalidade	sazonalidade	N	2	49,19	20,73	1
2015-19	sedimentação	sedimentação	N	5	122,97	69,27	2
2010-14	sedimento	sedimento	N	2	31,46	8,30	1
2015-19	sedimento	sedimento	N	20	491,88	125,94	2
2020-23	sedimento	sedimento	N	3	127,82	32,92	1
2010-14	segurança alimentar	segurança alimentar	N A	14	220,24	47,98	1
2010-14	segurança alimentar	segurança dos géneros alimentícios	N SP+* N A	2	31,46	32,29	1
2010-14	semente	semente	N	4	62,92	1,67	1
2010-14	semi-intensivo	semi-intensivo	A	2	35,73	34,99	2
2015-19	semi-intensivo	semi-intensivo	A	3	69,19	69,59	2
2010-14	síndrome sela de cavalo	síndrome de saddleback (=sela de cavalo)	N SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	síndrome sela de cavalo	síndrome sela de cavalo	N N SP N	2	31,46	32,46	1
2010-14	sistema de produção	sistema de cultivo em suspensão	N SP N SP N	1	15,73	16,73	1
2015-19	sistema de produção	sistema de lagunagem	N SP N	5	122,97	123,85	1
2015-19	sistema de produção	sistema integrado	N A	4	98,38	38,95	2
2015-19	sistema de produção	sistema de jaulas	N SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	sistema de produção	sistema integrado de aquacultura	N A SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	sistema de produção	sistema extensivo	N A	2	49,19	47,77	1
2020-23	sistema de produção	sistema intensivo	N A	2	85,21	78,85	1
2010-14	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)	N (acrón-EN)	22	86,52	58,83	2
2015-19	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)	N (acrón-EN)	21	516,48	265,66	1
2015-19	sistema de recirculação	aquacultura com recirculação de água	N SP N SP N	2	49,19	50,19	1
2015-19	sistema de recirculação	sistemas com recirculação da água	N SP N SP+* N	2	49,19	50,19	1
2010-14	sobrevivência	sobrevivência	N	34	534,86	26,17	3
2020-23	sobrevivência	sobrevivência	N	2	85,21	4,21	1
2010-14	stock	stock	N	4	62,92	7,33	2
2015-19	stock	stock	N	8	196,75	22,68	2
2015-19	stock	stock selvagem	N A	3	73,78	74,78	1
2020-23	stock	stock	N	9	383,45	44,09	1
2020-23	stock	stock selvagem	N A	4	170,42	171,42	1
2010-14	stress	stress	N	51	802,29	80,23	2
2010-14	stress	stress agudo	N A	2	31,46	32,19	1
2010-14	stress	stress crónico	N A	1	15,73	16,47	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = ACAD							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	stress	stress	N	1	42,61	4,36	1
2010-14	substrato	substrato	N	17	267,43	30,42	3
2010-14	substrato	substrato duro	N A	3	47,19	47,88	2
2010-14	substrato	substrato natural	N A	3	47,19	47,22	2
2010-14	substrato	substrato vasoso	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	substrato	substrato mole	N A	1	15,73	16,71	1
2015-19	substrato	substrato	N	32	787,01	89,30	3
2015-19	substrato	substrato limitante	N A	9	221,35	222,06	1
2010-14	sustentabilidade	sustentabilidade	N	4	62,92	1,90	2
2010-14	tabuleiro	tabuleiro	N	3	47,19	6,63	1
2010-14	tabuleiro	tabuleiro suspenso	N A	1	15,73	16,71	1
2010-14	tamanho	tamanho comercial	N A	2	31,46	31,93	1
2020-23	tamanho	tamanho comercial	N A	4	170,42	168,60	1
2010-14	tanque	tanque	N	40	629,25	28,18	2
2010-14	tanque	tanque cilíndrico	N A	1	15,73	16,73	1
2010-14	tanque	tanque de cultivo	N SP N	1	15,73	16,57	1
2010-14	tanque	tanque retangular	N A	1	15,73	16,57	1
2015-19	tanque	tanque	N	31	762,42	34,14	3
2015-19	tanque	tanque de terra	N SP N	5	122,97	123,14	2
2015-19	tanque	tanque de cultura	N SP N	4	98,38	99,27	2
2020-23	tanque	tanque em terra	N SP N	1	42,61	43,61	1
2010-14	taxa	taxa de eclosão	N SP N	20	314,62	307,39	1
2010-14	taxa	taxa de eclosão de larvas	N SP N SP N	13	204,51	205,51	1
2010-14	taxa	taxa de crescimento	N SP N	8	125,85	36,22	1
2010-14	taxa	taxa de fecundação	N SP N A	7	110,12	109,76	1
2010-14	taxa	taxa de eclosão larvar	N SP N A	3	47,19	48,19	1
2010-14	taxa	taxa de sobrevivência	N SP N	3	47,19	35,02	1
2010-14	taxa	taxa de mortalidade	N SP N	1	15,73	4,29	1
2015-19	taxa	taxa de crescimento	N SP N	34	836,20	239,04	3
2015-19	taxa	taxa de sobrevivência	N SP N	3	73,78	54,34	1
2015-19	taxa	taxa de filtração	N SP N	2	49,19	45,21	1
2020-23	taxa	taxa de crescimento	N SP N	12	511,27	146,27	1
2010-14	taxa administrativa	TRH (taxa de recursos hídricos)	N SP R A	4	62,92	52,13	1
2015-19	temperatura	temperatura da água	N SP+* N	13	319,72	156,32	1
2015-19	temperatura	temperatura ótima	N A	3	73,78	69,73	1
2020-23	temperatura	temperatura ótima	N A	26	1107,75	1033,76	1
2020-23	temperatura	temperatura superficial	N A	12	511,27	463,32	1
2020-23	temperatura	temperatura média	N A	7	298,24	98,03	1
2020-23	temperatura	temperatura máxima	N A	6	255,63	128,34	1
2020-23	temperatura	temperatura mínima	N A	5	213,03	130,49	1
2010-14	título	título de utilização dos recursos hídricos	N SP N SP+* N A	6	94,39	95,02	1
2010-14	título	título de utilização do recurso hídrico	N SP N SP+* N A	2	31,46	32,46	1
2010-14	toxicidade	toxicidade	N	1	15,73	4,31	1
2010-14	toxina	toxina	N	1	15,73	2,16	1
2015-19	tratamento de águas	tratamento de águas residuais	N SP N A	2	49,19	40,81	2
2015-19	tratamento de águas	tratamento de esgotos	N SP N	2	49,19	38,20	1
2015-19	tratamento de águas	tratamento de efluentes	N SP N	2	49,19	31,67	1
2010-14	vacinação	vacinação	N	1	15,73	0,91	1
2020-23	valor económico	valor económico	N A	4	170,42	145,04	1
2015-19	vasa	vasa	N	1	24,59	22,40	1
2015-19	viveiro	viveiro	N	5	122,97	30,22	1
2020-23	viveiro	viveiro	N	1	42,61	10,63	1
2010-14	zooplâncton	zooplâncton	N	3	47,19	41,68	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	acondicionamento de produto	acondicionamento	N	3	85,16	33,38	2
2020-23	acondicionamento de produto	acondicionamento	N	1	51,47	20,33	1
2010-14	afinação	afinação	N	3	85,16	33,04	2
2015-19	afinação	afinação	N	2	353,23	135,83	1
2015-19	afinação	afinação das ostras	N SP+* N	1	176,62	177,62	1
2020-23	agente microbiano	agente antimicrobiano	N A	3	154,42	141,46	1
2010-14	água	água	N	164	4655,52	13,93	2
2010-14	água	água interior	N A	19	539,36	466,97	2
2010-14	água	água marinha	N A	19	539,36	463,74	2
2010-14	água	água doce	N A	16	454,20	103,36	2
2010-14	água	água salgada (=água do mar)	N A	6	170,32	60,19	2
2010-14	água	água salobra	N A	2	56,77	57,64	2
2010-14	água	água residual	N A	2	56,77	26,50	2
2015-19	água	água	N	7	1236,31	3,70	1
2020-23	água	água	N	80	4117,77	12,32	3
2020-23	água	água doce	N A	16	823,55	187,23	3
2020-23	água	água interior	N A	5	257,36	223,27	2
2020-23	água	água marinha	N A	4	205,89	177,55	1
2020-23	água	água de transição	N SP N	3	154,42	153,88	2
2010-14	alevim	alevim	N	3	85,16	79,23	1
2010-14	alimento	alimento natural	N A	2	56,77	35,03	1
2020-23	alimento	alimento medicamentoso	N A	2	102,94	103,14	1
2020-23	alteração	alteração climática	N A	29	1492,69	466,51	2
2010-14	amêijoa	amêijoa	N	24	681,30	566,19	1
2015-19	amêijoa	amêijoa	N	1	176,62	147,39	1
2020-23	amêijoa	amêijoa	N	1	51,47	43,54	1
2010-14	amêijoa-boa	amêijoa boa (isa amêijoa)	N A	2	56,77	57,78	1
2015-19	amêijoa-boa	amêijoa boa (isa amêijoa)	N	22	3885,55	3876,14	1
2015-19	apanha	apanha	N	2	353,23	184,06	1
2015-19	apanha	apanha de marisco	N SP N	1	176,62	177,07	1
2010-14	aquacultura	aquicultura	N	185	5251,65	1732,43	2
2010-14	aquacultura	aquicultura marinha	N A	5	141,94	141,93	2
2010-14	aquacultura	aquicultura de águas interiores	N SP N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	aquacultura	aquicultura em águas marinhas	N SP N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	aquacultura	aquicultura oceânica	N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	aquacultura	aquicultura em águas interiores	N SP N A	2	56,77	57,72	1
2010-14	aquacultura	aquicultura	N	2	56,77	45,76	1
2015-19	aquacultura	aquicultura	N	1	176,62	58,58	1
2020-23	aquacultura	aquicultura	N	289	14875,44	4906,56	3
2020-23	aquacultura	aquicultura biológica	N A	6	308,83	309,83	1
2020-23	aquacultura	aquicultura de água doce	N SP N A	6	308,83	309,46	2
2020-23	aquacultura	aquicultura sustentável	N A	6	308,83	307,05	2
2020-23	aquacultura	aquicultura de espécies exóticas	N SP N A	4	205,89	206,89	2
2020-23	aquacultura	aquicultura em tanques	N SP N	3	154,42	155,42	1
2020-23	aquacultura	aquicultura marinha	N A	3	154,42	154,32	2
2020-23	aquacultura	aquicultura multitrófica	N A	2	102,94	103,94	1
2020-23	aquacultura	aquicultura	N	1	51,47	41,56	1
2010-14	aquicultor	aquicultor	N	4	113,55	103,38	1
2020-23	aquicultor	aquicultor	N	2	102,94	93,81	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	área de licenciamento	área licenciada	N A	3	529,85	519,92	1
2010-14	área de produção	área de produção aquícola (=APA)	N SP N A	22	624,52	625,52	2
2010-14	área de produção	área de produção aquícola em mar aberto	N SP N A SP N	8	227,10	228,10	2
2015-19	área de produção	área produtiva	N A	2	353,23	271,76	1
2015-19	área de produção	área de produção aquícola	N SP N A	1	176,62	177,62	1
2010-14	área do domínio público	área do domínio público hídrico	N SP N A A	4	113,55	114,55	2
2015-19	área do domínio público	área do domínio público hídrico	N SP N A A	2	353,23	354,23	1
2015-19	área do domínio público	área de domínio público marítimo	N SP N A A	1	176,62	177,45	1
2015-19	assoreamento	assoreamento	N	1	176,62	98,87	1
2010-14	atividade aquícola	atividade aquícola	N A	28	794,84	779,92	1
2015-19	atividade aquícola	atividade aquícola	N A	4	706,46	693,31	1
2020-23	atividade aquícola	atividade aquícola	N A	23	1183,86	1161,15	3
2015-19	atividade ostreícola	atividade ostreícola	N A	1	176,62	177,62	1
2020-23	autorregulação	autorregulação	N	4	205,89	128,30	2
2010-14	avaliação de impacto	avaliação de impacte	N SP N	3	85,16	82,18	2
2020-23	avaliação de impacto	avaliação do risco ambiental	N SP+* N A	2	102,94	103,45	1
2010-14	azoto	azoto total	N A	2	56,77	57,60	1
2010-14	azoto	azoto	N	2	56,77	35,72	1
2020-23	azoto	azoto	N	2	102,94	64,26	1
2015-19	bactéria	baixa-mar	N	1	176,62	166,60	1
2015-19	banco	banco natural	N A	1	176,62	175,10	1
2010-14	bem-estar animal	bem-estar animal	N A	2	56,77	32,13	1
2020-23	bem-estar animal	bem-estar	N	26	1338,27	45,00	3
2020-23	bem-estar animal	bem-estar dos peixes	N SP+* N	10	514,72	513,62	2
2020-23	bem-estar animal	bem-estar dos animais	N SP+* N	8	411,78	335,56	3
2010-14	biodiversidade	biodiversidade	N	6	170,32	12,40	2
2020-23	biodiversidade	biodiversidade	N	8	411,78	29,87	2
2010-14	biofísico	biofísico	A	2	56,77	48,52	2
2020-23	biomassa	biomassa	N	1	51,47	9,58	1
2020-23	biotoxina	biotoxina	N	1	51,47	51,71	1
2010-14	bivalve	bivalve	A/N	34	965,17	728,11	2
2010-14	bivalve	molusco bivalve	N A	9	255,49	235,90	2
2015-19	bivalve	bivalve	A/N	13	2296,01	1731,03	1
2015-19	bivalve	molusco bivalve	N A	2	353,23	325,81	1
2020-23	bivalve	bivalve	A/N	14	720,61	543,81	2
2020-23	bivalve	molusco bivalve	N A	9	463,25	427,00	2
2015-19	brânquia	brânquia	N	1	176,62	139,41	1
2020-23	cadeia comercial	cadeia de valor	N SP N	7	360,30	160,96	2
2020-23	cadeia comercial	cadeia de abastecimento	N SP N	2	102,94	69,62	1
2020-23	cadeia de produção	cadeia de produção	N SP N	2	102,94	58,97	2
2020-23	calibração	calibração	N	1	51,47	27,72	1
2020-23	capacidade de carga	capacidade de carga	N SP N	3	154,42	68,28	2
2010-14	captação de água	captação de água	N SP N	3	85,16	44,59	2
2015-19	captura	captura natural (=captura natural)	N A	1	176,62	177,12	1
2010-14	cativeiro	cativeiro	N	12	340,65	67,11	1
2020-23	cativeiro	cativeiro	N	1	51,47	10,31	1
2010-14	certificação	produto certificado	N A	4	113,55	94,78	1
2010-14	ciclo de produção	ciclo de produção	N SP N	3	85,16	63,62	1
2010-14	ciclo de produção	ciclo produtivo	N A	2	56,77	44,65	1
2020-23	concessão	concessão	N	11	566,19	14,51	2
2020-23	concessão	concessão de licenças	N A	10	514,72	449,04	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	conquicultura	conquícola	Adj	5	257,36	258,03	2
2020-23	conquicultura	conquicultura	N	1	51,47	52,46	1
2015-19	contaminação	contaminação ambiental	N A	1	176,62	141,12	1
2015-19	covo	covo	N	1	176,62	141,67	1
2020-23	criação de valor	criação de valor	N SP N	2	102,94	63,58	2
2010-14	cultivo	cultivo de bivalves	N SP N	2	56,77	57,71	1
2015-19	cultivo	cultivo de bivalves	N SP N	4	706,46	706,61	1
2020-23	cultivo	criação de moluscos	N SP N	9	463,25	462,42	1
2010-14	cultura	cultura marinha	N A	21	596,13	593,27	2
2010-14	cultura	cultura biogenética	N A	12	340,65	341,17	2
2020-23	cultura	cultura de algas	N SP N	3	154,42	154,64	1
2020-23	cultura	cultura biogenética	N A	2	102,94	103,80	1
2010-14	decreto-lei	decreto-lei	N	66	1873,56	121,88	2
2015-19	decreto-lei	decreto-lei	N	1	176,62	11,55	1
2020-23	decreto-lei	decreto-lei	N	39	2007,41	130,58	1
2015-19	densidade	densidade de cultivo	N SP N	2	353,23	351,59	1
2015-19	densidade	densidade de produção	N SP N	1	176,62	177,14	1
2015-19	densidade	densidade de ocupação	N SP N	1	176,62	172,61	1
2020-23	depuração	depuração	N	6	308,83	136,51	1
2010-14	descarga	descarga de pescado	N SP N	2	56,77	57,43	1
2020-23	desempenho	desempenho ambiental	N A	14	720,61	517,81	2
2010-14	direção-geral	direção-geral	N	11	312,26	111,84	2
2010-14	diretiva-quadro	diretiva-quadro	N	2	56,77	56,90	1
2020-23	diretiva-quadro	diretiva-quadro	N	8	411,78	406,55	1
2020-23	diretiva-quadro	Diretiva-Quadro da água	N-N SP+* N	6	308,83	308,42	1
2010-14	domínio público	domínio público hídrico	N A A	21	596,13	572,75	2
2010-14	domínio público	domínio hídrico	N A	12	340,65	327,99	2
2010-14	domínio público	domínio público marítimo	N A A	6	170,32	165,05	2
2015-19	domínio público	domínio público hídrico	N A A	3	529,85	509,17	1
2015-19	domínio público	domínio público marítimo	N A A	1	176,62	171,11	1
2010-14	dourada	dourada	N	5	141,94	89,78	1
2020-23	dourada	dourada	N	1	51,47	32,96	1
2020-23	economia	economia circular	N A	4	205,89	124,82	2
2010-14	ecossistema	ecossistema	N	6	170,32	12,23	1
2010-14	ecossistema	ecossistema lagunar	N A	2	56,77	57,45	1
2020-23	ecossistema	ecossistema	N	16	823,55	58,86	3
2020-23	ecossistêmicos	ecossistêmicos	A	6	308,83	305,14	1
2010-14	efluente	efluente	N	7	198,71	40,52	2
2020-23	efluente	efluente	N	1	51,47	10,65	1
2015-19	elição	elição	N	30	5298,48	5298,77	1
2015-19	elição	elição com sacos basculantes	N SP N A	1	176,62	177,62	1
2010-14	empreendimento	empreendimento aquícola	N A	3	85,16	85,21	1
2010-14	empresa aquícola	empresa aquícola	N A	2	56,77	57,69	1
2010-14	engorda	engorda	N	15	425,81	208,97	2
2015-19	engorda	engorda	N	2	353,23	173,44	1
2020-23	engorda	engorda	N	3	154,42	76,10	1
2010-14	entidade	entidade licenciadoras	N A	5	141,94	140,39	2
2010-14	entidade	entidade licenciadora	N A	2	56,77	54,82	1
2010-14	espécie	espécie marinha	N A	8	227,10	179,07	2
2010-14	espécie	espécie aquícola	N A	4	113,55	112,76	1
2010-14	espécie	espécie piscícola	N A	4	113,55	111,78	1
2020-23	espécie	espécie exótica	N A	5	257,36	160,65	2
2020-23	espécie	espécie marinha	N A	4	205,89	162,41	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	espécie	espécie aquícola	N A	2	102,94	102,32	2
2010-14	espécie autóctone	espécie autóctone	N A	4	113,55	101,27	1
2010-14	espécie autóctone	espécie local	N A	2	56,77	54,68	1
2010-14	estabelecimento	estabelecimento de culturas marinhas	N SP N A	19	539,36	539,06	2
2010-14	estabelecimento	estabelecimento aquícola	N A	11	312,26	312,65	2
2010-14	estabelecimento	estabelecimento de aquicultura	N SP N	5	141,94	142,37	1
2020-23	estabelecimento	estabelecimento conexo	N A	6	308,83	308,24	1
2020-23	estabelecimento	estabelecimento aquícola	N A	3	154,42	155,11	1
2020-23	estabelecimento	estabelecimento de aquicultura	N SP N	2	102,94	103,53	1
2010-14	estabulação	estabulação	N	6	170,32	168,53	1
2020-23	estabulação	estabulação	N	1	51,47	51,62	1
2010-14	estatuto	estatuto de protecção ambiental	N SP N A	2	56,77	57,78	1
2015-19	esteiro	esteiro	N	10	1766,16	1636,88	1
2010-14	estrutura flutuante	estrutura flutuante	N A	7	-----	----	2
2010-14	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	3	85,16	35,51	2
2010-14	estrutura flutuante	jaula flutuante	N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	estrutura flutuante	jangada (isa estrutura flutuante)	N	2	56,77	26,59	2
2020-23	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	2	102,94	42,84	2
2020-23	estrutura flutuante	jangada (isa estrutura flutuante)	N	1	51,47	24,15	1
2020-23	estrutura flutuante	estrutura flutuante	N A	1	-----	----	1
2010-14	exploração	exploração aquícola	N A	5	141,94	142,46	1
2020-23	exploração	exploração aquícola	N A	3	154,42	154,90	2
2010-14	extensivo	extensivo	A	11	312,26	68,69	2
2020-23	extensivo	extensivo	A	1	51,47	11,51	1
2015-19	filtração	filtração de água	N SP N	1	176,62	173,73	1
2015-19	filtração	filtração	N	1	176,62	70,42	1
2010-14	filtrador	filtrador	A	2	56,77	52,96	1
2010-14	financiamento	financiamento	N	8	227,10	4,33	1
2020-23	financiamento	financiamento	N	14	720,61	13,69	3
2015-19	flutuador	flutuador	A/N	5	883,08	669,98	1
2020-23	flutuante	flutuante	A	3	154,42	23,84	1
2010-14	gâmeta	gâmeta	N	3	85,16	78,41	2
2020-23	gâmeta	gâmeta	N	1	51,47	47,75	1
2020-23	ganchorra	ganchorra	N	1	51,47	52,03	1
2020-23	gestão	gestão das bacias hidrográficas	N SP+* N A	2	102,94	102,82	1
2010-14	habitat	habitat	N	4	113,55	13,92	1
2020-23	habitat	habitat	N	2	102,94	12,63	2
2015-19	hidrodinamismo	hidrodinamismo	N	1	176,62	176,03	1
2010-14	higiene	higiene	N	3	85,16	3,54	1
2020-23	higiene	higiene	N	4	205,89	8,51	1
2020-23	higiene	higiene dos géneros alimentícios	N SP+* N A	2	102,94	103,13	1
2010-14	impacto	impacte ambiental	N A	5	141,94	122,73	2
2010-14	impacto	impacte negativo	N A	4	113,55	108,32	2
2010-14	impacto	impacte ambiental	N A	4	113,55	88,01	1
2010-14	impacto	impacte no ambiente	N SP+* N	3	85,16	85,48	1
2010-14	Impacto	impacto ambiental	N A	2	56,77	33,78	1
2010-14	impacto	impacto ambiental	N A	2	56,77	8,07	1
2020-23	impacto	impacto das alterações climáticas	N SP+* N A	5	257,36	244,70	1
2020-23	impacto	impacto da aquicultura	N SP+* N	2	102,94	103,94	1
2020-23	impacto	impacto das atividades aquícolas	N SP+* N A	2	102,94	103,94	1
2020-23	impacto	Impacte ambiental	N A	2	102,94	89,25	1
2020-23	indicador	indicador ambiental	N A	7	360,30	321,16	2
2015-19	infecção	infecção	N	1	176,62	4,14	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	instalação aquícola	instalação aquícola	N A	3	85,16	86,16	1
2020-23	instalação aquícola	instalação aquícola	N A	2	102,94	103,94	1
2020-23	intensivo	intensivo	A	1	51,47	3,62	1
2010-14	juvenil	juvenil	N/A	6	170,32	13,83	2
2015-19	juvenil	juvenil	N/A	1	176,62	14,34	1
2020-23	juvenil	juvenil	N/A	2	102,94	8,39	2
2010-14	larva	larva	N	4	113,55	21,23	2
2020-23	larva	larva	N	1	51,47	9,73	1
2020-23	legislação	legislação ambiental	N A	3	154,42	66,88	1
2020-23	legislação	legislação nacional	N A	2	102,94	55,34	2
2010-14	licença	licença de exploração	N SP N	15	425,81	395,39	2
2010-14	licença	licença de utilização dos recursos hídricos	N SP N SP+* N A	6	170,32	171,13	2
2010-14	licença	licença de utilização do domínio hídrico	N SP N SP+* N A	3	85,16	86,16	1
2015-19	licença	licença de utilização dos recursos hídricos	N SP N SP+* N A	1	176,62	177,41	1
2020-23	licença	renovação de licenças	N SP N	2	102,94	100,84	1
2010-14	licenciamento	licenciamento de estabelecimentos	N SP N	22	624,52	625,52	1
2010-14	licenciamento	licenciamento da atividade aquícola	N SP+* N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	licenciamento	licenciamento da utilização do domínio hídrico	N SP N SP+* N A	2	56,77	57,78	2
2010-14	licenciamento	licenciamento das atividades aquícolas	N SP+* N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	litoral	litoral	N/A	7	198,71	9,19	1
2020-23	longline	longlines	N	1	51,47	52,27	1
2015-19	malha	malha	N	2	353,23	25,46	1
2010-14	mar aberto	mar aberto (=offshore)	N A	36	1021,94	662,66	2
2010-14	mar aberto	produção aquícola em mar aberto	N A SP N A	8	227,10	228,10	2
2010-14	mar aberto	offshore	A	7	198,71	60,77	2
2010-14	mar aberto	área em mar aberto	N SP N A	2	56,77	57,78	1
2010-14	mar aberto	cultura em mar aberto	N SP N A	2	56,77	57,78	1
2020-23	mar aberto	mar aberto	N A	4	205,89	134,02	2
2020-23	mar aberto	aquicultura em mar aberto	N SP N A	2	102,94	103,94	1
2020-23	mar aberto	offshore	A	2	102,94	31,63	2
2015-19	maré	maré	N	5	883,08	98,24	1
2020-23	maricultura	maricultura	N	2	102,94	92,03	2
2015-19	marisco	marisco	N	2	353,23	129,87	1
2010-14	massa de água	massa de água	N SP N	7	198,71	152,42	2
2010-14	maternidade	maternidade	N	4	113,55	7,40	1
2015-19	maternidade	maternidade	N	2	353,23	22,88	1
2020-23	medicamento	medicamento veterinário	N A	9	463,25	398,17	2
2010-14	meio	meio de cultura	N SP N	3	85,16	49,26	1
2010-14	meio	meio natural	N A	2	56,77	38,20	1
2015-19	mesa	mesa	N	34	6004,95	55,64	1
2015-19	mesa	mesa de eliaço	N SP N	23	4062,17	4063,17	1
2015-19	mesa	mesa ao estilo francês	N SP+* N A	3	529,85	530,85	1
2010-14	mexilhão	mexilhão	N	6	170,32	104,09	1
2020-23	mexilhão	mexilhão	N	2	102,94	63,15	1
2020-23	moluscicultor	moluscicultor	N	1	51,47	52,47	1
2010-14	moluscicultura	moluscicultura	N	2	56,77	57,64	1
2015-19	moluscicultura	moluscicultura	N	1	176,62	177,21	1
2020-23	moluscicultura	moluscicultura	N	1	51,47	52,35	1
2015-19	morraça	morraça	N	1	176,62	177,18	1
2010-14	mortalidade	mortalidade	N	5	141,94	8,44	1
2015-19	mortalidade	mortalidade	N	6	1059,70	62,63	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	mortalidade	mortalidade	N	1	51,47	3,10	1
2020-23	multitrófico	multitrófico	A	2	102,94	103,56	1
2020-23	norma	norma de comercialização	N SP N	3	154,42	153,66	2
2020-23	norma	norma de execução	N SP N	3	154,42	147,73	2
2020-23	norovírus	norovírus	N	3	154,42	145,41	2
2010-14	nutrição	nutrição	N	7	198,71	9,91	1
2010-14	nutriente	nutriente	N	6	170,32	7,26	1
2020-23	nutriente	nutriente	N	6	308,83	13,13	2
2020-23	operação	operação aquícola	N A	1	51,47	52,47	1
2015-19	ostra	ostra	N	88	15542,21	5175,78	1
2015-19	ostra	ostra-portuguesa	N	4	706,46	707,27	1
2020-23	ostra	ostra	N	1	51,47	17,47	1
2010-14	oxigenação	oxigenação	N	2	56,77	23,48	1
2020-23	oxigénio	oxigénio	N	1	51,47	19,42	1
2015-19	pah	pah (=hidrocarbonetos aromáticos policíclicos)	N (sigla-EN)	1	176,62	89,04	1
2015-19	parcela	parcela	N	3	529,85	12,03	1
2010-14	patogénico	patogénico	A	2	56,77	41,59	1
2020-23	patogénico	patogénico	A	1	51,47	37,77	1
2010-14	patologia	patologia	N	3	85,16	7,13	1
2015-19	patologia	patologia	N	1	176,62	14,69	1
2010-14	pea	PEA (=Plano Estratégico p/ Aquicultura)	N A SP N	2	56,77	26,13	1
2010-14	peixe	peixe	N	34	965,17	16,36	2
2020-23	peixe	peixe	N	30	1544,16	26,17	3
2010-14	pesca	pesca	N	43	1220,65	50,69	1
2015-19	pesca	pesca	N	3	529,85	22,03	1
2020-23	pesca	pesca	N	19	977,97	40,62	3
2010-14	pescado	pescado	A/N	27	766,46	188,94	1
2020-23	pescado	pescado	A/N	1	51,47	12,92	1
2020-23	pescaria	pescaria	N	1	51,47	8,90	1
2010-14	piscicultura	piscicultura	N	19	539,36	222,06	2
2010-14	piscicultura	estabelecimento de piscicultura	N SP N	5	141,94	142,94	2
2010-14	piscicultura	piscicultura industrial	N A	4	113,55	114,44	1
2010-14	piscicultura	piscicultura	N	4	113,55	114,35	1
2010-14	piscicultura	piscicultura intensiva	N A	2	56,77	57,42	2
2020-23	piscicultura	estabelecimento de piscicultura	N SP N	2	102,94	103,94	1
2020-23	piscicultura	piscicultura	N	2	102,94	42,72	1
2020-23	policultivo	policultura (=policultivo)	N	1	51,47	49,12	1
2010-14	poluição	poluição	N	3	85,16	5,64	1
2015-19	poluição	poluição	N	1	176,62	11,63	1
2020-23	poluição	poluição	N	10	514,72	33,76	1
2020-23	poluição	poluição da água	N SP+* N	2	102,94	88,61	1
2010-14	pós-larva	pós-larva	N	2	56,77	55,02	2
2020-23	pós-larva	pós-larva	N	1	51,47	49,97	1
2020-23	prado	prado ao prato	N SP+* N	12	617,67	615,40	2
2010-14	preia-mar	preia-mar	N	2	56,77	55,34	1
2015-19	preia-mar	preia-mar	N	3	529,85	508,51	1
2010-14	produção	produção aquícola	N A	72	2043,89	1972,55	2
2010-14	produção	produção de peixe	N SP N	3	85,16	83,18	1
2010-14	produção	produção de moluscos bivalves	N SP N A	2	56,77	57,61	1
2010-14	produção	produção de bivalves	N SP N	2	56,77	57,56	1
2010-14	produção	produção intensiva	N A	2	56,77	53,64	2
2015-19	produção	produção de ostra	N SP N	28	4945,25	4938,29	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	produção	produção aquícola	N A	13	2296,01	2215,75	1
2015-19	produção	produção ostreícola	N A	4	706,46	707,46	1
2015-19	produção	produção de bivalves	N SP N	4	706,46	704,81	1
2020-23	produção	produção aquícola	N A	15	772,08	745,73	3
2020-23	produção	produção biológica	N A	8	411,78	384,38	3
2020-23	produção	produção conuícola	N A	1	51,47	52,47	1
2010-14	produtor	produtor	N	13	369,04	4,08	1
2010-14	produtor	produtor aquícola	N A	2	56,77	57,64	1
2015-19	produtor	produtor	N	22	3885,55	42,83	1
2015-19	produtor	produtor de ostra	N SP N	9	1589,54	1588,73	1
2015-19	produtor	produtor de amêijoa-boa	N A	3	529,85	530,85	1
2020-23	produtor	produtor	N	40	2058,88	22,70	3
2020-23	produtor	produtor aquícola	N A	18	926,50	925,32	3
2020-23	qualidade da água	qualidade da água	N SP+* N	10	514,72	134,96	2
2010-14	ração	ração	N	7	198,71	15,58	2
2010-14	recirculação	recirculação	N	2	56,77	41,53	1
2020-23	recirculação	recirculação	N	7	360,30	259,70	2
2010-14	recurso	recurso hídrico	N A	84	2384,53	409,30	2
2020-23	recurso	recurso hídrico	N A	9	463,25	79,65	1
2015-19	rede	rede	N	8	1412,93	4,06	1
2010-14	regime de exploração	regime de produção	N SP N	11	312,26	297,53	2
2010-14	regime de exploração	regime de exploração	N SP N	6	170,32	161,51	2
2010-14	regime de exploração	regime extensivo	N A	4	113,55	111,89	1
2010-14	regime de exploração	regime intensivo	N A	3	85,16	83,62	1
2020-23	reprodução	reprodução	N	6	308,83	8,53	3
2010-14	reprodutor	reprodutor	A/N	5	141,94	34,15	1
2020-23	risco ambiental	risco ambiental	N A	2	102,94	56,64	1
2010-14	robalo	robalo	N	8	227,10	113,95	1
2020-23	robalo	robalo	N	1	51,47	26,21	1
2015-19	saco	saco ostreícola	N A	3	529,85	530,85	1
2015-19	saco	saco de malha	N SP N	2	353,23	350,40	1
2015-19	saco	saco basculante	N A	1	176,62	177,62	1
2010-14	salinidade	salinidade	N	8	227,10	104,43	2
2010-14	salobro	salobro	A	30	851,62	581,52	2
2015-19	salubridade	salubridade	N	1	176,62	109,47	1
2020-23	salubridade	salubridade	N	2	102,94	64,07	1
2010-14	sanidade	sanidade	N	2	56,77	13,35	1
2010-14	sanitário	sanitário	A	4	113,55	2,78	1
2020-23	sanitário	sanitário	A	3	154,42	3,77	2
2015-19	sapal	sapal	N	3	529,85	461,72	1
2020-23	saúde	saúde animal	N A	10	514,72	367,78	2
2020-23	saúde	saúde dos peixes	N SP+* N	2	102,94	101,13	1
2015-19	sedimentação	sedimentação	N	2	353,23	197,92	1
2015-19	sedimento	sedimento	N	6	1059,70	271,02	1
2010-14	segurança alimentar	segurança alimentar	N A	9	255,49	55,62	1
2020-23	segurança alimentar	segurança dos alimentos	N SP+* N	3	154,42	146,08	2
2010-14	semente	semente	N	3	85,16	2,25	1
2015-19	semente	semente	N	1	176,62	4,63	1
2010-14	semi-intensivo	semi-intensivo	A	8	227,10	204,40	2
2010-14	semi-intensivo	regime semi-intensivo	N A	2	56,77	57,48	1
2020-23	serviço	serviço ecossistêmico	N A	6	308,83	306,17	1
2010-14	sistema de produção	sistema aquícola	N A	3	85,16	85,97	1
2010-14	sistema de produção	sistema integrado	N A	2	56,77	22,64	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = LEG							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	sistema de produção	sistema sobrelevado	N A	7	1236,31	1237,31	1
2015-19	sistema de produção	sistema basculante	N A	7	1236,31	1227,01	1
2015-19	sistema de produção	sistema lagunar	N A	2	353,23	337,96	1
2010-14	sistema de recirculação	sistema de recirculação	N SP N	2	56,77	54,81	1
2020-23	sistema de recirculação	sistema de recirculação	N SP N	6	308,83	293,92	1
2010-14	stress	stress	N	2	56,77	5,77	1
2015-19	substrato	substrato	N	1	176,62	20,13	1
2010-14	sustentabilidade	sustentabilidade	N	13	369,04	10,97	1
2010-14	sustentabilidade	desenvolvimento sustentável	N A	9	255,49	31,04	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade	N	14	720,61	21,39	2
2010-14	tanque	tanque	N	11	312,26	14,01	2
2020-23	tanque	tanque	N	11	566,19	25,36	3
2010-14	taxa administrativa	taxa de recursos hídricos	N SP N A	8	227,10	224,44	1
2010-14	taxa de produção	taxa de crescimento	N SP N	4	113,55	32,71	1
2015-19	taxa de produção	taxa de filtração	N SP N	1	176,62	160,00	1
2010-14	título	título de utilização dos recursos hídricos	N SP N SP+* N A	21	596,13	594,86	2
2010-14	título	título de utilização de recursos hídricos	N SP N SP N A	7	198,71	198,95	1
2010-14	título	título de utilização privativa	N SP N A	3	85,16	85,66	1
2010-14	título	título de utilização do domínio público	N SP N SP+* N A	2	56,77	57,78	1
2015-19	título	título de utilização do domínio público	N SP N SP+* N A	1	176,62	177,62	1
2010-14	toxicidade	toxicidade	N	3	85,16	22,20	1
2010-14	toxina	toxina	N	2	56,77	7,46	1
2020-23	transição	transição ecológica	N A	5	257,36	243,33	1
2020-23	transposição	transpor	N	4	205,89	40,43	1
2020-23	transposição	transposição	N	1	51,47	10,41	1
2010-14	viveirista	viveirista	N	2	56,77	52,35	1
2015-19	viveirista	viveirista	N	2	353,23	320,97	1
2010-14	viveiro	viveiro	N	10	283,87	69,43	2
2010-14	viveiro	viveiro de bivalves	N SP N	2	56,77	57,78	1
2010-14	viveiro	viveiro de moluscos bivalves	N SP N A	2	56,77	57,78	2
2015-19	viveiro	viveiro	N	139	24549,63	5983,92	1
2015-19	viveiro	viveiro de ostra	N SP N	4	706,46	707,46	1
2015-19	viveiro	viveiro em domínio público hídrico	N SP N A A	1	176,62	177,62	1
2015-19	viveiro	viveiro licenciado	N A	1	176,62	177,62	1
2015-19	viveiro	viveiro de produção	N SP N	1	176,62	174,26	1
2020-23	viveiro	viveiro	N	1	51,47	12,79	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	aclimação	aclimação (=aclimatização)	N	2	36,64	26,62	1
2015-19	aclimação	aclimatização (=aclimação)	N	1	18,32	17,56	1
2020-23	acondicionamento de indivíduos	acondicionamento de reprodutores	N SP N	2	124,39	125,39	2
2020-23	acondicionamento de produto	acondicionamento	N	4	497,57	193,18	4
2015-19	afinação	afinação	N	3	54,96	21,46	1
2015-19	aflorentamento	upwelling (=aflorentamento costeiro)	N	6	109,92	110,38	1
2015-19	aflorentamento	aflorentamento costeiro	N A	5	91,60	92,31	1
2015-19	aflorentamento	ressurgimento (=upwelling)	N	4	73,28	36,66	1
2015-19	agente microbiano	agente patogénico	N A	6	109,92	94,92	2
2015-19	agente microbiano	agente infeccioso	N A	4	73,28	47,40	2
2015-19	agente microbiano	agente antiviral	N A	2	36,64	36,65	2
2010-14	água	água interior	N A	1	276,01	239,39	1
2015-19	água	água	N	232	4250,33	12,72	2
2015-19	água	água doce	N A	9	164,88	37,67	2
2015-19	água	água do mar (=água salgada)	N SP+* N	6	109,92	39,91	2
2015-19	água	água costeira	N A	4	73,28	65,88	1
2020-23	água	água	N	12	1492,72	4,47	5
2020-23	água	água costeira	N A	2	248,79	221,52	2
2020-23	água	água salgada (=água do mar)	N A	2	248,79	87,76	2
2020-23	água verde	técnica da água verde	N SP+* N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	água verde	água verde	N A	1	124,39	103,99	1
2015-19	airlift	airlift	N	1	18,32	18,99	1
2020-23	alimentação	alimentação inerte	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	alimento	alimento vivo	N A	9	1119,54	936,55	3
2020-23	alimento	alimento inerte	N A	2	248,79	249,05	2
2010-14	alteração	alteração climática	N A	2	552,03	172,72	1
2020-23	alteração	alteração climática	N A	3	373,18	116,87	2
2010-14	amêijoa	ameijoa	N	2	552,03	522,63	1
2015-19	amêijoa	amêijoa	N	7	128,24	107,25	2
2020-23	amêijoa	amêijoa	N	1	124,39	104,06	1
2015-19	amêijoa-ba	amêijoa ba (<i>isa</i> amêijoa)	N+Adj	3	54,96	55,81	2
2010-14	amostragem	amostragem	N	1	276,01	42,26	1
2020-23	amostragem	amostragem	N	1	124,39	19,13	1
2020-23	amplitude	amplitude salina	N A	1	124,39	125,39	1
2010-14	apanha	apanha	N	4	1104,06	574,20	1
2010-14	apanha	apanha de moluscos bivalves	N SP N A	2	552,03	552,21	1
2010-14	apanha	apanha natural	N A	1	276,01	277,01	1
2015-19	aquacultor	aquacultor	N	25	458,01	458,70	1
2010-14	aquacultura	aquacultura	N	23	6348,33	5029,25	1
2010-14	aquacultura	aquacultura em águas interiores	N SP N	1	276,01	277,01	1
2015-19	aquacultura	aquacultura	N	83	1520,59	1205,24	2
2015-19	aquacultura	aquacultura de bivalves	N SP N	6	109,92	110,92	1
2015-19	aquacultura	aquicultura	N	3	54,96	18,46	2
2020-23	aquacultura	aquicultura	N	27	3358,63	2661,13	10
2020-23	aquacultura	aquicultura marinha	N A	4	497,57	497,67	4

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	área de produção	área de produção aquícola	N SP N A	3	828,04	393,72	1
2015-19	área de produção	área de produção aquícola	N SP N A	11	201,52	96,18	2
2015-19	área de produção	área de exploração	N SP N	6	109,92	93,24	1
2020-23	arejamento	arejamento	N	1	124,39	100,87	1
2020-23	artémia	artémia	N	13	1617,12	1538,84	4
2015-19	assoreamento	assoreamento	N	4	73,28	41,35	1
2015-19	atividade aquícola	atividade aquícola	N A	2	36,64	36,89	2
2015-19	bactéria	baixa-mar	N	4	73,28	69,67	2
2015-19	banco	banco natural	N A	12	219,84	217,72	2
2015-19	banco	banco de ostra	N SP N	4	73,28	74,28	2
2020-23	banco	banco natural	N A	1	124,39	123,62	1
2015-19	bem-estar animal	bem-estar animal	N A	13	238,17	133,01	1
2020-23	bem-estar animal	bem-estar	N	4	497,57	16,75	3
2015-19	berçário	berçário (=nursery)	N	20	366,41	135,82	2
2015-19	berçário	nursery (=berçário)	N	3	54,96	55,58	1
2015-19	berçário	rede-berçário (isa berçário)	N	1	18,32	19,32	1
2010-14	biodiversidade	biodiversidade	N	1	276,01	20,04	1
2020-23	biodiversidade	biodiversidade	N	3	373,18	27,07	2
2020-23	biomassa	biomassa	N	5	621,97	113,74	3
2020-23	biomassa	biomassa com valor comercial	N SP N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	bioremediação	bioremediação	N	1	124,39	124,47	1
2015-19	biossegurança	biossegurança	N	9	164,88	50,43	1
2010-14	biotoxina	PSP	N	7	1932,10	376,28	1
2010-14	biotoxina	DSP	N (sigla-EN)	6	1656,09	1169,46	1
2010-14	biotoxina	toxina psp (=PSP)	N +Sigla-EN	1	276,01	277,01	1
2010-14	biotoxina	toxina dsp (=DSP)	N +Sigla-EN	1	276,01	276,57	1
2015-19	biotoxina	biotoxina	N	16	293,13	289,86	2
2015-19	biotoxina	DSP	N (sigla-EN)	10	183,20	130,00	2
2015-19	biotoxina	ASP	N (sigla-EN)	8	146,56	44,77	2
2015-19	biotoxina	PSP	N	6	109,92	21,59	2
2015-19	biotoxina	biotoxina marinha	N A	3	54,96	55,80	2
2015-19	biotoxina	toxina amnésica	N A	2	36,64	37,64	2
2015-19	biotoxina	toxina dsp	N +Sigla-EN	2	36,64	37,58	1
2015-19	biotoxina	toxina diarreica	N A	2	36,64	37,43	2
2010-14	bivalve	bivalve	A/N	8	2208,11	1664,79	1
2010-14	bivalve	molusco bivalve	N A	2	552,03	508,65	1
2015-19	bivalve	bivalve	A/N	199	3645,76	2748,20	2
2015-19	bivalve	molusco bivalve	N A	32	586,25	540,13	2
2020-23	bivalve	bivalve	A/N	6	746,36	563,21	5
2020-23	bivalve	molusco bivalve	N A	4	497,57	458,57	4
2015-19	bloom	bloom	N	15	274,81	267,11	2
2015-19	bloom	bloom	N	4	73,28	26,47	2
2015-19	bloom	bloom de fitoplâncton	N SP N	3	54,96	55,96	1
2015-19	bloom	bloom tóxico	N A	3	54,96	55,96	1
2015-19	brânquia	brânquia	N	24	439,69	345,88	2
2010-14	cadeia alimentar	cadeia trófica (=cadeia trófica)	N A	1	276,01	258,23	1
2015-19	cadeia alimentar	cadeia alimentar	N A	7	128,24	60,66	2
2015-19	calibração	calibração (=calibragem)	N	12	219,84	50,09	1
2015-19	calibração	calibre	N	11	201,52	25,63	2
2015-19	calibração	calibrador mecânico	N A	2	36,64	37,64	2
2015-19	calibração	calibre comercial	N A	2	36,64	37,64	1
2015-19	calibração	calibração automática	N A	2	36,64	36,37	1
2015-19	calibração	calibragem (=calibração)	N	2	36,64	19,88	2

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	capacidade de carga	capacidade de carga	N SP N	12	219,84	97,02	2
2015-19	captação de semente	captação de semente	N SP N	3	54,96	55,96	1
2010-14	captura	captura selvagem	N A	2	552,03	550,55	1
2015-19	captura	captura de bivalves	N SP N	6	109,92	110,74	2
2015-19	captura	captação natural (=captura natural)	N A	4	73,28	74,07	1
2020-23	cativeiro	cativeiro	N	11	1368,33	268,99	6
2010-14	certificação	certificação ecológica	N A	1	276,01	274,27	1
2015-19	certificação	produto certificado	N A	7	128,24	106,94	1
2015-19	certificação	estabelecimento certificado	N A	2	36,64	37,43	1
2015-19	certificação	entidade certificadora	N A	2	36,64	32,51	1
2015-19	cesto	cesto	N	8	146,56	33,85	2
2015-19	cesto	chapéu chinês	N A	2	36,64	37,13	1
2015-19	choque térmico	choque térmico	N A	2	36,64	26,34	1
2015-19	ciclo de produção	ciclo de produção	N SP N	5	91,60	68,37	2
2015-19	ciclo de produção	ciclo produtivo	N A	2	36,64	29,09	2
2020-23	ciclo de produção	ciclo produtivo	N A	1	124,39	96,90	1
2015-19	ciclo de vida	ciclo de vida	N SP N	7	128,24	24,12	2
2020-23	ciclo de vida	ciclo de vida	N SP N	3	373,18	69,83	2
2020-23	ciclo de vida	ciclo biológico	N A	1	124,39	107,13	1
2010-14	ciclo reprodutivo	ciclo reprodutivo	N A	1	276,01	230,03	1
2015-19	ciclo reprodutivo	ciclo reprodutivo	N A	4	73,28	61,68	2
2020-23	ciclo reprodutivo	ciclo reprodutivo	N A	1	124,39	104,13	1
2015-19	circulação	circulação da água	N SP+* N	5	91,60	87,05	2
2020-23	cisto	cisto	N	9	1119,54	344,62	1
2015-19	coletor	coletor	N	30	549,61	71,53	2
2015-19	colmatação	colmatação	N	21	384,73	368,08	1
2010-14	composição nutricional	composição das rações	N SP+* N	1	276,01	274,54	1
	composição nutricional	composição nutricional	N A	2	248,79	207,71	2
2010-14	concessão	concessão	N	2	552,03	14,15	1
2015-19	contaminação	contaminação do meio	N SP+* N	2	36,64	37,10	1
2015-19	contaminação	contaminação da água	N SP+* N	2	36,64	30,05	1
2015-19	controlo sanitário	controlo sanitário	N A	2	36,64	26,81	1
2020-23	copépode	copépode	N	4	497,57	470,78	2
2015-19	corda	corda de ostras	N SP N	7	128,24	129,24	1
2015-19	corda	corda suspensa	N A	2	36,64	37,35	2
2015-19	crecimento	crecimento dos bivalves	N SP+* N	7	128,24	129,24	1
2015-19	crecimento	crecimento dos juvenis	N SP+* N	2	36,64	37,60	2
2015-19	crecimento	crecimento individual	N A	2	36,64	34,06	2
2020-23	crecimento	crecimento da população	N SP+* N	1	124,39	76,90	1
2015-19	cultivo	cultivo de bivalves	N SP N	14	256,49	257,17	2
2015-19	cultivo	cultivo de juvenis	N SP N	7	128,24	129,24	2
2015-19	cultivo	cultivo de fundo	N SP N	6	109,92	110,92	2
2015-19	cultivo	cultivo extensivo	N A	3	54,96	55,46	2
2015-19	cultivo	cultivo em suspensão	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	cultivo	cultivo larvar	N A	2	36,64	37,64	1
2015-19	cultivo	cultivo sobrelevado	N A	2	36,64	37,64	1
2015-19	cultivo	cultivo suspenso	N A	2	36,64	37,60	1
2015-19	cultivo	cultivo de peixes	N SP N	2	36,64	36,18	1
2020-23	cultivo	cultivo larvar	N A	5	621,97	622,97	5
2020-23	cultivo	cultivo de macroalgas	N SP N	3	373,18	373,13	1
2020-23	cultivo	cultivo do alimento vivo	N SP+* N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	cultivo	cultivo de microalgas	N SP N	1	124,39	123,18	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2020-23	cultivo	cultivo de peixes	N SP N	1	124,39	120,53	1
2020-23	cultura	cultura larvar	N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	densidade	densidade de cultivo	N SP N	12	219,84	219,20	2
2015-19	depuração	depuração	N	31	567,93	250,67	2
2015-19	depuração	depurador	A	9	164,88	114,85	2
2015-19	descarga	descarga de efluentes	N SP N	5	91,60	89,91	1
2020-23	descarga	descarga de pescado	N SP N	1	124,39	124,65	1
2020-23	desenvolvimento larvar	desenvolvimento larvar	N A	2	248,79	248,29	2
2020-23	desenvolvimento larvar	desenvolvimento das larvas	N SP+* N	2	248,79	243,60	1
2015-19	desinfecção	desinfecção	N	7	128,24	31,14	2
2015-19	desinfecção	desinfetar	V	6	109,92	42,72	2
2015-19	desinfecção	desinfetante	N/A	3	54,96	18,11	1
2015-19	desova	desova	N	9	164,88	93,00	2
2020-23	desova	desova	N	2	248,79	140,04	2
2020-23	dieta	dieta	N	4	497,57	7,65	4
2020-23	dieta	dieta inerte	N A	1	124,39	125,39	1
2010-14	dourada	dourada	N	1	276,01	173,99	1
2020-23	dourada	dourada	N	19	2363,48	1485,11	5
2015-19	downwelling	downwelling	N	4	73,28	74,23	1
2020-23	eclosão	eclosão	N	8	995,15	419,87	5
2015-19	ecossistema	ecossistema marinho	N A	3	54,96	44,70	2
2020-23	ecossistema	ecossistema	N	1	124,39	8,95	1
2015-19	efluente	efluente	N	13	238,17	48,53	2
2020-23	efluente	efluente	N	1	124,39	25,44	1
2010-14	empresa aquícola	empresa aquícola	N A	2	552,03	552,18	1
2015-19	engorda	engorda	N	26	476,33	233,71	2
2015-19	engorda	engorda de ostra	N SP N	3	54,96	55,96	1
2020-23	engorda	engorda	N	6	746,36	365,92	4
2020-23	engorda	engorda de peixes em policultivo	N SP N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	engorda	engorda em tanques de terra	N SP N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	engorda	engorda de peixes	N SP N	1	124,39	124,94	1
2020-23	enriquecimento	enriquecimento	N	2	248,79	39,23	2
2020-23	enriquecimento	enriquecimento das presas vivas	N SP+* N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	entidade	entidade licenciadora	N A	2	36,64	35,71	1
2015-19	epifauna	epifauna	N	12	219,84	220,02	1
2015-19	época de maturação	época de maturação	N SP N	2	36,64	37,02	1
2020-23	época de postura	época de desova	N SP N	2	248,79	246,35	2
2015-19	época de reprodução	época reprodutiva	N A	2	36,64	36,38	1
2020-23	época de reprodução	época de reprodução	N SP N	2	248,79	212,43	2
2010-14	espécie	espécie piscícola	N A	1	276,01	270,32	1
2015-19	espécie	espécie protegida	N A	3	54,96	49,96	1
2015-19	espécie	espécie marinha	N A	2	36,64	29,55	2
2015-19	espécie	espécie invasora	N A	2	36,64	28,13	1
2015-19	espécie autóctone	espécie nativa	N A	5	91,60	40,08	2
2020-23	estabulação	estabulação de adultos	N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	estabulação	estabulação	N	1	124,39	123,35	1
2015-19	estaca	estaca	N	13	238,17	47,67	2
2015-19	esteiro	esteiro	N	2	36,64	34,87	1
2015-19	estrutura flutuante	estrutura flutuante	N A	13	51,13	49,90	2
2015-19	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	8	146,56	60,82	1
2015-19	estrutura flutuante	jangada (isa estrutura flutuante)	N	5	91,60	42,61	2
2015-19	estrutura flutuante	jangadas flutuantes	N A	2	36,64	37,64	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	estrutura flutuante	jaula de fundo	N SP N	2	36,64	37,64	1
2020-23	estrutura flutuante	jaula (=gaiola)	N	2	248,79	102,96	2
2015-19	exploração	exploração aquícola	N A	6	109,92	110,55	1
2015-19	exploração	exploração ostreícola	N A	5	91,60	92,48	1
2015-19	exploração	exploração de moluscos	N SP N	3	54,96	55,91	1
2015-19	exploração	exploração de bivalves	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	extensivo	extensivo	A	6	109,92	24,32	2
2010-14	farinha	farinha de peixe	N SP N	11	3036,16	2769,99	1
2015-19	fase ciclo de vida	fase larvar	N A	4	73,28	73,17	2
2020-23	fase ciclo de vida	fase larvar	N A	9	1119,54	1103,79	6
2020-23	fase ciclo de vida	fase juvenil	N A	1	124,39	120,23	1
2020-23	fase ciclo de vida	fase de maturação	N SP N	1	124,39	114,97	1
2015-19	fase de cultivo	fase de cultivo	N SP N	4	73,28	73,57	1
2020-23	fase de cultivo	fase de cultivo	N SP N	1	124,39	124,18	1
2015-19	fator	fator biológico	N A	3	54,96	42,71	1
2020-23	fator	fator físico	N A	1	124,39	103,54	1
2015-19	fecundação	fecundação	N	4	73,28	33,69	2
2015-19	fertilização	fertilização	N	3	54,96	17,49	1
2015-19	filtração	filtração	N	18	329,77	131,14	2
2020-23	filtração	filtração passiva	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	filtração	filtração	N	1	124,39	49,72	1
2015-19	filtrador	filtrador	A	6	109,92	101,67	2
2020-23	filtrador	filtrador	A	1	124,39	114,93	1
2015-19	fitoplâncton	fitoplâncton	N	24	439,69	341,69	2
2020-23	fitoplâncton	fitoplâncton	N	1	124,39	97,22	1
2015-19	fitotoxinas	fitotoxinas	N	2	36,64	37,49	1
2015-19	fixação	fixação	N	12	219,84	12,91	2
2015-19	fixação	fixação das larvas	N SP+* N	2	36,64	37,60	1
2015-19	flutuador	flutuador	A/N	18	329,77	250,66	2
2015-19	flutuante	flutuante	A	18	329,77	50,73	2
2010-14	formulação de dieta	formulação das rações	N SP+* N	1	276,01	273,81	1
2010-14	formulação de dieta	formulação de rações	N SP N	1	276,01	263,88	1
2020-23	formulação de dieta	formulação nutricional	N A	1	124,39	125,01	1
2020-23	fotoperíodo	fotoperíodo	N	1	124,39	97,79	1
2015-19	gâmeta	gâmeta	N	7	128,24	117,61	2
2015-19	gâmeta	gâmeta masculino	N A	2	36,64	37,33	2
2020-23	gâmeta	gâmeta	N	1	124,39	114,11	1
2020-23	gestão	gestão das zonas húmidas	N SP+* N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	gónada	gónada	N	9	164,88	162,15	2
2020-23	gónada	gónada	N	5	621,97	608,94	2
2020-23	gónada	gónada masculina	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	gónada	gónada feminina	N A	1	124,39	125,28	1
2020-23	gota	gota lipídica	N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	habitat	habitat	N	12	219,84	26,84	2
2020-23	habitat	habitat	N	4	497,57	60,60	4
2020-23	habitat	habitat natural	N A	2	248,79	111,85	2
2015-19	haccp	HACCP	Acrónimo	16	293,13	228,31	1
2015-19	hermafrodita	hermafrodita	A	3	54,96	40,43	2
2020-23	hermafroditismo	hermafroditismo protândrico	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	hermafroditismo	hermafroditismo	N	1	124,39	118,96	1
2015-19	herpesvírus	herpesvírus	N	2	36,64	34,75	1
2015-19	hidrodinamismo	hidrodinamismo	N	5	91,60	91,78	1
2015-19	higiene	higiene	N	19	348,09	14,35	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	hospedeiro	hospedeiro	N	5	91,60	16,54	2
2015-19	hufa	HUFA	N (acrón-EN)	2	36,64	37,54	1
2010-14	impacto	impacto das alterações climáticas	N SP+* N A	1	276,01	262,37	1
2015-19	impacto	impacto negativo	N A	4	73,28	19,49	1
2015-19	impacto	impacto negativo no ambiente	N A SP+* N	2	36,64	37,18	1
2020-23	IMTA	sistema multitrófico	N A	1	124,39	125,28	1
2020-23	imta	IMTA	N (sigla-EN)	1	124,39	124,42	1
2015-19	incubação	incubação	N	4	73,28	22,70	2
2020-23	incubação	incubar	V	1	124,39	50,47	1
2015-19	índice de condição	índice de condição	N SP N	3	54,96	55,56	1
2015-19	índice de qualidade	AFNOR	N (acrón-EN)	6	109,92	109,37	1
2015-19	índice de qualidade	índice de qualidade AFNOR	N SP N +Acrón-EN	5	91,60	92,60	1
2020-23	indução	indução da postura	N SP+* N	1	124,39	125,39	1
2015-19	infecção	infecção	N	30	549,61	12,83	2
2015-19	infestação	infestação	N	4	73,28	18,62	2
2015-19	inspeção sanitária	inspeção sanitária	N A	2	36,64	29,74	1
2015-19	instalação aquícola	instalação aquícola	N A	3	54,96	55,96	1
2010-14	interdição	interdição à apanha de moluscos bivalves	N SP+* N SP N A	1	276,01	277,01	1
2015-19	intermareal	entre-marés	A	13	238,17	236,54	1
2015-19	intermareal	zona intertidal	N A	9	164,88	165,45	1
2010-14	intoxicação	intoxicação diarreica	N A	1	276,01	276,66	1
2010-14	intoxicação	intoxicação	N	1	276,01	55,66	1
2015-19	intoxicação	intoxicação	N	7	128,24	25,97	2
2015-19	intoxicação	intoxicação alimentar	N A	2	36,64	24,85	1
2010-14	juvenil	juvenil	N/A	1	276,01	22,36	1
2015-19	juvenil	juvenil	N/A	31	567,93	45,93	2
2020-23	juvenil	juvenil	N/A	10	1243,94	100,51	6
2015-19	lanterna	lanternas chinesa (=cultura em rede)	N A	2	36,64	37,58	1
2015-19	larva	larva	N	47	861,06	159,80	2
2015-19	larva	larva velígero	N A	3	54,96	55,96	2
2020-23	larva	larva	N	28	3483,02	645,84	7
2015-19	larva bivalve	velígera	N/A	6	109,92	110,88	2
2015-19	larva bivalve	pedivelígera	N/A	4	73,28	74,28	2
2015-19	larva bivalve	trocófora	N/A	3	54,96	55,74	2
2020-23	lípidio	lípidio	N	1	124,39	96,88	1
2020-23	litoral	litoral	N/A	4	497,57	22,94	4
2015-19	long	long-lines	N	5	91,60	92,48	1
2015-19	longline	longline	N	6	109,92	107,75	1
2015-19	longline	longline com cordas de ostras	N SP N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	longline	long-line	N	1	18,32	19,24	1
2020-23	macho	macho	N	6	746,36	37,44	5
2020-23	malformação	malformação óssea	N A	1	124,39	124,77	1
2020-23	malformação	malformação	N	1	124,39	50,15	1
2020-23	maneio	maneio	N	1	124,39	101,36	1
2020-23	manipulação	manipulação	N	4	497,57	32,05	3
2020-23	manipulação	manipulação da nutrição	N SP+* N	1	124,39	125,39	1
2020-23	manipulação	manipulação de parâmetros abióticos	N SP N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	manto	manto	N	14	256,49	34,61	2
2015-19	manuseamento	manuseamento	N	31	567,93	333,63	2
2015-19	manuseamento	manusear	V	6	109,92	20,42	2
2020-23	manutenção	manutenção de adultos	N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	manutenção	manutenção de reprodutores	N SP N	1	124,39	125,22	1
2010-14	mar aberto	offshore	A	5	1380,07	420,26	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	mar aberto	produção aquícola em offshore	N A SP A	2	552,03	553,03	1
2010-14	mar aberto	produção em offshore	N SP A	1	276,01	277,01	1
2015-19	mar aberto	mar-aberto	N	14	256,49	257,28	1
2015-19	mar aberto	mar aberto (=offshore)	N A	2	36,64	24,38	2
2020-23	mar aberto	mar aberto	N A	3	373,18	242,39	2
2020-23	mar aberto	cultivo de peixes em mar aberto	N SP N SP N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	mar aberto	cultivo em mar aberto	N SP N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	mar aberto	jaula em offshore	N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	mar aberto	offshore	A	1	124,39	38,16	1
2015-19	maré	maré	N	29	531,29	59,15	2
2015-19	maré	maré-baixa	N	1	18,32	19,20	1
2015-19	maré vermelha	maré vermelha	N A	2	36,64	35,47	2
2015-19	mariscador	mariscador	N	1	18,32	18,32	1
2015-19	matéria orgânica	matéria orgânica	N A	9	164,88	39,67	2
2010-14	maternidade	maternidade	N	3	828,04	53,55	1
2010-14	maternidade	maternidade de ostras	N SP N	1	276,01	277,01	1
2015-19	maternidade	maternidade	N	30	549,61	35,56	2
2015-19	maternidade	hatchery (=maternidade)	N	1	18,32	19,19	1
2020-23	maternidade	maternidade	N	3	373,18	24,17	3
2020-23	maternidade	maternidade de peixes	N SP N	1	124,39	125,39	1
2015-19	maturação	maturação	N	4	73,28	14,89	2
2020-23	maturação	maturação	N	1	124,39	25,14	1
2020-23	maturidade	maturidade sexual	N A	2	248,79	196,37	2
2015-19	meio	meio natural	N A	23	421,37	279,28	2
2020-23	meio	meio aquoso	N A	1	124,39	107,02	1
2015-19	mesa	mesa de postura	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	mesa	mesa ostreícola	N A	2	36,64	37,64	1
2015-19	metamorfose	metamorfose	N	5	91,60	29,61	1
2020-23	metamorfose	metamorfose	N	1	124,39	40,09	1
2010-14	mexilhão	mexilhão	N	3	828,04	503,67	1
2015-19	mexilhão	mexilhão	N	11	201,52	123,04	2
2010-14	microalga	microalga	N	1	276,01	195,27	1
2015-19	microalga	microalga	N	30	549,61	388,13	2
2020-23	microalga	microalga	N	13	1617,12	1140,61	3
2020-23	moluscicultura	moluscicultura	N	3	373,18	373,33	1
2020-23	monocultivo	monocultura	N	2	248,79	122,17	2
2010-14	mortalidade	mortalidade	N	1	276,01	16,36	1
2015-19	mortalidade	mortalidade	N	32	586,25	34,67	2
2020-23	mortalidade	mortalidade	N	3	373,18	22,09	2
2020-23	multitrófico	multi-trófico	A	1	124,39	125,39	1
2020-23	multitrófico	multitrófico	A	1	124,39	125,17	1
2020-23	multitrófico	multitrófico	A	1	124,39	125,13	1
2020-23	náuplio	nauplios	N	7	870,76	863,81	1
2020-23	náuplio	nauplio	N	3	373,18	373,53	2
2020-23	náuplio	nauplios de artémia	N SP N	2	248,79	249,79	1
2020-23	náuplio	nauplio de artémia	N SP N	1	124,39	125,39	1
2010-14	norma	norma de produção e embalagem	N SP N C N	1	276,01	277,01	1
2015-19	norma	norma sanitária	N A	2	36,64	27,14	1
2020-23	nutrição	nutrição	N	6	746,36	37,10	5
2020-23	nutriente	nutriente	N	3	373,18	15,86	2
2015-19	obtenção	obtenção de semente	N SP N	5	54,96	55,96	1
2020-23	obtenção	obtenção de posturas	N SP N	3	373,18	374,18	3
2010-14	óleo	óleo de peixe	N SP N	5	1380,07	811,76	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	ondulação	ondulação	N	5	91,60	32,99	1
2010-14	ostra	ostra	N	8	2208,11	735,62	1
2015-19	ostra	ostra	N	324	5935,81	1976,91	2
2015-19	ostra	ostra-do-pacífico	N	32	586,25	586,94	2
2015-19	ostra	ostra-portuguesa	N	25	458,01	458,89	2
2015-19	ostra	ostra triplóide	N A	4	73,28	74,28	2
2020-23	ostra	ostra	N	3	373,18	124,60	3
2015-19	ostreicultor	ostreicultor	N	1	18,32	19,24	1
2015-19	ostreicultura	ostreicultura	N	4	73,28	73,03	1
2020-23	ova	ova	N	1	124,39	72,36	1
2020-23	ovo	ovo	N	10	1243,94	35,29	5
2020-23	ovo	ovo amíctico	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	ovo	ovo de resistência	N SP N	1	124,39	125,11	1
2015-19	ovócito	ovócito	N	3	54,96	43,74	2
2015-19	oxigenação	oxigenação	N	3	54,96	22,74	2
2010-14	oxigénio	oxigénio	N	1	276,01	102,54	1
2015-19	oxigénio	oxigénio	N	30	549,61	203,81	2
2015-19	oxigénio	oxigénio dissolvido	N A	3	54,96	54,50	2
2020-23	oxigénio	oxigénio	N	2	248,79	92,46	2
2015-19	pah	PAH (=hidrocarbonetos aromáticos policíclicos)	N (sigla-EN)	2	36,64	18,87	1
2015-19	parasita	parasita	N	6	109,92	21,02	2
2015-19	patogénico	patogénico	A	8	146,56	106,23	2
2015-19	patologia	patologia de declaração obrigatória	N SP N A	2	36,64	37,64	1
2020-23	patologia	patologia	N	1	124,39	10,37	1
2015-19	pcc	PCC (=ponto crítico de controlo)	N A SP N	4	73,28	18,62	1
2010-14	peixe	peixe	N	29	8004,42	135,57	1
2020-23	peixe	peixe	N	26	3234,23	54,79	10
2020-23	peixe	peixe marinho	N A	11	1368,33	1227,30	6
2020-23	período	período de cultivo	N SP N	1	124,39	120,26	1
2010-14	pesca	pesca	N	6	1656,09	68,76	1
2020-23	pesca	pesca	N	11	1368,33	56,82	4
2010-14	pescado	pescado	A/N	7	1932,10	475,90	1
2020-23	pescado	pescado	A/N	6	746,36	183,99	3
2020-23	pescador	pescador	N	2	248,79	17,21	2
2010-14	pescar	pescar	V	1	276,01	25,39	1
2010-14	pescaria	pescaria	N	1	276,01	46,98	1
2020-23	pescaria	pescaria	N	1	124,39	21,27	1
2015-19	peso	peso total	N A	5	91,60	57,64	2
2015-19	peso	peso seco	N A	2	36,64	31,58	1
2015-19	piscicultura	piscicultura	N	4	73,28	30,53	2
2020-23	piscicultura	piscicultura	N	5	621,97	256,00	2
2020-23	policultivo	policultivo	N	3	373,18	362,66	3
2020-23	policultivo	policultura	N	1	124,39	117,39	1
2015-19	pós-captura	pós-captura	N	1	18,32	19,23	1
2015-19	pós-larva	pós-larva	N	2	36,64	37,19	1
2020-23	postura	postura (=desova)	N	7	870,76	24,33	5
2015-19	pré-engorda	pré-engorda	N	16	293,13	293,65	2
2020-23	pré-engorda	pré-engorda	N	1	124,39	125,19	1
2015-19	preia-mar	preia-mar	N	4	73,28	71,16	2
2020-23	presa	presa	N	4	497,57	25,33	3
2020-23	presa	presa viva	N A	1	124,39	122,97	1
2010-14	produção	produção aquícola	N A	2	552,03	533,47	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	produção	produção de peixe	N SP N	1	276,01	267,44	1
2015-19	produção	produção de ostra	N SP N	6	109,92	110,74	2
2015-19	produção	produção de moluscos bivalves	N SP N A	4	73,28	74,07	1
2015-19	produção	produção ostreícola	N A	2	36,64	37,64	2
2015-19	produção	produção de bivalves	N SP N	2	36,64	37,50	1
2015-19	produção	produção de microalgas	N SP N	2	36,64	37,19	2
2015-19	produção	produção de semente	N SP N	2	36,64	36,72	1
2020-23	produção	produção de ostra portuguesa	N SP N	1	124,39	125,39	1
2020-23	produção	produção de ostra	N SP N	1	124,39	125,19	1
2020-23	produção	produção de bivalves	N SP N	1	124,39	124,92	1
2010-14	produtor	produtor	N	6	1656,09	18,26	1
2010-14	produtor	produtor de bivalves	N SP N	1	276,01	277,01	1
2015-19	produtor	produtor	N	65	1190,83	13,13	2
2015-19	produtor	produtor de bivalves	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	produtor	produtor de ostra	N SP N	2	36,64	37,60	1
2020-23	protocolo	protocolo alimentar	N A	2	248,79	247,91	2
2015-19	pseudofezes	pseudofezes	N	3	54,96	55,93	1
2015-19	pseudofezes	pseudo-fezes	N	1	18,32	19,32	1
2015-19	qualidade da água	qualidade da água	N SP+* N	21	384,73	100,94	2
2010-14	ração	ração	N	8	2208,11	172,38	1
2020-23	ração	ração	N	3	373,18	29,20	3
2020-23	ração	ração comercial	N A	1	124,39	114,32	1
2020-23	recirculação	recirculação	N	2	248,79	179,54	2
2015-19	registo	registo de transporte	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	registo	registo de crescimento	N SP N	2	36,64	37,59	1
2015-19	renovação de água	renovação de água	N SP N	3	54,96	54,98	1
2020-23	reprodução	reprodução	N	13	1617,12	44,55	7
2015-19	reprodutor	reprodutor	A/N	6	109,92	26,50	2
2020-23	reprodutor	reprodutor	A/N	8	995,15	237,97	4
2020-23	reprodutor	reprodutor selvagem	N A	1	124,39	125,39	1
2015-19	risco ambiental	risco químico	N A	3	54,96	51,33	1
2015-19	risco ambiental	risco para a saúde pública	N SP D N A	2	36,64	34,53	1
2010-14	robalo	robalo	N	1	276,01	138,39	1
2020-23	robalo	robalo	N	17	2114,69	1056,91	6
2020-23	rotífero	rotífero	N	18	2239,08	2113,46	5
2015-19	saco	saco de malha	N SP N	16	293,13	290,94	2
2015-19	saco	saco de rede	N SP N	9	164,88	163,08	2
2015-19	saco	saco ostreícola	N A	6	109,92	110,92	2
2015-19	saco	saco fixo	N A	2	36,64	37,64	1
2015-19	salinidade	salinidade	N	26	476,33	218,54	2
2020-23	salinidade	salinidade	N	3	373,18	171,31	2
2015-19	salubridade	salubridade	N	1	18,32	11,91	1
2020-23	sanidade	sanidade	N	1	124,39	28,97	1
2015-19	sapal	sapal	N	1	18,32	16,81	1
2015-19	saúde	saúde animal	N A	3	54,96	39,91	1
2015-19	sedimentação	sedimentação	N	2	36,64	21,03	1
2015-19	sedimento	sedimento	N	16	293,13	75,15	2
2010-14	segurança alimentar	segurança alimentar	N A	1	276,01	60,07	1
2015-19	segurança alimentar	segurança alimentar	N A	7	128,24	28,03	1
2020-23	segurança alimentar	segurança alimentar	N A	1	124,39	27,19	1
2015-19	segurança da produção	segurança da produção	N SP+* N	2	36,64	37,30	1
2015-19	segurança no trabalho	segurança no trabalho	N SP+* N	6	109,92	57,05	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2010-14	semente	semente	N	7	1932,10	50,43	1
2010-14	semente	semente de bivalves	N SP N	1	276,01	277,01	1
2010-14	semente	semente de ostra	N SP N	1	276,01	276,68	1
2015-19	semente	semente	N	94	1685,48	44,00	2
2015-19	semente	semente de ostra	N SP N	7	128,24	129,09	2
2015-19	semente	semente de maternidade	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	semente	semente em meio natural	N SP N	2	36,64	37,64	1
2015-19	semente	semente local	N A	2	36,64	37,32	1
2015-19	semente	sementeira	N	2	36,64	21,57	1
2015-19	semi-intensivo	semi-intensivo	A	2	38,32	38,51	1
2020-23	serviço	serviço ambiental	N A	3	373,18	207,96	2
2020-23	serviço	serviço de bioremediação	N SP N	1	124,39	125,39	1
2015-19	silo	silo	N	7	128,24	48,86	1
2015-19	sistema de depuração	sistema de depuração	N SP N	2	36,64	37,36	1
2015-19	sistema de filtração	sistema de filtração	N SP N	2	36,64	34,33	1
2015-19	sistema de produção	sistema flutuante	N A	2	36,64	36,94	2
2020-23	sistema de produção	sistema de monocultura	N SP N	1	124,39	124,51	1
2020-23	sistema de recirculação	sistema de recirculação	N SP N	2	248,79	236,96	2
2020-23	sistema de recirculação	RAS (=sistema c/recirculação de água)	N (acrón-EN)	1	124,39	64,37	1
2015-19	sobrevivência	sobrevivência	N	16	293,13	14,36	2
2020-23	sobrevivência	sobrevivência	N	7	870,76	42,57	5
2020-23	sobrevivência	sobrevivência larvar	N A	1	124,39	125,39	1
2020-23	stock	stock	N	4	497,57	57,18	2
2015-19	stress	stress	N	9	164,88	16,57	2
2020-23	stress	stress	N	1	124,39	12,52	1
2015-19	substrato	substrato	N	21	384,73	43,71	2
2020-23	substrato	substrato	N	1	124,39	14,21	1
2015-19	subtidal	subtidal	A	5	91,60	92,34	2
2015-19	subtidal	sub-tidal	A	1	18,32	19,32	1
2010-14	sustentabilidade	sustentabilidade	N	1	276,01	8,21	1
2020-23	sustentabilidade	sustentabilidade	N	1	124,39	3,72	1
2015-19	tamanho	tamanho comercial	N A	19	348,09	343,35	2
2020-23	tamanho	tamanho comercial	N A	1	124,39	123,33	1
2015-19	tanque	tanque	N	27	494,65	22,16	2
2015-19	tanque	tanque de terra	N SP N	3	54,96	55,58	1
2020-23	tanque	tanque	N	5	621,97	27,86	4
2020-23	tanque	tanque de terra	N SP N	4	497,57	495,22	3
2015-19	taxa de produção	taxa de crescimento	N SP N	17	311,45	89,21	2
2015-19	taxa de produção	taxa de mortalidade	N SP N	6	109,92	28,42	2
2015-19	taxa de produção	taxa de filtração	N SP N	4	73,28	66,92	1
2015-19	taxa de produção	taxa de sobrevivência	N SP N	3	54,96	40,66	2
2015-19	taxa de produção	taxa de consumo de oxigénio	N SP N SP N	2	36,64	37,64	1
2020-23	taxa de produção	taxa de crescimento	N SP N	3	373,18	106,84	3
2020-23	taxa de produção	taxa de eclosão	N SP N	2	248,79	243,27	2
2020-23	taxa de produção	taxa de ingestão	N SP N	1	124,39	123,45	1
2020-23	taxa de produção	taxa de sobrevivência	N SP N	1	124,39	91,11	1
2020-23	taxa de produção	taxa de mortalidade	N SP N	1	124,39	32,12	1
2015-19	temperatura	temperatura da água	N SP+* N	13	238,17	116,57	2
2020-23	temperatura	temperatura da água	N SP+* N	2	248,79	121,75	2
2010-14	toxina	toxina	N	3	828,04	106,97	1
2015-19	toxina	toxina	N	21	384,73	49,77	2
2015-19	transporte	transporte de organismos vivos	N SP N A	4	73,28	74,28	1

AQUACULTURA – CONTEXTO COMUNICATIVO = PRO							
período	candidato de reagrupamento	FORMAS DENOMINATIVAS SELECIONADAS	classe gramatical	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Score	DOCF
2015-19	transposição	transposição	N	4	73,28	14,74	2
2015-19	tratamento de águas	tratamento de efluentes	N SP N	2	36,64	23,75	2
2020-23	tratamento de águas	tratamento de efluentes	N SP N	1	124,39	79,13	1
2015-19	triploide	triploide	A/N	9	164,88	160,74	2
2015-19	triploide	triploidia	A/N	1	18,32	19,20	1
2010-14	valor económico	valor comercial	N A	1	276,01	157,18	1
2020-23	valor económico	valor comercial	N A	3	373,18	212,31	3
2015-19	valor nutricional	valor nutricional	N A	4	73,28	32,43	2
2020-23	valor nutricional	valor nutricional	N A	1	124,39	54,74	1
2015-19	vasa	vasa	N	1	18,32	16,91	1
2020-23	vasa	vasa	N	2	248,79	218,62	2
2015-19	viragem	viragem dos sacos	N SP+* N	2	36,64	37,64	1
2010-14	viveiro	viveiro	N	4	1104,06	269,35	1
2015-19	viveiro	viveiro	N	16	293,13	71,69	2
2015-19	zooplâncton	zooplâncton	N	2	36,64	32,55	1
2020-23	zooplâncton	zooplâncton	N	1	124,39	108,44	1

9.2. Anexo 2 – Tabelas de variantes denominativas

Variantes diacrónicas – Dieta Mediterrânica					
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2005-2009	2010-2014	2015-2019	2020-2023
atividade física	atividade física		7		7
	exercício físico	1	7	2	3
	prática de exercício físico		3		
	prática de exercício físico regular		1		
	prática de lazer activo		1		
	prática regular de actividade física		1		
	prática regular de exercício físico		1		
convivialidade	convivialidade		2		9
	convivialidade à mesa			2	
	convivialidade à volta da mesa		1	3	
	convivialidade em torno da mesa				2
	convívio à volta da mesa		1		
	redor da mesa (=volta da mesa)		2		1
	volta da mesa		1	5	2
dieta mediterrânica	dieta de estilo mediterrâneo	1			
	dieta de estilo mediterrânico	1			
	dieta do barrocal algarvio (isa)			1	
	dieta do mediterrâneo	1	1		
	dieta dos países do mediterrâneo	1			
	dieta mediterrânea			13	
	Dieta Mediterrânica	24	34	445	438
	dieta mediterrânica	1	51	53	18
	DM (=dieta mediterrânica)		20	46	13
época	época (da...)			7	21
	época da apanha			1	
	época das colheitas		1		
	época de consumo			2	
	produto da época			6	
	produto hortícola da época	1			
erva aromática	erva (aromática)				2
	erva aromática	9	3	66	23
	erva aromática seca	1			
	ervas aromáticas			5	
	ervas-de-cheiro (=erva aromática)			1	
	planta aromática			19	
	planta aromática e medicinal			9	
estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)		16		41
	estilo de vida saudável		1		1
	modo de vida (= estilo de vida)		3	43	4
frigir	frigir		2	5	8
	fritar (=frigir)	12		8	
horta	horta	2	3	2	8
	hortejo		1		
	horto		1	3	
	hortaliça	11	1		7

Variantes diacrónicas – Dieta Mediterrânica					
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2005-2009	2010-2014	2015-2019	2020-2023
legume	legume	20	8		
	legume fresco	4			4
	verdura	4	18		13
matança	matança	3		10	1
	matança de porco				1
	matança do porco	1		4	
	matança dos porcos			1	
	ritual festivo da matança	1			
padrão alimentar	modelo alimentar	3	7	5	13
	modelo alimentar mediterrânico			5	
	padrão alimentar	3	11	62	11
	Padrão Alimentar	1		5	4
	padrão alimentar da dieta			3	
	padrão alimentar mediterrânico	1	2	12	1
	PAM (=padrão alimentar	21		31	
património alimentar	património alimentar		3		5
	património culinário			1	
	património cultural alimentar		1		
	património gastronómico		1	2	3
património cultural	património cultural	1	10	39	35
	Património Cultural		10		18
	património cultural imaterial (=PCI)		3	37	44
	património histórico-cultural		1		
	património imaterial			23	2
	Património imaterial			7	1
	património imaterial da humanidade		1	8	
	PCI (=património cultural imaterial)			3	24
pirâmide alimentar	pirâmide alimentar		4	9	
	pirâmide alimentar mediterrânica	1	2	2	
	pirâmide da dieta mediterrânica			7	2
	pirâmide mediterrânica			3	
	roda dos alimentos (vs. pirâmide)	1	1	3	1
salvaguarda	salvaguarda		4	41	53
	salvaguarda da dieta mediterrânica			4	3
	salvaguarda do património			6	
	salvaguarda do património cultural		1	3	4
	salvaguarda do património material			2	
trilogia	tríade (=trilogia)		1		
	trilogia	1	7	43	6
	trilogia da alimentação mediterrânica		1		
	trilogia da dieta mediterrânica		2	2	
	trilogia do pão (vinho e azeite)			2	
	trilogia mediterrânica		1		
	trilogia pão-vinho-azeite				1
xarém	papas			3	2
	papas de milho	2		3	

Variantes diacrônicas - Dieta Mediterrânea					
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2005-2009	2010-2014	2015-2019	2020-2023
	xarém (=papas de milho)	1		11	5
	xerém			6	1

Variantes diacrônicas - Aquicultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2010-2014	2015-2019	2020-2023
afloramento costeiro	afloramento costeiro	5	5	
	ressurgimento (=upwelling)		4	
	upwelling (=afloramento costeiro)	1	8	5
água marinha	água do mar (=água salgada)		6	
	água marinha (=água do mar)	19		4
	água salgada (=água do mar)	12	3	2
aquacultor	aquacultor		25	
	aquicultor	4	3	2
	produtor (aquícola)	19	78	40
	produtor aquícola	2		18
aquacultura	aquacultura	103	218	170
	aquicultura	188	6	289
aquacultura marinha	aquacultura marinha	3		4
	aquicultura em águas marinhas	2		
	aquicultura marinha	5		3
	aquicultura oceânica	2		
	cultura marinha	38		
	maricultura			2
aquacultura sustentável	aquacultura sustentável		3	
	aquicultura biológica			6
	aquicultura sustentável			6
	produção biológica			8
área de produção	área de produção aquícola (=APA)	33	1	1
	zona de produção aquícola		12	
bem-estar	bem-estar			30
	bem-estar animal	2	13	1
	bem-estar dos animais			8
	bem-estar dos peixes			10
molusco bivalve	bivalve	42	240	54
	molusco bivalve	37	38	13
cultivo de bivalves	criação de moluscos			9
	cultivo de bivalves	2	18	
	cultivo de moluscos bivalves	2		
	cultura de bivalves		1	

Variantes diacrônicas - Aquacultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2010-2014	2015-2019	2020-2023
empresa aquícola	empreendimento aquícola	3		
	empresa aquícola	4		
	empresa de aquacultura		2	
	estabelecimento aquícola	11		3
	estabelecimento de aquacultura	8		
	estabelecimento de aquícultura	5		2
epifauna	animal incrustante		2	
	epifauna		12	
	incrustante (organismo ~)			1
	organismo incrustante		8	
fase juvenil	estádio juvenil (=fase juvenil)	1		
	fase juvenil	3		1
fase larvar	estádio larvar (=fase larvar)	4		
	fase larvar	6	4	9
fecundação	fecundação (=fertilização)	14	7	
	fertilização (=fecundação)	4	3	
gónada	gónada	13	24	5
	ova (=gónada feminina)		2	
impacto	impacte ambiental (=impacto ambiental)	10	2	2
	impacte no ambiente	3		
	impacto ambiental	10		
avaliação de impacto ambiental	avaliação de impacte ambiental	3		
	avaliação do impacto ambiental	1		
jaula	gaiola (=jaula)		2	
	gaiola flutuante		2	
	jaula (=gaiola)	3	20	23
	jaula de fundo		2	
	jaula flutuante	2		
	jaula submersível			4
manuseamento	manejo	1		1
	manuseamento	6	32	
mar aberto	mar aberto (=offshore)	46	16	7
	offshore (=mar aberto)	42	3	58
maternidade	hatchery (=maternidade)		1	
	maternidade (=hatchery)	23	32	7
moluscicultura	aquacultura de bivalves (=moluscicultura)		9	4
	aquacultura de moluscos bivalves	1		
	conquicultura (=moluscicultura?)			1
	moluscicultura	16	2	4
	exploração de bivalves		2	
ovócito	oócito (=ovócito)	2	2	
	ovócito	82	5	

Variantes diacrónicas - Aquacultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	2010-2014	2015-2019	2020-2023
piscicultura	aquacultura de peixes			3
	cultivo de peixes			
	piscicultura	24	19	7
	produção de peixe	4		
pós-larva	alevim (= pós-larva>peixes)	3		
	pós-larva	2	2	1
	semente (=pós-larva)	14	95	
postura	desova (=postura)	4	16	2
	postura (=desova)	23	6	7
produção de bivalves	produção conquícola			1
	produção de bivalves	3	6	7
	produção de moluscos bivalves	5	4	
ostreicultura	produção de ostras	3	34	
	produção ostréicola	1	6	2
sistema de recirculação	aquacultura com recirculação de água		2	
	RAS (=sistema c/recirculação de água)	22	21	1
	sistema de recirculação de água	2		8
	sistema ras		10	
	sistemas com recirculação da água		2	
sistema multitrófico	aquacultura multitrófica		3	1
	aquicultura multitrófica			2
	cultivo multitrófico		13	
	cultura multitrófica		4	
	IMTA (=sistema multitrófico)		7	1
	sistema multitrófico integrado (=IMTA)			1

Variantes diastráticas – Dieta Mediterrânica				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	ACAD	PRO	TRAD
convivialidade	convivialidade	2	9	
	convivialidade à mesa	2		
	convivialidade à volta da mesa	3		
	convivialidade em torno da mesa		3	
	convívio à volta da mesa	1		
	redor da mesa (=volta da mesa)	3		
	volta da mesa (=redor da mesa)	8		
dieta mediterrânica	dieta de estilo mediterrâneo		1	
	dieta de estilo mediterrânico		1	
	dieta do mediterrâneo	1	1	
	dieta dos países do mediterrâneo		1	
	dieta mediterrânea	13		
	Dieta Mediterrânica	567	375	
	dieta mediterrânica	101	22	
	DM (=dieta mediterrânica)	66	13	
erva aromática	erva (aromática)			2
	erva aromática	58	46	
	ervas-de-cheiro (=erva aromática)		1	
	planta aromática	11	10	
	planta aromática e medicinal	8	1	
estilo de vida	estilo de vida (= modo de vida)	29	28	
	modo de vida (= estilo de vida)	51		2
frigir	frigir	2	8	5
	fritar (=frigir)		12	8
horta	horta	3	9	3
	hortejo	1		
	horto	4		
legume	hortaliça	2	23	
	legume	8	20	3
	verdura	8	17	1
matança	matança	1	2	11
	matança de porco			1
	matança do porco	2	1	2
	matança dos porcos			1
	ritual festivo da matança	1		
padrão alimentar	modelo alimentar	9	14	
	modelo alimentar mediterrânico	5		
	padrão alimentar	181	14	
	Padrão Alimentar	10		
	padrão alimentar da dieta mediterrânica	3		
	padrão alimentar mediterrânico	16		
	PAM (=padrão alimentar mediterrânico)	52		

pão	pão caseiro		1	12
	pão tradicional	2		
património alimentar	património alimentar	3	5	
	património culinário			1
	património cultural alimentar	1		
	património gastronómico	3	3	
património cultural	património cultural	55	29	7
	Património Cultural	15		10
	património cultural da região		1	3
	património cultural imaterial (=PCI)	46	31	7
	património histórico-cultural	1		
	património imaterial	25	2	
	Património Imaterial	10		1
	património imaterial da humanidade	9		
	PCI (=património cultural imaterial)	3	2	22
pirâmide alimentar	pirâmide alimentar	13		
	pirâmide alimentar mediterrânica	4		
	pirâmide da dieta mediterrânica	7	3	
	pirâmide mediterrânica	3		
produto da época	época (da...)			28
	produto da época (=da época)	6		
	produto hortícola da época	1		
	produto sazonal	2		1
ramo de cheiros	boneca de cheiros	2		
	bouquet garni		2	
	raminho	2	2	
	ramo de cheiros		2	
saber-fazer	saber ancestral	6		
	saber tradicional	1		2
	saberes-fazer	5	3	
	saberes-fazer	2		1
	saber-fazer			3
trilogia	tríade (=trilogia)	1		
	trilogia	55	6	
	trilogia da alimentação mediterrânica	1		
	trilogia da dieta mediterrânica	4		
	trilogia do pão (vinho e azeite)	2		
	trilogia mediterrânica	1		
	trilogia pão-vinho-azeite	1		
xarém	papas	3		2
	papas de milho	3	2	
	xarém (=papas de milho)	10	5	2
	xerém	6		1

Variantes diastráticas - Aquacultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	ACAD	LEG	PRO
água	água do mar (=água marinha)			6
	água marinha (=água do mar)		23	
	água salgada (=água marinha)	9	6	2
aquacultor	aquacultor			25
	aquicultor	3	6	
	produtor aquícola		20	
aquacultura	aquacultura	365	3	133
	aquicultura	5	475	3
aquacultura marinha	aquacultura marinha (=maricultura)	3		4
	aquicultura em águas marinhas		2	
	aquicultura marinha		8	
	cultura marinha	17	21	
	maricultura (=aquacultura marinha)		2	
área de produção	área de produção aquícola (=APA)		31	14
	zona de produção aquícola		12	
bem-estar animal	bem-estar		26	4
	bem-estar animal		2	13
	bem-estar dos animais		8	
	bem-estar dos peixes		10	
bivalve	bivalve	109	61	222
	molusco bivalve	30	20	38
moluscicultura	criação de moluscos (bivalves)		9	
	cultivo de bivalves		6	14
	cultivo de moluscos bivalves	2		
	cultura de bivalves	1		
cultivo larvar	cultivo larvar	7		7
	cultura de larvas	1		
	cultura larvar	1		1
	larvicultura	1		
cultivo multitrófico	cultivo multitrófico	13		
	cultura multitrófica	1		
cultivo suspenso	cultivo suspenso			2
	cultura em tabuleiro suspenso	1		
	cultura suspensa	1		
dieta	alimentação inerte	1		1
	alimento inerte	4		2
	dieta inerte	7		1
empresa aquícola	empreendimento aquícola		3	
	empresa aquícola		2	2
	empresa de aquacultura	2		
	estabelecimento aquícola		11	

Variantes diastráticas - Aquacultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	ACAD	LEG	PRO
	estabelecimento de aquacultura	8		
	estabelecimento de aquicultura		7	
	estabelecimento de culturas marinhas	7	19	
fecundação	fecundação (=fertilização)	17		4
	fertilização (=fecundação)	4		3
gónada	gónada	43		14
	ova (=gónada feminina)	1		1
impacto	impacte ambiental (=impacto ambiental)	3	11	
	impacte negativo		4	4
	impacte no ambiente		3	
	impacto ambiental	6	4	
	impacto negativo no ambiente			2
impacto das atividades aquícolas	impacto da aquicultura		2	
	impacto das atividades aquícolas		2	
avaliação de impacto ambiental	avaliação de impacte ambiental		3	
	avaliação do impacto ambiental	1		
instalação aquícola	instalação aquícola	2	5	3
	instalação aquícola costeira	1		
	instalação de culturas biogenéticas	2		
	instalação de culturas marinhas	3		
jaula	gaiola (=jaula)	2		
	gaiola flutuante	2		
	jaula (=gaiola)	31	5	10
	jaula de fundo			2
	jaula flutuante		2	
	jaula submersível	4		
manuseamento	maneio	1		1
	manuseamento	7		31
	manusear			6
mar aberto	aquicultura em mar aberto		2	
	aquicultura oceânica (=mar aberto)		2	
	cultivo de peixes em mar aberto			1
	cultivo em mar aberto			1
	cultivo offshore (=mar aberto)	4		
	cultivo offshore de moluscos bivalves	1		
	cultura em mar aberto		2	
	cultura off-shore	2		
	jaula em offshore			1
	longlines em mar aberto	1		
	mar aberto (=offshore)	10	40	19
	molusciculturas em mar aberto	1		
	offshore (=mar aberto)	88	9	6
	produção aquícola em mar aberto		8	

Variantes diastráticas - Aquacultura				
candidato de reagrupamento	Variantes denominativas	ACAD	LEG	PRO
	produção aquícola em offshore			2
	produção em mar aberto	1		
	produção em offshore			1
maternidade	hatchery (=maternidade)			1
	maternidade (=hatchery)	20	6	36
moluscicultor	moluscicultor		1	
	produtor de amêijoia-boia		3	
	produtor de bivalves			3
moluscicultura	aquacultura de bivalves (=moluscicultura)	7		6
	aquacultura de moluscos bivalves	1		
	conquicultura (=moluscicultura)		1	
	moluscicultura	15	4	3
	criação de moluscos (bivalves)		9	
	cultivo de bivalves		6	14
	cultivo de moluscos bivalves	2		
	cultura de bivalves	1		
	produção conquícola		1	
	produção de bivalves	7	6	3
	produção de moluscos bivalves	3	2	4
ostreicultor	ostreicultor	1		1
	produtor de ostra		9	2
ovócito	oócito (=ovócito)	4		
	ovócito	84		3
piscicultura	aquacultura de peixes	3		
	cultivo de peixes			3
	estabelecimento de piscicultura		7	
	piscicultura	16	25	9
	produção de peixe	2		1
pós-larva	alevim (=pós-larva)		3	
	pós-larva (=alevim)	3	3	2
	semente (=pós-larva ou juvenil)	4	4	101
postura	desova (=postura)	10	1	11
	postura (=desova)	23	1	14
ostreicultura	ostreicultura	5		4
	produção de ostra	3	28	7
	produção ostreícola	1	4	
sistema de recirculação	aquacultura com recirculação de água	2		
	RAS (=sistema c/recirculação de água)	43		1
	recirculação da água	10		
	sistema de recirculação de água		8	2
	sistema RAS	10		
	sistemas com recirculação da água	2		
sistema multitrófico	aquacultura multitrófica	4	2	

Variantes diastráticas - Acuicultura				
candidato de reagrupamiento	Variantes denominativas	ACAD	LEG	PRO
	aquicultura multitrófica		2	
	IMTA (=sistema multitrófico)	7		1
	sistema integrado	4	2	
	sistema integrado de acuicultura	2		
	sistema multitrófico integrado (=IMTA)			1